



JUIZ
Thompson

TRILOGIA HOMENS DA LEI - II

MARI SILLVA



Juiz Thompson

Trilogia Homens da Lei - II

Mari Sillva

1ª. Edição

2019

Copyright © Mari Silva

Capa: **Murilo Magalhães**

Revisão: **Hellen Caroline**

Diagramação: **Criativa TI**

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[John](#)

[Capítulo 2](#)

[John](#)

[Capítulo 3](#)

[Yudiana](#)

[Capítulo 4](#)

[John](#)

[Capítulo 5](#)

[Yudiana](#)

[Capítulo 6](#)

[John](#)

[Capítulo 7](#)

[Yudiana](#)

[Capítulo 8](#)

[John](#)

[Capítulo 9](#)

[Yudiana](#)

[Capítulo 10](#)

[John](#)

[Capítulo 11](#)

[Yudiana](#)

[Capítulo 12](#)

[John](#)

[Capítulo 13](#)

Yudiana

Capítulo 14

Yudiana

Capítulo 15

John

Capítulo 16

Gonzáles

Capítulo 17

Yudiana

Capítulo 18

John

Capítulo 19

Yudiana

Capítulo 20

Yudiana

Capítulo 21

John

Capítulo 22

Yudiana

Capítulo 23

Yudiana

Capítulo 24

John

Capítulo 25

John

Capítulo 26

Yudiana

Capítulo 27

John

Capítulo 28

Gonzáles

Capítulo 29

John

Capítulo 30

Yudiana

Capítulo 31

Yudiana

Capítulo 32

Yudiana

Capítulo 33

Yudiana

Capítulo 34

Solange

Capítulo 35

Yudiana

Capítulo 36

Yudiana

Capítulo 37

John

Capítulo 38

Yudiana

Capítulo 39

Gonzáles

Capítulo 40

John

Capítulo 41

Yudiana

Capítulo 42

Yudiana

Capítulo 43

John

Capítulo 44

Yudiana

Capítulo 45

John

Capítulo 46

Yudiana

Capítulo 47

John

Capítulo 48

Yudiana

Capítulo 49

John

Epílogo parte 1...

Yudiana

Epílogo 2

John

Nota da autora

ATENÇÃO PARA O PRÓXIMO LANÇAMENTO!

Agradecimentos

Mari Sillva



Prólogo

— Por que eu não posso ir na igreja com vocês hoje, mamãe? —
Apoio as mãozinhas no ombro da minha mãe, ficando na ponta dos pés para ver o reflexo dela no espelho da penteadeira enquanto se arruma para ir à igreja. Não pode passar muita maquiagem porque papai briga com ela.

Mas nem é preciso, mesmo. Mamãe é naturalmente linda. Mais formosa que as outras mães que conheço. Tem grandes olhos verdes da cor das folhas da árvore gigantesca que tem no nosso jardim, seu cabelo é longo e dourado, cobrindo as costas, seguindo caminho até abaixo da cintura.

Infelizmente, mamãe também não pode usar o cabelo solto porque papai briga com ela. Na verdade, ele briga por qualquer coisa dentro de casa e na maioria das vezes eu sou o motivo. Diz que até calada sou irritante.

No entanto, quando pisa na igreja, papai vira outra pessoa. O respeitado pastor Jackson, homem de Deus, que prega coisas lindas no altar. Mas ele mesmo não as segue quando os fiéis não estão vendo. Na frente dos outros trata mamãe com carinho, não grita comigo e até me pega no colo às vezes. Até sorri para mim. Não tão sincero como eu gostaria, mas me deixa imensamente como se fosse.

Porque chega bem perto do papai bonzinho que peço a Deus em minhas orações todas as noites antes de dormir. Meu maior sonho é que ele me ame do jeito que sou, sem tantas cobranças por não ser o que ele gostaria que eu fosse. Principalmente que fosse meu super-herói, que me protegesse dos monstros malvados que vivem no escuro e de todo o mal do mundo.

Eu não entendo porque meu desejo de ter um pai atencioso só é realizado quando estamos na frente de outras pessoas, principalmente daquelas esnobes “*cheirando a dinheiro*”, como diz vovó Corina. Aí que ele capricha mesmo, até me elogia.

Por isso sempre fico ansiosa a fim de que chegue domingo rápido para irmos à igreja. Assim, mesmo que por pouco tempo, meu papai vai gostar de mim durante o encontro religioso. Uma pena que quando chegamos em casa a magia acaba e ele volta a dizer que não suporta minha língua azarada, ou afiada...

Sei lá, alguma coisa assim. Não lembro direito.

— Você não pode ir porque hoje é dia de batizado na igreja, filha.

Mamãe respira fundo, girando os olhos dentro das órbitas. É a milésima vez que eu faço a mesma pergunta, e para minha frustração, recebo a mesma resposta. Mas, fazer o quê? Não desisto fácil do que quero. Mamãe todo santo dia repete que esse é meu pior defeito, a teimosia.

— Hoje a igreja vai lotar, querida, e seu pai disse que não está com paciência para o seu “hiperativismo”. Não para sentada um minuto, Yudi, e acaba atijando as outras crianças a fazer bagunça também. — Faço carinha de cachorro largado na esquina, enchendo os olhos de lágrimas, fitando-a com direito a lábios tremendo e tudo, mas não cola.

Mamãe ergue as sobrancelhas, torcendo o canto da boca para o lado daquele jeito que deixa bem claro que me conhece o suficiente para saber que tudo não passa de fingimento, mas como nunca me dou por vencida, continuo em protesto:

— Mas eu pensava que a igreja fosse o melhor lugar para as crianças levadas como eu, mamãe. A senhora não acha? — Minha mãe termina de prender o cabelo no topo da cabeça em um coque firme e lança os olhos tempestuosos sobre mim, zangados, pronta para me colocar no meu lugar, mas não me intimido, nunca tive medo de cara feia. Continuo meu discurso infalível. — E quem vai ficar cuidando de mim? Depois do que aprontei com a minha última babá, duvido que ela volte. — Solto uma risadinha discreta encoberta pela mão, lembrando dos gritos de Vaneide ao passar os dedos e descobrir a enorme bola de chiclete que coleí em seu cabelo preto sedoso que tanta ama. Bem feito!

Nunca gostei dela. Vivia tentando mandar em mim o tempo todo, vê se pode? Está para nascer quem vai me dar ordens. Meu pai vive tentando

desde que comecei a falar e nunca obtive sucesso.

— Que babá que nada, Yudi. Hoje é o seu titio aqui quem vai ficar cuidando de você, minha sobrinha preferida. — Levo um susto com a voz do tio Osvaldo, tinhosa como o cão do inferno vindo detrás de mim. Logo, um mau pressentimento se apodera de mim, manifestando-se como um frio estranho na barriga.

Tio Osvaldo sempre me diz coisas boas, mas estranhamente sempre me incomoda como se fosse a pior das ofensas. Morro de medo dele, principalmente quando me encara diretamente nos olhos, como agora. Evito ao máximo ficar sozinha com ele quando vem aqui em casa. Corro para perto dos meus pais ou da minha irmã do meio, de cinco anos, Eva, e até mesmo o caçulinha de um ano que está na casa da nossa vovó nesse momento, Edmilson.

No entanto, para onde correrei se ficarmos sozinhos em casa hoje? Esse sorrisinho de bom moço dele não me engana, muito menos esse papo de eu ser sua “sobrinha favorita”. Sempre me elogia dizendo o quanto sou linda e crescida para minha idade. Todo mundo diz a mesma coisa, mas o tom que meu tio usa é o único que me deixa com mais medo do que do bicho papão que vive embaixo da minha cama.

— Por favor, mamãe, me leve com vocês. Eu prometo que vou me

comportar e não sairei do seu lado no banco — imploro com os lábios trêmulos, segurando o choro, e dessa vez não é fingimento. Realmente não quero ficar em casa com tio Osvaldo.

Nem deu tempo de mamãe responder. Papai já chega com minha irmãzinha no colo — usando um dos seus vestidos caros, pomposos e coloridos —, gritando comigo.

Novidade! Ele grita antes e pergunta depois. Isso quando pergunta.

Reviro os olhos.

— Já chega de ficar insistindo, Yudiana Jackson! E não revire os olhos para mim, sua peste. Seu tio Osvaldo se ofereceu generosamente para cuidar de você hoje, abrindo mão de participar do batismo que ele mesmo, como missionário honrado da nossa igreja, organizou para as almas pagãs que se juntaram ao nosso rebanho.

É incrível como até a voz do meu pai muda quando baixa o pastor Jackson. É firme e mais aguda que a de costume. Vigorosa.

— A ideia para que você não fosse hoje à cerimônia de batismo é dele. Ele melhor que ninguém conhece a sobrinha endiabrada que tem. — Olho para minha mãe em busca de socorro, mas ela abaixa a cabeça como sempre, fingindo que não vê o jeito cruel com que papai me trata.

O que eu não sabia é que essa seria a primeira de tantas outras vezes

*que mamãe abaixaria a cabeça para a pior maldade que papai fez comigo.
Virando as costas quando mais precisei dela.*

O pior ainda está por vir.

— Podem ir para a igreja com Deus no coração, meu irmão, e com a certeza de que eu cuidarei da filhinha de vocês com muito amor e carinho. — Tio Osvaldo dá o sorriso mais cínico do mundo.

Como ninguém percebe o jeito estranho que ele me olha? O tratamento diferente que me dá comparado aos meus irmãos? Por que ninguém faz nada? Tenho tanto medo dele.

Tio Osvaldo é a cópia fiel de papai, tanto fisicamente como no caráter duvidoso. Porém, meu tio é bem mais novo. Ambos são negros de estatura forte, com a barba rasa e olhos escuros ameaçadores, e vivem dentro de um terno caro o tempo todo, segurando a Bíblia debaixo do braço.

— Obrigada, tio, mas eu não quero que cuide de mim. — Cruzo os braços sobre o peito, fazendo uma tromba enorme. Estou tão zangada com papai por sempre me obrigar a fazer o que ele quer.

— Que isso, minha gatinha?! Uma moça tão linda como você não pode fazer pirraça. Pode ficar tranquila que eu e você vamos nos dar muito bem essa noite. Será incrível, meu amor. — Ele tenta me pegar no colo, mas percebendo sua intenção, fujo, escondendo-me atrás das pernas da minha

mãe.

Somos parecidas em vários pontos. Apenas fisicamente, é claro. Não deixo papai mandar em mim como faz com ela.

Eu nasci uma mistura perfeita da minha mãe branca com meu pai negro. A cor da minha pele é de um tom caramelo e o cabelo castanho escuro comprido extremamente liso. Todos dizem que pareço uma índia. Os olhos têm a cor do outono e meu corpo é bem evoluído para minha idade. Quem não me conhece me dá treze anos facilmente.

Não que eu queira parecer presunçosa, mas tenho um rosto que chama a atenção por onde passo. Traços marcantes, chamativos. Recebo uma chuva de elogios dos garotos mais velhos da escola, mas não dou bola. Sou muito nova para namorar. Ainda quero brincar com minhas bonecas por um longo tempo.

Minha vovó Corina me ensinou que tudo deve ser vivido no seu devido tempo, principalmente a infância.

— Eu não sou uma moça ainda, tio, muito menos sua gatinha. Tenho apenas nove anos, sou só criança e o meu lugar é ao lado dos meus pais. — Faço uma careta que diz “*me deixe em paz*”. Realmente não gosto do seu jeito metido a besta.

Se tem uma coisa que nossa família tem de sobra, é dinheiro. Nossa

casa é uma das mais caras de um bairro nobre no Rio de Janeiro. Por isso se julgam melhores que os outros, tratando os empregados como lixo, sendo que na Bíblia diz para amar o próximo como a si mesmo.

Tio Osvaldo é irmão caçula do meu pai e braço direito na igreja e em tudo que fazem. Não escondem de ninguém a união inabalável entre eles, doa a quem doer.

— Por favor, papai, não me deixe sozinha com ele — imploro com as mãos unidas como se estivesse rezando, mas meu pai finge não ouvir.

Apelo uma última vez para mamãe, torcendo para que ela tenha misericórdia de mim.

— Por favor, mamãe, não me deixe — digo quase em um sussurro, o medo me consumindo de tal maneira que me impede de gritar do jeito que eu quero.

No entanto, a única resposta que tenho é o barulho estridente da porta batendo atrás deles, deixando-me sozinha, a mercê da personificação do mal bem diante de mim, com um sorriso macabro rasgando seu rosto e um olhar predador. Acho que pode sentir o cheiro do meu medo de longe, e essa é a maior artimanha do mal.

— Enfim, a sós, amorzinho. Não faz ideia do quanto esperei por esse momento. Sua beleza única me encanta. — Ele vem em minha direção, já

desabotoando a camisa. Estou tão apavorada que não consigo sair do lugar.

Apenas esfrego um pé no outro, apertando as mãos em punho com força, cerrando os olhos o máximo que consigo. É uma missão impossível com eles inundados por lágrimas.

— Eu quero a mamãe. Pode me levar até ela? — peço e ele leva a mão ao meu rosto, alisando de um jeito íntimo demais.

Estremeço com ânsia de vômito.

— Mamãe não pode te ajudar agora, querida. Se for boazinha prometo que não te machuco. Mas, se resistir, farei o mesmo com a sua irmãzinha depois. Quanto ao caçulinha Edmilson, depois penso o que farei com ele. — Engulo o choro na hora. Nunca deixarei que esse monstro machuque meus irmãos como está fazendo comigo.

Ou que passem pelo medo que estou sentindo agora. O nojo de mim mesma por ser tocada por ele. A dor e o medo, a raiva.

Se for para ter a vida destruída, que seja só a minha.

Eu vou ser forte! Por amor aos meus irmãos, eu serei.

Eu serei!

Rezo para Deus com toda a fé que tenho, implorando para que esse momento terrível passe logo. Não passa. E se repete por várias vezes nos anos seguintes, bem debaixo dos olhos da minha família, ou talvez eles que

nunca queiram ver.

Desde esse dia maléfico, descobri que a minha aparência “*privilegiada*”, como todos dizem, sempre atrairia os piores demônios para minha vida.

Sempre.



Capítulo 1

John

Conforme a viatura da Polícia Civil se aproxima da favela da Rocinha, meu desespero aumenta mais a cada segundo. Estou uma pilha de nervos. Posso sentir a raiva se apoderando de cada célula do meu corpo, o sangue com puro ódio correndo grosso pelas veias, queimando feito fogo ardente das profundezas do inferno. Cada músculo da minha garganta range com um gosto amargo deslizando por ela.

A boca seca sedenta por vingança.

Para piorar meu estado de definhamento metal, os ponteiros do relógio no meu pulso parecem girar com uma lentidão eloquente, e a impressão que tenho é de que tudo à minha volta passa em câmera lenta como um filme de drama, triste e sem final feliz.

É cômico saber que sempre obtive sucesso na minha vida profissional com muita facilidade, foi assim desde que me formei no colegial. Já na pessoal, a coisa muda de figura.

E como muda.

Sempre foi tudo mais difícil para mim do que os demais. Quando digo sempre, é sempre mesmo. Para as outras pessoas, o amor é sinal da chegada de alegria e uma chuva de sorrisos em suas vidas, para mim, apenas dor e sofrimento. Angústia.

Nunca pensei que o amor pudesse doer tanto. No meu caso, tanto para quem ama quanto para quem é “amado”. Pensei que estivesse livre desse mal, mas a vida me obrigou a mudar de ideia quando lancei meus olhos sobre a porra da mulher mais perigosamente linda que já vi na vida. Percebi que inevitavelmente cairia mais uma vez em uma das armadilhas do Diabo.

E agora, por culpa de um filho da puta, existe uma grande chance de que eu não consiga vê-la novamente porque o desgraçado de um traficante resolveu sequestrá-la, mantendo-a como sua refém.

Até agora não consigo entender o porquê de o maior traficante da atualidade, Binladem, sequestrou duas mulheres indefesas e as trouxe para o topo da favela da Rocinha, mantendo-as em cativeiro. O azar desse infeliz é que uma delas, Júlia, é mãe da filha do melhor Delegado do Rio de Janeiro, Ricardo Avilar. Não vou muito com a cara dele, mas vendo-o em ação agora, instruindo os homens de sua equipe com tanta inteligência e técnica de ataque pelo rádio da viatura enquanto dirige ao mesmo tempo, deixa evidente sua competência no que faz.

E a outra refém, Yudiana Jackson, digamos que é muito *valiosa* para mim.

Minha mente trabalha a mil por hora pensando em Yudiana nas mãos desses criminosos. Nunca fui bom em rezar, mas imploro, temente a Deus para que eu consiga tirá-la dessa situação com segurança e sem nenhum tipo de trauma, físico ou psicológico. Assim como eu, ela já carrega o suficiente do passado.

Conheci Yudiana através de Júlia há poucos meses. São grandes amigas. Desde então, a minha vida virou um inferno. Não consigo pensar em mais nada, querer mais nada, além de desejá-la com um desespero avassalador. Perigoso.

Porra! Como fui deixar isso acontecer? Desejar tanto alguém que não posso ter? Não quero esse fardo para ninguém. É o mesmo que morrer aos poucos em vida.

Aquele era para ser um dia normal como tantos outros. Fui visitar Júlia na delegacia assim que soube de sua prisão injusta. Estava furioso! Como assim o Delegado Avilar prende alguém da minha equipe no Fórum — a qual trato como se fosse minha família — tendo apenas como base a acusação de ter sequestrado sua filha a quase seis anos atrás e criado como se fosse dela? Fiquei furioso com isso!

Lembro perfeitamente de cada maldito detalhe desse bendito dia, quando conheci a mulher que destruiria a minha vida com seu sorriso sexy e o corpo esculpido pelo diabo para me fazer cair na tentação. Bastou que eu colocasse os olhos nessa mulher de traços indígenas para saber que estava completamente perdido. Mesmo sem termos ao menos trocado uma palavra direito, sinto-me como se a conhecesse a vida toda.

Eu havia acabado de estacionar minha BMW preta com os vidros escuros em frente à delegacia, foi então que eu a vi pela primeira vez. Yudiana Jackson vinha andando distraída pela calçada. Eu mal conseguia respirar, meu coração parecia querer saltar do peito a qualquer momento. Suava frio conforme observava as curvas acentuadas do seu corpo divino se movendo. Era como uma dança erótica feita especialmente para mim, em câmara lenta.

Em determinado momento Yudiana parou de andar para cheirar algumas flores em frente a uma floricultura. Ela inclinou o corpo para baixo, empinando a bunda farta, me levando ao inferno. Fiquei duro na hora. Nunca havia acontecido isso comigo, ficar excitado tão rápido por uma mulher só de olhá-la de longe.

A segui com o olhar, não conseguindo desgrudar os olhos dela. Com certeza a mulher mais linda que já havia visto na vida. Sua pele de um tom de caramelo provocante, perigosamente sexy. Os cabelos longos

extremamente lisos e negros como a noite, cobrindo suas costas, indo até abaixo da cintura fina curvilínea.

Como uma mulher consegue ficar tão deslumbrante sobre saltos azul púrpura, dentro de uma simples calça jeans justa e uma blusa “tomara que caia” branca apertando os seios grandes? Não consegui segurar a imaginação de tê-la debruçada sobre a mesa do meu gabinete, gemendo enquanto eu a possuía por trás, com as mãos cravadas em seu quadril, deliciando-me do seu corpo perfeito, admirando a cena espetacular do meu pau entrando e saindo da sua entrada apertadinha toda molhada e me engolindo sem dó.

Que porra é essa que estava acontecendo comigo? Não sou esse tipo de homem tarado que não pode ver um rabo de saia. Ao contrário. Eu sempre respeitei muito as mulheres. Mas, por aquela que estava passando pela calçada, minha sede só seria saciada pegando-a de jeito.

Gemi de prazer alisando minha excitação por cima do tecido da calça, mais um pouco e gozaria ali mesmo no banco do meu carro enquanto imaginava perversões com uma desconhecida.

— Está tudo bem, chefe? — Uma voz intrometida tirou minha concentração.

Imediatamente virei o rosto para o lado e me deparei com o meu

segurança, James, abaixado com a cara enfiada dentro da janela do lado do carona, me encarado enquanto segurava o riso.

— E por que não estaria, James? — respondi grosseiramente.

— Já faz quase cinco minutos que o senhor estacionou o carro e ainda não saiu. Agora chego aqui e o encontro com essa cara de tarado. Sei lá, deu até medo agora. — Ele soltou o riso que estava preso, e os outros seguranças o acompanharam.

Os ignorando totalmente, girei o rosto na direção da calçada novamente. Infelizmente, não vi mais a mulher deslumbrante. De repente, me bateu um desespero. E se eu não a visse nunca mais? Inferno! Não deveria ter me distraído. Minha obrigação era tê-la seguido aonde quer que estivesse indo e descoberto tudo a seu respeito.

No entanto, pensei e percebi que era melhor assim. Por um momento esqueci quem eu era e de todas as minhas limitações na vida pessoal. Saí do carro batendo a porta com força e segui meu caminho até a delegacia para ver pessoalmente como se encontrava a situação da minha estagiária, Júlia, no Fórum.

Passando pelo corredor, ouvi a conversa entre duas mulheres. Uma chorava e a outra a consolava com muito carinho, falando palavras amigáveis e de perseverança. Resiliência. Quando as obtive em meu campo de visão,

quase tive um troço. Se tratava de Júlia — já em liberdade — e a outra a mulher que me encantou completamente minutos antes, apenas com o seu andar distraído pela calçada, chamando não somente a minha atenção, como a de todos os homens na rua.

Ela nem notava as centenas de olhares que recebia de todos homens ao seu redor, não fazendo ideia do tamanho do seu poder de sedução.

— A sua amiga está coberta de razão, senhorita Júlia Helena — eu disse, e as duas que estavam sentadas em algumas das cadeiras da recepção, abraçadas, elevaram a cabeça na minha direção.

Porra! De perto a mulher conseguia ser ainda mais linda. Fodidamente gostosa! Olhos cor de pistache expressivos e a boca carnuda feita propriamente para me dar prazer de todas as formas possíveis.

— Juiz Thompson? — proferiu Júlia, com os olhos esbugalhados, sem acreditar que fui pessoalmente acompanhar seu caso.

Nunca que eu deixaria um integrante da minha equipe ser preso injustamente e ficaria vendo tudo de braços cruzados. Sempre os tratei como se fossem da minha família.

— Boa noite, senhoritas — cumprimentei, sério, sem conseguir tirar os olhos de sua amiga da pele cor caramelo e traços exóticos. A perfeita mistura da raça brasileira.

Por que a presença dessa mulher me intimidava tanto? Logo eu. Homem de coração frio que já enfrentou os piores dos piores bandidos no tribunal e não tinha medo de nada nem ninguém.

— Boa noite, Juiz Thompson. — Júlia levantou e apertou minha mão, totalmente sem jeito.

— Como que eu fico sabendo só um dia depois que um dos membros da minha equipe foi preso de forma tão evasiva? Se o seu pai não tivesse deixado avisado no Fórum hoje à tarde, nem ficaria sabendo de nada — questionei, enfático.

— Tudo aconteceu muito rápido. Desculpe, senhor.

— Vim pessoalmente saber como está o andamento da sua situação. Fico feliz que já esteja em liberdade provisória, mas vou averiguar se o que aconteceu aqui foi abuso de poder. O Delegado responsável por essa delegacia, Ricardo Avilar, pode ser processado por conta da sua postura inadequada envolvendo assuntos pessoais com profissional — concluí, firme, tentando lhe passar confiança de que tudo ficaria bem.

E em alto e bom tom para quem quisesse escutar, em especial os quatro policiais do outro lado do balcão de mármore da recepção, para deixar bem claro que não brinco quando o assunto é defender alguém importante para mim.

— Eles estão me acusando de sequestrar a minha própria filha, senhor. Mas eu sou inocente. Juro de joelhos, se for preciso. O meu único erro foi agir movida pelo coração — revelou melancolicamente, porém, depois de algumas ligações, sabendo do caso, eu já estava a par da situação.

— Mas é claro que você é inocente, Júlia, e não vai ajoelhar coisa nenhuma. Vamos brigar de pé na justiça para provar a sua inocência, olhando olho no olho dos acusadores — disse a amiga de Júlia, de um jeito felino, me deixando ainda mais louco por ela.

Putaquepariu! Não consegui tirar os olhos da mulher.

— Mais uma vez sua amiga está certíssima, Júlia. Deveria ouvi-la — concordei com ela. Nossos olhares se cruzaram e eu a senti arrepiar.

Sim! Ela sentia a mesma atração que eu. A energia sexual entre nós era algo indomável. Voraz. Senti vontade de sorrir quando ela ficou envergonhada com o clima forte entre nós e se escondeu atrás de Júlia.

Eu também a deixei intimidada. Ótimo! Mas também, com o olhar predador que lançava sobre ela o tempo todo, era impossível não ter ficado.

— Desculpe a minha indelicadeza. Essa é Yudiana, minha amiga-irmã. —Percebendo o clima pesado no ar, Júlia resolveu nos apresentar formalmente.

Júlia dividiu o olhar entre mim e a amiga, se divertindo com a

situação constrangedora pairando no ar. Só não via quem não queria.

— Prazer. Thompson — exclamei num tom rouco.

Profano.

Ela estendeu a mão, oferecendo o seu melhor sorriso, mas a minha continuou dentro do bolso. Desviei o olhar. Se eu a tocasse naquele momento, rasgaria sua roupa e a possuiria prensada em uma dessas paredes da delegacia, na frente de todo mundo.

Contudo, a tal Yudiana não se deixou intimidar pela minha indelicadeza. Ao contrário. Saiu por cima, usando a mão que era para me cumprimentar para jogar o cabelo para o lado de um jeito sexy pra cacete, logo em seguida girou o corpo, oferecendo-me as costas. Meus olhos famintos comeram sua bunda deliciosa. Nunca senti tanto desejo por uma mulher.

Comecei a suar frio novamente, cada músculo do meu corpo tencionando, ficando duro feito pedra. Se não possuísse aquela mulher loucamente, perderia a cabeça de vez.

— O senhor está bem, Juiz Thompson? — perguntei a Júlia de cenho franzido, que novamente dividia o olhar entre mim e a amiga.

— Vamos provar a sua inocência, não se preocupe. Trabalha conosco fazendo estágio no Fórum há mais de 2 anos, é tempo mais que suficiente

para te conhecer e saber que é inocente. Existem muitas perguntas sem resposta no meio dessa história e nós vamos descobrir cada uma delas. — Mudei o foco do assunto.

— Mais uma vez, muito obrigada, Juiz Thompson.

— Não precisa agradecer, Júlia. Somos uma família lá no Fórum. Um confia no outro, ajuda quando precisa. Se aceitarem, o meu motorista levará você e a sua amiga em casa. Já está um pouco tarde e pode ser perigoso andarem sozinhas por aí.

Ofereci carona. Na verdade, depois de conhecer Yudiana, não queria que ficasse andando por aí sozinha.

Podia parecer estranho e precipitado da minha parte, mas era a pura verdade.

— Não quer apertar a minha mão, mas está preocupado com a minha segurança. Homens... Vai entender — Yudiana respondeu. Malcriada, e o meu pau vibrou dentro da calça, com vontade de meter nela com força a ponto de lhe tirar totalmente o equilíbrio. Talvez assim aprendesse bons modos.

— Vou esperar vocês no carro — respondi, seco, e saí antes que eu pudesse perder a razão e a puxasse pelo cabelo, colocando-a de joelhos na minha frente e cumprisse o meu desejo.

— *Eu não vou a lugar nenhum com esse grosso filho da puta cretino!*
— *Escutei Yudiana dizer afrontosamente para a amiga antes de eu passar pela porta.*

Apenas ri. Seu temperamento forte só me deixava ainda mais excitado.

Fiquei andando de um lado para o outro na frente da delegacia à espera das duas, mais ansioso do que minutos antes de julgar algum caso importante.

— *Assim o senhor vai acabar furando o chão, chefe* — *brincou James e eu o fitei seriamente, fazendo seu sorrisinho sumir do rosto como em um passe de mágica.*

Logo as duas apontaram na porta, mas fiquei preocupado ao perceber que Júlia estava chorando novamente. Pelo que entendi, um dos policiais integrantes da equipe do Ricardo disse que a filha dela estava doente. A mulher, tomada pelo desespero, falou que iria até a menina imediatamente, e nada nem ninguém ia impedi-la.

Eu entendia seu desespero, mas aparecer na casa do Delegado logo após conseguir liberdade provisória era pedir para ser presa novamente. Por isso me mantive em silêncio e lhe ofereci meu apoio. Se fosse a minha mãe faria o mesmo, ou pior, por mim.

— Entendo seus motivos. Desejo melhoras para a menina — falei.

— Obrigada, Juiz Thompson. Se não for pedir muito, poderia levar a minha amiga em casa? Não vou ficar tranquila sabendo que foi embora sozinha — pediu Júlia, com os olhos lacrimejantes, e não tive coragem de dizer não.

Mas, deveria ter negado. Afinal, para mim essa mulher era como fruto proibido. Sabia que não podia possuí-la “como queria”, mas sabia também que seria só questão de tempo para cair em tentação.

— Levo — respondi apenas, em um tom que deixava claro o meu desgosto com a situação.

— Não precisa — rosnou Yudiana, orgulhosa, mantendo o nariz elevado.

— Precisa sim, Yudi, por mim. Tenho medo que te aconteça algo andando sozinha por aí — Júlia insistiu, e para minha desgraça ela acabou aceitando a maldita carona.

Sem paciência com a situação desconcertante em que fui colocado com a mulher atraente dos infernos, acabei sendo descortês e entrei na minha BMW preta. Depois de se despedir da amiga, Yudiana entrou no carro e sentou ao meu lado. A petulante nem se deu ao trabalho de olhar para mim. Fiquei furioso.

Seu perfume inundou o veículo, prendi respiração para não acabar fazendo uma loucura. Coloquei o carro em movimento, intencionado a acabar logo com aquele martírio. Mas quando a observei pelo canto dos olhos esfregar uma perna na outra como se quisesse aliviar o calor entre elas, foi demais para mim. Yudiana mordeu a parte de dentro do lábio, esfregando as mãos sobre o colo, a cabeça baixa e as bochechas levemente coradas.

Porra!

Ela estava excitada.

Fui obrigado a parar e descer do carro, entrei no do meu segurança que vinha nos seguindo atrás e pedi que assumisse o meu lugar de motorista, a levando para casa em meu lugar.

Eu precisava mantê-la longe de mim. Era preciso. Para o bem dela... era preciso.

Depois desse primeiro encontro tentei tirar essa menina da minha cabeça de todas as formas possíveis, mas parecia ter se enraizado em minha alma logo de cara. Fiquei literalmente obcecado em Yudiana no instante em que a vi. Chega a ser doentio. Sabia que devia seguir meu caminho e deixá-la

segura de mim, o mais distante possível, porém, não resisti. Até para um homem normal, era impossível resistir ao seu charme.

A cada dia que passava eu precisava desesperadamente saber mais sobre ela, cada maldito mínimo detalhe era importante. Por isso mandei que os meus seguranças a seguissem vinte e quatro horas por dia, tudo nas sombras, em total segredo. Agradeço a Deus por isso. Caso contrário, hoje não saberia com antecedência sobre o seu sequestro.

Foi assim também que descobri que Yudiana, prestes a se formar na faculdade, tinha uma vida dupla. Estudante de Direito durante o dia e dançarina à noite em um clube luxuoso. Pelo que entendi, o dono do local a encontrou morando na rua ainda adolescente e cuida dela até hoje como se fosse sua filha.

Porra! Mesmo assim eu fiquei muito puto com isso quando li a informação no relatório diário que meu chefe de segurança, James, me entregava todo fim de noite contando cada passo que Yudiana dava.

Não consegui acreditar na época. Fui ao tal Clube Luxos conferir com os meus próprios olhos, e lá estava a diaba da mulher se contorcendo em cima do palco, praticamente nua, igual a uma cobra venenosa, enfeitiçando todos os homens presentes. Principalmente eu. Perdi o controle quando a desgraçada começou a dançar olhando diretamente para mim no camarote vip

no segundo andar em frente ao palco, como se soubesse que estava ali só por causa dela.

Eu a quis tanto nesse dia que chegava a doer. Tive que fugir antes de a apresentação terminar ou acabaria fazendo uma loucura naquele lugar. Os assobios dos homens presentes e os gritos chamando-a de “gostosa” e “tesão” entre tantos outros de baixo calão, atravessavam meus ouvidos como uma lança afiada.

Por que com tantas profissões ela tinha logo que ser uma stripper? Não tenho estrutura para lidar com isso. Não por preconceito, mas digamos que tenho problemas para controlar *emoções* mais fortes. Como poderia tê-la de forma segura assim? Saudável? No meu caso isso é impossível. Fui feito para viver sozinho.

Todos nascem predestinados a encontrar sua outra metade, menos eu.

Mesmo que conseguisse conquistá-la um dia, nunca poderia ficar ao seu lado como eu quero, e como quero! No entanto, mantê-la segura se tornou um vício arrebatador. Incontrolável. Mesmo sabendo que nunca será possível tê-la.

Só Deus sabe o inferno que passei nesses últimos meses para não cair na tentação de ir atrás dela. Me contive em ficar horas olhando as fotos de Yudiana que meus seguranças tiram dela com frequência. Eu me tornei a

merda de um doente maníaco perseguidor de mulheres.

Mas não consegui evitar.

Tentei esquecer minha obsessão por ela com outras mulheres, na bebida e viagens para fora do país em minhas férias, fazendo um giro pela Europa. Quando voltei, fiquei mais dez dias enclausurado em um sítio no meio do nada para onde meus pais se mudaram depois de se aposentarem do meio jurídico. Lá mal tem sinal de celular e internet.

Nesse período meu coração enfim sossegou — mesmo que pouco —, então pude voltar à minha rotina normal do Rio de Janeiro, descansado até demais, para agora, um tempo depois, acontecer essa merda de sequestro e toda a minha luta em resistir se perder como um castelo de areia ao vento.

Foi saber que Yudiana estava em perigo, que o sentimento por ela voltou com tudo, explodindo em meu peito como um tiro de canhão devastando tudo por onde passa. Na verdade, nunca havia desaparecido. O tempo que passou apenas o manteve adormecido

— Eu juro por Deus que se esse filho da puta tocar na Júlia, eu o mato! — rosna, enfurecido, o Delegado Ricardo Avilar, tirando-me dos devaneios.

Ele soca o volante da viatura, seu maxilar ferozmente trincado, tão irado quanto eu com essa situação caótica, pronto para colocar essa favela

abaixo. Além de ser mãe de sua filha, Júlia é a mulher que ele ama. Dá para ver isso em seus olhos quando fala dela. As veias do seu pescoço pulam de puro ódio.

— Tente manter a calma, Delegado. Não esqueça que tem uma filha esperando você e a mãe em casa. Não vale a pena perder a cabeça, arruinar sua carreira e uma vida feliz ao lado de sua família. — Nem mesmo eu acreditava naquelas palavras, afinal, também estava uma pilha de nervos. — Em vez disso, aproveite cada segundo com as pessoas que você ama, porque nem todos têm a mesma sorte — aconselho com o olhar vagando pela janela da viatura aberta, observando, sem interesse, o vai e vem das pessoas na rua.

Minha mente trabalha a mil por hora, pensando em Yudiana nas mãos desses criminosos. Nunca fui bom em rezar, mas imploro, temente a Deus, para que eu consiga tirá-la dessa situação com segurança e sem nenhum tipo de trauma — físico ou psicológico.

— Você não mataria o cara que é capaz de ferir a mulher que ama de um jeito que talvez nunca tenha cura? — pergunta.

Sério que essa cara quer conversar logo agora? Porra!

O Delegado desvia os olhos da estrada por breves segundos para me encarar fixamente, e eu sem delongas sustento seu olhar inquisidor e respondo com a verdade.

— Acredite, eu já tentei matá-lo várias vezes, mas não obtive sucesso em nenhuma delas. Por algum motivo, Deus me quer vivo. — Percebo que ele se remexe na poltrona, incomodado com minhas últimas palavras, mas não pergunta nada.

Porém, o silêncio dentro do veículo não dura muito tempo.

Infelizmente.

— Não entendi sua colocação em relação ao assunto, vossa excelência. Poderia me explicar melhor? — Tento não me ofender com o seu tom astucioso, um pouco debochado, até.

É um Delegado esperto com anos de prática em fazer interrogatório. Seu plano é me tirar do sério e arrancar de mim mais informações do que eu posso contar.

Mesmo possesso de raiva com a sua intromissão desnecessária em minha vida pessoal, me policio e respondo evasivamente, mantendo a voz em um tom confiável:

— Eu não tenho uma filha linda me esperando em casa, Delegado. Muito menos uma chance de montar uma família feliz ao lado da mulher que eu quero ou de qualquer outra. — Faço uma pausa, pensando o quanto minha realidade é dolorosa. Então, continuo, um pouco abalado: — Ou seja, não tenho nada a perder. Eu já vivo em uma prisão, a diferença é que não tem

grades. — Termino com o tom mais frio do que esperava fingindo calma, sou bom nisso.

Mostrar calma por fora, sendo pura tempestade por dentro.

Ele trinca os dentes, tensionando até os músculos do seu pescoço, minha resposta não o convence totalmente. Pelo menos não como eu esperava.

A vida é muito irônica, mesmo. Delegado e Júlia se conhecerem em meio a um furacão. Aos poucos os dois foram se conhecendo melhor e o amor foi surgindo entre eles. E vendo Ricardo no estado em que se encontrasse nesse momento, se algo pior acontecer com Júlia, acredito que ele não vá suportar.

Ela já passou por tanta coisa ruim. Da última vez que a vi, não parecia nem de longe a mulher alegre e sorridente de um tempo atrás, que trabalhava no Fórum como minha estagiária.

— Nem sempre a chance é a gente que faz, mesmo com mais contra do que prós. — O Delegado vem com o seu moralismo, me irritando ainda mais.

Inferno! Será que ele não pode me deixar em paz com meu tormento? Se soubesse o perigo que corre não me deixando quieto no meu canto, manteria a porra da boca fechada.

— Se você soubesse quem eu sou de verdade, Delegado, saberia que essa filosofia barata não se adequa ao meu caso.

— Entendo, Juiz Thompson — proferiu por fim. Acho que entendeu que não estou afim de papo.

Se conversar em momentos tensos o faz manter a calma, comigo o efeito é exatamente o contrário.

— Ótimo — digo, grosseiro e hostil.

Desvio o olhar para o lado, agoniado. O desespero me consome por dentro. Tenho vontade de gritar o mais alto que posso ou no mínimo socar alguém até a morte. De todas as minhas emoções, a que mais tenho dificuldade de controlar é a raiva.

— Você está bem, Thompson? — É possível notar preocupação na voz dele.

— Estou!

Volto a responder de forma monossilábica.

Através do reflexo no vidro da janela do veículo, reparo o quanto minha aparência está devastada pelo tormento. Envelheci anos em poucas horas. A face do medo pela possível perda de alguém importante se instala em meu rosto novamente, ainda mais de alguém que se tornou um vício para mim em um curto período de tempo.

Faz muito tempo que não me vejo nesse estado caótico. A pele tomada por uma cor fria, suando em uma quantidade anormal. Esfrego meus olhos com os dedos, mal é possível ver a íris azul devido a vermelhidão envolta por bolsas escuras.

Já passou do segundo horário da minha medicação diária, sempre a carrego comigo, mas quando soube que Yudiana havia sido sequestrada saí de casa correndo apenas com a roupa do corpo.

— Chegamos na Rocinha, Juiz Thompson — exclama o Delegado ao estacionar o veículo com a respiração pesada e os músculos tensionados.

Os cantos dos seus olhos estão franzidos e sua expressão é a mais preocupante possível. Aqui é a área do tal Binladem, onde ele comanda como o rei do tráfico uma legião de soldados que facilmente mata e morre por ele.

— Carol, peça para todos os meus atiradores de elite espalhados pela favela ficarem preparados para atirarem ao meu comando — ordena o Delegado Avilar pelo rádio, enquanto eficientemente confere seu colete à prova de balas e em seguida as travas de sua arma.

Seus movimentos são rápidos e precisos, como se fosse um ritual corriqueiro do dia a dia antes de entrar na guerra.

Fiz o mesmo, porém sem a parte da arma.

— Se quiser ficar no carro, tudo bem, Thompson. A coisa vai ficar

feia lá fora, não quero que o senhor se machuque.

O cara é um misto de nervosismo e raiva, uma combinação perigosa para um homem armado e com a mulher amada correndo risco de morte. A testa se encontra tomada por rugas grossas, e os olhos estreitos do tipo que vê o inimigo chegar antes mesmo de ele estar por perto.

— Primeiro, Senhor está no céu. Nós dois sabemos que você não está aqui como Delegado conduzindo mais uma missão, muito menos eu como juiz criminalista lhe dando apoio.

— Eu sei, Thompson, mas... — começa a falar, mas o interrompo.

— Estamos juntos nessa para resgatar em segurança alguém que é importante para nós, então acho que já temos afinidade mais que suficiente para nos referirmos um ao outro pelo primeiro nome. — Ele para seu ritual com a arma e me analisa por um tempo, pensativo, acredito que ponderando se deve ou não acatar minha proposta de trégua.

Enquanto isso, eu praticamente pulo do carro, disposto a tudo para salvar Yudiana, e ele faz o mesmo, vindo atrás de mim.

— Concordo plenamente, John. Depois que isso tudo acabar podemos sair para beber alguma coisa, meu amigo. — Toca meu ombro, andando a passos largos. Não faço ideia de para onde estamos indo.

E que história é essa de “amigo”? Duas pessoas de personalidades

fortes como nós nunca se dariam bem por muito tempo, talvez só em momentos criados por ironia do destino como este.

— Você não iria querer ser meu amigo, Delegado. Garanto — advirto, sério, aumentando o ritmo dos passos.

Ao olhar para trás vejo a chegada da tropa do Bope, todos vestidos de preto segurando metralhadoras, com máscaras pretas cobrindo a maior parte do rosto.

— Quem decide isso sou eu, John. Todo mundo merece o benefício da dúvida. — Ele estende a mão em minha direção, mesmo receoso resolvo arriscar e a aperto com força.

Chega de me isolar do mundo.

— Está bem, Ricardo, depois não diga que não lhe alertei — digo. Se a situação não fosse tão séria, acho que teria sorrido, ou talvez não. Não gosto de sorrisos. Gente alegre demais me irrita.

— Tome isso e não hesite em usar. — Ricardo me entrega uma arma, não sabendo ele que eu já trago a minha escondida na cintura. Mas opto em guardar esse detalhe só para mim. — Jamais deixaria um amigo meu encarar essa guerra de mãos vazias. Boa sorte durante o confronto! — Depois dessa não tenho como dizer não. Ele está levando mesmo a sério essa história de “amigo”.

— Obrigado. Boa sorte para você também, Delegado!

— Para nós dois, John. — O assunto encera aqui.

Entramos em uma estrada de terra e não demora muito até avistarmos sua equipe da Polícia Civil, acompanhados com a da Militar, prontos para atacar. O local é um terreno baldio rodeado por barracos caindo aos pedaços.

— Só estamos esperando a ordem do senhor para invadir a favela, Delegado. Tem homens da gangue do Binladem espalhado por toda parte — avisa, assim que chegamos, uma policial morena e alta. A mesma que anunciou minha chegada à delegacia para o Ricardo hoje mais cedo.

— Então já têm. Vamos entrar com tudo! — Meu instinto de liderança se adianta e responde antes que o Delegado possa abrir a boca. Ele assente, confirmando o que eu disse.

Percebo que os moradores da favela, ao notarem a nossa chegada, entram em suas casas praticamente correndo, com uma expressão de pavor na face. Trancam portas e janelas, já se preparando para a guerra que está prestes a começar.

Infelizmente essas pessoas não têm para onde fugir. À essa altura a autoestrada Lagoa-Barra — via que liga as zonas oeste e sul do Rio de Janeiro — deve estar interditada devido ao início desse intenso tiroteio. Essas famílias humildes devem estar acostumadas com esse tipo de confronto entre

os policiais e bandidos.

Na maioria das vezes, a briga feia mesmo é entre os próprios criminosos numa briga constante de vida e morte pelo comando do tráfico, sem se importarem com quantas almas se perdem pelo caminho. Triste isso, mas é a realidade do nosso país.

Por alguns segundos tudo fica silencioso na Rocinha, como aquelas cidades desertas de filmes de faroeste. Bastou um piscar de olhos para se transformar em um inferno barulhento como numa guerra. Me vejo perdido em uma rajada de tiros vindo de todos os lados. No meio da bagunça acabo perdendo o Delegado de vista, corro e me escondo atrás de um muro de blocos furados para analisar quais são minhas alternativas para passar pelo os homens da gangue do Binladem, e chegar até o esconderijo do maldito, onde mantém Yudiana em seu poder.

Aproximando o rosto de um buraco no muro, vejo um verdadeiro exército de bandidos armados até os dentes. A maioria dos disparos da região, conhecida como a "parte baixa" da comunidade, sendo o coração do confronto. Um dos meliantes usando uma blusa verde amarrada na cabeça cobrindo o rosto inicia um incêndio num dos postes de madeira de energia da favela, acredito que para a fumaça nublar a visão dos policiais. Essa gente sabe todo tipo de artimanha para enganar a lei.

— Socorro, mamãe, socorro!

Minha atenção é tomada por uma vizinha apavorada, e ao girar o pescoço deparo-me com uma menina à minha frente, a poucos passos de distância de onde me encontro. Ou seja, bem na mira de onde os bandidos atiram desenfreadamente, mesmo sabendo que poderia acertar na criança a qualquer momento. É só questão de tempo para tirar a vida desse ser inocente.

A menina tem no máximo quatro anos, pequena e desnutrida. Paralisada devido ao medo, chorando dolorosamente tapando os ouvidos com as mãozinhas trêmulas com medo do barulho pavoroso dos tiros, um anjinho perdido no meio de um inferno.

Cadê a mãe dessa criança, meu Deus? A pequena olha para todos os lados como se estivesse perdida, a mercê da própria má sorte.

Seu cabelo castanho escuro cacheado está preso em um rabo de cavalo torto, a maioria dos fios soltos caindo sobre os ombros. Seu vestidinho cor de rosa desbotado está coberto de manchas de sangue vermelho vivo. Fico preocupado.

Será que ela está muito ferida? Sem pensar muito, corro até ela e a pego no colo, sentindo seu pequeno corpo frágil trêmulo dentro dos meus braços. Sua cabeça repousa em meu ombro e os bracinhos apertam meu

pescoço com força. Fico de joelhos e cubro a menina com meu corpo, montando com minhas costas uma espécie de escudo. Prefiro morrer tentando salvar a vida de uma criança do que viver sabendo que fiquei de braços cruzados vendo-a morrer.

Fecho os olhos com força assim como meus braços em volta daquele ser minúsculo. Frágil. Sabia que o meu fim havia chegado, mesmo se eu tentasse sacar a arma na minha cintura para revidar, são muitos bandidos com prática —e gosto em matar — atirando ao mesmo tempo. A única chance que tenho de salvar essa criança é usando meu corpo para que os tiros não cheguem até ela.

A imagem de Yudiana vem à minha mente. Do seu sorriso reluzente. A voz perturbadora e os olhos sexy que me encantam. Antes que meu fim chegue, penso:

“Desculpe, Yudiana, mas eu não tive escolha.”

— Atenção, homens, protejam o Juiz e a criança! — A voz do chefe da minha equipe de segurança, James, apesar de elevada e intimidadora, chega como uma bela música em meus ouvidos. O tipo que traz esperança.

Dez ou mais homens vestidos de terno preto formam um círculo à nossa volta, uma quantia um tanto ridícula comparado ao exército de bandidos da gangue de Binladem. Porém, todos os meus seguranças foram

altamente treinados por um ex-chefe de missões especiais dos Estados Unidos.

Agem de forma rápida e silenciosa. Certeira. Executando seu trabalho de forma impecável e sem fazer muita bagunça, por isso são bem pagos.

Um barulho explode próximo a nós, que se repete várias vezes como a chuva de fogos de artifício revertendo contra as paredes do beco zumbindo em meu ouvido. Poucos instantes depois tudo silencia, não se escuta nem mais um sussurro.

Respiro com mais facilidade, relaxando os músculos dos meus braços que apertava a criança com tamanha força que mal se via a pobrezinha.

— O senhor está bem, chefe? — Enfim abro os olhos e vejo a mão do homem responsável em liderar o pequeno exército que cuida da minha segurança impecavelmente, pronto para me ajudar a levantar e de bom grado aceito a oferta.

O fato de eu ser um juiz criminal não trouxe apenas poder e reconhecimento na sociedade, mas também uma infinidade de inimigos que sonham vinte e quatro horas planejando me matar. Por isso preciso sempre de proteção. Já perdi a conta de quantos atentados sofri até hoje.

— Estou ótimo, obrigado! Você chegou na hora certa, James. Como sempre — agradeço, já de pé.

— Como eu sempre digo, senhor, eu sou seu anjo da guarda — brinca, mas sem sorrir.

Enquanto recarrega sua arma, o olhar é dividido no que está fazendo e no rostinho assustado da menina em meu colo tremendo sem parar.

— Precisamos chegar no esconderijo do Binladem. Vamos nos adiantar ou o pior acontecerá. Esses bandidos não estão de brincadeira — digo e meu segurança concorda com um aceno de cabeça.

— Mas, e a menina, chefe? — pergunta franzindo as sobrancelhas grossas, demonstrando preocupação com a criança.

Sua estatura física é inacreditavelmente grande, parece um armário ambulante. Juntando com sua cabeleira ruiva e a cara de mau, assusta as pessoas sem precisar abrir a boca. Eu sou bastante alto, mas James consegue ser ainda maior. Porém, tudo não passa de pura fachada. Tem um coração enorme e uma lealdade única.

— Deixaremos aos cuidados de Apolo. Ele ficará encarregado de procurar a família da menina e entregá-la em segurança. — Entrego a criança para o colo do outro segurança. Ele sorri para ela com carinho, passando confiança.

Lembro vagamente de ele dizer uma vez que tem dois filhos, acho que, a propósito, duas meninas.

— O senhor está dodói, olha — diz a menininha ainda com a voz chorosa e olhos vermelhos lacrimejantes, apontando para o meu braço. Nem percebi que tinha sido atingido de raspão por um tiro.

— Eu vou ficar bem, querida, não se preocupe.

Com a beleza da doce inocência, seu sorriso mesmo um pouco nublado devido as lágrimas deslizando em seu rosto, ainda assim, é motivador. Pena que na maioria das vezes quando o tempo não toma isso de uma mulher aos poucos, algum idiota faz, quebrando seu coração como se fosse algo descartável.

Se um homem soubesse que a pedra mais valiosa existente na face da terra não é nada comparado ao coração de uma mulher, as valorizariam mais a cada segundo.

A pequena acena para mim por cima do ombro de Apolo, despedindo-se, enquanto ele a leva para um lugar seguro até encontrar sua família. Rapidamente rasgo um pedaço da minha blusa e amarro em volta do braço para estancar o sangue. Não é o curativo mais eficiente do mundo, mas quebraria o galho até que eu pudesse ter os devidos atendimentos médicos.

— Vamos! — ordeno sem demora aos meus seguranças, virando à direita, no caminho que acredito dar ao topo da favela onde fica o esconderijo do Binladem.

— Por aí não, chefe. Antes de vocês chegarem eu encontrei outro caminho. Um mais curto, seguro e discreto até o esconderijo do chefe da Rocinha sem precisar passar em meio ao tiroteio.

Mais uma vez James demonstra o quanto acertei em contratá-lo como chefe da minha equipe de segurança.

— Me lembre de te dar um aumento quando tudo isso terminar, James.

— Ah! Pode ter certeza que sim, chefe — dessa vez ele brinca e sorri discreto, apesar do cenário à nossa frente não ser nada bonito.

Subimos por uma escadaria que parece chegar ao céu de tão imensa, porém, de fato sem sermos notados. Corro o máximo que minhas pernas aguentam, meus seguranças apesar de bem treinados mal conseguem me acompanhar.

A cada passo que dou, sinto que Yudiana precisa mais de mim e se não me apressar o pior irá acontecer. É como se nós dois estivéssemos ligados um ao outro, a conexão existente entre nós é desconcertante.

Ela tem se tornado tudo o que me mantém vivo, o ar que respiro e a força que me faz levantar da cama todos os dias de manhã. Vou usar todo meu poder para garantir que nenhum mal aconteça a ela, isso é minha prioridade agora. Sei que nunca poderemos ficar juntos, porém, fiz uma

promessa que mesmo de longe a mantereí segura de todo mal desse mundo.

E pretendo cumpri-la.



Capítulo 2

John

Mal posso impulsionar a perna para frente de maneira decente devido à minha respiração ofegante, mas não de cansaço, e sim devido ao meu estado de tensão. Totalmente catártico. Eu e os meus seguranças chegamos ao esconderijo do traficante no exato momento em que ele e o seu comparsa estavam fugindo, cada um para um lado, levando uma das mulheres em ser poder como refém.

O cara cheio de tatuagem, musculoso, com o semblante arrogante — o qual acredito ser o tal Binladem — escolhe Yudiana como seu escudo humano para defender-se dos tiros no confronto entre a polícia e os membros de sua própria gangue.

Covarde! Usando alguém menor e frágil do que ele para se defender. Isso não é coisa de homem de verdade.

Ter coragem não é algo que requer qualificações excepcionais, fórmulas mágicas ou combinações especiais de hora, lugar e circunstância. É uma oportunidade para mostrar, em um momento de tensão, quem você é de

verdade.

Meu coração perde uma batida quando coloco os olhos na minha menina. Ela chora em silêncio ao ser arrastada por esse monstro. Sua expressão é a mais angustiante possível, numa mistura de bravura e medo.

Imediatamente, partimos sorrateiramente atrás deles, seguindo-os pelas vielas confusas da Rocinha. Por pouco não os perdemos de vista. Preciso tirá-la das mãos sujas desse Binladem o mais depressa possível. E depois vou acabar com a raça dele. Vai se arrepender por ter cruzado o meu caminho.

Ele pode ter certeza disso!

Em um determinado momento, Binladem, repentinamente para sua fuga em frente a um barraco de tijolos furados, com um telhado acinzentado caindo, parecendo prestes a desabar no chão a qualquer momento. Como se não bastasse todo mal que Yudiana já passou, ele começa a assediá-la, quase estuprando-a ali mesmo, sem nenhum pudor. Vou ao inferno e volto em questão de segundos, que revelam os piores demônios que mantenho preso dentro de mim. A sensação que tenho é de que meu corpo foi possuído por toda a ira do mundo.

Minha carne treme de ódio em vê-la debatendo-se desesperadamente ao tentar se esquivar do assédio nojento que recebe. Seu olhar é de pânico,

mas acima de tudo, fico orgulhoso de sua coragem em não se entregar facilmente para a perversão desse monstro.

Saber que existem homens que se acham no direito de tocar em uma mulher contra a sua vontade me enoja. Devemos conquistar o direito de receber o prazer que elas nos proporcionam, seja de qual forma for, e não tomar a força de forma boçal e escrota. Para mim, se não for de livre e espontânea vontade, não vale a pena ter.

Tomado pela raiva, não ponderando as consequências, saco a arma da cintura e atiro, acertando o braço do desgraçado. Sinto a adrenalina invadir minha corrente sanguínea ao ouvir seus gemidos agudos de dor. Binladem solta Yudiana imediatamente, com os olhos arregalados em minha direção, irritado ao encontrar o protagonista do tiro que o atingira em cheio.

Não sei quem ficou mais surpreso em me ver, ele ou Yudiana. O sorriso que ela abre é revigorante. Nesse instante, sinto-me o homem mais incrível do mundo.

— Quem pensa que é para fazer isso comigo, seu filho da puta? Vai morrer dolorosamente por interromper meu momento íntimo com a minha gata. Por acaso sabe quem eu sou? Porra! — ameaça Binladem, arrogante e presunçoso.

Ele foi ao chão com a feição embotada, segurando o pulso para

estancar o sangue do local do tiro. É bom saber que ainda sei administrar uma arma, porque faz tempo que não uso uma. Preferi deixar a do Delegado guardada no cós da minha calça, no lado esquerdo da cintura. Não sei o que vai acontecer daqui para frente.

Mas, seja o que for, as provas encontradas aqui, de algum crime cometido por um homem da lei, devem ser apenas minhas.

Yudiana ameaça correr, mas se detém ao olhar para a arma do Binladem caída no chão, próxima a ele. Mesmo ferido, poderia facilmente conseguir atirar nela com a mão boa em suas costas.

Me admiro muito pelo fato de ela deixar a razão falar mais alto que o medo. Essa coerência, na maioria das vezes, só é adquirida por quem já sofreu o suficiente para saber que com pessoas cruéis deve-se pensar bem antes de agir.

— Sou seu pior pesadelo, Binladem, pode apostar! — afirmo, paralisado, de cenho franzido. Mantendo-o em minha mira. Deve estar com medo, mas seu ego de achar ser "*o dono da porra toda*" não deixa transparecer.

Momentaneamente, meu olhar cruza com o de Yudiana. Antes de qualquer coisa, preciso saber se de fato ela está bem. Todo seu rosto se ilumina. Seus olhos cor de pistache me avaliam com cautela. Existe

esperança neles, mas dor e tristeza. Muita dor. Tanta que reflete em mim.

Minha vontade é de correr até ela e dizer que tudo vai ficar bem agora e nunca mais deixarei ninguém fazer mal a ela.

Porém, me contento em apenas acenar com a cabeça como se dissesse "*vou te tirar dessa*". Sua boca contorce bem de leve, mas não chega nem perto de ser um dos seus sorrisos estonteantes.

— Pelo jeito eu não sou o único interessado em comer essa coisinha linda. Como é mesmo o nome dela? — Trinco o maxilar. Seus olhos demoníacos pousam sobre Yudi, que parece encantar perdidamente os homens que cruzam seu caminho. É algo tão natural quanto a luz do dia. — Lembrei! É Yudiana Jackson. sei tudo sobre ela. Minha futura primeira dama no mundo do crime. Mesmo que eu seja preso, quando sair vou atrás dela. Essa putinha gostosa agora me pertence. — Ele faz uma careta contemplativa à sua vitória. Fico apreensivo.

Se tem uma coisa que aprendi em minha profissão, é saber quando uma pessoa está mentindo ou não, e esse desgraçado está falando muito sério quando diz querer Yudiana como sua primeira dama no mundo do crime e não vai descansar até tê-la apenas para ele. Essa mulher é como uma droga perigosa, que vicia e aflora o seu lado mais egoísta, atraindo o sexo oposto com apenas um olhar.

Querendo-a ter apenas para si.

A verdade é que eu, sendo racional, não posso nem culpar esse verme, pois estou no mesmo barco.

No entanto, a diferença entre mim e Binladem é que ele a quer só para usá-la a seu bel prazer, já eu, penso que a felicidade de Yudiana virá sempre primeiro que a minha. Sou capaz de fazer qualquer coisa para mantê-la segura. Devo isso a ela pela última vez falhei. Mas não cometerei o mesmo erro.

Por isso preciso permanecer longe do seu meio de convívio o máximo possível.

— Tirem ela daqui. Agora! — ordeno em um grito ensurdecador, trincando os dentes.

Imediatamente meus seguranças saem das sombras e obedecem ao meu comando. Fico com pena do olhar confuso de Yudiana. Lágrimas brilham em seus olhos enquanto meus seguranças a arrastaram pelo braço, levando-a para fora do beco. Nossos olhares se encontram por alguns segundos quando ela passa por mim, derretendo mais um pouco da barreira de gelo, que por segurança, criei em volta do meu coração, impedindo a todo custo que o amor passe por ela novamente.

Da última vez que deixei, foi devastador tanto para mim quanto para

quem eu amei.

Sinto que a vontade de Yudi é que eu a acompanhe. Parece não querer de forma nenhuma me deixar para trás. Me deixar sozinho. Gostaria muito que ficássemos juntos para sempre, contudo, aprendi muito cedo que nem tudo é como a gente quer. Principalmente quando a questão envolve uma segunda pessoa.

Quando um não quer, dois não brigam.

Tampouco se amam.

— Quer dizer então que o poderoso Juiz Thompson subiu a favela da Rocinha por causa da boceta de uma putinha qualquer? Ela é muito gostosa mesmo, cara, mas não sei se vale a pena o risco de você dar as caras na minha área só para bancar o “super-herói.” Isso vai lhe custar mais caro do que imagina. — debocha o desgraçado, soltando uma gargalhada macabra.

Ele sabia o tempo todo quem eu era, pensa que só porque sou um homem da lei não posso encostar um dedo nele ou minha carreira estará ferrada.

De fato, é verdade, mas, sinceramente, nesse momento não estou nem aí para mais nada nem ninguém.

— Se eu fosse você, Binladem, não me provocava mais do que já fez hoje. — advirto.

— Eu assumo que você venceu dessa vez, Meritíssimo. Pode me prender. Eu me rendo! Por enquanto — o filho da puta debocha de novo.

Ele sorri maleficamente, enquanto ergue as duas mãos em minha direção. Em uma delas, o local onde acertei o tiro, ainda jorra sangue, mas o meliante não se importa e continua a sua ameaça:

— Você ganhou essa batalha, mas a guerra está só começando. Agora pra mim, virou questão de honra. Não importa quantos anos me condene no tribunal. Quando eu sair vou atrás da sua mulherzinha e vou comê-la em todos os buracos do corpo, várias e várias vezes, em sua homenagem. Depois que cansar dela, vou torturá-la bastante e a deixar agonizando em um canto qualquer até a morte. E acredite, quando eu faço uma promessa, eu cumpro — afirma praticamente em juramento. Seu olhar maquiavélico deixa todos os meus sentidos em pane só de imaginá-lo tocando em Yudiana novamente.

Ele fala muito sério! Pegou a situação como uma rixa pessoal e tentará cumprir cada ameaça na primeira oportunidade que tiver. Binladem vê isso tudo como um joguinho psicótico ao qual viverá para ser o ganhador. Inflando ainda mais seu ego de “o todo rei da Rocinha” que não leva desaforo de ninguém.

Diante da situação, faço uma escolha. Ele não me deu outra opção.

— Uma pena que não terá tempo para isso, meu caro. Quando chegar

ao inferno, diga "oi" ao diabo por mim.

Me aproximo dele com os braços esticados, segurando firme com as duas mãos a minha pistola Taurus 838 CA em sua direção.

Binladem estremece engolindo em seco, olhando para o objeto prateado em minhas mãos, que se aproxima cada vez mais da região entre o meio de seus olhos, apertando com força sua pele áspera.

— Acho que agora é o momento de se arrepender de todos os seus pecados. Tem cinco segundos para pedir perdão a Deus por todos eles — digo.

Percebendo a seriedade no meu tom e a firmeza em minhas palavras, o único segurança que havia ficado para trás comigo, se vira de costas e some nas mesmas sombras de onde saiu, nos deixando a sós. Se ele não vir nada, não aconteceu.

— Você não pode atirar em mim! Sua obrigação é me julgar de forma honesta e justa. Não é um homem da lei, porra? Todo mundo merece uma segunda chance. Eu mereço. Vai para o inferno depois por conta disso — apela para o meu bom senso, qualidade a qual ele jamais possuiu.

O medo é capaz de transformar leões em cordeirinhos.

Eu o observo indiferente, totalmente desprovido de qualquer tipo de piedade do ser de joelhos à minha frente, implorando pela própria vida. Na

verdade, a sombra do medo em volta dele me fascina.

— Te vejo no inferno então, Binladem — declaro calmamente e encerro nossa conversa com um tiro certeiro no meio de sua têmpora, fazendo-o ir ao chão como um saco de batatas.

Esse infeliz não faz mais mal a ninguém. Yudiana está a salvo das suas maldades.

Respiro fundo uma, duas, três vezes...

Não consigo me mover devido à adrenalina congelar todas as extremidades do meu corpo, talvez, também pela surpresa de não sentir nem um pingo de remorso por ter matado um homem a sangue frio.

É a primeira vez que mato alguém por *querer*, e devo admitir que me sinto ótimo. Um alívio enorme que nunca senti antes. Prazer. Esse desgraçado fez por merecer, sua morte foi até gloriosa demais para alguém da sua laia.

Para extravasar a minha raiva completamente, antes de ir embora disparo outro tiro próximo ao anterior. Seu corpo protagoniza um leve espasmo, depois permanece imóvel jogado no chão. Tiro um lenço cinza do bolso e limpo todas as minhas digitais, olhando para todos os lados, certificando-me que estou sozinho, e coloco a arma de volta no cós da calça. Mais tarde me livro dela.

Viro e sigo meu caminho para fora do beco de alma lavada. Fiz o que tinha que fazer. Ponto final. No entanto, minha paz interior não dura muito. Meus passos cessam num rompante ao encontrar Yudiana parada na entrada do beco, não muito longe do lugar onde matei um homem friamente. Acredito que ela não tenha visto nada, mas obviamente ouviu os dois disparos.

Quase não sobrevivo à força do seu olhar cheio de questionamentos. Acusações. As quais ela já sabia a resposta, mas precisava desesperadamente ouvir a confirmação da minha boca.

Mas que porra! Como ela conseguiu fugir dos meus seguranças e voltou atrás de mim? Sim! Yudiana voltou até aqui por minha causa.

Deus! Ela se importa comigo também.

Ou melhor, importava...

Porque com certeza depois de ouvir os tiros e em breve ver em todos noticiários da TV a notícia de que Binladem foi encontrado morto no beco, será só juntar o quebra cabeça para ter a confirmação que precisa. Se antes não tinha chance de ficar com ela, agora será impossível mesmo. Jamais irá se envolver com um assassino. Deve sentir nojo desse tipo de gente.

Sinceramente? Melhor assim. Pelo menos não crio ilusões do que não posso ter.

Completamente destruído, passo direito por ela com as feições da face endurecidas, fingindo não notar sua presença, e sigo assim até chegar no carro do meu chefe de segurança. Entro, mantendo a pose intocável.

Yudiana corre tentando me acompanhar. Entra no carro e senta-se ao meu lado no banco de trás, ainda cheia de olhares acusatórios, ferindo ainda mais meus sentimentos.

— John, eu... — ela começa a falar em um tom íntimo, viro o rosto para a janela para continuar sendo forte.

Olhando nos seus olhos seria impossível.

Então, Yudiana docemente leva a mão ao meu joelho em sinal de apoio. Não que isso queira dizer que concorda com o que desconfia que eu tenha feito, mas sim que respeita meu silêncio.

Basta apenas esse pequeno contato físico entre nós, para uma corrente elétrica percorrer meu corpo como um grito desesperador. Ah! Se ela soubesse todas as coisas que eu quero fazer com ela nesse momento, Yudiana não ousaria chegar tão perto de mim agora. Pularia desse carro e esqueceria que existo.

Para sempre!

— Quando se sentir confortável para contar o que houve, eu estarei bem aqui esperando, John. — Yudiana me chama pelo primeiro nome com

um jeito tão íntimo e sensual que me tira completamente o fôlego. — Sempre estarei! — afirma.

Fecho os olhos e seu cheiro toma minhas narinas como um efeito entorpecente, tirando-me do eixo. A encaro e ela me olha daquele jeito de partir o coração. O meu é impossível, já foi partido há muito tempo. Por isso viro o rosto para a janela novamente. Se "nós dois" éramos proibidos um para o outro antes, depois do que houve hoje não podemos nem dividir o mesmo espaço.

Tampouco nossos corações. Esse é o preço que pago por não saber amar de forma saudável.



Capítulo 3

Yudiana

Bem que dizem que “as palavras machucam, mas o silêncio destrói”. Estou sentindo o peso da prova na pele. Como sempre, John depois que saiu daquele bendito beco, não me dirigiu a palavra nem ao menos uma vez, nem por educação. Eu odeio esse tratamento gélido que me dá em todas as — raras — vezes que nos encontramos. É assim desde que nos conhecemos por acaso através da minha amiga Júlia.

Falando na minha amiga, meu coração está apertado ansiando por notícias dela. Preciso urgentemente saber se está bem. Tenho medo das coisas horríveis que possa ter sofrido nas mãos daquele merdinha de policial corrupto que a levou como refém.

Caí nessa cilada de sequestro para ajudar Júlia, que ia encontrar com um cara barra pesada, o tal de “Nóia”, para conseguir possíveis provas da sua inocência em um crime no qual ela foi acusada injustamente. Mas não me arrependo de nada. Não importa o que aconteceria de ruim caso Juiz Thompson não aparecesse para me salvar. Faria tudo novamente pela Júlia. Amizade não se explica. Se resume em dar força quando for preciso, estar

sempre lado a lado nas conquistas e nas derrotas, doar sem pedir nada em troca.

Ser amigo nem sempre é pensar do mesmo jeito, mas abrir mão de vez em quando, mesmo que seja da própria vida.

— Para onde vamos, chefe? — A voz grossa do segurança do John ecoa no veículo, diminuindo um pouco o clima pesado criado pelo silêncio constrangedor que se instala toda vez que eu e ele dividimos o mesmo espaço.

— Para o hospital mais próximo, James. Provavelmente as pessoas feridas no tiroteio devem ter sido levadas para lá — ordena John com o tom levemente rude. Sua testa está tomada por rugas acentuadas e grossas.

Sem olhar para mim um segundo que seja. Divide sua atenção entre a janela e o seu segurança dirigindo. Nada mais além disso.

Relaxo um pouco os ombros só de saber que estamos indo para o hospital. De lá será mais fácil conseguir informações sobre o que houve com a minha amiga. Queria perguntar para John se não poderia fazer a gentileza de ligar para os seus contatos e pedir maiores informações sobre o que aconteceu com a Júlia.

Mas como, se o homem me trata como um cão sarnento? Mal pode suportar minha presença, muito menos a minha voz.

Bufo de frustração. Por que é gentil com todos à sua volta, menos comigo? Se não gosta de mim, por que veio me salvar? Por que essa constatação sobre seu desafeto pela minha pessoa causa esse efeito devastador em mim, fazendo-me sentir indigna à sua presença? Isso me assusta. Não era para suas atitudes — por pior que fossem — me afetarem de tal forma tão arrasadora.

Tenho vontade de gritar com esse homem de rosto perfeito e áurea sombria. Parece que vive em uma constante luta interna para manter sob controle a fera que habita dentro de si.

Em vez de bater de frente com Thompson, como o meu coração grita desesperadamente de vontade, faço o contrário, compadeço-me do seu silêncio, dando-lhe espaço, pelo menos por enquanto. Já sofri o suficiente para descobrir que o melhor da vida é a experiência. E a experiência só se ganha através da dor.

A dor cobra caro, mas explica bem.

No entanto, é uma merda estarmos agora sentados lado a lado no banco de trás do carro e não poder tocá-lo para sentir o grau de calor da sua pele. Quero embrenhar meus dedos em meios aos fios grossos acastanhados do seu cabelo bagunçado caído sobre o rosto e sentir se são de fato sedosos como aparentam.

Mas é impossível. O seu desprezo por mim é tão grande a ponto de não suportar olhar para mim. Vira o rosto para a janela e permanece assim durante boa parte do trajeto. Tenso e calado. Posso ver de longe a tensão nos seus ombros largos. A única vez que me encarou quando disse seu nome foi de forma letal e fria, capaz de atravessar a alma. *O meu coração.*

Depois voltou a me ignorar novamente. Se ele soubesse o quanto isso me machuca, fingiria pelo menos um pouco de empatia por mim.

Aspiro pesadamente. O jeito arisco desse homem me esgota psicologicamente de maneira absurda. Ao mesmo tempo em que tenho vontade de dar em sua cara, tenho vontade de colocá-lo em meu colo e cuidar de todas as suas feridas. Quaisquer que sejam, carregam sôfrego do passado, o que o faz ser tão retraído e desconfiado. Alguma coisa muito grave aconteceu na vida desse homem, mas o que, meu Deus?

É como se sentisse medo de se entregar ao que sente e sofrer, ou pior, fazer sofrer a quem se entregar.

Sei lá, mas tudo em Juiz Thompson é confuso e instigante. Uma mistura perigosa. Ouvi alguém dizer — não lembro quem — que a maior parte dos homens são como imãs. Têm um lado que atrai e outro que repele. Agora vejo que é verdade.

Suas peculiaridades o deixam ainda mais irresistível. Misterioso. Sim!

Essa sombra escura em volta desse belo homem de olhar triste, cheio de medo e sinceridade que seduz facilmente, atrai como magia negra. Mas também me assusta. E como.

Thompson tem cara de problema. E dos sem solução. Meu sexto sentido diz que devo correr para bem distante dele, o mais longe possível. Porém, me falta coragem para isso. Principalmente vontade. Olhando agora para esse homem tão vulnerável atormentado pela vida sentado ao meu lado, sinto que preciso arriscar saber mais sobre ele, independentemente se vale a pena ou não.

Necessito saber mais sobre ele, o meu *anjo caído*. Que exalou tanta confiança ao segurar sua arma em punho, mais poderoso do que nunca. Curiosamente, quando ele apareceu, não senti mais medo. Bastou somente a sua presença para me fazer sentir segura.

Baixando o olhar, pensativa, prendo o cabelo em um nó falso, intencionada a disfarçar o olhar de segurança em nós dois pelo retrovisor enquanto dirige. Puta merda! O cara é enorme. Um ruivão da porra, com os cabelos cor de fogo e olhos bem azuis. A pele branquinha do tipo que cora com facilidade, fora as sardas espalhadas por boa parte da extensão de seu rosto. Será que tem descendência irlandesa? Pelo menos curioso, já vi que ele é.

Que vergonha, meu Deus! O segurança de cabelo cor de fogo deve estar acostumado a ver as mulheres ficarem babando o tempo todo em cima do chefe, como eu nesse exato momento.

Mas como não ficar?

É quase impossível.

John trajando roupas esportivas como agora, poderia ser facilmente confundido com qualquer homem comum, mas esse não é o caso dele. Não mesmo. Ele não perde a pose de superior nem dentro de um simples moletom cinza. Não é o que ele veste, e sim como seu corpo avantajado preenche perfeitamente a peça que faz toda a diferença. O esplendor está nele, não na peça em si.

Existe uma elegância sem igual na maneira com que Thompson se move. Lindo, rico e poderoso. Por que um homem como esse, pelo que parece, está sozinho? Pode ter a mulher que quiser, é só estalar os dedos.

Fora esses olhos azuis intensos que chegam a ser algo pecaminoso de tão excitantes. Imoral. São devastadoramente lindos. Impossível a mulher, por mais segura que seja, não se render ao seu charme avassalador. Sou tão pequena perto de Thompson. Indefesa. Se quisesse me destruiria num estalar de dedos.

Não queria sentir tanto medo quando estou ao seu lado, mas sinto!

Porém, existe uma frase do Ayrton Senna que se adequa ao momento:

“O medo faz parte da vida da gente. Algumas pessoas não sabem como enfrentá-lo, outras — acho que estou entre elas — aprendem a conviver com ele e o encaram não como uma coisa negativa, mas como um sentimento de autopreservação.”

Se tem uma coisa em que sou boa, é sobreviver às tempestades. Ver oportunidade onde não existe. Recomeço no que parece ser o fim.

O medo me fascina.

A gente percebe que amadureceu quando entende que nunca se perde nada nessa vida. Quando não venço, com certeza aprendo algo que levarei comigo a vida toda.

Simples assim!

O silêncio no carro é cortado pelo toque vibrante do celular de John. Acho elegante ser a quinta sinfonia de Beethoven. Cada gesto seu cheira a poder, sofisticação e elegância.

Pelo canto dos olhos observo discretamente quando tira o aparelho do bolso e encara o número na tela e desliga, voltando a me ignorar. Logo em seguida o celular de James começa a tocar, uma vez atrás da outra.

— Ele não vai desistir até conseguir falar com o senhor, chefe. Só diga que está bem e que mais tarde conversam melhor — aconselha James,

colocando seu celular no viva-voz sem pedir ordem ao chefe.

Simplesmente faz. Acho que entre eles têm intimidade suficiente para isso.

— Olá, Gonzáles, desculpa! Eu esqueci de ligar para dizer que estou bem... — diz Thompson, aparentando preocupação. A voz sai rápida e ofegante.

Porém, foi cortado rudemente pelo cara do outro lado da linha.

— Será que *tu quieres* me matar do *corasón*? — berra o tal Gonzáles. Não consigo entender direito, pois seu sotaque é bem forte, acho que é espanhol. — Por que *no* me disse que ia subir a favela e participar da porra de um tiroteio? Podia ter morrido, sabia? Se tivesse me dito, *no* deixava fazer essa loucura ou *yo* ia junto contigo — conclui irritadíssimo, mas ao mesmo tempo, deixando claro como água cristalina extraída da fonte, o enorme grau de amizade entre dois.

Existe amigo que é mais chegado que irmão.

— Por isso mesmo que eu não disse, Gonzáles. Nunca iria me perdoar se acontecesse algo com meu único amigo por conta de decisões minhas, caso se ferisse da menor forma que fosse. Jamais me perdoaria — Profere de um jeito melancólico que corta meu coração.

Único amigo? Que estranho. Uma figura tão influente como ele

costuma ter uma legião de amigos, mesmo que a maioria deles sejam falsos ou interesseiros.

— Você é um *hijo de una* puta egoísta! No pensou em como sua família ficaria se soubesse que se feriu gravemente no confronto, e *yo* mais uma vez no estava lá ao seu lado para te ajudar? Como naquele dia terrível em que você per...

Ele não consegue completar a frase. Seja lá o que fosse, é doloroso demais para dizer em voz alta.

Pelo visto, são mais que amigos. O que sentem pelo outro é coisa de irmão.

John fecha os olhos com força como se tivesse lembrado de algo muito ruim. A declaração do seu único amigo lhe acerta em cheio direto no coração.

— Mas não aconteceu nada de grave, Gonzáles. Pode ficar tranquilo, estou ótimo! Só levei um tiro de raspão no braço, nem está doendo. — O encaro de olhos esbugalhados.

Sem permissão, levo a mão até a manga de sua camisa, que agora que percebo estar suja de sangue, e ergo-a, vendo um curativo improvisado com um pedaço de pano rasgado enrolado bem firme em volta do seu bíceps como um torniquete para estancar o sangramento.

— Por que não me disse que está ferido? — pergunto antes que possa me conter. Minhas mãos tocam delicadamente o local.

Sinto a pele ficar rígida e todos os pelos dos seus braços eriçarem.

— Não me toque! — Puxa o braço bruscamente, sua face se torna dura. Como se o meu toque queimasse sua pele. Seus olhos tomam uma forma escurecida, como se o dia virasse noite assim de uma hora para outra. — Nunca mais, Yudiana. Ficou claro? — completa de forma ameaçadora. No susto, mordo a parte de dentro dos lábios e me afasto dele o máximo que posso, sentando do outro lado do banco, tão sem graça do *passa fora*, que as bochechas queimam de vergonha.

— Como quiser, “*senhor não me toque*”! — sibilo ironicamente.

— *No* acredito que essa mujer está aí com você agora. *Santa Madre de Dios!* Agora já entendi tudo. Ficou louco de vez, John. *No* basta arriscar a vida para salvá-la? *No!* Tem que trazê-la para sua vida também. Nós dois sabemos como essa história terminará.

Um silêncio crucial paira no ar. Juiz Thompson aperta as mãos com tanta força que penso que pode esmagá-las. Os olhos escureceram como o eclipse lunar. Ele fica sem palavras para argumentar com o amigo, e o espanhol profere alguns palavrões na sua língua nativa, depois desliga na cara de Thompson.

Grosso!

Depois de John respirar pesadamente, balança a cabeça de olhos fechados e ombros caídos devido ao peso da culpa por ter ferido os sentimentos do dramático espanhol esquentadinho boca suja do caralho.

O silêncio volta a reinar dentro do carro. Eu, constrangida com a situação, e John calado na ponta do banco, com a expressão fechada evitando ao máximo encostar em mim.

— Não se preocupe, chefe. O senhor conhece bem o temperamento desse espanhol. Quando se encontrar com ele, nem vai lembrar da raiva que está sentindo agora. Tem o sangue quente dos espanhóis, mas o coração mole dos brasileiros.

James tranquiliza o chefe, enquanto gira o volante com maestria para entrar em uma curva à direita.

Só então a expressão de John suaviza um pouco e sua respiração é controlada. Então, a sessão tortura de silêncio para comigo continua. Será que ele não cansa nunca de me machucar? Balanço a cabeça, magoada. Chega a ser engraçado o fato de a maioria das pessoas que passam pela minha vida se acharem no direito de partirem meu coração.

No entanto, para mim isso termina por aqui. Se ele quer me ignorar, que se foda! Farei o mesmo. Também sei ser indiferente quando quero e com

mais requinte de crueldade do que ele.

Viro o rosto para a janela, louca para sair desse maldito carro o mais rápido possível. Algum tempo depois, John liga para alguém que lhe dá notícias sobre o tiroteio. Presto atenção e sorrio aliviada quando ouço que a outra vítima do sequestro — no caso, minha amiga Júlia — foi resgatada em segurança.

Mas logo fico apreensiva novamente, levando a mão ao peito, preocupada ao saber que Delegado Ricardo Avilar levou um tiro e está sendo operado às pressas, correndo risco de morte. Pelo que entendi, seu caso é gravíssimo e isso me deixa extremamente preocupada. Minha amiga deve estar com o coração destruído vendo o homem que ama entre a vida e a morte.

Ainda bem que estamos indo para o hospital onde eles estão. Não vou desgrudar de Júlia até ter certeza que está bem.

— Chegamos, chefe! — informa o segurança, que estaciona o carro na entrada do hospital Nossa Senhora das Dores.

Como um verdadeiro cavalheiro que sei que esconde debaixo dessa máscara de "coração de gelo", Thompson sai do carro e dá a volta com a clara intenção de abrir a porta para eu sair. Não lhe dou tempo para isso, aproveitando a oportunidade de mostrar que posso ser fria também.

Escorrego para o lado oposto e saio do carro sozinha, com o nariz em pé, caminhando a passos firmes à procura da recepção do centro médico. Sem saber para onde ir, paro e peço informação para uma enfermeira que passa por mim.

— Poderia, por favor, me informar onde fica a sala de espera do centro cirúrgico? — pergunto para a loira alta com o jaleco mais curto do que o padrão seguido pelas outras profissionais de saúde presentes. Tão apertado que seus peitos explodem para fora. A boca está lambuzada com um batom vermelho fosco.

Mas o que me incomoda mesmo, é o chiclete velho que a criatura não para de mascar um segundo feito uma garrucha velha.

— Fica na primeira à direita, querida, não tem erro! — ela responde para mim, mas seu olhar está fixo em algo por cima do meu ombro. Já até faço ideia em que. Ou melhor dizendo, em quem.

O poderoso Juiz Thompson.

Às vezes fico me perguntando, como deve ser ter essa aparência perfeita? Que chama a atenção de todos quando passa, parecendo uma obra de arte.

— Obrigada, querida! — digo ironicamente e sigo meu caminho revirando os olhos, sem paciência. Ela está cheia de sorrisinhos para ele.

Vaca oferecida!

Continuo pelo caminho indicado, tendo John atrás de mim pelos corredores, pisando duro, tentando seguir meu ritmo, contorcendo o rosto e resmungando algumas coisas as quais não consigo decifrar.

Meus olhos inundam-se em lágrimas ao ver minha amiga de longe andando de um lado para outro pelo piso branco da sala de espera do centro cirúrgico, *pra lá* de angustiada. A roupa toda desalinhada e suja de sangue, com certeza do Delegado. Coitada! Provavelmente estava com ele no momento em que foi baleado. Isso explica o tamanho de seu desespero.

Quando Júlia vira o rosto em minha direção, percebo o quanto está vermelho e inchado de tanto chorar. A alegria ao me ver é comovente, seu sorriso mesmo que em meio às lágrimas é lindo!

— Que bom que você está bem, amiga. Eu estava tão preocupada! — ela diz com a voz chorosa e eu vou correndo ao seu encontro, abraçando-a o mais forte que consigo.

— Eu também estava muito preocupada com você, Júlia. E o Delegado, como está?

— Muito mal, Yudi. Era para eu ter levado o tiro, mas ele entrou na frente para me salvar. — Me surpreendo.

Ricardo ganhou todo meu respeito depois dessa. Sempre duvidei do

seu amor pela minha amiga, mas agora provou o tamanho dos seus sentimentos por ela. Espero de coração que possa sair dessa e os dois possam enfim ter o final feliz que tanto merecem. Ambos já sofreram muito. Chega de tanta dor e mágoa.

Júlia me faz inúmeras perguntas sobre como consegui fugir do Binladem, eu me esquivo o máximo que posso, pedindo para deixar esse assunto para outra hora e focar na recuperação do Delegado. Não posso contar sobre as minhas suspeitas em relação ao que o Juiz Thompson possa ter feito, mas também não quero mentir para minha amiga.

Contudo, a situação fica ainda mais bizarra quando a recepcionista da sala de espera liga a televisão no exato momento em que a programação normal do canal é cortada para anunciar informações urgentes sobre o tiroteio na favela da Rocinha. Primeiro o repórter mostra a gravação do resgate do Delegado Ricardo Avilar, feito pelos bombeiros logo depois que levou o tiro, para então dar a notícia principal, que me tira totalmente do eixo.

“O traficante mais perigoso do país, Binladem, acaba de ser encontrado morto em um beco da Rocinha com dois tiros na cabeça.”

Meus olhos vão direto ao encontro de Thompson. Sua postura está mais fria e distante do que nunca. Agora não tenho mais dúvida. Ele matou um homem por mim.



Capítulo 4

John

Fecho os olhos pesadamente, sentindo meu coração rasgar dentro do peito. Yudiana examina-me detalhadamente, horrorizada após ver através da televisão da recepção o noticiário anunciando a morte de Binladem, que mostra algumas fotos embaçadas do local onde seu corpo foi encontrado executado em um beco com dois tiros na cabeça.

Só de pensar que Yudi deve estar com repulsa de mim pelo que fiz, me apavoro. Faz mais de cinco minutos que ela me encara fixamente, paralisada em uma espécie de transe pós-traumático, sem nem ao menos piscar. Ainda bem que os familiares do Delegado Avilar chegam e eu consigo me afastar um pouco, discretamente encostando na parede do corredor à direita da sala de espera do centro cirúrgico.

Fico com pena de Júlia. Suas feições são as mais tristes possíveis. Mal consegue falar, só chora, preocupada com a situação do Delegado Avilar. Ela não ficou tão abalada assim nem mesmo no dia em que foi presa, acusada injustamente pelo sequestro da filha do mesmo homem sendo operado neste momento, entre a vida e a morte, responsável pelas lágrimas de angústia e

medo de perdê-lo que deslizam pelo seu rosto.

Observo a expressão de afeto de Yudiana ao ver a alegria da filha de Júlia chegando ao hospital e encontrando a mãe depois de vários dias separadas.

— Mamãe? — grita a pequena de cabelos ruivos com os lábios trêmulos e olhos marejados.

— Que saudade de você, meu amor. Vem aqui me dar um abraço — diz Júlia para a filha, que imediatamente solta a mão da avó paterna e corre ao seu encontro, fazendo os cabelos ruivos voarem.

— Que saudade, mamãe. — Abraça o pescoço de Júlia com força.

— Eu também senti muitas saudades de você, Sofia. — Ela alisa o rosto cheio de sardas da menina.

— Por que me chamou de Sofia e não de Maria Lara, mamãe? — questiona a menina inocentemente, enquanto coloca o cabelo da mãe atrás da orelha, tirando atenciosamente alguns ciscos entre os cachos medianos.

— Porque esse é o seu nome verdadeiro, meu amor. Eu já te expliquei sobre isso, lembra? — A pequena assente, desanimada, mas não faz pirraça ou reclama.

A cena, apesar de triste, é encantadora. Embora não haja nenhum laço de sangue, o elo maternal entre as duas é inspirador. Depois do que vou

revelar agora, graças ao Delegado Avilar será ainda maior.

— Na verdade, não é mais, Júlia. — Ela me fita por cima do ombro desconcertada, então explico: — A audiência que teve no fórum mais cedo com Ricardo foi devido ao processo que ele abriu de retificação de registro civil para modificar o nome da filha para Maria Lara Sofia Avilar — revelo de uma vez só. Não tenho mais motivos para guardar esse segredo a pedido do Delegado, já que o mesmo se encontra correndo risco de vida.

Júlia precisa saber que ele a ama de verdade. Que o homem ao qual duvida amá-la de verdade, trocou oficialmente na certidão da filha, o nome que deram para ela, jamais imaginando que veio parar em suas mãos através de um sequestro.

— Ricardo alegou qual motivo para fazer isso, Juiz Thompson? — indaga ela em estado de choque, mal conseguindo parar de pé.

— O Delegado disse que era em homenagem a uma das duas mães da criança, Júlia Helena da Silva, que escolheu esse nome para a filha antes mesmo de ela saber de sua existência. — A mulher empalidece, porra! Acho que fiz a escolha errada revelando isso a ela, mas agora é tarde demais para voltar atrás. — Ele pediu minha descrição no caso, Júlia, então montei a audiência e convoquei o Juiz Fernando Paes, da Vara da Fazenda Pública e de Registros Públicos, que autorizou seu pedido, portanto, perante a lei, a

partir de hoje o nome da menina é Maria Lara Sofia Avilar — Júlia cai dura no chão, desmaiada. A emoção foi grande demais. Todos se comovem para socorrê-la, inclusive Yudiana.

Permaneço mais um tempo no hospital para ter certeza de que não é grave, Júlia teve apenas uma queda de pressão. Depois de me certificar que ela está bem, parto sorrateiramente. Eu já me expus demais, é hora de sair de cena de vez.

Chego em casa quarenta minutos depois, cansado e cabisbaixo. Como James havia previsto em relação ao Gonzáles, lá está o espanhol, sentado na calçada da varanda na frente da minha casa, me esperando.

— Me perdoe pela *ligación* grosseira, amigo. *Yo* estava muito nervoso por me deixar por fora de algo tão grave. — Meu melhor amigo, único, na verdade, levanta e me abraça.

— Você sempre esteve ao meu lado, irmão. Sempre. Obrigado por não me abandonar, mesmo quando mereci ser abandonado por todos ao meu redor. — De repente paro de respirar. Algumas lembranças ruins vêm à minha mente para me lembrar o porquê nunca mais devo amar alguém novamente.

Ser amado.

No dia seguinte ao sequestro, veio ao meu conhecimento que a cirurgia do Delegado foi um sucesso e ele não corre mais risco de vida. Fui visitá-lo algumas vezes no hospital em segredo, regrando os horários para não me encontrar com ela.

Yudiana Jackson.

Desde então não tenho notícias dela, e já se passaram meses.

Não a vi mais desde o dia do sequestro na favela. Não compareci no casamento de Ricardo e Júlia — ao qual fui convidado pessoalmente pelo noivo assim que teve alta do hospital —, apenas para evitar um encontro inesperado. Soube que o casal está esperando um filho e estão enfim vivendo o seu “felizes para sempre”.

Os dias vão passando e o vazio no meu peito cresce ainda mais. Não tenho animação para nada. Minha vida anda mais monótona do que o costume, o sol sem brilho e as noites mais frias. Não consigo parar de pensar em Yudiana. Ser obrigado a permanecer longe dela é um martírio.

— Tens certeza que *no* quer sair para curtir comigo hoje a *noche*, John? — Perdi a conta de quantas vezes Gonzáles fez o mesmo convite.

Porém, depois de receber tantas respostas negativas da minha parte,

sua animação não é mais a mesma de quando apareceu na minha casa a trinta minutos atrás dentro de um jeans justo e camisa branca de mangas compridas com a gola baixa, deixando a metade do seu peito de fora. Segundo ele, esse truque é infalível para levar uma mulher para a cama em menos de quinze minutos.

— Eu não gosto de lugares com muitas pessoas, Gonzáles, você sabe muito bem disso. — Desvio o olhar da tela do meu leitor digital apenas para encará-lo por alguns segundos, daquele jeito que deixa óbvio que sua visita pode finalizar quando quiser, que não fará falta.

— Então *no* vou também! É um desperdício enorme *uno hombre hermoso* como *yo* passar uma sexta-feira a *noche* em casa só porque meu melhor amigo *no* quer ir para a farra comigo, mas *todo bien*, amanhã vou as forras e como bocetas em dobro para compensar o atraso de *hoje*. — A sua sinceridade é visível no seu nariz empinado. Às vezes o tamanho de seu ego me assusta.

A modéstia de fato não faz parte de uma das suas qualidades.

— Você só pensa em festa no seu tempo livre, Gonzáles? — É uma pergunta retórica, mas ele obviamente faz questão de responder assim mesmo.

— Mas é claro que *no*! Que tipo de *hombre* acha que sou? —

pergunta, ofendido, cruzando os braços e franzindo a testa. — *Yo* penso em sexo também, ora essa — conclui de cara fechada, como se eu tivesse ferido sua virilidade.

— Você não existe, Gonzáles! É uma peça rara que precisa ser estudada — ironizo, aspirando com vigor.

Conversar com esse espanhol às vezes é um esgotamento mental sem medida.

— Que bom que *tu sabes* que *no* existe outro igual a mim por aí. Sou praticamente um milagre de *Dios*. Uma força da natureza. Ainda bem que sou modesto, se *no* ninguém me suportaria. — Seus olhos brilham ao falar de si mesmo. Balanço a cabeça, esboçando um sorriso.

— Eu realmente não estou afim de sair, Gonzáles, mas também não quero que estrague sua noite animada ficando em casa comigo. Pode ir com Deus, e divirta-se por mim.

— *Yo* vou ficar aqui fazendo companhia para você sim, amigo, ponto final! *No* conseguirei me divertir sabendo que o príncipe das trevas está sozinho nesse mausoléu que chama de casa — debocha enquanto senta emburrado ao meu lado, em umas das cadeiras reclináveis que tem em meio ao jardim. Gosto de passar horas nessa área da minha casa à noite, lendo sob a luz das estrelas.

Sempre me identifiquei com a escuridão. Ambos somos frios, tristes e solitários. Sombrios.

— Eu estou acostumado a ficar sozinho no meu “mausoléu”, Gonzáles. Por que toda essa preocupação agora comigo? Acho que estou um pouco velho para precisar de uma babá. — Me levanto, chateado com o fato de ele não confiar mais em me deixar sozinho. Depois que conheci Yudiana, pensa que vou atrás dela e colocar tudo a perder.

Vou até a piscina e sento na beirada, deixando a metade das pernas na água. Por poucos centímetros não molha a barra da minha bermuda de nylon preta.

— Desculpe, John. *No* é isso que está pesando. *Yo* confio minha vida em você, crescemos juntos, somos praticamente irmãos. — Gonzáles vem até a piscina, tira os sapatos e dobra a calça até o joelho, e logo está sentado ao meu lado, mergulhando os pés na água também.

— Quando vai me contar o que está escondendo de mim desde que recebeu uma ligação mais cedo quando estava saindo do fórum? Não me convidou para sair à toa, conheço muito bem o amigo que tenho. Seus planos era me embriagar para depois jogar a bomba, estou certo? — Inclino-me um pouco para o lado e encosto meu ombro no seu. Pelo péssimo semblante em seu rosto, logo percebo que algo está errado.

Gonzáles está sério, o que é algo muito raro de acontecer. Sabia que esconde algo de mim, só não esperava que fosse tão grave a ponto de roubar sua personalidade extrovertida.

— Hoje à tarde o seu chefe de segurança, James, me ligou para informar que descobriu que Yudiana está de viagem marcada para a Colômbia, de férias. De férias bastante prolongadas. — Sua revelação me acerta como um *jab* direto no queixo. Fecho os olhos como se estivesse de fato sentido a força do impacto do soco. — Agora talvez perceba que *no* foi má ideia *yo* querer te embebedar antes de contar isso, *no* é mesmo, John? — Um turbilhão de emoções me impede de responder de imediato, sou obrigado a respirar um pouco antes.

Uma coisa é me manter longe da Yudiana aqui no Rio de Janeiro. Mas, outro país? É exigir demais do meu autocontrole. Preciso ser forte para não demonstrar meu desespero com a notícia. É como morrer por dentro, enquanto sorrio por fora.

— Por que o chefe da minha equipe de segurança contou essa informação para você e não diretamente para mim, Alejandro Gonzáles? — Elevo a voz.

Dessa vez é ele quem me encara nostálgico.

— Porque *yo* mandei ele me manter informado sobre todos os passos

dela, porra! — grita com a adrenalina de sua “razão” queimando nas veias. — *Yo* no confio em *ti* depois do dia do sequestro. Como *no* consegue ver que está perdendo o controle novamente? — Sua voz grave elevada é uma mistura de raiva com mágoa. Decepção.

E o meu melhor amigo não sabe nem da metade do que de fato aconteceu na favela no dia do sequestro da Yudiana. Se soubesse que matei um homem para mantê-la segura, provavelmente estaria fazendo um escândalo ou até pararia de falar comigo, afinal, ninguém quer ser amigo de um assassino.

Agora tem um lado meu que nem mesmo Gonzáles — que me conhece melhor que ninguém — sabe que existe.

— Quem pensa que é para controlar minha vida, Gonzáles? Você não é o meu pai!

— *Graças a Dios!* — retruca com pouco caso.

Eu o conheço, realmente está chateado comigo. Por isso decido recuar. Se um amigo briga com a gente por uma atitude que não acha certo, é porque se importa.

Se não se preocupa, é porque tanto faz.

E se tanto faz, nunca foi amigo.

— Desculpa ter agido sem pensar naquele dia, mas se acontecesse

alguma coisa com Yudiana, eu... — Não consigo terminar a frase.

Desvio o olhar para a piscina com a água brilhante devido o reflexo da luz da lua cheia embelezando o céu, opinando em deixar todos os meus medos mais obscuros subentendidos.

Por mais que confiemos em alguém, certas coisas só Deus e nós devemos saber.

— *Yo no* desculpo, John! Tem *noción* do susto que levei quando vi a notícia na tv, imaginando que meu melhor amigo estava metido em meio a um tiroteio na favela da Rocinha? Pensei que fosse morrer — resmunga.

Ele é metido a valentão, mas é uma manteiga derretida quando se trata das pessoas que ama. Sempre foi assim. Desde quando éramos apenas meninos do jardim de infância.

Esse seu jeito galinha é por conta do medo que tem de perder alguém que ama, por isso foge do amor igual o diabo foge da cruz. É cômico saber que eu sempre quis poder amar alguém, mas não posso. Enquanto ele pode, contudo, tem medo.

— Sabe que eu não posso admitir que ela viaje para fora do país sem proteção, não sabe? — Assente, contrariado.

— Sim, porém, *yo* que vou cuidar da segurança dela de agora em diante. Chega de bancar o herói. Precisa se manter longe dessa *mujer* antes

que o pior aconteça. Com ela. Pode ficar tranquilo que a protegerei com *mi* vida se for preciso — garante, sincero.

— Protegê-la como se você não gosta dela, Gonzáles? — Ele sabe que Yudiana é diferente das outras...

Ele sabe!

Por isso se preocupa tanto não somente comigo, mas ainda mais com o desastre que posso fazer na vida de Yudiana.

O jeito petulante dela me enfurece e isso é perigoso demais. Para ela.

— *No* tenho nada contra Yudiana. Em outra *ocasión* até poderia sermos grandes amigos. Mas aí *yo* lembro dos demônios do passado que ela pode trazer de volta para sua vida, então prefiro prevenir do que remediar mantendo-a longe. — afirma.

— Ficar longe dela já destrói meu coração, Gonzáles.

Ele bufa sem paciência.

— Será que *no* já se feriu demais por causa desse seu romantismo desenfreado, John? *Santo Dios mío*. Por que simplesmente *no* pode seguir meu exemplo "pegar sem se apegar", fodê-la algumas vezes e depois descartá-la e partir para a próxima? — Ele balança a cabeça, decepcionado por eu não ser um destruidor de corações como é, como se houvesse algum tipo de honra nisso. — Por isso *yo no* me apaixonarei nunca! Amor só traz

dor e prejuízo para a vida da gente, *no* quero isso para minha vida jamais — decreta quase em juramento.

Eu quero assistir de camarote quando esse espanhol se apaixonar de verdade, por uma mulher que, diferente do que está acostumado, vai dizer não para ele.

— Cuidado, Gonzáles! Não é a gente que escolhe se apaixonar ou não. Simplesmente acontece — alerta.

— Vire essa boca para lá, *muchacho*. Vai que essa praga pega? *Madrezita me* livre! Para que vou querer ter uma *mujer*, se posso ter várias ao mesmo tempo? — expõe seu ponto de vista falando de mulher como se fosse um pedaço de carne, com tanta naturalidade que me surpreende pela falta de tato em relação ao sexo oposto.

Examino-o, perplexo.

— Você não tem vergonha de ser tão cafajeste, espanhol?

— Nem um pouquinho. Aprenda uma coisa, John: viva sempre do seu jeito. *Yo* nasci para ser feliz, *no* para agradar aos outros. *No* trepo com nenhuma *mujer* à força. Elas que vêm no meu rastro como abelha no mel. Nunca precisei correr atrás de ninguém. Vai ser assim para sempre, soy irresistível.

Sério que essa criatura existe mesmo?

— Desisto! Definitivamente, você não presta. Coitadas das mulheres que atravessam seu caminho — brinco, mais relaxado, encho a mão de água da piscina e jogo nele, que dá um sobressalto, sendo pego de surpresa pela minha traquinagem.

É por isso que sempre nos demos tão bem. Um entende os defeitos do outro e acima de tudo respeita. Sem julgar, ofender ou humilhar. Nossa amizade não é perfeita, contudo, cada vez mais unida e firme como uma rocha.

— É assim que yo quero te ver, *mi* amigo. Animado. — Ele fica sério de repente, tenho até medo quando isso acontece. Desvia o olhar para o nada e continua. — Por isso a mantereí longe de você, até mesmo servirei de babá. — Ele olha para o céu estrelado acima de nós, o semblante calmo. Sempre admirei sua resiliência ante a qualquer situação.

— Dessa vez farei a escolha certa, Gonzáles. Não vou repetir o mesmo erro. Se for para alguém sair ferido desta história, que seja só eu. — Faço uma pausa, o evocativo do passado sempre me abala. — Promete que vai cuidar da segurança dela para mim? Eu prometo nunca mais tocar em seu nome ou saber qualquer coisa que tenha algum tipo de ligação com Yudiana Jackson. — *O que seria a mesma coisa que morrer*, penso comigo.

Quando tínhamos dezessete anos passamos por algo parecido, mas

deixei minha virilidade falar mais alto e não aceitei sua ajuda, pensando que conseguiria resolver a situação sozinho e no final perdi o que mais amava no mundo.

— Combinado, então, mas será tudo do meu jeito! — ele diz com um olhar semicerrado e um tom deixando claro que não aceitaria nenhuma negociação, afinal, é um dos melhores advogados desse país. — *No* quero ninguém da sua equipe nisso. Tenho meus contatos que valem mil vezes mais. — Faz mistério. Quando não abre o bico é porque tem coisa errada no meio.

— Que contatos, Gonzáles?

— Gangsters colombianos já estão avisados da viagem de Yudiana e vão ficar de olho nela. Só vai se aproximar dela quem eles autorizarem. Os criminosos levam isso de *protección* muito a sério na Colômbia — diz, dando de ombros, muito bem informado sobre o mundo do crime.

— Como conheceu essa gente? E por que eles vão fazer esse favor para você? — questiono.

Ele respira entediado com a minha chuva de perguntas, como se fosse jogar essa bomba e eu deixasse por isso mesmo.

— Os primos de segundo grau de minha *madre* são os chefões da máfia colombiana. Independente do grau familiar, eles prezam que o costume

de proteção à família seja em qualquer lugar do mundo. Pode confiar em mim, yo sei o que estou fazendo. — Ele nem precisa dizer. Sempre confiei nele e será assim para sempre.

Meus Deus! Meu amigo é parente dos chefões da máfia colombiana e eu só fico sabendo agora.

— Eu confio em você, Gonzáles. — Olho para ele sentado ao meu lado com os pés balançando dentro da água. Tem o olhar vigilante de um homem que não é passado para trás facilmente. — Sempre foi assim e agora não há de ser diferente — confirmo, firme.

Mas triste.



Capítulo 5

Yudiana

— Tem certeza que colocou na mala tudo o que vai precisar na viagem, guria? — pergunta Joe, meu ex chefe e grande amigo, enquanto guarda minhas bagagens no porta malas do seu carrão novo.

— Acho que pela quantidade de coisas que estou levando, é muito mais do que realmente preciso. Daria para viver na Europa por um ano tranquilamente — brinco ao abrir a porta do banco de trás e jogar tudo sobre ele. Realmente exagerei ao arrumar minha bagagem.

— Mulher é assim mesmo! Onde vai quer levar a casa toda enfiada dentro da bolsa. Chegando no destino compra mais o dobro do que levou — diz ele, que ri mesmo tempo. Seus olhos giram dentro das órbitas.

Eu paro por um momento, encostando as costas no capô do carro, de braços cruzados para observar Joe, lembrando do dia em que ele me encontrou largada no mundo e cuidou de mim como se fosse sua filha.

Na época, meu pai havia me mandado embora de casa quando tinha apenas dezessete anos. Só porque, cansada de ser abusada pelo meu tio várias

vezes, enfim, tomei coragem de contar para ele as barbaridades que o seu irmãozinho caçula querido fazia comigo desde que era apenas uma criancinha inocente. Pensei que faria justiça o colocando atrás das grades, que cuidaria de mim e protegeria de todo mal do mundo.

Mas não!

Em vez disso, me jogou na rua com a roupa do corpo como punição por blasfemar contra um homem de Deus, missionário fiel. Ainda disse que o diabo estava em mim, intencionado a destruir a honra da nossa família em público, mas ele não admitiria que isso acontecesse. Então se livrou de mim. Simples assim.

Minha mãe não estava em casa no dia, mas se estivesse não faria diferença. Não teria feito nada para me defender, já que sempre baixou a cabeça para as maldades do meu pai. Depois do ocorrido, ela nunca me procurou para saber se estou viva ou morta. Bem, isso deixou claro para mim que não me amava como todas as mães deveriam amar seus filhos.

Eu era apenas uma menina assustada, ferida. Covardemente abandonada pela minha própria família. Logo eles, que deveriam cuidar de mim, foram os que mais me machucaram.

Depois de morar na rua por semanas, eu estava prestes a me jogar da ponte e acabar com minha vida, foi quando Joe, que passava na rua na hora,

me impediu de fazer essa loucura e ainda ofereceu trabalho no seu “Clube Luxos”. Quando ele falou que o trabalho era como dançarina, eu não quis aceitar de jeito nenhum, sentia-me exposta e suja com seu convite. Ofendida.

Depois de tanto perrengue que passei, pensava que não conseguiria subir em um palco com um monte de pessoas me olhando. Mas Joe me explicou que eu precisava ser mais forte do que isso e deixar os meus medos para trás, seja lá o que tivesse acontecido no passado. Não tive coragem de contar a ele sobre os abusos que sofri na infância. Mas no fundo acho que ele sempre soube, por isso é tão atencioso comigo.

Mesmo assim ainda tive anseio de aceitar, mas Joe jurou de pé junto que nunca deixaria nenhum homem encostar o dedo em mim contra minha vontade. E de fato cumpriu sua palavra até recentemente, quando me formei na faculdade de Direito e pedi demissão. Com dor no coração aceitou. Sorte ou não, em pouco tempo no ramo acabei me tornado a apresentação mais lucrativa do clube.

Sempre levei meu trabalho muito a sério, fiz cursos de dança e balé. De todas as apresentações que fiz, as de pole dance são as que mais gostei de protagonizar. Por mais simples que sejam os passos, a adrenalina é algo incomparável a qualquer outra coisa que já fiz na vida.

— Por que está me encarando assim, mulher? — Tenho um

sobressalto com o grito de Joe, volto das lembranças do passado e o encaro.

Pensa num negro lindo de perder o fôlego! Alto e careca, com o corpo esguio, mas sem exageros. O cara tem estilo, anda sempre elegante de roupa social de marca cara. Homem de sorriso fácil, brincalhão, e com o coração do tamanho do mundo.

— Estou pensando em como vou sobreviver um mês longe de você, o pai que Deus de meuá que o biológico não cumpriu seu papel como deveria. — Lágrimas transbordam em meus olhos. Joe, percebendo que vou desmoronar, me acolhe em um abraço fraternal. Sempre diz que sou a irmãzinha caçula que os pais dele não lhe deram.

— Eu também vou sentir muitas saudades de você, minha nega. — Apesar de não ter idade suficiente para ser meu pai, desde que me conheceu age como se fosse. — É minha filhota do coração, um presente de Deus em minha vida — diz com a voz tomada pela emoção.

— Espera um pouco! Você está chorando? — indago ao sentir algo molhando minhas costas.

Afasto-me um pouco e ergo a cabeça para encará-lo melhor, ele pigarreia e disfarça.

— Mas é claro que não, Índia. Homem não chora, ainda mais um negão do meu tamanho. — Gargalha, mostrando os belos dentes brancos, que

em contraste com sua pele escura se tornam ainda mais incríveis de tão alinhados e bem cuidados.

Joe mesmo quando estou fora do palco me chama de Índia, apelido que recebi para preservar minha identidade, assim como todas as outras meninas que trabalham lá. Apenas ele e minhas melhores amigas, Júlia e Dani, sabem dessa minha vida secreta de stripper. Usamos no Clube Luxos, em todas as apresentações, máscaras e um pseudônimo marcante, ao invés do nome verdadeiro.

Algumas oferecem aos clientes outro tipo de “programa” mais tarde, mas só aquelas que querem. Joe nunca obrigou nenhuma de suas meninas a se prostituir. Ao contrário, incentiva-nos a estudar. Se me formei em Direito recentemente, foi porque ele me deu total apoio.

— Sei! — brinco, batendo em seu ombro. — Agora vamos. Não quero perder meu voo para a Colômbia. — Ele assente, jogando as chaves do seu carrão novinho em folha nas minhas mãos.

— Você é quem dirige hoje, Índia!

— Arrasou, Joe! Por isso te venero, cara — dramatizo.

Vamos conversando durante o caminho todo. Meu corpo está presente, mas os pensamentos longe.

Nele, meu anjo caído...

Porém, por ora, só quero me desligar de tudo. Me isolar. Estou tão feliz pela minha amiga Júlia, que enfim encontrou seu final feliz ao lado do homem que ama. Nem acredito que ela e o Delegado acabaram de ter gêmeos e eu serei madrinha de um deles no batizado que será logo após o meu retorno da Colômbia.

Quando eu contei para Júlia e Dani sobre minha decisão de viajar por um mês para fora do país, minhas amigas *super* me apoiaram. À noite tive a certeza de que fiz a escolha certa em tirar férias quando o avião pousou sobre o solo colombiano e eu vi o quanto esse país é lindo.

Voltarei para casa com muitas aventuras na bagagem, o coração leve e cheio de paz. Bem como energias positivas.

Nem dá pra acreditar que mal pisquei os olhos e já se passaram três semanas que estou na Colômbia. As horas voam aqui. Foram os melhores dias da minha vida. Agora, andando a passos lentos pelas ruas de um bairro charmoso localizado numa pequena cidadezinha, posso afirmar, com certeza, que é mil vezes mais bonito do que as fotos que vi na internet durante minha detalhada pesquisa para decidir em qual país passaria um mês de férias para

relaxar e colocar os pensamentos em ordem.

As pessoas são amorosas e gentis. Moram em casas pintadas de cores alegres e vibrantes, tendo como predominantes o amarelo, vermelho e verde. A impressão que tenho é de estar caminhando em meio a um belo arco-íris nascido depois de uma chuva longa. Poderia morar nesse lugar pelo resto da minha vida, é tão acolhedor. A comida deliciosa, clima quente e agradável. Posso me imaginar fazendo esse trajeto de bicicleta todos os dias para ir trabalhar.

No entanto, não adianta fingir! Eu deixei raízes profundas no Brasil, as quais não sei se conseguirei me soltar um dia. Mesmo tão distante, Juiz Thompson está tão presente em mim que, às vezes, quando fecho os olhos, consigo sentir sua presença tão intensa, que sinto seu cheiro delicioso de colônia amadeirada. Minhas pernas perdem totalmente o equilíbrio, as mãos tremem, acompanhado de um calor infernal que irradia por todo meu corpo, concentrando-se em meio as pernas.

Não sei o que acontece com meu corpo quando penso em John. Perco totalmente o controle das minhas emoções e desejo. Também, o cara parece um deus do sexo. Um orgasmo ambulante. Seus lindos olhos azuis me seduzem em questão de segundos.

Será que sua beleza tem o mesmo efeito em todas as mulheres?

Com certeza.

Depois de quase me masturbar em público só pensando nele, volto para o meu quarto no hotel onde estou hospedada, sentindo a mesma sensação estranha de quando estava no Brasil, como se tivesse sendo seguida com vários olhos me vigiando por toda parte. Às vezes penso que estou ficando louca. Talvez sempre tenha sido. Mesmo assim, por garantia, tranco a porta assim que entro.

Na primeira noite que passei aqui na Colômbia, tive um dos pesadelos que tenho desde o primeiro dia em que fui abusada pelo meu tio. Acordei no meio da noite toda suada e chorando muito, pedindo socorro. O quarto estava escuro, mas não senti medo. Podia sentir que não estava sozinha, era como se meu anjo da guarda estivesse ali do meu lado, protegendo-me de todo mal. Acabei virando para o lado, sonolenta.

Antes de voltar a dormir, senti uma mão fazendo carinho no meu cabelo bem de leve. Então, ouvi o meu anjo da guarda sussurrando em meu ouvido:

— *Durma bem, minha menina. Não vou deixar que ninguém te faça mal nunca mais...*

Apenas sorri, caindo no sono profundo novamente, acordando só na manhã seguinte com uma ótima sensação de não estar mais sozinha nesse

mundão louco. Numa *vibe* positiva, sentindo-me mais segura do que nunca.

Uma pena que daqui a uma semana já volto para casa. Ainda bem que consegui visitar quase todos os pontos turísticos que eu queria. Valeu muito a pena ter vindo. Quero voltar mais vezes futuramente.

Após arrumar as minhas compras de hoje, como Joe havia dito, comprei mais duas malas para levar as coisas que comprei nas lojas daqui. Tomo um bom banho, deito na cama só de calcinha e sutiã, mas o sono não vem. Não consigo pensar em mais nada além de Thompson. Fico excitada toda vez que lembro do seu olhar quente e pecaminoso sobre mim.

A gente tenta dormir, esquecer, deixar de lado. Mas é complicado. Não dá pra tirar da cabeça o que está grudado no coração.

Decido levantar e tomar uma ducha, e como o clima da noite está agradável, visto um vestido branco fresco todo rodado que pega no meio das coxas. Passo uma maquiagem leve só para disfarçar o cansaço de passar o dia batendo perna por aí. Calço sandálias de salto alto para ficar pelo menos apresentável para descer para o bar luxuoso desse hotel. Tudo aqui é de muito bom gosto.

Preciso beber algo bem forte!

Assim que entro no elevador, percebo que minha chegada não é despercebida. Olho para o lado e vejo um loirão gato e o homem me fita de

cima abaixo descaradamente. Chega a ser constrangedor. Mas não de forma desrespeitosa. Apenas curioso, interessado, talvez.

— Brasileira, não é? — ele pergunta, sorrindo atraentemente em um português péssimo. Pelo sotaque parece americano.

Viro o rosto para encará-lo, e agora reparando com mais calma, percebo que é mais bonito do que pensei. Olhos claros, porte físico musculoso e muito elegante dentro de uma calça social cinza e camisa azul escuro.

— O que me entregou? — respondo com outra pergunta, seu sorriso se amplifica.

Ele gostou da minha ousadia.

— Eu já estive várias vezes no Brasil a negócios e digamos que vocês brasileiras foram premiadas por Deus no quesito corpo escultural. — O homem passa a mão pelo cabelo, todo cheio de charme, girando os olhos na minha bunda.

— Obrigada pela parte que me toca. Espero que vocês gringos consigam ver nas brasileiras muitos mais do que apenas peito e bunda — respondo, mas não em um tom grosseiro, com os olhos fixos no visor do elevador, louca para chegar no andar que fica o bar do hotel.

— Com certeza vocês não são apenas beleza externa. Tenho

experiência de sobra no assunto para dizer que são as mais carinhosas também. — Dá um passo para o lado, encurtando a distância entre nós, me olhando daquele jeito "vem cá, minha nega". Para minha sorte as portas do elevador se abrem no andar que vou ficar.

Não saio antes de lhe responder. Odeio deixar assuntos inacabados.

— Mas nós somos carinhosas apenas com quem merece, meu amor. Porque quando não é esse o caso, conseguimos nos transformar no seu pior pesadelo. Há quem diga que no verdadeiro diabo em pessoa quando estamos nervosas. — Sorrio sem mostrar os dentes e vou embora.

Mesmo após cinco passos, ainda ouço sua gargalhada alta. Balanço a cabeça, rindo também, vou até o balcão do bar e sento em um dos banquinhos altos.

Enquanto o barman atende outro cliente, olho ao meu redor sentindo-me totalmente familiarizada com o ambiente. Não tem muitas pessoas, mas as que têm são animadas, dançando com o copo de bebida na mão ao som de uma banda tocando ao vivo num ritmo contagiante. Não tem como ficar triste em um lugar como esse.

O teto é enfeitado com vários guarda-chuvas abertos variados em cores fortes, as mesas estão enfeitadas com flores naturais. Bem ao meio do salão, tem uma fonte com a escultura de uma mulher nua com água

escorrendo pelo seu corpo esbelto.

— Então, esqueci de dizer que as brasileiras também têm um gênio do cão quando contrariadas. — Quase caio do banco de susto quando ouço a voz divertida do homem que estava no elevador, sentando no banco ao meu lado, carregando duas taças de champanhe nas mãos.

Quando ele chegou aqui que não vi?

— Temos sim, e muito! — afirmo.

— É, eu sei bem disso, pode ter certeza. A última que conheci destruiu meu coração e ainda tentou me dar o golpe do barriga. Aquela golpista! — De repente o ar divertido some do seu rosto e ele baixa o olhar, deslizando impacientemente os dedos pelos fios de cabelo dourados.

Então, logo mudo de assunto...

— Acho que não nos apresentamos adequadamente. Sou Yudiana Jackson.

— Prazer em conhecê-la, senhorita. Sou Oliver Quent. O que a traz a Colômbia?

— Acabei de me formar em direito, estou aqui de férias. E você?

— Bom, acabei de comprar este hotel e mais outros seis espalhados pelo país. Ou seja, estou aqui a negócios — revela, sem nenhuma pretensão, como se dissesse que ser podre de rico fosse a coisa mais comum do mundo.

— Essa taça de champanhe é para mim ou vai beber as duas? — brinco.

— Não, eu trouxe para você, Yudiana. — Me entrega a taça olhando nos meus olhos, daquele jeito que promete uma noite daquelas, regadas a sexo selvagem.

— Cuidado! Porque se beber demais pode acabar tomando o café da manhã deitada totalmente nua na minha cama — zomba.

— Vai sonhando, branquelo — digo, tocando meu ombro no seu. Ele solta uma gargalhada ainda mais alta do que a que deu no elevador.

Eu acabo rindo também e parecemos dois loucos assim. Sabe aquele tipo de pessoa que deixa o ambiente agradável só com a presença? Então, Oliver Quent é uma delas.

Sem perceber, estamos muito perto um do outro. O clima fica tenso, e não me sinto atraída por ele, mas com um homem lindo e simpático desse tão perto, não tem como não ficar ao menos mexida com a presença.

Busco socorro no meu champanhe para aliviar a tensão, mas ao levar a taça à boca, quase morro engasgada com o que vejo atrás do Oliver, em uma parte mais escura do salão.

Tem um homem usando um casaco comprido de capuz, cobrindo a metade do rosto. Um pequeno feixe de luz da pista de dança cai sobre seus

olhos, fazendo-os brilhar em contraste com a escuridão. Ele tem os punhos trincados, olhando fixamente para nós com uma ira eminente.

Me levanto imediatamente e deixo a taça sobre o balcão, tossindo sem parar.

— Meu Deus, Yudiana, você engasgou! — Oliver pula do banco e começa a dar tapinhas nas minhas costas. Tento respirar, ele pede uma água ao garçom que traz correndo. Depois de beber um pouco, me sinto melhor.

— Você reconhece aquele cara ali olhando para nós? — pergunto em meio a tosse, com a voz praticamente engolida.

— Que cara, Yudiana? — indaga ele, confuso. O homem misterioso sumiu.

— Esquece. Acho que estou delirando. Obrigada pela bebida e boa noite! — Volto praticamente correndo para o meu quarto, trancando as portas e janelas, e me enfio debaixo do chuveiro com roupa e tudo.

Sento no chão do banheiro e choro de um jeito que não choro há muito tempo. Na verdade, desde a última vez que sofri abuso do meu tio. Depois que consigo me acalmar um pouco, saio debaixo do chuveiro e me ajeito para dormir. Como esperado, tenho pesadelo com o cara que vi escondido nas sombras lá do bar do hotel.

Depois de uma noite pra lá de mal dormida, acordo um caco pela

manhã. O dono do hotel, Oliver Quent, me manda um buquê de flores com um bilhete, dizendo que já voltou para os Estados Unidos, mas que esperava que eu estivesse melhor. Achei muito gentil de sua parte.

Não consigo comer nada durante o dia todo, ainda tão apavorada com o que vi na noite passada que não consigo colocar o pé do lado de fora do quarto. Passo o tempo todo deitada, alternando em ligações para minhas amigas Júlia e Dani, além de Joe. Levo horas pendurada no celular falando com eles.

Como meu irmão caçula, Edmilson, não se contenta só em ouvir minha voz, faço uma chamada de vídeo que dura mais de duas horas. Falar com meu irmãozinho sempre me anima. Ele é único da minha família com quem ainda tenho contato, mas escondido dos nossos pais, é claro, porque se descobrir castiga o pobre do menino. Tentei acompanhar seu crescimento da melhor forma possível, mesmo às escondidas, sempre indo até sua escola para vê-lo ou quando a baba o levava para passear.

Sem ânimo para continuar na Colômbia, adianto a minha passagem de volta para o Brasil. Não durmo na minha última noite nesse país, passo em claro pensando na vida. O silêncio da madrugada, às vezes, pode ser revelador, assim como o privilégio de presenciar a noite se transformando em dia.

Todo mundo deve pelo menos uma vez se desligar de tudo por um dia apenas para observar o nascer do sol, é algo revigorante. Encosto a cabeça no vão da porta da varanda do meu quarto para assistir a grande bola de fogo surgindo gloriosamente por trás das montanhas, formando o crepúsculo mais lindo que já vi, o céu sendo tomado por uma coloração alaranjada ardente em alguns pontos, aparentando labaredas de fogo.

Passei a noite sentada numa poltrona macia e confortável que fica em frente à janela panorâmica do meu quarto, me deliciando com a bela imagem da cidade de Bogotá, na Colômbia, lugar que escolhi para me esconder durante vinte e cinco dias.

Mas as férias acabaram! É hora de voltar para casa. Corro animada até o banheiro para fazer minha higiene pessoal, meu coração está cheio de esperanças em relação a uma certa pessoa misteriosa que tem ocupado um grande espaço no meu coração.

Após terminar de me arrumar, desço na recepção para fechar minha reserva. Quase caio para trás quando o atendente me fala que minha estadia ali é uma cortesia do dono do hotel, pois minha passagem ali foi uma honra.

Que homem maravilhoso, meu Deus!

Peço um táxi para o recepcionista e vou para o aeroporto com um sorriso bobo no rosto. A noite meu avião pousa no Rio de Janeiro, chego a

respirar com facilidade só de saber que estou mais perto de Juiz Thompson.

— Bem-vinda de volta ao Brasil, amiga! — A comemoração enfática da minha amiga Dani Flores ao me ver, apontando no portão de chegada do aeroporto Galeão, no Rio de Janeiro, me faz lembrar o porquê me orgulho tanto de ser brasileira.

Amamos sem moderação, sorrimos quando temos vontade, e falamos o que pensamos à queima roupa, sem nos importarmos muito com a opinião alheia. Fora que sabemos apreciar a vida como ninguém, isso é um fato.

— Que saudades eu senti de vocês, suas mocreias — brinco.

Amigas de verdade sempre xingam a outra. Faz escândalo quando vê de longe, briga quando é preciso, comemoram juntas as vitórias. Sempre têm uma palavra de conforto nos momentos mais difíceis e, acima de tudo, um ombro amigo para dar. Afinal, se dividem a alegria, na dor não seria diferente.

— Pelo visto ela voltou com o vocabulário mais sujo do que foi, Júlia. — Dani revira os olhos esverdeados, cutucando o braço da Júlia, a mamãe mais linda desse mundo. Nem parece ter dado à luz recentemente em um parto prematuro, e mesmo assim veio para me receber.

— Ah, vai se foder, Dani, sua vaca! — Mostro o dedo do meio para ela.

— Pensei que não iria voltar mais, Índia. Como é bom ter você e a sua boca suja de volta. — Júlia acena em meio a um fluxo grande de pessoas também à espera de seus entes queridos, e abre um sorriso gigantesco.

Sempre achei Júlia uma mulher linda, com seu corpo sexy e os belos cabelos cacheados que eu tanto amo. Se pudesse escolher, o meu seria assim, mas minhas madeixas não pegam cachos nem fazendo manualmente com bobs. Mas a maternidade a deixou ainda mais bela, com um brilho especial nos olhos. Único. Fora o fato de ela estar com um vestido salmão bem justo na altura do joelho, não aparentando nenhum sinal de barriguinha pós-parto. É algo simplesmente incrível. Já os peitos, triplicaram de tamanho.

Eu amo poucas pessoas no mundo, mas ela e a loira patricinha maluca dando pulinhos de alegria e batendo palminhas ao mesmo tempo, estão entre elas.

— Você está maravilhosa, amiga. E as crianças, onde estão? — Solto as malas de qualquer jeito no chão e me aconchego dentro dos seus braços, que me esperavam abertos. Se tem uma coisa para a qual Júlia nasceu, é ser mãe.

— Ficaram com o pai mais babão do mundo. Ricardo não deixa os gêmeos no berço nem dormindo. — Balança a cabeça, rindo, e fico imaginando, ela e o Cavalão, brigando por conta disso pelo resto da vida. É

sempre assim. A mãe ensina de um lado e o pai estraga do outro, mimando. — Carrega eles para cima e para baixo o dia todo. Tirou até um tempo do trabalho para me ajudar a cuidar deles.

Ainda não vou muito com a cara do marido da minha amiga, mas tenho que admitir que essa atitude de sua parte é muito bonita.

Ele pode agir como um babaca, às vezes, mas sendo um ótimo pai para meus sobrinhos e amando Júlia loucamente, para mim já está ótimo. Esses dois foram feitos um para o outro. Quando estão perto dá para ver o amor saindo por todos os poros. Uma melação sem fim. Agora que os filhos nasceram, então, a alegria deles está completa. Chega a ser enjoativo de tão grande.

— E eu não vou ganhar abraço, Yudiana? — Daniela cruza os braços com uma tromba enorme, fazendo pirraça. Ela é a típica filhinha de papai, mimada. Fala e se veste como uma adolescente do ensino médio. E faz drama por qualquer coisa, até por uma unha quebrada.

Mas eu a amo assim mesmo, e muito.

— Claro que sim, loira, vem aqui. — Lhe dou um abraço tão forte que deixo sua blusa rosa claro de seda toda desalinhada, assim como a saia jeans curta cheia de pregas. Recebo um olhar feio seu, mas dou de ombros, mostrando a língua.

— Amiga, tem que ver como nossos afilhados cresceram. Estou tão ansiosa com o batismo que já até mandei fazer meu vestido com um estilista francês que desenha as roupas da minha mãe, *famozérrimo*.

Eu e a Júlia nos entreolhamos. Quando nossa amiga começa a falar sobre moda, não tem hora para parar. É só Deus na causa.

Eu e ela seremos madrinhas dos gêmeos. Ainda não sei quem serão os padrinhos, pois isso ficou por conta de o Ricardo escolher.

— Acho melhor levarmos Yudiana para casa logo. Você deve estar muito cansada, não é mesmo, amiga?

— Estou muito, Júlia. — E estou mesmo. Não consegui voo direto, então tive que fazer duas escalas. Por má sorte vim em uma poltrona ao lado de um cara que roncava muito e não consegui dormir nem um pouquinho. — Mas não tanto para chamar minhas amigas para almoçar comigo no melhor restaurante da cidade, tudo por minha conta. Tenho muitas histórias para contar sobre o último mês que passei na Colômbia — concludo.

— Ótima ideia, Índia. *Mim estar* morta de fome — zomba a Dani e mostro a língua para ela enquanto me ajuda a arrastar as malas. Júlia queria nos ajudar, mas não deixei.

— *Mim* poder ajudar sim, Índia. — Ela faz beicinho, entrando na brincadeira.

— Deixa isso, mulher, que eu e a Dani damos conta. Não pode pegar peso. Acabou de sair do período de resguardo de um parto de risco. — Me zango com ela, que puxa a mala de um lado e eu do outro.

Mulher teimosa!

— Pode acreditar em mim, amiga. Desde que o médico me autorizou a voltar para minha rotina normal há alguns dias, que eu venho pegando peso muito maior do que essa malinha aí. — Aponta para o objeto no chão e a expressão de Júlia com as sobrancelhas calculadamente curvadas em um aro perfeito, me faz gargalhar.

Não precisa ser muito inteligente para saber do que ela está falando. Danada! Está é certa. Tem que aproveitar bastante do marido gostoso que tem.

— Alguma coisa me diz que esse peso todo deve ter um metro e noventa e cinco de altura, noventa quilos, cara de mau, com belos olhos azuis e um distintivo no bolso, acertei? — brinco e ela dá um sorrisinho.

Afastando alguns cachos teimosos sobre o rosto — que numa fração de segundos voltam para o mesmo lugar que estavam —, Júlia me fita maliciosamente. Como é bom ver minha amiga feliz desse jeito.

— Na mosca! Assim que terminei a consulta de rotina com meu médico, saímos da clínica e entramos no primeiro hotel que encontramos na

mesma rua e colocamos o tempo que passamos sem sexo em dia. — Nós três rimos muito enquanto arrastamos as malas até o carro. Colocamos no porta-malas do carro da Dani e seguimos caminho para o restaurante italiano divino “*Lalola*”, onde o irmão de Júlia trabalha agora como gerente.

Assim que o carro entra em movimento, sentada no banco da frente do lado do carona, abaixo o vidro e coloco o rosto para fora, sendo envolvida por uma sinfonia de ruídos do Rio de Janeiro. Odeio sentar no banco de trás.

O fluxo fervoroso de pessoas caminhando pela calçada é contínuo, assim como os carros à nossa volta, um grudado no outro. É sempre assim, até nos finais de semana. Todos apressados como se tivessem atrasados para algum compromisso. Eu sempre amei essa agitação toda, tanto que não me vejo morando em outro lugar que não seja nessa cidade maravilhosa.

Chegamos ao restaurante em pouco mais de vinte minutos. Binho nos recepciona como um verdadeiro cavalheiro, nos encaminhando para a melhor mesa disponível. De garçom, agora se tornou gerente daqui.

— Sabia que a Dani acha seu irmão um gato, Ju? Acho que ela gosta dele — digo assim que me sento, fazendo Dani ter um pequeno ataque de tosse, afinal, o Binho está de pé bem ao seu lado, esperando para anotar nossos pedidos.

Eu com essa minha mania de falar tudo o que penso, ainda vou me

colocar em maus lençóis...

Ô, se vou!

— Pelo amor de Deus, Yudiana! — rosna a loira e eu jogo meu cabelo para trás, fingindo que não é comigo. Tinha é que agradecer que agora o gostosão do irmão da Júlia sabe que ela é afim dele.

— E você só me vem dizer isso agora, Yudi? Se eu não tivesse pedido minha melhor amiga, Jaque, em namoro ontem, com certeza não deixava uma garota tão doce e linda com a Dani escapar, mas tenho certeza que em breve vai aparecer um cara de muita sorte que irá fazê-la muito feliz. — Binho dá aquela piscada de olho charmosa para o lado dela, que suspira, encantada. Mas com o olhar triste.

Bom, se ela não era apaixonada por ele, agora vai ficar, com certeza. O cara é o sonho de toda mulher. Trabalhador e honesto. É lindo de morrer, uma pele negra maravilhosa e olhos verdes iguais, na cor esmeralda.

— Você não presta, Yudiana Jackson! Deixa meu irmão fazer o trabalho dele em paz. Está matando nossa amiga de vergonha. — Júlia espera o irmão virar as costas para gargalhar com vontade, ajeitando-se na cadeira. Dani vira o rosto para o lado, vermelha como um tomate.

Sei lá, às vezes penso que ela é boca virgem. Em anos de amizade nunca a vi com ninguém, acho que nem amigo homem tem. Suas paixonites

são sempre agudas, mal fala com o cara e já está amando, mas é tímida demais para se jogar em cima, fica de longe olhando até que estejam comprometidos como no caso do Binho.

— Isso não tem graça, Yudi. Depois ainda diz que é minha amiga. Eu aqui, louca para te contar que o meu pai foi transferido para outro fórum e vai precisar de um novo assessor... Por ser filha dele não posso, porque seria nepotismo. Para concorrer a essa vaga e tantas outras no meio jurídico, é preciso fazer uma prova complexa, mas todo juiz pode indicar até três pessoas para assessorá-lo. Logo pensei em você. Como quer trabalhar na área criminalista, a hora é essa — Os meus olhos brilham de esperança devido ao que minha amiga patricinha disse, sinto no ar um cheirinho de recomeço.

— Essa vaga já é minha, amiga, pode ter certeza! Vou me esforçar para isso. Obrigada por lembrar-se de mim, loira. Te amo. — Chego a ficar sem ar. Essa é a chance que eu estou esperando para ingressar no meio jurídico.

— Vai com calma, Índia! Você é nova nesse ramo. E o sonho de todos os advogados é trabalhar ao lado de um juiz tão respeitado como meu velho, o veterano Marcus Flores. Então, se quiser levar essa, vai ter que se esforçar mesmo tendo costas quentes por ser minha amiga.

Dani não economiza elogios quando o assunto é o pai. No lugar dela

faria o mesmo.

Juiz Marcus sempre compareceu em todos os eventos da filha na faculdade. A mima de todas as formas possíveis. Ele e a esposa não tiveram mais filhos.

— Eu vou dar o meu melhor, Dani, prometo! — Dou a volta na mesa redonda e a abraço, espalhando beijos pelo seu rosto. Ela não aguenta e sua tromba se desmancha em risos.

— Sai para lá, sua escrota. Ainda não te perdoei pela vergonha que me fez passar na frente do irmão da Júlia. O que Binho vai pensar de mim agora? — Não disse que essa criatura é a rainha do drama? Valha-me Deus!

— Vai me perdoar se eu te acompanhar em um suco natureba? — Finjo que vou vomitar enfiando o dedo na garganta, e ela se diverte com minha encenação, mas logo pede um suco de couve com hortelã.

Ainda faz a coitada da Júlia nos acompanhar. Ela leva de boa, dizendo que não é nada perto das vitaminas malucas que o Ricardo a fez tomar durante toda a gravidez. Todos os dias. Para acompanhar, pedimos *risoto à piemontese*. Não paramos de tagarelar um minuto. Elas querem saber se fiquei com alguém na Colômbia.

Como se eu conseguisse pensar em alguém além do meu moreno vingador.

Logo corto o assunto. Não posso contar o que aconteceu na favela da Rocinha. Isso é um assunto só meu e do Juiz Thompson. Só nosso. Mas também não posso mentir para minhas amigas, então prefiro desviar o foco da conversa. Instigo Júlia a contar sobre o batizado dos bebês. Ela salienta que ainda não sabe quem serão os padrinhos dos gêmeos, já que escolheu a Dani e eu para sermos madrinhas, e o pai escolherá os padrinhos. O bonito está fazendo suspense.

Falando no Cavalão, a todo momento o celular de minha amiga apita anunciando uma nova mensagem. Pelo o jeito que ela ri quando lê, tenho certeza que é do Delegado e algo bem romântico. Está para nascer homem mais meloso. Santo Deus! —Tomo o celular da mão de Júlia e gravo um áudio para o bobão do Ricardo. Implicar com ele me diverte.

— Pelo amor de Deus, Ricardo! Deixa minha amiga se divertir em paz aqui no Clube Luxos. Nem abrimos a terceira cerveja ainda. — Ela pega de volta o aparelho e belisca a minha perna com força, e eu rio muito alto quando o celular dela começa a tocar sem parar.

— Você provocou o furacão, agora se vira. — Júlia coloca o celular sobre a mesa e desliza até mim, depois volta a comer seu risoto tranquilamente.

— Quero ver se livrar dessa agora, Indiazinha — provoca Dani,

olhando para mim de cenho franzido debochadamente, por cima dos seus óculos escuros, enquanto se delicia do suco verde natureba através de um canudinho listrado branco com vermelho, fazendo um barulho irritante, como uma menininha implicante.

O sol bate nos fios loiros de seu cabelo, fazendo um brilho especial. Sua pele é tão branca e lisa que parece de porcelana. Seus ouvidos estão em pé, pronta para ver o marido da nossa amiga fazendo um escândalo do outro lado da linha.

— E aí, cavalo, como vão as coisas? — Estalo a língua segurando o riso. Dá pra ouvi-lo bufando como um animal selvagem preso.

— Será que eu poderia falar com a Júlia? Mulher com quem casei recentemente e tenho três filhos. Dois deles mal têm dois meses que nasceram e estão querendo mamar enquanto a mãe está enchendo a cara a essa hora da manhã na porra de um Clube erótico. — A cada palavra o homem aumenta mais o tom de voz, acredito que a raiva também.

Delegado ciumento!

— Muita calma nessa hora, Ricardão. Se você não estivesse com tanto ciúme pesaria melhor que a essa hora não tem show no Clube Luxos. E mesmo se tivesse, a mãe dos seus filhos jamais colocaria uma gota de álcool na boca enquanto está amamentando os gêmeos. A propósito, nesse exato

momento ela está bem na minha frente, comendo um risoto maravilhoso acompanhado de um suco horrível de couve com hortelã escolhido pela Dani.

Ele fica em silêncio por longos segundos, penso até que desligou na minha cara.

— Você tinha colocado no viva-voz, não foi? — diz por fim, mansinho quase em um sussurro, morto de vergonha.

— Eu amamenteei muito bem meus filhos antes de sair, Delegado. Posso não ser uma esposa perfeita, mas sou uma ótima mãe. Sempre fui. Meus filhos são a minha vida, a melhor parte de mim — Júlia rosna como uma onça defendendo suas crias, mas não está nervosa e sim se divertindo, colocando o marido em saia justa.

— E você é a minha Júlia. Acho que não são os gêmeos que precisam de você o tempo em casa. Mas, sim, eu. Eu te amo a cada segundo mais. É tão linda que morro de ciúmes de você e sabe muito bem disso e ainda deixa suas amigas loucas me irritarem. — Pronto. Começa a melação. Reviro os olhos. O fato de ele se declarar com o seu jeito rude, deixa tudo mais fofo e faz minha amiga derreter toda. — Eu me tornei dependente do seu sorriso, da sua voz doce, e do seu cheiro de flores. Sua alegria me contagia, principalmente pela mãe amorosa que é. A esposa perfeita e...

Corto o barato dele, pois se deixar vai o dia todo se declarando para a

esposa.

— Já entendemos. Você está perdoado, Cavalão.

Digo interrompendo o discurso romântico, antes que vire a manhã toda nisso. Que tipo de homem se declara assim para a esposa na frente das amigas? E não só porque deu mancada, ele diz esse tipo de coisa o tempo todo para ela.

Pensando bem, depois da barra que esses dois passaram para ficar juntos, têm que se declararem um para o outro dia e noite mesmo.

— Eu também te amo muito, amor. Como as crianças estão? — inquire ela, tomando o celular da minha mão, mas não tira do viva-voz.

— Com saudades da mãe, assim com o pai delas — o homem resmunga.

— Mamãeee, quando você vai voltar? Papai não sabe fazer trança na minha boneca, preciso da sua ajuda — Maria Lara grita ao fundo da ligação. Pelo jeito que gargalha, acho que o pai está fazendo cosquinhas nela.

— Que família linda a de vocês. Mal posso esperar para quando meu príncipe encantado chegar e sermos felizes para sempre. — Dani tira o canudo da boca para suspirar, encantada. Ela ainda acredita nessas baboseiras de príncipe encantado e não sei mais o que.

Eu sempre a invejei por conta disso. Ela teve uma infância como toda

criança deveria ter. Feliz e divertida, cheia de ilusão e personagens encantados da Disney.

No meu caso, só havia monstros e demônios que me atormentaram por longos anos.

— Viu, amor?! Precisamos de você aqui com urgência. Volta logo para casa — O Delegado faz charme.

— Chego em casa em breve, amor. Não se preocupe. — Depois de pelo menos dez minutos de juras de amor, eles enfim encerram a ligação.

Fico em silêncio observando minhas duas melhores amigas rindo enquanto conversam sobre amenidades do dia a dia, e penso em como é bom estar de volta em casa. Sinceramente, não sei como consegui ficar tanto tempo longe das pessoas que amo. Sinto que muitas coisas vão acontecer em minha vida daqui para frente. Espero que boas.

Ao termino do almoço nos despedimos gratas pelo tempo maravilhoso que passamos juntas. Em seguida vou direto para casa, completamente exausta, me jogo no sofá, deitando toda largada. Meus planos são descansar meia hora e depois tomar um banho bem gostoso, deixando a água morna cair sobre meu corpo por um longo tempo, levando embora minha tensão física e mental ralo abaixo.

Porém, sou traída pelos meus pensamentos assim que encosto a cabeça na almofada, fechando os olhos. A primeira imagem que vem à minha cabeça é do dia que estava conversando no bar do hotel com Oliver, e vi aquele homem estranho com o capuz na cabeça, escondido nas sombras, nos observando com os punhos trincados como se nós estivéssemos fazendo algo de muito errado. Estou preocupada. Será que depois de tanto tempo meu tio resolveu voltar a me perseguir como quando eu era criança? Por mais que tentasse me esconder dele, sempre me achava.

Só de pensar que posso voltar a viver aquele inferno, meu estômago embrulha. Nunca mais vi meu tio depois que meu pai me expulsou de casa. Sofri o pão que o diabo amassou em casa, mas valeu a pena porque me livrei daquele monstro.

Mudo de posição deitando de lado no sofá, tentando pensar apenas em coisas boas agora. Então, a imagem *de Thompson* toma conta da minha mente com tudo. O meu anjo caído. Como a gente pode sentir tanto a falta de uma pessoa que nem faz parte da nossa vida? Cacete! Esse homem mexe muito comigo. Preciso vê-lo o quanto antes para sentir essa sensação de total segurança que sinto apenas quando estou com ele.

Uma ideia me vem à cabeça. Arriscada, porém tentadora.

Eita, porra! Não acredito que estou fazendo isso, penso, falando em

voz alta.

Já parada em frente a porta de um dos quartos deste hotel cinco estrelas de uma cidade vizinha do Rio Janeiro, respiro fundo. Em uma rápida pesquisa na internet que fiz antes de sair de casa às pressas, descobri que o pessoal convidado para um evento jurídico envolvendo os homens da lei mais importantes desse país, ficariam hospedados por dois dias, participando de várias reuniões e palestras.

Agradeço a Deus por isso, afinal, na casa dele ia ser muito mais difícil eu conseguir falar com ele, devido aquela montoeira de segurança. Com muita sorte, o máximo que eu conseguiria chegar seria na porta da frente. Aqui bastou apenas três notas de cem reais na mão da camareira do hotel para que ela me colocasse dentro do hotel e ainda descobrisse em que quarto juiz Thompson está hospedado.

Contudo, agora que estou na frente do seu quarto, sinto-me apavorada, mas não dirigi algumas horas até aqui depois de chegar de uma longa viagem, para desistir. Nunca fui mulher de dar para trás e não pretendo começar agora. Tenho muitas dúvidas sobre o que de fato aconteceu no dia do sequestro e exijo respostas.

Já faz vários meses desde a última vez que nos vimos no hospital. Longos meses...

Ele simplesmente sumiu depois desse dia. Evaporou como fumaça ao vento. Não tive mais nenhuma notícia a seu respeito e a mídia continua falando o tempo todo em quem será o assassino do famoso traficante, Binladem, no beco. Eu tenho certeza de quem foi, mas preciso ouvir diretamente da boca de Thompson, ou nunca conseguirei ter paz.

— E vai ser agora mesmo! — Penso alto novamente, dessa vez com mais ânimo. Encho o peito de ar e bato na porta, pronta para o que der e vier.

Perco toda a coordenação motora do meu corpo quando a porta começa a abrir lentamente, pensando se valeu mesmo a pena ter subornado a camareira desse andar para me trazer até aqui.

E se ele não gostar de me ver?

E se mandar me prender?

For grosso?

— Quem é você? — A voz um pouco elevada da pessoa desnuda à minha frente me faz recuar um passo para trás, assustada. Ergo o olhar e respondo à altura, mantendo a posse.

— Desculpe, moça. Acho que confundi o número e bati na porta errada. — Não sei se estou mentindo ou de fato dizendo a verdade.

A mulher de corpo escultural vestida apenas com uma camisa azul — masculina — me olha de cima abaixo, avaliando em mim o mesmo que eu

avalio nela: o fato de sermos praticamente idênticas! Ambas altas, corpo farto em curvas, pele em um tom de caramelo intensificado e os cabelos lisos e longos abaixo da cintura. Traços faciais exóticos, tendo em destaque lábios carnudos em formato de coração.

Estou no típico momento em que a gente quer dizer tanta coisa e acaba não dizendo nada.

— Deixe-me adivinhar. Seu nome é Yudiana, não é? — pergunta ela, quase em um sussurro, como se estivesse com medo de alguém ouvir a nossa conversa, então muda de posição, diminuindo a abertura da fresta da porta.

— Sim, esse é o meu nome. Como sabe? — indago, desconfiada.

Essa situação está cada vez mais estranha. Para disfarçar meu nervosismo, enfio as mãos nos dois bolsos da minha jaqueta de couro preta.

— Uma mulher nunca esquece quando um homem goza chamando o nome de outra com tanto desejo. — Ela joga assim, no susto, e eu empalideço. Não somente por saber que a camisa que está no corpo dessa desconhecida é de Juiz Thompson, mas também por imaginar que ele tenha gozado chamando meu nome depois de transar com uma mulher parecida comigo. Caramba!

Eu deveria estar com ódio dele nesse momento por ter transado sabe lá quantas vezes com outra mulher enquanto a idiota aqui estava percorrendo

um longo caminho apenas para vê-lo, com o coração batendo forte de saudade. Mas não estou nem um pouco zangada!

Dizem por aí que a cada mil mulheres, apenas uma tem a capacidade de ver o lado positivo ante uma grande decepção amorosa. Chora e grita, transformando uma simples garoa numa tempestade inteira. Talvez não seja o fim da história, mas a falta de tato e percepção das coisas no momento faz com que se transforme.

Bem...

Acho que sou uma entre essas mil mulheres, porque não penso em desistir do Juiz Thompson pelo que vi aqui. Na verdade, me deu gás para decifrar esse homem misterioso e o que ele tanto esconde.

Sendo sincera, me desculpe a mulher que já transou com um cara que disse o nome de outra enquanto goza. Mas saber de tal coisa da boca da mesma, é excitante pra caralho.

Juiz Thompson que me aguarde!

— Então acho que bati na porta certa. Mas no momento errado. — Digo jogando uma piscadela, e a moça sorri, entendendo o que eu disse. Acho que é uma entre mil, também. — Se puder não comentar com ele que me viu aqui, agradeço muito — Peço com jeitinho.

— Pode contar comigo e boa sorte quando o momento certo chegar.

—Pisca para mim de volta, cúmplice.

Ouçó um barulho vindo de dentro do quarto. Saio praticamente correndo em direção ao elevador, antes que minha presença surpresa seja descoberta por Thompson.



Capítulo 6

John

Sentado na mesa do meu gabinete, através da extensa janela, observo o milagre da natureza que é o dia se transformando vagarosamente em noite. Nem acredito que sobrevivi a mais um dia intenso de trabalho nesse fórum. Amo o que faço, mas devo admitir que é extremamente estressante às vezes. Esgotante, na verdade. Depois de ler e assinar uma pilha de documentos referentes aos meus últimos julgamentos, ajeito minha mesa para enfim ir embora.

No entanto, sou impedido antes mesmo de chegar à calçada.

— Por favor, senhor, eu preciso muito da sua ajuda. — Levo um tremendo susto quando uma mulher sai de dentro de alguns arbustos do jardim vindo a passos desesperadores em minha direção, como se tivesse esperado muito tempo por essa oportunidade.

Ela aparenta ser mais velha do que é, extremamente magra com os olhos castanhos arregalados, cabelo todo bagunçado e vestes desalinhadas. Em seus braços tem uma criança de no máximo um ano e mais outras duas ao

seu lado, entre cinco e oito anos. Ambas com roupas bastante simples, apresentando sinais visíveis de destruição.

— Ei! Se afaste dele agora mesmo, senhora. — No susto, meus seguranças imediatamente interferem, agindo rápido na ação de abordagem à pobre mulher.

Fico com o coração partido em vê-la lutando o máximo que pode com eles para conseguir falar comigo. As crianças começam a chorar, assustadas, implorando para que soltem a mãe deles.

— Por Deus! Soltem essa mulher agora mesmo, James! — ordeno para meu segurança e os demais paralisam ao mesmo momento.

Não somente autorizo sua aproximação, como aceito ouvi-la. Seguindo a intuição de que eles passaram um bom tempo na frente do fórum esperando uma oportunidade de falar comigo, os convido para um café em uma lanchonete na esquina, afinal, devem estar morrendo de fome, principalmente as crianças.

— Obrigada por essa refeição, doutor. As crianças estão o dia todo sem comer — a mulher fala com os olhos lacrimejantes, observando os filhos sentados na outra mesa com James, comendo tudo o que estão com vontade enquanto gargalham das palhaçadas que ele faz.

Me compeço com a triste história de vida dessa pobre mãe,

desempregada e sozinha com três filhos pequenos para criar. Seu nome é Valquíria, ela é moradora da periferia do Rio do Janeiro. Segundo ela, veio atrás de mim orientada por uma vizinha a pedir ajuda direto a um juiz. O tempo todo afirma que o marido foi preso injustamente durante uma tentativa de assalto milionário ao Banco Central. Recordo-me desse caso com clareza. Foi julgado por uma juíza bem conhecida no país, isso já faz mais de um ano.

— Como tem tanta certeza que o seu marido é inocente, senhora? — indago, examinando-a fixamente. Se estiver mentindo, saberei.

— Porque um dos motivos para eu me apaixonar pelo meu marido foi por conta de seu caráter. Enquanto na adolescência os outros meninos trabalhavam como aviõezinhos para os traficantes na favela, Maycon andava dois quilômetros para estudar e a tarde vendia bala no sinal para ajudar a família em casa. — A intensidade do seu relato me emociona. Sinto que devo ir mais fundo nessa história.

— Entendo perfeitamente. Mas para a justiça, esse depoimento da senhora não valerá de nada. Se ele foi condenado é porque faltou provas para inocentá-lo — explico o mais claro que posso.

— Quando meu marido foi preso, conseguimos um bom advogado público, mas muitas provas da sua inocência foram negadas. Ele afirma ser devido ao fato de envolver um erro da polícia em prender um inocente.

Dificultaram tudo durante o processo para manter sua falha encoberta — relata, deixando-me constrangido em como funciona as leis desse país, onde a corda arrebenta sempre para o lado do mais fraco.

Infelizmente isso acontece com mais frequência do que parece. No meio jurídico é um fazendo favores para o outro, até mesmo condenar uma boa pessoa a anos de prisão para manter sua honra limpa perante a sociedade.

— Eu farei o que estiver ao meu alcance para que a verdade seja esclarecida nessa história, doa a quem doer. Contudo, devo alertar que a situação do pai dos seus filhos é mais grave do que parece. Até porque, a condenação definitiva e prisão partem do pressuposto de uma decisão transitada em julgado. Ou seja, quase imutável.

— Como assim, doutor? Eu não entendo essas palavras difíceis direito, mas o senhor está dizendo que não importa se meu marido é inocente ou não, ele continuará preso? — Ela se desespera.

— Não estou dizendo que é impossível, mas será muito difícil provar a inocência dele, devido ao fato de ele ter sido condenado e o caso ter transitado e julgado, não admitindo, em geral, mais recursos, entende? — Ela assente, usando a gola da blusa para enxugar suas lágrimas. — Eu vou precisar analisar esse caso detalhadamente, avaliar a natureza do crime e a competência para o julgamento. Seja do juiz envolvido, tribunal ou júri —

concluo, falando bem devagar, tentando passar-lhe o máximo de clareza e confiança possível.

— Então o senhor vai nos ajudar?

— Dentro das minhas possibilidades, sim. Primeiro a senhora precisa procurar um bom advogado pedindo que ele entre com um pedido de revisão criminal, requerendo demonstração de novas provas, alegando erro judiciário. Assim o caso poderá ser julgado novamente, anexando provas do antigo julgamento, com as novas que eu mesmo farei questão de ir atrás dentro das minhas limitações — prometo. É o mínimo que posso fazer diante dessa situação vergonhosa.

Pior do que um bandido à solta, é manter um inocente preso por um crime que não cometeu. Isso é inadmissível.

— Muito obrigada, senhor. Nem sei como agradecer. — A mulher com a pele tomada por rugas, não de velhice, mas sim de constante sofrimento, sorri esperançosamente e aperta minha mão.

— Procure esse advogado público, é o melhor que conheço. Diga que foi eu que indiquei. Ele logo saberá que se trata de um caso especial. — Escrevo o nome em um pedaço de guardanapo e entrego a ela.

Depois das crianças terminarem de comer, peço James que os levem para casa. Mas que antes passe no mercado e compre comida suficiente para

alguns meses, depois eu vejo o que fazer para ajudá-los mais.

Durante o caminho até minha casa, fico pensando nesse caso. A verdade é que vai ser bem complicado trabalhar nele. Contudo, é até bom para eu me distrair um pouco. Quase enlouqueci há um mês quando soube que Yudiana iria viajar para fora do país. Tive que me controlar para não fazer uma merda das grandes e por pouco não fui pego em flagrante numa situação a qual não saberia explicar depois.

Preciso ser mais cuidadoso.

Porra!

O que essa mulher foi fazer na Colômbia? Ainda bem que já voltou para o Brasil recentemente. Fiz aquele espanhol maluco jurar que continuará cuidando dela como se fosse sua própria vida.

Falando nele, já estou pronto para mais um dia intensivo de trabalho pela manhã, quando o espanhol folgado me liga.

— Bom dia, Gonzáles! — cumprimento-o.

— *Buenos dias*, amigo — diz em meio a um bocejo longo, com o sotaque bem carregado.

Sua infância de refugiado em um país completamente diferente do que nasceu foi muito difícil. Quando sua família resolveu fugir da Espanha ilegalmente, Gonzáles tinha apenas doze anos. Sua mãe começou a trabalhar

na minha casa como faxineira, depois virou empregada fixa.

Minha mãe e a dele logo viraram grandes amigas, são até hoje. Como não tinha com quem deixar Gonzáles na época, o levava para o trabalho e não demorou muito para que virássemos melhores amigos. Irmãos, na verdade. Inseparáveis. Tanto que meu pai o colocou no mesmo colégio que eu, tudo por sua conta. Ele sabia que nos manter juntos poderia me tornar uma *pessoa melhor* no futuro.

Desde cedo, meus pais perceberam que eu era uma criança diferente das outras. Fechada. problemática, que daria muita dor de cabeça. Eu não sorria ou demonstrava qualquer esboço de felicidade por mais que se esforçassem me dando tudo o que eu queria. Nada era o suficiente para me fazer feliz. Então, Gonzáles apareceu em minha vida com seu jeito extrovertido. Ele era o palhaço da nossa sala, fazia todos rirem.

Tenho muito orgulho do homem que se tornou, íntegro e honesto. Trabalhou duro para se formar em Direito, fez questão de ele mesmo pagar a faculdade, mesmo o meu pai se oferecendo para bancar também. Além de meu assessor no Fórum, hoje tem seu próprio escritório com clientes da alta sociedade.

Sua família hoje mora em uma casa de luxo, mas não se mudaram da vila de imigrantes espanhóis onde vivem desde que chegaram a este país com

uma mão na frente e outra atrás. Dentro do lar deles só se fala o idioma do seu país de origem, por isso Gonzáles ainda tem o sotaque tão forte.

— Que voz de sono é essa, Gonzáles? — indago, mas já sabendo o motivo de tanto sono.

Mulheres!

Apesar de grande amigo, devo admitir que Alejandro Gonzáles é um cafajeste de marca maior. Troca de mulher igual troca de roupa, na sua opinião, em seu álbum não tem lugar para figurinha repetida.

Isso vem desde a época do colégio. Seu charme espanhol realmente atrai as mulheres como abelha no mel, e o cara sabe bem como apreciar isso. Já o alertei que algum dia irá chegar alguém especial para lhe ensinar que com o coração do outro não se brinca.

— Yo acabei de acordar, amigo, perdi a hora. Saí para beber em um bar de Ipanema e acabei voltando para casa com uma acompanhante que *no* me deixou dormir um minuto essa *noche*. Vou chegar atrasado na *reunión* de hoje para a recepção dos novos juízes do Fórum. Estou ligando só para avisar —explica pacientemente o cínico.

Faço sinal pelo retrovisor para James colocar o carro em movimento, assim ele faz.

— Como se essa fosse a primeira vez que chega atrasado no trabalho

por causa de uma mulher, não é mesmo, espanhol?

— Na verdade, dessa vez *son* duas *mujeres*, *mi amigo*. *Yo* comia uma com o meu pau e a outra com os dedos. — Sua gargalhada ecoa do outro lado da linha, alta e divertida.

Às vezes não sei como aguento essa criatura.

— Só tente não se atrasar muito, cara. Não quero que o novo juiz e promotor da nossa Comarca tenham uma má impressão de nós logo no primeiro dia. — Tento ser o mais coerente possível, mas com esse meu assessor mulherengo é quase impossível.

Por outro lado, é o melhor no que faz. Qualquer juiz daria um braço e uma perna para ter um assessor com pelo menos a metade da eficiência de Alejandro Gonzáles.

— Está *bien*, vossa excelência — debocha, engrossando a voz, fingindo respeito. Até parece que tem algum respeito por alguém além dos seus pais.

Espanhol abusado!

Desligo na cara dele antes que eu me irrite ainda mais. Não tenho tempo nem paciência para as gracinhas de Gonzales hoje. Graças a sua vida mundana terei que recepcionar o novo juiz Marcus Flores e o promotor Pedro Alcântara que chegam à Comarca para fazer parte do nosso time. Espero que

para melhorias, não para trazer mais problemas.

— O juiz Marcus Flores já chegou. Posso mandar entrar? — pergunta minha secretária, Carina, apontando apenas o rosto em uma pequena abertura da porta do meu gabinete.

A coitada morre de medo de mim. Seus olhinhos apertados devido aos traços orientais se encontram fitando os próprios pés. Digamos que de uns meses pra cá eu ando com um humor nada agradável, e acabo descontando nela e nos demais à minha volta.

— Mande-os entrar, Carina. — Ela assente e vai embora tão rápido quanto chegou, quase correndo.

— Enfim terei a honra de trabalhar ao lado do grande juiz Thompson — diz juiz Flores, de forma calorosa ao entrar no meu gabinete.

Levanto-me e vou cumprimentá-lo com um abraço. Sempre o admirei muito, é um dos melhores juízes que conheço. Veterano e ótimo profissional no que faz, com mais de trinta anos atuando no meio jurídico.

— A honra é toda minha, vossa excelência. — Ele sorri apertando minha mão com firmeza, passando confiança. Seus cabelos estão um misto de castanho escuro com mechas loiras, a estatura mediana e olhos claros esverdeados.

É notável de longe o brilho do seu Rolex dourado no pulso,

completando a elegância do seu terno clássico azul escuro com a gravata preta com riscos.

— Quero te apresentar minha nova assessora. Essa jovem acabou de se formar em Direito recentemente. Foi nomeada uma dos melhores alunos da faculdade em que estudou, e tirou uma das melhores notas na prova do OAB. — Seu tom ao falar da moça é de puro orgulho. Não a tinha visto entrar porque eu estava de costas para a porta.

— Você? — sussurro assim que me viro para cumprimentar a tal jovem brilhante, e juro por Deus que permaneço imóvel com o coração na boca e a mão parada no ar.

— Boa tarde, Meritíssimo. Sou Yudiana Jackson. Será um “*prazer*” trabalhar juntamente com a sua equipe aqui do fórum, pode ter certeza disso! — diz a diaba em um tom óbvio de duplo sentido. A mulher já chegou me provocando com seu olhar quente como o inferno.

Fico totalmente sem ar diante de tanta beleza e sensualidade. Abro a boca várias vezes para dizer algo, mas não sai nada.

Ela está perigosamente sexy em uma saia lápis acinturada, valorizando suas curvas e as pernas grossas e bem torneadas. O corpo dessa mulher parece ter sido feito especialmente para foder meu juízo. Tento não olhar para o seu decote — exageradamente — grande na blusa vinho de seda

de mangas compridas com três botões abertos — propositalmente —, Yudiana sabe jogar baixo. E é muito boa nisso.

Minhas mãos formigam com vontade de fechar cada botão até a gola. Não tem homem na terra que resista ao charme dessa mulher. Ela tem conhecimento do seu poder de sedução e sabe perfeitamente como usá-lo, principalmente comigo. E o seu gênio forte dificulta ainda mais a coisa para o meu lado.

Yudiana não pode trabalhar no mesmo prédio que eu. Não mesmo! Isso é demais para mim. Sou forte, mas nem tanto.

Essa menina não sabe o quanto eu posso ser perigoso, mesmo quando não quero.

— Você não pode trabalhar aqui, eu a proíbo! — sussurro de maneira que juiz Marcus não ouça.

— Não só posso como já estou, meritíssimo — sussurra de volta, me afrontando com coragem.

Seus lindos cabelos lisos escuros estão soltos de forma avulsa pelas costas, partido ao meio para dar um ar mais sério. Tão linda a minha menina. E levada. Chamou-me de Meritíssimo de propósito, sabe que isso me deixa excitado. Perco a postura com o jeito sensual com que ela aperta minha mão, olhando no fundo dos meus olhos de um jeito cúmplice, cheia de admiração.

Gratidão.

É como se ela pudesse ver quem eu sou de verdade, e mesmo assim não tem medo.

Meu Deus! E agora? Como vou tirar essa mulher da minha vida completamente se ela vai estar presente na minha área todos os dias trabalhando praticamente ao meu lado? Eu não posso admitir que isso aconteça. Ela precisa ir embora daqui agora mesmo para nunca mais voltar, ou estou ferrado!

Ela está ferrada.

Para o seu próprio bem, não é seguro permanecer no mesmo ambiente que eu. Yudiana quer jogar um jogo onde nós dois sairemos perdendo, principalmente ela.



Capítulo 7

Yudiana

Quando Dani disse que haveria um concurso para várias vagas no setor jurídico, uma delas para trabalhar ao lado do seu pai, o veterano juiz Marcos Flores, fiquei muito animada. Ela como filha dele, não poderia participar, e Júlia com os gêmeos recém-nascidos, não tem a mínima possibilidade de pensar em trabalhar tão cedo.

Não tive alternativa a não ser enfrentar essa batalha sozinha, porém, tive um estímulo enorme ao saber que, se eu conseguisse o emprego, teria a oportunidade de trabalhar no mesmo fórum que John. Cheguei a dar pulos de alegria só de pensar nessa hipótese se concretizando. Esse homem é um desafio ao qual estou disposta a tudo para desvendar. Custe o que custar.

Com a indicação de Juiz Flores para a vaga, e a ótima pontuação que tirei na prova da OAB consegui o emprego sem muita dificuldade. Sem sombra de dúvida, a melhor oportunidade da minha vida. E ainda de quebra, ficará bem mais fácil de desvendar o mistério que é John Thompson e o que tanto esconde atrás dessa camada de gelo que deixa transparecer.

Falando no todo poderoso, nesse exato momento eu estou aqui, cara a cara com o diabo, o encurralando contra a parede, impondo a minha presença, mesmo tendo total conhecimento do quanto ele a repugna. Sei lá, esse homem é a verdadeira caixa de Pandora. Não dá pra saber o que vai sair de dentro dela, apenas arriscar arrancando a tampa e ver no que vai dar.

Esse homem é ridiculamente lindo. Juiz Thompson tem cada traço do rosto feito a pincel, pois parece uma verdadeira obra de arte. Cada detalhe na medida certa. Às vezes me pergunto como deve ser vê-lo ao acordar com o cabelo todo bagunçado sobre a face, escondendo seu olhar intimidador e uma boca que... misericórdia! Carnuda e atraente que dá uma incontrollável vontade de morder e beijar loucamente, até ficar vermelha e inchada.

Pare, Yudiana! Não é hora para isso.

Sua mão aperta a minha com firmeza, fazendo cada pelo do meu corpo ouriçar devido à forte energia que o olhar intenso desse homem misterioso transmite. Não consigo pensar em outra coisa a não ser imaginá-lo gozando chamando meu nome. Minhas partes íntimas estão ensopadas.

Com sua postura superior e sua elegância natural, é incrível como o tom escuro do seu terno preto realça ainda mais seus belos olhos azuis provocantes que me analisam fixamente de um jeito intrigante. Quase não pisca. É engraçado pensar, mas apenas vê-lo ali diante de mim, me faz sentir

segura.

— Talvez não seja tão prazeroso quanto pensa trabalhar ao meu lado, senhorita Jackson — ele diz com uma frieza que me assusta, em um tom que só eu e ele ouvimos.

Estando assim tão próximos, ele parece ainda mais impressionantemente atraente do que me lembrava pela última vez que o vi. Sou obrigada a me conter para não cometer nenhuma gafe babando em cima dele em público, como tocar sua pele para saber se é tão macia quanto aparenta.

— Ah, vai ser sim, meritíssimo. Pode ter certeza — digo, lhe oferecendo meu melhor sorriso provocante.

Iniciamos uma briga silenciosa de olhares desafiadores. Se ele pensa que seu jeito intimidador pode me colocar medo como faz com todos à sua volta, está muito enganado. Bom, pelo menos não em mim. Depois das merdas que já sobrevivi na vida, não é qualquer coisa que me assusta. Não mesmo.

— *Buenas tardes* a todos. Me desculpem o atraso. — O juiz solta a minha mão de imediato quando um homem moreno alto com a postura arrogante chega de nariz empinado. Pela pele bronzeada e o sotaque forte, deve ser espanhol. E que espanhol! — *Dios mio!* O que está *mujer* está

fazendo aqui? — ele indaga, horrorizado. Suas palavras saem quase como uma blasfêmia e num tom totalmente áspero.

O filho da mãe tem cara de safado. Os olhos esverdeados marcantes, que dizem: “*Quero foder todas que passarem pela minha frente*”. O tipo que sai por aí pelas noites cariocas quebrando corações, acordando no dia seguinte sem um pinga de remorso, ao contrário, fica é com o ego ainda maior. Prepotente. Não aprecia a qualidade, mas sim, quantidade.

E pela forma que olha para mim e o juiz próximos, minha presença também não lhe agrada nadinha. Azar o dele! Se tentar alguma coisa contra mim, eu acabo com a sua raça sem pensar duas vezes.

— Boa tarde, Gonzáles. Esse é o Juiz Flores. Ele foi transferido para a nossa Comarca e trabalhará aqui no fórum conosco. E essa moça presente é Yudiana Jackson, sua assessora — explica Thompson, com sua perspicaz elegância.

Apesar de manter a pose, sua frio. Minha presença o afeta de um jeito que nem ele saberia explicar. Comigo acontece do mesmo modo, mas eu sempre fui boa em fingir que tudo está bem. Finjo o tempo todo. Principalmente durante a minha adolescência nos jantares de família, nos quais meu tio estava presente e eu sorria para todos como se felicidade fosse meu nome do meio.

Todos sempre acreditavam.

Ou fingiam que não viam o meu sofrimento, a dor estampada nos meus olhos.

— Isso é mesmo verdade, John? — questiona o espanhol metido, perplexo, com seu corpo esguio mantendo a postura ereta fitando-me pelos cantos dos olhos.

Sobre seu rosto há uma camada do cabelo escuro na altura do queixo.

— É sim, meu filho. Também será uma honra para nós trabalhar com vocês. — Juiz Flores sorri amplamente, entendendo a ironia da pergunta do gringo metido como um elogio.

Gonzáles não traja terno e gravata como os outros homens presentes, seu estilo é algo mais jovial. Porém, ainda dentro do social. Calça preta e suéter masculino vinho, fora os sapatos de couro escuros muito bem engraxados. Esse Gonzales se acha! E como.

Reviro os olhos sem paciência.

Odeio esse tipo.

— Com certeza! Realmente é uma honra. Nem acredito que isso está acontecendo de verdade. É a realização de um sonho trabalhar ao lado de grandes profissionais que respeito tanto — digo, mordendo o lábio inferior. Thompson não sabe se olha para minha boca ou para o meu decote.

Tenho que rir balançando a cabeça, trabalhar nesse fórum será mais divertido do que pensei.

— *No* tenho tanta certeza, *muchacha*. — O espanhol pensa alto.

A impressão que eu tenho é que ele me vê aqui como uma ameaça, mas de quê? Que estranho! John guarda mais segredos do que pensei, e o seu amigo tem conhecimento da maioria deles. Aposto!

John... John... John...

Como é bom repetir o nome dele em minha mente. Meu coração chega a bater mais rápido e forte. Gonzáles praticamente o arrasta para bem longe de mim, indo para quase do outro lado da sala.

O clima no gabinete fica tenso, quase palpável.

— Com licença. Desculpem o atraso. Boa tarde a todos!

Todos voltam a atenção para a porta, onde se encontra um homem sorrindo, com as mãos no bolso da calça. Parte de todo o conjunto social preto muito elegante. Não é tão bonito como o Thompson e o espanhol metido, mas há algo de especial nele. Sua presença mandou a energia pesada embora, como se fosse a chegada de um anjo no inferno.

Engraçado! Seus olhos escuros não me são estranhos, principalmente o calor emanado por eles. Talvez sem a barba, o cabelo mais curto e o corpo menos incorporado, até tenho um palpite...

Mas é impossível! Seria coincidência demais.

— E você, quem é? — pergunta Thompson, com cara de poucos amigos retorcendo o nariz.

Acho que não gostou do jeito que o estranho olha para mim intimamente. Sendo sincera, até eu começo a ficar constrangida com esse fato.

— Sou Pedro Alcântara, novo promotor dessa comarca — se apresenta o homem, ainda olhando na minha direção. Passo a mão pelo cabelo, sem jeito, sentindo uma sensação de já ter ouvido esse nome antes. No entanto, por mais que me esforce, não consigo lembrar.

— Só um minuto. Você é parente do grande empresário Romeu Alcântara, dono de uma marca de carro famosa? — Os olhos do juiz Flores faltam pouco para pular para fora das órbitas, brilhando como dois faróis.

— Sou sim. Romeu é meu irmão mais velho! Todo mundo sempre faz a mesma pergunta quando digo meu sobrenome, já até me acostumei. — Não basta só ser charmoso, o cara tem que ter a voz atraente também. Grossa e confiante, igual a esses galãs de Hollywood tipo Johnny Depp, que conquista pelo charme e não somente beleza. — E eu tenho muito orgulho quando isso acontece. Sempre admirei muito meu irmão mais velho e sua esposa Juliene. Há cinco anos criaram juntos um projeto lindo para ajudar moradores de rua.

Já ajudaram milhares de pessoas por todo mundo, muitos deles jovens perdidos por aí, sem rumo pelas ruas — Insere o assunto num tom sorrateiro, fitando-me nos olhos como se a indireta tivesse sido dita cuidadosamente para acionar algum gatilho de lembrança escondido na minha mente.

Parece até que tem conhecimento da época em que eu vivi um tempo na rua aos dezessete anos, quando o meu querido pai me expulsou de casa injustamente só com a roupa do corpo, depois subiu no altar da igreja para adorar ao Senhor sem um pinga de remorso. Quanta hipocrisia! Queria ver o que os irmãos iriam achar se soubessem que a maior parte da fortuna dele veio através dos dízimos e que não se envergonha nem um pouco disso.

— O papo está ótimo, mas não estamos aqui para jogar conversa fora sobre os grandes feitos dos nossos parentes. Essa reunião foi marcada para que possamos conversar sobre a situação atual dessa Comarca. Falar sobre projetos novos para melhoria da mesma — Juiz Thompson deixa seu recado, soltando as palavras entre os dentes.

Nada gentil.

Caminhamos até a sala de reuniões. O olhar de Thompson se concentra na mão do promotor, que apoia levemente as minhas costas enquanto se apresenta a mim adequadamente. É extremamente simpático e gentil. O típico príncipe encantado que toda mulher sonha em ver chegar em

um cavalo branco, menos eu. Prefiro os “*complicados*”. Tudo que vem fácil demais, vai embora mais fácil ainda.

Não demora muito para chegarmos a uma sala grande onde há uma mesa em formato oval bem no meio dela. Pedro Alcântara senta-se ao meu lado e isso só faz o clima tenso aumentar ainda mais. Thompson faz questão de se acomodar de frente para nós, nos encarando de um jeito perigoso enquanto afrouxa o nó da gravata. Sou uma mulher corajosa, mas devo salientar que essa situação me intimida um pouco.

Então me contenho. Já causei demais aparecendo aqui no susto. Provocar o homem que “supostamente” matou para me salvar não é uma boa ideia.

Tentei passar despercebida pelas horas seguintes, onde eu observava uma briga de testosterona bem na minha frente. Thompson e o promotor Alcântara não fizeram questão de esconder o desafeto que tiveram um pelo outro logo de cara. Tudo o que um falava, o outro era contra. Todo mundo se calou para ver o debate dos dois, enquanto isso, Gonzáles me fuzilava sentado no final da mesa de braços cruzados e o cenho franzido.

De alguma forma, ele sabe que eu vim trabalhar aqui por causa de Juiz Thompson e não vai facilitar as coisas para o meu lado.

Por outro lado, estou muito impressionada com a capacidade de John

e o Promotor Alcântara explicarem seus pontos de vista em relação aos motivos que a violência e crimes vêm aumentando gradativamente na cidade do Rio de Janeiro, sem ambos perderem a compostura nem elevar a voz em nenhum momento.

Principalmente Pedro. Digamos que Thompson sabe melhor do que ninguém como fazer uma pressão exercida apenas com o seu olhar felino e a voz firme demonstrando confiança e uma ampla sabedoria sobre cada palavra que diz sobre a desigualdade de oportunidade no país ser a grande culpada pelo aumento da violência nos últimos tempos. Não consigo olhar para mais nada além desse homem sobriamente tentador para o sexo feminino.

— Devo admitir que apesar de eu não concordar em vários pontos que disse, promotor Alcântara, estou surpreso com a forma que a defende — elogia Thompson, sincero, assim que a conversa se encerra. — Vai ser interessante trabalhar ao seu lado, rapaz. Espero que de forma positiva. — Alfineta Thompson meio que, discretamente.

— Por mais diferente que o ponto de vista dos dois caros colegas sejam, sou obrigado a admitir que concordo um pouco com ambos. — Juiz Flores é sincero, não disse somente para agradar a John e Pedro.

— E você, Yudiana, concorda com o ponto de vista do promotor Alcântara? — John pergunta na cara dura, devido ao fato de eu ser pega

totalmente de surpresa, permaneço imóvel olhando para ele perplexa.

Sua atenção agora está toda em mim, assim como a de todos presentes. Isso me faz admirar ainda mais a coragem de promotor Pedro por ter enfrentado Thompson com bravura para defender o que acredita sem perder a compostura.

— O quê? — pergunto baixinho, constrangida, piscando várias vezes, totalmente em pânico.

— Quero saber qual ponto de vista você apoia. O meu ou a do promotor Pedro?

Refaz a pergunta de forma clara e objetiva, deixando bem evidente a sua intenção. Está me testando, precisa saber entre ele e o Pedro, qual dos dois eu “escolheria”.

Como se o óbvio não estivesse estampado nos meus olhos.

— Estou esperando, Yudi. — Meu queixo cai. Por que está me chamando de forma tão íntima no ambiente de trabalho? Aposto que estou muito vermelha. Se pudesse abriria um buraco no chão e me enfiava dentro dele. — Não se preocupe. Seja qual for a sua escolha, eu respeitarei. Dou a minha palavra. — Thompson inclina-se para frente, apoiando os cotovelos sobre a mesa de forma que pode me encarar melhor no fundo dos olhos. Bate a ponta dos dedos na mesa, fazendo um barulho irritante.

Provocando-me.

Na posição que está, posso avaliar melhor seu peito largo composto por uma ampla camada de músculos por debaixo da camisa escura. Chego a engolir seco de desejo, imaginando-o usando apenas essa gravata preta com riscos de seda.

— Eu não escolho o ponto de vista de nenhum dos dois, pois tenho o meu próprio. O motivo do aumento da violência nos últimos anos se resume na falta de amor ao próximo, respeito. Preguiça de acordar cedo para ir em busca do seu. Para quem é trabalhador e honesto, nunca falta serviço. Muitas pessoas até entram no mundo do crime por falta de oportunidade, no entanto, a maioria está nessa vida porque gosta da sensação de falso poder. Sente prazer em matar e roubar pessoas inocentes, trabalhadoras.

— Um fato triste, mas verídico em nossa sociedade — Para minha surpresa, concorda Gonzales reforçando minhas palavras.

Sinto-me mais confiante para continuar a falar, aproveito a oportunidade e coloco tudo para fora.

— Depois do sequestro que sofri na favela da Rocinha com minha amiga, acredito que para algumas pessoas como Binladem, apenas ser preso é muito pouco comparado a todas as coisas horríveis que fez ao longo de sua vida —concluo com um meneio de cabeça e uma calma que não me

pertence, satisfeita pela minha indireta ter acertado John como a força de um raio.

A expressão de Thompson endurece e uma sombra escura paira à sua volta.

— E você como advogada concorda que é certo alguém matar uma pessoa só porque é um bandido, senhorita Yudiana? Na minha opinião todo mundo merece ser julgado, independentemente do seu crime — Questiona o promotor Pedro trincando um musculo do maxilar, acho que me imprensar na parede virou moda agora.

Faço questão de responder sem quebrar o contato visual com Juiz Thompson.

— Eu me esforcei para me formar em Direito e farei meu trabalho sempre agindo da forma mais transparente possível. Com a verdade e honestidade, dando sempre o meu melhor. Mas se algum dia eu precisar dar dois tiros na cabeça de um traficante filho da mãe para salvar alguém importante para mim, pode ter certeza que farei sem pensar duas vezes, senhor Promotor — concludo, certa de cada palavra proferida.

— Essa *mujer* é decidida. Gosto disso. — É a primeira vez que vejo o espanhol sorrindo. Ele olha para mim e Thompson, satisfeito.

Acho que consegui conquistar um pouquinho da sua confiança depois

disso. Ótimo!

— Essa reunião termina aqui, boa tarde! Sejam todos bem-vindos à nossa Comarca. Tenham todos um bom dia.

Juiz Thompson levanta em um movimento brusco e vai embora na velocidade da luz, sem olhar para mais ninguém, parecendo atordoadado.

Mais uma vez fugindo de mim.

Permaneço sentada ali por um tempo, aturdida com os últimos acontecimentos. Depois me levanto meio tonta, despeço-me dos demais com um aceno de cabeça e vou rumo à porta. Só começarei a trabalhar mesmo no dia seguinte, hoje foi apenas para conhecer o local.

Sorrio ao ouvir passos apressados atrás de mim. Será que ele decidiu vir falar comigo?

Giro a cabeça para trás, esperançosa, mas meu sorriso morre ao ver que se trata do promotor Pedro correndo para me alcançar até o elevador. Não faço a mínima ideia do porquê de sua audácia.

— Você anda muito depressa, moça — ele diz, aspirando pesadamente, a voz engolida.

— Você até parece a minha avó dizendo isso, promotor — brinco, apertando o botão do elevador que dá no térreo.

— Você não se lembra de mim mesmo, não é, ratinha assustada? Faz

muito tempo, mas eu me lembro de cada segundo. Fico feliz em saber que você está bem, não mora mais na rua e se tornou uma advogada tão linda e inteligente.

Perco o foco da visão por um momento, levando um choque ao enfim me lembrar de que há muitos anos, quando morei na rua, um homem passou por mim de carro e entregou um cartão oferecendo ajuda. Com medo, saí correndo debaixo da chuva e me escondi dele em um beco.

— Sabia que te conhecia de algum lugar, Pedro. Essa lembrança faz parte de uma fase triste da minha vida ao qual tento apagar completamente. — Seguro suas duas mãos carinhosamente e os seus olhos dispararam. — Me desculpe por ter fugido de você naquele dia quando se ofereceu para me levar para um lugar seguro que me daria o que comer e onde dormir, mas eu nem agradei, apenas peguei o cartão da sua mão e saí correndo, assustada. Tenho-o guardado até hoje, acredita? — Sorrio enquanto ele limpa uma lágrima solitária que desliza pelo meu rosto. Uma grande amizade se inicia aqui, que só tende a crescer a cada dia mais.

Posso esquecer-me daqueles que me feriram, mas nunca dos quais me ofereceram a mão quando mais precisei. Mesmo que por medo não tenha aceitado, o que valeu foi a sua intenção.

— Todos os dias eu perguntava a minha cunhada se alguma garota

com as suas características tinha aparecido no abrigo. Com a sua beleza única não seria difícil de identificar. Mas a resposta sempre era não e eu nunca consegui parar de pensar no que poderia ter acontecido contigo. — Ele me olha de um jeito que me faz constrangida. Desvio o olhar para uma planta próxima a ele no canto do corredor, com folhas verdes e cumpridas.

— Mais uma vez, me desculpe — digo.

— Encontrar você assim, no susto, foi uma bela surpresa, a qual quero manter por perto. — Fico morta de vergonha, mas como não? Com um homem perfeito desse na minha frente, dizendo calorosamente que de agora em diante me quer presente em sua vida... Uma pulga atrás da minha orelha diz que não é só como amiga.

— Dessa vez prometo que não vou fugir de você, Pedro. Já me considero sua amiga de infância. Seja bem-vindo à minha vida. — O jeito como o moreno charmoso torce o rosto deixa a impressão de não ter lhe agradado muito a minha proposta de apenas amizade, mas corresponde de maneira sincera ao meu abraço. De amiga.

De repente, sou tomada por um turbilhão de emoções que me fazem ficar em sinal de alerta. Por cima do ombro de Pedro eu vejo de longe a aparição de Juiz Thompson. E a expressão dele não é das melhores. Parado no meio do corredor olhando para mim e o rapaz em um simples gesto de

carinho que para ele parece ser o início do apocalipse.

O homem demonstra impetuosidade no rosto. Vingança. Seus olhos brilharam de puro ódio. Os punhos fechados rentes ao corpo e o maxilar rígido, como um macho alfa pronto para brigar pela sua fêmea. A impressão que tenho é que ele virá até nós o mais rápido que suas pernas podem correr e partir para cima do promotor, e não parará de golpeá-lo até matá-lo.

Antes que o pior aconteça, afasto-me bem devagar sem fazer movimentos bruscos ou tirar os olhos do meu lindo anjo caído.

Misterioso e solitário.

Perigoso.

Não sei em qual terreno estou pisando, preciso ir com cautela e tomar cuidado para não o assustar e fazer com que recue ainda mais. Thompson é como um animal arisco que deve ter a confiança conquistada aos poucos e pacientemente.

— Eu acabei de me lembrar que estou atrasada para um compromisso, Pedro. Foi um prazer te reencontrar. Vamos marcar um café qualquer hora dessas. — Sorrio amarelo, tentando disfarçar ao máximo o meu nervosismo.

Coloco o cabelo atrás da orelha olhando no relógio do meu celular toda hora para validar o meu atraso para o tal compromisso de última hora que inventei. Por sorte, o elevador chega e eu praticamente me jogo dentro da

caixa de aço. Despeço-me de Pedro com um aceno de mão e recebo um belo sorriso de sua parte em troca, daqueles de molhar a calcinha.

— Que tal sairmos qualquer dia desses para beber alguma coisa? A gente vai se falando durante a semana e combinamos melhor. Eu ligo aqui para o fórum ou você para a promotoria.

Respondo seu convite com um sorrisinho sem graça, e enquanto as portas do elevador se fecham lentamente, olho na direção onde o Juiz nos observa, mas ele não está mais lá. Sumiu da mesma forma que apareceu. Do nada.

Quanto mais eu conheço esse homem, mas aflora o meu interesse por ele. Hoje começa uma nova fase da minha vida trabalhando nesse fórum, e saber que Juiz Thompson fará parte dela deixa tudo mais instigante. Glorioso.

John é como uma cebola. Para conhecê-lo de verdade é preciso tirar aos poucos, camada por camada. Mas para fazer isso é preciso ter paciência, e eu terei. Não sou o tipo que desiste fácil.



Capítulo 8

John

Entro em meu gabinete furioso pisando tão firme que o chão quase treme. O mesmo acontece com a parede quando os objetos sobre a minha mesa pagam o preço da minha fúria, indo ao chão numa fração de segundos. Era isso ou voltar lá fora e fazer um estrago enorme na cara desse promotor metido a bom samaritano, Pedro Alcântara. Eu não quero esse cara atuando na minha Comarca, muito menos Yudiana trabalhando aqui no fórum. Se isso acontecer será o meu fim. Se longe essa mulher já tira o meu juízo, imagina tão próxima todos os dias jogando para ganhar com suas investidas repletas de ironias e frases de duplo sentido.

— Quebrar sua sala toda *no* vai resolver o problema, *mi* amigo. — Olho para o lado e vejo Gonzáles sentado tranquilamente numa poltrona de canto marrom de couro já a minha espera. Os ombros relaxados encostados no estofamento macio e as pernas cruzadas totalmente à vontade, enquanto eu acabo de ser jogado em meio a um furacão.

Entre seus dedos dança uma caneta azul deslizando de um dedo para o outro com uma técnica impressionante. Quase não dá para ver os

movimentos.

— Mas é a única alternativa que me restou, não é mesmo, Gonzáles? — pergunto, áspero, ele não ousa responder porque sabe que foi retórico. — Por que a porra do meu assessor não fez o trabalho dele direito me alertando que Yudiana começaria a trabalhar aqui? Provavelmente estava ocupado demais enfiado no meio das pernas de uma dessas mulheres burras demais para saber a furada que é ir pra cama com um cafajeste de marca maior. — Deixo a raiva dominar não somente minha razão, mas como também o tom desnecessariamente alto e agressivo da minha voz.

Pela expressão entristecida em seu rosto, minhas palavras o magoaram de verdade.

Gonzales se põe de pé com os os linhas do rosto duras, protagonizando uma careta daquelas bem feia.

— Meu trabalho *no* é monitorar Yudiana Jackson. Como *tu* disse, *yo* já tenho minhas próprias *mujeres* e dou conta de todas elas colocando o céu aos seus pés. — Ele enfia as mãos nos bolsos com os olhos estreitos em minha direção, desprovido de paciência. — Mas como *tu es mi mejor* amigo minha *obligación* é estar sempre a par de tudo e todos que possam se aproximar de você, John, capazes de aflorar um lado teu que nós dois sabemos que deve manter adormecido, então peço *perdón* por essa falha da

minha parte, porém... — O corto antes que diga o que estou pensando.

— Não complete a frase Gonzales, não quero ouvir.

— *No* quer, mas precisa. Se ela for diferente de todas as outras, John? Gosto da coragem de Yudi, tem opinião própria. *No* sei, mas talvez valha a pena tentar encontrar alguém. *No* pode ficar sozinho para sempre remoendo o que houve no passado. — Me surpreendo em ouvi-lo dizer isso, ele percebe isso em meu semblante e fica sem graça. Sabe exatamente o que está em jogo caso eu ouça o seu conselho.

— Será que você já se esqueceu o que houve com Ercia por minha causa? Porque eu não! Não tem um dia que não pense nisso e jamais admitirei que Yudiana viva o inferno que ela viveu estando ao meu lado — digo, furioso.

— *Yo no* me esqueci, cara! E, sinceramente, *no* tenho mais estrutura para te ver naquele estado novamente, prefiro morrer. — Seus olhos ardem sobre mim. Gonzáles fica emotivo quando lembra do que aconteceu comigo.

Ele sempre me acompanhou nos melhores momentos da minha vida —que não foram muitos —, mas principalmente nos piores. Na época da escola, como eu não podia ir nos passeios escolares de verão porque era problema na certa, então ele também não ia e ficava comigo preso no meu quarto, me fazendo companhia.

— Eu que peço perdão pela minha grosseria, Gonzáles. Você é o meu irmão do coração. Me conhece melhor que ninguém e não me abandonou assim mesmo. — Ele fecha os olhos pesadamente, coçando a nuca tenso. Talvez enfim tenha se cansado de aguentar meu gênio ruim.

— *No* precisa pedir perdão, *hombre de Dios*. É normal irmãos se desentenderem às vezes. — Vem até mim e me abraça, dando três tapinhas em minhas costas. Raramente brigamos e quando acontece termina com a mesma rapidez que começou.

— Yudiana não pode trabalhar aqui no fórum. Temos que dar um jeito nisso o quanto antes, Gonzáles. É isso ou eu estarei arruinado. — Afasto-me alguns passos, afrouxando a gravata em direção à janela. Preciso de um pouco de ar fresco.

— Nós vamos dar um jeito nisso, amigo. *No* se preocupe. *Yo* vou pedir ao juiz Flores encarecidamente que a transfira para a China, se for preciso. Mas demiti-la *no* é uma opção. A *muchacha* lutou para chegar onde está hoje e isso *no* seria justo da nossa parte.

Assinto. Essa hipótese nunca passou pela minha cabeça.

— Eu jamais admitiria que ela fosse demitida, Gonzáles, muito menos transferida para a China. Quero que encontre uma Comarca tranquila em uma cidade afastada do Rio de Janeiro, e é melhor que eu não saiba qual. Contudo,

eu duvido muito que o juiz Flores irá concordar em abrir mão da sua nova assistente, que por sinal é uma das melhores amigas de sua única filha, Daniela Flores. — Constató que a situação é mais complicada do que parece e só tende a piorar, Yudiana é um problema que quanto mais tento afastar me aproximo ainda mais dele.

— Como *tu* descobristes tão rápido que elas são amigas, John? Está investigando a vida da moça novamente? — questiona vindo em minha direção a passos lentos em um timbre cheio de acusações. Sabe a resposta, mas quer que eu mesmo fale, para me julgar logo em seguida.

— Não vem ao caso agora. O fato é que afastá-la desse fórum não será tão fácil — alerta.

— *Tu* esqueceu que os casos mais difíceis são a minha especialidade, *mi* amigo? — ele garante, deslizando os dedos pelo cabelo presunçosamente. Com o passar dos anos seu ego só piora. — *Yo sou* o melhor advogado desse país, mestre em me livrar de *mujeres* as quais *no* quero que atrapalhe *mi* caminho —praticamente ameaça, acompanhado de um olhar maléfico.

— Esse é um problema meu, Gonzáles. Você já tem mulheres demais na sua vida, deixe que com a *minha* eu resolvo. — Desvio o olhar, constrangido ao perceber o excesso de possessividade ao defini-la como minha com tanto vigor.

— Sua? — O tom acusativo se faz presente novamente. Só faltou apontar o dedo na minha cara.

— Esse assunto acaba aqui, Gonzáles. Se Yudiana não pode ser transferida para outra Comarca por vontade própria, eu farei ela pedir para trabalhar em outra cidade por vontade própria. Você melhor que ninguém sabe o quanto posso ser persuasivo quando quero. — Encaro meu amigo com as sobrancelhas erguidas e os dedos entrelaçados, já com tudo planejado em mente do que pretendo fazer.

— Esse é o Juiz Thompson que conheço. Se precisar de mim é só gritar, *mi* amigo. — Toca no meu ombro e sai animado. Esse espanhol adora um mal feito. Ver o circo pegar fogo é com ele mesmo.

Enquanto Gonzáles se diverte com a situação, meu nervosismo só aumenta. Como pude deixar minha vida virar essa catástrofe? Sou sempre tão atento com tudo à minha volta, mas quando o assunto envolve Yudiana Jackson, perco o foco. É assustador como tudo nela me atrai, até mesmo o seu nariz empinado ao me enfrentar.

O que existe entre nós vai muito além de atração física, e isso é o que mais me assusta. Atrações físicas são comuns, conexões mentais são raras.

— Por que tudo na minha vida tem que ser tão difícil, meu Deus? Doloroso. Trágico — questiono em voz alta, apoiando as costas na cadeira.

Inclino a cabeça fitando o teto branco de gesso enquanto lembro de algo que minha mãe me disse na minha juventude.

“Às vezes Deus acalma as tempestades, às vezes ele acalma o marinheiro. Outras, ele nos ensina a nadar.”

Passo as próximas horas do dia inquieto, meu raciocínio está lento e confuso. Até minha respiração está diferente. Acelerada. Sem ritmo contínuo e pesada. Acabo decidindo ir embora mais cedo para casa, coisa que não é do meu feitio. Deixo Gonzáles avisado de que caso apareça alguma emergência que entre em contato comigo imediatamente. Não sou de negar trabalho, mas hoje não estou com concentração para nada.

No entanto, bem que dizem que quando você tenta fugir das tentações do diabo, é que ele cruza o caminho da gente mesmo e não está sozinho dessa vez. Entro no elevador e dou de cara com Yudiana espremida no fundo com três caras que também trabalham no prédio dando em cima dela ao mesmo tempo para ver qual deles conseguirá convencê-la primeiro a ir para cama.

— Creio que os três como defensores públicos nesse fórum devem ter

pego vários casos de mulheres que sofrem assédio no trabalho, por caras idiotas que pensam mais com a cabeça de baixo do que a de cima — digo assim que entro no elevador, ainda de costas para eles, que nem esperam as portas se fecharem e já saem correndo após me cumprimentarem com um breve pigarreio.

— Obrigada por isso, meritíssimo — Yudiana agradece em um suspiro de alívio. Respondo apenas com um leve movimento de cabeça, quase imperceptível.

Através do espelho admiro a cena da mulher mais linda que já vi, a um passo atrás de mim, baixar a cabeça mordendo os lábios, abrindo um sorriso corando as bochechas como uma menina tímida. Porra! Como ela consegue fazer isso? Me tirar do eixo só com a porra de um sorriso inocente.

Começo a suar frio. Passo a mão na nuca, sentindo os fios de cabelo úmidos esbarrando na gola da minha camisa. Minha respiração é audível. Começo a apertar o botão para o elevador parar, intencionado a descer pelas escadas ou me jogar pela janela. Mas aqui dentro não posso ficar mais nem mais um segundo.

— Pode ficar tranquilo, que acaso o elevador pare dessa vez, eu não vou tentar te agarrar no escuro — provoca Yudiana, lembrando desse episódio fatídico de muitos meses atrás, quando estávamos eu, ela, sua amiga

Júlia e o Delegado Avilar dentro do elevador que parou de funcionar do nada, deixando-nos no escuro por alguns minutos. Os mais angustiantes da minha vida, diga-se de passagem.

Permaneço em silêncio, não entrando no seu joguinho de provocação, então ela continua.

— Até porque não obtive muito sucesso. Mal consegui te tocar direito. Você parecia até um polvo com mãos em todos os lados, repelindo o meu toque, mas uma hora dessas dou sorte e te pego desprevenido, não importa onde estejamos. — Giro o corpo para encará-la, de queixo caído com a sua ousadia. Acho que me provocar tornou-se seu esporte favorito.

— Eu nunca estou desprevenido, Senhora Jackson. Nunca. — Ela me encara nos olhos com firmeza, mas em modo mecânico suas mãos entrelaçam uma na outra, demonstrando nervosismo. Medo, talvez? — Em mim só toca quem eu autorizo, quando e onde eu quero. Mas com você creio que é diferente, não é mesmo? Conheceu o promotor hoje mesmo, e já estava se atracando com ele pelos corredores do Fórum. — Coloco minha raiva para fora, friamente, como se tivesse algum direito de atacá-la dessa forma.

Não existe nada entre nós que dê o direito de tirar satisfação. Se ela quiser ir para a cama com o promotor, não posso fazer nada além de querer socar a cara dele até a morte.

— Engraçado o senhor dizer isso, Juiz Thompson. — Leva as mãos à cintura, enchendo o peito de ar em uma postura defensiva, sexy pra caralho! —Porque eu duvido muito que você saiba pelo menos o primeiro nome da mulher idêntica a mim que comeu no hotel em São Paulo, enquanto gozava chamando pelo meu nome.

Dito isso, as portas do elevador se abrem e entram várias pessoas.

Não consigo mais ver Yudiana de onde estou, o que é ótimo já que estou constrangido demais para olhar para ela.

Como sabe da prostituta com que estive na minha passagem por São Paulo durante uma conferência entre vários juízes do país? Puta que pariu! Estou totalmente em choque. Essa mulher ainda vai acabar comigo.

Agora Yudiana sabe que tenho feito sexo com prostitutas parecidas com ela, como uma espécie de fetiche doentio. Não me satisfaz muito, mas já é alguma coisa para saciar um pouco o fogo da paixão que queima dentro de mim. É isso ou enlouqueço de desejo por ela. Não consigo pensar em mais nada a não ser estar enterrado dentro dela até não conseguir me mexer mais.

Inferno! Eu já estou ficando duro no meio desse monte de gente. Ainda bem que o elevador logo parou no primeiro andar. Assim posso ir embora quase correndo, sem olhar pra trás.

Chego em casa exausto emocionalmente, torcendo para que não

apareça nenhum pepino no Fórum que Gonzáles não possa resolver sozinho. Só quero tomar um banho bem demorado e desabar na cama.

Infelizmente, meus planos são destruídos quando mal fecho a porta e a minha campainha começa a tocar irritantemente sem parar. Deixo minha maleta sobre o sofá da sala e atendo minha visita indesejada ajeitando o nó da gravata.

— A que devo a honra da sua ilustre presença, Delegado Avilar? — digo assim que abro a porta. Em outra ocasião ficaria curioso com a sua visita repentina, mas hoje só quero que suma da minha frente.

Não estou num bom dia.

— Você me deve uma bebida, amigo — responde, animado, e antes que eu possa dizer qualquer coisa entra sem ser convidado.

Só não o expulso de uma vez porque após uma rápida análise visual no líquido dourado dentro da garrafa, constato que parece ser dos bons. É. Talvez sua visita não seja de todo mal.

— Fique à vontade, vou buscar os copos. — Ele leva o que eu disse, apenas por gentileza, ao pé da letra e senta-se de forma despojada no meu sofá branco. Falta pouco para colocar os pés sobre a mesinha de centro onde deixou a arma que tirou do colete.

Trincando os dentes para não ser indelicado com minha visita, sigo

calado em direção à cozinha e volto com dois copos bem fundos de cristal em mãos, já sem meu paletó e gravata.

— Vamos beber então, Ricardo? Quando eu devo, pago.

— Bom saber disso, meu amigo. Você é dos meus. — Ele ri alto enquanto abre a garrafa, enche meu copo e o dele até a borda. — Eu não vim aqui só para beber, John. Quero te fazer um convite. Ficarei muito honrado se aceitar — revela, pegando-me totalmente de surpresa. Sorvo um gole da minha bebida e o líquido desce queimando por minha garganta abaixo.

Porra! Eu havia esquecido como álcool pode ser um ótimo remédio para um coração partido, mas também faz muito tempo que não sei o que é me apaixonar por alguém.

— Convite? — indago casualmente, duvidando muito que possa ser para algum evento que eu queira ir.

— Quero que seja padrinho de um dos gêmeos, afinal, se não fosse você me avisando que a mãe deles havia sido sequestrada pelo chefe do tráfico, que o diabo o tenha queimando no fogo do inferno nesse momento, eu talvez não tivesse tempo de agir tão depressa. Não sei quem o mandou para lá, mas admiro muito o cara que fez essa proeza. — Seu sorriso de empolgação quase me convence. Desvio o olhar para a janela aberta onde a escuridão da noite já se faz presente com todos os seus mistérios e mitos.

— Eu não fui lhe avisar sobre o sequestro só pela Júlia e você sabe muito bem disso. Sendo honesto, respeito muito sua mulher, é uma profissional competente e tem um coração enorme. Porém, usei o fato de ela estar em perigo porque precisava da sua ajuda para salvar Yudiana. Essa era minha prioridade desde o começo. — A sinceridade pode ser assustadora, às vezes, mas é sempre válida em qualquer situação. — Não mereço ser padrinho do seu filho. Sou grato pelo convite, mas não posso aceitar. Seria muito descortês da minha parte. — Espero um murro no rosto depois do que eu disse, qualquer um faria isso no lugar dele.

No entanto, ao invés disso, sou agraciado por um abraço terno. Cheio de gratidão. Afeto.

— Às vezes o fim justifica os meios. O fato é que querendo ou não, minha esposa só está viva hoje por sua causa. Não sei como soube do sequestro com tanta antecedência, mas tanto faz. — Se afasta, limpando as lágrimas em seu rosto, e é cômico ver um homem tão machão, vulnerável na minha frente.

— Ótimo! Estamos conversados. Chame um amigo seu de verdade para apadrinhar seu filho. — Encerro o assunto.

— Sinceridade em demasia destrói bons relacionamentos, mas não os reais de fato. As pessoas em geral não se atraem pela verdade, mas sim pelas

aparências. Você podia ter inventado uma mentira para não aceitar o convite, em vez disso foi sincero. É isso que espero do padrinho do meu filho, que ensine a ele que por mais bonito que o mundo seja, ele não é feito de algodão doce —discursa.

— E não é mesmo?! — Penso alto, enchendo meu copo de uísque novamente. Uma dose bem caprichada.

Ricardo gargalha com vontade, continuo sério.

Odeio sorrisos. Eles nos deixam vulneráveis.

— Então, aceita ou não?

— Já fiz coisas que um homem da lei como você não aprovaria, Ricardo, pior do que pode imaginar. Sou um juiz exemplar e cidadão modelo, mas como ser humano tenho minhas “*fraquezas*”.

Me arrisco dizendo isso, mas é preciso abrir seus olhos em relação a mim. Não sou o tipo de homem que se quer como amigo muito menos padrinho do filho dele.

Gonzáles apareceu na minha vida em um golpe de sorte.

— Eu também não sou nenhum santo, John. Já fiz coisas que se eu contasse agora, sua sentença seria “culpado” sem pensar duas vezes. Às vezes as leis do nosso país não ajudam, então temos que dar o nosso jeito, se é que me entende... — Deixa subentendido. Para bom entendedor, meia palavra

basta.

— Entendo perfeitamente. — Dou-lhe a razão.

— Então vai aceitar o convite ou vai ficar fazendo charme? — Acha graça da sua própria pergunta enquanto serve outra dose caprichada de uísque. Ele está tão feliz que dá gosto de presenciar.

Eu sei que deveria dizer não, mas devido ao seu jeito lúdico de fazer o convite, acabei fazendo o contrário.

— Aceito! Ainda acho que não fez uma boa escolha, contudo, prometo dar o meu melhor para que não se arrependa de ter feito.

— Ótimo, amigo. Antes que eu me esqueça, seu par será a Yudiana Jackson. — Dá o Xeque-mate, acompanhado de um sorriso de canto brincalhão. O filho da mãe armou para mim.

Engasgo com a bebida, quase colocando os pulmões para fora. Parece que por mais que tente me afastar dessa mulher, ela se aproxima ainda mais de mim. Não sei se isso é artimanha do diabo, ou intervenção divina.



Capítulo 9

Yudiana

Logo bem cedo o salto do meu *scarpin* vermelho bate ritmicamente pelo piso da recepção do fórum. Apesar do meu momento caótico com Juiz Thompson ontem no elevador, acordei hoje de manhã sentindo-me ótima. Contudo, não devia ter deixado a raiva falar mais alto e metido os pés pelas mãos falando mais do que devia. Agora o homem sabe que andei vigiando seus passos e vai ficar mais arisco. Merda!

Mas nem isso vai estragar minha felicidade hoje. Não consigo evitar o sorriso extravagante atravessando meus lábios para todos que cruzam o meu caminho. Devem pensar que sou louca ou muito simpática. Sinceramente? Não me importo. Nunca liguei para a opinião dos outros nem mesmo a do meu “querido” pai. Faz muito tempo que não o vejo, graças a Deus. Melhor parar de pensar nele, pode trazer azar.

Para o meu primeiro dia de trabalho escolhi um terninho de três peças na cor azul marinho, que é simples e ao mesmo tempo elegante. Meu cabelo longo com o auxílio de um elástico está preso em um rabo de cavalo alto comportado. Na maquiagem exagerei um pouco. Não abro mão do meu

batom vermelho por nada. Amo tons fortes e tudo que lembra extravagância. Discrição nunca combinou comigo. Para completar, brincos de brilhantes que eu mesma me presenteei no meu aniversário. Meu pescoço está enfeitado por um colar também de brilhantes, assim como a pulseira que balança enquanto seguro minha maleta. Quero impressionar. Apesar de espalhafatosa também tenho bom gosto.

Ao entrar no elevador percebo que não está vazio. Enquanto sobe resolvo cumprimentar a pessoa, lhe oferecendo um sorriso simpático. Eu estou me sentindo tão bem, linda e confiante.

— Bom dia! — Pode-se dizer que meu sorriso foi assassinado por um olhar tão frio como uma nevasca. Desvio o olhar para o monitor do elevador, fingindo acompanhar os números crescentes, totalmente sem graça.

— Só se for para *tu, muchacha* — responde um espanhol com cara de poucos amigos, mas com vontade de rir que eu sei.

Ele tenta não gostar de mim, mas não consegue!

— Você por acaso tem alguma coisa contra mim, Gonzáles? — Como não sou de meias palavras, mando assim, direto ao ponto.

— Uma *no*, querida. Várias. — Sorrio, satisfeita. Adoro quando confronto pessoas tão diretas quanto eu. O debate é sempre mais divertido.

Ele balança a cabeça tentando tirar os fios de cabelo caídos sobre o

rosto, mas é inútil. Os fios são de um preto brilhante, sedosos demais, quase com vida própria.

— Eu posso saber quais coisas são essas? — questiono, tentando parecer séria, mas meu tom é de puro divertimento.

Os olhos acinzentados do espanhol rodam dentro das órbitas, ironicamente. Esse ato travesso o deixa ainda mais charmoso, acho que qualquer coisa que faça tem esse resultado. O cara é tão boa pinta que chega a ser engraçado.

— *Tu quieres* por ordem alfabética ou avulsa? *Yo* também posso enumerar, se quiser. Podemos começar pela sua petulância em se achar no direito de *hablar* comigo. — A minha gargalhada ecoa dentro do elevador. Eu amo o humor ácido do homem.

— Por que não fazemos assim, Gonzáles? Me envie por e-mail, vou me divertir muito lendo, porém mais tarde. Agora tenho muitas coisas para fazer e estou entusiasmada com meu primeiro dia de trabalho. — Ele contorce o nariz, enraivecido por suas provocações não causarem em mim o efeito que queria. Vai precisar de muito mais do que aquilo para me fazer perder a compostura.

— *No* brinque com fogo, mocinha, pode se queimar — ameaça apertando meu braço, mas não a ponto de chegar a machucar. É só para

intimidar mesmo.

O elevador para no meu andar e as portas se abrem, mas eu continuo no mesmo lugar que estava. Abaixo o olhar para seus dedos ainda rodeando o meu antebraço, depois volto a encará-lo.

— Fico feliz que o John tenha um amigo como você, leal. — Beijo seu rosto sorrindo e ele imediatamente me solta, impactado. Não esperava essa atitude de minha parte.

— Você *no* vai querer jogar esse jogo perigoso, Yudiana. Outras *mujeres* já tentaram e *no* terminou muito bem — adverte, respirando vigorosamente, mantendo o olhar baixo, balançando a cabeça de um jeito melancólico.

— Eu não sou as “outras”, Gonzáles. Sou única. Com o tempo vai perceber isso — respondo olhando em seus olhos, segura do que digo.

— *Yo* espero que *no* seja mesmo. Meu amigo merece uma chance de ser feliz novamente — ele diz quase em um sussurro.

Saio do elevador vitoriosa. Ponto para mim, espanhol!

Eu trabalho no quinto andar, ao contrário do Juiz Thompson, que fica no último. Novidade. Lá só atua os melhores dos melhores, os mandachuvas. Sendo sincera é até bom, porque assim não terei distrações. Em especial uma de um metro e noventa cinco de altura, ombros largos e porte físico

avantajado.

Depois de mais alguns passos eu estou diante da recepção. Passei por dois seguranças com escuta no ouvido, o que achei muito sinistro. O ruivo musculoso de perfil não me é estranho, mas não me lembro de onde o vi antes. Eles permanecem estáticos.

O que teria ali dentro de tão valioso para precisar de dois armários vigiando? Já tem um monte em volta do prédio. Que estranho. Me aproximo do balcão em formato boleado onde a recepcionista loira, sorrindo de maneira ensaiada, se encontra sentada com uma postura para lá de formal e elegante. Como tudo nesse lugar.

Desde a decoração fria com móveis de madeira escura até as pessoas passando por mim, metidas a besta, fingindo que não me veem. Talvez não seja tão animador trabalhar neste andar quanto pensei.

— Bom dia, Amanda — cumprimento a recepcionista pelo nome que li em uma plaquinha colada na sua blusa de seda verde claro, sorrindo de maneira teatral, assim como ela, mas a minha atuação é mais convincente.

Eu realmente sou boa em fingir.

— Bom dia, senhorita. Em que lhe posso ser útil? — questiona de má vontade, contorcendo a boca.

— Juiz Flores já chegou? — indago, olhando para os lados.

— Não. Se for para pedir algum favor, tem que marcar hora antes —
reponde secamente.

Debruço-me sobre o balcão, disposta a colocá-la em seu devido lugar.

— Caso você não saiba, eu sou a nova assessora dele. Prazer em conhecê-la. Se precisar de mim estou ao seu dispor. Sou a advogada Yudiana Jackson. — Lhe ofereço a mão de forma sincera e leva um tempo, mas devolve o cumprimento, constrangida.

— Como eu lhe informei, senhorita, juiz Flores não chegou.

— Obrigada, Amanda, tenha um ótimo dia. E pode me chamar apenas de Yudiana. Temos quase a mesma idade. — Jogo uma piscadela divertida na sua direção e ela sorri com as bochechas ruborizadas.

— Você sabe onde é a sua sala, Yudiana?

— Eu me viro. — Despedindo-me com um aceno, ando por um corredor extenso até me deparar com a sala onde tem o meu nome escrito em dourado no lado de fora da porta, em uma caligrafia elegante e precisa.

“Yudiana Jackson”.

Lágrimas enchem meus olhos. Cresci ouvindo meu pai dizer que nunca seria ninguém na vida devido ao meu jeito *“libertino e espontâneo, que faz tudo o que vem à mente”*, e olha onde eu cheguei, pastor Jackson.

Chupa essa!

Meu local de trabalho não poderia ser mais charmoso, pequeno e discreto. As paredes pintadas de um tom verde vivo que me lembra a natureza, a mesa de vidro redonda ao centro é delicada. Amei a estante cheia de livros sobre leis, tudo muito bem organizado e limpo.

Guardo minha bolsa em uma das gavetas vazias da estante. Trouxe algumas coisas minhas para personalizar meu cantinho de trabalho. Alguns objetos pessoais como um porta lápis do Darth Vader, meu personagem favorito do filme *Guerra nas estrelas*. Sobre a minha mesa de vidro coloco um porta-retrato com a foto que eu e as minhas duas melhores amigas, Dani e Júlia, tiramos na nossa formatura, trajando a beca. Sorríamos feito loucas. E outro à direita, na qual estamos eu e meu irmão caçula, Edmilson, e o de coração, Joe.

Demora algumas horas para me familiarizar um pouco à rotina do fórum, mas depois que pego o ritmo, as coisas fluem naturalmente. Estou entretida lendo alguns relatórios importantes sobre um caso cabeludo que pegamos logo de cara, quando o juiz Flores mandou me chamar em sua sala.

Vou praticamente correndo pelo corredor, dando uma freada

chegando na porta do seu gabinete. Me recomponho do jeito que dá, anuncio minha chegada com as mãos rentes ao corpo, tentando parecer calma. Sua sala com certeza é a maior do nosso andar. Cinco vezes maior, elegante, e ampla que à minha.

Meu chefe sorri para mim, sentado em sua cadeira do outro lado da mesa de trabalho. Ele é muito parecido com a filha. Tem uma presença agradável, de fato um coroa charmosão no auge dos seus cinquenta anos. Juiz Flores tem olhos azuis fraternais e a barba rala grisalha — assim como os cabelos curtos — sobre a pele branquinha levemente flácida. Sua postura é séria, que impõe respeito e confiança.

— Bom dia, filha, pode ficar à vontade. — Ele aponta para a cadeira em frente à sua mesa.

Passo o olho sobre um retrato da Dani bem pequena, no qual minha amiga está sentada na praia com um macacão rosa, sorrindo, faltando pelo menos três dentes na frente. O cabelo loiro enfeitado por um laço gigante, branco com bolinhas pretas, e as bochechas gorduchas rosadas que dão vontade de apertar de tão fofa.

— Linda, não é? — Seus olhos seguem os meus até a foto da filha. Ele pega em suas mãos e admira, cheio de ternura. — Daniela desde que nasceu só trouxe alegria para nossa casa, com seu sorriso fácil e bom coração.

Mesmo a mimando muito por ser filha única, não se tornou uma patricinha esnobe sem coração — gava, orgulhoso.

Sem coração, não, mas patricinha, sim, até o último fio loiro dos seus cabelos, penso comigo.

— Dani é linda por fora, na mesma proporção que por dentro — elogio, sincera. Depois penso melhor e chego à conclusão de que não deveria ter dito, pode soar como bajulação.

— Minha filha realmente é uma boa moça, o ser mais doce que conheço.

— Por que o senhor e a sua esposa não quiseram ter mais filhos? A Dani já disse várias vezes que sonhou em ter um irmão caçula — pergunto, xingando-me mentalmente por sair de um assunto delicado para entrar em outro ainda mais.

Ele desvia o olhar para o nada e permanece alguns segundos assim, pensativo, e um silêncio comprometedor paira no ar.

— A mãe dela tem dificuldades de engravidar. A Daniela veio por sorte, por isso foi tão mimada. Nunca tive vontade de ter mais filhos — responde mais grosso do que o necessário, desviando os olhos dos meus.

Perita em mentir como sou, sei que essa é uma mentira das grandes.

— Entendo — digo apenas.

— Então, Yudiana, eu te chamei aqui para dizer que estou muito feliz em ter uma das melhores amigas da minha filha trabalhando comigo. Mas quero deixar bem claro que não vou facilitar seu lado por conta disso. — Assinto.

— Se não fosse dessa forma, senhor, eu pediria demissão. Não vale a pena vitória sem luta, sofrimento ou dor. Dias ruins são necessários para que possamos saber apreciar os bons. — Sua expressão de satisfação traz em mim uma onda de alívio. Tenho sorte em ter um chefe como ele logo no meu primeiro emprego.

— Está bem, filha. Não esperava menos de você.

— Eu que agradeço, senhor, principalmente por não facilitar as coisas para mim. Sinal de que acredita no meu potencial. — Assente.

— Se não acreditasse no seu potencial, não estaria trabalhando comigo agora — sussurra, inclinando o corpo para frente, como se fosse segredo, depois ri alto.

— Agora vá trabalhar, senhorita Jackson. Deve ter uma pilha enorme de relatórios de casos mais urgentes sobre a sua mesa para serem analisados. Se precisar de mim, é só chamar.

— Não esqueça que o senhor tem uma audiência marcada para as duas horas. Trarei a agenda do senhor mais tarde com todos os compromissos

da semana — aviso e saio depois de uma breve despedida.

Depois dessa conversa rápida com o juiz Flores, o restante do dia passa voando. É tanto serviço que nem fui almoçar. Chego ao final do meu expediente apenas como o café da manhã reforçado que tomei antes de sair de casa. Quando bate quatro horas em ponto, meu telefone toca. Já ia começar a preparar minhas coisas para ir embora, mas resolvo atender.

— Assessoria juiz Flores. Yudiana Jackson falando, em que posso ajudar? — Balanço a cabeça, rindo. Minha voz parece daquelas atendentes de telemarketing.

— Na minha sala em cinco minutos, Índia. — O telefone sem fio desliza pela minha mão e vai ao chão com tudo. Aquela voz grossa perigosa que sempre me tira do eixo.

Juiz Thompson me chamou de Índia. Merda!

Recebi esse apelido no Clube Luxos, onde trabalhei como dançarina misteriosa com o pseudônimo de Índia. Como Juiz Thompson sabe disso, meu Deus? Isso não é possível. Pelo que me lembro, ele só esteve lá uma vez. Agora sabe que eu trabalhava como stripper. O que será que pensa em relação a isso? Talvez este seja o motivo de ele ser tão estranho quando está perto de mim. Deve ter preconceito e, como a maioria das pessoas, pensa que faço servicinhos “extras” para os clientes depois da apresentação de dança

erótica.

— Isso não pode estar acontecendo, caralho! — Desabo na minha cadeira em choque, impossibilitada de dar um passo em qualquer direção que seja.

Permaneço ali parada, por um bom tempo com as mãos trêmulas sobre o rosto. O ar na minha sala parece venenoso, mal consigo respirar. Se as minhas chances eram poucas com esse homem, agora se resumem a nada.

Deslizo as mãos pela minha garganta, sentindo-me sufocada, um gosto amargo dança uma valsa em minha boca.

— Você não apareceu, Senhorita Jackson. — A minha sala é inundada pela sua voz rouca, tão perigosa quanto as artimanhas do diabo. Não tenho coragem de levantar a cabeça para encará-lo. — Resolvi descer para ver o que está acontecendo, já que as pessoas não costumam atrasar quando recebem uma ordem minha. — Não consigo segurar o riso raivoso que rasga meus lábios. Ele me provocou e eu vou responder à altura. Chego a ficar de pé para não parecer tão indefesa e assustada.

Mas perco a voz ao vê-lo parado ali, com sua camisa de um azul profundo justa dando um contraste fascinante aos seus olhos marcantes, usando a porta como apoio para as costas e os braços cruzados que fazem os músculos saltarem para fora, me deixando completamente desestabilizada.

Prendo a respiração por alguns segundos recobrando a estabilidade mental, depois despejo tudo sobre ele.

— Eu não sou sua empregada para obedecer às suas ordens, John, mas se quiser bancar o dominador entre quatro paredes eu vou amar brincar de sua submissa. Mas não se acostume em mandar em mim sempre, vai ser somente quando eu quiser que seja assim. — Me delicio com a imagem do homem metido a todo poderoso empalidecendo como uma folha de papel. Ele descruza os braços e leva ambas as mãos até o rosto em sinal de impaciência.

Fico alerta. Quando Thompson volta a si, gira o corpo para trancar a porta, me dando uma bela visão das suas costas largas. Pelo horário não deve ter quase ninguém no fórum, então poderemos lavar roupa suja à vontade.

— Olha aqui, menina. Eu estou farto desse seu joguinho de aparecer na minha área e foder com o meu psicológico. Seja o que veio fazer aqui, diga logo e eu lhe darei carta branca para que suma da minha vida logo de uma vez. — Ele perde a compostura, indo direto ao ponto, disposto a iniciar uma briga feia caso seja preciso.

Ótimo, eu também estou!

— Você quer a verdade? Eu me esforcei para vir trabalhar aqui como assessora do juiz Flores porque queria ficar perto de você, John — começo em um tom apaziguador e a expressão pesada do seu rosto suaviza

vagarosamente, a ponto de algumas rugas de puro tormento na sua testa se desfazerem uma a uma, como em câmera lenta.

— Por favor, Yudi, não faça isso comigo. — Ele balança a cabeça, quebrando o contato visual.

— Mas meu intuito principal em estar aqui é descobrir o que aconteceu de verdade no dia do sequestro quando você impediu que o chefe do tráfico abusasse de mim. — Faço uma longa pausa. Lembrar desse dia tenso me dá calafrios.

Então continuo.

— Mandou seus seguranças me tirarem do local e ficou para trás com ele no beco escuro, o resto da história espero que você me conte. — Dou a volta na mesa, ficando frente a frente com ele. Tenho vontade de tocá-lo, mas não faço nada para que não se sinta pressionado.

Ao inclinar a cabeça para olhar em seus olhos, vejo o quanto há angústia dentro deles. Mas não medo ou culpa.

— Não precisava ter armado esse circo todo só para me perguntar se eu matei Binladem naquele dia do sequestro. Era só me perguntar que a resposta é apenas uma. Sim! — revela, calmo, o assassinato de uma pessoa à sangue frio, indiferente como se estivesse contando que o cachorro do vizinho morreu de causas naturais.

— Você se arrependeu do que fez?

— Não me arrependi em nenhum momento por ter mandado aquele verme para o inferno. Por você faria coisa muito pior. Pode ter certeza disso!

— Sua voz ressoa perigosa, e o canto direito de sua boa transforma-se em um meio sorriso irônico ameaçador.

Fico surpresa por conseguir tão fácil sua confissão, apesar de que no fundo sempre soube da verdade. O mais surpreendente é que não existe expressão em seu olhar além de frieza. Muita frieza. Tremo mesmo sem nenhuma corrente de ar mais forte no ambiente. As janelas estão todas fechadas.

— Realmente não se sente mal em nenhum momento por ter matado um homem, e por minha causa?

— Você sabe que não, Yudiana! Mesmo já rendido eu o matei. Podia apenas tê-lo prendido. Mas achei mais viável cortar o mal pela raiz. Faria novamente. Porém, de um modo mais cruel e doloroso. — Conforme cada palavra proferida, eleva mais a voz, apertando os punhos, uma veia alta crescendo em sua testa, pulsando freneticamente.

Parece exausto, como se tivesse corrido uma maratona inteira, com o olhar totalmente perdido. A essa altura meu rosto está um emaranhado de lágrimas que deslizam desenfreadamente.

— John, eu... — Tento falar, mas não consigo devido o choro que toma conta de mim incontrolavelmente.

Como se estivesse morrendo aos poucos ao me ver nesse estado, John se afasta, visivelmente desorientado, não parando de andar de um lado para o outro na sala como se estivesse em meio a um surto psicótico. Fico tensa quando do nada ele para a uma distância relevantemente confiável para o que está prestes a me intimar a fazer. Agora é tudo ou nada.

— Agora que já conseguiu a porra da confirmação que tanto queria, tem duas alternativas: ligar para a polícia e me denunciar por ter matado um bandido já rendido e impossibilitado de fazer mal a alguém, ou sair por aquela porta e sumir da minha vida de uma vez por todas. — Seu tom melancólico ao dizer tais palavras dolorosas, virando-se de costas para que eu não veja o tormento em sua face, me faz chorar ainda mais. Simplesmente não consigo conter as lágrimas, chegando a soluçar alto.

Não sou de perder o controle da situação fácil, porém, se tratando do Juiz Thompson, nada é fácil. Cheira a perigo. Como pisar em um campo minado com vendas nos olhos, sozinho e assustado em um lugar totalmente desconhecido.



Capítulo 10

John

Eu nunca me senti tão vulnerável antes. Revelar para Yudiana que executei o traficante a poucos metros do local de onde ela estava, não foi fácil. Por pouco não presenciou a cena. Nem Gonzáles sabe desse meu segredo. E eu nunca escondi nada dele antes. Quanto menos gente estiver envolvida nessa merda toda, melhor.

Não tenho coragem de olhar para Yudiana, então me mantenho distante, quase que do outro lado da sala. Sou um assassino. Estranhamente não me sinto nem um pouco mal por conta disso, nem acho que tenha feito algo de errado. Vejo como um favor tirando esse monstro do mundo. Acredito que de um jeito meio torto, fiz justiça por todas as famílias que esse traficante encheu a boca para dizer que assassinou e as da que destruiria ao longo de sua vida caso ainda estivesse vivo. Às vezes o certo é apenas um ponto de vista.

— Então as únicas alternativas que você me dá são: te denunciar à polícia por executar o Binladem ou sumir da sua vida de vez, Juiz Thompson? — A voz da Yudiana ainda chorosa me traz de volta dos meus

pensamentos. Quando dou por mim ela já está frente a frente comigo novamente.

— Já disse para não brincar comigo, Yudiana. Apenas acabe com isso logo, sua presença me incomoda. — Tento ser indiferente, mas pelo meio sorriso enfeitando ainda mais seu belo rosto, ela sabe que é exatamente o contrário.

Yudiana consegue me ver como realmente sou.

Isso me assusta demais.

— Como quiser, meritíssimo. Minha escolha é a seguinte... — Ela se põe nas pontas dos pés com a prática e delicadeza de uma bailarina, e ataca a minha boca com ferocidade.

Mostrando ser a mulher de atitude que sempre pensei que fosse ao enfiar a língua dentro da minha boca sem pedir permissão ou alguma sutileza, fazendo-me ir do inferno que estou vivendo para o céu. Minhas mãos involuntariamente deslizam até sua cintura fina e a puxo para mais perto, colando nossos corpos. Apesar do tecido de nossas roupas entre nós, posso sentir a temperatura de sua pele subindo bruscamente, assim como os bicos dos seios já rígidos esfregando-se em mim.

Quando percebe minha excitação inchando cada vez mais dentro das calças, faminto em possuí-la, a diaba ergue os quadris, se esfregando,

intencionada a me enlouquecer. Já havia conseguido desde que pisei nessa sala. Mas agora, perco totalmente o controle.

Seus lábios são macios e molhados, quentes. O gosto docemente viciante. Ardente. Como eu sonhei com esse beijo, meu Deus! Todos os dias desde que coloquei meus olhos nela. Um sonho que acreditei ser impossível se tornando realidade, porra! Eu poderia fazer isso pelo resto da minha vida que não me cansaria. Sim! Essa boca foi feita para me dar prazer.

Nunca conseguirei entender como Yudi consegue mexer tanto comigo, a ponto de me fazer esquecer a promessa que fiz de nunca mais me apaixonar por ninguém. Não por medo de sofrer, porém, para evitar exatamente o contrário. Lembrando disso, a empurro para longe imediatamente.

— Nunca mais faça isso, entendeu mulher? — Ela mede-me com o olhar, meu grito não a assustou tanto quanto eu queria.

Afasto um passo para trás, sua expressão é ilegível.

— Como quiser, meritíssimo. — Ela encurta a distância entre nós novamente, deslizando a ponta do dedo indicador pelo meu peito perigosamente. — Da próxima vez quem vai pedir que eu o toque será você. Na verdade, vai implorar, mesmo.

Sua confiança ao dizer isso me irrita. E muito. Por que é tão difícil me

livrar dessa mulher endiabrada? Nenhuma chegou tão perto antes.

— Será que você não escutou quando eu disse que matei um homem? Sou um assassino frio e calculista, não sei que tipo de cara pensa que sou, mas estou longe de ser um príncipe encantado, tampouco uma pessoa normal.

— Minha respiração é acelerada, a vontade de beijá-la novamente chega a ser dolorosa.

Minha atenção cai sobre seus lábios inchados e vermelhos, minha mente é tomada por pensamentos profanos.

— Nada contra pessoas normais, é que elas são tão sem graça — debocha do meu desespero, rindo alto.

— Olhos são inúteis quando a mente é cega. Não espere que o pior aconteça para ver a encrenca que eu sou. Não vale a pena o risco — alerta-a.

— Você matou alguém que queria me machucar. Faz ideia do quanto isso é importante para mim? Se tivessem me protegido assim na minha infância, teria me evitado muito sofrimento. Eu não tenho porque te acusar de nada. Apenas agradecer por ser meu herói, um anjo caído que apareceu na minha vida para me proteger.

Só de saber que teve uma infância difícil, me quebra um pouco mais por dentro.

Luto loucamente contra os sentimentos que sinto pela Yudiana, mas

não sei até quando vou conseguir segurar a onda.

Mas eu preciso ser forte.

Ela merece coisa melhor do que eu.

— Desculpa! Não quero te magoar, mas seja lá o que quer de mim, eu não posso te dar. — Afasto-me em um movimento lento, deixando claro que o melhor que ela tem a fazer é fugir de mim. — Se depois pensar melhor em tudo e resolver me denunciar pelo crime que cometi, estou pronto para aceitar meu destino. Mas vá embora daqui, por favor. Posso arrumar uma vaga para você trabalhar em qualquer outro fórum do Brasil, muito melhor do que esse. — Observo atentamente seu rosto paralisado, sem saber qual será seu próximo passo. Espero que o mais sensato.

— Eu te conheci por acaso, meritíssimo. O acaso mais perigosamente atraente que cruzou o meu caminho. Nunca me senti tão atraída por um homem antes. — Ela para de falar por um momento e sorri daquele jeito que tira toda minha sanidade mental, em segundos. — Não pretendo abrir mão de você tão fácil assim. Sinto muito, mas não é dessa vez que irá se livrar de mim.

Ergue a mão até meu rosto amorosamente.

— Por favor, menina. Me ajude a ajudar você — imploro, fechando os olhos, sentindo-me mais calmo. O calor do seu toque é reconfortante.

Queria ter forças para tirar suas mãos de mim, mas não posso.

— Até amanhã, meritíssimo. Preciso ir para casa descansar, hoje o dia de trabalho foi tenso, mas produtivo. — Antes de ir ela se aproxima como se fosse me beijar novamente, a essa altura estou sem forças para afastá-la.

Mas faltando menos de um centímetro para nossos lábios se tocarem, ela para e sussurra:

— Ah! Eu esqueci que da próxima vez que nos beijarmos, vai ser você a implorar. — Faz sua última provocação do dia e vai embora deixando seu cheiro de jasmim para trás.

Porra! E agora, o que eu faço? Meu plano de assustá-la contando a verdade foi por água abaixo. Ao invés de fazê-la correr para longe, a aproximei ainda mais.



Capítulo 11

Yudiana

O dia mal clareia quando escuto batidas escandalosas na porta do meu apartamento. Resmungo alguns palavrões quase indo de cara no chão ao tentar levantar da cama, morta de sono. Seja quem for, mandarei para a puta que pariu! Isso lá é hora de acordar alguém? Será que essa pessoa já ouviu falar em campainha? Se continuar batendo assim a porta vai ao chão a qualquer momento.

Antes de abri-la, ajeito meu pijama e passo a mão sobre meu cabelo para disfarçar o *frizz*, mas não adianta muito. Ontem tomei banho tarde e dormi com ele molhado.

Minha língua afiada fica muda quando vejo de quem se trata. Tenho aquele tipo de susto que faz a alma da gente sair do corpo por alguns instantes. Não esperava essa visita tão inusitada. Sem saber o que dizer, cambaleio para o lado, tonta, usando a parede como apoio até esse efeito sufocante de tantas palavras não ditas presas na minha garganta.

— Pai? — digo em um fio de voz, triste e doloroso. Olhar para ele me

traz lembranças horríveis.

Todo elegante, como sempre, terno caro e sapatos importados. Nariz empinado e o olhar acusador. Pelo visto sua mania de grandeza continua firme e forte, exalando arrogância por todos os poros.

— Isso são horas de acordar, Yudiana Jackson? — Me julga.

Então pastor Simon Jackson me examina de cima abaixo com sua irritante expressão de indiferença. Tinha me esquecido do quanto é ruim viver sob esse seu olhar acusador, como se eu já estivesse errada antes mesmo de ter aberto minha boca.

— Diga o que veio fazer aqui, e depois, rua! — Aponto o dedo para o corredor, taxativa. Mas ele finge que não me escuta.

— Não vai pedir a benção ao seu pai, menina? Em que tipo de advogada mal-educada se formou? — resmunga, como se eu o devesse respeito.

É a primeira vez que nos vemos depois de anos que me jogou na rua. Não acreditou quando tomei coragem de contar que meu próprio tio abusou de mim por anos bem debaixo do seu nariz. Entre mim e o seu irmão, escolheu confiar no seu irmãozinho, que se diz fiel missionário do senhor.

— Eu estou na minha casa. Minha! Aqui quem manda sou eu. Posso acordar a hora que eu quiser. Aliás, como encontrou meu endereço? Como

sabe que me formei em Direito? Não lembro de ter convidado vocês para minha formatura.

Seu rosto se contorce.

— Eu deveria lavar essa sua boca com sabão, Yudiana Jackson. —
Põe bastante ênfase, mas não chega a gritar como quando chamava minha atenção antigamente.

Ele sabe o quanto odeio meu nome e a culpa é toda dele também por isso. Então faz questão de dizê-lo completo sempre que pode, apenas para me ferir.

Mesmo sem a minha permissão, ele adentra meu apartamento, analisando tudo que suas vistas podem alcançar, para só então, finalmente, se voltar para mim, juntando as mãos na frente do corpo, dando uma de “homem de Deus”.

— Até que seu apartamento não é tão ruim quanto pensei que seria. É até arrumadinho — comenta e eu cruzo os braços, sem paciência. — Pelo que me contaram é advogada formada. Aproveite essa chance que a vida lhe deu, menina, e se torne uma pessoa de bem e forme uma família abençoada como a nossa.

Gargalho na cara dele, que permanece sério.

— Abençoada como a sua, pai? — pergunto ironicamente. Quando

quero sei ser cínica, sou igualzinha a ele. — Com um irmão pedófilo, um pastor que joga a filha na rua e uma mãe que negligenciou todas as maldades que o marido faz? — grito mais do que falo, meus olhos chegam a saltar para fora de tanta raiva.

— Depois de tantos anos ainda com essa história, filha? Agora trabalha com a lei, é crime levantar falso testemunho das pessoas.

Deslizo as mãos pelo rosto, bufando. Não consigo suportar a presença desse homem por mais de cinco minutos.

Como meu pai tem coragem de aparecer aqui na minha porta e ainda dizer um absurdo desses? Se ele não esqueceu todo mal que me fez, eu não esqueci. É como dizem por aí: *“Quem bate sempre esquece, mas quem apanha, não. Principalmente quando deixa cicatrizes profundas no coração.”*

— Quer saber? Vai para o inferno! De onde nunca deveria ter saído, Satanás. Se ousar voltar aqui eu chamo a polícia — esbravejo. Se soubesse que era ele tocando a minha campainha, jamais teria atendido.

Mas o velho nem se comove com o desgosto que sua visita me causa. Está ocupado demais reparando na minúscula tatuagem que fiz no pulso enquanto estava na Colômbia, de um trevo de quatro folhas.

— Quem fez esse estrago em você, Yudiana? Essas coisas são do

Demônio, filha. Pelo jeito não tomou tanto juízo assim como me disseram.

— Eu não estou brincando, Pastor Jackson. Vou ligar para o segurança do prédio te levar arrastado daqui. Será que não percebeu que não te quero em minha casa?

— Você sempre dá um jeitinho de envergonhar a sua família, não é mesmo, garota? Não sei onde erramos tanto contigo. Como minha primogênita deveria ser exemplo para os jovens da minha igreja.

Respiro pesadamente para não fazer uma merda. Meu pai é de fato a pessoa mais hipócrita da face da terra.

Eu tenho defeitos como todo mundo, muitos, na verdade, mas isso não dá ao pai nem a ninguém, o direito de citar cada um deles da forma mais cruel possível. É coisa de gente pobre de espírito e sem coração.

— De uma vez por todas, o que veio fazer aqui? Me visitar tenho certeza que não foi. Tem apenas um minuto, depois quero que vá embora e não se dê o trabalho de voltar nunca mais. — Sou curta e grossa. Eu conheço esse homem melhor que ninguém, não dá ponto sem nó, então não posso deixá-lo ir sem antes saber o que está aprontando dessa vez.

— Não tem vergonha de expulsar seu próprio pai da sua casa?

Ele torce o nariz, contrariado.

— Você teve quando me expulsou da sua, ainda menor de idade,

papaizinho? — ironizo.

Ele lança-me uma olhadela de porco.

— O seu irmão caçula desistiu de fazer faculdade porque quer começar cedo a se preparar para assumir meu lugar um dia como pastor chefe da nossa igreja. Estou tão orgulhoso de Edmilson... Tanto que o deixei escolher a escola religiosa que vai ensiná-lo tudo sobre a Bíblia — diz com orgulho, limpando uma lágrima de felicidade.

Eu não falo nada.

Só observo sua felicidade.

— E eu com isso? — Tento parecer indiferente, mas tocar no nome do meu irmão caçula sempre mexe comigo. É um dos poucos que salva naquela família de louco.

— A escola que seu irmão escolheu por coincidência fica a duas quadras daqui. Não confio nele indo toda noite para casa sozinho. Então, quando sua mãe descobriu através de uma amiga que você agora é advogada e mora num bairro descente, me convenceu a lhe dar um voto de confiança deixando Edmilson aos seus cuidados.

Resumindo. Me procurou por interesse, é claro, penso comigo.

Desabo no braço do sofá, impactada. Sou completamente apaixonada pelo meu irmão caçula. Acompanhei pouco do seu crescimento, mas foi o

suficiente para nos tornamos grande amigos. Ele me liga quase todos os dias, sempre me conta tudo sobre sua vida.

— Como é engraçado a vida, não é mesmo? Antes de saber que me formei advogada, eu não poderia ir visitar meu irmão na sua casa porque seria má companhia para ele. Hoje que o senhor sabe que ganho um ótimo salário, está aqui, pedindo que o garoto more comigo por um tempo. — Ele semicerra os olhos, como quem pergunta: *Onde quer chegar com isso, garota?* — Realmente, um diploma de Direito conquista o respeito das pessoas, até mesmo as com o coração mais duro. — Atiro a verdade em sua direção, mas para gente sem caráter ela não surte efeito.

Apenas mantém a face embotada.

— Você vai ou não poder ficar com seu irmão, Yudiana? A ideia nem foi minha, já disse que é coisa da sua mãe. Com diploma de Direito ou não, minha opinião sobre você está formada desde que começou a falar. Pau que nasce torto, morre torto. — Destila seu veneno, mas para mim são apenas palavras ao vento.

Não pode me ferir mais.

Não mais do que já feriu.

— Jamais negaria um teto para o meu irmão. Sei bem o que é estar na rua com fome e sede, sem nenhum canto para se esconder do frio.

Os músculos de sua mandíbula se contraem. Indireta recebida com sucesso!

— Obrigado, Yudiana. Deus lhe devolverá em dobro por abrigar o futuro pastor mais conhecido pela igreja. O garoto tem uma fé enorme, é quase um Messias enviado por Deus para salvar esse mundo.

Não digo nada, só observo um louco em de seus momentos psicóticos.

— E onde o seu sucessor na igreja está, pai? — debocho com vontade de rir na cara dele.

Meu pai se aproxima da porta, inclina o corpo para fora e chama pelo filho caçula. Não acredito que deixou o garoto esperando até agora do lado de fora. Reviro os olhos inevitavelmente.

— Edmilson, traga as malas. Você vai passar um tempo com sua irmã mais velha. E que Deus lhe proteja durante esse período. — Bato o pé no chão, zangada. Ele precisa da minha ajuda e ao mesmo tempo desdenha.

Típico do ser humano.

— Por que deixou Edmilson no corredor? — questiono enquanto cato algumas roupas espalhadas pelo chão da sala. “Bagunceira” deveria ser meu nome do meio.

— Acredita que seu irmão recebeu uma mensagem do Senhor ao passar por uma moça ali no corredor vestida seminua ouvindo funk, de que

ele deveria conversar com ela e apanhar essa ovelha perdida para o nosso rebanho — profere, orgulhoso pelo filho.

— Estou aqui, meu querido pai. — Edmilson chega todo arrumadinho dentro de uma calça preta e uma camisa social azul de botões, com gravata preta.

Traz malas demais para quem pretende ficar só por um tempo.

— Que saudade, irmãozinho! — Vou até ele e o abraço o mais forte que posso. O amo demais.

— Que bom te ver, irmã. A paz do Senhor esteja com você. — Deixa as malas no chão e beija meu rosto tirando a bíblia, de baixo do braço.

— Conseguiu resgatar a ovelha perdida, filho? — Meu pai arruma o nó da gravata do filho, mesmo estando perfeita.

— Consegui, pai. Inclusive a convenci a ir no curso bíblico comigo —Edmilson diz baixinho, fitando os pés, respeitosamente.

— Esse é o meu garoto! — exclama meu pai passando a mão em sua cabeça. Eu sou a única filha que ele nunca deu esse tipo carinho. Na verdade, nunca deu nenhum tipo.

Depois de uma breve despedia, meu “querido” pai vai embora, deixando seu sucessor aos meus cuidados.

— Ele já foi mesmo, Didi? — pergunta meu irmão, olhando de rabo

de olho em direção à porta.

— Já sim, Edmilson — respondo cruzando os braços, arqueando minha sobrancelha.

— Vamos dar glória ao Senhor por isso, irmãos. — Junta as mãos como se estivesse rezando. — Caraca, *meu*, não aguentava mais essas roupas cafonas, mana. Já viu o calorão que está fazendo lá fora? Puta merda! E pelo amor de Deus, *fia*, se me chamar de Edmilson novamente pode preparar as armas porque vai ter briga — ele fala, tirando as camadas do seu disfarce de filho perfeito. Dou uma gargalhada maquiavélica pensando como o nosso pai pode ser tão cego que não conhece o filho malandro que tem dentro de casa.

Vai tirando o terno na sala mesmo, deixando à mostra a calça de tecido da Nike que estava por baixo, mostrando a metade da cueca, uma camisa vermelha descolada e um cordão enorme dourado com um pingente enorme em formato de cifrão. Fora o boné de aba reta que tira da mochila e coloca meio de lado. Se eu não conhecesse pensaria ser um cantor de Hip Hop famoso. Não deixa a desejar em nada no estilo.

— Um dia a casa cai, Edmilson. Não vai conseguir esconder essa sua vida de fuleragem para sempre — alerta.

— Vira essa boa pra lá, criatura. Eu tinha que inventar uma desculpa para não ir para a faculdade. Quero ser cantor de funk. — Põe a mão no

joelho e dá uma reboladinha. Eu não aguento esse moleque. — Você está cansada de saber dos meus macetes, Didi. Não vacila, *pô*. Perto do pastor Jackson, sou Edmilson. Longe, sou Dimy — me repreende como se eu fosse a errada na história. Esse moleque não presta!

— Eu sabia que não tinha curso religioso coisa nenhuma, não é, seu moleque sem vergonha? Deixa o pai descobrir dos os seus rolos... Se acha que vai ficar aqui para aprontar alguma das suas, está muito enganado. — Cato sua orelha, puxo com força e não solto. Já passou da hora de tomar juízo.

— *Tá loucona*, ô? Claro que não tem curso nenhum, mulher. Parece que bebeu. Te orienta, *fia*.

— Edmilson... — advirto com mais ênfase.

— Ai, Didi, você vai arrancar minha orelha fora.

— É para arrancar mesmo. Que história é essa de me colocar no meio dos seus rolos vindo morar na minha casa? — Solto a sua orelha e o filho da mãe cai no chão, rolando de rir da situação. Não leva nada a sério.

Já não basta o monte de problema que tenho, ainda me aparece com mais esse. Um irmão caçula malandro que se faz de santo na frente dos nossos pais. Que merda!



Capítulo 12

John

Depois de algumas ligações, aqui estou eu, em frente ao presidio Evaristo de Moraes, onde se encontram os bandidos mais perigosos da atualidade. Assim que entro no local, em cada passo que dou, sinto cada vez mais a frieza que esse lugar transmite. Não sou de fazer esse tipo de visita, principalmente para presos, mas através dos meus contatos não foi difícil manter minha passagem por aqui em total sigilo.

Antes de abrir a porta da sala que a pessoa que vim ver está à minha espera, ordeno para os meus seguranças que esperem pelo meu retorno no corredor. Os dois policiais vigiando a porta no lado de dentro, convido educadamente que se retirem. Ao adentrar o recinto, avalio detalhadamente o homem sentado de cabeça baixa, com o corpo inclinado de tal modo que os cotovelos pairam sobre a mesa com tanta força, que dá a impressão que vai entrar a tábua de madeira adentro.

A sensação que tenho é de como se esse homem estivesse segurando todo o peso do mundo sobre os ombros. Sei exatamente como é isso. Estar de pé, mas destruído por dentro. A vida sabe ser cruel com algumas pessoas

quando quer.

— Bom dia, Maycon Souza. — Ele se sobressalta quando me vê parado diante dele com a mão estendida para cumprimentá-lo.

Estava curioso para conhecer o esposo da senhora que me abordou outro dia na porta do fórum, afirmando que o mesmo tenha sido preso injustamente.

Lendo os arquivos do seu caso recentemente, descobri que há mais de um ano Maycon foi condenado a vários anos de prisão por supostamente fazer parte da gangue que protagonizou um dos maiores assaltos da história deste país ao branco central, calculado em cem milhões de reais.

— Bom dia, doutor — cumprimenta o rapaz, mantendo a cabeça baixa.

Não aperta minha mão a princípio, mas não por grosseira, acredito. Está ressabiado com minha presença, não deve fazer a mínima ideia de o porquê de eu estar aqui.

— Não sei você, mas de onde eu venho as pessoas cumprimentam as outras com um aperto de mão forte. — Pela primeira vez ele gira o pescoço para olhar para mim, desconfiado como um animal preso na armadilha de um caçador perverso.

Seus olhos me fitam atentamente, mas demonstrando apenas vazio,

como um buraco negro. Tem alguma coisa errada nessa história.

— Desculpe os maus modos, doutor.

Seus ombros encolhem ainda mais ao levantar o braço bem devagar, quase em câmara lenta, então aperta a minha mão de leve. O cara está tremendo como se estivesse morrendo de frio. Sento-me na cadeira à sua frente, ficando cara a cara com o suposto meliante, olhando em seus olhos para que saiba que pode confiar em mim.

— Sou Juiz Thompson. Sua esposa me procurou recentemente dizendo que foi condenado injustamente.

— Eu sou inocente, doutor! — diz com veemência.

O desespero é tão evidente no seu rosto, quanto o desespero no tom de sua voz.

Desde que pisei nessa sala e coloquei meus olhos nesse homem, percebi que ele pode ser qualquer coisa, menos um bandido perigoso que ajudou a planejar um assalto milionário.

É humilde demais para tamanha audácia. No entanto, como um homem inocente, veio parar em um lugar como esse, pegando tantos anos de prisão sem direito a condicional? Bom, estou prestes a descobrir.

— Primeiro, pode me chamar apenas de John — digo calmamente e o rapaz mostra tanta humildade ao me chamar de doutor, que chega a ser

comovente.

Suas mãos calejadas tremem cada vez mais sobre o colo.

— Não, Senhor. Se não importar, prefiro continuar chamando de doutor mesmo. Apenas de John seria estranho. Não sou digno disso. Sou apenas mais um negro pobre que todos olham, mas não veem de fato. Ouvem, mas não escutam. Condenado injustamente só por estar no lugar errado e na hora errada, tentando sobreviver nesse mundo injusto e preconceituoso. — Observo o homem de trinta e poucos anos no máximo chorando à minha frente como um menino, humilhado e sem amor próprio.

Isso tão triste de se ver. Amor próprio é uma coisa valiosa. Devemos defendê-lo com avidez, porque depois que o tiram de nós, dificilmente conseguimos de volta.

— Eu estou ouvindo você agora. Para mim tanto faz a cor da sua pele ou a classe social. Julgo as pessoas pelo caráter, não pela aparência. E te dou a minha palavra que se te prenderam por algo que não fez, os responsáveis por isso pagaram caro nos tribunais — garanto, lhe encarando nos olhos fixamente. Nunca vi um olhar tão sofrido antes, sem vida.

— Depois de tudo de ruim que passei, acho que através da confiança que minha esposa tem em mim, Deus mandou um anjo para me ajudar.

Eu posso ver o brilho da esperança brotando em seus olhos

novamente. Sinto-me na obrigação de devolver a dignidade que arrancaram desse homem covardemente.

Mas estou longe de ser um anjo. Estou mais para demônio.

— Conte-me tudo sobre o que houve no dia do assalto ao banco central, cada detalhe, por menor que seja. Preciso entender porque te prenderam, já que diz com tanta convicção ser inocente — questiono indo direto ao ponto. Preciso como o corte de uma navalha afiada.

Com sua simplicidade, Maycon dá seu depoimento e eu fico perplexo ante a tanta falta de preparo dos policiais que atuaram no dia do assalto ao banco. Detiveram esse pobre homem apenas com a alegação de que ele tinha a “aparência” suspeita. Ou seja, várias pessoas que estavam no local durante o crime e saíram correndo assustadas, mas entre todas elas, apenas um negro pobre foi preso assim que colocou o pé do lado de fora. Não precisa ser inteligente para saber o porquê.

Não havia evidência nenhuma para fazerem tal apreensão, apenas jogaram Maycon na viatura e pronto. Chegando na delegacia, ele foi torturado até assumir a culpa por um crime que não cometeu.

— Eu realmente sinto muito pelo que fizeram com você, rapaz. Independente se era culpado ou não, em hipótese nenhuma esses policiais tinham o direito de te torturar seja da maneira que fosse. — Ele assente e

senta-se novamente, sem transparecer sinal de mágoa, raiva ou qualquer sentimento de vingança. O invejei por isso. Eu sou sempre justo ao extremo.

Seja para o bem ou para o mal. Não costumo ter piedade com quem não a merece.

— Tudo bem, doutor. Nem doem mais os ferimentos. Já cicatrizaram. O estrago maior foi na minha virilidade. Me senti como na época da escravidão, quando o negro não tinha direito a nada. Nem a voz. Lutei pela minha dignidade enquanto pude, mas houve um momento em que não aguentei mais e entreguei os pontos. Depois de passar duas semanas na solitária, pelado e ferido, sem comer por dias, qualquer um no meu lugar teria feito o mesmo — revela e me sinto mal por ele.

— Primeiramente, quero me desculpar pelas falhas desses profissionais hipócritas e preconceituosos de merda que se dizem da lei. Estou envergonhado e enojado com isso tudo. — Toco seu ombro e ele balança a cabeça, emocionado demais para dizer qualquer coisa. — Eu vou ser bem sincero com você, Maycon. Mesmo se o seu caso for reaberto, precisaremos de muitas provas para convencer a respeito de sua inocência.

— Entendo, senhor. Quais são as minhas chances?

— Como confessou o crime antes, voltar atrás agora será complicado. Ainda mais envolvendo policiais que não irão assumir o erro facilmente.

Então a briga vai ser muito feia. Mas para sua sorte, esse é o meu tipo preferido de caso. — Pela primeira vez eu o vejo sorrindo, mesmo que em meio as lágrimas.

— Obrigada por acreditar em mim, doutor. Naquele dia eu estava no banco por mero acaso do destino, para tentar um empréstimo e me manter até conseguir outro emprego. A empresa onde trabalhava como operador de máquinas faliu. Estava prestes a perder minha casa para um agiota, e tenho uma esposa maravilhosa e três filhos pequenos que são a minha vida. Não podia deixar que ficassem sem um teto para morar.

— Não precisa agradecer, rapaz, nem explicar mais nada. Apenas estou fazendo o que é certo. Sua esposa é uma mulher forte. Já a orientei do que fazer para abrir um novo processo para provar sua inocência.

— Precisa agradecer sim, doutor, por me tratar como gente. — Ele fecha os olhos com um certo pesar, e uma linha de exaustão aparece entre suas sobrancelhas.

— E de que outra forma trataria? Como um rei? O que vejo em minha frente é um homem normal, igual a mim.

— Tem mais alguma coisa que o senhor deseja saber? — pergunta.

— Sim, Maycon.

Para ter certeza das minhas suspeitas, peço que Maycon, conte

novamente tudo o que aconteceu no dia que foi preso. Dessa vez mais detalhadamente. Desde o instante que pisou no banco, até o momento da apreensão. Valeu muito a pena, afinal, o rapaz se lembrou de um fato muito importante. Enquanto esperava na fila para ser atendido pelo gerente, fez amizade com um senhor simpático chamado Joaquim. Ele sentou ao seu lado na sala de espera.

Ironicamente, senhor Joaquim estava no banco para fazer um empréstimo para ajudar a filha que também havia sido presa injustamente. Porém, saiu minutos antes do assalto e não conseguiram encontrá-lo para depor no dia do julgamento. Mas eu irei atrás do seu paradeiro com certeza. Pelo que entendi é morador do Morro do Alemão, creio que não será difícil encontrá-lo nem que precise virar a favela do avesso.

Depois que saio do presídio, vou direto para o fórum. Resolvo tudo que está pendente, para no finalzinho da tarde trabalhar um pouco no caso de Maycon. Não tenho nada a ver com essa história, mas quando coloco algo na cabeça, vira uma *obsessão*. Creio que qualquer coisa que eu descobrir, já será de grande ajuda para a defesa em um novo julgamento.

Afrouxo o nó da gravata e observo o quadro branco liso fixado na parede próxima a janela. Começarei a montar uma espécie de quebra-cabeça baseado nas informações anotadas durante a conversa com Maycon Souza. Minha intenção com isso é analisar cada informação atentamente, para encontrar pistas ignoradas pelos investigadores na época. Já li e reli os relatórios do julgamento e devo admitir que a alegação da acusação foi um tanto que rasa para condenar o acusado.

— Então, vamos lá. Seja qual for a verdade do que aconteceu nesse dia, eu vou descobrir! — afirmo para mim mesmo enquanto entrelaço os dedos de uma mão na outra, estalando-os. Torço o pescoço, na tentativa de relaxar o máximo possível. Nesse momento preciso ficar concentrado.

Se é que isso é possível com Yudiana Jackson dominando totalmente os meus pensamentos. Não consigo evitar.

Mesmo assim tento ser otimista. Pego um pincel vermelho na gaveta da minha mesa junto com o resto de material que vou precisar. Começo escrevendo quatro pontos de interrogação na lateral, cada um representando um dos bandidos que fez parte do assalto naquele dia, segundo as vítimas. Havia várias câmeras no local, mas os meliantes desligaram o sistema de energia do prédio, causando uma pane que corrompeu o arquivo de todas as horas gravadas naquele dia.

No topo do quebra-cabeça colo a foto do segurança morto durante a fuga dos bandidos. No centro está a do prisioneiro Maycon, e próximo a ele, representado por uma imagem, o tal Joaquim. Puxo uma pequena seta e pontuo as únicas coisas que sei sobre essa suposta testemunha, que pode mudar a triste história de Maycon.

Senhor Joaquim:

- 1. Tem mais ou menos a faixa de cinquenta anos;**
- 2. Na época do assalto era morador do Morro do Alemão;**
- 3. Viúvo;**
- 4. Tem um casal de filhos já adultos;**
- 5. A filha fazia faculdade;**
- 6. O filho trabalhava em um restaurante;**
- 7. Senhor Joaquim Trabalha como pedreiro.**

— Você tem uma caligrafia perfeita, meritíssimo. — Paro a caneta no ar quando estou prestes a começar pontuar o oitavo item. Por um momento penso ter ouvido a voz sensual de Yudiana.

Dizem que quando se pensa muito em uma pessoa a qual deseja mais que qualquer coisa, é possível sentir seu cheiro em toda parte, no último grau da loucura. Sem sombra de dúvida é o meu caso. Ouvir a voz e sentir a sua

presença tão próxima como sinto agora. Respiro fundo fechando os olhos e encosto a testa no quadro, sentindo minha respiração ofegante.

Viro lentamente com o coração batendo em descompasso e com tanta, força como se fosse estourar a caixa torácica. Abro as pestanas lentamente e deparo-me com o sorriso mais motivador e lindo que já vi a um pouco mais de um passo de distância de mim. Se esticasse meu braço, facilmente poderia tocar seu rosto marcado por traços exóticos.

A forma doce como me olha aquece a minha alma, trazendo luz ao meu mundo sombrio, carregada de esperança e a oportunidade de um novo começo. Mas eu não posso arriscar. Já fui longe demais em uma história que nem chegou a começar.

— O que veio fazer aqui, senhorita Jackson? Não lembro de ter lhe convidado, então peço que se retire. — Tento disfarçar a rouquidão presente em minha voz com um pigarreio, mantendo a expressão severa. Meu corpo grita desesperadamente por essa mulher.

“Mas o gosto viciante do seu beijo ainda está na minha boca.”

Fujo dela, indo até minha mesa antes que meu desejo feroz seja desmascarado de vez, no entanto, a diaba vem atrás de mim pisando duro com o seu salto fino no piso liso e a teimosia de sempre.

— Como estava passando no corredor, decidi passar aqui para ver

como está. Pensei que fosse gostar de me ver também. — Sua voz suaviza, assim como o ritmo das batidas do meu coração.

Se ela soubesse o quanto fico feliz em vê-la, não sairia do meu lado um segundo. Sinto vontade de sorrir toda vez que Yudiana demonstra se preocupar comigo.

— Agora que já viu que estou ótimo, pode ir embora. — Mantenho a pose enquanto sento em minha cadeira, prendendo a vontade louca de gritar que o tamanho do meu desejo por ela chega a ser assustador.

Que porra de criatura insistente que não se assusta com nada. Será que não desiste nunca do que quer? Pela sua postura ousadamente confiante, acredito que não.

— Ok! Eu já estou de saída, meritíssimo. Sei que é um homem muito ocupado e não quero atrapalhar. — Enfim ela resolve dar o braço a torcer e ouvir a voz da razão, chego a respirar mais aliviado. — Vamos deixar para conversar melhor durante o nosso jantar à noite. Deixo o restaurante à sua escolha. Confio no seu bom gosto.

E sorri de um jeito que não sei decifrar.

Como fico excitado quando me chama assim de “*meritíssimo*”

E a diaba sabe disso!

— Mas que jantar é esse que não estou sabendo, Yudiana? —

pergunto, indignado.

— Porque eu sei de uma coisa que você quer muito, mas para conseguir vai ter que entrar no meu jogo. Nós dois precisamos ter uma conversa sobre o que houve, não dá para fingir que não aconteceu nada entre nós. — Coloca bastante ênfase na última palavra, obviamente determinada a me lembrar que não importa quanto eu fuja dela agora temos um segredo que nos unirá para sempre.

Parada diante da minha mesa com as mãos afrontosamente na cintura, empina o busto decotado do macacão preto de tecido liso moldado pelas belas curvas privilegiadamente fartas do seu corpo moldado pelo diabo. Toda vez que ela se move meu pau fica mais duro. Os meus olhos são reféns de cada movimento seu.

Yudiana não é nenhuma menina inocente, sabe o que quer e não mede esforços para conseguir. Escolheu bem o que vestir para me instigar, veio aqui apenas para se exhibir. Gosta de me ver perdendo a compostura, principalmente, se ela for o motivo.

— E o que você tem de tão interessante para me oferecer a ponto de se achar no direito de me chantagear? — indago, curioso.

Estou pensando em várias coisas agora, mas seria descortês da minha parte dizer em voz alta.

— Sabe aquele senhor Joaquim que está no seu quadro? Então, eu o conheço. É um homem bom e ótimo pedreiro, foi ele quem consertou uma infiltração no banheiro do meu apartamento. Seja lá para que precisa encontrá-lo, ele irá colaborar com certeza. — Destila a informação, tihosa com uma cascavel astuta, pronta para dar o bote na presa, que sou eu.

Filha da mãe! Ela está mesmo me chantageando assim na cara limpa. Mas não vou cair no seu joguinho.

— Eu não posso sair com você hoje à noite, tenho muito trabalho e vou ficar no fórum até mais tarde — minto em parte, mas esse não é o motivo para eu não querer sair com ela. — Não faz ideia do quanto esse caso é importante para mim, Yudi. Então, se puder compartilhar qualquer informação que tiver, ficarei extremamente grato — exclamo pacificamente, observando um sorriso maléfico rasgar seus lábios volumosos.

— Desculpe decepcioná-lo, meritíssimo, mas prefiro a sua companhia do que a gratidão. — Apoia as duas mãos sobre a mesa e inclina o tronco para frente, ficando cara a cara comigo, tanto que posso ouvir as batidas do seu coração acelerando o ritmo a cada segundo mais. — Pode passar para me pegar às oito. Não se atrase.

Unindo o dedo polegar com o indicador, ela os leva entre os seios avantajados, pega um pedaço de papel, escreve alguma coisa e coloca no

bolso da minha camisa. Acredito que seja o seu endereço.

Como se eu já não soubesse onde ela mora.

— Por favor, Yudiana, não faz isso comi... — Ela cobre meus lábios com os dedos e só esse leve contato físico já me deixa elétrico.

— Eu estarei te esperando hoje à noite, Thompson — sussurra de maneira erótica ao pé do meu ouvido, prometendo todo prazer do mundo. — Bom trabalho. Adorei negociar com você — conclui a cínica, como se tivesse me dado alguma chance de escolha.

Negociar com mulher só termina de duas maneiras: ou você faz o que ela quer, ou o que ela manda. Depois de me coagir, simplesmente vira as costas e vai embora rebolando, vitoriosa. Antes que chegue à porta, encho o peito de fôlego. Nem havia reparado que tinha parado de respirar.

Pergunto:

— Por que investir tanto em mim?

Ela para de andar na hora, e ainda de costas, responde:

— Porque toda vez que olho para você, vejo a outra metade que falta em mim.

Sua revelação tira o chão debaixo dos pés, como se eu estivesse flutuando. Uma sensação tão forte que não sei explicar. Só sentir.

Então vai embora.

E eu fiquei ali observando-a partir, totalmente desarmado para conseguir afastá-la de mim mais um centímetro que seja.



Capítulo 13

Yudiana

Não acredito que vou jantar com Juiz Thompson hoje. Estou muito animada. Tanto que liguei para Dani, assim que saí do trabalho para conversamos um pouco, pois estou muito agitada e preciso desabafar com uma amiga. Escolhemos um barzinho no centro da cidade para nos encontrarmos.

— O juiz gostoso fez o que depois que você roubou um beijo dele, amiga? — A loira debruça sobre o balcão de vidro do bar, suspirando como essas personagens de filme juvenil da Disney, pronta para ouvir os últimos babados da minha vida amorosa.

— Nada! — Sorvo um pouco da minha batida de frutas. Já que estou dirigindo, pelo meu bem e das outras pessoas, preciso ser prudente. — Ele não teve tempo, porque fui embora deixando-o perplexo e curioso. Agora sabe que não pretendo desistir dele, mesmo sabendo de toda verdade sobre o que ele fez. — Mordo o lábio, colocando o cabelo atrás da orelha, um pouco tímida de, pela primeira vez, estar assumindo meus sentimentos em voz alta.

Nunca pensei que fosse gostar tanto de alguém assim um dia a ponto de ficar com as pernas bambas quando vejo o cara. Aquele frio no estômago que as adolescentes têm perto do seu primeiro amor. Mãos suando e a respiração ofegante, como se tivesse corrido uma maratona inteira. Apesar de a mente formar mil palavras para dizer, o cérebro está perturbado demais para agir de maneira coerente. Eu não passei por isso na minha adolescência, estava ocupada demais tendo o meu coração destruído por um monstro.

— Não acredito até agora que chantageou um homem para conseguir sair com ele. Estou de cara no chão com isso. — Dani acha graça.

— Aprenda uma coisa, loira. No jogo do amor, às vezes é preciso jogar sujo. Ele roubou meu coração, agora vai ter que me aguentar. — Minha resposta para uma pessoa normal seria ilógica, mas para uma romântica assumida como Daniela Flores, é um golpe de mestre.

Conto mentalmente até três para que ela dê um dos seus gritinhos histéricos.

— Ah, que fofooo! Minha amiga está apaixonada. — Seu grito quase me ensurdece, então ela pula no meu pescoço fazendo a metade da minha bebida cair sobre o balcão. — E pelo homem mais lindo e elegante desse país. Pena que é muito emburrado, sei lá, meio esnobe — conclui sua pequena análise dando de ombros enquanto vira quase todo o líquido

amarelado que bebe. Acho que suco de laranja com gengibre.

— Ele não é esnobe, Dani. Só discreto — defendo.

Ela me mede com o olhar semicerrado.

— Bem diferente daquele carinha ali, não acha? — Faz sinal, contorcendo a boca e ao mesmo tempo cutucando meu pé debaixo do balcão para mostrar o barman de camisa branca de mangas curtas demonstrando, propositalmente, suas belas tatuagens que cortam a maior parte de sua pele exposta. Faz o tipo “descoladão”, mas não passa de fachada para pegar as garotas inocentes em busca de aventuras.

Ele joga o olhar galanteador em minha direção firme e forte enquanto limpa minha bebida esparramada pelo balcão, onde tem pedacinhos de morango por toda parte, entre outras frutas. Parece que alguém vomitou um arco-íris. Mas ele não presta atenção no que faz, mas sim em mim. O descarado está flertando comigo. Na cara dura.

— Vou pegar outra bebida para você, morena. Por minha conta. — Seu olhar vai direto para o decote da minha blusa, ao mesmo tempo que o canto de sua boca protagoniza um sorriso indecente cheio de más intenções. É quase possível ouvir seus pensamentos profanos.

Tá certo que ele é um moreno charmoso com a barba rasa sexy para caramba, mas não rolaria nunca. Gosto de conquistar, não ser conquistada. Se

for assim, qual a graça? Nenhuma.

— Primeiro eu não sou morena, sou negra. Eu aceito outra bebida, obrigada. — Sorrio para ele falsamente, e a essa altura a Dani está vermelha, com os dentes duramente trincados. Já me conhece o suficiente para saber que eu vou colocar o barman no lugar dele sem dó nem piedade. — Sorrio fingindo falso interesse.

Ergo meu olhar para encará-lo melhor e dou o meu recado.

— Mas eu mesma pago. Nunca precisei ser bancada por homem nenhum, principalmente os sem integridade que canta as clientes no meio do expediente de trabalho sem nem se dar ao menos trabalho de tirar sua aliança antes. — Em uma sincronia perfeita, meu olhar e o da Dani vão direto para mão dele, onde está um aro dourado um pouco gasto, rodeando o terceiro dedo da mão esquerda.

Ainda na mesma sincronia voltamos o olhar para o rosto do barman, esperando sua manifestação. É muito divertido presenciar seu rosto sendo tomado pelo constrangimento. Abre a boca várias vezes para falar, porém, desiste. Não existe argumento sólido contra a verdade.

O carinha encolhe os ombros, derrotado, e sai de perto de nós rapidamente, carregando consigo o peso de sua atitude vergonhosa. Espero que tenha aprendido a lição. Não precisa procurar na rua o que já tem em

casa. À sua espera, acredito que cheia de amor para dar.

— Eu já disse hoje que você é muito cruel, Yudiana? Quero morrer sendo sua amiga. — Dani tenta abafar um pouco o som da sua gargalhada tapando a boca com a mão, porém é inútil.

— Que bom que sabe disso, sua mocreia loira! — digo mostrando a língua então a ouço rir mais ainda. Ela e a Júlia sempre morrem de rir quando saem comigo.

— Mulher, eu não consigo parar de pensar no dia do batizado dos nossos afilhados. Faltam só duas semanas. Quem será que o Delegado escolheu para serem os padrinhos ao nosso lado? Devem ser amigos do trabalho dele. Tomara que sejam policiais bem gatos. — Se ajeita melhor no banco giratório, puxando o vestido lilás para baixo mesmo sendo de um comprimento que não mostra nada demais, por ser soltinho e quase na altura do joelho.

— Não importa quem será. Desde que sejam ótimos padrinhos para os nossos afilhados, para mim está ótimo.

— Amiga, viu como os eles estão lindos? Olha essa foto que a Júlia enviou com os gêmeos no colo do pai sorrindo. — Tira o celular da bolsa e inclina na minha direção para me mostrar. De fato nossos afilhados são lindos mesmo.

Na foto eles estão dormindo no colo de Ricardo, um de cada lado. Maria Cecília é bem menor que Francisco. Até hoje os médicos não sabem explicar como não perceberam durante o pré-natal que eram dois bebês e não apenas um.

O diretor do hospital assumiu o erro e disse que poderiam ficar à vontade para processar o hospital, mas o Ricardo e Júlia opinaram por não fazer isso porque só ganharam com a situação. Acreditam que foi um presente a mais de Deus. Depois do tanto que sofreram para ficar juntos, também acredito nessa hipótese.

— Verdade sobre não importar quem sejam os homens, amiga. Mas se nossos pares forem um pedaço de mau caminho, melhor ainda. — Seus lábios finos abrem delicadamente num sorriso malicioso, aposto que seus neurônios estão trabalhando em uma de suas peculiaridades mentais. — Ah, mas será melhor só para mim, né, sua danada, porque você já tem o seu juiz gostosão. Alto, forte e muito sexy. Nossa, ele tem uma bunda durinha e... — Ela para de falar do meu homem quando percebe que eu a encaro fixamente, então morde o lábio com as bochechas tomadas por um rubor acentuado.

— Será que dá para você parar de babar em cima do meu homem, sua cadela? — digo e seu rosto fica branco, depois fica vermelho novamente, acompanhado de uma gargalhada espalhafatosa, do tipo que chama a atenção de todos à nossa volta.

E eu vou junto. Ficamos as duas rindo por um bom tempo como duas hienas lesadas. A louca debruça sobre o balcão quase derrubando em cima dele, louquinha de pedra. Seu celular apita anunciando a chegada de uma mensagem, é somente o tempo de ela tirar da bolsa e ler para seu sorriso morrer.

— O que foi, Dani?

— Não foi nada, Yudiana Jackson! Relaxa. Mas preciso ir embora, minha mãe está tendo um dos seus ataques de pelanca porque o cirurgião plástico dela desmarcou a consulta dela de hoje em cima da hora. — Dani revira os olhos.

Pagamos a conta e cada uma pega seu caminho. Paro em um supermercado perto do meu apartamento para fazer as compras da semana, traduzindo, encher a geladeira de porcaria. Minha alimentação é uma bagunça, amém! Pessoas que comem o que querem sem medo da balança, são as mais felizes. Bem resolvidas e divertidas, corajosas. Afinal, quem vive com medo, nunca viveu de verdade.

Depois de meia hora vagando pelos corredores do supermercado, saio do estabelecimento equilibrando duas sacolas lotadas enquanto devoro uma barra de chocolate branco sem nem me importar com a chuva fininha que cai sobre mim, deixando meu cabelo parecendo uma árvore de natal cheia de

flocos de neve. Ao chegar no estacionamento vou direto para onde meu carro está. Tenho que fazer muito malabarismo até conseguir pegar a chave no bolso do meu casaco e abrir a porta de trás.

Seguro a barra de chocolate entre os dentes para conseguir arrumar as coisas no banco, ao terminar quase morro de susto quando acerto a postura e do nada um garotinho se materializa bem na minha frente, fitando-me com seus olhos azulados bem escuros. Lindos! Me fitam, mas sem esperança. Abraço o meu próprio corpo sentindo um frio estranho, mas não tem nada a ver com o clima, vem da alma mesmo.

Eu conheço esse olhar perdido, o vejo todo dia de manhã quando olho no espelho. Pelo grau com que sua roupa se encontra molhada, já faz um bom tempo que essa criança de aproximadamente nove anos está vagando por aí ao relento debaixo da chuva. Gotículas de água escorrem do cabelo castanho claro deslizando pelo rosto angelical, pairando sobre o tecido surrado da sua camisa azul de mangas longas e gola alta rente ao pescoço. A calça está desbotada, o tênis todo furado de tão velho.

Tento não pensar na possibilidade dessa criança estar morando na rua, mas tudo indica que sim. Seus olhos não desgrudam da barra de chocolate na minha mão. Ele morde os lábios engolindo a vontade desesperadora de pedir um pedaço. As duas mãos descansam sobre a barriguinha.

Oh, céus! Essa criança está faminta. Só Deus sabe quando foi a última vez que comeu.

— Quer um pedaço, querido? — Inclino o corpo para ficar na sua altura, esticando o braço. Ele arranca a barra de chocolate da minha mão com tanto vigor que os meus dedos quase vão juntos.

— Muito obrigado, moça. Nós estávamos morrendo de fome! — diz em um tom brando, fitando-me pelo canto dos olhos, desconfiado. Não sou de chorar fácil, tenho o coração duro, mas meus olhos enchem-se de lágrimas.

— Nós? Você não está sozinho, garoto? — indago, preocupada.

Mas logo tranquilizo. Ele mostra um sorriso farto e sincero no rosto.

— Pode aparecer agora, Luck. A moça não é como as outras pessoas. Ela é boa — grita ainda sorrindo, e ninguém aparece. *Talvez seu amigo seja imaginário ou qualquer coisa do tipo*, penso comigo. — Desculpa a forma descortês do meu amigo para com a senhora, acontece que ele é um tanto que sistemático. — Acho graça do seu jeito culto de falar, um vocabulário rico e objetivo. Elegante.

Percebendo que o amigo não aparece mesmo, ele o chama novamente, com mais vigor.

— Vem aqui, garoto. Acabei de ganhar o nosso jantar. — Levanta a

barra de chocolate no ar, como se aquilo que paguei pouco mais de seis reais, para ele fosse uma barra de ouro.

Sinto um nó na garganta, lembrando da época em que morei na rua. Se para mim com dezessete anos foi o inferno, imagina para uma criança. A escuridão da noite esconde tantos demônios, a maioria deles de carne e osso. Mas como uma pedra no lugar do coração, capaz das maiores maldades possíveis.

— Uau... Uauuuu... — Sou arrancada dos meus pensamentos por dois latidos, e ao baixar o olhar me deparo com um cão sentado igual gente do lado do menino. Suas orelhas estão baixas e o olhar tímido.

O cão é o tipo vira-lata, daqueles bem vira-lata mesmo, a pelagem em uma mistura de manchas, a maioria branca. As outras pretas e uma laranja puxada para ferrugem. Se eu gostasse de cachorro até faria carinho nele, mas depois que meu pai abandonou o meu gatinho de estimação que vovô me deu no meio do nada quando tinha doze anos só para me castigar por tê-lo respondido, tomei trauma de todo tipo de animal.

Tenho medo de me apegar, depois ser tirado de mim repentinamente.

— Seu amigo é uma graça. Vocês dois formam uma bela dupla — elogio e recebo um belo sorriso do garoto e uma balançada animada de rabo do cão. — Será que não vai fazer mal dar chocolate para o seu cachorro,

garoto? — pergunto, preocupada ao ver o animal comendo a metade da barra de chocolate. Ele a dividiu com seu amigo no meio exato.

— Pode ter certeza que não fará mal, moça. A fome não é tão ruim quanto as pessoas pensam. Ela é modesta, aceita o que tiver para saciá-la. Se tiver a melhor refeição feita pelo chefe mais famosos do mundo, ótimo. Mas se houver apenas o resto de alguém jogado no lixo, terá o mesmo valor. Afinal, o melhor tempero da comida é a fome — discursa ele, dando de ombros enquanto alisa o pelo do seu amigo, deixando-me mais uma vez de boca aberta com sua inteligência e tato para com a realidade da vida.

— Você tem quarenta anos ou é um grande filósofo preso reencarnado no corpo de um garoto? Para falar tão bem assim deve ser a segunda opção —elogio. Realmente o pequeno tem uma mente brilhante, fala de uma forma enigmática e ao mesmo tempo fácil de entender.

Esse conhecimento é vestígio de uma esplêndida educação que teve a maior parte da vida. Ele pode estar nas ruas, mas nasceu em berço de ouro.

— A sabedoria de uma pessoa não se mede pelos anos vividos por ela, mas sim através da forma como se esforça para estar sempre adquirindo conhecimento. Sabe qual é a diferença de um homem sábio para um tolo? O sábio vive sempre em um ciclo buscando conhecer sempre coisas novas, já o tolo é aquele que pensa saber tudo, criando um ego tão grande dentro de si,

que não deixa ver nada nem ninguém além dele mesmo. — Logo a imagem do meu pai vem à minha mente, no mesmo instante.

— Então, pequeno gênio, qual é o seu nome? — pergunto, começando a tremer. Agora, além de chovendo, está ventando também.

— Maximilian, ao seu dispor, mademoiselle. — Coloca as mãos para trás e curva o corpo como um verdadeiro cavalheiro.

Que fofo! Se tivesse mais uns vinte anos com certeza me apaixonaria por ele. O maior charme de um homem é a inteligência.

— E o Don Juan aí não tem sobrenome? — investigo enquanto pego as compras no banco de trás e coloco no porta malas. Devo ter trazido pelo menos a metade do mercado.

— Não mais, moça. Ele ficou no passado junto com muitas outras coisas ruins. — Seu queixo estremece e o olhar escurece como um eclipse, o que me deixa bastante preocupada e com uma vontade enorme de lhe dar um abraço apertado.

Eu posso ter uma personalidade forte por fora, mas por dentro habita um coração mole, que depois de receber tanta porrada da vida não sei como demonstrar.

— Você mora aonde, Max? — Ele ri por eu chamá-lo pelo nome em abreviação. Na minha concepção Maximilian é nome de velho. Não vai ser

um cara descolado nunca sem um apelido.

Bom! Agora já tem um.

— Eu e o Luck moramos em toda parte — responde, numa forma educada de dizer que mora na rua.

— Gostaria de conhecer o meu esconderijo, garoto? Não é como a batcaverna do Batman, mas é bem mais quente do que aqui na rua. — Ofereço-lhe a mão do coração, ele pondera os prós e contras da minha oferta para então apertar com força.

— A senhora está falando sério mesmo? — Seus olhos brilham quando aceno a cabeça dizendo que sim. — Vem, Luck, vamos arrumar nossas coisas, não vamos passar frio hoje também. A moça bonita vai levar a gente para a casa dela. Só nada de fazer bagunça.

Conversa com o cão como se estivesse falando com um ser humano.

— Vamos, então?

— Sim! Mas o Luck vai junto, né? — Não é uma pergunta, mas sim uma súplica, afinal as mãos estão juntas como se estivesse rezando, encarando-me com os olhos piedosos e o cão me fitando esperançoso, acredito que esperando minha resposta.

— É que eu sou alérgica a pelos, sinto muito! — minto descaradamente, forçando um sorriso aparelhado, tão falso quanto dois mais

dois é igual a três.

Parto em direção ao carro e o teimoso vem argumentando atrás de mim.

— Quando vim morar na rua, Luck foi o único amigo que tive. Não me tratou como lixo igual às pessoas que passam por mim fazem diariamente. Não me abandonou nem nos piores momentos, e olha que foram muitos, moça. Não faz ideia do que é passar frio à noite ou acordar sem nada para comer de manhã. Sobre os dias chuvosos como hoje, então, prefiro nem comentar. — Balança a cabeça, abraçando o próprio corpo em modo de defesa. Nascido em berço de ouro ou não, a vida não foi gentil com ele.

— Você prefere ficar com o seu cão na rua do que ir para minha casa sem ele, não é mesmo? — Ele assente.

— Não é justo só porque encontrei uma possibilidade de estar em um lugar melhor para ficar, virar as costas para quem foi a minha única companhia até hoje. Se o Luck não puder ir eu também não vou.

Devo admitir que o garoto conquista minha confiança a partir dali. Tenho conhecimento que os levar comigo é uma loucura, contudo deixá-los ali a mercê da maldade do mundo seria uma loucura maior ainda.

— Ok! Mas se ele fizer caquinha no meu sofá, você vai limpar. — Sua gargalhada é vibrante.

— Sim, senhora.

— E senhora está no céu. Meu nome é Yudiana.

— Que nome lindo! Mas diferente, nunca ouvi antes.

— Maximilian também não é muito comum, sabia? — retruco.

Chegando na frente do meu prédio, logo na calçada ouço um som alto vindo do meu prédio. Um funk brabo daquele de arder os ouvidos, cheio de palavrões e a batida provocante. Edmilson mal chegou na minha casa e está fazendo uma festinha. Filho da mãe! Será que meu irmão não vai crescer nunca? Pelo visto, não. Não tão cedo.

Estaciono o carro na garagem e subo com Max e o Luck, cuspiendo fogo pelas ventas. Abro a porta do meu apartamento e deparo-me com uma dúzia de moleques e meninas com mais partes nuas do que vestidas pulando sobre o tapete da minha sala, segurando uma garrafa de cerveja sendo que o mais velho ali deve ter dezessete anos. Antes de agir conto até dez para não fazer uma loucura.

— Todo mundo fora do meu apartamento, agora! — berro, enraivecida.

— Fodeu, gente. Chegou boi na linha. Melhor dizendo, vaca — Edmilson avisa e corre para se esconder.

Só um minuto. Esse moleque me chamou de quê?

Dou um passo para o lado e deixo os amigos do Edmilson saírem correndo, morrendo de medo de mim. Com certeza meu irmão passou para eles a minha fama de brava.

— Edmilson Jackson, apareça agora! — Invoco sua presença ilustre e o danado sai de baixo da mesa com o boné virado para trás, realçando ainda mais a sua cara lavada de sempre.

Nem se dá ao trabalho de fazer uma de “arrependido” por fazer do meu lar uma pista de dança.

— E aí, mana, beleza? — Levanta a mão para bater na minha, mas eu permaneço de braços cruzados, batendo o pé no chão compulsivamente, fitando-o com os olhos semicerrados de pura acusação.

— Você tem uma hora para limpar toda essa bagunça, Edmilson, ou eu vou contar tudo para o papai sobre a sua vida dupla. Na frente dele é o bom rapaz temente a Deus que vive com a bíblia debaixo do braço, pelas costas o dono da quebrada que vive malandramente — ameaço, apontando o dedo no meio da sua cara.

Em vez de persuadir-me, o filho da mãe leva as mãos à cintura, balançando o cabelo imaginário, e começa a imitar minha voz com deboche, fazendo Max ter um ataque de risos.

Empina a bunda para trás para dar uma quebrada na cintura dando

volume nas partes glúteas, balançando a cabeça de um lado para o outro girando o dedo no ar em minha direção e imita, debochando:

— *Olha aqui, Edimilson, você tem uma hora para arrumar esse apartamento, ouviu bem? Agora que veio morar aqui vai ser o meu mucamo e eu a sua sinhazinha mandona, se não vou ir correndo fazer fofoca para o nosso pai, hein.* — Termina a interpretação com a voz fina, contorcendo a boca, me matando de raiva, igualzinho a mim, mesmo.

Esse menino não vale nada!

Tento não rir, mas é impossível.

— Minha voz não é fina assim não, tá, Edmilson. E eu não fico mexendo a cabeça assim quando estou nervosa. Hum! — Dou um tapa na sua nuca, e ele, dramático como é, cai no chão fingindo ser devido à força do impacto.

— E esse galeguinho aí, quem é, Didi? — pergunta, olhando de cima abaixo para Max, curioso.

Max se esconde atrás das minhas pernas. Acho estranho o fato de mesmo eu sendo mulher ele ter ficado tão à vontade comigo assim que me conheceu. Mas com Edmilson, o menino está apavorado. Está certo que meu irmão é um louco varrido, mas quando fica com a boca fechada por breves segundos até parece uma pessoa normal.

— Tudo bem, Max, não precisa ter medo, esse é o meu irmão, Edmilson. Ele tem cara de doido, mas pode ficar tranquilo que não morde — brinco e a expressão do seu rosto suaviza.

— Jesus, Maria e José! De onde você tirou essa coisinha branca, mulher? — questiona Dimy, ainda todo torto no chão, deitado de barriga para cima.

— Achei na rua e trouxe. Vai dormir aqui conosco hoje e depois vemos o que fazer.

— E a coisinha tem nome?

— É Maximilian, mas pode me chamar de Max, se for mais confortável para você.

Ele faz uma pausa, o olhar curioso do meu irmão o deixa constrangido.

— Deus, a coisinha fala! O que mais será que ele sabe fazer? — Edmilson leva a mão sobre o peito, fingindo estar chocado.

— Claro que fala, seu idiota. Ele é uma criança e não um animal. — Eu amo meu irmão, mas às vezes tenho vontade de dar na cara dele por ser tão bobão.

— É uma criança, sim, Didi. E branca, ainda por cima. O Gasparzinho fica no chinelo perto dele. É melhor devolver a coisinha onde achou antes

que a polícia bata na sua porta e leve por sequestro. Eu te amo, mana, mas se eu ouvir “pega ladrão”, é adeus, Yudiana. — Tira o seu da reta rapidinho, o malandro.

Abro a boca para lhe dar uma bronca daquelas, mas Max se adianta.

— Eu sou branco? Meu Deus! Não tinha percebido. E agora, o que faço? — Max faz piada, porém, mantendo a expressão cismática, dessa vez é Dimy quem acha graça da ousadia do garoto. — Mas pensando bem, acho que vou tirar de letra, nunca fiz diferença nas cores, cada uma tem sua beleza própria. Se fôssemos todos iguais, não teria graça. — Encho meu peito de orgulho pelo menino.

Sua sensibilidade ao expor o que pensa sem ser rude é encantadora. Poderia ter usado grosseria pela indelicadeza da parte do tonto do Edmilson. Mas não o fez!

— Ai, meu Deus, o fantasminha camarada também sabe fazer piada. — Reviro os olhos e dou outro tapa na nuca do meu irmão. Ele me olha feio, mas nem ligo. — Eu ainda acho que o Gasparzinho ficando aqui vai trazer muito problemas para você, Didi. Esqueceu que agora trabalha no Fórum como assessora de juiz?

Edmilson arqueia a sobancelha, se achando o dono da razão. Pior que dessa vez ele está certo.

Droga! Se alguém descobre que estou abrigando uma criança que achei na rua, posso ter sérios problemas, inclusive perder o trabalho que suei para conseguir.

— Não se preocupe, Edmilson, eu tenho um amigo que pode me ajudar a resolver isso. — Sorrio. Já sei a quem pedir socorro nessa situação.

O promotor Pedro Alcântara, afinal, o irmão dele junto com a esposa, têm um projeto respeitado dentro e fora do país, que acolhe moradores de rua. Com certeza ajudarão o Max, e tudo dará certo.

Amanhã mesmo falo com ele!

— Se é assim, bem-vindo a casa grande, Gasparzinho. Eu sou o mucamo Edmilson, irmão da sinhazinha Yudiana.

Se apresenta o projeto de MC, Dimy, fazendo graça.

Se não fosse assim, não seria o Edmilson.

— Prazer, Dimy, eu sou Max. E ele é o Luck, o cão mais fiel do mundo. — Aponta para o animal sentado ao lado do vão da morta, que é tão educado que esqueci dele e o meu irmão nem o havia visto.

— Vem aqui, totó, não se acanhe não — Edmilson chama e o cão vem em disparado e pula em cima dele. — Caraca! Eu sempre quis ter um cachorro e sobrinho, ganhei os dois de uma vez só. Nunca imaginei que seria um moleque branquelo, mas nada que uma ou duas semanas no sol não

resolva. — Edmilson bagunça o cabelo do menino, com os olhos cintilantes sobre ele.

— E eu sempre quis ter um tio. Desde que minha mãe foi para o céu, não tenho mais ninguém. — Lágrimas brilham nos olhos de Max, compadecido do seu sofrimento ao lembrar da mãe.

Edmilson vai até ele para lhe oferecer apoio.

— Sei que deve ter passado uma barra morando na rua, irmãozinho, mas é como eu sempre digo: se a vida estiver muito amarga, mano, dá uma rebolada. Às vezes o açúcar tá no fundo, só precisa ser impulsionada — meu irmão discursa uma de suas pérolas, sério como se fosse um dos filósofos mais respeitados na atualidade.

Mas essa é a forma do meu irmão dizer que está comigo nessa loucura, não importam as consequências. Porque eu prefiro correr todos os riscos, do que deixar que Max volte para as ruas. Isso não admitirei de maneira alguma, mesmo que coloque minha carreira em risco.



Capítulo 14

Yudiana

Acomodo Max no quarto de hóspedes junto com Edmilson, que emprestou algumas roupas para o garoto tomar banho enquanto preparei algo para eles comerem. O deixei jogando videogame e fui me preparar para ir ao jantar com o Meritíssimo.

Depois de espalhar todas as peças que tem no meu guarda-roupa sobre a cama e experimentar uma por uma, enfim, escolhi o vestido perfeito para a grande noite de hoje. É longo na cor branca com um decote generoso em V, justo ao meu corpo na medida certa sendo sensual, mas longe de parecer vulgar. Conforme a saia desce pelas minhas pernas, abre-se uma cauda de sereia deslumbrante.

Fiz uma maquiagem leve, discreta. Ousei apenas no batom, vermelho sangue. Deixei o cabelo solto. Para deixar o look ainda mais elegante, sandálias pretas de salto bem alto. Tudo tem que sair perfeito. Não consigo acreditar até agora que vou jantar com Juiz Thompson. Está certo que é por pura pressão da minha parte, mas digamos que na nossa história o fim justifica o meio.

Contudo, estou apreensiva. Faltam apenas cinco minutos para o horário combinado com John me buscar e nem sinal do homem aparecer. Acho que não vem. Droga! É claro que ele não vem, onde eu estava com a cabeça quando pensei que obrigaria um homem poderoso como Juiz Thompson a fazer algo que ele não quer? Nunca. O melhor que tenho a fazer é tirar essa roupa chique e a maquiagem, e me afogar num pote de sorvete de chocolate. Nada melhor do que doce para curar um fora.

Cabisbaixa, viro-me em direção ao meu quarto. Não chego a dar dois passos e a campainha toca quando o meu relógio na parede — uma réplica fuleira do Big Ben de Londres — bate, anunciando oito horas em ponto. Meu coração pula dentro do peito. Eufórico. Praticamente corro até a porta quase caindo ao tropeçar em um tênis de Edmilson jogado pelo chão da sala. Ele não conhece o significado da palavra “organização”.

Diferente de Max, que mal chegou aqui e tem suas poucas coisas muito bem organizadas no pequeno espaço do armário que desocupeei no quarto que divide com Edmilson. Na verdade, o cachorro dele é mais limpo que o meu irmão.

Quero saber mais sobre a sua história. Sinto que não vive na rua porque não tem para onde ir, mas sim fugindo de algo ou alguém muito ruim. Sua boa educação é notória, não veio de uma família simples, isso tenho certeza.

— Boa noite, senhorita Jackson — diz o meu anjo caído assim que abro a porta, deixando minhas pernas mais bambas do que já estavam.

Meu Deus, como ele está tão lindo! Veste terno preto sem gravata, com as abotoaduras douradas. Propositalmente ou não, deixou alguns botões abertos dando-lhe mais charme e perfeição. O cabelo penteado todo para trás deixa bem em evidência o belo rosto quadrado com um buraquinho no queixo.

Simplesmente divino.

— Você veio... — digo, sorrindo feito uma idiota. A sua presença sempre me deixa fora de órbita.

Em um estado parecido com a de um porre, e dos bons, sou obrigada a apoiar no vão da porta com uma das mãos ou derreteria no chão como gelatina diante do olhar caloroso sobre mim de cima abaixo.

— Toda vez que te vejo penso que é impossível te achar mais linda, mas você parece ter vindo a esse mundo com a missão de me surpreender. Afrontar é a palavra correta. — Ele enfia as mãos no bolso, sem jeito, como se as palavras tivessem escapado dos seus lábios antes que pudesse segurar.

Esse homem pode tentar fugir de mim da forma que for, mas ele já me pertence!

— Isso foi um elogio ou uma ofensa, meritíssimo? — provoco,

inclinando para lhe cumprimentar com um beijo no rosto.

— Não importa. Vamos terminar com isso logo, Yudiana! Essa situação já está indo longe demais — diz e sai, deixando-me para trás grosseiramente.

— Boa noite, senhorita Jackson — cumprimenta-me James, o seu segurança parado já com a porta da limusine aberta nos aguardando.

Para quem não queria ir ao jantar, chega aqui numa limusine? Ah, vai pra puta que pariu! Imagine se quisesse, então? Droga! Esse cara sabe como impressionar uma garota.

— Boa noite, James. É um prazer enorme revê-lo. — Sorrio, educada, enquanto entro e sento no banco de trás.

Sinto o local ao meu lado afundar na poltrona, logo em seguida seu perfume delicioso invade tudo à minha volta. O clima no veículo esquenta, mas não dizemos nada um ao outro. A atração física entre nós chega a ser obscena. Lembro do quanto foi bom beijá-lo, e de como seria incrível se pudéssemos repetir a dose agora mesmo.

Mas, me comporto. Um passo em falso e ele manda o seu motorista virar o carro e adeus jantar. Não posso retroceder esse passo tão importante que acabei de dar.

Chegando ao restaurante, assim que passo pela porta fico boquiaberta

com o luxo do local escolhido por ele para o nosso jantar. A decoração é clássica, uma mistura de antigo com moderno. As mesas são todas redondas e de madeira escura, enfeitadas com arranjos de flores naturais. Várias janelas enormes de vidro coberta por cortinas vermelhas, que estão todas abertas no momento com a imagem de fundo da cidade maravilhosa do Rio de Janeiro iluminada à noite.

Suspiro. O homem deixa bem claro que não me quer em sua vida, mas me traz em um lugar romântico como esse para o nosso primeiro encontro. Mas, acredito que chegamos cedo demais e fomos os primeiros a chegar.

— Será que não está cedo demais? Ainda não chegou ninguém além de nós, talvez o restaurante só abra mais tarde — digo, começando a ficar constrangida debaixo do olhar do *maitre*, vindo em nossa direção e sorrindo educadamente, acredito que para pedir que voltemos mais tarde.

— Boa noite, sr. Thompson. Senhorita. Sejam bem-vindos ao nosso restaurante. — O senhor elegante trajando terno cinza claro de cabelo grisalho, aperta a mão de John com admiração.

Será que todo mundo faz essa cara de bobo quando está diante dele? Reviro os olhos.

— Obrigado, Paulo, por acatar o meu pedido de fechar o restaurante por essa noite apenas para nós dois — agradece John e eu paraliso totalmente

diante da então descoberta.

Não acredito que ele fechou um restaurante inteiro desse gabarito por minha causa!

— Vo... Você mandou fechar esse lugar só para o nosso jantar? — Sussurro com a voz entrecortada assim que o homem que nos recepcionou vai embora. Estupefata demais para raciocinar direito, encaro seu rosto.

Sua expressão é leve, descontraída.

— Já que me obrigou a termos um encontro totalmente contra a minha vontade, quero sua atenção toda para mim. — Me olha de frente predatoriamente. Desejoso. — Eu sou um homem egoísta, Yudiana, extremamente possessivo com o que me pertence. — Sinto a verdade em cada de uma de suas palavras, um calafrio estranho sobe pela minha espinha.

— Por que está me dizendo isso, John?

— Só estou salientando que talvez esse seja um belo momento para você sair correndo por aquela porta. Eu não sou o herói que pensa — ele adverte mais uma vez, olho na direção da porta e para ele, logo em seguida medindo a proposta que me foi feita.

A minha escolha é óbvia!

— Durante toda a minha adolescência, minha mãe repetia todo santo dia que ser sensata não fazia parte de uma das minhas qualidades. Bem, acho

que ela tinha razão. — Acho graça da reação que minha resposta causa em seu rosto, uma bagunça de emoções diferentes.

Em vez de ficar nervoso com suas tentativas falhas de me fazer recuar, acaba achando graça também.

— Eu não sei mais o que fazer com você, menina — resmunga, apoiando bem de leve a mão em minhas costas para me conduzir até a nossa mesa. Só esse pequeno contado físico, já provoca um calor tremendo por todo o meu corpo tendo como foco principal o ponto mais sensível no meio das minhas pernas.

— Tudo bem? – Ele pergunta com um sorrisinho irritante, sabe o poder que seu toque tem sobre mim.

— Tudo ótimo! Só estou com fome. – Minto mais falsa do que uma nota de três reais.

A iluminação no ambiente é apenas com auxílio de velas. Assim que sentamos, logo fazemos os pedidos para o garçom. Enquanto esperamos, o silêncio constrangedor paira no ar.

— Já disseram como o seu nome é atraente, Yudiana? Assim como a dona dele. — elogia no susto.

John vira o rosto, se xingando mentalmente por não conseguir mais segurar os pontos e revelar o que realmente quer.

— Eu não acho nada atraente no meu nome, eu o odeio! Meu pai é o maior culpado nisso. Da maioria das coisas ruins que aconteceram comigo. Tudo ligado a esse homem só me traz lembranças ruins. Como uma cicatriz aberta que nunca terá cura.

Eu realmente odeio meu nome!

— Uma pena não gostar do seu nome, porque eu amo. É lindo e único, assim como você. Algo bonito que deveria ser eternizado de alguma forma grandiosa. — Sinto minhas bochechas queimarem de vergonha. John realmente está começando a ceder.

Aproveito a brecha e sorrateiramente deslizo meus dedos sobre a mesa de vidro à procura do calor de sua mão. Quero deixar evidente minha intenção. Nunca fui de fazer charme quando se trata de algo que eu quero.

— Por favor, Yudiana, por que é tão difícil para você manter suas mãos longe de mim? — ele profere, não tão rude como das outras vezes, mas me magoa na mesma proporção. Viro o rosto para o outro lado, ferida.

— Desculpa! Eu só não entendo porque tanta resistência da sua parte em relação a mim. Sei que também se sente atraído.

— Não é que eu não queria que você me toque, o problema é que eu quero muito. E se eu começar, não vou conseguir parar. E só Deus sabe onde isso vai dar. Só posso afirmar que no final você sairá ferida de um jeito que

talvez não tenha cura. — Protagoniza um suspiro longo, triste e melancólico.

Não sei se fico feliz ou triste com sua revelação. Ele diz que quer que eu o toque, mas que não pode permitir porque isso pode me ferir. Sem saber muito o que pensar, o encaro um pouco mais, quebrada por dentro.

Será que Thompson não percebe que ele já me fere oferecendo-me seu desprezo?

— Por que tanto empenho em me afastar de você, Thompson? Isso não faz sentido para mim. Somos dois adultos, podemos tentar. Se der certo, bom, se não der, cada um segue seu caminho e final da história.

— Não é tão fácil assim, pelo menos não para mim.

— Pelo menos me dê um motivo lógico, droga! Chega dessas respostas entrelinhas, cheias de mistérios.

Irrito-me.

Descansando as duas mãos sobre o colo, baixo o olhar, quebrada demais para encará-lo. Ele não me quer em sua vida nem agora nem nunca. E está relutante na decisão que tomou.

— Se não for para entrar na sua vida e te fazer a mulher mais feliz desse mundo, prefiro me manter longe. — Faz uma pausa segurando meu queixo com as pontas dos dedos e gira, obrigando-me a olhar em seus lindos olhos azuis apaixonantes e ao mesmo tempo assustadores. — Sou homem o

suficiente para assumir que não posso te dar tudo o que merece, Yudiana, então saio de cena para que outro lhe dê o que eu não posso. — Nesse momento, eu o odeio profundamente, porque sei que está fazendo o que julga ser o correto.

Consequentemente, essa atitude da sua parte só aumenta a minha vontade de que esse homem seja meu.

— Acontece, John, que não importa as condições que eu esteja ao seu lado. Só de estar, já faria de mim a mulher mais feliz desse mundo. — Ouço-o respirar pesadamente, minha declaração o deixa desolado.

Fechando os olhos, sinto as pontas dos seus dedos deslizarem pela cútis ruborizada do meu rosto. Em um ato de carinho, cúmplice.

— Eu sinto muito, Índia, não faz ideia do quanto — diz apenas, e eu mesmo sem forças, levanto e faço o que tenho que fazer.

— Aqui está o contato da testemunha que precisa, meritíssimo. Tenho certeza que o senhor Joaquim vai ajudar no que puder no seu caso. Ele é pai da Júlia, esposa do Delegado Avilar. — Respiro fundo e ergo a cabeça, mesmo estando destruída, sendo o mais firme que posso.

— Obrigado. A vida de uma pessoa depende disso — ele diz apenas.

— Sabe, John, eu venho sendo rejeitada pelas pessoas desde que nasci. Talvez essa seja minha sina. Mas acho que já chega por hoje, né? Eu

preciso de alguém na minha vida para curar as feridas que já estão abertas, e não abrir ainda mais as que já tenho. Tenha um bom apetite, porque eu perdi a fome. —Dito isso, coloco sobre a mesa o pequeno bilhete com o número de telefone do senhor Joaquim.

Junto o resto de dignidade que me resta e atravesso a porta da saída sem olhar para trás. Está certo que quando chego em casa enfio-me debaixo do chuveiro com roupa e tudo e choro. O jeito que esse homem consegue me machucar com tanta facilidade me assusta.

Volto para a casa cedo, como o previsto, tenho uma noite de merda. Acordo de manhã para ir trabalhar igual a um zumbi, faço minha higiene matinal em modo mecânico numa animação de dar dó. Os meninos tagarelam alguma coisa durante o café sobre um passeio no sábado ao parque, pelo que entendi, Edmilson vai ensinar Max a andar de patins.

Chego no Fórum e me enclausuro dentro da minha sala me entupindo de trabalho feito uma louca, tentando não pensar que o motivo de eu estar arrasada está apenas a poucos andares acima de mim. Ainda bem que o dia passa voando. Na hora de ir embora, o ronco alto da minha barriga lembra-me que esqueci de almoçar novamente. Minha alimentação é uma porcaria.

— Droga! Que fome do caralho — resmungo enquanto fecho a porta da minha sala, e sem querer acabo deixando minha bolsa ir ao chão.

— Que boca suja é essa, mocinha? — Viro na mesma hora e sorrio para ele, promotor Pedro Alcântara, a um passo de mim, segurando a minha bolsa que havia caído no chão.

Um sorriso sexy daqueles de perder a razão se faz presente em seus lábios assim que nossos olhares se cruzam. Sua alegria em me ver é tão evidente que constrange.

— Você por aqui? — solto, colocando o cabelo atrás da orelha, tímida.

— Vim te buscar para irmos juntos na confraternização em comemoração aos 100 anos da construção deste Fórum. Será em um salão aqui perto, com comida e bebida de graça. Assim poderá matar a sua “*fome do caralho*”, não é ótimo? — Seu tom é puro divertimento, gosto disso nele.

A espontaneidade.

Então que me lembro do convite do evento colocado no mural de recados desde que comecei a trabalhar aqui, mas não havia prestado atenção na data.

— Obrigada! Mas acho que não vou. Comprarei qualquer coisa no caminho de volta para casa, não estou muito animada para festa.

— Vamos dar só uma passadinha lá para marcar presença. Se não gostar te levo para comer onde quiser. — Em um ato cavalheiresco, ele oferece o seu braço e eu agarro, o acompanhando na tal confraternização.

Fazemos o trajeto a pé, pois ficava a apenas três quadras do Fórum. Conversamos tantas coisas que o tempo passa voando. Pedro é extremamente gentil, educado e inteligente. Tem um papo bacana, cara divertido pra caramba! Chego no bar gargalhando feito uma louca desvairada de uma piada que ele havia contado, meu baixo astral foi embora e eu nem percebi.

O local superagradável, amplo e iluminado por luzes coloridas. Mesas e mais mesas com salgadinhos e bebidas de todos os gostos. No canto, à direita tem um pequeno palco para um show ao vivo, alguma banda deve tocar mais tarde.

— Você está bem, Yudi? Sua mão ficou gelada de uma hora para outra. — pergunta Pedro, levando a mão ao meu rosto.

Eu não preciso ver Thompson para saber que o mesmo se encontra presente, me observando como uma águia astuta. Sinto seus olhos queimando por todo meu corpo, minha intimidade contrai já umedecendo.

— Estou ótima, Pedro! É só fome mesmo, não se preocupe. — Forço um sorriso nada convincente.

— Boa tarde! Boas vindas ao casal. — Ouço a voz fria do Juiz Thompson, escorregando dos seus lábios venenosamente, atravessando minha alma como uma espada afiada.

Sem dó nem piedade.

Ele está sentado a uma pequena distância de nós em uma área mais escura. Escondida. Respirando com tanta avidez que é audível, o peito subindo e descendo em uma frequência contínua e veloz.

— Boa noite, meritíssimo! — Giro o pescoço em sua direção, e o fuzilo com a expressão dura. — Eu e Pedro não somos um casal. Pelo menos não ainda — sibilo, vingativa. Já está na hora de esse homem perceber que de agora em diante será assim.

Se me ferir, será ferido de volta.

Chega de pancada.

— Olá, minha filha, pensei que não viria a confraternização. Sente-se aqui conosco. — Juiz Flores aponta para a cadeira vazia ao seu lado. O problema é que fica entre ele e John.

Então nego educadamente, além do mais quero sentar perto de Pedro, gosto da sua companhia. Agarro o braço de Pedro e o arrasto para uma mesa vazia do outro lado, afastado dos “poderosos”. Juiz Thompson, meu chefe, entre outros tantos juízes e juízas.

Chega ser ridículo a maioria das mulheres presentes simplesmente ignorarem o restante dos homens presentes, babando em cima de John e Gonzáles. O espanhol me encara de forma inquisidora. Como se estivesse julgando minha conduta. Que ele se foda também! Não estou nem aí para ele.

Vou pedir um bom vinho na companhia do meu amigo.



Capítulo 15

John

— *No* acha que já bebeu demais por hoje, *muchacho*? — resmunga Gonzáles, tomando a garrafa de cerveja da minha mão e pousando sobre a mesa.

— Isso não é da sua conta, espanhol! — Pego a garrafa novamente e viro em gole só, o líquido desce queimando goela abaixo junto com a minha raiva de ver Pedro e Yudiana juntos.

Não me lembro de ter ficado tão furioso há muito tempo, porra! Que diabos Yudiana aparece aqui na confraternização com esse tal de *promotorzinho* metido a bom moço? Como se não bastasse o fato de ela ter me obrigado a sair ontem, para depois em menos de meia hora me deixar sozinho feito um idiota naquele bendito restaurante. Filha da mãe!

O pior é que eu mereci. Depois de desprezá-la tantas vezes, devo admitir que outra no lugar dela já teria caído fora há muito tempo. Yudiana é corajosa. Linda, sensual e encantadora. O tipo capaz de conquistar fácil a atenção de qualquer homem. O coração. Está na cara que o promotor está de

quatro por ela, estão sentados próximos demais para se tratar de uma simples amizade.

Quero ir até lá e arrancar Yudiana de perto dele, jogar no meu ombro como no tempo das cavernas e levar embora da daqui. Eu mal conheço esse Pedro e já quero matá-lo. Que maldição! Será que a minha vida já não é complicada o suficiente? Por que essa mulher tinha que aparecer do nada e foder com tudo de vez? Estou perdendo o controle das minhas emoções novamente, principalmente da raiva. Isso é muito preocupante.

— *Yo* sei que *no* é da minha da minha conta, mas cuidado! O orgulho sempre cai quando sobe o álcool. Se quer esta *mujer* de verdade, lute por ela como homem e que se dane o resto.

Gonzáles se irrita.

— Faz ideia do que está me propondo? Depois de tanto dizer para eu não ter uma recaída, agora diz para chutar o balde e lutar pelo que sinto pela Yudiana?

— Exatamente! O que adianta ter estabilidade mental, mas ter que viver sozinho? *No* acha que já chega de se esconder atrás do seu problema? O que houve com a sua namorada foi um acidente, a culpa *no* foi sua. Um dia precisará superar isso. *Yo* nem gostava dela se quer saber, o que aconteceu faz parte da oração que *mi madre* faz todo dia antes de dormir: “*Dios, livrai-*

nos de todo mal. Amém.” — Gargalha com vontade. Se a mãe estivesse aqui teria chamado a atenção dele por brincar com o nome de Deus.

— Por que está do lado de Yudiana agora? Pensei que não gostasse dela, mas pelo jeito ela mal chegou aqui, e você e o promotor engomadinho já caíram no charme dela — acuso sem pensar, tomado pelo ciúme, e o olhar de Gonzáles é puro desapontamento.

Suas sobrancelhas se erguem, olhando em direção a mesa dos dois pombinhos. Yudiana e Pedro não param de tagarelar um segundo, rindo animadamente. Estão se dando cada vez melhor, isso está me deixando louco de raiva.

— Sério que *tu estás* com ciúmes do seu melhor amigo? Tudo bem o promotor metido a bom samaritano, mas *yo*, John? Eu sou um cafajeste, mas mulher de amigo *mio* é sagrada. — Sua boca se curva num sorriso sacana, e completa na maior cara de pau. — Mas as outras casadas, solteiras, novinhas e maduras sendo gostosas *yo* como sem dó, quanto mais na minha cama melhor. — Ele mesmo gargalha do que falou e eu acabo rindo também. Rir das piadas cafajestes do meu amigo só prova que meu grau de embriaguez definitivamente não é dos melhores.

— Depois de ser tão duro com Yudiana para que ficasse longe de mim, mesmo se eu quisesse conquistá-la agora seria impossível. Ainda mais

depois do jantar fracassado de ontem, ela deixou bem claro que precisa de alguém para curar as feridas antigas do seu coração e não trazer novas. — Largo o copo sobre a mesa desanimado até para continuar bebendo, e recosto na cadeira.

— Relaxa, irmão. *Mujeres* adoram fazer drama. — Revira os olhos, bebendo a cerveja que tomou da minha mão.

— Acho que Yudiana não é do tipo que faz drama. Ela já até encontrou o cara perfeito para curar as feridas do seu coração, não é mesmo? — Eu e Gonzáles olhamos para os dois no exato momento em que Pedro se inclina para beijar o rosto da minha Índia.

Sinto uma dor enorme, mas Yudiana é tão importante para mim que se esse cara for capaz de fazê-la feliz, eu não me importo.

— Só um minuto. Que história é essa do seu jantar ontem com Yudiana que *yo no* estou sabendo?

— Nada que tenha importância, Gonzáles, esquece! — Balanço a cabeça.

Aproveito que a atenção das pessoas no salão está toda no vocalista da banda que começou a tocar para me preparar para ir embora, ele quer saber da plateia quem se ofereceria para subir no palco e cantar uma música.

Decido sentar novamente quando Yudiana levanta a mão. Eu devo ir

embora porra, mas simplesmente não consigo. Todos batem palmas quando essa mulher maravilhosa desfila pelo corredor rebolando entre as mesas, indo em direção ao palco. Meu coração tropeça, quase parando de bater, quando gira o pescoço para me encarar por alguns segundos antes de seguir seu caminho.

Ao chegar, escolhe a música que vai cantar, segura o microfone com as mãos trêmulas mantendo a cabeça baixa no início. Mas quando abre a boca... Porra! Sai uma voz de anjo. Ao erguer o olhar, nos conectamos de um jeito surreal. Percebo que seus olhos estão cheios de lágrimas. Fitando-me, quase em súplicas.

A música escolhida por ela é da cantora Andra Day “*Rise up*”, pela letra está cantando especialmente para mim.

(Erguer-Se)

Você está ferido e cansado, de viver a vida andando em círculos,

E você não se sente como lutador, mas eu vejo isso em você!

Prometo que vamos sair dessa. Juntos.

E mover montanhas...

E eu vou me levantar, renascendo como o dia,

Ressurgir sem medo, eu vou me levantar.

E eu vou fazer isso mil vezes novamente.

Por você...

Eu ressurgirei, alta como as ondas,

Apesar da dor, e eu vou me levantar, e lutar.

E eu vou fazer isso milhares de vezes novamente

Tudo o que precisamos, tudo o que precisamos é esperança

para isso temos um ao outro

E apesar da dor, vamos nos levantar

E nós vamos fazê-lo milhares de vezes novamente

“E eu vou me levantar, renascendo como o dia,

Ressurgir sem medo, eu vou me levantar.

E eu vou fazer isso mil vezes novamente.

Por você...”

Eu só consigo soltar o fôlego quando ela termina de cantar. Por Deus!
Eu não sinto mais minhas pernas, estou tomado por emoções nunca sentidas antes. Quando penso que Yudiana desistiu de mim, ela deixa claro que está disposta a lutar.

Até o fim.

— Tem certeza que a *muchacha* desistiu de você, John? Na boa, yo sou fã dessa *mujer* — Gonzáles diz com um sorrisinho sacana, ele gosta do jeito afrontoso de Yudiana, por isso acha que eu e ela possamos dar certo junto. — Existem poucas *mujeres* pelas quais vale a pena lutar, *mi* amigo. E Yudiana Jackson é uma delas.

Insiste meu amigo.

Assim como os demais, Gonzáles se põe de pé para bater palmas pela sua bela apresentação. Eu mal posso me mexer, entorpecido pelas sensações que somente Yudiana é capaz de causar em mim.



Capítulo 16

Gonzáles

— Perfeito! — Sorrio para *mi* próprio reflexo no espelho do retrovisor do meu carro, ajeitando o único fio do meu cabelo fora do lugar. Quando se trata da minha aparência, *yo* sou perfeccionista ao extremo.

Depois que *mi* amigo John foi embora praticamente correndo da festa ao ouvir a *mujer* amada cantar uma música melosa para ele, *yo* até pensei em ir atrás dele, mas achei melhor *no*. Sinto que precisa resolver essa *questión* sozinho. Torço para que faça a escolha certa dessa vez. Já bastam os traumas que carrega do passado de um amor que *no* deu certo.

No começo pensava que Yudiana poderia afundá-lo ainda mais no abismo em que *mi* amigo vive. Mas depois de conhecê-la um pouco mais a fundo, acredito que talvez possa ser a *solución*. *No* sei, só o tempo dirá ao certo.

A única coisa que tenho certeza, é que minha *noche no* termina aqui. Nada como uma boa farra para esquecer todos os problemas, mas *yo* vou para uma festa de verdade porque essa do Fórum está um porre. Antes de girar a

chave do carro, dou uma última conferida no meu visual pelo retrovisor.

Satisfeito com o que vejo, respiro vagarosamente sentindo o aroma delicioso da minha colônia francesa impregnando dentro do veículo. As *mujeres* gostam de *hombres* cheirosos. Ricos, bonitos e dominadores na hora do sexo. Traduzindo, *yo* sou o tipo de todas. Sei o que dizer e como dizer para deixá-las loucas por mim na cama, sempre pedindo mais e mais, contudo, *no* posso oferecer a elas mais do que uma boa *noche* de foda selvagem.

Até porque a ideia de variar de parceria sexual diariamente é algo maravilhoso, para *no* dizer delirante. Mas para compensar *las muchachas* por me proporcionarem tanto prazer, presenteio-as com joias entre outras futilidades que o sexo feminino gosta, como agradecimento por mamarem bem gostoso no meu pau gemendo feito cadelas no cio. Arrombo o rabo dessas *mujeres* safada mesmo, mas só depois de comer a bocetinha apertada delas até gozar um jato grosso lambuzando-a com toda a minha porra.

Uso e abuso do seu corpo delicioso, depois que caem no sono vou embora sem olhar para trás. Isso mesmo! *Yo* sou um cafajeste de marca maior assumido, como mesmo depois joga fora. *No* banco o cavalheiro, quem quiser ficar comigo pela minha fama já sabe que *no* vou ligar no dia seguinte nem nunca.

Minha Madre diz que *yo* herdei a beleza de *mi papá* e a sem-vergonhice do meu avô, conta que ele *no* podia ver um rabo de saia que ia atrás, *no* importava o lugar e a hora. Ela sempre diz que *no* sabe como sua *mamá* permaneceu tanto tempo casada com o vovô. Graças a *Dios*, *yo no* pretendo casar nunca, muito menos me apaixonar. *No* quero me amarrar a ninguém. Quero me divertir até o último segundo de *mi* vida, regradada de muita festa, dinheiro e belas *mujeres*.

Já meu irmão do meio *no*, Luiz Fernando, rapaz de bom *corasón* e trabalhador construiu sua empresa de marketing do zero. Ele está de casamento marcado com Camila, uma jovem médica de futuro promissor. Mas uma *mujer* insuportável! *Pero Dios!* Ela é tão mimada e moralista, vive julgando meu jeito libertino de viver. Diz que sou um cafajeste de marca maior e não sei mais o que, *yo* nem presto *atención*.

A bruxa da minha cunhadinha vive jogando a maldição em mim que cedo ou tarde vai parecer na minha vida para me fazer provar do meu próprio veneno. Me usar sexualmente, depois jogar fora deixando-me com o coração partido sofrendo de amor. Eu sempre gargalho na cara dela, essa praga nunca vai pegar em mim.

Yo no amo. Fodo gostoso.

As únicas *mujeres* que têm meu coração *és mi madre*, Carmem, e a

minha irmãzinha caçula de apenas sete anos que veio de supressa matando todos de susto principalmente meus pais que *no* esperavam ter mais filhos, ainda mais depois de tantos anos de casados com os dois filhos já homens feitos.

Então, ela veio, minha menininha tão doce e facilmente amável. Lupita é o tipo de criança que quando te abraça, ilumina todo seu dia. Seu sorriso me cativa, ela me ama do jeito que sou, vendo-me como uma espécie de super-herói. Desde que meu anjinho nasceu temos uma forte *ligación*, nos falamos todos os dias por telefone e vou com frequência a casa dos meus padres para brincar com a pequena.

Assim que coloco o carro em movimento em direção a uma boate famosa no centro da cidade, levanto o capô e deixo o vento gélido tocar *mi* rosto, *no* sei o que fiz para ter uma vida tão perfeita.

Lindo, gostoso e montado na grana.

O que mais *yo* posso querer?

Chegando na entrada da luxuosa Kankum, estaciono meu carro importado e saio cheio de estilo entregando a chave para o manobrista e desfilo com meu charme avassalador pelo extenso tapete vermelho que dá passagem para o interior do local, onde ficam apenas os clientes ultravips.

Já do lado de dentro da boate, *no* passo despercebido pelo olhar de

todos presentes no ambiente nem mesmo dos *hombres*. As *mujeres* me cobiçam, já os *hombres* me invejam. Minha postura esbanjava uma confiança esmagadora. Yo tenho vasto poder sobre o sexo oposto, sempre foi assim. Fico com várias ao mesmo tempo, mas não me apego em nenhuma.

Sempre tenho tudo o que yo quero, sempre!

— Alguma coisa me diz que minha *noche*, será *muy caliente*! —
Esfrego uma mão na outra, umedecendo os lábios com a língua, a pouco passos de mim no bar tem uma bela *mujer* sorrindo em minha direção desejosamente.

Ela é loira, meu tipo de *mujer* preferido! Com a pele branquinha igual porcelana e um corpão sexy, daquele tipo que dá vontade de lambar e morder cada pedacinho dele.

É nela mesmo que vou me enterrar a noite toda!

Inesperadamente, na metade do caminho até a loira sentada no balcão do bar ouço algo que faz todos os músculos do meu corpo paralisarem. Minha *atención* foi totalmente tomada pela voz que ecoa em meus ouvidos de forma suave, mas ao mesmo tempo extremamente excitante.

Maldición! Yo estou com um tesão da porra. E nem sei como é a aparência da *mujer* dona dessa voz maravilhosa ainda. Deve ser linda como um anjo e, delicada como uma flor. Parece até coisa do destino, eu e John

enfeitiçados por duas mulheres através do seu canto na mesma noite.

Pero que Diablos!

Observo o sorriso da loira se desfazendo ao me ver mudar de direção entrando no aglomerado de pessoas em frente ao palco onde está rolando o show de uma banda ao vivo, tenho certeza que essa *mujer* que está cantando deve ser tão deslumbrante quanto a sua voz. Meus pés flutuam no chão como se tivesse hipnotizado por algum feitiço maligno, algo forte demais que nunca senti antes.

Praticamente empurro a multidão a minha frente abrindo caminho até a minha sereia, contudo, colocar os olhos na cantora foi algo meio que broxante. A dona da voz *no* chega a ser feia, mas também está totalmente fora do padrão com que costumo sair. Ela é negra e está visivelmente acima do peso. É baixinha também, usa tranças longas no cabelo e argolas grandes douradas pendurados na orelha.

Traja um vestidinho branco curto de mangas finas, suas botas de couro preta de cadarço vem até na altura do joelho. Fora o fato de a maior parte do corpo da *muchacha* ser coberto por tatuagens de todas as formas, tamanhos e cores. A maioria parece serem símbolos de arabescos indianos, apesar de *no* gostar desse tipo de coisa devo admitir que nela fica muito atraente.

Ela é muito atraente.

Santo *Dios mio!*

Eu nunca senti tesão por esse “tipo” de *mujer* antes e agora estou com o pau completamente duro feito rocha dentro das calças só de olhar para a cantora misteriosa. Que horror! Preciso sair daqui imediatamente, com muita sorte a loira linda que vi quando cheguei aqui sentada no balcão do bar me secando com os olhos ainda esteja lá me esperando.

Quando penso em girar o corpo para ir embora, o olhar da sereia no palco encontra os meus e mais uma vez *yo no* consigo me mexer. Que olhos são esses? Porra! Meus pés parecem colados no chão. Quero ir embora, mas *no* consigo. Ela canta sem quebrar o contato visual, é um reggae misturado com uma batida envolvente. Somente a malemolência com que *mujer* mexe o corpo ao som da música, é mais do que suficiente para me deixar louco de tesão.

É preciso ajeitar discretamente o enorme volume no meio das minhas pernas quase explodindo a cueca boxer, clamando para enterrar dentro dela o mais fundo possível quase rasgando-a ao meu.

Yo nunca senti tanta vontade de comer uma *mujer* na vida!

Fico imóvel a admirando até terminar sua apresentação, antes de descer do palco sob uma salva de palmas e muitos assobios dos *hombres*, ela

agradece ao público e o pessoal da banda por ter a deixado cantar uma música com eles.

Ela mal coloca o pé para fora do palco e yo já vou para cima dela com tudo, e que se dane o resto.

— Hoje *es tu día de suerte, muchacha!* Escolhi *tu* para ser minha por esta *noche* — yo exclamo no ouvido da moça, no meu melhor tom sedutor.

— E quem disse que eu quero ser sua, espanhol? — Sua pergunta retórica soa como puro deboche, permaneço estático sentindo um gosto amargo ao qual yo nunca senti antes.

O da *regeición*.

Quem *ela* pensa que é para insinuar que *no* me quer?

— Tem *noción* do que estou lhe propondo, *mujer*? Deveria agradecer por ter a oportunidade de ficar com um *hombre* como yo, caso ninguém te disse ainda, mas *no* está em condições de escolher muito.

Sentindo-me acuado, ataco cruelmente, fitando-a de cima abaixo com — falso — desdém.

Porque apesar de “cheinha”, agora olhando seu corpo de perto, o peso que tem a mais está muito bem espalhado nos lugares certos. Nunca vi um *trasero* tão farto e com esse vestido justo é uma tentação, e os seios então? Minha boca está desejosa para mamar neles a *noche* toda enquanto meto nela

sem dó, yo quero calar essa afrontosa com o meu pau enterrado na sua garganta.

Mas que porra! As *mujeres* que têm fantasias sexuais comigo, *no* o contrário.

Tem alguma coisa errada acontecendo aqui.

Mas o quê? *No* sei.

Nem quero descobrir.

— Desculpa, cara, mas eu estou em condições sim de escolher quem eu quero ou não na minha cama. E você, bem... — Faz uma longa pausa, esboçando um sorriso desafiador enquanto me analisa de cima abaixo, nem um pouco abalada com a forma grosseira que a tratei. Quando uma *mujer* é educada sendo que o normal é estar gritando com o *hombre*, é algo muito preocupante. — Não fez, e nunca fará o meu tipo nem se nascer de novo. Sinto muito. — Diz e gira o corpo rebolando me deixando falar sozinho, yo fico chocado com o baita fora que levei!

Mais uma vez a *muchacha* me faz fazer algo que nunca fiz na vida antes, sair correndo atrás da porra de uma *mujer* que acabei de conhecer. Ao alcançá-la, impeço de dar mais um passo para longe de mim agarrando seu braço com firmeza.

— Por que *no* me quer, *cariño*? Prometo lhe proporcionar a melhor

noche de sexo de *tu* vida! Nunca será tão bem servida como pretendo lhe comer por horas e mais horas seguidas até o sol brilhar no céu, amanhã *no* vai conseguir nem andar direito — digo ao pé do seu ouvido, *yo* sinto todo seu corpo arrepiar.

Sorrio em vitória, mas a diaba *no* dá o braço a torcer mantendo a pose de durona.

— Muito obrigada pela oferta, mas realmente não estou afim de ser sua refeição nem hoje nem nunca. Deu para entender ou quer que eu desenhe? — debocha.

Fico analisando o seu jeito sexy de juntar as tranças no topo da cabeça e fazer um coque alto, deixando seu rosto arredondado de traços marcantes em evidência. A *mujer* não usa maquiagem e mesmo assim é gostosa pra caralho, faz o estilo largadona.

— Como *no*, *muchacha*? *Tu* és louca, só pode! — berro, inconformado.

— O louco aqui é você, espanhol. A cada vez que abre a boca com esse sotaque pesado, sua moral baixa ainda mais comigo. Eu gosto de homem de verdade que sabe tratar uma mulher, prezo o conteúdo, não a aparência. — A abusada pisca para mim toda cheia de opinião própria, achando que comigo cola esse papo que preserva mais a qualidade interior das pessoas e

no o que elas têm por fora e blá blá blá...

No entendo bem dessa baboseira.

— Já sei. *Tu no* gosta de *hombre*. Só tem essa explicação. Porque, sinceramente, *no* vejo nenhum motivo lúcido para uma *mujer* em sã consciência *no* querer ir para cama comigo. Sou o sonho de consumo de todas, *mi cariño*.

— É mesmo? Não me diga. Acontece que eu não faço parte do time de “todas as putas que você já comeu” meu bem. Eu sou especial, me valorizo. Não saio abrindo as pernas para qualquer um — diz de um jeito que me faz encará-la fixamente. Porra! Esse seu jeito arisco me excita ainda mais. — Uma mulher que tem amor próprio, querido, não perde tempo com um cara da sua laia. —A negra de nariz empinado profere cada palavra com o olhar enojado sobre mim, ela realmente me despreza.

— Já olhaste para *mi*, *muchacha*? Sou um *hombre* de boa aparência e *mucho* dinheiro no bolso, charmoso e que sabe ser muito generoso com quem compartilha a cama comigo. Tenho certeza que *no* sou o tipo que você costuma sair, então aproveita e capricha na performance que pretendo te compensar muito financeiramente amanhã depois do café.

Sua resposta é uma bofetada muito bem dada no meu rosto que chega a girar para o lado devido a força usada no golpe, seus olhos brilham de ódio

parece que sua vontade é me estraçalhar vivo. .

O jeito que ela me olha parte *mi corasón*, *no* lembro de me sentir assim antes. Preocupado em ter ferido seus sentimentos, falo o que vem a minha cabeça e pronto.

O que mudou depois que conheci essa *mujer*?

Estou confuso.

Em silêncio, ela tenta passar por mim indo em direção a saída, mas a impeço usando *mi* corpo másculo como barreira para o seu caminho.

— *Tu no podes* ir embora assim *cariño*, desculpa, *yo* no queria ter sido rude. — Por incrível que pareça me desculpo com uma sinceridade que *no* sabia que tenho, isso também é novo para mim.

O fato da forma natural e rápida que saiu é ainda mais assustador, esse tipo de gentileza *no* faz meu feitio.

— Não queria, mas foi! Eu não gosto de homem como você, que acha que só porque é bonito e tem dinheiro, pode ter a mulher que quiser não importa o quanto machucará o coração dela durante o processo. — Suas palavras me magoam.

— Então, *tu assumes* que me *achas* belo, *mi cariño*? — brinco, tentando fingir que sua presença *no* me afeta. Queria que sorrisse pelo menos uma vez.

— O que adianta tanta beleza por fora se é puro vazio o que predomina aí dentro? Bonito superficialmente você é, mas nada além disso. Também mesmo se fosse um cara legal não adiantaria em nada, porque meu tipo de homem são os negros, de preferência do mesmo país que o meu. — Dessa vez *no* impedi a *mujer* de ir embora. Estou tão chocado com suas últimas palavras, que *no* tenho argumentos para responder.

Nunca ninguém tinha me tratado de tal maneira desdenhosa antes. Preconceituosa. Uma coisa é ela *no* me querer, outra é dizer que *no* faço o seu tipo porque sou branco e venho de outro país.

Saio da boate desorientado esbarrando em todos que vejo a minha frente, *yo* preciso sair daqui o mais breve possível para respirar ar fresco na tentativa desse aperto no peito aliviar. Minha *noche* que planeja ser perfeita, acabou sendo um desastre.



Capítulo 17

Yudiana

Depois da bebedeira na festa de confraternização do fórum, quando estava indo embora, Juiz Flores me avisa que eu preciso chegar bem cedo no trabalho na manhã seguinte. Com ressaca ou sem ressaca tive que madrugar. Na verdade, ainda não clareou direito e aqui estou eu na frente do fórum. Tenho uma pilha de relatórios importantes para analisar, entre tantas outras coisas.

— Veio trabalhar cedo hoje, senhorita Jackson — pergunta o senhor José, zelador aqui do prédio. Um velhinho barbudo muito simpático, seu humor é sempre alegre. — Desejo um bom dia. Está muito bonita como sempre.

Completa sorrindo. Ele é sempre tão gentil comigo toda vez que chego ou estou indo embora.

— Bom dia, senhor José, como vai a esposa e os filhos? — pergunto, realmente interessada em saber, não só por educação.

Certo dia ele me contou que o filho mais novo está lhe dando muita

dor de cabeça, e a sua esposa estava entrando em depressão por conta disso. Fiquei preocupada, espero que o problema tenha se resolvido e a paz volte a reinar em seu lar.

— Graças a Deus, sim, filha! Meu filho tomou jeito, até voltou para o trabalho, minha esposa tá que não se aguenta de tanta felicidade — diz emocionado, com os olhos reluzentes.

— Que bom. Fico muito feliz pelo senhor.

— Obrigado, filha. Bom trabalho! — deseja.

— Eu acho que sou a primeira a chegar do fórum hoje, o senhor vai me deixar entrar mesmo sendo tão cedo? — Não é uma pergunta, mas sim uma súplica. Está um pouco frio aqui fora e o meu casaco é fino.

— Claro que sim, filha, mesmo se não pudesse eu deixaria. — A última parte diz de um jeito que só nós dois ouvíssemos. Tem câmeras por toda parte nesse fórum sinto-me no Big Brother Brasil. — Mas a senhora não foi a primeira a chegar. Juiz Thompson já chegou faz tempo — revela e meu coração dá um salto.

Depois do porre que esse homem tomou ontem, como conseguiu acordar tão cedo para vir trabalhar? Puta que pariu!

Talvez, assim como eu, nem tenha dormido direito essa noite. Eu passei a maior parte do tempo em claro pensando em uma forma de me

deixar entrar na sua vida. No seu coração. Só como amiga, se quiser. Qualquer coisa para mim está ótimo. Porque lidar com o seu desprezo contínuo está acabando comigo. Depois do nosso quase jantar fracassado decidi desistir desse homem confuso. O certo é deletá-lo da minha vida e seguir em frente.

Mas foi só o reencontrar no bar que a esperança cresceu dentro de mim novamente. Existe uma força poderosa que me impede. Cantei a música para ele, para deixar bem claro que não vou desistir dele. Nunca. Porém, mais uma vez Juiz Thompson foge de mim assim que termino a apresentação, sai correndo do evento sem nem ao menos se despedir do seu amigo Gonzáles, apenas levantou e saiu.

Bufo, frustrada, e despeço-me de José e sigo para minha sala. Mal piso dentro dela e o telefone sobre a minha mesa toca. Que estranho! Devido ao silêncio, o volume do toque parece ser dez vezes maior do que na correria do dia a dia.

— Yudiana Jackson, em que posso ajudar?

Atendo.

— No meu gabinete, agora! — Fico paralisada segurando o telefone no meu ouvido, mesmo após a pessoa histérica do outro da linha desligar o telefone na minha cara.

Quem Juiz Thompson pensa que é para me dar ordem? Trabalho no fórum, não para ele! Penso, indignada, já dentro do elevador, ansiosa para saber o que o dito cujo esquentadinho quer comigo.

Será que está nervoso por causa da música que cantei ontem? Pode ter interpretado como uma afronta ou sei lá, agora vai soltar os cachorros em cima de mim sem piedade.

Assim que chego em frente à sua porta, respiro bem fundo e bato antes de abrir. Então o vejo, já de pé diante de sua mesa me esperando com os braços cruzados. Uma expressão transtornada se faz presente em sua bela face assim que nota minha presença. Está tão elegante sem o paletó apenas com a camisa branca dobrada até o antebraço e colete, lindo demais até esqueço que estou zangada com ele.

— Então, em que posso lhe ajudar, Meritíssimo? — pergunto, tentando parecer controlada, mas gritando por dentro de vontade de tocar em seu cabelo bagunçado caindo sobre o rosto quase cobrindo seu olhar perigoso.

— Você não tem direito de fazer isso comigo, Yudiana. — A falta de controle emocional é visível em sua voz elevada, queixo está trincando e punhos cerrados.

— Fazer o quê? — indago, receosa, dando um passo para trás.

— Não me dar alternativas, de não me deixar fugir de você, de permanecer o mais longe possível. — O jeito sôfrego que diz me toca profundamente. Sinto que para ele ficar comigo parece ser algo tão ruim.

Tudo o que eu quero é uma chance de mostrar que posso fazer sua dor passar, seríamos dois pedaços quebrados pela vida, que juntos seríamos um só. Perfeitos um para o outro.

— Então, não fuja! — Ele solta o ar pesadamente.

— Você não entende, Yudiana! Eu vou destruir a sua vida como fiz com a da Er... — Para de falar de repente, cobrindo o rosto com as duas mãos, inquieto.

— Você que não entende, John! Minha vida foi destruída há muito tempo, é impossível que me faça mais mal do que alguém já fez no passado. — Ele trinca os dentes enfurecido e vem em minha direção como se fosse me abraçar o mais forte que pode, mas estaca na metade do caminho.

Se policiando, como se o coração mandasse uma coisa e a razão outra.

— Talvez eu possa te quebrar de um jeito ainda pior, que não tenha cura. — Parece sincero.

— Não me importo! Eu prefiro pagar para ver, do que ficar pelo resto da vida com aquela amarga sensação de “*como teria sido se eu tivesse arriscado?*”. Sido corajosa.

— Por que você tem que ser não teimosa assim, menina? — Balança a cabeça com a expressão pesada. — Será que não pode só me esquecer? Já tenho que lidar com demônios demais na minha vida, não quero voltar a acreditar que posso ser feliz novamente para depois sofrer quando perceber quem eu sou de verdade e ir embora. — Suas palavras me deixam confusa e quero gritar com ele para parar de ser tão pessimista.

Quem se preocupa demais com o futuro, perde a oportunidade de viver um presente incrível.

— É isso que você quer, Thompson? Que eu desista de você de uma vez por todas? Porque se for, continue me tratando com desprezo porque está no caminho certo — praticamente grito, bancando a louca de vez. Esse homem, no mesmo grau que me encanta me tira do sério. — Não toma nenhuma atitude, então tomo por nós dois.

— Quer saber? Já chega dessa merda toda! Se me quer, bem, se não quer, vai para os quintos dos infernos. — Jogo as palavras em cima dele como uma rajada de facas bem afiadas, e viro para ir embora dali com o sangue fervendo nas veias.

Porém, escuto o barulho da trava da porta sendo acionada. Ele nos prendeu dentro do seu Gabinete. Então permaneço imóvel no lugar sem saber o que fazer. Não me quer por perto, mas também não me deixa sair da sala.

Esse homem ainda vai me enlouquecer.

— Você não vai a lugar nenhum. Não acabamos de conversar ainda.

— John dá o veredito.

Minha respiração ofega quando o sinto se aproximando de mim sorrateiramente sem fazer barulho como leão astuto andando no escuro vigiando sua presa, só tenho certeza que está atrás de mim quando sinto o calor da sua respiração rente a minha nuca. Ofegante.

— Não é isso que você tanto quer, John? Que eu desistisse de vez — digo, exausta demais para dar continuidade ao nosso confronto.

— Não! A verdade é que por mais que eu dizia para você ir embora, meu maior desejo é que ficasse e lutasse por mim. Por nós. Provando-me que não importa as circunstâncias, jamais desistiria de mim. — Sorrio feito uma idiota por esse homem consegue me amolecer com uma facilidade incompreensível.

— Então, isso quer dizer que não quer que eu vá embora, meritíssimo?

— A partir desse momento, Yudiana Jackson, você está presa a mim para sempre. Você conseguiu! Eu me rendo — sussurra.

Roçando os lábios no nódulo da minha orelha causando calafrios, seu braço rodeia minha cintura colando nossos corpos de um jeito tão indecente

que parecemos um só.

— O que você quer dizer com isso, Thompson? — Apoio as duas mãos abertas sobre seu peito másculo, pela primeira vez ele não repele meu toque.

— Que a partir desse momento você é minha! Consegue entender isso? Somente minha. Juro por tudo que é mais sagrado, que mesmo com tantos mais contras do que prós, darei minha vida para que isso dê certo — confessa, descansando a cabeça junto a minha, sua pele sua frio de tal modo que seus cabelos estão molhados, colados no rosto.

E completa:

— Mesmo sabendo que não devo, Yudiana, por você sou capaz de arriscar agindo com o coração e não pela razão. E que Deus me ajude. — Abro um sorriso imenso diante de sua redenção ao forte sentimento que sentimos um pelo outro, tão intenso que não dá para explicar, apenas sentir.

Meu primeiro impulso é pular em seus braços apertando-o o mais forte que posso, mas ele me impede segurando meu rosto entre suas mãos.

— Quando as coisas ficarem assustadoras para você, porque cedo ou tarde elas vão ficar, lembresse que foi você que decidiu arriscar primeiro, eu não tive escolha. Não depois que cantou para mim ontem no bar — alerta, como se soubesse que algo muito ruim nos aguarda no futuro.

— Não importa o quanto as coisas ficarem difíceis, nós sempre daremos um jeito juntos — prometo.

— Mesmo que você queira me deixar, Yudi, eu não vou deixar você ir nunca. — Seu tom é quase de ameaça, mas não me abalo.

— Tudo bem! Eu não pretendo ir a lugar nenhum mesmo, não sem você ao meu lado, Juiz Thompson. — Pela primeira vez eu o vejo sorrir, puxando-me cada vez mais para perto de si, esperando que eu tome a iniciativa de beijá-lo.

Mas não o faço.

Eu disse para ele uma vez, que na próxima vez que nos beijássemos, iria ter que implorar.

— Você está esperando que eu implore, não é mesmo, Indiazinha? — pergunta, como se tivesse ouvido meus pensamentos.

— Sim, e vê se capricha, porque sou uma mulher muito exigente. — Ele puxa o canto da boca em um sorriso provocante, apesar de não admitir gosta de ser desafiado.

— Acho que posso fazer melhor do que implorar. Também sou um homem muito exigente. — John começa beijando meu pescoço, fazendo-me arfar com o calor da sua respiração tocando minha pele. — Mas antes, é importante que também saiba, que eu sou um homem muito possessivo com o

que é meu. Muito. Sua segurança estará sempre acima de tudo, já adianto que isso está fora de negociação — seu tom é claramente controlador, e alguma coisa me diz que terei grandes problemas com isso futuramente.

No entanto, eu amo saber que depois de tudo o que passei hoje tenho alguém que se preocupa tanto comigo a ponto de matar um homem para me manter segura. Isso deveria ser algo assustador para as outras mulheres, mas porra! Para mim que cresci sendo abusada na mão de um mostro, sei bem a falta que faz alguém para cuidar da gente como meus pais não fizeram.

Tem coisa que só quem já foi uma vítima um dia entende, é fácil julgar o caráter de uma pessoa vendo a história toda de fora. Não sentido a dor na pele. Que se dane o moralismo, o Binladem era um filho da puta, cruel e sem coração que carregava um monte de mortes nas costas.

Se John e Ricardo não tivessem nos encontrado a tempo, o filho da mãe teria nos estuprado várias vezes, depois oferecido para o resto da gangue para enfim jogar nossos corpos desfalecidos na vala mais próxima. A verdade é que aquele traficante de merda teve o que merecia, e ponto final.

— Eu gosto de ser protegida por você. É bom ter alguém para cuidar de mim. — Esfrego meu nariz no seu, me sentindo uma adolescente encantada pelo seu primeiro amor. — Mas é bom que saiba que eu também sou controladora, afinal, você é um homem fodidamente lindo. As mulheres

ficam babando quando te veem. Não sei como vou lidar com isso, sou ciumenta pra caralho. — Minhas palavras trazem uma expressão divertida para seu rosto.

Juiz Thompson sério é um tesão. Mas esse mais descontraído é uma delícia!

— Alguém já te disse que você tem a boca suja, menina? — zomba, mordendo o lóbulo da minha orelha. Fico toda arrepiada. — Mas eu gosto disso, me excita — sussurra no meu ouvido, enquanto aperta o bico do meu seio rígido por cima da blusa.

— E o que mais em mim te excita, meritíssimo? — provoco.

— Tudo, mas tem uma parte que eu ainda não conheço que tenho certeza que vai me deixar viciado. — Não acredito quando ele lambe os dois dedos na minha frente e enfia por baixo do meu vestido adentrando minha intimidade sem nenhuma cerimônia, a sensação dele abrindo minhas paredes vaginais conforme vai entrando faz meu corpo todo pegar fogo.

— Porra! Você está molhadinha, Yudiana, pronta para me receber. — Geme.

Aproximo a boca da sua e digo:

— Eu sempre estarei pronta para te receber dentro de mim, John. Não importa quando, onde ou a hora. — Sinto vontade de beijá-lo, mas uso toda a

força que tenho para me segurar.

Não vai acontecer se ele não me beijar primeiro. Fazer o que, sou orgulhosa mesmo. Percebendo isso, John se adianta e enfia a língua na minha boca, quente e úmida, enroscando na minha de um jeito imoral. John continua me fodendo com os dedos, sem pressa e bem fundo, com uma habilidade invejável. Chegando bem próximo ao meu ponto “G”. É quando para os movimentos e começa tudo novamente.

Gemo de frustração.

Meu gesto o faz rir enquanto nos beijamos. Uma alegria tão grande invade meu peito, de um jeito que nunca imaginei sentir antes.

— Você não faz ideia do quanto eu te desejo, senhorita Jackson.

Seus olhos não desgrudam dos meus em nenhum segundo.

— Então porque não mostra, Juiz Thompson? — Ele tira os dedos de dentro de mim e lambe, faminto, depois leva os dedos até a minha boca para que eu prove meu próprio gosto.

A partir daí a situação sai do controle e iniciamos um beijo ardente cheio de paixão e fogo.

— John, eu... — Meu gemido é pura súplica para senti-lo dentro de mim novamente, mas dessa vez não com os dedos.

— Shhh. — Ele suga meus lábios enquanto seus dedos desabotoam

minha blusa em uma habilidade fora do comum, outro no seu lugar já teria rasgado brutalmente.

Mas Thompson, não! De fato, ele é o tipo que se não for para fazer bem feito, ele prefere passar a vez.



Capítulo 18

John

A urgência com que o nosso beijo acontece é surpreendente, tem uma energia vibrante entre nós muito forte, quase palpável. Como eu fantasiei esse momento em minha mente de tê-la em meus braços provando o gosto dos seus lábios. Devo admitir, é incontavelmente melhor do que na minha imaginação. Tenho receio de acordar a qualquer momento deitado sozinho na solidão do meu quarto escuro como em tantas outras vezes e perceber que tudo era uma maldita ilusão.

Mas, agora não é. Minha boca devorando a sua é a prova disso, minhas mãos tateiam seu corpo como que conhecendo um terreno novo para marcar território. Agora que ultrapassei a linha do perigo, nada nem ninguém me fará voltar. Me deter. Essa mulher me pertence! Yudiana é a única capaz de silenciar a fera gritante que existe dentro de mim.

Depois de ouvi-la cantar ontem daquele jeito tocante, estou inteiramente em suas mãos. Somos perfeitos um para o outro. Ambos quebrados pela vida. Imperfeitos. Estou muito assustado com o nosso futuro juntos, daqui para frente tudo pode acontecer. Mais coisas ruins do que boas.

Em breve muitos segredos obscuros virão à tona.

Porém, agora, não quero pensar nisso, e sim apenas aproveitar o meu momento de redenção com a única mulher capaz de me fazer permitir voltar a amar novamente. E eu pretendo amá-la de todas as maneiras que possa existir para essa palavra.

Hoje é o início de uma intensa história de amor, espero que não trágica.

— Não sei como consegui viver até hoje sem beijar você, meu Deus!
— Yudiana morde a parte inferior do meio lábio e puxa, causando uma onda de calor que me consome por dentro. Eu amo seu jeito espontâneo, é a única mulher que não se deixa intimidar com a minha presença.

Yudiana envolve os braços em volta do meu pescoço ficando nas pontas dos pés entregando-se totalmente a mim. Facilmente ergo-a do chão e conduzo até a mesa do meu gabinete colocando-a sentada sobre ela e me posiciono em meio suas pernas, a safada imediatamente as cruza em volta do meu corpo me mantendo preso.

Que seja assim para sempre!

Baixando a cabeça, deslizo os lábios pelo seu pescoço deixando um rastro de beijos molhando por onde passo. *Minha* mulher geme mexendo os quadris sedenta por mais do jeitinho que eu gosto. Fogosa. Que leva um

homem a loucura na cama, e fora dela. Sem tabus ou frescuras.

— Eu quero ter você de todas as formas possíveis, Indiazinha. Já marquei território explorando sua intimidade com meus dedos, agora vou acariciá-la com a minha língua para depois te encher com cada gota da minha porra enquanto olha nos meus olhos. — Vou deslizando para baixo, salivando de ansiedade para prová-la de verdade. Quero proporcionar a ela o prazer que nunca sentiu antes.

— Meu Deus, John! — Mia, toda manhosa ao sentir minhas mãos elevando seu vestido até a cintura, ficando de joelhos no chão. Deslizo sua calcinha pelas pernas grossas bem torneadas, passando o nariz por sua pele, me embriagando com seu cheiro bom.

Ao terminar de tirar a calcinha para fora das sandálias vermelhas de salto alto ainda em seus pés, sinto desejo de fazer amor com ela usando apenas eles. Imagino-a debruçada sobre a mesa deixando a bunda empinada pra mim. Porra! Essa mulher me faz perder a compostura de um jeito que não tem explicação. Se alguém me dissesse que estaria transando no meu ambiente de trabalho, jamais acreditaria.

Guardo sua calcinha no bolso da minha calça como lembrança da primeira de tantas outras vezes que faremos amor. Vagarosamente, ergo o olhar e o que vejo faz o meu membro latejar de vontade de comê-la

loucamente. Yudiana está com os olhos fechados com uma mão em cada seio apertando com força mordendo os lábios ao mesmo tempo, é o máximo saber que ela está tão excitada quanto eu.

— Se entregue a mim completamente, Indiazinha — peço com os dentes trincados, sendo muito forte para não tirar meu pau para fora e enterrar nela logo tudo de uma vez feito um animal no cio.

— Agora e sempre, John. — Como uma boa submissa que eu sei que ela não é, Yudiana me surpreende fazendo o que eu mando, abrindo as pernas o máximo que consegue.

Minha nossa!

Essa cena é digna de uma foto, a mulher mais linda que já vi na vida sentada na mesa do meu gabinete com o vestido erguido na altura na cintura sem nada por baixo e as pernas arreganhadas mostrando a intimidade toda depiladinha, gotejando seu liquido delicioso.

— Uiiii... Ahhhh...

Geme quando meus lábios tocam a parte de dentro da sua coxa sentindo, a incrível maciez da pele da cor do pecado. Não resisto e dou uma mordida de leve e Yudiana geme novamente, porém mais alto do que as outras vezes.

Quero fazê-la perder as estribeiras só com a minha língua, até o ponto

de ela implorar por mim. Ao aproximar minha boca de sua intimidade, por alguns segundos a razão toma as rédeas da situação e eu me afasto bruscamente dessa tentação em forma de mulher.

— Desculpa, Yudiana, mas eu não posso. Isso é um erro! — digo e sua expressão escurece na mesma hora.

Mas não diz absolutamente nada.

Desce da mesa ajeitando a roupa, recompondo-se da melhor forma que consegue. A observo em silêncio, esperando para ver qual será seu próximo passo.

— Estava bom demais para ser verdade! Tenha um bom dia, Meritíssimo. Porque o meu, acaba de ser arruinado. — Caminha em direção à porta, mas entro na sua frente.

— Do que você está falando, Yudiana?

— De colocar fogo em mim, depois pular fora — grita, descontrolada, e sinto que a qualquer momento sua mão vai vir com tudo no meu rosto. — E aquele papo de que nunca mais ia me deixar sair da sua vida? Tudo fogo de palha, seu filho da puta! — Esmurra meu peito várias vezes, seguro seus pulsos puxando-a para mim firmemente, deixando-a imóvel.

— Eu quero ver toda essa fúria à noite na minha cama depois do jantar de verdade que teremos hoje à noite, porque por mais que eu queira te

foder loucamente em cima da mesa do meu gabinete, não vou fazer isso agindo como um adolescente inexperiente tendo a primeira noite de amor com a mulher da minha vida de qualquer jeito — suas feições suavizam um pouco, mas não está totalmente convencida ainda. Que mulher difícil.

Então acrescento:

— Isso de fato, seria o maior erro da minha vida. Tratar um momento tão especial como uma rapidinha no meio do expediente de trabalho — concluo e Yudiana continua em silêncio com o corpo trêmulo escondendo o rosto no meu peito.

— Eu... eu pensei que havia me rejeitado mais uma vez — revela.

Levo-a até a minha cadeira e sento com ela em meu colo. Seus cabelos longos estão caídos sobre meu ombro, e os seus braços apoiados em volta do meu pescoço.

Os meus braços a embalam pela cintura.

— Preciso que entenda de uma vez por todas, que não houve nenhuma vez em que te rejeitei porque não te queria. Ao contrário, era por te desejar demais. E quando queremos algo demais, pode terminar em tragédia. Por isso, achei ser melhor te proteger. — Tento explicar entrelinhas, porque a verdade só poderá ser dita quando nosso relacionamento estiver mais sólido a ponto de nada, por pior que seja, ser capaz de nos separar.

— Me proteger de quê, Thompson? — pergunta com a voz chorosa. Ela está emotiva, não por ser fraca, mas sim por ter sido forte por muito tempo. Sobreviveu a muitas rejeições, a pior delas pela própria família.

Sua mão alisa minha face carinhosamente, mas o rosto ainda se encontra enterrado no meu peito. Sinto minha camisa molhada por conta das lágrimas, bem em cima do meu coração, que dói dentro do peito em vê-la nesse estado e não faz nem meia hora que iniciamos o nosso relacionamento.

— Te proteger de mim, Yudiana. — Seu corpo se encolhe todo no meu colo, parece assustada.

Mas para minha surpresa, em vez de ela sair correndo, simplesmente muda o foco do assunto.

— Agora que somos um casal, acho que já pode parar de me chamar de Yudiana. Me lembra coisas ruins. Só de Yudi está ótimo, mas se quiser me chamar de amor eu não vou reclamar nem um pouco. — Baixo o olhar para fitar minha menina levada, ela tem as bochechas coradas e um sorriso escondido atrás das lágrimas e lábios grudados.

E um olhar que diz *“falei mais do que devia.”*

— Bem, como eu já disse, adoro o seu nome. Mas devo admitir que a segunda opção é bastante tentadora, meu *amor*. — Basta apenas a palavra sair da minha boca, para ela soltar o sorriso que escondia.

— Bem melhor assim, Ursão! — Seu tom é de puro divertimento. Em um movimento rápido ela gira o corpo, colocando uma perna de cada lado da minha cintura.

Inevitavelmente, a saia do seu vestido sobe lembrando que a filha da mãe está sem calcinha. Como uma verdadeira diabinha fica se esfregando no meu colo sobre minha ereção com intuito de me provocar mais ainda.

— Ursão? — questiono com a sobrancelha erguida, tentando manter o controle e não ceder às suas investidas ou acabaremos fazendo amor ali mesmo.

— Porque você é grande, forte e tem o abraço protetor como de um urso. — Minha gargalhada toma conta da sala. Há anos eu não ria assim.

Na verdade, não lembro de já ter sorrido assim descontraidamente algum dia.

— Então, você gosta do meu abraço de urso, Indiazinha? — Agarro sua cintura e começo a fazer cócegas nela que começa a rir também descontroladamente.

— Eu não me importo de fazer amor com você aqui e agora, só de estar com você já faz do momento mais que especial. — Inclina-se para beijar meus lábios de forma selvagem, atíçando-me.

Porra! Assim eu não aguento. Suas unhas estão cravadas nas minhas

costas. Bem fundo.

— Te pego às oito para o nosso jantar romântico. É bom saber que odeio atrasos, sou muito rígido com isso, *entre outras coisas*. — A tiro do meu colo, colocando-a de pé ao lado da minha cadeira, sua feição de desapontamento enquanto ajeita a saia do seu vestido é hilária.

— Você está me expulsando do seu gabinete, Juiz Thompson? — Meu amor faz um biquinho lindo e quase acabo cedendo à sua vontade, colocando-a de volta no meu colo, possuindo-a aqui mesmo.

— Estou! Agora se me der licença tenho muito trabalho hoje, e eu agradeceria bastante se conseguisse manter essas mãozinhas lindas longe do meu corpo até servirem a *sua* sobremesa no nosso jantar à noite. — Minha postura é séria, começo organizar alguns relatórios que se espalharam sobre a mesa quando quase fizemos sexo loucamente em cima dela agora pouco.

— E a sua sobremesa? — Passa a mão pelo cabelo, ajeitando os fios lisos bagunçados, um ar confuso se faz presente no seu rosto sedutor.

— Estou olhando para ela agora! Mas vou deixar para comê-la em casa, lentamente. Na minha cama. — A mulher abre a boca duas vezes e não sai nada, e é prazeroso demais para mim saber que consegui calar a mulher mais afrontosa que cruzou meu caminho.

— Tenha um bom dia Meritíssimo, te vejo mais tarde. — Yudiana

apenas acena com a cabeça e vai embora com as pernas totalmente bambas. Fico rindo vitorioso, feito um bobo.

Se Yudiana ficou assim apenas de eu falar o que pretendo fazer com ela, imagina quando acontecer? Porque quando eu fizer tudo o que pretendo com o seu corpo essa noite, duvido que volte a andar um dia. Do ponto em que chegamos, é impossível voltar atrás e permanecer longe dela.

Sinceramente? Estou muito feliz por isso. Em paz. Por ter ouvido a voz do meu coração e pela primeira vez deixar a razão de lado. Em vez de voltar ao trabalho, fico pensando na Indiazinha.

Mas minha paz não dura muito tempo, Gonzáles chega tomando conta do ambiente sem sua excentricidade matinal, com um mau humor do cão que não lhe pertence.

— *Buenos dias*, amigo — cumprimenta, emburrado, segurando um copo de café em cada mão. Todos os dias ele compra na rua para nós dois antes de vir para o trabalho.

Meu assessor estranhamente não invade minha sala com um dos seus cumprimentos calorosos. Para falar a verdade, ele senta na cadeira em frente à minha mesa, se mantendo em silêncio. Nem lembra de me entregar o copo de café que trouxe para mim, permanece segurando os dois. Tento puxar assunto, mas não obtenho o sucesso que esperava.

— Bom dia, González! Você poderia me ajudar a entender melhor o décimo parágrafo desse relatório, por favor? — Pego a folha dentro na gaveta, mas ele faz questão de olhar.

— *No* estou com cabeça para isso agora, John. Mande sua secretária entregar na minha sala mais tarde, que *yo* leio com calma — diz, rancoroso.

— O que aconteceu para te deixar nesse mau humor todo, Gonzáles? Olhando para o nada com essa cara de cachorro largado na esquina, não sei o que houve, mas você não sai daqui até que me conte. — Sou curto e grosso.

Medindo pela sua aparência desalinhada, e orelheiras em volta dos olhos acho que sua noite não foi das melhores. É estranho vê-lo assim, caído do alto pedestal que o seu egocentrismo o colocou, como se alguém tivesse jogado um balde de água fria apagando a chama da vida liberal e profana que protagonizou ao longo dos últimos anos.

— *Yo* realmente *no* quero conversar agora, porra! *No* estou num bom dia, desculpe, mas foi um erro ter vindo no seu gabinete — esbraveja, suspirando angustiadamente.

— O que houve para te deixar assim, meu amigo? Por que não se abre comigo? Não gosto de te ver triste assim. Logo você, o homem mais irritantemente feliz do mundo. — Inclino-me para frente e toco seu ombro. Seus músculos estão rígidos, evidenciando sua tensão eminente.

Depois de resmungar alguns palavrões em espanhol, bufa pesadamente para enfim começar a desabafar:

— *Tu acreditas* que ontem *yo* fui rejeitado por uma *mujer* porque sou espanhol e tenho a pele branca? Segundo a filha da mãe, “ela só sente *atracción* por *hombres* negros e da mesma nacionalidade que ela” — conta, ofendido, como se aquilo fosse o fim do mundo, juntando as sobrancelhas, todo revoltado devido o acontecido, bancando o típico filhinho de papai quando não ganha o que quer.

Me admira muito, logo ele que veio de uma infância tão difícil ser tão egoísta e pretensioso a ponto de pensar que é o único no mundo que não pode levar um “não”.

— Sabia que tinha mulher no meio! Se tratando de você, espanhol, sempre tem.

Sou sincero, e ele faz uma careta repreendendo-me por não me compadecer pelo seu sofrimento de ter sido rejeitado pela primeira vez na vida. Em vez de pena, acho é graça da situação soltando uma gargalhada alta. Não consegui segurar.

Eu sabia que chegaria o dia em que uma mulher sensata diria “não” para seu charme infalível, só não imaginava que isso o afetaria de maneira tão arrasadora. Literalmente no fundo do poço. Agora vai sentir como é estar do

outro lado, o da rejeição. Em vez de partir o coração de alguém, dessa vez é Gonzáles que teve o seu partido.

Pode parecer errado ou até mesmo cruel, mas eu estou adorando vê-lo sofrendo assim. Infelizmente, algumas pessoas só aprendem quando provam do próprio veneno.

— *No* vejo nenhum motivo para graça, John. — Eleva a voz, e eu o encaro com os olhos estreitos, tentando entender o porquê de tanto drama só por conta de um fora. — Tu ouviste o que *yo* disse? Fui rejeitado. Sofri racismo, tu como juiz era para fazer algo a respeito e *no* ficar caçoando de mim — dramatiza com mais ênfase, magoado de verdade.

Em um pigarreio longo, Gonzales, desvia o olhar para o quadro na parede com a pintura muito bem-feita do Cristo Redentor tentando manter a compostura.

— Você não é nenhum santo, González. Para a moça agir dessa forma você deve ter passado do ponto com ela. O que está doendo aí não foi a ofensa em si, mas sim o “não” que recebeu dela. Homens com o ego do tamanho do seu não estão acostumados com a rejeição, pensa que todas mulheres são obrigadas a cair aos seus pés — Pela sua face carrancuda, as verdades que estou lhe dizendo não o agradam, mas sinceramente não me importo. Já passou da hora de ele ouvir umas verdades.

— Yo no fui grosseiro com ela em nenhum momento, apenas sincero — exclama em sua defesa.

— Já passou da hora de achar alguém para dar um jeito nessa sua vida bandida. Mulher foi feita para ser cuidada por nós homens e não para serem usadas por uma noite para na manhã seguinte serem jogadas fora com o coração ferido e a autoestima destruída — falo o que merece ouvir. Gonzáles precisa entender que o errado da história aqui é ele e não a moça que o rejeitou só porque ele não faz o tipo dela.

— *Entón* agora yo sou o errado da história? No disse nada demais a essa *mujer* louca para ser rejeitado de maneira tão grotesca, apenas que ela foi a escolhida da vez para ter o privilégio de passar uma *noche* incrível sendo fodida por mim loucamente — diz com tanta naturalidade como se uma noite com ele fosse o prêmio mais incrível que uma mulher pudesse ganhar na vida, e a coitada ainda devesse agradecer depois por ser usada sexualmente por um cara que a descartaria sem nenhuma consideração ou culpa, muito menos sem a decência de se desculpar antes.

— Gonzáles, é melhor parar por aqui... — advirto.

Como se não bastasse tanto cinismo nos argumentos supérfluos em sua defesa, Gonzáles completa fingindo que não me ouviu:

— O que mais me irrita, John, é que essa *muchacha* nem é “*ton*”

bonita assim para se achar no direito de me rejeitar. É muito acima do peso. No muito bonita comparado com o padrão das *mujeres* com que costumo sair, usa tranças no cabelo, fora a metade do corpo composto de tatuagens e yo nem vou comentar que ela *no* usava maquiagem e salto alto, isso é imperdoável. Mas sim umas botas de couro horrorosas nos pés que só *Dios* na causa, deve ser “*sapaton*”. — Torce a boca como se estivesse com nojo e rugas de desaprovação às vestes da moça formam montanhas no meio de sua têmpora. Meu Deus! Meu amigo não vale nada.

Como pode alguém ser assim totalmente sem valores e princípios sobre o certo e o errado? Fico sem saber o que dizer diante de tanto machismo saindo da boca desse espanhol. Homens como ele estão tão acostumados com mulheres submissas, que quando aparece uma de personalidade forte, ficam assim...

Assustados!

Como diria, Eduardo Galeano:

“Machismo é o medo dos homens das mulheres sem medo e com opinião própria”.

— Quer saber minha opinião sincera, Gonzáles? — Ele assente, esperando apoio da minha parte. — Você sabe que é uma das pessoas mais importantes da minha vida, um amigo para a vida toda. Contudo, devo

admitir que não conheço essa mulher, mas já sou fã dela. E espero de coração que ela te ensine alguma coisa sobre como o sexo feminino deve ser tratado, não como mais uma, e sim como única. Um ser celestial, ao qual Deus nos presenteou. Devemos cuidar delas com carinho e respeito, amor. — Sou impetuoso, me segurando para não jogar mais verdades na cara dessa criatura sem um pingão de juízo, apesar de tudo prezo muito a nossa amizade.

Ele fica de boca aberta totalmente desapontado por eu, pela primeira vez, não ficar do seu lado. Mesmo com todos defeitos eu amo esse cara, mas dessa vez foi demais para mim.

— Mas John, yo...

Tenta se justificar, mas o corto antes que diga mais alguma sandice.

— Mas nada, Gonzáles! Chega de chilikues por hoje. Assume logo que está interessado nessa mulher mais além do que sexo, em vez de ficar se lamentando devia ir atrás dela e recuperar o tempo perdido — aconselho, e ele me fita zangado como se eu fosse seu maior inimigo.

— Você ficou louco, hombre de Dios? — Joga o copo de café que trouxe para mim sobre a mesa, depois se ajeita espalhafatosamente na cadeira como se estivesse em casa. — Nem lembro mais daquela víbora dos infernos, depois do fora que ela me deu fiz *questón* de voltar para boate, e protagonizei uma festa íntima com quatro *mujeres* me chupando ao mesmo tempo, meu

ego nunca esteve melhor — conclui, orgulhoso do seu feito da noite passada, mas sua boca diz uma coisa e os olhos outra.

— Sei. Então, me responde em quem acordou pensando hoje de manhã, espanhol. Na *muchacha* que te deu um fora ontem, ou nas quatro mulheres que comeu ontem de uma vez só? — Indago, e meu amigo remexe incomodado na cadeira antes de responder falhando a voz.

— Mas é claro que em nenhuma delas! Depois que como um *mujer*, nem lembro que ela existe. Quando a gorda, se *no* me quer, quem saiu perdendo foi ela. — Mente descaradamente, às vezes meu amigo esquece que o conheço o suficiente para saber quando está ou não falando da boca para fora. — Ah, é, *no* podemos esquecer que ela é racista também, metida, arrogante e presunçosa pra porra — completa quase que aos gritos, sua pele está vermelha.

Percebendo que se excedeu, Gonzáles leva o seu copo de café a boca. Mas resmunga nervoso, quando nota que fica tão desconcertado falando dessa mulher que esqueceu de tirar a tampa.

— O seu problema não está resolvido porque esqueceu da existência da moça após uma orgia, na verdade, ficou ainda maior. Já parou para pensar que teve que dormir com quatro mulheres de uma vez para tirar apenas uma da sua cabeça? E devo te alertar uma coisa sobre a paixão, ela não evapora da

noite para o dia. — Ele vidra os olhos arregalados meio que em desesperado caindo em si com minha constatação, a ponto de ao tirar a tampa do seu café entornar a metade em cima de si mesmo.

— Madición! — xinga, fuzilando-me com olhar como se eu fosse culpado pela sua desgraça, passando a mão com força na sua roupa tentando limpar gotas de café respingadas em sua camisa azul claro sujando ainda mais, e eu gargalho na cara dele. Seus sinais corporais, estão lhe entregando em relação aos seus sentimentos por essa moça.

Continuo rindo alto. Muito alto.

Meu amigo não fica irritado, ao contrário, ele abaixou a cabeça suspirando fundo enquanto uma lágrima deslizava pelo seu rosto.

— O que foi, Gonzáles? Está chorando porque eu estou rindo de você, desculpe não queria te magoar. — Tento me redimir, sentindo culpa por estar tão feliz hoje que não medi as palavras.

— Yo pensei que nunca mais veria meu amigo sorrindo novamente, espontaneamente — diz, comovido, limpando o rosto, e eu logo entendo o que ele quer dizer com isso.

— Eu me acertei com a Yudiana, estou disposto a tudo para fazer nossa relação dar certo. — Fico receoso em qual será a reação de Gonzáles, a respeito da minha decisão, ele melhor do que ninguém sabe o quanto estou

arriscando ao me entregar nas mãos do amor novamente.

Apreensivo, giro minha cadeira ficando de costas para o meu melhor amigo observando pela janela panorâmica a bela praça onde crianças brincam animadamente correndo e sorrindo.

— Mas é claro que a relação de vocês apesar de tudo, vai dar certo! Sabe por que? — pergunta Gonzáles, e eu imediatamente giro a cadeira novamente para encará-lo. — Porque depois do sorriso que esta *mujer* colocou no seu rosto hoje, de fato ela *no* é qualquer uma. Ela é única, meu caro. — Levanto e o abraço tocado pelo fato de mais uma vez ter o seu apoio, porque bons amigos conhecem todas as nossas histórias. Os melhores amigos fazem parte delas.

A vida nem sempre é fácil, por isso Deus criou os verdadeiros amigos, anjos guerreiros que lutam conosco e nos ajudam a superar qualquer momento.

— Agora chega de *melaza*, John. Se recomponha *hombre de Dios*! Hora de trabalhar, a gostosa da sua secretária japonesinha gostosa me disse que você tem uma visita importante para receber nesse horário, quem é?

— Nossa! Eu quase me esqueci disso, o dia foi de grandes emoções hoje — digo ainda sorrindo feito um idiota, com o gosto do beijo de Yudiana ainda presente em meus lábios, é uma missão impossível não sorrir.

Minha secretária liga para anunciar a chegada de uma pessoa importante que nós estamos esperando, eu e Gonzáles nos preparamos posicionando próximo a porta para recebê-lo de maneira honrosa como merece.

— Bom dia, Delegado Avilar. Obrigado por ter vindo — cumprimento o homem de postura séria, mas de coração mole.

— Não precisa agradecer, Thompson. Você será o padrinho de batismo do meu filho, agora faz parte da família. — Ergo minha mão para cumprimentá-lo, contudo passa por ela e me abraça.

— Padrinho de batismo do filho do Delegado Avilar? *Dios mio!* O que foi que yo perdi aqui? — resmunga Gonzáles, tão perdido quanto um cego no meio de um tiroteio.

— Vamos por partes, Gonzáles. Ricardo está aqui porque eu descobri que o depoimento do sogro dele, o senhor Joaquim, pode libertar um homem que foi preso injustamente acusado de fazer parte de um roubo milionário de banco — explico.

— E o meu sogro pode ajudar mesmo, John! Conversei com ele sobre o assunto como me pediu, e ele lembra perfeitamente do dia que conheceu o rapaz no banco pouco antes do assalto. — A revelação do delegado só confirma o que eu sempre soube.

— Ótima notícia, meu amigo. Agora sente-se e conte-nos mais detalhadamente o que senhor Joaquim disse para pensarmos em uma forma de reabrir esse caso. — Ele assente.

Tranquei a porta do meu gabinete para não ser incomodado, agora somos três homens da lei trabalhando juntos para libertar um inocente.



Capítulo 19

Yudiana

Nem lembro como consegui fazer o percurso de volta a minha sala, sinto-me como se estivesse andando nas nuvens. Ao chegar fecho a porta e cambaleio até a cadeira onde literalmente me joga, totalmente imersa do mundo lá fora. Em minha mente só vem as cenas dos recentes momentos maravilhosos que vivi com John, não consigo acreditar que enfim estamos juntos para valer. Para o que o que der é vir nessa aventura chamada vida, é muito bom saber que não estou mais sozinha.

Não sei quanto tempo permaneço na mesma posição imóvel esquecendo que tenho uma pilha de relatórios para analisar, mas feliz a ponto de o coração transbordar esperança. Levo um pequeno susto quando meu celular toca dentro da bolsa sobre a mesa, assim que abro a janela de diálogo vejo que se trata de um número desconhecido. Quase berro quando leio o que está escrito:

“Já estou com saudades”

PS: Seu Ursão

Solto uma risada alta pelo jeito que ele assina a mensagem, respondo em uma fração de segundos:

“Como conseguiu meu número, seu louco?”

PS: Sua Indiazinha”

“Sempre consigo tudo o que eu quero, Yudiana... Ops! Quer dizer, amor...”

S.U”

“Eu também! Mesmo tendo que esperar até depois do no nosso jantar romântico para ser sua sobremesa, o que importa é que amanhã vou acordar do seu lado.”

S.I

“E quem disse que eu vou deixar a senhorita dormir essa noite?”

S.U ??

“Como pretende me manter acordada, Meritíssimo?”

S.I ??

“Venha a minha sala durante o seu horário de almoço, que ser for uma menina boazinha, talvez eu te conte e dê uma pequena amostra grátis.

“

S.U

“Mas se eu não for boazinha?

S.I”

Provoco, e quase posso ver o seu sorrisinho safado no rosto enquanto responde à mensagem:

“Haverá consequências...

S.U”

Respondo com outra provocação:

“Uhh, então acho que serei uma menina bem malvada, adoro um desafio, sabe?

S.I”

Ele imediatamente responde, me repreendendo:

“Yudiana...”

S.U

“Agora não posso falar mais Juiz Thompson, tenho muito trabalho. Mais tarde nos falamos e você me mostra quais serão essas consequências, mil beijos.”

S.I

“Vou cobrar cada beijo quando vier a minha sala, bom trabalho!”

S.U

Encerramos a conversa ou ficaríamos os dois o dia todo pendurados no celular conversando. Foi preciso pelo menos meia hora para o meu coração voltar a bater compassadamente, porque a respiração ainda permanecesse irregular. Nem o melhor médico do mundo será capaz de normalizar meus sinais vitais enquanto a imagem de Juiz Thompson dominar a minha mente.

John não me mandou mais nenhuma mensagem durante as próximas horas, sem mais distrações meti a cara no trabalho para dissipar a adrenalina correndo em minhas veias. Uma euforia sem tamanho mesmo. Juiz Flores me liga a cada cinco minutos pedindo que eu analise um relatório diferente e leve na sua sala para assinar. O acompanhei em duas audiências mais leves e em uma reunião.

Agora, graças a Deus, está quase na hora do intervalo do almoço. Corro para o banheiro e começo a me ajeitar disfarçando a cara de uma manhã intensa de trabalho. Levo a necessaire com meus produtos de maquiagem, bastou um pouco de pó no rosto e um batom leve para me deixar satisfeita com o resultado.

Pego minha bolsa e o celular sobre a mesa do escritório, tranco a porta ao sair e vou esperar o elevador. Dou um gritinho de animação quando recebo uma mensagem, abro imediatamente:

***“Preciso de você com urgência, por favor, pode vir a minha casa
AGORA?”***

Eu mal terminei de ler a mensagem e são correndo desesperadamente, para fora do Fórum. Antes que eu ultrapasse a porta, o meu celular toca e eu me atrapalho toda para atender deixando o aparelho cair.

— Merda! — grito sem paciência e quase morro de vergonha quando um funcionário me olha como se eu fosse louca.

Finjo que não vejo e enfim atendo o meu celular antes que pare de tocar.

— Onde pensa que vai com tanta pressa, Yudiana? — Ouço a voz grossa do meu Ursão do outro lado da linha e minhas pernas já não me obedecem mais, estão bambas e indiciadas a ir até ele o mais rápido possível.

Mas John me chamou pelo nome completo, mesmo sabendo que eu não gosto, é porque está zangado. — Estou te esperando na minha sala para almoçarmos juntos, pensei que tínhamos um acordo. — Tenho a língua solta, mas a mágoa explícita até mesmo na respiração dele me faz parar e pensar antes de respondê-lo.

E como ele sabe que eu estava saindo correndo do Fórum?

— Desculpa, John, eu ia te ligar no caminho. Não queria estar em nenhum outro lugar do que com você agora, mas uma amiga mandou mensagem dizendo que precisa de mim com urgência e é bom que saiba que eu nunca deixo um amigo na mão. — A linha fica em silêncio por alguns segundos que mais parecem uma eternidade, espero que seja compreensivo.

— O chefe da minha equipe de segurança particular, James, está te esperando em frente ao Fórum com ordens para te levar onde você precisar ir — diz assim, com mais tom de ordem do que uma opção para mim. Não gosto disso.

— Muito obrigado, John, mas não precisa se incomodar eu... — Paro de falar quando a linha fica muda, o filho da puta desligou na minha cara antes que eu pudesse negar em ir com o meu segurança.

Descendo as escadas do lado de fora do Fórum, a primeira pessoa que vejo é James encostado em um carrão preto do vidro escuro. O ruivo esboça a

mesma seriedade de sempre. Terno preto, óculos estilo aviador e dispositivo de comunicação nos ouvidos, não podem faltar, é claro. Assim o traje estilo “espião da CIA” não estaria completo.

— Boa tarde, senhorita Yudi, me desculpa a intimidade. Mas meu chefe advertiu que gosta de ser chamada assim, certo? — Assinto meneando um sorriso.

O fato de John ter falado para o seu segurança que eu prefiro ser chamada pelo apelido é fofo demais. Como um homem com preocupações tão sérias tem tempo para algo que, para a maioria dos outros homens, seria uma banalidade feminina.

— Para ficar perfeito James, só falta tirar senhorita e deixar apenas Yudi. — Ele sorri descruzando os braços para abrir a porta do banco de trás para mim, pelo visto além de bem treinado é um cavalheiro.

— Acho que Juiz Thompson não vai gostar muito disso senhorita, Yudi.

— Ainda bem que não é ele que decide, e sim eu, não é mesmo? — Pelo retrovisor do carro observo enquanto ele coloca o sinto e ri ao mesmo tempo do que eu disse.

— Alguma coisa me diz que o Juiz vai ter muito trabalho com a senhorita. Ele é meio... controlador, e você parece ser o tipo indomável.

Eu rio da sua constatação, mas James permanece sério.

Muito sério.

— Em breve estaremos na casa do Delegado Avilar, espero que sua amiga esteja bem — ele diz, calmo, colocando o carro em movimento, e eu tento buscar na minha mente em que momento eu disse para ele ou John que estávamos indo para casa da Júlia.

— Como sabe onde estou indo?

— Foi só um palpite do meu chefe, tome cuidado com o que vai fazer escondido dele. Ele sempre sabe de tudo. E vai estar sempre a um passo à sua frente, não importa o quão rápido corra ou onde se esconda. — Estranhamente, o tom James de soa como um alerta.

A partir disso não falou mais nada, e eu por medo ou covardia não quis mais saber de coisas as quais possa me fazer recuar no nosso relacionamento sendo que o que mais quero é me jogar de cabeça e que se dane o resto! Seja o que for, vamos superar juntos.

Só percebo que chegamos na casa de Júlia, quando James estaciona o carro na frente da casa dela. Minha amiga, depois do casamento, se mudou com a família para esse lugar paradisíaco lindo em frente à praia, deve ser incrível viver em um paraíso tropical como esse.

— Obrigada pela carona, James. Não precisa vir me buscar na volta

para o Fórum porque vou pedir um táxi — Sorrio enquanto saio do carro.

— Eu não “virei” buscar você, Yudi, porque não vou a lugar nenhum. Ficarei te esperando bem aqui onde estou ouvindo minha banda de rock favorita. Desculpas, mas são ordens do meu chefe. — Paro depois de andar alguns metros, e volto para mandá-lo sumir dali, pois não sou nenhuma *dondoquinha* nem nada para bancar um motorista particular.

Mas ao quase colar meus olhos no vidro escuro, vejo o ruivão já havia colocado os fones no ouvido e recostado a cabeça na poltrona com as mãos servindo de apoio para a nuca, tentei bater na janela do motorista para chamar sua atenção e nada. Tentei abrir as portas, mas todas estavam trancadas de propósito. Filho da mãe!

— De quem é esse carrão, sua *mocreia*? — Quase morro de susto quando giro o corpo e dou de cara com a Dani, com um macacão jeans que mais parecia de criança. O cabelo loiro preso em um rabo de cavalo com a franja reta e uma bolsa rosa escondida debaixo do braço.

— Depois te conto. A Júlia também te mandou mensagem para vir com urgência para casa dela?

— Sim! Estou tão preocupada, vim voando até aqui. — Saímos as duas correndo em direção à porta da frente da casa, ambas preocupadíssimas.

No primeiro toque da campainha, Júlia abre a porta ainda de pijama

em pleno horário de almoço. O cabelo solto todo bagunçado segurando um dos gêmeos em cada braço. A última vez que vi minha amiga com essa expressão de apavoramento no rosto foi no dia do sequestro na Rocinha, alguma coisa de muito grave está acontecendo.

Eu e Dani nos entreolhamos, ela está pensando o mesmo que eu. Sem dizer nada, nossa primeira atitude foi abraçar nossa amiga ao mesmo tempo. Peguei meu afilhado Joaquim no colo e Daniela pegou a sua afilhada Maria Cecília que estava no carrinho, fomos todos sentar no sofá da sala.

Menos Júlia, ela ficou de pé andando em círculos deslizando as mãos pelo rosto compulsivamente.

— O que está acontecendo de tão grave amiga? — pergunto.

— Eu e a Yudiana estamos muito preocupadas. Seja o que for diga logo que daremos um jeito de resolver — completa Dani.

— Eu estou grávida! De novo! — Meu queixo cai na mesma hora.

Os gêmeos mal fizeram três meses e Júlia já está grávida novamente? Agora entendo seu desespero, no lugar dela também estaria. Contudo por outro lado, um filho é sempre uma graça divina.

Minha vontade é de rir do jeito arregalado que seus olhos estão. Quase pulando para fora das órbitas preocupada se vamos julgá-la por estar grávida do marido lindo dela, que por sinal é o melhor pai do mundo.

— Mas esse cavalo não brinca em serviço mesmo, não é? Os filhotes de vocês mal nasceram e já te deixou prenha novamente — comenta Dani e nós três começamos a gargalhar.

Depois de contar para nós, Júlia parece mais relaxada.

— Como o papai deixou a senhora prenha, mamãe, eu posso ficar prenha do meu amiguinho Gustavo também? — Chega a filha mais velha deles, Maria Lara, agora já com oito anos.

— Se depender do seu pai, filha, acho que só daqui uns trinta anos e apenas depois no casamento — Júlia responde para a filha e nós rimos mais ainda da expressão confusa da menina, não entendendo o motivo das nossas gargalhadas.

A babá chega e leva as três crianças para passear na praia, aproveito a deixa para fazer a pergunta chave:

— O delegado já sabe, Júlia?

— Não! — quase grita, depois se encolhe toda no sofá, envergonhada.

— Como assim não, Ju? — Dani franze a testa.

— Eu só tive certeza agora pouco quando criei coragem e fiz oito exames de farmácia e todos deram positivo, no quinto já comecei a chorar de alegria. Porém depois veio o medo, não sei como Ricardo vai reagir com a

notícia.

— Primeiro, você não fez essa criança sozinha. Segundo, seu marido vai amar com certeza, se tem uma coisa que esse cara ama é ser pai.

A tranquilizo.

— Mas ele quase não tem dormido desde que os gêmeos nasceram, eles não querem saber de dormir no berço só querem o colo do pai a noite. E ele, para mimar os filhos, tem o prazer de fazer as vontades deles. Aí quando amanhece o dia vai para o trabalho exausto como hoje. — Começa a chorar, acredito que são os hormônios da gravidez já mostrando serviço. — Agora com a chegada do novo bebê, é que ele não dorme mais. E também tem a questão de que eu não poderei trabalhar tão cedo, não vou conseguir deixar meus filhos em casa mesmo que seja aos cuidados de cem babás. — Mudo para o sofá onde ela está sentada e sento do seu lado, Dani faz o mesmo do outro, iniciando um abraço triplo.

— A única coisa que sei é que o Cavalão vai surtar de alegria quando souber que a mulher que ele tanto ama vai lhe dar mais um herdeiro em breve. — Júlia chora por um longo tempo, mas agora é de alegria de ter uma vida gerando dentro dela.

Promete para nós que irá contar a notícia para o pai depois do batizado dos gêmeos que se realizará em breve, não quer tirar o foco de um

momento tão especial na vida deles jogando essa bomba em cima de todos. Por enquanto, só ela, Dani e eu saberemos.

— Agora que estou mais calma, alguém pode me explicar de quem é aquele carrão que está estacionado na frente da minha casa com um ruivão da porra dentro? — brinca Júlia.

Olhamos as três pela por de vidro da frente, James agora está com a porta do carro aberta apoiando uma perna do lado de fora proporcionando para minhas amigas uma ampla visão do seu corpo sarado.

— Eu também estou me coçando para saber, sabia que a Yudi veio com ele? — Dani joga gasolina na fogueira, e as duas me encaram com as mãos na cintura.

Respiro pesadamente, estou vendo que vou voltar atrasada para o trabalho por causa dessas duas fofoqueiras de plantão.

— O carrão é do Juiz Thompson, o ruivão da porra é o chefe de segurança dele que me trouxe a mando do mesmo. Enfim, nos acertamos hoje. O homem quase me comeu em cima da mesa do seu gabinete de manhã, mas parou na hora do “vamos ver”.

— Mas por que, criatura? — Júlia dá um tapinha no meu ombro.

— Porque John é cavalheiro demais, quer que a nossa primeira vez seja especial. Vai me levar para um jantar romântico a noite, onde eu serei

sua sobremesa mais tarde. Mal posso esperar. — Quando paro de tagarelar sobre a minha vida íntima, percebo que minhas amigas estão chocadas com a minha revelação.

— A única coisa que eu quero saber é de cada detalhe sórdido sobre o padrinho do meu filho ter comido a madrinha em cima da sua mesa, mas durante o almoço porque estou morta de fome e agora tenho que comer por dois — revela sem me preparar antes que John irá fazer par comigo para batizar seu filho. Surpresa me define nesse momento estamos ligados por mais um elo.

Júlia e Dani me arrastam para a sala de jantar e lá almoçamos rindo muito e fofocando relembrando a época da faculdade. A gente sabe quando a amizade é de verdade, quando não existe tabu ou vergonha para contar nada em relação a sua vida para suas amigas.

Como previsto, volto para o trabalho pra lá de atrasada mesmo o pobre James correndo o máximo que podia para me ajudar. Entro no Fórum com os bofes quase saindo para fora de tanto que corri morrendo de medo do Juiz Flores precisar de mim com urgência e eu não estar lá para atendê-lo.

Passando pela recepção acabo trombando com ninguém mais do que o pai do meu afilhado, Delegado Avilar. Não sabendo ele que vem mais um integrante para a família, não sei porque minha amiga está com tanto receio de contar, esse homem ama ser pai e vai ficar louco de alegria quando souber.

— Oi, Yudiana, tudo bom?

— Tudo na paz, Cavalão, e você? — provoco, chamando-o pelo apelido que Júlia deu para ele assim que se conheceram naquela confusão toda que sempre acabavam brigando como cão e gato no final.

— Estou bem. Como precisava resolver alguns problemas aqui no Fórum aproveitei para conversar um pouco com juiz Thompson e advogado González, dar um reforço em um caso em especial — explica, e eu não conseguia pensar em mais nada a não ser quando esse homem ficar sabendo que Júlia descobriu que está grávida e não contou para ele primeiro.

— E a Júlia e as crianças, estão bem? — Me faço de sonsa.

— Estão ótimos! Quando vai visitar sua amiga e as crianças? Minha mulher sente falta das amigas, e esses dias ela anda estranha. Na mesma hora que briga comigo, diz que me ama, faz as pazes, depois começa chorar do nada. Não sei mais o que fazer. — Bufa, preocupado, coçando a nuca inquieto, e eu trinco os lábios para não responder que essa mudança de humor é por conta dos hormônios da gravidez.

— Olha, que coincidência você falar isso, hoje eu e a Dani almoçamos com ela e não percebemos nada de errado com a sua esposa. Júlia está ótima! — Ofereço-lhe um sorriso amarelo, nada convincente.

— Sério? Ela não comentou nada que vocês iriam lá hoje, que estranho.

— Porque sua esposa não sabia, eu e Dani fizemos uma surpresa. Agora preciso voltar ao trabalho. Estou muito atrasada. Beijos! — Despeço-me e saio correndo, antes que fale mais do que devo.

Penso estar a salvo de mais encontros imprevistos, no entanto, quando abro a porta da minha sala, quase morro mesmo, mas de susto. Há alguém encostado na minha mesa com os braços e pernas cruzados, de frente para mim.

— Você sempre chega atrasada do seu horário de almoço, *muchacha*?
— Pisco, impactada demais com sua repentina visita, que não consigo formar nenhuma frase inteligente ou afrontosa para respondê-lo como nas outras vezes que nos encontramos.

O jeito ilegível que me olha, mas ao mesmo tempo profundo, me desarma totalmente.

— Posso lhe ajudar com alguma coisa, senhor Alejandro González?
—pergunto no tom “*melhor funcionária do ano*”.

Ele não responde de imediato. Acerta a postura e caminha até mim, balançando os ombros largos de forma imponente.

Deus! Será que esse homem veio aqui me matar?

Mas, em vez disso ele me abraça bem forte. Eu sinto tanta gratidão no seu gesto, que lágrimas descem pelo meu rosto sem que eu perceba quando se formaram em meus olhos.

— Você já está fazendo algo muito importante por mim, Yudiana. *No* sabe o quanto fiquei emocionado ao ver o sorriso que colocou no rosto do meu melhor amigo. Vim aqui na sua sala para agradecer. — Ele se afasta para me ver sorrindo alegremente, os olhos molhados também. — *Yo* tinha preparado um discurso lindo, mas do jeito que se atrasou do horário de almoço, esqueci a metade — brinca e eu rio, ainda emocionada com seu gesto.

Sabia que ele era um cara divertido, eu só precisava ganhar sua confiança para conhecer quem é esse espanhol de verdade.

— Brincadeiras à parte, quero que saiba que *yo* vim aqui para agradecer por estar salvando a vida de John. Ele já passou por tantas coisas ruins... Antes pensava que não, mas hoje vejo que Deus mandou você para fazê-lo feliz. — A forma dolorosa com que as palavras saem de sua boca me assustam. O que de tão ruim pode ter acontecido com o amigo para vir aqui

agradecer por fazê-lo feliz? Isso tudo é tão estranho.

— Na verdade, foi o John quem salvou a minha vida em todos os sentidos. — Meus lábios tremem a ponto de mal conseguir falar. O que sinto por esse homem cresce a cada dia mais absurdamente.

Me sinto tão bem quando estou com Thompson. São os únicos momentos em que não lembro das coisas ruins que passei na infância.

— Yo tenho certeza que a relação de vocês dois dará certo, porque yo sinto que são duas partes quebradas pela vida que juntas se tornaram uma só. — Fico impressionada com o romantismo dele, e eu quando o conheci já o julguei logo de cara como um cafajeste de marca maior.

— Que lindo, Gonzáles! Nossa, você é tão romântico. — Toco seu braço amistosamente, ele dá um passo para trás fitando-me horrorizado.

— *No se iluda mujer, yo no presto! No acredito no amor*, e estou longe de ser romântico. Yo me divirto com todas depois jogo fora, simples assim. John deu sorte de te encontrar, mas como você me disse uma vez não faz parte de “todas as *mujeres*”, é única. — O safado pisca para mim e vai embora assobiando de nariz empinado, sinto que seremos grandes cúmplices em fazer com que John se liberte dessa escuridão que o ronda.

Falando do meu ursão, ele estava me esperando em seu carro do lado de fora do fórum depois do final do meu expediente de trabalho. Quando abro

a porta do banco de trás e sento ao seu lado dele, o meu Deus Grego todo desmontado do visual de trabalho.

Paletó jogado sobre o banco ao lado da mala e a gravata ainda em volta do pescoço, porém com o nó desfeito. O homem quer me matar de vez deixando a metade dos botões da camisa abertos mostrando uma boa parte do peito suado, misericórdia! John é um homem lindo de morrer, a virilidade dele comparada com os outros homens que me relacionei antes chega a ser ridículo.

— Olá, Ursão, como vai? — cumprimento-o assim que sento ao seu lado, quase morrendo de vergonha do James no banco do motorista quando o chefe me puxa para o seu colo sem nenhuma cerimônia.

— Com saudades de você, Indiazinha. — Beija minha testa carinhosamente, depois a ponta do nariz e lábios.

— No que você está pensando para te deixar com esse sorriso arteiro no rosto, senhorita Jackson? — questiona e meu rosto queima de vergonha.

Pelo seu sorrisinho pretensioso, ele sabe!

— Resolveu adiantar nosso encontro romântico? — Inclino-me para sussurrar em seu ouvido, deslizando o dedo sedutoramente pela parte do seu peito desnudo.

Ele não responde nada, aperta um botão e um vidro escuro nos dá

privacidade do motorista.

— Não! Mas confesso que não aguentaria mais nem um segundo sem te ver, agora que é minha quero aproveitar o máximo de tempo ao seu lado, por isso todos os dias vou te buscar em casa para o trabalho, e a tarde vamos embora juntos como hoje. — Sei que a sua intenção é boa, porém, mais uma vez não gosto do jeito que ele fala.

Em um tom como se eu não tivesse escolha. Como se para ele, o meu livre arbítrio não tivesse valor. É do seu jeito e ponto final.

— Eu adoraria isso, mas não acha que é um pouco cedo? — Seu semblante fecha de repente e de um jeito assustador, mesmo assim não pretendo ceder às suas vontades nem agora no início da relação, nem nunca.

— Pensei que fosse normal um homem querer passar mais tempo com a sua mulher, principalmente no início de uma relação — retruca, chateado, para não dizer irritado.

— Só hoje eu já entrei no seu carro duas vezes em frente ao Fórum. Se isso se repetir frequentemente, as pessoas vão começar a falar que eu comecei a trabalhar lá com sua ajuda e não por mérito próprio, entende? — John vira o rosto para o outro lado para não me encarar, sua pele está vermelha e muito quente.

— Claro que entendo. Perfeitamente! — diz, irônico, de um jeito tão

grosseiro que me magoa profundamente. — Está com vergonha de assumir que estamos juntos, e olha que nem conhece a metade do que eu sou de verdade. — Me tira do seu colo com nenhuma gentileza, o clima tenso toma conta do ambiente.

— Eu só queria que entendesse que felicidade a gente não expõe. Se vive. Quanto menos pessoas souberem, melhor.

Tento esclarecer o mal-entendido. Ele me olha com tanto desprezo, que sinto vontade de chorar.

Mas não faço isso nem morta.

— Pare a merda desse carro agora! Ou eu vou pular. Não sou obrigada a suportar suas grosserias. Mas nem fodendo — esbravejo e ele me olha assustado. — Quando quiser conversar de forma sensata, meu bem, me procura. Enquanto isso, esqueça e siga seu plano antigo de fingir que eu não existo. — Mantenho a frieza, apesar de sentir o impacto da minha reação inesperada golpeando direto no seu coração.

Minha mão entrelaça uma na outra sobre meu colo, esfregando um dedo no outro com força, do mesmo jeito que fazia escondendo a cabeça debaixo do lençol toda vez que meu tio dormia lá em casa e girava a maçaneta do meu quarto à noite. Mesmo depois de tantos anos, essa mania ainda não me deixa quando estou nervosa ou com muito medo.

— Me perdoa, amor, eu não queria ter sido rude com você. — Ele abaixa o tom de voz e segura minhas mãos, impedindo-me de continuar o que eu estava fazendo, deve ter percebido o estado nervoso que me deixou. — Eu não sei me relacionar direito com as pessoas, sempre estrago tudo. Você está coberta de razão sobre manter nosso relacionamento secreto por enquanto. — Olho para cima e encontro o olhar mais assustado que já vi. John está apavorado com medo que eu diga que não o quero mais.

Curiosamente, suas feições mudam como da água para o vinho em questão de segundos. O homem cruel de segundos atrás, agora parece o mais sensível do mundo.

— Que bom que entende meu lado. Mas isso não quer dizer que eu não possa inventar duas ou três desculpas para ir no seu gabinete durante todos os dias, e depois do trabalho eu estarei disponível para você todas as noites para onde quiser me levar. — Os cantos da sua boca se transformam em um sorriso que rasga o rosto inteiro, indo aos olhos. Não resisto e o beijo com toda intensidade do sentimento que sinto por ele.

Que nossas brigas sempre terminem assim, em um acordo que agrade ambas as partes e um beijo ardente cheio de paixão para fechar com chave de ouro.



Capítulo 20

Yudiana

Depois de me deixar em casa, John vai embora prometendo voltar às oito em ponto para o nosso jantar romântico oficial. Conversamos sobre o fato de sermos padrinhos juntos de um dos gêmeos de Júlia e Ricardo, ele revelou que já sabia e que apesar de achar que não merece um posto tão importante na vida de uma criança, fará o seu melhor para valer a confiança que os pais depositaram nele. É isso que mais admiro nesse homem, o fato da sinceridade em relação a si mesmo. Mas, principalmente, a força de vontade em dar o seu melhor em qualquer situação.

Após o preparo do lanche dos meninos, vou tomar meu banho. Max e Edmilson estão se dando tão bem que meu coração vai ficar em pedaços quando eu conversar com Pedro para que leve o garoto para o abrigo de seu irmão, que recebe moradores de rua.

Assim que termino de me arrumar, chego na sala e lá está o garoto sentado no sofá, como sempre de blusa de manga comprida e jeans. Sendo que hoje, está fazendo um calor infernal.

— Max tira essa calça comprida e coloca uma roupa mais leve do meu irmão. Nunca te vi usando uma bermuda. Amanhã, depois que eu voltar do trabalho, vamos comprar roupas mais frescas. Fico agoniada de te ver assando dentro dessa blusa de manga comprida.

De costas para mim, entretido jogando videogame, não me ouve. Vou até ele e ameaço tirar seu casaco, e ele pula de susto como se o meu toque ferisse sua carne. Quando olha para mim tem vontade de chorar. Seus olhos estão tão assustados, parecidos com os meus quando meu tio me molestava.

Antes que eu possa perguntar alguma coisa, ele muda de assunto.

— Não quero que gaste seu dinheiro comigo, Yudi, e odeio bermudas. — É taxativo. Esse menino esconde algo muito grave. Por favor, meu Deus, que não seja o que eu estou pensando. Preciso investigar. — Nossa! Agora que reparei como você está tão linda. Parece uma princesa! — Elogia Max após girar o pescoço para me encarar, deixando o controle do videogame cair no chão e seu queixo indo junto.

— Obrigada, querido, você é muito gentil. — Sorrio, satisfeita com meu visual. Seu cachorro, Luck, chega na sala correndo para se juntar a nós, e eu faço carinho nos seus pelos.

Sinto-me mais segura com o look que escolhi. Meu vestido é vermelho de alças finas, longo e bem justo ao corpo, valorizando minhas

curvas. Com uma fenda da lateral que mostra pelo menos a metade da minha coxa quando impulsiono a perna para frente, deixando à mostra as sandálias douradas de salto médio. O cabelo deixei solto mesmo, e a maquiagem fiz algo simples, realçando apenas o batom vinho escuro avermelhado que dá contraste com a cor da minha roupa.

Edmilson, deitado quase dentro da televisão jogando videogame, ao ouvir nossa conversa logo se intromete, girando o pescoço quase igual à menina do exorcista para me examinar de cima abaixo, soltando uma das suas preciosidades.

— É. Até que você conseguiu ficar menos feia hoje. Mas a cor desse vestido não combina com você, te deixa com cara de chuchu malcozido — implica e continua jogando e comendo a minha pipoca, esparramado no meu tapete novo.

Ama me irritar esse projeto de malandro.

— Ah, cala a boca, Edmilson! — Pego a almofada azul sobre o sofá e jogo nele, que nem se mexe. — Eu devo chegar bem tarde hoje. Cuida do Max direito, ouviu bem? Ou melhor, Max cuida do Edmilson, por favor, porque essa criatura não tem um pinga de juízo. — O menino assente, rindo.

— Uiii! Ela vai chegar tarde hoje, gente. Danada! — Edmilson diz, imitando voz de mulher.

Mostro o dedo do meio para o meu irmão sem que Max veja.

— Tem comida na geladeira, é só esquentar no micro-ondas e nada de jogar até tarde — advirto como se adiantasse alguma coisa.

O carro de Thompson buzina lá fora, ele acabou de chegar. Fico tensa de ansiedade.

— Corre lá porque o seu *crush* chegou, *miga*. — Fuzilo meu irmão com o olhar enquanto me despeço de Max com um beijo no rosto, ele espera o menino ir na cozinha para pegar pipoca e grita quando estou passando pela porta. — Não esqueça, Didi. Se for fazer besteirinha, use camisinha. — Juro por todos os santos mais sagrados que só não volto para dar uns tapas no Dimy, porque John está do lado de fora do meu apartamento me esperando.

Ele está lindíssimo como sempre, mas não com roupas sérias como costuma usar. Gosto da camisa que está trajando, uma branco iluminado. Calça jeans e sapatos escuros. O cabelo estilo bagunçado, caindo sobre o rosto conforme a direção do vento.

Quando me vê, me encara como se eu fosse a mulher mais linda do mundo. Segura minha mão com carinho e deposita um beijo na parte de cima dela. Caralho! Agora que me dou conta que ele ouviu a piadinha sem graça do meu irmão sobre usar camisinha.

— Desculpa a brincadeira do Edmilson. Essa criatura já vai fazer

dezoito anos e não toma jeito — digo, morta de vergonha enquanto caminhamos até o carro de mãos dadas. Ele parece tão mais relaxado agora... — Você vai conhecê-lo em breve. Ele é meu...

Sou cortada antes de terminar a frase.

— Ele é seu irmão caçula e tem mais uma irmã, não é mesmo? Você é a filha mais velha do pastor Jackson.

John fala sobre a minha vida como se tivesse decorado de algum relatório importante que leu recentemente, e eu solto sua mão na mesma hora, me sentindo exposta.

Paro de andar e uso a parede do corredor do prédio como apoio para minhas costas. Cruzo os braços sobre o peito, disposta a só sair daqui quando ele esclarecer melhor sobre o que disse.

— Como sabe tanto sobre a minha vida, Thompson? — Vou direto ao ponto.

E ele também.

— Eu sei tudo sobre sua vida, Yudiana. Talvez mais do que você mesma. — O homem vem até mim me imprensar na parede, leva as mãos na minha cintura e deposita um beijo na curva do meu pescoço, dando início ao seu jogo de sedução.

— Se for para começar uma relação entre nós, que não haja nenhum segredo nela. Então pode ir desembuchando, homem.

— Concordo plenamente com você, Yudiana! Mas antes de me julgar, creio que deva analisar melhor a situação e ver que eu não sou o único que está escondendo segredos aqui, não é mesmo? — Sua voz endurece e meu coração dispara.

John está usando do seu poder de persuasão para me deixar sem resposta. O que será que ele quer insinuar com isso? Acho que está desconfiado em relação ao Max. Será? Impossível. Apenas eu e Edmilson temos conhecimento sobre esse assunto.

— Agora você vai usar comigo as mesmas táticas de persuasão que faz com os acusados em um dos seus julgamentos, meritíssimo?

— Sério que você vai querer começar uma briga agora? A propósito, você está deliciosamente linda nesse vestido vermelho. —Elogia olhando para o decote, depois beija meus lábios lentamente de um jeito entorpecente capaz de me puxar para outra dimensão. — Mas vai ficar muito melhor sem ele, quero fazer amor com você, Yudiana. Lentamente. —Provoca-me deslizando a mão pela minha perna abrindo caminho pela fenda do meu vestido, infelizmente, para antes de chegar no local onde eu quero.

Posso sentir perfeitamente sua ereção, o homem já está pronto para o

combate. E eu pronta para entrar com tudo nessa guerra, onde nós dois sairemos no final suados e prazerosamente saciados.

— E você tem certeza que quer mesmo jantar antes? Eu não estou com fome. Se quiser, podemos ir direto para sua casa. —Faço a proposta indecente em um tom baixo provocante.

Mordendo a curva do seu pescoço, John solta um gemido baixinho.

— Boa tentativa mocinha, mas é melhor pegarmos estrada logo porque o lugar para onde vamos fica muito longe, nosso jantar será durante o caminho. —Ergo as sobrancelhas intrigada com a informação que recebo.

— Então vamos, ou não chegaremos nesse lugar nunca. —Agarro sua mão e saio puxando. Só de pensar que vamos passar essa a noite juntos, todos os pelos do meu corpo ouriçam.

Saímos do prédio e vamos até o local onde sua BMW está estacionada, é estranho vê-lo andando sozinho. Normalmente, tem um exército de homens de terno preto fazendo sua escolta.

Quando levo a mão em direção a porta do veículo para abrir ele me impede, John parece calmo, mas seus olhos fervilhavam.

— Antes de entrar nesse carro, preciso saber se confia realmente em mim, Yudi? —Segura meu braço com mais força, e prossegue me encarando fixamente. — Para onde vamos fica longe de tudo e todos, teremos que usar

pelo menos três tipos de veículos diferentes para chegar. Sem sinal de celular e internet, tem certeza que mesmo sabendo disso agora ainda continua confiando em mim? —Uma ruga aparece vigorosamente na sua têmpora.

— Se eu não confiasse em você, jamais autorizaria sua entrada em minha vida. Tão pouco no meu coração. —Dizendo isso, recebo dele aquele sorriso que aquece a alma.

Alegria o coração.

— Perfeito! —Joga uma piscadela para o meu lado e eu quase morro do coração, depois liga o carro e mete o pé no acelerador com vontade.

A adrenalina começa a me dominar quando percebo que John dirige para fora da cidade, seja qual for o lugar que pretende me levar é de fato realmente longe do Rio de Janeiro. Depois de um bom tempo na estrada, passamos por uma BR que conheço rumo Ilha Grande. Devemos estar a mais ou menos uma hora de lá.

John me surpreende ao estacionar em um porto à beira de um mar lindíssimo, onde um iate luxuoso nos espera. Fico passada! Quanto mais nos aproximamos da água, mas fico impressionada com o que vejo. Cacete! Esse negócio é enorme pra caralho.

Uma vez ouvi umas metidas que trabalham no meu andar fofocando na sala de café do fórum dizendo que Juiz Thompson é um partido perfeito,

que além de poderoso, lindo e vem de uma família podre de rica com dinheiro a perder de vista e blá blá blá. Bufo, bando de oferecida do caralho.

Pra mim isso de ter muita grana tanto faz! Ele é um puto de um gostoso sim, mas beleza não é tudo. Uma das coisas que aprendi com a dor é que aparência e grana não querem dizer nada sobre uma pessoa. Meu pai, o respeitado pastor Jackson, é um homem poderoso com uma legião de fiéis que o seguem e —inocentemente —enchem seu bolso de grana através do dízimo. Porém, é o ser mais desprovido de caráter que conheço.

Pior do que um tio que abusa da sobrinha por anos, e o pai que descobre e não faz nada! Vira as costas para ela, joga na rua como um cão sarnento. Apenas porque se for contra ao irmão, que é seu cúmplice nas suas falcatruas. Se ele cair, o levará junto. Maior defeito desse homem sem coração que me colocou no mundo é pensar nele em primeiro lugar acima de tudo, não importa as consequências ou as pessoas que destrói pelo caminho.

Como eu, sua própria filha.

— O que foi, Yudiana? Você ficou tão séria de repente. —Sua pergunta sai em um timbre receoso, sua mão segura a minha firmemente como se não fosse soltar nunca.

— Só estou impressionada em como um homem tão ocupado como você, Juiz Thompson, teve tempo para montar uma surpresa maravilhosa

dessas em pouquíssimas horas? —Minha pergunta é retórica, e os cantos da sua boca se erguem sensualmente oferecendo-me um sorriso discreto e satisfatório por ter conseguido a proeza de me impressionar.

Logo eu? Que já conheci o suficiente desse mundo, para não me impressionar com qualquer coisa.

— As pessoas dizem que o dinheiro não é tudo, sabe? Mas nascer em um berço de ouro, às vezes pode ser bastante interessante. —Pisca o olho sedutoramente, longe de ser presunçoso, apenas está querendo me agradar.

É tão bom esse seu lado mais despojado sem aquela bendita sombra escura nublando suas reais feições, esse é o seu lado que mais gosto.

— É, senhor *playboyzinho*, eu estou vendo! —O provoco, enquanto admiro essa belezura de iate a minha frente todo decorado para um jantar romântico a dois pra lá de romântico todo iluminado por luzes brancas, que deve dar para avistá-lo a quilômetros de distância.

Tem uma linda mesa montada ao ar livre sobre a luz das estrelas, o céu hoje está simplesmente dividido enfeitando com uma lua cheia esplendorosa cortando o céu com todo seu charme e mistérios. Assim como John, meu anjo caído de mil faces.

Pretendo conhecer cada uma delas, mesmo que algumas não me agradem.

— Já entrou em um desses antes, menina? —Ele abraça minha cintura por trás, inclinando a cabeça para depositar um beijo no meu ombro.

— Nunca! Mas eu amo tudo que tem a ver com o mar, então tenho certeza que vou amar. —Giro o corpo ficando de frente para ele e beijos seus lábios, ele ri achando graça da minha animação, mas sem separar nossos lábios.

Thompson me puxa para dentro do iate e continua me beijando por um longo tempo. Elegantemente, me conduz até a mesa onde tem dois garçons a nossa espera para nos servir, dois jovens rapazes simpáticos e competentes. Nosso jantar correu às mil maravilhas, em alto mar ao som de um violinista tocando ao vivo.

Conversamos sobre várias coisas trocando olhares sensuais o tempo todo. Foi incrível! Divertido e excitante. Em certo momento seus olhos azuis mudaram para um tom escuro sombrio, algo perigosamente sexy.

Então anuncia:

— Estamos quase chegando, Yudi. — Olho para ele confusa, estamos ainda sentados na mesa tomando a segunda garrafa de vinho seco depois do jantar.

— Eu posso saber onde? — questiono, confusa. Nem percebi que o iate havia zarpado.

— No nosso esconderijo secreto! Quando tudo parecer *perdido*, é lá que vamos nos esconder. — Aponta o dedo para um pontinho de luz bem no alto do acredito ser uma montanha, apesar da escuridão devido a altura deve ser muito difícil chegar até lá, com certeza um ótimo esconderijo.

— Minha nossa! Como encontrou esse lugar no meio do nada?

— Já ouviu falar em internet? — Dá uma pausa achando graça da sua própria resposta, depois continua sério. — Essa casa na colina foi construída sob medida por um arquiteto famoso, tem dez bangalôs que garantem uma privacidade total. Fica no meio da Mata Atlântica, é indicada para os que gostam de hospedagem integrada à natureza: a sauna, por exemplo, dá vista a uma queda d'água e várias montanhas. — Meus olhos estão fechados, imaginando tudo o que ele fala e ao mesmo tempo alisa meu rosto carinhosamente, de fato parece ser o lugar dos sonhos de qualquer casal.

Como está ventando muito, John pede para o garçom trazer duas jaquetas de couro uma menor para mim e outra para ele. Saímos do iate de mãos dadas e caminhamos uns cinco minutos em silêncio, a ventania bagunçava meu cabelo jogando para todo lado possível, pareço a Medusa.

John olha a cena, como se a imagem fosse a aparição de um ser celestial. Fico tímida desviando o olhar, ele percebe e beija meu rosto com carinho.

— Você é tão linda! Eu poderia ficar te admirando pelo resto da minha vida, só isso faria de mim o homem mais feliz desse mundo. — Declara virando o rosto na direção do mar para sentir a brisa do mar tocar-lhe a pele, pareceu falar mais para ele do que para mim.

— Só me olhando pelo resto da vida? Pensei que fosse mais criativo do que isso, Meritíssimo — provoco, tentando ser engraçada.

Mas, apenas de realmente confiar inteiramente nesse homem, começo a ficar um pouco apreensiva quando vejo o iate voltando pelo mesmo caminho que veio. Agora mesmo se eu quisesse, eu não poderia desistir.

A poucos metros à nossa frente, vejo uma moto daquelas que chamam a atenção de todos quando passa na rua, estilo motoqueiro louco mesmo.

— Uauuu! — É a única coisa que consigo dizer, enfiando um dos capacetes na minha cabeça animada sem pedir permissão. — Eu posso pilotar essa maravilha, John? Posso? Posso? — peço, eufórica. Sempre quis pilotar uma dessas.

— Deixo, mas não agora. Está muito escuro, e você não conhece essa areia, mas amanhã prometo que vamos explorar cada canto desse lugar juntos, tem cachoeiras lindas — explica e eu entendo.

— Combinado então, Ursão! — Dito isto, subo na sua garupa e vamos para onde quer que ele esteja me levando.

Percebendo minha empolgação gritando feito uma louca tomada pela adrenalina do vento gélido dessa noite escura que toca minha face de um jeito tão intenso, como se alguém estivesse deslizando uma pedrinha de gelo pela minha pele. John acelera cada vez mais, me levando a um nível incalculável de euforia. Sinto-me extremamente livre.

Me diverti muito durante o percurso. Quando chegamos, ele gira a chave desligando o motor. Sinto minha boca seca. Se só o percurso até aqui foi emocionante imagina o resto? Mal posso esperar.

— Você está bem, Yudi? —Ele pergunta assim que estaciona a moto virando o rosto um pouco para trás, mas não o suficiente para conseguir ver minha expressão de total alegria.

Então a louca aqui praticamente pula da garupa e berra:

— Eu nunca estive tão bem em toda a minha vida! Essa noite está sendo incrível, obrigada por me proporcionar momentos como esse. Um jantar romântico em alto mar sobre a luz do luar, agora esse passeio radical de moto até aqui... —Falo tomando fôlego a cada palavra, estou feliz de um jeito que não sei nem explicar.

— Não me agradeça ainda menina, nossa noite está apenas começando. —O jeito sexy que a voz rouca de John sai de seus lábios, me faz sentir prender a respiração. Ele está se esforçando para que tudo saia perfeito.

De pé usando a moto como apoio para as costas e braços cruzados seus olhos estreitaram-se começando uma análise dos meus pés até seus olhos encontrar os meus maliciosamente.

Sentindo-me completamente intimidada, desvio o olhar para cima dos seus ombros e vejo a casa dos sonhos. Não é grande, porém visivelmente bem planejada. Toda feita de madeira escura, com janelas gigantescas de vidro em volta. O teto tem a metade composto por placas de ferro, acredito que a luz seja solar. Fechando os olhos momentaneamente, ouço perfeitamente a queda de uma cachoeira bem próximo a nós.

Assim como o balançar das folhas das centenas de árvores que nos rodeia, formando uma sinfonia de paz e tranquilidade impossível de sentir nas cidades grandes como Rio de Janeiro. Agora entendo por que John, me trouxe para esse lugar magnífico. Ele queria me proporcionar essa sensação de liberdade, que só estando em meio a natureza conseguimos alcançar. Afastado do que tem se tornado o maior mal do século, a tecnologia.

Os casais não conversam mais, filhos esquecem dos pais e as pessoas fingem o que não são, criando uma imagem falsa de “vida” perfeita apenas para causar inveja alheia e inflando cada vez mais a sensação de falsa autoestima. Mas isso na verdade é um caminho sem volta para o fracasso, afinal, o tamanho do seu ego pode te levar ao topo, mas te deixa lá em cima

sozinho.

— Eu amo esse cheiro de ar fresco, a harmonia desse lugar me traz energias boas que não sinto há muito tempo. —Penso alto, ainda de olhos fechados.

Imaginando como deve ser presenciar o amanhecer aqui, com o sol nascendo ao leste expondo seus raios que deleitam sobre as folhas das árvores enquanto os pássaros cantam alegremente debaixo de um céu limpo azul profundamente azul, sorrio enquanto uma lágrima discreta desliza pelo meu rosto.

— Por Deus! Como você causa sentimentos bons em mim apenas em um ato espontâneo, simplesmente perfeita pra mim. —Abro os olhos e percebo que John, está parado diante de mim com o rosto praticamente colado no meu.

Ele limpa os vestígios do caminho traçado pela minha lágrima com beijos quentes. A urgência com que suas mãos cravam na minha cintura é gritante que faz estremecer, desejosa que possuísse aqui mesmo sobre a grama desse jardim ao ar livre.

— Está com frio? Acho melhor entrarmos — indaga e eu confirmo, vendo minha fantasia erótica indo por água abaixo.

Thompson sabe que a reação do meu corpo não é climática, mas já

demonstrou por diversas vezes ser um homem de verdade que jamais teria a primeira noite de amor com uma mulher — por mais que queira — de qualquer maneira, tomado pelo tesão do momento.

Caminhamos abraçados sobre um pedregulho que levam até a porta, ele tira uma chave do bolso de trás da calça e abre ligando a luz logo em seguida. Fico encantada com a decoração da casa, que é sem muitos exageros. Mas acolhedora. Os móveis em cores neutras dando um belo contraste com as paredes de madeira.

— O que está fazendo, John? — grito, rindo e falando ao mesmo tempo, até que o louco me pega no colo e sobe facilmente as escadas comigo no colo.

— Te levando para conhecer o local mais especial da casa, onde vamos passar a maior parte do tempo durante nossa estadia aqui. —Explica.

Fico envergonhada quando usa o joelho para terminar de abrir uma porta que estava entreaberta e damos de cara com uma suíte chique que não perde em nada para esses hotéis cinco estrelas. A cama muito bem arrumada com lençóis branquíssimos fica no meio do quarto, grande e macia com um grande espelho no teto sobre ela. Na boa? Adorei isso!

Tem flores naturais espalhadas por toda parte, quadros com pinturas de casais em momentos românticos o mais bonito é de um homem e uma

mulher completamente seminus dormindo abraçados.

— Você deve estar cansada da viagem, quer tomar um banho enquanto eu pego um vinho para gente relaxar? —John me coloca no chão e beija minha testa, sendo respeitoso para o fogo que transmite em seus olhos.

Que papo é esse de eu estar cansada?

— A única coisa que quero nesse momento, é você Thompson. — Puxo sua mão impedindo que saia de perto de mim, seus olhos caem sobre mim profanamente enquanto sua boca sexy protagoniza um sorriso impaciente.

— Me ensina a amar você de uma maneira segura? —Ele pede de um jeito que estraçalha meu coração. — Sou um homem com mais defeitos do que você possa contar. Não sei como amar as pessoas sem magoá-las, mas para ficar ao seu lado estou disposto a tentar quantas vezes for preciso. Enquanto houver razões, prometo não desistir. —Essas foram suas palavras, as mais lindas e sinceras que já ouvi na vida.

Não existe nada mais bonito do que uma pessoa assumir seus defeitos, e prometer que está disposto a tentar quantas vezes for preciso para fazer dar certo.

— Também sou leiga nessa área, que tal aprendermos juntos? —Digo sincera, não posso ensinar o que não aprendi ainda. — Só não desista de

mim, que eu não vou desistir de você. O resto, a gente dá um jeito, não se preocupe com o futuro. Vamos viver um dia de cada vez. —Proponho.

— Um dia de cada vez? —John deposita um beijo na curva do meu pescoço, enquanto a mão direita desce a alça do meu vestido pelo meu ombro. — Assim para mim está ótimo, desde que esteja ao meu lado topo qualquer coisa. —Passa a língua em uma parte mais sensível atrás da minha orelha deslizando a outra alça do meu vestido fazendo com que a peça vá ao chão em uma fração de segundos deixando-me apenas de calcinha já que esse modelo dispensa o uso de sutiã.

Estou tão excitada que não me sinto nem um pouco constrangida em estar praticamente nua na sua frente, ao contrário, é a primeira vez que fico tão confortável na frente de um homem. Os abusos que sofri não deixou traumas em minha vida sexual, conheci caras legais que proporcionaram prazer. Mas nada parecido que estou sentindo nesse momento, como se essa fosse oficialmente minha primeira vez.

John me olha me faz sentir a mulher mais desejada desse mundo, quando me toca, meu corpo queima de puro desejo. Estou tão ansiosa em senti-lo dentro de mim, que mal consigo me conter.

Em silêncio, ele me gira pela cintura colando seu corpo atrás do meu de tal maneira que parecemos um só. Com a palma da mão aberta ele trilha

um caminho perigoso pela minha barriga e vai descendo para dentro da minha calcinha encontrando minha intimidade. Arfo quando me penetra com um dedo. Com a mão livre vira meu rosto e cala minha boca com a dele.

— Você é tão apertadinha, menina. E molhadinha. —Rosna.

Fico frustrada quando ele interrompe o beijo. Perco controle total do meu corpo em suas mãos me tornado escrava dos seus desejos mais sórdidos. Ele aproveita o momento de distração para tirar o dedo de dentro de mim e voltar com dois, e continua a torturar me chupando toda desesperadamente enquanto penetra os dedos seguindo um ritmo eloquente.

Gemo de prazer ao sentir sua ereção roçando na minha bunda por debaixo do tecido da calça, impressionantemente grande e duro como pedra. Sinto uma chama ardente me consumindo por dentro como uma onda de satisfação arrebatadora, John percebe que meu orgasmo está próximo e se adianta em rasgar minha calcinha facilmente e me erguer do chão forçando-me a enlaçar sua cintura com as minhas pernas.

— O primeiro lugar que vai gozar hoje é na minha boca, gota por gota. —Deixa bem claro, fico supressa em vê-lo falando assim! É excitante demais ver um homem elegante desses falando esse tipo de baixaria, um misto do certinho com o proibido.

John me carrega até a cama aproveitando o intervalo de tempo para

me beijar desejosamente enfiando a língua dentro da minha boca. Me deita de costas com carinho e tira sua camisa vagarosamente sem desviar os olhos de mim um segundo. Fico tão excitada com essa cena que involuntariamente começo a massagear meu clitóris enquanto aperto meu seio.

— Não! Deixa isso comigo, Indiazinha. —Ordena Thompson, e eu paro na mesma hora.

Primeiro ele fica de joelhos no chão e me puxa pelas coxas para a beirada da cama, intencionado a ter total acesso ao meu sexo. Sorri de um jeito sacana, em seguida enfia o rosto em meio as minhas pernas, apoiando minhas coxas no seu ombro para ter livre e total acesso ao meu sexo.

— Caramba, que delícia! — Solto um grito abafado apenas em sentir o calor da sua boca próximo ao meu sexo, o homem nem me tocou ainda e já perdi as estribeiras.

Minha manifestação o faz sorrir, como castigo sopra minha entrada de leve me levando a loucura. Para então acabar com a minha tortura dando-me o que tanto anseio, a sensação do toque da sua língua talentosa com movimentos suaves e ao mesmo tempo tão avassaladores meu sangue corre saltando em minhas veias já dando vestígios o imenso grau que sua intensidade alcançará.

— Tão molhadinha, eu não aguentaria mais uma noite sem estar

dentro de você. —Grunhi mordiscando meu clitóris, os dentes puxando a pele sensível de um jeito provocante, ergue o braço e aperta meu seio quase esmagando.

Minhas mãos cravam no lençol branco já todo bagunçado debaixo mim com mais partes no chão do que na cama, estou em um grau de desnorteamento como se estivesse perdida em misto de emoções jamais sentidas antes. Quero gritar, sorrir e chorar ao mesmo tempo. É difícil explicar.

Olhando para o teto sobre a cama forrado de espelhos, me delicio com a cena desse homem maravilhoso me fodendo com a língua de um jeito inacreditavelmente gostoso. Puta que pariu! Isso é excitante demais, John pensou em tudo para me dar prazer de todas as formas, inclusive visual.

— Porra! John... Ahhh.

Gemo seu nome descontrolada, agora além da língua o homem enfia dois dedos em mim penetrando-me e lambendo ao mesmo tempo.

Ergo o quadril em busca de mais prazer, se a sua intenção é me fazer perder a cabeça ele está conseguindo perfeitamente. Agarro os fios medianos do seu cabelo bagunçando-o totalmente quase arrancando fora, minhas pernas em seus ombros quase esmagam sua cabeça entre elas.

— Goza pra mim bem gostoso, Indiazinha — John ordena e eu me

perco a razão de vez envolvida pelo prazer, ele é tipo de homem que sabe como, onde e o que fazer para fazer uma mulher enlouquecer por ele.

Assim como eu estou, principalmente me chamando desse jeito “Indiazinha”!

— Não resista mais meu amor, se entregue completamente a mim. —
Basta somente isso para me libertar, nunca senti tanto tesão antes!

Seus dedos produzem ondas dentro de mim, estou no início de um orgasmo intenso. Meu coração acelera, depois algo explode causando uma sequência de espasmos em meu corpo mole feito gelatina.

— Eu sou toda sua Thompson, agora e sempre! —Praticamente faço um juramento, agarrando meus seios em busca de estabilizar essa sensibilidade que sinto pelo fato de estar nua em um lugar desconhecido no meio do nada com as pernas escancaradas sendo masturbada por esse homem fabuloso de joelhos no chão fazendo maravilhas com a língua no meu sexo.

— Seu cheiro é fenomenal. Estonteante. —Ele diz enquanto lambe todo meu gozo, incansavelmente. — Pensei que não fosse capaz de ceder ao amor novamente. Agora que aconteceu não quero abrir mão de você. Isso está fora de questão. —A ameaça em seu tom de voz e a frieza eleva o olhar encontrando o meu enquanto continua o trabalho de limpar a bagunça que fez lá em baixo, me assusta um pouco.

John está falando muito sério, e quer que isso fique bem claro para mim. Eu sempre soube que tem um lado obscuro. Que deveria tomar cuidado com esse homem, às vezes tenho a estranha sensação que ele e a loucura andam de mãos dadas. Mas mesmo assim, não consigo resistir ao seu charme. Isso é impossível.

— Goze novamente para mim Yudiana, agora! —Thompson ordena e volta a me chupar com mais vigor, massageando meu clitóris com o polegar enfiando os dedos em mim apressado em realizar seu desejo sexual de me ver gozar novamente pela segunda vez em um intervalo tão curto de tempo.

— Por favor John, eu não aguento mais — peço com a voz fraca, sua língua percorre cada pedacinho dentro de mim.

Mas ele não ouve. Continua me torturando, agarro o lençol com mais força quase rasgando. A intensidade dessa vez é maior devido ao fato do meu clitóris estar inchado, sensível demais.

— Nossa... Ahh — gemo gozando novamente em um grito abafado, em um grau de exaustão inexplorado pela ciência. Mas saciada, de um jeito que acho ser desconhecido pelas outras mulheres. Isso que aconteceu aqui com certeza deve ter quebrado algum recorde.

Ainda assim, John continua me chupando. Apenas continuo gemendo seu nome várias vezes, com o corpo tremendo violentamente. Depois de

soltar um rosnado feroz, ele tira a calça e a cueca rapidamente e engatinha sobre mim na cama beijando meu ventre e ataca meus seios. Meu corpo está tão mole que mal consigo me mover, é assim que ele queria me deixar submissa a sua vontade para deixar claro quem manda aqui.

Coitado!

Eu perdi essa batalha para o seu poder de sedução, mas a guerra entre nós está só começando. Mas por enquanto, vou entregar os pontos.

— Eu preciso de você dentro de mim John, agora! —Praticamente imploro deslizando as mãos por cima do seu corpo suavemente para sentir a maciez da pele de suas costas musculosas, nas resisto e acabo mordendo seu peito fazendo-o urrar muito alto.

John não me responde com palavras, mas olhando intensamente em meus olhos ele estica o braço para a gaveta do criado mudo ao lado da cama e pega uma camisinha. Por um momento, me pergunto como ele sabe onde achar o que precisa? Pelo visto já esteve aqui antes e obviamente não estava sozinho, esse lugar deve ser seu abatedouro particular.

Viro o rosto para lado tentando controlar essa sensação ruim dentro de mim, a bendita da insegurança. Caralho! Depois que superei as merdas que passei na minha infância e retomei meu amor próprio, agora estou tendo uma recaída. E as coisas só vão piorar daqui para frente. Como vou sobreviver ao

poder que esse homem tem sobre o sexo oposto? É impossível olhar para ele e não o deseja-lo.

Juiz Thompson é sonho de toda mulher.

— Eu sou só seu agora Yudi, não se preocupe! —Sinto os lábios de John roçando no meu ouvido, parece até ter ouvido meus pensamentos. Calmamente segura meu queixo com as pontas dos dedos e gira obrigando a encará-lo. Então completa: — Eu não tenho mais nenhuma insegurança em relação a nós, espero que você também não tenha a partir dessa noite. Porque fomos feitos um para o outro, você completa a parte que a vida quebrou em mim. Espero preencher o mesmo espaço na sua vida, ou então morrerei tentando. —Escolhe com cuidado cada palavra que foi proferida, levando embora toda e qualquer insegurança que habitava em mim.

O que sinto nesse momento, vendo seu sorriso doce e o afeto na forma como me olha me deixa com vontade de chorar uma sensação tão intensa que me rouba as palavras. Quero dar toda minha atenção para esse homem, meus melhores sentimento e prazer.

Muito prazer.

Começando por agora!

— Me fode! —Dessa vez não peço com gentileza, mando do jeito bruto mesmo.

Profanamente excitado com minha ordem, John se ajeita apoiando os cotovelos um em cada lado de mim para dividir o peso do seu corpo e me penetra em um golpe só causando um estalo quando nossos sexos se encontram.

— Meu Deus, você é ainda mais apertadinha do que pensei. —Rosna em um fio de voz. Permanece imóvel até que eu me acostume com seu tamanho avantajado.

John é grande demais, e duro. Muito duro. Incrivelmente duro. A sensação de estar sendo preenchida por ele é boa demais, sinto-me dominada e totalmente a mercê do seu prazer. A ligação carnal entre nós é algo surreal, quando começa a se mover vou ao paraíso. Mas ao perceber que está lutando para não perder o controle, cravo as mãos uma de cada lado do seu traseiro durinho e elevo o quadril obrigando-o a entrar bem fundo.

Seu corpo inteiro enrijece, o urro de prazer que sai da sua boca toma conta do quarto. O homem fica louco, começa a entrar e sair de mim em um ritmo frenético. Tira tudo, depois enfia novamente indo cada vez mais fundo, a cama chega a pular do chão rangendo montando uma melodia seguindo seus movimentos.

— Minha nossa Indiazinha, você é muito gostosa. —Diz com a voz ofegante escondendo o rosto na curva do meu pescoço perdendo-me na

posição que queria, e começa a me foder violentamente como se tivesse perdido a razão.

Mais uma vez olho para o espelho no teto, e vejo meu corpo praticamente todo coberto pelo dele. Movimentando tão rápido para cima e pra baixo, que mal consigo visualizar os movimentos. Sua pele está molhada de suor assim como os cabelos, resumido no momento, em uma bagunça de fios.

Ele me penetra, e penetra como se o mundo estivesse acabando naquele momento. Nossa respiração é ofegante, John geme algumas coisas enquanto acelera cada vez mais me levando a um nível incalculável de euforia, mas estou atordoada demais para entender. Não sei por quanto tempo permanecemos assim, nos amando loucamente.

— Goza junto comigo Yudi, agora. —Ordena.

Chegamos ao clímax no exato momento, como se fosse um pacto que de agora em diante tudo que faríamos de nossas vidas será assim.

Juntos!

— Isso foi tão ... tão bom! —Exclamo em um fio de voz, e Thompson desaba com todo seu peso sobre mim respirando ofegantemente.

— Que bom que gostou, porque só estamos começando. — Rapidamente ele muda de posição deitando atrás de mim em posição de

conchinha, puxa meu corpo facilmente fazendo-me ficar de ladinho.

Ouçõ outro pacote de camisinha sendo aberto tira a usada e coloca outra ligeiramente, então ele separa minhas pernas com o joelho e me penetra sem avisar indo bem fundo já grosso e duro novamente, suas mãos estão apertando meu seio e a boca devorando meu pescoço.

— Ahhhh ... Assim John, mais rápido — peço desavergonhadamente.

Ele obedece.

Sai de mim completamente, depois entra até no talo numa estocada violenta que me rouba todo o fôlego. Estou tão lubrificada pelo meu crescente orgasmo, que John me penetra com facilidade alcançando uma profundidade absurda. O som do seu membro indo de encontro ao meu sexo toma conta do quarto, assim como o ranger da cama batendo a cabeceira na parede.

— Você me deixa louco. Gostosa demais! —Suas investidas são tão fortes e profundas que chega a ser doloroso, mas extremamente prazeroso ao mesmo tempo.

Esse homem é um leão na cama.

Chegamos ao orgasmo juntos novamente, com John urrando meu nome.



Capítulo 21

John

Os raios de sol entram por uma fresta da cortina que cobre a janela, passando pelo vidro e refletindo no corpo deliciosamente nu de ébano da minha Indiazinha que dorme com a cabeça repousada sobre meu peito. Assim como nossas roupas, os lençóis estão espalhados pelo chão do quarto. E mais alguns objetos da decoração quebrados em um momento íntimo durante a madrugada: Quando Yudiana brincou de se esconder de mim pela casa.

Quando a encontrei escondida atrás do balcão da cozinha vestida apenas com a minha camisa, fizemos amor ali mesmo sobre a mesa e em mais algumas outras partes da casa deixando uma bagunça por onde passamos. Contudo, não se compara a bagunça de emoções que está dentro de mim agora.

Yudiana desperta em mim o sentimento que pensei ter enterrado há muito tempo nas terras mais profundas do meu coração, passei a madrugada toda admirando-a dormir serenamente.

— Como consegui sobreviver tanto tempo longe de você? Menina da

boca suja e corpo feito pelo diabo para me tentar, quanto mais possuo mais a quero. —Me pergunto em voz alta colocando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha, ela remexe em meus braços abrindo os olhos vagarosamente e sorri sonolenta, mas logo em seguida continua dormir.

Aconchego-a dentro de um abraço de *ursão* como ela mesma diz amar, dessa vez ela não só arregala os olhos como levanta em um pulo e sai da cama quase caindo ao levar o lençol que nos cobria junto com ela enrolado em seu corpo.

— Meu Deus, John! O dia já amanheceu faz tempo, porque não me acordou antes? —Grita em desespero, catando as peças da sua roupa pelo chão com o cabelo todo emaranhado. — Anda, levanta logo homem, talvez se correremos eu consiga ainda trabalhar no horário depois do almoço. Porra! Juiz Flores vai me matar. —De repente ela para de falar, e me encara percebendo que eu permaneço parado no mesmo lugar de braços cruzados encostado as costas no trado da cama usando um travesseiro como apoio.

— Hoje é feriado estadual Yudiana, esqueceu? Não deve ter nada aberto no Rio de Janeiro, temos o dia todo só para nós. — Ela estala a língua como se estivesse se punindo mentalmente por ter esquecido do feriado, em seguida seus olhos gulosos medem cada centímetro do meu corpo nu sobre a cama com o membro ereto apontando para o teto forrado de espelho.

— Diga assim, Ursão: “Eu sou piscininha” — pede ela e eu franzo o cenho, pensando em onde ela quer chegar com isso.

Mas faço o que pede, repetindo:

— Eu sou uma piscininha...

— Se prepara, porque eu vou mergulhar em você pelas próximas horas — grita, rindo e falando ao mesmo tempo, então solta o lençol enrolado em seu corpo e vem correndo nua e pula em cima de mim sobre a cama.

— Você não tem jeito mesmo, Yudi — brinco enquanto a safada se prepara para montar em mim sentando em meu colo, fico com água na boca em ver seus seios enormes balançando.

O que sinto por Yudiana é algo de uma intensidade absurda que me preocupa muito, sinto que sou incapaz de viver sem ela. Essa opção não existe para mim.

— Você acorda em ponto de bala, em Ursão? —Provoca.

— Eu nem consegui dormir desejando estar dentro de você novamente, meu amor. —Respondo a sua provocação.

Ela me encara, com aquela carinha de menina malvada.

— Seu desejo é uma ordem, Meritíssimo! —A safada aproveita a situação favorável para ela e monta em mim como se eu fosse um touro

bravo, apoia as mãos sobre meu peito e rebola em cima da minha ereção de um jeito eloquente.

Tento tocá-la, mas não tive autorização.

— Não dessa vez querido, esse momento é só meu! —Nega com a cabeça segurando meus braços, toda mandona. Fico com um tesão da porra!

Yudiana quer esse momento apenas para seu bel-prazer, como se pela primeira vez em um momento íntimo ela precisasse estar totalmente no controle da situação. Sinto que nunca ninguém deu isso a ela, ao contrário, sugaram dela o que há de melhor. Devido a isso, deixo os movimentos de sobe e desce por sua conta.

Trinco os punhos tentando manter o controle, a expressão de poder no rosto dela enquanto geme ensandecida está me deixando louco. Quero jogá-la sobre essa cama e me enterrar nela o mais fundo que eu puder, mas não posso, o prazer dela virá sempre antes do meu.

— Eu estou chegando lá, só mais um pouco. —Sua voz abafada anuncia que seu orgasmo está próximo, suas unhas cravam em minha pele enquanto gotículas de suor brotam por cima dos seus lábios.

— Você é a mulher perfeita para mim, Yudi. Perfeita! —Dito isso, ela esmaga minha ereção com suas paredes vaginais chegando a um clímax tão intenso que me faz gozar também intensamente.

Yudiana cai sobre meu peito totalmente exausta, sinto algo molhando meu peito e ao inclinar para ver o que está acontecendo percebo que está chorando. Chorando muito. Fico preocupado, mas não pergunto nada apenas a envolvo num abraço protetor e deixo que coloque tudo para fora. No momento certo, ela vai se abrir comigo.

Acabamos dormindo os dois por mais algumas horas, quando ela acordou havia uma mesa enorme de café da manhã a esperando. Seu humor já estava ótimo novamente, o que aconteceu mais cedo foi apenas uma tempestade passageira. A levei para conhecer toda a propriedade, deixei que pilotasse a moto até uma cachoeira que fica a dois quilômetros da casa. Fizemos amor na cachoeira, foi realmente incrível.

Os melhores momentos da minha vida.

Mas a noite, infelizmente tivemos que voltar para casa.

O difícil não foi chegar até a frente do seu prédio, mas sim deixá-la sair de dentro do meu carro mesmo após quase meia hora estacionado em frente ao prédio. Estamos a mais de meia hora parados aqui nos agarrando desesperadamente, não sei quando —ou se vou —conseguir deixá-la sair desse veículo.

— Você precisa parar de me beijar, assim não conseguirei ir embora.
—Ela brinca separando nossos lábios.

Quando vou reponde-la, lembro de algo realmente preocupante e meu sorriso morre na hora.

— Nós não usamos camisinha hoje de manhã quando fizemos sexo, Yudiana, você faz algum uso de anticoncepcional? Pode parecer egoísta, mas não estou disposto a dividir sua atenção com ninguém tão cedo nem mesmo com um filho. —Yudiana empalidece com minhas palavras egoístas, então me arrependo de tê-las dito.

— Não precisa se preocupar com isso, está tudo sobre controle. Já está um pouco tarde John, preciso entrar para tomar um banho quente e descansar da viagem, amanhã nós dois trabalhamos cedo. —Explica calma, mas sem olhar para mim. Sai do meu colo e volta para o seu banco se ajeitando para sair do carro. Porra! Mais uma vez falo sem pensar e a magoo.

Aciono as tranças da porta, impedindo-a que saia.

— Me perdoa pela falta de tato para falar com você mais uma vez? Preciso reprimir alguns *impulsos* em relação aos meus sentimentos por você. —Prometo, agora que a tenho não quero perder essa mulher de maneira alguma.

Ela fica em silêncio por alguns minutos, então segura meu rosto entre suas mãos e responde:

— Eu não perdoo, porque não tem nada para perdoar. Apenas foi

sincero comigo, como todo parceiro deve ser sempre com a sua parceira e vice e versa. —Beija minha boca serenamente, então consigo relaxar um pouco. — Não quero que reprima nunca os sentimentos que tem por mim, sejam eles bons ou ruins promete? — propõe um acordo, e eu penso se devo ou não aceitar.

— Prometo! — Acabo aceitando, abraçando-lhe bem forte do jeito que ela gosta, já me desculpando várias vezes mentalmente pelo enorme sofrimento que esse acordo a fará sofrer futuramente.

Eu passei a minha vida toda reprimindo meus sentimentos em relação a todos a minha volta. Escondendo de mim mesmo meu verdadeiro eu, fingindo quando olhava no espelho que sou uma pessoal normal.

Os únicos que me conhecem de verdade, são, a minha família e meu melhor amigo, Gonzáles.

— Agora preciso ir mesmo, Ursão! — Nos beijamos mais algumas vezes, e nos despedimos com palavras carinhosas.

Quando Yudi abre a porta do carro para sair, ela vira para mim séria e revela algo que faz meu coração quebrar mais um pouco:

— Quanto ao fato de não termos usando camisinha, não se preocupe mesmo porque estou limpa. Sobre a gravidez indesejada relaxa, não tem a mínima chance de acontecer sem se quiséssemos. — Não entendo o que ela

quis dizer com isso, nem tenho tempo de perguntar. Sem se despedir beija meus lábios tão depressa que quase não consigo sentir, depois sai do carro batendo a porta com força e vai embora.

Quando começo a me preparar para ir embora vejo um grupo de jovens chegando em frente ao apartamento de Yudiana, segurando garrafas de bebidas gritando palavrões sem se importar de acordar as pessoas que moram na rua. Ao invés de Yudiana entrar em seu prédio, vai até o grupinho juvenil pisando firme, parecendo nervosa como se conhecesse um dos jovens.

Cadê os pais desses adolescentes que deixa os filhos consumindo álcool a uma hora dessas? Isso é lastimável. Não vou embora, saio do carro logo em seguida e vou atrás de Yudiana, do jeito que está nervosa pode ser perigoso.

— Quem são esses garotos, Edmilson Jackson? E onde está o Max? Deixei-o aos seus cuidados, será que não posso confiar em você nunca? — Colocou bastante ênfase no nome do irmão caçula, enfiando o dedo na cara dele, mais um pouco e perfuraria o cérebro do rapaz.

Quem é esse tal de Max?

Fico um pouco longe apenas observando por enquanto. Ela precisa desse momento sozinha com o irmão para colocá-lo no lugar dele.

Não satisfeita só em gritar, puxa a orelha do jovem quase arrancando

fora na frente dos amigos dele mesmo, furiosa. Meu Deus! Que mulher brava. Onde fui me meter? Meu membro dá sinal de vida na hora, pronto para enterrar nela novamente.

— Aiii, Didi, você está me machucando, mulher. E para de me tratar como criança porque sou do gueto, quem manda na parada aqui sou eu minha filha. — O moleque cai na idiotice de elevar a voz para a irmã, dando de macho na frente do seu grupinho, e ganha um tapa na nuca dela por conta disso.

— Se eu te pegar andando com esses vagabundos novamente eu vou te dar uma coça que nunca mais vai esquecer garoto, ainda vou contar para o nosso pai tudo o que você apronta por aí bebendo desenfreadamente — minha garota fala, dando tapas nele sem se preocupar onde pega. Edmilson tenta se proteger com os braços.

— Quem é vagabundo aqui, sua vadia? É muito corajosa de enfrentar a gente sozinha, uma hora dessas vai acabar amanhecendo com a boca cheia de formiga. — Um dos jovens aparentando já ter dezoito anos, com certeza o chefe do grupo de malandros, enfiado dentro de conjunto vermelho falsificado da Adidas ameaça Yudi na cara dura.

É alto e forte, não dá para ver o rosto direito porque a sombra da aba quadrada enorme do boné escondia tudo, fora a coleção de cordões

pendurados no pescoço.

— Quem disse que ela está sozinha? — Entro em cena.

Yudi parece passada em me ver puxando uma boa lufada de ar para dentro dos pulmões, será que ela pensou mesmo que iria embora deixando-a enfrentar esses moleques sozinha? Jamais.

— Cara ele é aquele Juiz famoso que passa na Tv por pegar casos famosos, merda! Nós estamos lascados.

Ouçõ um deles falar apavorando os outros quatro integrantes do grupo que ameaça mulheres indefesas, agora tremem de medo diante da presença de um homem de verdade.

— Vou contar até cinco, e não quero ver nem rosto de vocês nesse lado da cidade onde a minha *namorada* e o irmão dela mora.

Eu mal havia acabado de falar, e os garotos viraram a esquina praticamente voando.

— Olha aí Didi, seu boy magia acabando com a minha moral — choraminga Edmilson.

— Cala boca e vai para casa, Dimy. Agora! — Yudi está muito zangada, é evidente que ama demais o irmão para sequer imaginar vê-lo destruindo sua vida se envolvendo com más companhias.

Isso é que eu mais admiro em Yudiana. O fato de lutar pelas pessoas que são importantes para ela. Primeiro acompanha a amiga em uma situação perigosa envolvendo uma quadrilha de traficante perigosa apenas para ajudá-la a provar sua inocência, depois de todas as vezes que eu a magoei na tentativa de afastá-la de mim. A mulher se manteve firme como uma rocha até que eu —o homem mais frio do mundo — se rendesse aos seus pés. Agora enfrenta sozinha um grupo de malandros, apenas preocupada com o futuro do irmão malandro.

— Tá bom, mulher já estou indo. Que droga! — responde o jovem, encostado na parede de tijolos do prédio, revirando os olhos.

— Acho que você deve saber melhor do que eu que o nome da sua irmã, é Yudi. — Encaro o moleque de frente. Já tem quase dezoito anos, então já passou da hora de virar homem. — Deve obediência a ela, respeito. Espero que o que houve aqui hoje não se repita mais. Quando sua irmã te der uma ordem quero que siga à risca. Ou então, seu problema vai ser comigo. Estamos entendidos, rapazinho? — Cruzo os braços esperando sua resposta, minha expressão é tão severa como quando estou em um julgamento tendo como réu um assassino perigoso.

Yudiana tapa a boca com as mãos perdendo o riso, amando ver o irmão na saia justa que eu o coloquei.

— Estamos, senhor. Droga! — responde de cabeça baixa. Apesar de não ter muito juízo, parece ser um bom rapaz. Do jeito dele, mas é.

— Não ouvi direito — digo, severo.

Ouvi perfeitamente, mas fazê-lo repetir novamente é bom para não se esquecer tão cedo, meu pai fazia isso comigo quando tinha a idade do Edmilson.

— Sim, senhor metido a Superman — rosna alto antes de entrar no prédio pisando duro.

— Bem, acho que meu cunhado não simpatizou muito comigo — brinco, puxando-a pela cintura. Seus braços envolvem meu pescoço.

— É impressão minha ou eu ouvi você dizer namorada?

— Não é impressão sua, Indiazinha. Você ouviu certo mesmo.

Ela sorri...

Eu sorrio...

Então nos beijamos na calçada por um logo tempo. Eu e a minha namorada.

— Obrigada pelo que fez pelo meu irmão hoje — fala baixinho, deslizando a ponta do nariz pelo meu rosto. — Eu tenho tanto medo que o nosso pai descubra os rolos de Edmilson, e o quebre por dentro da mesma

forma que fez comigo inúmeras vezes. Assim como a vida, não sei como continuo sorrindo depois de todas as merdas que enfrentei. — Respira fundo, a dor é perceptível no seu tom deprimente.

— Se você foi brutalmente quebrada por dentro e ainda tem forças para ser gentil, merece o amor mais profundo que o oceano.

— Faço das suas as minhas palavras, John. Alguma coisa me diz que você já foi tão quebrado quanto eu pela vida, e mesmo assim se tornou esse homem brilhante que todos respeitam.

— Não vai me convidar para entrar um pouco e conhecer seu apartamento?

Mudo o foco da conversa.

— Não! — quase grita, como se não quisesse que eu entrasse na sua casa por algum motivo. — Quer dizer, já está muito tarde e como eu havia dito antes nós dois temos que trabalhar amanhã bem cedinho. — Abaixa a cabeça ao falar, contorcendo as mãos uma na outra. Yudiana sempre faz isso quando se sente acuada. Aí tem!

Fico irritado! Odeio quando escondem as coisas de mim, e se prefere manter em segredo é porque é algo errado ou muito ruim. Sou a prova viva disso.

— O que está escondendo de mim, Yudiana? E quem é Max? — Vou

direto ao ponto e ela arregala os olhos, assustada.

Mas rapidamente se recompõe, tomando uma postura confiante ao cruzar os braços empinando os seios para fora. Não sei se era essa a sua intenção, mas me distraiu completamente do foco nem sei mais o que estávamos falando.

— Não estou escondendo nenhum cara de você se é isso que está pensando, mas se não acredita em mim pode ir lá dentro e conferir com seus próprios olhos — ironiza, girando o nariz no ar, e eu, é claro, aproveito a sua deixa.

— Pensei que não ia mandar nunca, com licença. — Passo por uma Yudiana de queixo caído e entro no seu prédio, ouço o som do salto da sua sandália de encontro ao chão cada vez mais próximo de mim.

— O que você pensa que está fazendo entrando assim no meu apartamento se achando o dono da razão, Thompson? — Yudi se zanga comigo.

Finjo que não ouço e sigo em frente.

A teimosa consegue me alcançar e puxa um braço tentando me impedir, durante o processo acaba tropeçando e quase cai de cara no chão.

— Peguei! — sussurro sensualmente no ouvido dela após impedir sua queda.

— Caralho! Acho que torci o pé, está doendo muito — resmunga fazendo uma careta engraçada.

— Alguém já te disse que é feio falar palavrão?

— Foram tantas, que já perdi a conta. — Ela revira os olhos quando a pego no colo como se fosse um bebê. Não quero que o seu pé piore.

— Não precisa fazer isso. Torci o pé, mas consigo andar.

— Já te disseram também o quanto é teimosa, senhorita Jackson? — O som da sua risada inunda o corredor onde estamos passamos. Não tem elevador, e como mora no terceiro andar vamos conversando durante todo caminho.

Quando chegamos ela demonstra sinais de inquietude, principalmente quando abro a porta e sou recebido por um cachorro enorme logo em seguida um garoto loiro que logo se manifesta preocupado quando vê Yudiana em meus braços.

— O que aconteceu com você, Yudi?

O pequeno corre até nós, realmente preocupado, já o irmão dela no mesmo lugar que estava, fica, hipnotizado, vendo seu seriado na tv — algo sobre todo mundo odiar o Chris —, enquanto devora um saco de pipoca.

— Não aconteceu nada, apenas torci o pé — tranquiliza o garoto,

sorrindo para ele de um jeito que nunca vi antes, maternalmente.

Coloco Yudiana no chão, tentando entender o que tem demais no seu apartamento para deixá-la tão nervosa com minha presença a ponto de morder os lábios com tanta força, quase arrancando um pedaço fora.

Ela olha para mim, depois para o garoto impaciente. Falando no pequeno, ele está parando na minha frente, encarando-me de boca aberta.

— Meu Deus! Não acredito que estou diante do grande Juiz John Thompson, grande nome na ala jurídica desse país. Homem que julga pensando na justiça. Cansei de ler nos jornais casos de grandes magnatas que foram desmascarados pelo senhor e estão pagando pelos seus crimes de estelionatários envolvendo bilhões de reais — o loirinho fala tão rápido, pulando de um lado para o outro, que mal consigo entender. Está de fato eufórico por me conhecer. — Eu tinha perdido a fé na humanidade, mas ter conhecido a Yudi e o senhor me faz ter vontade de voltar a acreditar nas pessoas novamente.

Fico impressionado com o vocabulário rico dessa criança, palavras tão maduras saindo de um ser que nem entrou na puberdade ainda. Quem nessa idade lê jornal hoje em dia? Isso é surpreendente.

Esse menino tem um futuro brilhante!

— Na verdade, o prazer de te conhecer é todo meu, filho. — Estendo

a mão para cumprimentá-lo e curvo um pouco o corpo, lhe estendendo a mão, que ele aperta firme.

Max consegue em poucos segundos, o que muitas não conseguiram em muitos anos. A minha confiança.

— Não mais que o meu, senhor. Sempre foi meu herói. Não acredito nessa baboseira que obrigam nós crianças a acreditar em seres com poderes surreais que existem apenas em quadrinhos, mas herói para mim é mais que isso, tipo fazer justiça. Dar comida aos pobres, um abrigo. Principalmente proteger as crianças dos vários monstros que vivem por aí muitas vezes escondidos atrás de terno caro e gravata, exibindo um sorriso fácil. — Seus olhos enchem-se de lágrimas, assim como os de Yudiana ao meu lado. Preocupantemente, por um momento, pensei que eles compartilhassem a mesma dor.

Max consegue, em poucos segundos, o que muitas não conseguiram em muitos anos. A minha confiança.

— Qual o seu nome completo, filho? — questiono, pois talvez conheça alguém da sua família, suas feições não me são estranhas.

Yudiana arrasta o pé torcido de um lado para o outro pela sala, inquieta como se quisesse arrumar um jeito de cortar nossa conversa o mais rápido possível.

— Somente Maximilian está ótimo, senhor.

— Pode me chamar apenas de John. Prazer conhecê-lo, campeão. — Bagunço seus cabelos, noto que seu couro cabeludo está com parte altas como se fosse cicatrizes de feridas antigas.

Ou sinais de tortura física. Fico preocupado.

— Igualmente, Vossa Excelência.

— De onde conhece Yudiana, Max? — pergunta curioso tentando colher mais informações, e do nada Yudi acaba engasgando com a própria saliva, tossindo sem parar.

Assim que ela melhora um pouco, Max responde.

— Yudi é muito amiga da minha mãe, como o namorado dela é músico e está sempre viajando a trabalho, ela me deixa aqui as vezes para ir acompanhá-lo durante as turnês mais longas. — Sua atuação é bastante convincente, mas não me engana.

— Amanhã antes de eu ir trabalhar me lembra de ligarmos para sua mãe, está bem, querido? — Yudi abraça o pescoço do garoto, sustentando o que ele disse com um sorriso amarelo no rosto.

— Você não vai trabalhar amanhã, só quando estiver com o pé melhor. — A fuzilo com o olhar.

— Ah, e com a ordem de quem? Pelo que sei, meu chefe é o Juiz Flores — responde, malcriada. Essa mulher nunca vai abaixar a guarda pra mim.

Ótimo! Se fosse o tipo que se deixa ser dominada pelo outros, seria decepcionante.

— Eu só não quero que fique andando de um lado para o outro naquele fórum amanhã sentindo dor, querida, deixa que me entendo com o Juiz Flores depois. — Abordo em um tom brando, escolhendo cuidadosamente as palavras, talvez assim essa cabeça dura me escute.

Porém, nem se dá ao trabalho de me responder.

Diaba de mulher linha dura!

— Max, passou da hora de dormir, não acha? Edmilson também pode dar um jeito de ir deitar, está de castigo por deixar uma criança sozinha em casa para beber com os amigos sendo que nem é maior de idade ainda. — Puxa a tomada da TV, fazendo o irmão voltar para a realidade.

Edmilson levanta resmungando, mas obedece quando olho feio para ele.

— Eu vou dormir, Yudi, mas fique sabendo que não preciso disso. Meu marido tem dois empregos — diz Edmilson dramaticamente, jogando o cabelo imaginário para o lado e indo em direção ao quarto com o nariz

empinado.

Esse rapaz tem grandes e sérios problemas, só pode!

Max segue atrás dele, rindo das suas palhaçadas.

— Eu preciso ir agora também, meu amor. Amanhã tenho que acordar cedo para uma reunião — exclamo sério, assim que ficamos a sós. Sei que mandou os meninos para dentro para iniciar uma briga porque não quero que vá trabalhar com o pé torcido.

— Juiz Fores me falou sobre essa reunião. Eu vou estar presente para fazer anotações das coisas mais importantes. Sou uma assessora muito competente, Meritíssimo. — Minha menina vem até mim e me abraça, repousando a cabeça em meu peito, mas não briga comigo como pensei. Deixa bem claro que não vai fazer o que eu quero.

É incrível o que sinto quando essa mulher me toca, como se dentro de mim iniciasse uma batalha a qual não tenho a menor chance de ganhar. E nem Yudiana. Sairemos dois perdedores em um jogo que nunca deveria ter começado. Mas eu não consegui resistir aos seus encantos. Nem quero.

— Não me chame de meritíssimo. Sabe que fico com tesão. Na verdade, sempre fico excitado quando você está presente. Assim não consigo ir embora hoje. Nem nunca.

— Então não vá! Fique comigo, seja só meu por mais essa noite. —

Inclina a cabeça para trás para olhar para o meu rosto, sorrindo de um jeito impossível de eu negar qualquer coisa que pedisse.

— Eu sou seu por essa noite, e todas mais até o dia da minha morte —
declaro.

Nossa conversa termina no quarto dela, fazendo amor em silêncio. Olhando nos olhos um do outro enquanto nossos corpos se fundem, assim como nossas almas e corações.

Agora que o jogo começou de verdade, não tem mais volta!



Capítulo 22

Yudiana

Acordo sonolenta levando a mão no outro lado da cama, mas Thompson não está mais aqui. Como se adivinhasse o momento do meu despertar, meu celular toca anunciando uma mensagem dele que diz:

“Eu amo te observar enquanto dorme, sempre sorri de um jeito lindo quando está sonhando... Achei melhor ir embora antes do dia clarear para não correr o risco dos meninos não me verem saindo do seu quarto de manhã, deixando você em uma situação desconfortável depois.”

Suspiro ao terminar de ler, esse homem é muito romântico. Ainda estou extasiada com os momentos íntimos que passamos, os melhores da minha vida. A forma como John me tratou durante a nossa primeira vez foi mágico, sinto que se segurou na maioria do tempo como se para ele me dar prazer fosse mais importante do que qualquer coisa no mundo. Me deixar no controle.

Isso significa tanto para mim, apenas quem sofre ou sofreram algum tipo de abuso sabem a importância que é estar com alguém que te deixa ficar

no controle também. Não te usa como objeto sexual quando quer, levando da gente o melhor que temos. Quebrando a alma de um jeito, que nunca mais volta ser a mesma. Apenas em pensar que tipo de monstro tem aos montes por aí roubando a pureza de crianças e jovens indefesos, mulheres inocentes, sinto-me suja precisando urgentemente de um banho.

Levanto-me preguiçosamente, sem nenhum sinal da torção de ontem no meu pé acho que foi bem leve. Abro o guarda roupa e escolho um terninho cinza de três peças para ir ao trabalho e deixo sobre a cama. Pego tudo o que precisarei para minha higiene pessoal e vou me arrastando vagarosamente para o banheiro tomar banho bocejando algumas vezes. A porta está quase fechada por completo, mas não a ponto de deixar escapar um pequeno feixe de luz. Com certeza alguns dos meninos usou a noite e esqueceu de apagar, seguro a maçaneta e puxo em um rompante deparando-me com uma cena chocante.

— Ai, meu Deus! Você, não! — Sai com um sussurro, mas um grito desesperador fica preso na minha garganta. Diferente das lágrimas que jorram dos meus olhos, vindas direto do meu coração. Sinto-me como se ele estivesse sendo esmagado dentro do peito.

Max, apenas um menino tímido de olhar triste, está sem camisa, parado em frente ao espelho que fica sobre a pia do banheiro, ainda sem notar

a minha presença enquanto analisa uma a uma as várias cicatrizes que tem pelo corpo magro com a pele extremamente pálida como se não pegasse sol há muito tempo. Tem marcas de todos os tamanhos e formas. Nas costas, então, é onde estão as maiores. A impressão que dá é de que ele foi torturado várias vezes.

Oh, céus! Há quanto tempo essa criança esconde essa covardia que fizeram com ele? Quem será esse maldito? Eu já o odeio com todas as minhas forças.

Mil vezes maldito!

— Quem fez isso com você, Max?

Solto o grito que estava preso em minha garganta, e o menino gira o pescoço bruscamente em minha direção com os olhos marejados.

— Isso não foi culpa minha, Yudi. Meu padrasto dizia que me amava muito e que se eu não fizesse o que ele iria matar minha mãe. — Sua voz é entrecortada devido o choro que engole para não demonstrar fraqueza, enquanto eu estou me desmanchando toda em lágrimas cobrindo o rosto com as mãos sem coragem de encará-lo enquanto relata seu triste passado. — Então, mamãe ficou doente de repente, e poucos meses morreu. Logo depois, fugi de casa e fui morar na rua onde encontrei o Luck e desde então só temos um ao outro — revela e um filme passa na minha mente da época em que eu

passei pela mesma situação que Max.

Sobrevivendo em meio os perigos das ruas, com a inocência roubada e o coração partido. Desde que encontrei esse menino sinto que somos unidos por uma força maior, só não imaginava que fosse por compartilhando a mesma dor.

— Mas é claro que a culpa não é sua, querido. Você foi uma vítima nas mãos cruéis do seu padrasto. — Deixo tudo o que tenho em mãos cair, corro até Max e me ponho de joelhos, abraçando-lhe o mais forte que posso.

— Promete que não vai deixar meu padrasto me encontrar? Ele é um homem muito poderoso e rico. Um senador do Rio de Janeiro. Uma vez me disse que se eu fugisse, não importa onde eu me escondesse, sempre me encontraria porque pertenço a ele. Não tenho mais ninguém no mundo para me ajudar. — Sinto seus bracinhos trêmulos apertarem em volta do meu pescoço ainda mais. Até hoje padeço desse mesmo medo de reencontrar meu tio a qualquer momento andando pela rua ou em qualquer outro lugar.

— Eu prometo Max, que nunca mais vou permitir que ninguém te faça mais mal. — Prometo não somente para ele, como para mim mesma. Eu o protegerei com a minha vida se for preciso.

Não sei por quanto tempo ficamos ali sentados no chão do banheiro abraçados na mesma posição chorando baixinho, existem certos tipos de

dores que só entende de verdade aqueles que passou na mesma estrada que a sua. O resto apenas julgam por alto, afinal, só conhecem a história, não a vivenciaram na pele.

— Gente, mas que reunião é essa aqui no banheiro? — Edmilson aparece na porta com seu pijama, uma imitação do macacão do Homem-Aranha, esfregando os olhos mais dormindo do que acordado. — E por que eu não fui convocado para participar? Eu sou o macho alfa dessa matilha de lobos gente, me respeite, por favor. — Meu irmão caçula faz piada, mas sua expressão não é de graça nenhuma, sua atenção está em Max encolhido dentro dos meus braços tentando esconder ao máximo as cicatrizes no seu corpo.

— Então, Edmilson, eu estava falando com o Max que de agora em diante ele e o seu cão, Lucky, ficarão conosco para sempre. E que vamos protegê-lo que qualquer um que quiser fazer mal a ele, porque se mexer com um dos três da nossa matilha, mexeu com todos! — afirmo, não fazendo a mínima ideia de como vou conseguir cumprir minha promessa de não o abandonar nunca de forma legal perante a lei.

— Quatro Yudi, você esqueceu de contar o Luck. — lembra Max, inocentemente.

— Tu tá de *caô* comigo, Didi? Pra mim, esse moleque e aquele cão

fedido fazem parte da nossa matilha desde que ele chegou nessa casa. Seja quem te machucou um dia, vai ter que passar por cima do Edmilson aqui. — Ele começa a dar golpes de karatê para todo lado, acaba metendo o pé na prateleira e derruba todos os produtos sobre ela, escorregando em uma pasta de dente propositalmente, fazendo uma sujeira com a única intenção de fazer Max rir.

E dá certo, meu irmão sempre foi bom em arrancar sorrisos das pessoas. Max gargalha ao ver a cara do Edmilson cheia de pasta, até eu acabo rindo.

— Ah, vocês estão achando graça, é? — Dimy enche a mão de creme dental e joga em meu rosto pegando até do cabelo. Max ri mais ainda, eu sujo ele também começando assim uma guerra de creme branco por todo banheiro regado de muitas gargalhadas.

Assim que os meninos vão se limpar no quarto, eu só espero eles estarem em uma distância segura para fechar a porta do banheiro e me enfiar debaixo do chuveiro para que a água abafe o barulho do meu choro. Fingi ser forte na frente do Max para lhe passar força, mas estou abalada demais ao descobrir o que essa pobre criança passou na mão do padrasto e tantas outras por aí que vivem o mesmo inferno.

Não sei quais serão a consequência, mas cumprirei minha promessa

de manter esse menino seguro não importa os problemas que isso trará para minha vida. Preciso agir cautelosamente, afinal, como Max mesmo disse, seu padrasto é um homem muito poderoso. Com a morte da mãe e sem nenhum parente mais próximo para pedir sua guarda, o pobre menino voltará para as mãos desse monstro legalmente antes de eu provar que esse filho da puta não passa de um pedófilo de merda.

Determinada, termino meu banho rápido e saio do banheiro enrolada na toalha praticamente correndo em direção ao meu quarto, pego meu celular sobre a penteadeira e mando uma mensagem para o promotor Pedro Alcântara, sinto que pelo fato do irmão mais velho dele, Romeu Alcântara, ter um abrigo para pessoas com situações parecidas com a de Max posso confiar nele para ter orientações de quais passos seguir daqui para frente.

Pedro imediatamente responde minha dizendo que podemos almoçar juntos hoje para conversarmos com mais calma, obviamente aceito seu convite com o coração repleto de esperança que ele me mostre alguma luz no fim do túnel.

Me arrumo correndo para o trabalho, pego minha bolsa sobre a penteadeira e saio voando para o fórum, não posso chegar atrasada para a reunião que terá em menos de quarentas minutos. Antes de sair de casa, passo na cozinha para me despedir dos meninos tomando o café da manhã na

cozinha, aproveito e pego uma maçã para ir comendo pelo caminho.

E mesmo assim, não consigo chegar no trabalho na hora certa.

— Está atrasada cinco minutos, mocinha. —Adverte Juiz Flores, na entrada do fórum também acabou de chegar. — Mas eu também estou atrasado filha, então vamos correr para não começarem a reunião sem nós. — Sussurra rindo, caminhamos juntos a lado a lado em passos largos até a sala de reuniões.

Juiz Flores bate na porta abrindo-a para em seguida, cavalheiramente, dá espaço para que eu entre primeiro, detenho um passo ao dar de cara com Thompson na minha frente. Seu terno é preto grafite, a gravata de um azul jacinto exatamente da cor dos seus olhos fabulosos, e a camisa surrealmente branca.

Nossos corpos se chocam e se não fosse suas mãos me apanharem pela cintura minha queda seria digna de Oscar. Minhas mãos abertas estão sobre seu peito bem em cima do coração que bate acelerado, assim como o meu. Mesmo sobre o tecido da sua camisa sinto a temperatura do seu corpo musculoso pegando fogo, caralho! Ele está excitado.

— Bom dia, Indiazinha. —Ele sussurra a última palavra de um jeito que só eu escuto, amo quando ele me chama assim.

Ergo o olhar e perco totalmente o fôlego ao deparar-me com seu rosto

de traços privilegiados, John mantém a postura de homem da lei impetuoso, mas sinto suas feições suavizarem discretamente com o sol nascendo por trás de várias nuvens numa manhã chuvosa. Que apesar da maior parte coberto, não diminui em nada a beleza dos poucos raios visíveis.

— Bom dia, Ursão — sussurro de volta e ele sorri dessa vez, como se estivéssemos só eu e ele ali.

E não pelo menos a metade das pessoas mais importantes que trabalham nesse fórum, entre elas, meu chefe bem atrás de mim presenciando essa cena íntima.

— Que bom que o Juiz Flores chegou, yo acho que agora podemos dar início a *reunión*. — Gonzáles tira o foco do nosso deslize com um pigarro alto, dando um aviso para nós de que devemos nos conter, deixando a demonstração de afeto para outro momento.

Fico roxa de vergonha, cambaleando sobre os saltos de cabeça baixa até a cadeira do lado, onde tem uma plaquinha com o nome do Juiz Flores. Pego meu caderno de notas e caneta para anotar as pautas mais importantes da reunião, mas minhas mãos estão trêmulas demais para escrever qualquer coisa que seja. Merda!

John solenemente, convidou alguns dos deputados e vereadores mais importantes no Rio de Janeiro para um reunião informal na tentativa de fazer

um apelo para os chefes de estado na intenção de tocar no coração deles para que seja revisto a lei que pune os policias sobre a falta de tato no momento de efetuar uma prisão, julgando mais a aparência do meliante do que os fatos em si para tal ato. O famoso abuso de poder, onde a corda arrebenta sempre para o lado mais fraco

— E a Vossa Excelência sugere que façamos o que em relação a isso? Fiquemos de braços cruzados toda vez que virmos um meliante com cara de suspeito, simplesmente deixaremos o *neguinho* ir embora e pronto. — Questiona o chefe da Polícia Militar do Rio de Janeiro, em um tom tão arrogante quanto a sua postura de dono da razão.

John Fez questão de convidar nomes importantes na Policia Militar também, afinal eles são o principal foco nessa história.

Sério mesmo que ele disse, *Neguinho*?

— A forma como o senhor acabou de usar a palavra “neguinho” para se referir a um ser humano de forma tão natural, não fazendo ideia do tamanho preconceito atrás dela é o motivo dessa reunião hoje. —Ponto para o meu Ursão, fez o babaca do Chefe da Polícia, Braga, metido a besta ficar de boca fechada e a maior parte da face em um tom avermelhado.

Deve ser aquele tipo de profissional que não aceita que apontem seus erros se achando o dono da porra toda, e só porque carrega uma arma na

cintura tem o direito de prender quem quiser, o resto que se foda. Percebo que bufa de raiva fitando Juiz Thompson, uma pessoa quando não tem princípios se sente ameaçada diante de alguém que esbanja profissionalismo e competência em cada palavra proferida.

— Na minha *opini3n*, pior do que um bandido à solta é um inocente preso sem nenhuma prova consistente, apenas porque tinha a aparência “suspeita” —Gonzáles expõe sua opinião e todos concordam, atentos no que o espanhol diz. — Acredito que o problema *no* está no treinamento desses policiais ao abordar o suspeito, mas sim no seu caráter. Você pode treinar um *hombre* para ser bom em qualquer área, mas o caráter é algo que você tem ou *no* tem. Simples assim — completa.

Um dos vereadores presentes toma a palavra, falando lindamente sobre valores e as diferenças culturais do Brasil.

— Um policial com ética e bom senso, jamais prenderia alguém sem um motivo consistente. Contudo, muita das vezes, mesmo o Brasil sendo uma país com a maior parte da população composta por negra e pardos, basta o sujeito ter a pele escura ou ser apenas humilde estando no lugar errado e hora errada para ser declarado culpado. —É franco, dizendo de forma sutil que não há muito o que fazer quando a pessoa é um filho da puta.

Depois dele, outras pessoas continuaram o debate sobre o assunto.

— O racismo está realmente enraizado pelo mundo desde a época da escravidão, apesar de ter melhorando muito com o passar dos anos, infelizmente ainda e muito forte. Basta ligar a televisão para ver isso, nas novelas não tem lugar para o negro como papel principal e na maioria das vezes é apenas como escravo nas gravações de época ou filho do empregado. É raríssimo, quando fazem um personagem bem-sucedido. — Comenta uma mulher loira, não sei qual o seu cargo, mas para estar presente nessa reunião deve ser importante.

—Eu nasci e cresci em um bairro pobre, estudei em escola pública e me formei em direito através de uma bolsa. Lembro que quando era jovem meu pai me disse que para um negro vencer na vida ele tem que se esforçar dez vez mais que um branco para chegar ao topo, apenas pelo simples fato da cor da sua pele. —Todos ficam em total silêncio para ouvir um senhor negro mais de idade dando seu depoimento, sua postura sentada de pernas cruzadas e mãos entrelaçando os dedos uns nos outros passa firmeza e sabedoria. — Lutei arduamente para me formar Juiz, depois de anos atuando no Rio de Janeiro me aposentei entrando para política sendo eleito deputado. Mas não foi um caminho meus caros, é até hoje mesmo provando com competência para merecer estar onde cheguei muitos ainda me olham torto no ambiente de trabalho. Aquele tipo de olhar racista, que só percebe quem é negro. —O Deputado lança o olhar na direção do chefe da Policia Militar jogando a

carapuça, que ria debochadamente do depoimento dele.

Tem gente que não adiantar argumentar, é a mesma coisa que dar murro em ponta de faca, no final alguém sempre sai morto, ou machucado.

— Então Deputado Gonçalves, agora meus policiais são racistas e preconceituosos? Isso é ridículo! Quero que provem essas acusações, depois voltamos a conversar. Tratamos os negrinhos, brancos, seja rico ou pobre do mesmo jeito. Mas não temos culpas, se os negros têm mais tendência a ser bandidos do que os brancos. —O tal Chefe da Polícia entojado diz com um tom de deboche que meu sangue chega a ferver de raiva, toda vez que abre a boca só sai uma merda atrás da outra.

Não vou me manifestar.

Não vou.

— Ah, os policiais tratam os negros e pobres do mesmo jeito que brancos e ricos?

Pronto falei!

O tom venenoso da minha voz deixa claro que estou afim de briga. Quando me dou conta, dozes pares de olhos presentes estão sobre mim. Inclusive Juiz Thompson, sustento o olhar de um por um e continuo com o mesmo tom venenoso de antes.

— Peço gentilmente que pegue o seu celular, sr. Braga. —Cruzo os braços e lhe ofereço meu sorriso mais falso. O homem de poucos mais de quarenta anos com boa parte do cabelo grisalho arqueia a sobrancelha como quem pergunta:

“Está falando sério mocinha?”

E eu semicerro os olhos como se respondesse:

“Pega essa porra agora ou não respondo por mim.”

— Um pedido de uma moça tão bonita assim, a gente não pode negar. —Ele tem um sorrisinho debochado no rosto, o babaca acredita que não sei o que estou fazendo.

John o fuzila com os olhos, torcendo o rosto de um jeito que pensei que iria quebrar o pescoço do homem a qualquer momento. Sua mão sobre a mesa está com o punho trincado com tanta força que estão pálidos. Gonzáles cochicha alguma coisa no ouvido do amigo que faz meu anjo voltar a atenção para mim com o esforço de um sorriso passando-me força.

— Agora que está com o celular em mãos Senhor, peço que abra o google e digite o seguinte “Índice de pessoas negras mortas por policiais no Brasil”. — Um sorriso maléfico rasga meus lábios quando vejo sua expressão de deboche murchando como um balão de ar, se dependesse dele não faria o que eu pedi, mas todos estavam o encarando agora não tem para onde fugir

seu filho da puta.

O homem digita vagarosamente engolindo seco, então continuo com o meu plano. Deputado Gonçalves acena para mim discretamente, já sabe onde quero chegar.

Mais confiante agora, peço:

— Agora, Sr. Gonçalves, abra o primeiro link abaixo e leia o primeiro parágrafo do site. — Assim ele faz.

“Número de negros mortos por policiais é o triplo de brancos. No ano passado, policiais mataram 963 mortes de brancos contra 3.240 mortes de negros, por policiais de folga. Outras 1.642 mortes foram registradas como “não identificado” e mais 51 como “outros”, totalizando 5.896 mortes causadas pela polícia. A maioria não tem explicação consiste do porque o meliante foi morto, e mesmo assim os policiais não chegaram sequer ir a julgamento para esclarecer os fatos.”

— Como meu avô costumava dizer, não tem como lutar contra os números. — Juiz Flores, olha para mim orgulhoso.

— Eu voto em trabalharmos em uma lei nova severa para punir policiais que abusam do seu poder, a lei que vale para o branco é válida também para os negros e pobres. O policial que agir fora disso, terá que sofrer amargamente as consequências dos seus atos, assim como seu superior

caso encubra o crime. —Se adianta, deputado Gonçalves.

John sorri para mim dessa vez amplamente e de um jeito apaixonante. Gonzáles sentado ao seu lado logo percebe nossa troca de olhares e balança a cabeça rindo, que vergonha! Está na cara que nós dois transamos, e muito, diga-se de passagem.

— Concordo plenamente com tudo o que foi dito, acredito que todos aqui presentes também. —John encara Braga de um jeito assustador, e ameaça assim, a queima roupa. — A propósito, eu juntamente com o apoio do meu assessor Gonzáles e o respeitado Delegado da Polícia Civil Ricardo Avilar estamos dando suporte em um caso de prisão feita de maneira totalmente errada por homens comandados pelo senhor no dia, sobre o assalto no banco Central lembra? Assim que provarmos, todos os envolvidos serão devidamente punidos. —Confesso que estou com pena do cara, ele assente e anuncia que vai no banheiro com uma expressão óbvia que não vai voltar.

A reunião transcorreu normalmente, até com o ar mais leve todos comovidos no assunto. Discutindo quais seriam os artigos mais importantes que iriam fazer parte dessa nova lei e quais serão os próximos passos para conseguir colocá-la em vigor o quanto antes.

De repente meu celular apita sobre a mesa, discretamente vejo o que é, assim que abro a tela, deparo-me com uma mensagem de Thompson:

“Estou orgulhoso, colocou aquele idiota no lugar dele. Essa é a minha garota! Só não gosto dessa sua saia, não está um pouco curta? Não quero que venha mais com ela.”

Sorrio feito uma idiota lendo sua mensagem, depois de conseguir recuperar o fôlego respondo sua mensagem:

“E qual será o meu prêmio, Meritíssimo? Ps: Quanto a saia é a minha preferida, ainda vai me ver muito com ela.”

Imediatamente o homem envia outra mensagem.

“Você manda Indiazinha, eu sei fazer papai e mamãe lento e bem gostoso. Mas eu posso te foder com força também, enquanto geme meu nome pedindo por mais. Então querida, como quer que eu te coma hoje? Ps: Se depender de mim não vai usa esse pedaço de pano nunca mais.”

Meu queixo cai literalmente! Estou molhada e excitada com sua proposta indecente. Ele fez de propósito. Olho para Juiz Thompson tomada por um rubor que me toma toda a face, o cínico mantém total controle enquanto conversa seriamente com dois homens mantendo a pose. Sério e calculista em seus atos.

Como consegue ser tão sacana, e profissional ao mesmo tempo?

Rá! Se ele consegue, eu também consigo.

“Nós podemos começar a noite com romantismo fazendo amor devagarinho e terminar com safadeza. Mas quem vai te foder sou eu querido, montando em você cada vez mais rápido enquanto geme meu nome enchendo-me com sua porra. Depois eu vou te chupar bem gostoso, até te fazer gozar novamente.”

Envio com um sorriso vingativo, e o homem que levava o copo de água a boca quando abre a mensagem engasga quando termina de ler. Gira a cabeça em minha direção com o rosto todo vermelho e os olhos com labaredas de puro tesão.

— Bem, eu agradeço a atenção de todos, mas acho que já temos o suficiente para o que precisamos. — John se põe de pé, finalizando a reunião bem antes do previsto. — Obrigado a todos pela presença, espero que os senhores deputados me mantenham informado de tudo. — Finaliza, e aos poucos os convidados foram se despedindo e saindo.

Eu fiz o mesmo, mas quando estou quase chegando na porta sou segurada pelo braço.

— Você fica, senhorita Jackson. — A voz grossa de Thompson invade meus ouvidos, e eu me derreto toda. Contudo, Juiz Flores olha para trás sem entender nada. — Será que pode me emprestar sua assessora por alguns minutos? Pela sua brilhante atuação hoje durante a reunião, quero que

analise um documento importante para mim e dê sua opinião. Gonzáles está muito ocupado hoje com outros assuntos, não pode me ajudar com isso. — John age logo, mentindo na cara dura.

— Nossa quanta gentileza de *tu* parte me poupar de mais um trabalho, *hermano*. *Yo* realmente estou cheio de trabalho, no poderia te ajudar com isso agora — ironiza o espanhol acabando de ajeitar alguns papéis sobre a mesa, confirmando a mentira deslavada do amigo puxando um sorriso maroto de canto.

— Eu empresto minha assessora só se prometer cuidar bem dela nas próximas horas, podem trabalhar nessa lei com calma. Agora vou ler alguns depoimentos de um caso daqueles bem cabeludo, mal posso esperar. — Juiz Flores revira os olhos, e eu solto um sorriso tímido.

— Pode deixar que eu vou cuidar da sua assessora direitinho, Juiz Flores. — Assim que meu chefe assente e vai embora, a mão de John desliza pelas minhas costas, a seguro antes que chegue na minha bunda, afinal, Gonzáles ainda está sala.

— *Yo* tenho certeza que vai cuidar direitinho da *muchacha*, *hijo de una* puta! — Despedindo-se desse jeitinho carinhoso com o amigo, o espanhol boca suja vai embora gargalhando.

— Não vai me mostrar documento nenhum, não é mesmo? — ele

responde minha pergunta não com palavras, mas sim com ações.

John me pega pelo braço e arrasta até o gabinete dele que fica no mesmo corredor que a sala de reuniões, joga lá dentro e tranca a porta acionando um botãozinho debaixo da mesa que fecha todas as persianas nos dando total privacidade.

— Eu preciso de foder aqui e agora do meu jeito, a noite é por sua conta. — O homem parece uma fera enjaulada, pronta para me atacar.

John me cata pela cintura com um braço e usa o outro para derrubar todos os objetos sobre sua mesa no chão. Coloca-me debruçada de forma que meu rosto toque a tábua de madeira. Aproveita minha posição privilegiada para ele e ergue minha saia e afasta de ladinho a calcinha fio dental de lado, então ouço o som do fecho da sua calça abrindo e fico ainda mais molhada de desejo. Hoje a ansiedade é tanta que não tem tempo nem para preliminares.

— Porra, Yudiana, você me faz ir contra todos os meus princípios éticos em relação ao ambiente de trabalho — rosna parecendo furioso, e entra em mim com uma estocada violenta, indo até o talo.

— Nossa Meritíssimo, assim. — Solto um gemido, e ele dá um tapa na minha bunda metendo várias vezes tão rápido que nem consigo contar. Uma mão prende meu cabelo em um rabo de cavalo, e a outra crava minha cintura com vontade.

— Shh... Quietinha, Indiazinha, ou seremos descobertos — pede com a voz rouca, estocando em mim violentamente, a ponto de fazer a mesa tremer. Usando ambas as mãos, John comandam o ritmo.

Ele me abraça por trás erguendo meu corpo colando ao seu, mas sem parar com as investidas, curvando-me em um ângulo que seu pau entre numa profundidade absurda. Perco o fôlego. Esse homem parece possuído por uma fera, a impressão que tenho é que vai me partir ao meio a qualquer momento, suas mãos agora estão enfiadas debaixo da minha blusa esmagando meus seios rígidos sensíveis ao toque.

— John... —Chamo pelo seu nome sentindo meu corpo trêmulo, sinto que estou prestes a gozar totalmente dominada por esse homem feroz.

Ele tira uma das mãos do meu seio e desliza até chegar ao meu clitóris onde o estimula com o polegar em movimentos circulatorios, enquanto mantém o ritmo das investidas precisas dentro de mim. O meu orgasmo chega de forma violenta, fecho os olhos sentindo uma onda de calor me invadir lançando espasmos, uma sensação de êxtase por todo meu corpo.

— Agora é a minha vez. —Ele anuncia.

Sinto que está cada vez mais duro e grosso. Me vira de frente para ele erguendo meu corpo colocando-me sentada sobre a mesa na mesma posição do dia que quase tivemos nossa primeira vez aqui em seu gabinete, e volta a

me penetrar novamente com mais avidez.

— Não faz ideia de quantas vezes me imaginei te comendo sobre essa mesa, bem gostoso. — Sorri para ele beijando seus lábios, meus braços envolvem seu pescoço em busca de equilíbrio. — Porra você é tão apertada, está me esmagando. — Fala entre os dentes batendo seu quadril contra o meu fervorosamente, me amando de um jeito voraz.

Sua pele está corada e a respiração agitada, corpo contraído e suado. Ele chegou ao clímax. Não podendo urrar como queria por conta do local onde estamos, ele me envolve em um dos seus abraços de urso escondendo o rosto na curva do meu pescoço enquanto me preenche com o seu gozo.

— Temos que repetir isso mais vezes, Meritíssimo. — Brinco com a voz abafada, e ele sorri mordendo meu pescoço.

— Que tal repetir a dose no horário de almoço? Eu posso pedir comida indiana, sei que você adora. — Praticamente pulo da mesa e começo a andar em círculos pela sala, preciso contar para ele que vou almoçar com Pedro hoje.

Eu odeio mentira, já basta esconder a verdade sobre Max. Quanto menos pessoas souberem, melhor, se alguma coisa der errado não quero que ninguém seja acusado de ser meu cúmplice em estar abrigando um menor ilegalmente.

Só um segundo, quando dia a ele que minha comida favorita é a indiana? Mas isso não tem importância agora.

— Bem, eu não posso almoçar com você hoje. —O homem fecha a cara na hora cruzando os braços.

Bastou fechar as calças e passar a mão no cabelo que ninguém perceberia que acabou de transar loucamente. Enquanto eu estou toda descabelada e desalinhada, parecendo que o trio elétrico da Ivete Sangalo passou em cima de mim pelo menos duas vezes.

— E eu posso saber porque a *minha mulher*, não pode passar seu horário de almoço comigo? E não me venha com a desculpa de que as pessoas desconfiariam do nosso relacionamento, por mim, se isso te deixa mais tranquila podemos almoçar todos os dias em um restaurante diferente pela cidade. Desde que estejamos juntos, o local é apenas um detalhe. — Vem em minha direção, e eu mesmo com vontade de pular em cima dele novamente estico o braço com a mão aberta impedindo que se aproxime mais.

Conheço esse seu olhar, seu plano profano é me persuadir com mais uma rodada de sexo.

— Eu vou amar almoçar com você todos os próximos dias da minha vida, mas hoje realmente não posso porque combinei com o promotor Pedro,

de almoçarmos juntos. —Jogo a bomba, me arrependendo logo em seguida.

A reação de John é a pior possível, gira o corpo oferecendo-me as costas como se estivesse com ódio demais para olhar para mim. Respirando de um jeito tão pesado que me assusta, a impressão que passa é que ele correu uma maratona inteira debaixo de um sol escaldante, sabia que não gostava do Pedro, mas agir assim já é exagero.

— Está mesmo me dispensando por causa de outro homem, Yudiana Jackson? —Sua voz endurece e meu coração dispara. Ele sabe que odeio quando me chamam pelo meu nome completo, e mesmo assim o faz para deixar claro que está muito puto comigo. — Como tem coragem de me dizer isso depois do momento íntimo que tivemos? Você sabe que aquele filho da puta louco está para te comer, e mesmo assim aceitou o convite dele para almoçarem juntos. —Apesar de não elevar a voz, o rancor na sua voz é tão doloroso como se tivesse gritado.

— Na verdade, quem convidou Pedro para almoçar fui eu. Estou trabalhando em um caso particular, onde ele conhece bem a área e pode me ajudar. — Sou o mais sincera que posso, usando uma falsa firmeza na voz, mas por dentro estou tremendo de medo. Esse lado de John me assusta profundamente.

Principalmente quando ele vai girando o corpo aos poucos quase que

em câmera lenta ficando frente a frente comigo me encarando com tanto desprezo que chega a ser cruel. Cuidadosamente, observo o homem mais incrível que conheço totalmente dominado pelo ciúmes. Os punhos fechados fortemente, e os olhos avermelhados debaixo de uma testa enrugada tomada por algumas veias grossas latejantes. Os dentes estão trincados e o maxilar rígido.

Tento encontrar alguma energia positiva vindo dele, mas o que sinto nesse momento é apenas dor e uma devastação sem fim.

— Você não vai na porra desse almoço com esse cara mais nem fodendo, entendeu bem? — John vem andando a passos firmes na minha direção como se fosse agarrar meu pescoço, mas em vez disso para na minha frente aproximando o rosto a milímetros do meu. — Eu te proíbo de estar com outro homem que não seja eu, você é só minha. Minha! — Repete em um tom pra lá de ameaçador.

Em vez de me intimidar, solto uma gargalhada maquiavélica.

— Em primeiro lugar, você me proíbe de que se não estou lhe pedindo permissão para nada, Juiz Thompson? Estou apenas avisando que vou almoçar com um amigo que vai me ajudar em um caso. Se ele quer me comer ou não, eu não sei. Mas, se eu vou dar para ele, é outra história bem diferente. — Levo as mãos na cintura, pelo visto hoje é o dia de colocar os

homens que se acham o dono do mundo no seu lugar. — Eu que descido o que faço, onde e com quem irá me acompanhar. Acho bom se acostumar com isso, ou o nosso relacionamento termina por aqui e essa transa fica sendo de despedida. —Sou direta, dando meu recado de um jeito curto e um pouco grosseiro talvez.

Antes de ir de ir embora, dou uma última olhada em sua expressão a mais inconformada possível. Se pensa que vai me dominar está muito enganado. Se tentar me prender ou me controlar, verá a aparição do capeta em pessoa na sua frente.



Capítulo 23

Yudiana

— Tem certeza que você está realmente bem, Yudiana? — questiona Pedro pela milésima vez durante apenas o intervalo de trinta minutos que se passou desde que cheguei no restaurante “*Minha menina*”, local combinado para o nosso almoço.

Na verdade, nós dois mal tocamos no prato de macarrão com queijo que pedimos. E olha que está com uma cara ótima, já comi nesse lugar outras vezes e sempre saio satisfeita. Fora a decoração do restaurante que é uma graça, nada de exageros, o que faz do ambiente mais confortável. Aconchegante. Já até virei amiga da dona. Além de uma mulher muito doce e inteligente, é uma ótima mãe. Seu filho de dez anos, o pequeno Eliote, é um amorzinho de criança.

Em uma breve conversa outro dia ela me contou sua triste história sobre ter crescido em um orfanato e da gravidez precoce aos dezesseis anos de um rapaz americano que, em sua passagem pelo Rio de Janeiro com a família, lhe prometeu amor eterno, mas assim que conseguiu o que queria voltou para o Estados Unidos e não deu mais notícia desde então.

Para não ter que entregar o filho para um casal rico que queria a criança através da doação, Alaba fugiu do orfanato de freiras onde foi criada. Teve que lutar para criar o filho sozinha apenas com a ajuda do seu melhor amigo, que também cresceu no orfanato, mas saiu antes dela ao completar maior idade. Com muita garra, consegui pagar a faculdade de gastronomia vendendo quentinha de porta em porta e hoje é dona desse estabelecimento maravilhoso.

— Você não vai comer, Pedro? Nem tocou na comida. —Aponto para o prato dele intocável.

— Depois de ouvir a história triste desse pobre garoto, é impossível não perder o apetite. —Sua voz é arrastada, os olhos estão marejados.

Eu também estou totalmente abalada com a situação de Max, ainda bem que Pedro está disposto a ajudar no que for preciso, apesar de deixar claro sua opinião sobre uma assessora de um juiz tão importante manter uma criança ilegalmente dentro de casa. Ele acha melhor eu entregar o garoto para o conselho tutelar, afinal, ele não pode ficar sem estudar vivendo escondido dentro um apartamento por muito tempo.

Orientou-me também a denunciar o padrasto dele por abuso infantil o mais rápido possível, juntar todas as provas possíveis para condenar o desgraçado a muitos e muitos anos de prisão. Após esse processo todo, vem a

luta para conseguir uma família bacana para cuidar de Max. Ele merece viver num lugar onde será amado e cuidado com carinho, por pessoas boas que o amem.

— Eu também estou totalmente sem apetite, além desse problema complicado de Max, minha vida pessoal está uma bagunça. —Digo cabisbaixa com os ombros caídos, sua mão desliza sobre a mesa e segura a minha com intimidade demais para o meu gosto.

Gosto muito de Pedro, mas o meu coração já é do babaca do Juiz Thompson. Não sei como esse homem consegue se transformar de príncipe encantado em demônio de um segundo para o outro.

— Então, isso quer dizer que seu coração já tem dono? —A decepção em sua expressão facial é notória.

— Você é um cara muito legal Pedro, mas infelizmente você chegou um pouquinho atrasado em minha vida. Se tivesse chegado antes, eu me apaixonaria na hora, tenho certeza! Mas agora, estou muito envolvida com outro homem. —Solto sua mão morrendo de vergonha, nem percebi que ele ainda estava a segurando.

Eu podia omitir que tenho outra pessoa e usar seu interesse por mim para conseguir sua ajuda no caso de Max. Mas eu jamais usaria os sentimentos de alguém para conseguir qualquer tipo de benefício, isso é coisa

de gente hipócrita e desonesta.

Se Pedro quiser me apoiar nessa será sabendo que não há nenhuma possibilidade de ficarmos juntos. Ele é um cara incrível e merece mais que isso, uma pessoa que se entregue a ele por completo.

— E esse alguém é um tal de Juiz Thompson, não é mesmo? — A forma como Pedro diz não parece um palpite.

Ele descansa as costas na cadeira cruzando os braços de rosto torcido. Seu olhar de soslaio, deixa vestígios que sabe mais do que está dizendo.

— Sim é ele mesmo, mas nossa relação ainda está sendo mantida em segredo. — Digo olhando para todos os lados, sentindo aquela estranha sensação de estar sendo observada a cada gesto que faço.

Mas não encontro a presença de ninguém suspeito ao nosso redor, o restaurante nem está muito cheio hoje. Isso de estar sendo vigiada constantemente só pode ser fruto da minha imaginação.

— Pode ficar tranquila, Yudiana, porque o segredo de vocês está bem guardado comigo. Mas pelo jeito faminto que vocês se olham só não enxerga quem não quer ver. — Sorri triste, tenta não demonstrar, mas está magoado. — Depois que cantou aquela música para ele no bar, puta que pariu! Vi que não tinha nenhuma chance contra o senhor todo poderoso metido a galã de Hollywood. — Conclui girando os olhos dentro das órbitas, e eu dou um tapa

no seu braço.

— Você não presta! —Solto uma risada alta e ele me acompanha.

Mas, de repente, Pedro fica sério do nada.

— Só toma cuidado para não colocar muitas expectativas nesse relacionamento, esse cara pode parecer o sonho de qualquer mulher. Mas está mais para pesadelo. —Alerta, e o ar desaparece dos meus pulmões trazendo uma sensação ruim de pânico. — Meu pai disse que conhece a família Thompson desde que John era pequeno, contou que ele sempre foi uma criança “problemática”. Ele e o meu irmão mais velho, Romeu, estudaram no mesmo colégio particular na adolescência. —Respira fundo deslizando as mãos sobre o rosto como se tivesse lembrado de algo muito ruim.

— Por que essa cara tão séria, Pedro? Está me assustando caramba!
—Fico tensa.

— Meu irmão estava presente quando aconteceu aquela tragédia horrível no dia da formatura deles e... —Ele para de falar em um rompante, sabia que está escondendo alguma coisa grave de mim envolvendo John.

— Que tragédia, Pedro? Agora que começou a contar, termina.

— Eu poderia contar tudo e destruir para sempre a relação de vocês agora mesmo, assim teria uma chance de te conquistar. —Pega minha mão novamente, dessa vez com mais carinho e ainda deposita um beijo sobre ela.

— Mas não sou esse tipo de homem, todo mundo merece uma segunda chance de ser feliz. Por isso darei esse voto de confiança ao John, quando ele se sentir à vontade vai te contar tudo sobre seu passado desastroso. —Seu olhar de pena me incomoda, principalmente a preocupação atrás dele.

Sinto um mal-estar, levo as pontas dos dedos sobre a região da têmpora e massajeio de leve sentindo-me completamente tonta. Por que todos sempre tentam me alertar sobre John? Isso me assusta na mesma proporção que me irrita. O que pode ser tão grave que não pode ser revelado às claras? Apenas em enigmas.

Respirando fundo, policio-me antes de voltar o assunto para o foco principal.

— Acho melhor deixar esse assunto quieto, a prioridade desse almoço é outra. Voltando a falar sobre Max, o que acha de eu fazer com ele hoje à noite uma lista de perguntas para arrecadar o máximo informações sobre seu padrasto? Assim será mais fácil investigar sobre a vida desse covarde. —Me recomponho mudando de assunto, mas meu coração ainda pula dentro do peito.

Sorvo um pouco da minha taça de vinho tinto, ainda tentando controlar meu nervosismo.

— Ótima ideia, “doutora” Yudiana, quando chegar em casa converse

com o menino e consiga o máximo de informações que puder. Depois me passe por e-mail, Romeu conhece vários contatos importantes que pode nos ajudar bastante a colocar esse filho da puta atrás das grades. —Seu tom é tão firme e confiante, que abro um sorriso esperançoso.

— Será que posso te pedir para me chamar apenas, de Yudi? Assim fica menos pior, eu odeio meu nome! —Faço uma careta.

É muito chato estar sempre pedindo isso para as pessoas, mas se eu não fizer não consigo me sentir bem na conversa toda vez que alguém fala meu nome completo.

— Claro, Yudi, seu pedido é uma ordem.

— Mais uma vez obrigada por tudo, quando tudo isso acabar te pago uma cerveja. —Brinco e ele ri.

— Nossa! Vocês nem tocaram no prato, não gostaram do macarrão com queijo? Esse prato é o mais famoso aqui no restaurante. —A dona simpática do estabelecimento comenta ao passar pela nossa mesa, com a sua habitual alegria de sempre. — Podem pedir qualquer outro prato do restaurante, que será por conta da casa. —Sorrio ao perceber Pedro, admirando a beleza da bela negra com um cabelo cacheado lindo volumoso na altura do ombro.

Alaba é a típica beleza da mulher brasileira, com corpo violão e

sorriso enorme. Suas roupas são sempre coloridas e alegres, eu a admiro muito por tudo que conquistou sozinha.

— Que isso Alaba, não precisa! Eu e o meu amigo é que ficamos tão entretidos conversando que esquecemos de comer, acredita? —Digo sem graça.

— É tudo mentira dela, moça, ela disse que odeia a comida desse lugar e só veio comer aqui porque não conseguiu reserva em outro restaurante melhor. —Brinca Pedro rindo e falando ao mesmo tempo. Dou um tapa no ombro dele.

Eu adoro esse seu jeito brincalhão, e pelo visto, Alaba também já que está se acabando de rir do que ele disse. Bem que os dois poderiam se conhecer melhor, depois de ser abandonada grávida pelo pai do seu filho merece se apaixonar novamente por alguém que a valorize de verdade e seja uma boa figura paterna para Eliote.

— Cala a boca, Pedro! Para de falar mentira e vamos fazer mais um pedido enquanto a minha querida amiga Alaba esquentar nosso macarrão. Não vamos desperdiçar esse prato lindo de jeito nenhum — respondo. Meu apetite voltou com tudo.

— Vamos de peixe grelhado com salada como acompanhamento, pode ser?

— Pra mim, fechou. Mas precisamos comer rápido. Meu horário de almoço está quase no fim — aviso.

— Então deixa eu correr para esquentar esses pratos, o garçom trará em breve. É sempre um prazer te ver por aqui, Yudi. Quanto a você, Pedro, volte sempre! — Os dois trocam olhares e ela vai embora.

— Acho que você já arrumou outra pretendente, Pedroca! — Cutuco seu braço.

— De mulheres impossível para mim já basta você, minha cara. Em menos de cinco minutos eu já percebi que Alaba teve o coração partido por algum babaca que ela obviamente ainda ama. — Olho para ele, impressionada.

Primeiro descobre meu romance com John apenas em nos observar. Agora, acabou de conhecer Alaba e a descreveu perfeitamente.

— O que você era antes de se tornar promotor, um conselheiro amoroso? — Elevo uma sobrancelha.

— Não, eu não era um conselheiro amoroso, senhorita Yudi! — Serve um pouco do seu suco de laranja, depois desvia o olhar. — Sou apenas um cara sem sorte no amor, com experiência negativa o suficiente em relacionamentos não correspondidos para saber identificar um coração comprometido — explica e suas narinas inflam em uma respiração longa de

puro esgotamento.

— A pessoa certa vai chegar, Pedroca! É só ter paciência. — Arrasto minha cadeira para perto dele, agarro seu braço e apoio a cabeça em seu ombro como forma de apoio.

— Que história é essa de me chamar de “Pedroca”?

— Quer dizer que passamos do grau de amigos para superamigos que tem liberdade para chamar o outro pelo apelido. — Rimos os dois.

Enquanto esperávamos a comida falamos sobre várias coisas. Pedro é um homem incrível, inteligente. Calmo e compreensivo, não tem uma beleza extravagante. Mas com certeza é o tipo de homem que não consegue passar despercebido, seu jeito carinhoso se destaca.

Como estava atrasado para um compromisso, não pode me dar carona de volta para o fórum. Em vez de ligar pedindo um táxi resolvo caminhar até um ponto aqui perto e espairecer um pouco a mente antes de um possível segundo confronto com John ainda hoje quando chegar no trabalho.

Contudo, na metade do caminho começo a olhar para trás a todo momento aumentando o ritmo dos passos. Não é loucura da minha cabeça coisa nenhuma! Tem alguém atrás de mim, eu só não faço ideia do porquê. Saio correndo feito uma maluca no meio da rua, até que tenho uma ideia. Entro na primeira rua estreita que encontro, mas não sigo adiante. Me

escondo atrás de algumas latas de lixo atenta para captar qualquer movimento suspeito.

Não passa nem sessenta segundos e aparece alguém correndo atrás de mim desesperadamente com medo de me perder de vista, mas o perseguidor para próximo de onde estou percebendo que a rua em que entrou não tem fim e que acabou de cair numa armadilha.

— Não acredito que caí num truque antigo desse, porra! O chefe vai me matar. — Soa um rosnado masculino, decepcionado consigo mesmo por ter sido tapeado.

— Quem vai te matar sou eu, James! — Levanto de onde estou e começo a estapeá-lo, ele se enverga todo tentando se proteger dos meus golpes. — Há quanto tempo você vem me seguindo a mando do seu chefe? Não tem vergonha de bancar o cão de guarda dele? — Grito furiosa, penso em pegar um tijolo que tem no chão e dar na cara dele. Mas então lembro que ele só está cumprindo ordens, o verdadeiro culpado por isso tem outro nome.

Juiz Thompson, você me paga!

Sem dizer nada pego minha bolsa no chão que nem percebi quando deixei cair e saio pisando duro sem dizer mais uma palavra com esse ruivo *pau mandado* filho da mãe. Mesmo assim, ele tem o cinismo de continuar me seguindo, só que dessa vez sem precisar se esconder.

— Se está correndo desse jeito para chegar no fórum e brigar com o chefe, Yudi, pode diminuir o passo porque ele pediu a tarde de folga. Não estava se sentindo bem no horário de almoço. —Paro de andar na mesma hora e giro meu corpo dando uma bolsada nele encarando-o com o diabo no corpo.

— Então quer dizer que agora orgulho ferido virou motivo para ir embora mais cedo do trabalho, James? —Berro, e ele dá um passo para trás assustado. — Você vai me levar até o seu chefe agora! E se avisar ele antes que estou indo na casa dele, vai ver o que é uma mulher nervosa de verdade. —Ordeno enfiando meu dedo no seu rosto cheio de sardas, ele assente engolindo em seco afrouxando o nó da gravata.

Um calor do caralho, e esse homem enfiado dentro de um terno preto. Reviro os olhos irritada, hoje estou louca para arrumar briga com alguém.

— Como assim ver uma mulher brava de verdade, Yudi? —James leva a mão no queixo confuso, sinto vontade de rir quando vejo as marcas das minhas unhas no seu pescoço e rosto. — Pensei que você já estivesse nervosa, tem como ficar pior do que isso? Misericórdia! Coitado do chefe. — Olho feio para ele novamente, seu rosto contorce apreensivo.

— O meu carro está estacionado não muito longe daqui, vamos. — James abaixa a cabeça envergonhado, sabe que o que fez, mesmo a mando do

chefe, não é certo.

Durante o caminho aviso para Juiz Flores que vou resolver alguns problemas do fórum na rua, mas que se precisar de mim era só mandar mensagem que volto correndo. Para minha sorte ele disse que teve que sair correndo para resolver um problema pessoal e que não precisaria mais de mim hoje.

— Eu serei demitido por conta disso, o único que tem autorização de entrar na casa do Juiz Thompson, é os seus pais e Gonzáles. —Late o cão de guarda de Thompson parando em frente a um portão enorme.

Através das frestas das grades, consigo ver ao fundo uma casa toda branca gigantesca com a arquitetura diferenciadamente moderna com vista para pontos icônicos do Rio de Janeiro.

James acena para outro segurança do lado de dentro da propriedade e ele autoriza nossa entrada. Quanto mais nos aproximamos da mansão que Thompson vive, mas fico de cara no chão. Essa propriedade deve pegar o quarteirão inteiro, rodeada por um jardim impecavelmente bem cuidado na frente.

— Daqui para frente você segue sozinha, Yudiana. Boa sorte para enfrentar a fera! —James tira o seu da reta fitando-me pelo retrovisor assim que estaciona.

— Devia desejar boa sorte para o filho da puta do seu chefe, James, não pra mim. —Saio do carro batendo a porta com força.

Ando alguns passos até a entrada da frente, olhando agora de perto devo admitir que a estrutura dessa casa é bastante sombria. Bonita e luxuosa, mas fria. Erguendo o olhar, fico igual a uma tapada admirando os declives que determinam a disposição dos andares e ambientes colocados estrategicamente para valorizar ao máximo a vista deslumbrante da Baía da Guanabara, do Corcovado e da Pedra da Gávea.

Ainda para valorizar o entorno, a fachada é composta por amplas portas e janelas envidraçadas da parte externa para dentro da casa, especialmente para a sala de estar de onde é possível contemplar a paisagem por todos os lados.

Essa é a casa dos sonhos de qualquer pessoa. Caralho! De repente, um vento frio passa pela minha nuca causando um calafrio em todo meu corpo.

— Droga! Será que fiz bem em vir até aqui? —Suspiro alto ao abrir a porta deparando-me com uma escuridão pavorosa dentro da casa, um vento gélido vindo lá de dentro que me faz abraçar o próprio corpo em busca de me aquecer um pouco.

Mas, com medo ou sem medo, nunca fui de desistir na metade do caminho. Giro a maçaneta da porta rezando para estar destrancada, e por

sorte, está. Entro no castelo do drácula a passos cautelosos esbarrando em tudo pelo caminho, tato a parede até achar um interruptor e acendo a luz.

— Puta que pariu! — solto, impressionada com tudo ao meu redor. A decoração dos móveis toda em branco, incrivelmente limpos e organizados.

Essa ideia de tons claros não só trouxe um ar contemporâneo, mas também reflete ao máximo a abundância de luz natural quando as enormes janelas que vão do chão ao teto não estão cobertas por persianas como nesse momento. Realmente uma casa magnífica, tipo essas dos filmes.

Procuro John no primeiro andar, passando por uma cozinha fantástica muito bem equipada. Um escritório que mais parece uma biblioteca devido às estantes com uma infinidade de livros, contendo desde temas jurídicos a romances. Até agora esse é o meu cômodo favorito da casa.

Depois de passar por todos os cômodos desse andar, decido procurar Thompson no segundo. Ao chegar no último degrau da escada, percebo que as luzes também estão apagadas. Contudo, um feixe de luz vindo do final do extenso corredor chama minha atenção. Vem de uma porta entreaberta, que termino de abrir lentamente, tentando fazer o mínimo de barulho possível.

Detenho um passo ao deparar-me com meu anjo vingador sentado no chão, derrotado, segurando uma garrafa de uísque quase vazia. O quarto está impregnado por um cheiro de bebida misturado com solidão e uma tristeza

sem fim. Levo a mão sobre a boca tentando engolir o choro, não esperava encontrá-lo nesse estado tão deprimente.

— O que veio fazer aqui, Yudiana? Dizer que não me quer mais por causa do promotor metido a bom moço? — John profere antes mesmo de olhar para mim, como se sentisse a minha presença.

Nesse momento está longe de ser o homem forte e confiante que sempre demonstra ser, totalmente desprovido de qualquer tipo de orgulho ou amor próprio. A cabeça jogada para baixo, camisa social com a metade dos botões abertos, toda desalinhada em seu corpo.

O cabelo se encontra em uma bagunça de fios cobrindo a metade do seu rosto, e mesmo desarrumado assim ele ainda continua extremamente atraente. Pela voz arrastada e a falta de coordenação motora, está completamente embriagado.

— Eu vim aqui perguntar há quanto tempo manda seus seguranças me seguirem, John Thompson? — Sou obrigada a me segurar para não correr até ele e abraçá-lo bem forte. Quando ergue a cabeça para me encarar percebo que seus olhos estão vermelhos e inchados envoltos por fortes linhas de expressões pesadas e bolsas escuras.

Ele andou chorando.

— Ótimo! Agora você tem mais uma desculpa para me deixar.

Descobriu as loucuras que minha obsessão por você pode gerar. — O canto da sua boca se contorce em um sorriso irônico e um músculo em sua mandíbula se contrai. Com a ponta do polegar limpa uma lágrima discreta que desliza pelo próprio rosto.

Não consigo entender esse medo todo dele que eu o deixe, será que não percebeu ainda que estou completamente apaixonada? Até Pedro já notou isso, apenas ele não.

— Eu te fiz uma pergunta, John! Responde logo, porra, antes que eu perca minha paciência com você e vá embora da sua vida de uma vez por todas. Por que seus seguranças estão na minha cola? —Esbravejo levando as mãos na cintura.

Enquanto espero sua resposta, observo o quarto espaçoso e exageradamente organizado para qualquer ser humano normal. Uma cama enorme e confortável próxima a uma entrada que acredito ser do closet, a direita uma escrivaninha com um laptop sobre ela. Balanço a cabeça pensando, só esse cômodo é maior do que meu apartamento inteiro.

— Como acha que você e Júlia foram encontradas no dia do sequestro na Favela da Rocinha? Nunca parou para pensar nisso, não é? —Solta uma risada cínica e hostil, ao tentar levantar do chão cambaleia e bate a cabeça em um móvel próximo a ele.

— Você precisa de um banho frio, está fedendo a álcool a quilômetros de distância. —Tento tocá-lo, mas ele recua num grunhido.

Mesmo assim não desisto e o toco contra sua vontade ajudando-o a se equilibrar, sua testa está com um pequeno corte lateral sangrando levemente. Enquanto o arrasto para a suíte do seu quarto, tento entender porque um homem que só demonstrava desprezo na época do sequestro colocaria seus seguranças para me seguir? Aliás, que a verdade seja dita, se não fosse por isso talvez eu e a minha amiga não estivéssemos vivas hoje.

Apesar de confusa com sua atitude, não posso ser infantil agindo com hipocrisia a ponto de ser mais orgulhosa do que agradecida. John salvou minha vida da minha amiga serei eternamente grata por isso.

Com muita dificuldade consigo colocá-lo escorado no vidro do box de seu banheiro maravilhosamente atraente todo em porcelanato. Com direito a banheira, uma ducha para duas pessoas ou mais, e sauna. A parede tomada por prateleiras e mais prateleiras de produtos de higiene pessoal organizado por cor e ordem alfabética, esse homem tem TOC, só pode! Ninguém é tão metódico assim.

— Será que dá para você sossegar um pouco, homem? —Tento segurar seus braços.

Iniciando uma luta com John, inutilmente tento tirar suas roupas. Ele

é grande demais, forte e principalmente teimoso me pedindo perdão o tempo todo tentando me beijar.

— Por que eu me deixei cair na armadilha do diabo novamente? Eu devia ter resistido ao seu charme, Índia, ter mantido você segura do monstro que habita em mim. — A dor é tão intensa no tom de voz de John, que nem percebo a lágrima deslizando quando ele enxuga carinhosamente usando as costas da sua mão. — A verdade é que você seria mais feliz ficando com o promotor Pedro, do que comigo. — Diz me ferindo ainda mais, e a si mesmo.

Cubro seus lábios com os dedos impedindo que continue falando besteiras, embora costuma-se dizer por aí que a verdade só sai quando sobe o álcool.

— Quer saber? Vai com roupa mesmo. — Empurro ele para dentro do box e ligo o chuveiro no frio, fico com pena de vê-lo deslizando na parede até seu corpo encontrar o chão. Ele treme de frio a ponto de bater o queixo, o cabelo molhado colado na testa e os braços em volta do próprio corpo.

Mudo a temperatura para o morno e entro debaixo da ducha com ele sentando em seu colo, abraçando seu pescoço, roçando nossos lábios. Sinto seus braços envolvendo minha cintura fortemente.

— Você vem aqui para brigar comigo e acaba cuidando de mim. Por que sempre me dá uma segunda chance, mesmo eu não merecendo? —

Encosta a testa na minha, alisando minhas costas ternamente.

— Porque mesmo sendo um babaca, você é o homem da minha vida.

—Declaro esfregando meu nariz no seu fazendo cócegas, ele protagoniza um dos seus sorrisos de canto atraente no estilo “*molha calcinha*”.

Acabo sorrindo e consequentemente ele também, feito uma boba apaixonada. Esse é o homem por quem me apaixonei, de humor sério e charme arrasador. Profissional impecável e humor instável.

Como diria Cecília Meireles:

“John tem fases, como a Lua; fases de ser sozinho, fases de ser só meu.”



Capítulo 24

John

Acordo sentindo uma dorzinha de cabeça chata, mantenho os olhos fechados esperançoso de que essa tontura passe. Faz tempo que não tomo um porre desses. Esse foi o caminho menos perigoso que encontrei para abrandar a raiva que estava sentindo, não lembro de ter ficado em um estado tão descontrolado antes.

Sendo sincero, não lembro nem ao certo o que aconteceu depois do terceiro copo de uísque, muito menos de como vim parar na minha cama de banho tomado e vestido em meu moletom, deitado com dois travesseiros nas minhas costas mantendo o tronco um pouco elevado.

— Espero que esteja com uma ressaca enorme, John Thompson! — Abro os olhos na mesma hora para ter certeza de que não estou sonhando, e lá estava ela de pé em frente à minha cama de braços cruzados usando apenas uma das minhas camisas sociais que mais gosto.

Tão linda e atraente com uma ruga de dona da razão enfeitando sua testa, batendo o pé no chão compulsivamente com aquela cara que diz:

“Você está muito encrencado.”

— Isso não é justo, sabia? —Yudi me olha de cenho franzido sem entender nada, está tão linda com o cabelo preso em uma trança bagunçada com a maior parte dos fios soltos caindo sobre o rosto. — Minha camisa fica mais bonita em você do que em mim, simplesmente irresistível. —Ela tenta manter a expressão fechada de zangada, mas não tem muito sucesso.

Sua boca sexy de lábios grossos com a parte superior em formato de coração, se transforma em um sorriso que me toma por completo.

— Você é um manipulador sexual, sabia? —Ela vem correndo igual a uma criança levada e pula em cima da cama montando em mim, é muito bom saber que apesar dos pesares terminamos o dia assim...

Juntos!

— Me perdoa pelo jeito grosseiro que te tratei ontem, Yudi. Eu fiquei cego de ciúmes e perdi a cabeça, não vou prometer que isso não irá acontecer novamente. Porque me conheço muito bem. Só peço que, por favor, seja paciente comigo. —Yudiana segura meu rosto entre suas mãos obrigando-me a olhar em seus olhos.

Como pode depois da cena que fiz ontem ainda estar em meus braços nesse momento? Com esse olhar doce e um sorriso estonteante motivador que é só dela.

— O chique de ontem eu até perdoo, mas o fato de ter colocado seus cães de guarda atrás de mim ainda precisa ser devidamente esclarecida nos mínimos detalhes. —Tenta não elevar a voz, mas seus lábios levemente trêmulos deixam claro que uma palavra malconduzida da minha parte e os portões do inferno serão abertos.

— Eu fiquei obcecado por você desde o dia que te vi pela primeira vez chegando na delegacia para visitar Júlia, estava passando pela calçada tranquilamente não fazendo a mínima ideia da minha existência, tão pouco que meus olhos famintos avaliavam cada centímetro do seu corpo. —Ajeito-a melhor em meus braços, sua atenção está totalmente em meu rosto atenta a cada expressão minha.

Seu cheiro é fenomenal. Estonteante.

— Eu não imaginava que você havia me visto antes do nosso encontro na delegacia quando Júlia foi presa injustamente. —Comenta surpresa deslizando as pontas dos dedos pelo meu rosto de um jeito muito sensual, preciso ser muito forte para não perder o foco do assunto e dá-lo por encerrado antes mesmo de começar.

— Nunca acreditei em amor à primeira vista, mas mudei completamente de ideia quando em uma das artimanhas do destino, a mulher mais encantadora do mundo cruzou meu caminho com toda sua beleza e o

vocabulário mais sujo que já ouvi. —O som da sua risada toma conta do quarto, como eu gosto de ouvi-la.

— Está me chamando de boca suja? Rá! Vai se foder, Thompson. Você que é todo certinho demais. — Mostra a língua para mim.

— Eu fiz de tudo para te esquecer na época, mas uma força maior martelava na minha mente que precisava saber mais sobre você, os lugares que gosta de ir, as pessoas que fazem parte do seu meio social. Melhores amigos, e principalmente seus ex-namorados. Coloquei meus seguranças na sua cola, porque acima de tudo precisava ter a certeza que estava em segurança ou não eu conseguia ter paz — revelo, envergonhado.

— Por isso que de uns tempos pra cá, onde eu vou sempre tenho a impressão de estar sendo seguida. Ontem fiz uma armadilha e James acabou caindo nela. — Semicerra os olhos, bufando.

— Isso tudo parece loucura, mas eu já te disse que sou muito obsessivo com as pessoas que amo. Mais do que você pode imaginar. — Conto por fim uma parte da minha verdade, rezando para que ela não se assuste muito com a minha loucura.

Permaneço em silêncio ansiando pela sua resposta, preciso de algum indício de que o que temos realmente tem futuro, mesmo com toda sombra escura que nos ronda.

— Obrigada por cuidar de mim mesmo quando eu não era sua, John. Gosto do jeito que, mesmo torto, de me manter segura. Não faz ideia do quanto isso é importante pra mim. —Yudi me abraça, depois me beija por um longo tempo. Chego a respirar mais aliviado, agora mais do que nunca tenho certeza que essa mulher foi feita exclusivamente para mim.

Eu pensei que nunca mais teria a chance de amar novamente. Ser amado. Mas eu aprendi que não importa o que tenha acontecido no passado, com sorte alguém muito especial pode aparecer do nada e mudar a vida da gente por completo. E que a dor que me machuca é a mesma que ensina evitando com que se cometa o mesmo erro duas vezes.

Se paramos para pensar, quantas coisas perdemos na vida por medo de perder.

— Então quer dizer que não vou ter trabalho para te convencer a manter meus seguranças te seguindo? Porque não vou abrir mão disso. Eu adquiri muitos inimigos na minha profissão, e quando descobrirem nosso relacionamento você se tornará o alvo número um deles. —Digo na cara dura, e diaba me estapeia com força no braço.

— Não se preocupe, Juiz Thompson, eu sei me cuidar muito bem sozinha. Como acha que sobrevivi até hoje? —A teimosa joga uma piscadela exibindo um sorriso travesso. Ao perceber que continuo sério, ela puxa os

cantos da minha bochecha, obrigando-me a sorrir sem vontade.

Quando abro minha boca para protestar contra sua teimosia, o celular de Yudiana começa a tocar dentro de sua bolsa sobre o criado mudo ao lado da cama. Ela estica o braço, engatinhando sobre mim, empinando a bunda praticamente na minha cara, fazendo com que a camisa em seu corpo suba, deixando tudo à mostra. Fico de pau duro na hora.

— Você não pode retornar depois, Indiazinha? —Deposito um beijo no seu traseiro gostoso, depois um tapa sobre a mesma região.

A safada geme excitada.

— Não posso! Se tratando do meu irmão pode ser para dizer que colocou fogo na casa, ou no prédio inteiro. —Explica ao atender a ligação.

— Está tudo bem Edmilson?

Ela pergunta tensa, em seguida fica pálida sentando na cama roendo as unhas.

— Como assim o pai apareceu aí em casa sem avisar, criatura? Ele viu Max? Fez muitas perguntas? O que vocês responderam?

Yudiana parece em pânico fazendo várias perguntas ao mesmo tempo para o irmão. Ergo a sobrancelha analisando a situação, sua respiração está pesada e as mãos trêmulas. O meio da testa tomada por rugas de apreensão, mordendo o lábio inferior enquanto escuta o que acredito ser as respostas do

irmão para do seu questionamento.

Eu conheço bem essas feições, vejo sempre durante os julgamentos que participo. E o de culpa!

— Você disse para o pai que eu estava trabalhando e que a mãe de Max deixou ele comigo por uns dias, ótimo!

De repente a mulher pula da cama parecendo estar possuída pelo demônio de tanta raiva.

— O quê? O pai quer que nós vamos almoçar na casa dele no sábado e leve o pobre do Max junto? Mas nem fodendo volto na casa do diabo! Dane-se se é o noivado da nossa irmã. Ela é uma capeta igualzinha ao nosso pai. Quando éramos pequenas, aprontava e falava que a culpa era minha só para ficar rindo me ver apanhando depois, aquela vaca — fala aos berros.

Yudiana está totalmente fora de si, nunca a vi tão nervosa antes.

— Eu não estou nem aí se a mãe quer unir a família novamente agora, malditos sete anos depois de deixar o marido me jogar na rua sem nem ao menos me procurar para saber se estou viva ou morta.

Faz uma pausa e então começa a chorar. Me levanto imediatamente, vou até ela e a pego no susto abraçando-a. Tomo o celular de sua mão, a fim de colocar um ponto final nessa situação de uma vez por todas.

— Avisa para os seus pais que a filha deles vai sim a esse almoço de

noivado no sábado, e solenemente agradece convite. Não esqueça de avisar que ela vai levar o seu futuro marido junto. —Yudiana se afasta e me olha assustada, desligo o telefone e me adianto em explicar minha atitude antes que vire outro motivo para uma briga.

— Você vai voltar na casa do diabo sim, mas dessa vez não vai estar sozinha. Eu estarei ao seu lado para te proteger, segurando sua mão o tempo todo enquanto enfrenta seus demônios do passado. Mostrando para eles a mulher linda, inteligente e confiante, que se tornou. Que não aceita desaforo de ninguém, nem mesmo da sua própria família. —Dito isso, sou agraciado com a imagem de um lindo sorriso se formando por detrás de um rosto tomado por lágrimas.

— Ao seu lado eu tenho coragem de fazer qualquer coisa, John. Nós vamos a esse bendito almoço na casa dos meus pais no sábado, e seja o que Deus quiser!

— Esse final de semana promete, Indiazinha. —Deposito beijos na curva do seu pescoço.

— Promete mesmo! Você não esqueceu que o batizado dos gêmeos da Júlia e do Ricardo será no domingo à tarde, né? —Nego com a cabeça, eu nunca iria esquecer algo tão importante. — Estou feliz de sermos padrinhos do pequeno Joaquim juntos. Prometi para minha amiga que depois da

cerimônia na igreja, sairemos em um encontro a quatro topa? —Indaga ficando na ponta dos pés para brincar com uma mecha do meu cabelo rolando entre os dedos.

— Com você estando ao meu lado, topo qualquer coisa! —Repito o que ela disse anteriormente fazendo-a gargalhar.

— Então, sua missão será embebedar o delegado, e a minha, ajudar minha amiga a tomar coragem para contar a ele que está grávida novamente. —Ela explica qual será minha participação no seu plano infalível, sua expressão é a mais levada possível.

Será que não era mais fácil a amiga dela apenas contar para o marido que está grávida e pronto? Vai entender.

Mulheres!

— Mas os gêmeos mal nasceram e já tem outro Ricardinho a caminho? Nossa, esses dois não brincam em serviço mesmo. —Brinco.

Mas Yudiana não sorri, fica me encarando de um jeito estranho como se lembrasse de algo tão ruim que aconteceu no seu passado e não tem coragem de me contar por vergonha. Estou indo na casa do meu sogro com o intuito de descobrir.

Após conhecer Yudiana, fiz algumas investigações sobre sua família e não descobri nada de muito alarmante. Apenas que pastor Jackson, aos olhos

da sociedade é visto como “homens de Deus”, com uma multidão de fiéis que lambe o chão que ele pisa. Dono de uma fortuna que cresce mais a cada ano, sempre que pode ajuda os pobres e doentes.

Mas é como dizem por aí, quando a fama do Santo é grande demais alguma coisa de muito ruim esconde.

— Desculpa por eu nunca poder te dar filhos, eu disse para você não se preocupar de eu engravidar quando fizemos sexo sem proteção porque não posso ter filhos. Sei que no fundo, todo homem sonha em ser pai um dia. — Yudi diz melancolicamente, desvia o olhar envergonhada como se pensasse que eu vou abandona-la por não poder me dar filhos.

Sendo sincero, para mim isso é um alívio.

Mas não sou rude em dizer claramente, pego-a no colo e levo de volta para cama. O nosso ninho de amor.

— Não se preocupe com isso, Yudiana. Eu não sonho em ter filhos, já te disse uma vez que sou egoísta demais para dividir você com alguém mesmo que seja com um filho. Além do mais, não quero que ele nasça com o mesmo problema que eu. — Solto sem pensar e me arrependo muito por conta disso.

Sinto-a ficar tensa quase que instantaneamente, remexendo dentro do meu abraço visivelmente desconfortável com o que eu disse. Inferno!

Falei mais que devia agora preciso consertar a merda.

— Que problema? — ela questiona, receosa.

— Não querer dividir a mulher da sua vida com outro homem, mesmo sendo o pai dele. Imagina só a briga que seria aqui em casa os dois disputando a sua atenção? Você não daria conta de dois “Thompson’s” ciumentos, pode ter certeza. — Consigo contornar a situação, apesar de a sua expressão ainda ser um pouco desconfiada.

— Já pensou em adoção? É uma opção para pensarmos um dia. Tem tantas crianças que crescem em um lar desestruturado sofrendo abusos físicos e psicológicos, sonhando em ter uma nova família que os ame como devia e os proteja de todo mal do mundo. — Sua pergunta soa mais como indireta do que dúvida, como se estivesse pedindo-me permissão para algo já em andamento ou então uma possibilidade futura.

Seus dedos tateiam toda a extensão do meu peito nu.

— Me faça essa pergunta daqui uns dez anos, por enquanto quero aproveitar só eu e você por um longo tempo. — Yudiana não diz nada, apenas assente pensativa.

Triste demais, até esconde o rosto na curva do meu pescoço e adormece rapidamente com a respiração pesada.

Logo em seguida adormeço também.

De manhã quando acordo ela não está mais ao meu lado, apenas um bilhete escrito com uma caligrafia delicada.

“Ontem entrei no banho com você e minhas roupas ficaram ensopadas, tomei a liberdade de colocar as minhas e as suas para lavar hoje cedo. Peguei um dos seus moletons emprestado, seu cheiro delicioso está nele. Estou pensando se vou ou não te devolver um dia. Rá! Beijos, meu Ursão.”

Sorrio ao terminar de ler, e sigo minha rotina normal de me arrumar para o trabalho. Em menos de uma hora depois já estou no fórum. Não envio nenhuma mensagem para Yudiana durante o período da manhã perguntando como ela está. Preciso controlar essa minha necessidade de conhecer seus passos a todo momento. Para distrair meus pensamentos obsessivos, trabalho no caso do rapaz que garante ter sido preso injustamente, enfim seu julgamento foi marcado para a próxima semana.

Leio outros casos aos quais preciso despachar, só me dou conta que chegou o horário de almoço quando —não faço ideia de como —Yudiana entra na minha sala sem avisar com um monte de sacolas contendo comida indiana. Fico extremamente feliz pelo fato dela ter vindo até mim sem pressão ou insistência da minha parte.

— Eu vim almoçar com você hoje, comprei a comida. Espero que

goste. —Deixa o batalhão de sacolas sobre a mesa, vem até mim e me beija por um longo tempo.

— Só pelo fato de você ter se dado o trabalho de preparar tudo para vir almoçar comigo, já fez com que a culinária indiana se torne a minha preferida também. —Ela faz cara de safada, então sei que vai soltar algo atrevido.

— Você vai gostar mesmo é da sobremesa que vem depois, Ursão. — Morde o lábio toda provocadora, seduzindo-me em uma fração de segundos.

Essa mulher me tem nas suas mãos.



Capítulo 25

John

O sábado do tal almoço chegou mais rápido do que eu esperava, levando cedo e faço uma ligação longa para os meus pais como de costume aos finais de semana. Minha mãe não deixou sua aposentadoria do mundo jurídico tirar sua voz firme e personalidade forte. Como de praxe preocupada com a minha saúde, perguntando pelo menos quatro vezes seguidas se estou tomando o medicamento corretamente. Depois de dizer que me ama, passa o telefone para o meu pai que apesar de também ter sido um dos juízes mais impiedosos da história desse país, em casa era —e ainda é —uma manteiga derretida com a esposa e filho.

Depois de uma conversa longa e divertida com meu velho, prometo ir visitá-los em breve levando uma surpresa comigo. Contudo, não revelo se tratar da mulher mais linda e carinhosa do mundo, ao mesmo tempo com a personalidade do cão. Não sei como meus pais vão receber Yudiana, eles têm motivos de sobra para acreditar que nosso relacionamento será desastroso. Tenho certeza que meu pai vai gostar muito dela logo de cara, mas minha mãe é a desconfiança em pessoa, todo mundo é culpado para ela até que se

prove o contrário.

Tento não pensar nisso por hora. Apresso-me no banho para não chegar atrasado para pegar Yudi, Edmilson e o pequeno Max no apartamento dela. Segundo minha namorada, a mãe do garoto pediu para ficassem com ele por mais um tempo porque a tal turnê do seu namorado roqueiro se estendeu sem data para terminar. Saio do banheiro só com uma toalha amarrada na cintura, vou até o guarda roupa escolhendo camisa azul e calça preta. Ao terminar de me arrumar, pego a chave do carro e pego estrada.

Chegando ao apartamento de Yudi, quando ela abre a porta para me receber perco o fôlego diante de tamanha beleza e charme. Está deslumbrante dentro de um vestido da cor do verão pouco acima do joelho, tão bem moldado às suas curvas que parece fazer parte de sua pele, um detalhe especial de caimento no ombro traz um charme especial a peça. As sandálias prateadas de salto altíssimo, completa o look com chave de ouro.

— Você está maravilhosa, mal posso esperar para tirar esse vestido hoje à noite. — Ainda parado na porta, a puxo pela cintura para beijar seus lábios macios.

— Se comporte, homem! Max está aqui na sala. — Me solta imediatamente limpando os vestígios do seu batom vinho presente em meus lábios, agora assim tão de perto, percebo o quão perfeita está sua maquiagem,

leve e ao mesmo tempo marcante. O cabelo preto comprido extremamente liso está solto partido ao meio do jeito que eu gosto.

Yudiana é linda todos os dias, mas hoje está inacreditavelmente bela. Chega a ser surreal existir um ser tão perfeito assim.

— Oi, sr. Thompson. Que bom revê-lo. — Max vem correndo e agarra minha cintura, permaneço estático sem saber o que fazer, nunca tive jeito com criança. A única que convivo e adoro é a doce Lupita, irmã caçula de Gonzáles, de apenas sete anos.

Mas com ela é diferente. Eu a vi nascer e crescer. Agora esse garoto... Só nos encontramos uma vez, mas ele se comporta como se me conhecesse a vida toda. Me admira, como se visse em mim uma referência paterna. Isso me assusta profundamente, pois se tem uma coisa da qual tenho certeza é que não nasci para ser pai. Não sou como o Delegado Avilar que ama ser pai, já tem três filhos e já colocou outro na barriga da esposa.

— É bom te ver novamente também, Max. —Bagunço seu cabelo, novamente sentindo-me incomodado com as cicatrizes que as pontas dos meus dedos encontram em seu couro cabeludo.

Dessa vez não me calo.

— Você já sofreu algum acidente ou foi agredido por alguém, filho?

— Eu caí de bicicleta e bati a cabeça na calçada quando era pequeno.

Apenas isso. Crianças caem por aí a todo momento e se machucam, não há nada de anormal nisso. —O menino se explica demais para o meu gosto, fica tenso de uma hora para outra se afastando de mim o máximo que pode.

— Deixa-me arrumar a gola da sua camisa, Max. Está toda amassada.
—Yudiana sorri nervosa.

Sento no sofá e observo minha namorada ajoelhar no chão dando um toque feminino na gola da camisa de Max, que coincidentemente é idêntica a minha em uma versão menor. A propósito, ele também usa calça preta social. Traduzindo, se fôssemos pai e filho não teria dado tão certo.

Os dois cochicham algo baixinho.

— E o Edmilson, não vai? —Tento cortar o clima pesado no ar, os olhares cúmplices entre Max e Yudiana estão me deixando impaciente.

— Eu ouvi alguém clamar pelo meu nome? Pois bem, aqui estou. Bom dia, irmãos! A paz do Senhor esteja sempre convosco. —Foi só falar no nome do rapaz e ele se materializa na sala.

Giro o pescoço para encará-lo chocado com o seu diálogo religioso, nem parece o mesmo jovem que chamei a atenção outro dia por estar bebendo com uma gangue de vagabundos.

— Vou aguardar por vocês lá fora, nada mais motivador do que

começar o dia sentindo a brisa fresca de uma manhã abençoada como esta tocar seu rosto. —Conclui com um suspiro e sai com a bíblia debaixo do braço, com uma expressão celestial tomando-lhe a face.

Nada de roupas descoladas como a calça frouxa no corpo como se não conhecesse o significado da palavra cinto, ao contrário, traja um terno cinza com a gravata preta e uma bíblia debaixo do braço. Sua expressão facial é de um anjo celestial capaz de convencer até o cardeal mais antigo da diocese. Sempre soube que esse rapaz não é normal.

— Não sabia que seu irmão tinha um gêmeo. —Comento sincero, essa é a única resposta plausível para isso.

— Ele não tem, durante o almoço vai entender a dupla personagem do meu irmão. — Revirando os olhos ela pega sua bolsa. — Prendeu o Luck na área de serviço como eu pedi, Max? — questiona ao garoto.

— Já sim, senhora. Deixei água e ração para ele — o pequeno responde educadamente. Yudiana pega a mão de Max, e então vamos para o tal almoço de noivado.

Durante o trajeto, Edmilson não para de ler a Bíblia, fazendo isso desde que sentou ao lado de Max no banco de trás do carro. O garoto parece animado com o passeio, olhando a vista pela janela, eufórico como se fizesse um bom tempo que não entra em um carro.

— Mano, alguém já falou que você é a cara do ator que fez aquele filme do Super-Man? Sabe aquele tal de... Henry *não sei das quantas*. — O velho Edmilson volta à ativa do nada. Uma pena! Eu havia gostado bem mais do outro temente a Deus.

Pelo retrovisor vejo que parou de ler a Bíblia e está me encarando fixamente, os olhos esbugalhados quase saindo das órbitas.

— Desculpe, nunca ouvi falar desse cara — respondo sério, tentando manter a atenção na estrada, não faço a mínima ideia do que ele está falando.

— Mas parece muito mano! Não é não, Didi? *Tu* está bem servida, “nega”, até o furinho no queixo quando sorri é idêntico. — Edmilson inclina o corpo para frente entre as duas poltronas e fica me encarando mais de perto, quase joga o carro para fora da estrada quando sou pego no susto devido ao flash da selfie que ele tira comigo, sem meu consentimento, e ainda apoia a cabeça no meu ombro.

— Senta direito e fecha a boca, Edmilson, ou hoje eu revelo para o papai sobre a sua vida dupla. Na frente dele o menino de Deus, e longe, o malandro das quebradas. — Yudi interfere na traquinagem do irmão, e ele murcha na mesma hora antes que eu o jogasse pela janela.

Agora entendo essa atuação toda dele, apenas para dobrar o Pastor Jacson.

— Tudo bem, Didi! Eu já entendi o recado, eu vou me comportar. Mas eu posso postar no Instagram a minha foto com o sócia do Clark Kent antes? —A resposta da Yudiana é um beliscão da pena do irmão, Max solta uma gargalhada alta que inunda o carro, ele adora as piadas que Edmilson faz.

Acaba que Yudiana acaba rindo também.

Até mesmo o próprio Edmilson.

E por fim, eu.

No entanto, o clima divertido no carro evapora completamente quando chegamos em um dos bairros mais nobres do Rio de Janeiro, endereço que Yudiana me passou da casa dos pais. Sinto-a estremecer ao passarmos em frente a uma igreja grande, a estrutura imitando um templo sagrado das antigas escrituras bíblicas.

Algumas quadras mais a frente, fitando minha namorada de soslaio percebo seus olhos enchendo de lágrimas ao avistar uma mansão com a fachada pintada de um cinza opaco. Então eu soube na hora que foi ali que ela cresceu. Que no estado assustada em que se encontra agora, passou por momentos muitos ruins.

Assim que estaciono o carro, os meninos saem voando do veículo e já

entram correndo para dentro da casa feito boi quando abre a porteira. Percebendo que meu amor está cada vez mais nervosa, resolvo permanecer dentro do veículo até que ela se sinta segura para tomar a iniciativa de sair.

— Esse lugar não me traz boas lembranças, sinto-me como se estivesse sendo arrastada para um pesadelo da qual me libertei há anos. — Seu tom é profundo, doloroso. Mantém a cabeça baixa contorcendo as mãos sem parar, sempre faz isso quando se sente acuada, toda tremula e ofegante como se estivesse ficando aos poucos sem ar.

Deslizo a mão sobre seu colo entrelaçando nossas mãos, para que perceba que não precisa mais carregar esse peso todo do seu passado sozinha.

— Não sei o que aconteceu aqui com você de tão ruim para de deixar nesse estado meu amor, mas já passou. —Levo a mão até as costas dela alisando com movimentos circulares bem leves na tentativa de acalmá-la mesmo que só um pouco. Ela inclina o corpo para o lado encostando a cabeça na minha. — Não precisa mais enfrentar isso sozinha, estamos juntos agora para o que der e vier. —Completo afagando seus cabelos sedosos.

Enchendo o peito de ar, responde corajosa:

— Se é para fazer isso, então vamos logo! —Exclama uma mulher cheia de confiança.

— Tem certeza que está pronta? —Questiono de cenho franzido.

— Eu nasci pronta, Thompson. —Jogando o cabelo para o lado sedutoramente com a boca entreaberta, destranca a porta do carro e sai empinando essa bunda propositalmente para me provocar, a safada. Essa é a minha Yudiana, linda e abusada. — Você não vem, querido? —Diz cheia de charme examinando-me por cima do ombro.

Eu ainda sentado no banco admirando sua beleza avassaladora inclino a cabeça para trás deslizando as duas mãos pesadamente pelo rosto tentando me livrar dos pensamentos profanos que invadem minha mente nesse momento para então ir até ela e beijar seu rosto enfeitado com um sorriso sapeca. Se tem uma coisa que essa menina gosta, é de me provocar nos momentos mais oportunos.

— Espere, falta uma coisa importante. —Digo sério, já parados em frente à porta de madeira muito bem envernizada.

Pelo visto, ao menos com seus bens materiais o pai dela é cuidadoso. Já com os filhos parece ser bastante negligente, jogando a filha menor de idade na rua. E um filho que vive uma vida dupla por medo de que o pai descubra quem ele realmente é.

— Quer desistir? —Ela se vira para mim cabisbaixa.

— Não desisto nunca quando resolvo lutar pelo que eu quero, Yudi.
—Minha resposta obviamente sai em duplo sentido. — Esperta como você é, Indiazinha, já deveria ter percebido isso. —Consigno arrancar um sorriso dela, não tão grande como eu queria, mas já valeu a pena.

— Então, o que foi? Estamos atrasados. —A ansiedade é notável tanto na sua voz como nos gestos passando a mão no cabelo a todo momento.

— Falta uma coisa importante, Yudiana. Eu já ia me esquecendo.

— O que então, criatura? —Ela leva as mãos na cintura impaciente.

— Isso! —Beijo-a do jeito que eu queria desde que a vi hoje pela primeira vez. Não conseguiria esperar até o final do almoço.

— Minha nossa, John. —Yudiana sussurra quase sem voz abanando o rosto, minha vontade é de beijá-la novamente com mais vigor, mas me contenho.

— Agora podemos ir, meu amor. —Entrelaço os dedos da minha mão na dela, eles se encaixam tão bem que parece terem sido feitos para viver unidos. Tocando a campainha, uma senhora abre a porta e fica diretamente para Yudiana.

De um jeito triste, cheio de culpa e arrependimento.

— Oi minha filha, quanto tempo! Você é uma mulher agora, tão linda

quanto eu pensei que ficaria. —O timbre da senhora sai tristonho, apesar de ser loira ela tem os traços do rosto muito parecido com os de minha namorada.

Seu porte é elegante, blusa fechada até o pescoço e saia tão comprida que quase cobre os pés. O cabelo loiro preso em um coque severo ao topo da cabeça, não usa maquiagem ou joias extravagantes.

— Realmente faz muito tempo mãe, mas a dor dos momentos terríveis que vivi aqui continuam os mesmos. —Yudi responde desgostosamente.

— Eu não quero falar do que já passou, filha. O que importa é daqui para frente. —Abraça a filha afetuosamente, mas Yudiana permanece dura como um pedaço de pau e não solta minha mão nem um segundo.

— Prazer em conhecê-la, senhora. Sou John Thompson, namorado da sua filha. —Ergo a mão para cumprimentá-la, ela aperta fortemente como se soubesse que a primogênita está aqui hoje por interferência da minha parte.

— É um prazer enorme conhecer você, John. Sou Florinha, mãe da sua namorada. Entre por favor, a família está toda reunida, faltava apenas vocês para ficar completa. —Abre espaço para nós entrarmos, os olhos da minha namorada correm dolorosamente por cada centímetro luxuosa da casa. — Você precisa voltar aqui mais vezes, Yudi, agora que te encontrei não vou

deixar que fuja de nós novamente. —A mãe alisa o cabelo da filha, percebo que tem a necessidade de tocá-la para ter certeza que sua presença é real e não se tratar de uma ilusão.

— Como assim “fugir” de vocês novamente, mãe? Pelo que me lembro, eu fui expulsa de casa pelo meu pai com a roupa do corpo. Pensei que fosse me procurar assim que chegasse em casa a tarde e não tantos anos depois. —Esbraveja fazendo o possível para controlar seu rancor, como uma bomba relógio prestes a explodir a qualquer momento.

O rosto da mãe ganha uma expressão de confusão com pavor, trejeitos clássicos quem não faz a mínima ideia do que acabou de ouvir.

— Mas do que você está falando, filha? Seu pai me disse que depois do dois discutirem você saiu corre... —Antes da mãe terminar a frase, pastor Jackson aparece em cena interrompendo a esposa no susto meio que propositalmente.

Muito estranho isso.

— Então é verdade mesmo que os meninos falaram que você está namorando um homem branco, e avaliando seu porte fino vejo que vem de família rica também. Pelo menos nisso essa menina está me dando orgulho. —Conclui grosseiramente deixando a esposa e filha constrangida com seu comentário.

Eu acabo de conhecer meu sogro, e já não o suporto. Yudiana aperta a minha mão com força, a presença do pai a deixa angustiada.

— Bom dia, Pastor Jackson. Como vai? —Cumprimento educadamente, já que ele não se deu o trabalho de fazer o mínimo cumprimentando suas visitas. Sendo uma delas a filha e o genro, já chegou alfinetando. — Eu já ouvi bastante coisa a seu respeito também e, pelo visto, a recíproca é verdadeira. —Ironizo examinando-o friamente, sua mandíbula afrouxa ao perceber estar sendo avaliado por mim. Por mais elegante que a pessoa seja, eu sei melhor que ninguém identificar um bandido debaixo de um terno caro como ele está usando.

O circo fica completo de vez quando o casal de noivos se junta a nós, um rapaz negro de porte fino combinando com o olhar mais desdenhoso que já vi em um ser humano, principalmente um prestes a se casar. Traduzindo, o típico filhinho de papai metido a certinho que todo sogro interesseiro sonharia em ter como genro, o caráter deixa de ser importante, mas sim o saldo altíssimo da conta bancário.

Já a noiva de nariz empinado e cara azeda desfilando dentro em um vestido dourado longo, me faz odiá-la assim que abre a boca.

— E não é que ela teve coragem de aparecer aqui depois de tanto fora fugida de casa, devo admitir que admiro muito a sua coragem. irmãzinha. —

A cobra destila seu veneno camuflado atrás de uma piada sem graça e um sorriso falso, apesar de também ter os traços do rosto parecidos com de Yudiana não tem a metade da beleza dela.

Muito menos o charme, o carisma e a simpatia.

— Nessa vida tem gente com coragem para tudo, Carmem, o fato de você estar ficando noiva hoje é a prova disso. —Yudiana responde a implicância da irmã com um sorriso ainda mais cínico, seu noivo cerra os dentes não gostando da parte que lhe toca.

— Pelo amor de Deus, meninas! Mesmo depois de tanto tempo, as duas ainda continuam implicando uma com a outra do mesmo jeito quando eram crianças. —A mãe respira fundo, então muda de assunto na tentativa de suavizar o clima. — Falando em criança, me conta mais sobre o garoto que está na cozinha com o seu irmão atacando a sobremesa antes mesmo do almoço, filha? Até o seu pai que é exigente achou ele muito educado. O nome de ele é Max, não é

Após desviar o olhar para qualquer lugar que não seja nos olhos da mãe, Yudiana responde de maneira forçada:

— Max é filho de uma amiga minha muito querida, ela deixou o garoto comigo por um tempo para viajar. Ele é um amor de criança, me dá menos trabalho que o Edmilson, para ser sincera. —Comenta sem maldade.

— Que isso filha? O Edmilson é um santo, tão tímido, coitadinho. —
Respondeu uma pobre mãe inocente.

— Não sabe de nada missa metade, senhora! — Penso alto, fazendo Yudi dar uma cotovelada na minha costela em forma de repreensão.

— Yudi, minha neta amada, você está aqui mesmo querida? —Ouço uma voz fraquinha se aproximando, carregada de emoção e saudade.

Pela primeira vez hoje vejo os olhos de Yudiana brilharem, ela mostra um sorriso doce no rosto de aquecer até os corações mais frios.

— Eu estou aqui vovó, Corina. —Sem mesmo antes de ver a avó, abre os braços para recebê-la.

— Você está com tudo e não está prosa hein, minha neta, como eu queria que a minha bunda fosse uns quarenta anos mais nova para poder usar um vestido desses. —Depois das duas se abraçarem, a senhora pega na mão da neta fazendo a mesma dar uma volta com o corpo.

Sorrio, agora sei de quem Yudi puxou a boca suja.

— Pelo amor de Deus, mãe! Se comporte, a senhora está na casa de um servo de Deus! —O pastor Jackson se zanga com sua mãe, severamente.

— Ah, não enche meu saco, Jackson! Você como “suposto” servo de Deus deveria saber que dizer a verdade não é pecado. Já a mentira leva ao

inferno, então abre o olho. —Alfineta direto no coração fazendo o filho suar frio ajeitando o nó da gravata, graças a Deus alguém sensato nessa casa.

— Vovó que saudades da senhora, principalmente do seu bom senso em ver a vida.

— Filha, e quem é esse pedaço de mal caminho que veio com você? Jesus apaga luz, eu estou chorando e não é pelos olhos. —A senhora comenta piscando para mim, deixando-me vermelho de vergonha com seu comentário indecente.

— Mamãe! —Pastor Jackson, grita com a mãe.

— Esse é John Thompson, vovó. O homem mais incrível que conheço. —Yudi caminha de volta para o meu lado e segura minha mão fortemente, trocamos olhares apaixonados. — Meu namorado e o homem da minha vida. —Enche a boca para falar toda orgulhosa, tais declarações sendo feitas com tanta paixão que faz meu ego inflar de orgulho.

Esse almoço de noivado vai ser definitivamente interessante, acredito, que revelador também.



Capítulo 26

Yudiana

— Você é a mulher mais linda e doce que conheço que conheço, tenho certeza de que eu serei o homem mais feliz do mundo ao seu lado. Tenho sorte por Deus ter me dado a chance de casar com a mulher mais correta e perfeita do mundo. — Meus olhos faltam pouco a pular para fora das órbitas diante de tanta melação da minha irmã Carmem, quando seu noivo fica de joelhos no chão da sala e faz o pedido de casamento enfiando o anel em seu dedo.

A encenação desses dois chega a ser patético. Esse noivado é ridículo. Só aceitei participar desse circo porque John está ao meu lado segurando minha mão o tempo todo passando-me força. Ele tem total razão quando diz que preciso superar o que houve com minha família e seguir em frente, ou nunca mais voltarei a ser uma pessoa completa novamente. Contudo, devo admitir que voltar aqui está sendo doloroso demais para mim.

Flashes dos momentos horríveis que passei aqui vem a todo momento na minha mente, a vontade de chorar é constante só não cedo a ela porque

estou segurando a mão de John. Não saio de perto dele um segundo mesmo depois de Edmilson ter comentado que tio Osvaldo se mudou para São Paulo para assumir a nova sede da igreja faz anos e não voltou aqui esquecendo-se do resto da família. Ao ser convidado para o noivado de Carmem garantiu que não poderia comparecer.

Graças a Deus! Não quero colocar meus olhos nesse monstro nunca mais. Mesmo assim, olho toda hora para a porta com medo que apareça a qualquer momento.

— Nunca ouvi tanta falsidade junta, quem não conhece a peça até acredita. —Vovó Corina sussurra no meu ouvido, e nós duas rimos.

Ela é minha avó paterna, uma senhorinha da boca tão suja quanto a minha. Tem opinião própria, apesar da idade elevada nunca deixou se manipular pelos filhos que fazem de tudo para colocar a mão na pequena fortuna que meu avô deixou para ela antes de morrer. Faz muitos anos que eu não a via, mora no Espírito Santo.

— Meus Deus, Flávio! Olha o tamanho do diamante desse anel, sabia que não ia me decepcionar. Prometo ser a melhor esposa do mundo em forma de agradecimento, estou ansiosa para mostrar para as meninas do coral da igreja, elas vão morrer de inveja. —Levo o dedo na garganta fingindo estar vomitando, o discurso hipócrita da minha irmãzinha interesseira me deixou

enjoada. Apenas Thompson percebe meu ato implicante e me olha feio, mas pensa o mesmo que eu sobre essa baboseira toda. O cheiro de falsidade está impregnado no ar.

Minha irmã pensa que me engana com essa pose toda de mulher perfeita que vai casar com um cara herdeiro de uma família tradicional “*não sei das quantas*”, ela fez questão de repetir várias vezes o sobrenome dele, mas não lembro. O tal de Flávio é filho único e os pais não puderam estar presentes no noivado hoje porque estão em uma reunião importante no exterior.

— O amor é lindo mesmo, Carmem! O que mata é a falsidade. — Vovó Corina solta uma de suas pérolas em minha defesa, dessa vez em voz alta. Tanto meu pai como minha irmã me fuzilam com as narinas infladas.

Minha mãe faz o que pode para tentar se aproximar de mim, mas eu —apesar de estar precisando de um abraço forte seu para compensar todos esses anos longe —ajo friamente em modo de defesa criando um muro sólido de gelo entre nós.

— O amor é lindo mesmo vovó Corina, olha esse anel maravilhoso de noivado que ganhei. —Carmem faz questão de esfregar na minha cara, a todo momento inventa uma desculpa para levantar a mão exibindo o anel de diamante, uma pedra gigantesca que deve ter custado pelo menos seis dígitos

no mínimo.

— Para você que sempre amou coisas materiais como nosso pai, esse seu noivo caiu feito uma luva. Tanto para você, quanto para ele. —Provoco.

A filha da mãe empina o nariz jogando seus longos cachos para o lado e vai para perto do seu oficial noivo fingindo que não ouviu, sempre soube que eu queria ter o meu cabelo igual ao dela todo volumoso e cheio de estilo.

Alguns minutos depois, o almoço está na mesa e todos se sentam no seu devido lugar, e antes de comer fazemos uma oração. No meio do jantar, Carmem paga com juro e correção monetária a provocação que fiz em relação ao seu noivo riquinho:

— Já que o amor está tão presente nessa mesa porque o namorado da minha irmã não faz uma declaração de amor para ela também? —Leva uma garfada generosa a boca louca para ver o circo pegar fogo, sua intenção é montar uma situação constrangedora para ele diante de toda família.

— O noivado é seu, não meu, Carmem. Além do mais, não temos que ficar gritando o nosso amor para os quatros ventos. John não tem que fazer declaração melosa nenhuma na frente dos outros para provar que me ama, se estou com ele é porque acredito que seus sentimentos por mim são verdadeiros e isso já me basta. —Minha resposta sai rudemente calculada, odeio gente exibida.

Pisco algumas vezes puxando a boca para o lado em um sorriso implicante, Carmem vai precisar de muito mais do que isso para conseguir tirar a minha compostura.

— Não preciso fazer, mas eu quero, meu amor. —Thompson quase me mata do coração, olho para ele incrédula franzindo a testa implorando para que mantenha a boca fechada e não caia no jogo de minha irmã.

— Sério, querido, não precisa mesmo fazer isso na frente desse monte de pessoas que acabou de conhecer. — Esboço um sorriso falso, beliscando sua perna por debaixo da mesa.

— Então, meu jovem? Já que quer tanto falar, estou curioso para saber o que um homem culto como você possa ter visto em uma mulher como minha filha? —Fico pensando no que meu pai quer dizer com “uma mulher como eu”, quando penso que ele não pode me magoar, vai lá e quebra seu próprio recorde. — Não precisa ser nenhuma declaração linda de amor como Sérgio fez para Carmem, apenas defina o que sua namorada significa para você. — A atenção de todos da mesa é atraída para nós, sinto-me constrangida e exposta no meio desse bando de abutres.

Olho para John com o coração partido pedindo desculpa silenciosamente, não queria que ele passasse por esse momento desagradável sendo pressionado cruelmente por essa corja. Ele está a ponto de explodir a

qualquer momento, minha família é capaz de fazer até a pessoa mais calma do mundo perder a compostura.

— Sua filha é a pessoa mais louca que conheço, pastor Jackson. É malcriada. Fala o que vem na cabeça, consegue me irritar melhor que ninguém. — Todos riem de mim, principalmente minha irmã. — Yudiana faz isso o tempo todo, na verdade. — Dessa vez gargalharam mesmo e eu me encolho toda, envergonhada por ser o motivo de tanta graça.

— Eu adorei a sinceridade do seu namorado, *mana* — Provoca Carmem.

Baixo o olhar, querendo ter o poder de sumir daqui num passe de mágica. Não sei onde John pretende chegar com isso. Max sentado ao meu lado, com pena de mim segura minha mão. Edmilson a minha frente está de cara fechada, a vontade dele é de jogar o saleiro à sua frente na cara de Carmem.

— Yudiana está longe de ser uma mulher perfeita, até porque ela não faz questão de ser. Tem opinião própria, personalidade. — John segura em meu queixo, obrigando-me a encará-lo. Meus olhos estão cheios de lágrimas. — Ela prefere ser de verdade, sabe? Sem máscaras ou reservas, luxúria. Quando quer algo, não desiste fácil. Esqueci de dizer. Yudi é teimosa também. E como. Mas quando sorri, me faz sentir o homem mais feliz desse

mundo apenas com esse simples gesto que nem o diamante mais valioso do mundo poderia comprar. Existe sinceridade entre nós, acima de tudo companheirismo.

Ainda bem que estou sentada porque senão teria ido ao chão derretida com sua declaração. Inclino-me para beijar John. Deus! Esse homem sabe mesmo usar as palavras, de um jeito que toca o coração.

Fico feliz pelo meu pai olhar orgulhoso para John, impressionado com sua sincera resposta. Se tem uma coisa que é muito difícil de acontecer, é alguém conseguir impressionar o severo Pastor Jackson.

— E você acha mesmo que o sorriso bonito da sua namorada manterá o relacionamento firme de vocês para sempre? — O noivo mauricinho da minha irmã, se sentindo intimidado por outro homem no seu noivado, entra na conversa, confirmando ser o cuzão do caralho que achei que fosse.

John mantém a pose e responde:

— O que manterá nosso relacionamento firme não é o sorriso lindo da minha namorada, mas sim a minha força de vontade de mantê-lo em seu rosto até o meu último suspiro de vida. — Vovó Corina, e mamãe suspiram encantada com o meu namorado.

Eu obviamente não resisto e lhe dou um beijo brevemente casto, mas

cheio de carinho e amor.

— Que coisa linda, meu Deus, pude sentir o amor deles daqui. — Edmilson limpou as lágrimas falsas e o nariz na beirada da camisa do noivo da nossa irmãzinha que está sentado ao seu lado. — Pelo que estou vendo não vamos demorar a ter outro casamento nessa casa. — Completou fazendo-me quase morrer engasgada com um pedaço de bolo de maça, quando chegasse em casa iria dar uns bons tapas nele.

— Lindo seu discurso, rapaz. Mas duvido que dure até lá, nem sempre amor é o suficiente para manter um casamento. — Meu pai mais uma vez deixa claro o quanto sabe ser desagradável quando quer, não sabe como agir de outra forma.

Max olha para ele incrédulo com sua aspereza ao falar sobre o amor, obviamente o garoto se manifesta.

— Como não é o suficiente, pastor Jackson? Se em Coríntios fala que o amor é a base de tudo. — Por um momento pensei que meu pai mandaria o menino sair da mesa, afinal, aqui em casa criança não fala enquanto os adultos estão conversando.

Mas a pergunta inteligente de Max deixa o astuto pastor curioso, pois como um garoto teria conhecimento de uma passagem tão importante da Bíblia?

— Você conhece esse versículo, filho? — Meu pai indaga ao menino.

— Sim, é a carta de Paulo. — Max diz naturalmente entre mordidas no bolo comendo com as mãos mesmo, parecendo com qualquer outra criança se não fosse pelo fato de começar a recitar uma parte importante do Salmo em questão, perfeitamente.

“Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá. Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino.

Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido. Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor.”

— Eu sou muito jovem para entender sobre o amor, Pastor Jackson. Mas a carta de Pedro ao Coríntios deixa claro até mesmo para apenas uma criança como eu, que o amor verdadeiro é a base de tudo. Principalmente em uma família, o senhor não acha? — E assim, uma criança de dez anos dá uma lição de moral no meu pai que com certeza não esquecerá tão cedo.

Sorrio para Max orgulhosa, mas meu sorriso morre quando ouço a

porta se abrindo. Meu coração já sabia quem era.

— Não acredito que começaram o almoço de noivado sem mim, família. —Ouço a voz do demônio bem atrás de mim, eu não precisava me virar para saber de quem se tratava.

Começo a tremer sem parar, a ponto das minhas pernas pularem debaixo da mesa. Minha garganta fica seca, tento controlar minha respiração, mas não consigo. Estou em pânico, em um grau de apavoramento tão grande que não consigo nem gritar. Minhas mãos contorcem trêmulas sobre meu colo, como toda vez que meu tio chegava aqui em casa quando era criança.

— Tio, não acredito que o senhor veio mesmo de tão longe apenas para o noivado da sua sobrinha preferida. —O demônio dá a volta na mesa e vai abraçar minha irmã propositalmente para ficar frente a frente a mim e me analisar melhor.

Quando nossos olhos se cruzam eu estremeço de medo.

Apesar da sua aparência mais velha, seu olhar maligno ainda é o mesmo. Sinto como se estivesse voltado ao passado vendo-o todo elegante de terno cinza bem aliado e a Bíblia em mãos, bancando o bom moço. Como ninguém nunca percebeu esses seus trejeitos de caçador só esperando para atacar sua presa? Tantos anos se passaram, mas sinto que na primeira

oportunidade que aparecesse abusaria de mim novamente sem nenhum remorso.

Essa malícia em seus olhos e promiscuidade em sentir prazer ferindo o outro que ele tem, é nojento. Digno de pena. Quero levantar e sair correndo, mas se tem uma coisa que aprendi com esse demônio é que quanto mais eu demonstrava medo, mais força dava a ele.

Permaneço onde estou, mantendo a postura firme.

— Boa noite, irmãos e irmãs. É uma honra enorme estar aqui hoje presenciando dois momentos tão importantes. Primeiro o noivado da minha sobrinha querida, filha do meu irmão tão amado. —Osvaldo começa com seu discurso de (falso) profeta, o tempo todo me examinando de cima abaixo cada parte do meu corpo que consiga ver de pé bem atrás da cadeira do meu pai com as mãos apoiadas a cada lado do seu ombro.

Não sei qual dos dois é pior aqui, o tio abusador sexual ou o pai negligente que fecha os olhos fingindo que não sabe de nada.

— Qual o outro momento importante, tio? —Pergunta Carmem, curiosa.

— O retorno da primogênita do meu irmão para casa. Estou tão ansioso para que tudo volte a ser como antes, Yudiana. Senti tantas saudades.

Ainda bem que Deus é maravilhoso. Tarda, mas não falha. —Conclui monstruosamente me ameaçando camuflada na frente de todos, mas se ele acha que ainda sou aquela menininha assustada e indefesa está muito enganada.

— Nada nunca será como antes, Osvaldo. Porque eu não sou mais uma menininha indefesa, agora sou uma mulher decidida e perigosa. Que se sentindo acuada, vira o diabo em pessoa na frente do seu inimigo. — Respondo com um sorriso cínico, mas minhas pernas ainda continuam tremendo debaixo da mesa.

Baixo o olhar para o Reverendo Jackson, balançando a cabeça magoada demais imaginando como pode convidar esse homem para o noivado sabendo que eu estaria presente?

— O que você tem, Yudi? Está pálida, parece que viu um monstro. — Pergunta John segurando minha mão gelada como uma pedra de gelo.

— Por favor, John! Me leva embora daqui agora. —Imploro.

— Como assim ir embora, filha? Seu tio Osvaldo acabou de chegar. Não pode fazer essa desfeita, ele sempre teve um carinho especial por você. —Olho para minha mãe incrédula, sério que ela está me falando esse monte de absurdo depois de tudo que esse monstro fez comigo? Me pergunto,

sentindo uma dor imensa.

— Cala a boca, Florinda, deixa sua filha falar. Sempre desconfiei que essa história da Yudiana ter fugido de casa estranha demais. —Vovó Corina olha feio para seu filho caçula, enfim alguém está começando a desconfiar quem ele é de verdade.

— Não pode incentivar sua neta a tratar seu tio com tanta falta de respeito, Osvaldo me ajudou a te procurar por todo canto depois que cheguei em casa naquele dia e seu pai me contou que você fugiu de casa após uma briga banal que teve com ele.

Minha mãe conta com bastante ênfase, ela realmente acredita no que está dizendo. E continua:

— Seu tio ficou tão triste sem notícias do seu paradeiro que acabou indo embora meses depois assumindo o posto de pastor da sede da nossa igreja em São Paulo. Decidiu vir ao noivado só quando soube que você estaria presente. — Minha mãe fita o cunhado com admiração e eu cambaleio para trás, ferida demais com mais uma mentira sendo descoberta.

— Por favor Deus, isso não pode estar acontecendo. —Sussurro para mim mesma. Até para respirar dói, as feridas no meu coração são profundas. — Como assim eu fugi de casa depois de brigar com meu pai? Isso só pode

ser brincadeira ou uma piada de muito mal gosto. —Repito atordoada, agora mais alto para que todos escutem.

— Isso mesmo, sua ingrata! Não sei como tem coragem de aparecer aqui com essa cara de sonsa depois de tanto tempo fugida. Mamãe descobriu seu paradeiro por acaso através de uma antiga vizinha nossa que ligou para ela dizendo que te viu trabalhando no fórum, que agora tomou juízo até se formou em Direito. —Carmem me enche de acusações enquanto enrola um de seus cachos entre os dedos, uma mais absurda que a outra.

— Cala a boca, sua cobra! Você não faz ideia da verdade! — Esbravejo.

— E nem quero saber, Yudiana! Desde então mamãe inferniza a vida de papai pedindo para te perdoar por ter destratado ele fugindo, podendo assim unir nossa família novamente. O curso religioso de Edmilson caiu como uma desculpa perfeita para o primeiro contato com a filha rebelde, todo mundo sabe que esse menino sempre foi o seu protegido desde que nasceu, nunca o deixava sozinho. Já eu, nunca me deu atenção. —Seu tom desdenhoso me fere profundamente, não sei o que ganha sendo tão cruel comigo.

Com os olhos cheio de lágrimas, respondo:

— Eu não precisava te proteger, Carmem, por ser a preferida do nosso pai sempre estava atrás dele o bajulando. Então estava segura. Agora Edmilson, era tão pequeno e frágil... Se alguém fizesse mal a ele eu não me perdoaria nunca! Até mesmo a você, que até hoje não entendo o porquê de nunca ter gostado de mim. —Limpo as lágrimas em meu rosto, sabia que vir aqui não era uma boa ideia.

— Mas do que você está falando, Yudiana? Explica isso direito para sua mãe, não faço ideia do que porque você precisava proteger seus irmãos sendo que na época também era apenas uma criança. —Minha mãe parece desnorreada mexendo as mãos em movimentos confusos, não sabendo se olha para mim ou o marido.

— Não era do que mãe, mas sim de quem. —Lanço um olhar de ódio na direção do tio Osvaldo, e o covarde desvia na mesma hora. Sinto-me tão suja em estar no mesmo ambiente que esse monstro, ainda posso sentir suas mãos sujas tocando meu corpo por diversas vezes contra a minha vontade.

Max abraça minha cintura chorando implorando para que fossemos embora, então nesse momento entendi que através dos meus olhos percebeu que dividíamos a mesma dor.

— Chega de show por hoje, Yudiana! Eu queria conversar com você

antes do almoço sobre o que aconteceu no passado, mas não tive oportunidade, quero que saiba que eu te perdoo por tudo. —Meu pai tem a cara de pau de dizer, vitimizando-se.

— Ah, então o senhor me perdoa de tudo, papai? —Ironizo.

— Sim, filha! Agora esqueça dessa história, descobrimos que sua mãe está muito doente. Apenas por isso acatei seu pedido de unir a família novamente, é bom que saiba que ela não pode sofrer aborrecimentos, o seu estado médico vai piorar. —Mais uma vez meu pai banca o esperto, usando a doença de mamãe para me manter de boca fechada.

Coitada, deve ter adoecido depois de viver tantos anos ao lado desse monstro ao qual inocentemente chama de marido. Passou esse tempo todo manipulando a verdade para minha mãe, acho que vem fazendo isso desde que a conheceu. Talvez minha mãe não faça mesmo ideia de tudo de ruim que passei aqui, e seu único e maior erro foi não ser mais atenta em relação a filha deixando o fanatismo por uma —falsa —religião cega-la.

— Você nunca contou a verdade para ninguém, não é mesmo? Nem mesmo para minha própria mãe. Talvez ela, diferente de você, teria me socorrido ao invés de me jogar na rua somente com a roupa do corpo. —O respeitado Pastor Jackson sustenta meu olhar de cabeça erguida, sabe a

gravidade do seu ato e mesmo assim não abaixa a crina.

— Eu fiz o que tinha que fazer pelo nome da nossa família, e faria tudo de novo. —Pela primeira vez mostra quem é de verdade.

— E ainda se diz homem de Deus, não passa de um mentiroso aproveitador que vive nesse luxo a base da oferta dos seus pobres fiéis. — Berro descontrolada.

Sinto que John não se intromete na discussão a princípio, com os braços cruzados sobre o peito e apenas observa atentamente cada um de nós disposto a entender o que essa minha família de monstros esconde atrás de tanto luxo disfarçado de falsa fé.

— Tente se acalmar, Yudiana, já faz tanto tempo que o tio não te vê, querida. Sinto que está precisando de um abraço meu bem forte como quando era pequena, lembra? Sei que também sentiu saudades de mim. —O demônio tenta se aproximar de mim, e eu entro em desespero quando ergue o braço levando a mão na direção do meu rosto.

— Não ouse tocar nela, ouviu bem? —Percebendo meu desespero, John entra na minha frente impedindo que Osvaldo se aproxime de mim.

Mas a tensão é tão grande que acabo entrando em um colapso nervoso, igual todas as vezes que eu ouvia a maçaneta do meu quarto abrindo

tarde da noite quando todos estavam dormindo.

Então, como modo de defesa, permanecia imóvel como se estivesse desmaiada, mas podia ouvir perfeitamente os gemidos nojentos dele enquanto abusava de mim. Eu só conseguia voltar a me mexer depois de um longo tempo que meu tio saísse do meu quarto, às vezes pegava no sono de verdade e acordava apenas no outro dia toda dolorida e com manchas roxas por toda parte.

— Yudi, você consegue me ouvir? —Tento enxergar o rosto de Max apavorado puxando minha mão, mas tudo que vejo são imagens em forma de borrões. Sinto-me tonta demais para permanecer de pé sozinha.

A partir daí não vejo mais nada, só lembro das mãos fortes de John me puxando pela cintura erguendo-me do chão segurando firme em seus braços.

Mais uma vez meu amor caído entrando em ação para me salvar.



Capítulo 27

John

Estava tudo transcorrendo bem no almoço de noivado, dentro do possível é claro, as pessoas dessa casa não sabem conversar de outra maneira que não seja através de indiretas ou algum comentário maldoso. Até dava para levar, mas o irmão do Pastor Jackson apareceu no meio do almoço, formando uma forte discursão. A energia pesada que esse homem trouxe para o ambiente é notória, não gosto do jeito estranho que olha para Yudiana.

Foi a primeira coisa que notei quando pisou nessa sala.

Sinto minha namorada tremer quando o homem ameaça se aproximar dela, imediatamente entro na frente do seu tio impedindo que a toque. Ainda bem que fiz isso, porque Yudiana estava tão nervosa com a situação que desmaia. Em uma ação rápida, consigo ampará-la em meus braços.

— Edmilson pegue a bolsa da sua irmã e leve Max para o carro, agora! — ordeno, com a voz elevada.

Preciso tirar Yudiana desse lugar, imediatamente! Trazê-la aqui foi

um enorme erro.

— Isso mesmo, meu filho, leva a minha neta daqui e cuida dela pra mim — pede Dona Corina, avó paterna de Yudiana.

— Você não pode levar nossa filha nesse estado embora, Thompson. Apesar de Yudiana não ser a santa que pensa, faz parte da família e precisa de atendimento médico.

Pastor Jackson inicia uma discursão.

— Eu cuidarei da minha namorada, não se preocupe! — respondo, sério.

— Não sabe o quanto essa menina nos envergonhou diante da minha igreja desde que nasceu devido essa personalidade forte dela, mas mesmo assim não vou deixar um homem que mal conheço sair com minha filha inconsciente sabe Deus para onde. — Meu sogro ousa impedir minha passagem parando na minha frente, o encaro severamente.

Sério que agora quer dar uma de pai preocupado? Depois de anos de negligência com a filha, vem dar uma de moralista.

— Quero que você e a sua igreja fajuta vá para o quinto dos infernos, Pastor Jackson. — Sou grosseiro. Desde que esse homem abriu a boca hoje

que estou guardando isso entalado na minha garganta. — Agora desapareça da minha frente ou mesmo sendo o pai da mulher que amo, não responderei por mim. — Rosno para ele, se quiser arrumar briga vai ter.

— Quando descobrir quem Yudiana é de verdade, vai se arrepender por não ter me ouvido filho. —Ele insiste em desmoralizar a imagem da filha, que chato isso.

— O que eu sei a respeito de Yudi já é o suficiente pra mim. O que os outros falam por aí são apenas fofocas de gente hipócrita. —Completo bem alto para que toda corja ouça, tem muita sujeira escondida aqui debaixo do tapete.

— Me entregue a minha sobrinha, rapaz, e vá embora antes que as coisas fiquem feias para o seu lado. —Giro o pescoço na direção do tal tio Osvaldo, lhe oferecendo o olhar mais frio e ameaçador possível.

— Que fique bem claro “Tio Osvaldo”, que eu estou tomando as dores da minha namorada. Se algum de vocês se atreverem fazê-la chorar uma lágrima que seja novamente, terão que acertar as contas comigo depois. —Ameaço.

— Estamos somente preocupados com a Yudi, sr. Thompson, não me leve a mal, mas conhecemos bem minha irmã para termos motivos suficientes

para agirmos assim em relação ao namoro de vocês. —A cobra da Carmem, se manifesta.

— Desculpe a sinceridade, Carmem. Mas que a verdade seja dita: De todos, você é a pior. Nunca vi tanta inveja em uma pessoa só. Nem se nascesse de novo chegaria aos pés da sua irmã, esse é o motivo da sua birra com ela. Os únicos que salvam essa família, é o mentiroso do Edmilson e a vovó tarada. Tendo parentes como vocês ela não precisa de inimigos, agora eu entendo todo o receio de Yudiana em voltar a pisar novamente dentro desse ninho de cobras. — Nunca mais vou deixar essa gente se aproximar da minha namorada, e aí de quem tentar fazer algum mal a ela novamente.

Ofereço as costas para eles, e começo a caminhar para fora a passos ligeiros e firmes.

— Não podemos deixar *nossa menina* sair desmaiada nos braços de um estranho. Ele pode fazer mal a ela, não se pode confiar em ninguém hoje em dia. —Oswaldo ainda tem a cara de pau de dizer isso, completando cinicamente a falsa preocupação. — Se passar por essa porta com minha sobrinha, rapaz, vou ligar para a polícia. —Paro de andar na mesma hora, e fito o rosto do meu amor desfalecido em meus braços com uma expressão deprimente enquanto parece estar em uma espécie de sono profundo.

Giro o corpo na direção de sua família novamente, sinto seu corpo fervilhando de raiva. Os gritos furiosos que saem da minha boca a seguir são a prova disso.

— Chama a polícia mesmo “Titio Osvaldo”, porque eu como juiz da vara criminal do Rio de Janeiro direi a eles que aqui o que mais tem são pessoas suspeitas precisando ser interrogadas. —O silêncio se faz presente, ninguém ousa argumentar mais nada depois disso. — Eu não sei ao certo o que aconteceu no passado na minha namorada para deixá-la neste estado de tensão, nervosa, mas pretendo descobrir o quanto antes para que envolvidos nisso possam pagar amargamente.

Dou meu veredito final e caminho para fora, o alívio de estar indo embora desse lugar infernal é tão grande que até eu já estou me sentindo melhor.

Desde que cheguei nesse hospital com Yudiana desfalecida em meus braços que não tiro os olhos dela um segundo. Olho para minha *indiazinha*, deitada na cama desconfortável nesse quarto frio de hospital. Ela está tão pálida, testa franzida e lábios trêmulos.

Mesmo sedada seu sono apresenta sinais de inquietude produzindo sons estranhos como se estivesse em meio a um pesadelo tenebroso e por

mais que tente, não consegue fugir. Às vezes parece que vai começar a chorar, depois silencia para então começar toda inquietude novamente. Para mim, algo agonizante de se presenciar.

— Não se preocupe, senhor, sua namorada vai ficar bem. Ela só teve uma crise nervosa, aplicamos um calmante nela. Deve acordar daqui a algumas horas. —Explica a enfermeira de cabelos grisalhos tocando meu ombro atenciosamente.

— Obrigado, senhora, mas eu não pretendo sair de perto dela enquanto não acordar. —Arrasto minha cadeira para mais próximo da cama e seguro a mão de Yudiana, está tão fria e suada.

— Mas e os garotos que chegaram com o senhor e estão esperando na sala de espera? Da última vez que passei por lá, o loirinho estava chorando em silêncio enquanto o mais velho tentava consolá-lo. —Me sinto culpado, eu entrei tão desesperado no hospital a procura de socorro que me esqueci completamente deles.

Deixei Edmilson e Max esperando por mim na recepção do pronto socorro, ambos estão preocupados e extremamente assustados.

— Poderia, por favor, ficar de olho nela para mim por alguns minutos enquanto vou ver como os meninos estão?

— Claro, meu filho, pode ir tranquilo. —Ela sorri afetuosamente enquanto ajeita o lençol de Yudiana. Antes de ir, deposita um beijo no rosto da minha namorada.

Ao chegar na sala de espera, fico com pena em ver Max dormindo deitado na cadeira apoiando a cabeça do colo de Edmilson, que também dorme sentado todo torto de boca aberta até babando usando a parede como encosto. Ligo imediatamente para James, e peço que venha buscá-los e levá-los para casa.

— Ei meninos, vocês estão como fome? —Sento em uma cadeira desocupada ao lado deles, que acordam aos poucos bocejando.

— Como minha irmã está? Eu não entendi nada do que aconteceu lá em casa, nunca vi a Yudi tão nervosa antes. —Pela primeira vez, vejo Edmilson sério de verdade agindo como um jovem que condiz com a sua idade.

— Ela vai morrer, sr. Thompson? —Max começa a chorar novamente, seu rosto está vermelho e inchado.

— Ela está bem, meninos, não se preocupem. Yudiana está apenas descansando agora. Quanto ao que aconteceu na casa dos seus pais hoje, Edmilson, só vou descobrir depois que sua irmã acordar do calmante que o

médico prescreveu.

— Podemos vê-la? —Max suplica.

— Infelizmente não. Meu segurança vai levar vocês para casa, preciso que cuide de Max para mim, Edmilson. —Ele assente tristemente.

Apesar de não ter muito juízo, é um bom rapaz. Acompanho os dois para fazer um lanche na lanchonete do hospital, logo em seguida James chega e os leva para casa.

Volto para o quarto de Yudiana, e retorno ao meu posto de guarda velando seu sono. Fico pensando em como o passado da mulher que amo é ainda pior do que eu poderia imaginar. Sinto que ela foi ferida pela vida de todas as formas possíveis, e sua família são os principais culpados nisso. Pessoas escondendo seu verdadeiro caráter atrás do nome Deus, na minha opinião é o pior pecado que existe.

Se minhas suspeitas forem confirmadas sobre o que fizeram para a minha *indiazinha*, os piores demônios que existem em mim serão libertados e os envolvidos pagarão com suas vidas o mal que fizeram para alguém tão importante para mim. Me sinto culpado por fazê-la voltar naquela casa de malucos, e agora estar aqui internada nesse hospital sobre o efeito de calmantes.

Lá fora já é noite, aproveito o silêncio do quarto para pensar em mil e uma maneiras para fazer essa mulher a mais feliz desse mundo. Preciso curar as feridas do seu coração, dar amor até que se ame completamente para só então poder me amar sem reservas ou medos.



Capítulo 28

Gonzáles

— Muito obrigada pelo convite para jantar nesse restaurante tão elegante, Gonzáles. Você realmente sabe como impressionar uma mulher.

Principalmente na cama, muchacha! Yo penso comigo, enquanto observo o traseiro empinado da loira alta gostosa a minha frente enfiada dentro de *uno* vestido lilás curtíssimo.

A *mujer* é abusadamente linda, top model famosa no exterior. Traduzindo, linda, alta, magra e gostosa. Hoje *yo* vou me fartar na sua bunda, vou meter nessa boceta rosadinha a noite toda.

— Se *yo* posso te dar o melhor, por que *no* fazê-lo? — Jogo minha primeira cartada da noite, ela vira para trás e beija meu rosto com seus lábios finos tingidos com um batom cereja. — Espero que goste desse restaurante, é o *mio* favorito no Rio de Janeiro — minto. É a primeira vez que venho aqui.

Mas *yo* preciso que ela se sinta especial, para que mais tarde me dê o seu melhor na cama. Quando nos aproximamos do *maitre* para sermos guiados até a mesa que pedi para minha secretária reservar mais cedo, Lara

avista de longe seu melhor amigo de infância do outro lado do salão conversando com uma moça e sai me arrastando empolgada para cumprimentá-lo.

— Não acredito que é você mesmo, Joe, quanto tempo!

Lara praticamente voa no pescoço do cara assim que ele se levanta, o homem é um negão enorme boa pinta, todo elegante em um terno de grife, relógio caro no pulso e sapatos importados.

— Nossa, quanto tempo não te vejo garota, desde a época da escola, eu acho. Quero te apresentar alguém especial, essa é Solange. Solange, essa é uma grande amiga, Lara. —Yo quase infarto quando a *mujer* que estava sentada com o cara levanta ficando de frente para mim. É a afrontosa que me rejeitou na boate outro dia.

Santo *Dios Mio!*

Yo mal coloquei os olhos nela e já estou com o pau duro. Porra! Então, esse é o seu nome: Solange. A *mujer* hoje está vestida para matar, o peso que tem a mais nem faz diferença diante de sua confiança dentro de um vestido vermelho de alças colado no seu corpo valorizando suas curvas fartas destacado por um decote caprichado. Sua postura está ereta sobre saltos altos finíssimos, a maquiagem foi muito bem trabalhada em cada detalhe.

Principalmente o batom, que se yo pudesse escolher o nome dessa cor

seria vermelho *paixón*. As tranças presas ao topo da cabeça em um coque elegante.

Pero *Dios*, como *yo* só vi agora como esse tipo de cabelo é exoticamente atraente? Tudo nela é! Até mesmo esse monte de tatuagens amostra pelas partes desnudas do seu corpo.

Solange sorri lindamente deslizando o olhar para o rosto do babaca que a acompanha, depois para minha acompanhante até notar minha presença e fechar a cara na mesma hora.

— Prazer em conhecê-la, Solange, esse é Gonzáles meu acompanhante essa noite e de tantas as outras, espero. Assim como você e Joe, nós viemos aqui para um jantar romântico. —A voz melosa de Lara me enjoa, mas que porra! Porque ela tinha que falar essa merda logo agora, o tesão em ir para a cama com ela já se foi completamente embora.

Agora toda atenção do meu pau está voltada para outra *mujer*, hoje essa tal de Solange *no* me escapa. *Madrezita*, como ela está atraente hoje.

— Prazer em conhecê-los, mas não queremos estragar o jantar *romântico* dos dois. Tenham uma boa noite e divirtam-se. Os dois formam um casal lindo, combinam. — A diaba nos oferece o sorriso mais falso do mundo, praticamente nos expulsando para longe deles, mas se essa *mujer* acha que vai se livrar fácil assim de mim está muito enganada.

— Vocês *no* estão atrapalhando nada, *carinõ*. Na verdade, *yo* tenho uma ideia melhor, que tal um jantar romântico a quatro? — *No* espero autorização, puxo a cadeira e sento na mesa deles.

— Eu adorei a ideia, nunca participei de um jantar romântico a quatro antes. — Lara bate uma mão na outra, toda animada, percebo que a diaba de tranças revira os olhos, louca para gritar: “*Larga de ser otária, garota.*”

Já o tal de Joe Brum — engraçado, tenho a impressão de já ter ouvido esse nome antes — puxa a cadeira para Solange sentar com a expressão de puro descontentamento, afinal, o jantarzinho amoroso a dois acaba de ser arruinado.

Bem feito, seu boludo de *mierda*!

Yo e Solange iniciamos uma briga de olhares, ela me odeia. E isso só me faz desejá-la doentiamente mais, apesar de *no* fazer o meu tipo, mal posso esperar para tê-la na minha cama. Será a *excepción* mais deliciosa da minha vida, a qual vou me deliciar em todas as posições possíveis.

— Então, Joe Brum, *trabajas* com o quê? — questiono assim que todos estão devidamente acomodados em suas cadeiras, pensando em como *yo* vou conseguir me livrar dele e de Lara para ficar sozinho com a diaba de tranças.

Língua afiada, com curvas fartas as quais *yo* pretendo me perder em

cada uma delas.

— Eu sou dono de um clube de shows muito conhecido aqui no Rio de Janeiro, em breve estarei abrindo uma filial em São Paulo — gaba-se sem nenhuma cerimônia.

Hijo de una putana!

— Por acaso o seu clube *no* se chama Luxos? — questiono.

— Sim, é esse mesmo — ele confirma, servindo uma taça de vinho para minha Solange, e a safada cheia de sorrisinho para esse homem metido a besta.

— Yo sabia que já ouvi seu nome em algum lugar, digamos que conheço uma de suas ex-dançarinas. — Jogo a indireta e olha desconfiado. Sabia que já tinha ouvido seu nome em algum lugar.

Deve estar se perguntando como yo sei da identidade de *una* de suas meninas, não sabendo ele que tenho mais conhecimento da vida da sua protegida Yudiana do que pode imaginar.

— Agora já chega de perguntas, Gonzáles. Isso é pra ser um encontro romântico, não um investigatório — Lara solta entredentes, por detrás de um sorriso falso.

— Concordo plenamente! — Solange está se segurando para não

pular no meu pescoço na frente de todo mundo.

Por que é tão excitante provocá-la?

Sua fúria me dá um tesão da porra!

— A propósito, falando em romantismo, pode parecer clichê, mas preciso dizer o quanto você está linda preta. — O boludo de *mierda* segura a mão de Solange, beijando de um jeito íntimo demais para *mio* gosto, enquanto olha no fundo dos seus olhos.

Ela suspira, e o meu sangue ferve dentro das veias. Pego a taça de vinho sobre a mesa e sorvo em *uno* gole só, dominado pela fúria de mil demônios.

— Realmente, ela está *mui* bela! Ainda mais desde a última vez que nos vimos naquela boate. Lembra, Sol? — solto cinicamente, fazendo-a engasgar com o próprio fôlego.

— Vocês já se conheciam, Solange? — Joe questiona, desconfiado.

— É... Acho que já devo ter visto esse espanhol por aí, mas não foi algo marcante para que eu me lembre com clareza. — Proclama com desdém se fazendo de boba, ela é boa nisso.

Cabrona!

— Ah, então o nosso encontro *no* foi marcante o suficiente para você?

Pois para mim foi *muchacha*, e *no* de forma positiva. — Mando à queima roupa, com a voz raivosa. Essa *mujer* me tira do sério.

— Com certeza deve ter sido marcante para alguém egocêntrico como você, afinal não deve estar acostumado a levar um fora de uma mulher com frequência. — Solange rebate à altura, sem se importar com os olhares confusos de Lara e Joe sobre nós.

Fico com sangue nos olhos, vendo tudo vermelho na minha frente. Ela tocou em minha ferida de propósito, sabe que o efeito da rejeição em um *hombre* que nunca recebeu um “não” antes pode ser devastador. Humilhante.

— O que doeu mais *no* foi a *su rechazo* em si, Sol. Mas sim o motivo dela. *Tu no* faz ideia do quanto machucou *mi corazón* ao dizer que me rejeita porque sou branco e estrangeiro — despejo em cima dela.

Por um momento ela me olha de um jeito doce arrependida, mas *no* passa de puro fingimento. Logo a leoa brava coloca as garras para fora revidando o ataque.

— E como você acha que eu me senti quando me disse que eu deveria agradecer por ser a “sua refeição da noite”? Afinal, na sua opinião, para uma gorda feia dar para você seria como ganhar na loteria. Um privilégio. — Seu dedo quase se enfia meu rosto adentro enquanto fala. Lara balança a cabeça, me olhando decepcionada ao descobrir o monstro destruidor de *corazón* que

yo soy.

Furiosa, Sol fica de pé, ajeitando-se para ir embora.

Mas quando *yo* comecei a chamar essa *mujer* tão intimamente apenas de “Sol”, que nem percebi? Droga!

— Não acredito que você vai embora por causa desse cara. Se quiser, podemos ir jantar em qualquer outro lugar do Rio de Janeiro. Só não deixa ninguém estragar nossa noite, por favor. — Implora Joe. Mas a *mujer* está irredutível, é teimosa como uma mula.

Sorte a minha.

— Eu sinto muito por essa situação constrangedora, Joe. Nem sei o que dizer, se não quiser mais sair comigo eu entendo. Caso ainda esteja interessado, marcamos outro dia. Mas hoje não tem mais clima, desculpa! — Antes de ir embora Sol me encara, seus olhos são como duas labaredas de fogo dançantes que me consome por completo.

Dios! O que essa *mujer* tem para mexer tanto comigo?

Sinto-me desconcertado na sua presença, como *uno niño* entrando na puberdade. Mesmo agora ela está tão brava comigo, *yo* no consigo parar de babar em cima dela. Babando no seu decote e todo o resto. Falo sem pensar, penso o que não devo. Quero o que não devia, e machuco quem no momento daria tudo para ganhar um sorriso exclusivamente para mim.

— Peço desculpa em nome do Gonzáles, estou muito envergonhada por termos chegado aqui e atrapalhado o momento de vocês. —Se desculpa Lara com as bochechas coradas, *yo no* estou nem aí que estraguei o jantar dos dois, essa era minha intenção desde que sentei nessa mesa.

— Não precisa se desculpar Lara, foi um prazer te conhecer. Só tome cuidado com as suas escolhas em relação aos homens, você merece muito mais do que um babaca que provavelmente iria te levar para cama hoje para amanhã de manhã sumir do mapa. — Aconselha Lara, depois inclina para me encarar com o rosto a poucos centímetros do meu. Como ela cheira bem, algo mais forte, acho que colônia masculina. — Quanto a você, seu metido a última bolacha do pacote, se voltar a cruzar meu caminho novamente impondo sua presença desagradável vai entender porque muita gente por aí diz para ficar longe de mim. Porque não sou flor que se cheire. — Ameaça, *no* satisfeita em me desamortizar em público, pega um copo de suco que está na mesa do lado e joga na minha cara e vai embora rebolando vitoriosa *a pelutona!*

— Ah, mas isso *no* vai ficar assim, essa *la puta madre* me paga. Dessa vez, essa *mujer no* me escapa — rosno e saio correndo atrás dela com a camisa ensopada de suco de laranja.

Quando *yo* chego do lado de fora do restaurante a vejo de longe no

estacionamento sensualmente erguendo o vestido para montar em uma moto preta gigante dessas bem descolada. Coloca o capacete, gira a chave e acelera o ronco da máquina é potente. No momento do desespero de perdê-la de vista novamente me enfio no meio da rua abrindo os braços impedindo seu caminho, se ela quiser ir embora vai ter que passar em cima de mim.

Percebendo minha intenção, a louca acelera mais e vem com tudo para cima de mim. Permaneço estático, ela vai parar tenho certeza! Mas não parou, e se yo no tivesse sido esperto jogando meu corpo para o lado no último segundo a diaba teria passado em cima de mim sem dó ou piedade.

Caído no chão rolando algumas vezes até parar na posição de barriga para baixo, observo-a partir contando com a força do destino para que nos reencontrarmos novamente. Essa história *no* pode acabar assim.

— Nosso jogo de *seducción* só está apenas começando, *Carinõ*. —
Sorrio cafajeste.



Capítulo 29

John

— Você fica tão lindo assim, John Thompson, sério. —Meu peito enche de ternura ao ouvir a voz sonolenta de Yudiana, tão baixa que mal consigo ouvir.

— Nunca mais me assuste assim, meu amor. —Deslizo as pontas dos dedos pelo seu rosto afastando uma mecha de cabelo atrevida próximo a seus olhos, em movimentos leves e carinhosos.

Inclino a cabeça, e deposito um beijo em seus lábios.

— Pode fazer uma coisa por mim, Ursão? —Ela tenta manter os olhos abertos, mas está com tanto sono que mal consegue falar.

— O que você quiser minha vida, é só pedir e eu farei. —Tento manter a voz firme, mas vê-la neste estado frágil está acabando comigo.

— Me leva pra casa, por favor, eu odeio hospitais. —Responde quase inaudível.

— Então somos dois, meu anjo. Eu também odeio. Me traz péssimas

lembranças. —Tiro meu paletó e enrolo em volta do seu corpo, ela treme um pouco parece estar com frio. Pego-a em meus braços com cuidado, para manter o equilíbrio ela segura em meu pescoço.

Saio do quarto apressado andando pelos corredores, algumas enfermeiras nos olham torto, mas não interferem. Não havia segurança na porta no momento, então não tivemos problemas para sair do hospital. Procuro meu carro no estacionamento e desligo o alarme já de longe, coloco Yudiana no banco da frente e ajesto o cinto de segurança. Dou a volta e a levo embora. Para minha casa. Precisamos ficar a sós essa noite, temos que ter uma conversa muito importante. Reveladora.

Yudiana cochila por todo o caminho, chegando em casa deixo-a enrolada no cobertor como um bebê na minha cama enquanto preparo um banho relaxante de banheira. Ela resmunga um pouco na hora de tirar sua roupa, foi uma batalha para conseguir prender seus cabelos longos em um coque para não molhar. Está agitada. Mas quando seu corpo fica submerso na água morna sinto sua paz de espírito voltando aos poucos.

Acabo tirando minha roupa lhe fazendo companhia na banheira. Posiciono-a usando meu peito como apoio para suas costas, observo ela brincar com as espumas em volta dos nossos braços.

Se estar assim juntinha com a mulher que se ama em um momento tão íntimo como este não é a melhor coisa do mundo, sinceramente não sei o que possa ser.

— Precisamos conversar, John. —Yudiana solta de repente, depois de permanecer pelo menos uns dez minutos em silêncio.

Acho que precisava de coragem para tocar no assunto, agora que começou vamos até o fim. Mesmo ela nervosa desse jeito, seja lá o que for, está morrendo de medo e vergonha de me contar.

— Antes que você diga qualquer coisa, quero que saiba que não vai mudar em nada o que eu sinto por você. Ao contrário, o meu amor e a admiração pela mulher forte e corajosa que se tornou hoje, mesmo vindo de uma família como aquela, aumentou ainda mais. —Faço o possível para confortá-la da melhor maneira que posso, estou tão tenso quanto ela.

O medo dela em me contar o que lhe aflige tanto me assusta, não sei se estou preparado para ouvir. Só de imaginar que alguém possa ter lhe feito mal algum dia, me deixa furioso.

— Eu estou com medo que sinta nojo de mim depois que eu contar, mas você precisa saber da verdade em relação ao que aconteceu no meu passado. —Respira fundo, posso sentir as lágrimas enchendo seus olhos.

— Eu sentir nojo de você, impossível! —Afirmo, porém, mas seu receio continua sendo consideravelmente grande. — Mas eu não abro mão de ouvir tudo o que tem para me contar olhando nos meus olhos, eles são a janela para o seu coração. —Segurando sua mão, puxo Yudiana para fora da banheira conduzindo-a em direção ao quarto.

A empresto um dos meus conjuntos de moletom cinza de algodão confortáveis que ela tanta ama, e visto apenas uma calça azul marinho do meu pijama.

— Poderia sentar na cama, por favor, quero acabar logo com isso. — Pede, e eu acato sua vontade.

Ponho-me de joelhos no chão a sua frente segurando suas mãos, seus olhos ardem nos meus. Mal consegue respirar, está em um grau de tensão incalculável.

— Eu estou pronta para contar para você que sofri abuso sexual por vários anos na minha infância e início da adolescência. — Diz segurando o choro, e o horror toma conta da minha face.

Sua revelação explode em mim como uma bomba. Primeiro, mal consigo me mover, apenas sinto as batidas fortes do meu coração. Um silêncio arrebatador a minha volta onde consigo perceber somente o ruído da

minha respiração. E em segundos levando andando em círculos quero gritar de ódio. Esmurrar a parede, matar o desgraçado que fez isso com ela no soco.

Esse homem está com os seus dias contados!

Mil vezes maldito!

— Pelo amor de Deus, Yudiana! Como me conta uma coisa dessas somente agora? Porra! —Perco a razão, e começo a gritar com ela tomado pela ira. — Quem fez isso como você? Diga agora mesmo. —Exijo, o que eu fiz com Binladem não será nada comparado ao que farei com esse cara.

Eu vou acabar com a vida desse covarde!

— Por favor John, se acalme. —Ela implora.

— Como pode me pedir calma depois de me contar que te feriram dessa forma tão brutal? —Desabo, sentindo a dor dela refletindo em mim. — Me corta o coração que passou por esse inferno sozinha, devia ter dividido esse fardo pesado comigo quando começamos a namorar. —Respiro fundo, dolorosamente.

— Se eu não te contei antes foi por medo. Vergonha. A primeira pessoa para quem tive coragem de contar e pedir ajuda, me virou as costas ficando do lado do homem que abusou de mim.

— Quem seria tão cruel a ponto de virar as costas para alguém em uma situação terrível como essa? — Pergunto furioso, preciso fazer justiça me vingando de todos que marcaram a vida da mulher que amo de maneira tão cruel, pessoas que passam por esse tipo de trauma carregam as cicatrizes pelo resto da vida.

— Meu pai. Eu contei a ele que um missionário na igreja dele me estuprou por anos, em vez de cuidar e proteger, me jogou na rua por blasfemar contra um homem de Deus. — Yudiana se encolhe ainda mais toda envergonhada apertando mais os braços em volta do próprio corpo, e eu me sinto um babaca por estar a pressionando dessa forma.

Deve ser difícil demais contar algo tão pesado para alguém, principalmente eu sendo seu namorado e ela sendo a vítima.

— Tudo bem, meu amor, você não precisa enfrentar tudo sozinha, você tem a mim agora para te proteger. — Puxo-a até mim abraço seu corpo carinhosamente, depositando beijos por todo seu rosto.

A dor em meu peito é tanta que me seguro para não desabar na sua frente, não quero que ela pense que estou com pena dela. Nem sei se é raiva mais o que sinto pela sua família, mas sim, nojo. Me pergunto como que um pastor que se diz homem de Deus, abandona a própria filha quando mais

precisou da sua proteção? Isso é imperdoável, precisa ser vingado.

Ou não me chamo John Thompson Terceiro.

— Por isso você fugiu de casa como sua mãe disse no almoço? —
Indago afagando seus cabelos.

— Eu não fugi de casa como minha mãe disse, eu fui expulsa pelo meu próprio pai com a alegação que eu estava inventando mentiras para sujar o nome respeitado da nossa família. Ficou do lado do meu estuprador, e se livrou de mim. Naquele momento, me senti a pior pessoa do mundo. — Ainda trêmula, Yudiana chora descontroladamente em meus braços colocando sua dor de anos para fora.

O que fizeram com ela, é imperdoável!

Pastor Jackson obrigou uma menina, que não sabia nada da vida além de ser feridas tantas vezes que mal consegue contar, por pessoas que deveriam ter a protegido da maldade e não ser o causador dela, a se virar sozinha nas ruas, correndo o risco de ser abusada novamente ou até mesmo morta.

— A única coisa que eu quero saber é o nome do maldito que fez isso com você meu amor. Porque com o seu pai, eu me entendo depois. —
Aproximo meu rosto bem próximo ao dela sibilando cada palavra dita,

usando toda força que tenho para manter preso os piores demônios dentro de mim sedentos por vingança.

Porra! Como um homem consegue sentir prazer machucando uma criança? Isso é a maior monstruosidade que alguém pode fazer, principalmente pela vítima se tratar de um inocente.

— Sabe porque eu odeio tanto o meu nome? —Yudi fecha os olhos pesadamente tomada por um sentimento ruim. Doloroso. Com as costas da mão, acaricio seu rosto vagarosamente. —Porque com autorização do meu pai quem escolheu foi o meu agressor, ele dizia que sabia que eu seria dele no dia em que me viu pela primeira vez no hospital quando nasci. —Sinto como se uma espada atravessasse meu corpo, vendo a dor correndo pelo seu rosto em formato de lágrimas e mais lágrimas sem fim.

— Foi o seu tio que fez isso com você, não foi? Não gostei do jeito que ele olhou para você hoje, sabia que tinha algo de muito ruim por trás. — Confirma com um leve aceno de cabeça, fragilizada.

Travo o maxilar fervilhando por dentro, quero encontrar esse desgraçado e enchê-lo de bala. Mas não quero assustar Yudiana, não mais do que já está. Preciso ser forte agora para apoiá-la dando-lhe todo meu amor, até porque a vingança é um prato que se come frio.

— No começo eu achava que a culpa era minha, pois tinha seios maiores do que as meninas da minha idade e lábios carnudos e... —Para de falar soltando um soluço, arrasada. Pego sua mão, e conduzo até a cama novamente sentando ao seu lado.

Não consigo parar de pensar no quanto que ela sofreu, de quantas vezes chorou sozinha com o coração partido sem ter para quem pedir ajuda. Quando o faz, é escorraçada de casa como se fosse a vilã da história e não a vítima.

— Como pode ser culpa sua se era apenas uma criança, porra! Só teve o azar de ter nascido em uma família de monstros, com um tio pedófilo e um pai que não vale nada! E nem preciso citar a mãe sonsa que não vê o marido e o cunhado hipócrita que tem, e a irmã invejosa porque você, melhor do que ninguém, as conhece. —Me exalto ficado de pé novamente virado para a parede, estou puto demais com ela para encará-la.

— Me desculpa por fazer você sofrer te contando essa história, nem olhar para mim mais você consegue. —Ela começa a juntar suas coisas para ir embora, e eu imediatamente corrijo a má impressão que passei perdendo-a em um abraço forte.

— Eu sinto muito por não estar lá para te proteger meu amor, me

perdoa! —Beijo o topo da sua cabeça, ela precisa saber que não está mais sozinha e que tudo de mal que fizeram a ela não ficará impune. —Prometo que vou vingar o que fizeram com você, vão pagar com suas vidas. —Juro ameaçadoramente, alguém precisa pagar por essa dor rasgando meu peito.

Estou magoado e muito zangado. Uma mistura mortal, que para um homem descontrolado como eu, sempre termina em tragédia.

— Promete pra mim que não fará nenhuma besteira, John, não quero que tire a vida de mais ninguém por minha causa.

— Mortos não pagam pelos seus crimes, Yudi, eu quero que esse desgraçado tenha uma vida longa para sofrer amargamente pelo resto dos seus dias por toda dor que te causou. —A maneira escorregadiamente sombria com que profiro tais palavras a faz arrepiar, ela sabe que não sou o tipo que quebra uma promessa, tão pouco tenho piedade com quem não a merece.

A partir daí ela não diz mais nada apenas me abraça forte. Minha mão alisa carinhosamente suas costas enquanto penso no que fazer daqui para frente. Yudiana rapidamente dorme em meus braços pelo resto da noite. Eu não prego os olhos nem por um segundo, não consigo parar de pensar em tudo o que me contou sobre seu passado desastroso.

Presenciei o nascer do sol pela janela do meu quarto. Às oito da manhã levanto para preparar o café da manhã reforçado da minha amada para que possa recuperar suas forças.

O difícil foi acordá-la para comer, a mulher parece um urso em hibernação, só saber de dormir.

— Bom dia, dorminhoca, esqueceu que temos um batizado para ir hoje? — Puxo o lençol, e minha namorada bochecha preguiçosamente.

— Bom dia, que horas são isso? —Ergue os braços para cima torcendo o pescoço de um lado para o outro.

— Hora de levantar, mocinha, eu fiz seu café da manhã. —Coloco a bandeja em seu colo, e ela sorri tímida nem parecendo de longe a mulher afrontosa que conheço.

Ainda está com receio dos meus sentimentos por ela devido a conversa delicada que tivemos ontem, principalmente o que farei a respeito.

— Eu te amo, Yudi. Desde de o dia em que coloquei os olhos em você soube que seria minha para sempre. —Declaro, não porque ela precisava ouvir, mas sim porque eu precisava dizer.

Faz tempo que estava entalado na minha garganta.

— Eu também te amo, John, muito! Eu estava com tanto medo de você não me querer mais agora que sabe de tudo, confesso que estou mais aliviada.

— Você não vai se livrar tão fácil assim de mim, *Indiazinha*. —Beijo seus lábios doces por um longo tempo, depois deito ao seu lado e a paparico enquanto toma seu café da manhã.

Após terminar, Yudiana liga para os meninos ficando pelo menos uma hora pendurada no telefone, o que fez muito bem a ela. Edmilson como sempre, arrancou gargalhadas da irmã. Meio que meio torto, esse menino tem um dom divido de alegrar as pessoas. Ele e Max não quiseram ir ao batizado dos gêmeos, preferiram ficar em casa jogando vídeo game.

Depois da manhã amorosa que passamos hoje, agora estamos bem. Eu preciso acreditar que estamos bem. Estou evitando tocar no assunto, quero que apague essa fase ruim da sua vida. Eu mesmo vou tratar de criar incríveis novas lembranças.

Chegamos na igreja um pouco atrasados, o batizado estava prestes a começar. Eu e minha namorada entramos correndo de mãos dadas, rapidamente cumprimentamos Ricardo e Júlia, cada um segurando um dos gêmeos no colo. Depois somos direcionados para nossos devidos lugares ao

lado do outro casal de padrinhos: a filha do Juiz Flores, Dani, e o irmão da mãe dos gêmeos, Binho.

Cumprimento o rapaz, ele parece ansioso com o batizado dos sobrinhos.

— E aí, loira, tudo em cima? —Yudi cumprimenta a amiga dando um tapa na bunda dela, discreto, mas não o suficiente para algumas pessoas próximas nos encararem curiosas.

— Mas será que nem aqui você não se comporta, mulher? —Brinca com Yudiana devolvendo o tapa na bunda, as duas ficam abraçadas carinhosamente por um bom tempo.

— Olá, Juiz Thompson, é um prazer enorme conhecê-lo. Meu pai sempre fala muito bem do senhor em casa, só por isso autorizo seu namoro com a minha amiga linda. —Dani enche o rosto de Yudiana de beijos, dá para ver de longe o quanto a amizade delas é linda.

— Não se preocupe, Dani, eu prometo cuidar bem da sua amiga. — Prometo de verdade, olhando nos olhos de Yudiana.

— Você já cuida bem de mim, *Ursão*. —Minha namorada abraça minha cintura, nos entreolhamos com cumplicidade.

Depois que a verdade sobre o passado dela veio à tona em nosso relacionamento, estamos ainda mais unidos. Agora só falta a verdade do meu passado ser revelado, espero que não tenha um efeito inverso afastando-a de mim de vez.

— Então, agora é a Júlia com o *Cavalo* dela de um lado, e você do outro com o seu Ursão, Yudiana? —Constata Dani, com ar de quem está segurando o riso.

— Agora só falta você arrumar o seu animalzinho de estimação, senhorita Daniela Flores. —A loira fica vermelha diante o comentário da minha namorada, ela parece ser o tipo que sonha em encontrar um príncipe encantado no seu cavalo branco perdido por aí um dia.

— Você não toma jeito mesmo, Yudiana Jackson! —Se zanga com a amiga.

— Acho melhor fazermos silêncio ou o padre irá chamar nossa atenção, o batizado vai começar oficialmente agora. —Cochicha Binho rindo, apontando para o altar.

A cerimônia foi curta, porém, carregada de fortes emoções. Até eu fiquei emocionado na hora de segurar meu afilhado para consagra-lo, a princípio achei este convite um grande erro, no entanto, agora sinto-me

honrado. Eu não sei dizer quem mais chorou, se foi o pai ou a mãe dos pequenos. Ambos estão sentindo-se realizados com a bela família que formaram juntos, a filha mais velha deles de sete anos, Maria Lara, é uma graça parece uma princesa desses livros infantis de contos de fadas.

Ao término do batizado, houve uma pequena recepção na casa deles para os convidados. Tive a oportunidade de conhecer pessoalmente o senhor Joaquim, avô materno do meu afilhado e principal testemunha no caso de Maycon. Aproveitei para ouvir a sua versão da história, que bateu completamente com o relato do rapaz. Ele se sente culpado por não ter chegado ao seu conhecimento da prisão do rapaz antes, pois teria feito algo para ajudar em sua defesa.

Para tranquilizá-lo, disse que nunca é tarde para fazer o certo, principalmente quando se trata de algo que fará total diferença na vida de alguém. Nessa semana será o novo julgamento, tanto ele quanto eu estamos esperançosos que o rapaz seja absolvido de todas as acusações.

Depois que todos os convidados foram embora, nossos compadres deixaram as crianças aos cuidados da mãe dele para sairmos em um encontro de casais. Eu e o Ricardo ficamos conversando enquanto nossas mulheres retocavam a maquiagem, levou pelo menos meia hora só para isso. Fomos no carro deles, fui ao lado de Ricardo que dirigia, as duas tagarelaram no banco

de trás o tempo todo, não dávamos conta de acompanhá-las.

Escolhemos uma boate vip no centro da cidade para ir, indicação do Gonzáles. Se tem uma coisa da qual esse cara entende é de diversão noturna. Não estou acostumado a frequentar ambientes tão lotados sem meus seguranças, mas se aquele espanhol maluco diz que esse lugar é seguro, então acredito. Vou tentar relaxar e aproveitar ao máximo o passeio com minha mulher e amigos.

Porém assim que entramos, minha vontade é de sumir desse antro de perdição. Música ensurdecadora, mulheres praticamente nuas se esfregando desavergonhadamente em homens aproveitadores sexuais na pista de dança.

— Meu Deus, eu amei a música desse lugar! — comenta Yudiana, eufórica, soltando minha mão e remexendo o corpo à minha frente com uma malemolência invejável, seguindo o ritmo da batida.

— Nossa, eu também adorei, Yudi, dá vontade de não parar de dançar. — Júlia solta a mão do delegado, e se junta a dança sensual da amiga. Um grupo de homens passam e comem as duas com os olhos, chegam a cochichar algo entre si.

Eu e o Ricardo nos entreolhamos, ambos pensando em matar Gonzáles mais tarde. Esse lugar é bom para solteiros, não casais.

— Vamos pegar alguma coisa no bar para beber, e um lugar para sentar. — Puxo Yudiana pelo braço com mais rudeza do que queria e agarro sua cintura impedindo que continue com sua dança sexy, ela está proibida de fazer esse tipo de performance em público.

Apenas para mim.

— Eu concordo, Thompson! De preferência, alguma coisa bem forte para beber — Ricardo fala separando as sílabas fitando a esposa de cenho franzido, não conseguindo ao menos disfarçar seu ciúme.

Isso foi o suficiente para os dois começarem uma briga feia, e nós mal chegamos na boate.

— Boa ideia, John, faça sua parte de embebedar o Ricardo que eu vou ficar aqui com a Júlia convencendo-a a contar ao marido sobre a gravidez, antes que eles se matem de ciúmes a qualquer momento. — Yudiana fica na ponta dos pés para sussurrar em meu ouvido, aproveitando a oportunidade para me provocar passando a língua no lóbulo da minha orelha dando uma mordidinha de leve.

Fico um tesão da porra! Por mim estaríamos na minha cama agora fazendo amor, e não nesse lugar profano.

— Como assim você vai ficar aqui sozinha com esse monte de

homens te comendo com os olhos? Eu não devia ter deixado você vir com a porra dessa blusa indecente, eu quero que jogue isso e todas parecidas com ela no lixo ainda hoje quando chegamos em casa. — Tento não alterar os ânimos ou demonstrar qualquer sinal de descontrole, mas meu estado de espírito nesse momento é o mais sombrio possível.

Yudiana solta minha mão tomando uma pose defensiva levando as mãos na cintura empinando o peito, então eu soube que a briga estava armada.

— Em primeiro lugar, você não manda em mim, tão pouco no que devo vestir. Minhas roupas não definem quem eu sou, mas sim meu caráter. Meu corpo, minhas regras. — Suas sobrancelhas se juntam, as palavras entre os dentes. — Segundo: eu não vou ficar sozinha, Júlia vai ficar aqui comigo — explica.

— Vai ficar com sua amiga tão linda quanto você, nossa estou bem mais tranquilo agora — Sorrio, mas é de nervoso.

— Você não cansa de deixar claro que não confia em mim, não é mesmo? — magoada, me oferece as costas cruzando os braços. Respiro fundo tentando controlar minha raiva.

Olho para o lado e vejo Júlia e Ricardo se beijando fervorosamente,

pelo visto já fizeram as pazes tão rápido quanto iniciaram a briga. Resolvo dar o primeiro passo abraçando a cintura de Yudiana por trás beijando a curva do seu pescoço levantando a bandeira branca da paz.

Já tivemos um dia terrível ontem, não quero que a noite de hoje se torne um desastre também.

— Me desculpa, minha *Indiazinha* — sussurro em seu ouvido passando a língua em uma área sensível atrás da sua orelha, sinto seu corpo estremecer. — É claro que eu confio em você, mas o meu ciúme não depende apenas dos seus atos para se fazer presente. Basta um homem te olhar, e eu já quero matá-lo. — Sou sincero. Mais do que deveria, isso me assusta.

— Se eu fosse matar cada mulher que olha para você, John, eu me tornaria a maior *Serial Killer* de todos os tempos — resmunga, virando-se de frente para mim, envolvendo os braços em volta do meu pescoço. Sua expressão ainda é zangada.

— Chega de sermão por hoje, não acha? Já pedi desculpas, mereço pelo menos um sorriso seu. — Faço charme, ela não resiste e um canto da sua boca eleva-se.

— Não sei como consegue me levar no papo assim tão rápido, Ursão.
— Enfim me beija e ficamos bem novamente.

Yudiana passa a língua em meus lábios, instigando-me. Nosso beijo esquenta, esquecemos que estamos em público e damos um pequeno show. Segurando-a firme pela cintura a elevo do chão, ela geme quando aperto sua bunda.

Ela também está excitada.

Ótimo!

— Acho melhor irmos buscar as bebidas, Thompson, antes que você engula a pobre moça no meio desse monte de pessoas. — Delegado Avilar faz questão de lembrar-nos que estamos em público, nos recompomos imediatamente.

— Vamos no bar, então, Ricardo. A fila parece enorme, as garotas podem esperar aqui por nós — Sou obrigado a dizer contragosto. É melhor ser contrariado agora do que dormir sozinho a noite toda.

— Eu acho bom que você saiba, Júlia, que eu vou ao bar, mas meus olhos estarão em você o tempo todo. Então sem rebolar muito, ok? — ameaça a esposa, e ela logo o coloca no lugar dele.

— Você acha mesmo que eu não vou rebolar só porque você não gosta? Se não quer olhar, vire-se de costas.

A esposa o afronta, cantando o refrão de uma música enquanto rebola provocantemente.

— Não me irrita, Júlia! — Ricardo vai para cima dela, atrás de mais discussão. Ajo com sensatez e o arrasto pelo braço em direção ao bar. Eu, melhor do que ninguém, sei como o ciúme em excesso pode destruir qualquer relacionamento.

— Tente relaxar um pouco, cara. Deixa sua esposa se divertir. Tá na cara que vocês se amam, a família linda que formaram juntos é a prova disso —aconselho.

— Eu amo minha mulher, mas às vezes tenho vontade de torcer o pescoço dela — resmunga, rangendo os dentes.

— Não se preocupe. Não existe nada que uma bebida bem forte não resolva.

Ofereço-lhe um falso sorriso, fervilhando de raiva por dentro. Deixei Yudiana sozinha para provar que confio nela, mas agora mil coisas estão passando em minha cabeça.

E não são nada boas.

Fico imaginando os homens passando por ela desejando-a como eu

desejo, imaginando obtê-la com exclusividade como eu tenho. Mas ela está apaixonada por mim, não vai me deixar. Será que não mesmo? E se o cara for menos complicado do que eu, mais romântico? Divertido? Yudiana vai acabar não resistindo, assim esse maldito vai tomá-la de mim. Podendo beijar sua boca quando quiser, tocar sua pele macia. Fazer amor.

Porra! Eu não posso nem cogitar a possibilidade de ver Yudiana com outro homem, prefiro morrer do que isso.

Ou pior que isso.

Matar novamente.

Eu tento todos os dias negar para mim mesmo, mas a verdade é que foi uma adrenalina incomparável dar um fim no Binladem. É fácil usar a desculpa que fiz para salvar Yudiana, porém no fundo, sinto que o matar foi mais fácil e prazeroso do que deveria. Estou me segurando para não quebrar a promessa que fiz a mulher que amo não matando o infeliz do irmão pedófilo do pai dela, torturando-o até a morte bem lentamente. Chego a sentir o cheiro do seu sangue espalhado pela minha roupa e todo o chão em volta do seu corpo em carne viva.

Por outro lado, é até bom que esse desgraçado permaneça vivo, já estou mexendo os meus pauzinhos para que tenha o que merece. Quanto ao

pai dela, o respeitado “Pastor Jackson” vai ser somente a cereja do bolo.

— Cara, você está bem? Se continuar apertando os dedos assim com força vai acabar quebrando-os, olha estão pálidos devido à falta de sangue. — Ricardo me puxa de volta para o planeta Terra.

Olho para minhas mãos e vejo as duas fechadas em punho apertadas com muita força em um ato inconsciente.

— O que vocês vão pedir, senhores? — Sou salvo pelo barman que, momentaneamente, toma toda atenção do Ricardo para si.

Dou um passo para trás virando de costas tentando recobrar minha sanidade, deslizo as mãos pelo rosto desnorteado, preocupado com meus próprios pensamentos. Não é normal ter ciúmes de uma cara que nem existe disposto a roubar minha mulher de mim.

— E aí, gato, você e o seu amigo estão sozinhos?

Sinto um toque delicado em meu ombro, olho para o lado deparando-me com uma mulher negra muito bonita com corpo escultural e seios explodindo no decote da blusa branca curta mostrando a metade da barriga.

A saia vermelha parece um sinto de tão curta, saltos finos tão altos que chegam a ser impressionante o fato dela conseguir se equilibrar em cima

deles. Seus cabelos cacheados volumosos vêm até a cintura fina dando-lhe um ar selvagem, apesar da forte maquiagem devo admitir se tratar de uma mulher bonita.

Está acompanhada de uma amiga ruiva também muito bonita, principalmente com o mesmo gosto para roupas indecentes.

— Será que poderia tirar sua mão de mim, por favor? — Sou grosso, e ela recua imediatamente.

Mas as duas não vão embora.

— Então, o cara comprando bebida está sozinho? Nossa! Estou muito afim do seu amigo. — A ruiva solta uma risadinha olhando para Ricardo, esperando o barman fazer sua bebida sem saber ao menos que está sendo observado com luxúria por uma estranha.

— Nenhum dos dois está disponível, sinto muito. — Não as dou chance de resposta, saio e deixo as duas falando sozinha.

Só quero voltar logo para perto da minha namorada e não tirar os olhos dela um segundo enquanto eu viver, por mim já íamos embora desse lugar infernal agora mesmo.



Capítulo 30

Yudiana

— Não sei se foi uma boa ideia fazer um encontro de casais em uma boate para contar para o meu marido sobre a gravidez, em vez de ele relaxar, fica irritado com tudo o que eu faço! É melhor irmos embora, depois vejo como contar para ele. — Murmura Júlia, olhando para os lados, insegura, tentando adiar ainda mais a revelação de uma gravidez que deveria ter sido anunciada para o pai desde quando foi descoberta oficialmente.

— Se você não contar que está grávida para o Cavalão do seu marido hoje, Júlia, eu mesmo vou. Quanto mais tempo levar para revelar algo tão importante, ele vai ficar mais chateado por ter sido o último a saber — deixo claro e ela assente com os olhos marejados. Esses são os hormônios da gravidez mostrando serviço.

— Está bem, sua vaca chantagista, agora disfarça porque nossos homens estão vindo com as nossas bebidas. — Ela mostra a língua, mudando de humor de uma hora para outra.

Assim que eu gosto de vê-la, sendo a mulher brincalhona que

conheço, não insegura. Esse papel nunca combinou com ela.

— Se comportou enquanto eu estive fora, Júlia? — o Delegado pergunta assim na cara dura, entregando a ela uma batida de fruta vermelha. Se John der o mesmo chique eu dou na cara dele.

— Eu te amo, Ricardo — Júlia solta de repente, pegando o marido de surpresa. — Você é o pai dos meus filhos, e depois de tudo o que passamos para estarmos juntos hoje, posso dizer com cem por cento de certeza que não existe outro homem nesse mundo que consiga me fazer feliz como tenho sido ao seu lado — ela completa sua declaração de amor e... uau!

Agora sim está agindo estrategicamente para amansar o marido, e pela sua cara de bobo apaixonado, deu certíssimo.

— Porra Marrenta, você é a coisa mais importante da minha vida. — Os dois se beijam escandalosamente, quase entornando suas bebidas um no outro.

— E eu não vou receber minha declaração de amor, Yudi? — John vem todo saliente para o meu lado e me entrega meu *Sexy Gim*, ele sabe que amo esse drink.

— Não importa o quanto as coisas fiquem difíceis em nós, John Thompson, eu prometo nunca desistir de você. Eu só vou te deixar quando não houver mais razões de lutar pelo nosso amor.

Praticamente juro com nossos lábios bem próximos, e olhos grudados.

— Então está predestinada a ser minha pelo resto dos seus dias, Yudiana Jackson. — Pela primeira o vejo sorrir de verdade hoje, sem nenhum vestígio da tensão ou estresse da conversa da conversa tensa que tivemos ontem à noite.

Sinto-me mais próxima a John agora que sabe tudo sobre o meu passado, tive medo que tivesse nojo de mim ou pena depois que ouvisse toda a história. Mas em vez disso só me deu amor e carinho, apoio. Sei que não deixará essa história quieta, provavelmente arquitetando alguma vingança na surdina.

O que me resta é aguardar e torcer que não arrume problemas com a lei por minha causa. Mas por hoje chega de pensar nisso, só quero me divertir ao lado do homem que ama como qualquer outro casal.

Dou um bom amassos no meu namorado, depois disso, o clima só melhorou. Principalmente ao completarmos a terceira rodada de bebida, menos Júlia, ela permaneceu só nos drinques de frutas mesmo. Conseguimos arrastar nossos homens para a pista de dança, no começo Thompson permaneceu duro feito um pedaço de pau de cara feia apenas me observando dançar.

Enquanto Ricardo, estava dando seu melhor faltando pouco a rebolar,

ele exagerou um pouco na bebida. Porém, depois de tanto eu provocar meu namorado esfregando a bunda nele o homem resolveu agarrar minha cintura por trás mexendo o corpo no ritmo do meu seguindo a batida sexual do *reggaeton* que está tocando.

— Você está se divertindo, Ursão? — pergunto em seu ouvido, o som está alto demais.

Medindo pela última noite de merda que tivemos, jamais imaginaria que estaríamos aqui agora se divertindo com nossos amigos. Quando reencontrei meu tio, todas as lembranças ruins do que ele fez comigo voltou a minha mente com riqueza de detalhes.

O mesmo olhar sombrio, a dor. Medo.

Mas eu fui salva pelo meu amor que me tirou daquele ninho de cobras, e agora estou aqui feliz como não fui há muito tempo.

— Devo admitir que estou me divertindo mais do que eu esperava, até que encontro de casal em um antro de perdição como esse não é tão ruim assim. — Sua resposta sincera causa um ataque de riso em mim, acho que o excesso de álcool no meu organismo já está fazendo efeito. No dele também.

Viro de frente para John, e sou nocauteada por um sorriso de molhar a calcinha. A essa altura, devido ao calor causado pelo grande aglomerado de pessoas na boate sua camisa está molhada de suor, o cabelo sensualmente

todo bagunçado caindo sobre o rosto e a todo momento desliza os dedos pelos os fios lisos sedosos tirando sobre os olhos com seu melhor olhar safado que me deixa de pernas tremulas.

— Você está tentando me seduzir, Juiz Thompson?

— Talvez esteja, está funcionando? —Passo a língua em seus lábios respondendo sua questão, ele abre a boca abrindo passagem para mim iniciando um beijo fervoroso.

Nossas línguas se encontravam numa dança proibida, como se estivéssemos fazendo amor bruto e gostoso. Suas mãos descem da minha cintura apertando minha bunda, gemo sem interromper o beijo enquanto nossos corpos se embalam conforme a música. Essa ligação íntima entre nós vem crescendo cada vez mais forte entre nós. Basta uma fagulha para se transformar nesse fogo todo, um sabe onde tocar o outro para dar prazer.

— Olha como você me deixa na frente desse monte de pessoas, *Indiazinha*. —Aperta-me contra ele de um jeito que sua ereção se esfrega em mim.

— Nossa! Isso tudo é pra mim? —Discretamente aliso e aperto sua ereção dura e grossa, ele geme descontroladamente com o maxilar trincado enquanto praticamente o masturbo.

— Porra, Yudiana, eu estou quase gozando. —Quando eu ia finalizar

o que comecei, Júlia aparece no susto e me chama para ir ao banheiro porque está se sentindo um pouco enjoada.

— Em casa eu termino isso, Ursão. —Pisco secretamente para John, sua cara de “*quase gozo*” é hilária.

Sigo Júlia até o banheiro, chegando lá, minha amiga lava o rosto com água fria e respira devagar até o enjoo passar.

— Está melhor mesmo, Júlia? —Pego duas toalhas de papel para enxugar seu rosto, a mulher está pálida.

— Estou sim, não se preocupe, amiga. Vou chamar o Ricardo para irmos embora, antes de pegarmos a estrada vou contar a ele sobre a gravidez. —Sorri meio cansada, mas confiante.

— Como diria meu irmão Edmilson, vamos dar Glória a Deus por isso, irmãos! Já passou da hora de o Cavalão saber que sua mulher está prenha, vai surtar com a ideia de ser pai novamente.

— Credo, Yudiana, falando assim parece até que sou uma égua. — Banca a ofendida, depois gargalha.

Saímos do banheiro as duas rindo animadas, até chegar na pista de dança e topar uma mulher linda do cabelo grande cacheado quase se jogando em cima de John, e uma ruiva oferecida cochichando alguma coisa no ouvido do Ricardo quase beijando a boca dele que está tonto demais para tomar uma

atitude e afastá-la.

— Pelo visto, o ponto fraco do meu marido vão ser sempre as ruivas.

—Júlia diz com vontade de chorar, com certeza lembrando do amor obsessivo que Ricardo tinha pela falecida que também era ruiva.

— Eu não sei você Júlia, mas eu vou lá cuidar do que é meu. — Levo as mãos na cintura, odeio barraco, mas sei fazer um melhor que ninguém.

— Até parece que você não me conhece, Yudiana! —Ela diz andando rápido na frente, e já chega puxando a ruiva pelo cabelo e jogando para o lado.

Eu não faço diferente com a amiga da oferecida.

A festa para ver a nossa briga, a música é interrompida com o DJ chamando os seguranças para intervir. Todos se afastam para olhar eu e Júlia jogando as duas vadias no chão e enchendo o rosto de tapa esbofeteando as duas para aprender a não dar em cima dos homens dos outros.

— Sai de cima de mim, sua louca, você está me machucando! —Grita a ruiva.

— Cala boca, sua vagabunda! —Júlia dá um tapa com tanta força na cara dela que o estalo ecoa.

Fico preocupada com ela, do jeito que está nervosa pode fazer mal para o bebê.

— Para com isso Yudiana, você ficou louca? —John grita.

— Fica na sua, *caralho*, ou vai sobrar para você também! Por que está defendendo essa vadia? —Berro, enquanto me tira de cima da cachorra no chão chorando com a cara toda arranhada. Na minha mão tem um tufo do seu cabelo cacheado.

Ele me arrasta para fora pela cintura antes que os seguranças cheguem, Ricardo faz o mesmo com a Júlia que é levada esperneando em seus braços querendo ficar e terminar o serviço.

— Agora já chega, Júlia! Para de bancar a Marrenta do Morro do Alemão, agora é uma mãe de família, não pode ficar arrumando briga por aí. —Ricardo berra com Júlia, colocando-a no chão já no lado de fora da boate.

John apesar de também estar bravo com o que houve, não desconta em mim. Apenas confere se não me machuquei, ele sempre se preocupa comigo em primeiro lugar. Essa sua obsessão com o meu bem-estar acima do dele me preocupa bastante.

— Pensei que tínhamos um acordo Ricardo, nada de deixar outro homem ou mulher se aproximar a uma distância de três metros. —Júlia respira fundo magoada de verdade, o babaca do seu marido pisou feio na bola dessa vez. —Porque deixou ela te tocar? Com certeza porque é ruiva e tão bonita quanto a sua falecida esposa, talvez não tenha superado a morte dela

como pensei. —Bastou ela dizer isso, para Ricardo ficar ainda mais furioso.

— Minha esposa agora é você, porra! Quantas vezes vou ter que repetir isso? Deixa Andreia fora disso, não está mais entre nós para se defender das suas crises de insegurança em relação a ela. —Minha amiga se afasta um pouco involuntariamente levando a mão sobre a barriga, se tem uma coisa que consegue feri-la profundamente é quando o palerma do Ricardo fala da falecida.

— É melhor parar por aqui Ricardo, antes que fale algo que se arrependa depois — interfiro.

John me olha feito me arrastando de perto deles, para que eu deixe os dois se resolverem sozinhos.

— Deixe-os conversar, mulher! Sei que está preocupada com sua amiga, mas tem coisas que a gente tem que resolver sozinho — concordo com ele.

De cara feia, mas concordo. John beija meu rosto, abraçados observamos a DR dos nossos compadres.

— Se for para você surtar assim toda vez que uma mulher ruiva chegar perto de mim, é melhor procuramos um advogado para preparar os papéis do divórcio. Ter ciúmes de uma pessoa que já morreu é loucura, estou farto disso.

É então, que, como sempre, a mistura de álcool com raiva faz com que um idiota fale merda.

— Eu estou saindo de casa hoje mesmo com os meus *quatro filhos* para morar com meu pai. Quando os papéis estiverem prontos é só mandar para mim que eu assino. — Júlia é firme e o seu marido para de respirar.

O silêncio entra em cena, ninguém ousa abrir a boca por longos segundos.

— Se é assim que você quer, que assim seja. Estou cansado de ser obrigado a viver provando o amor que sinto por você. Não sou um adolescente, Júlia, pode ter certeza que se ainda existisse uma ligação entre mim e Andreia, nunca teria me casado com você — o delegado fala sem olhar para ela. Vai começar a chorar daqui a pouco, tenho certeza.

— Como quiser, seu cretino. Eu odeio você!

Solta Júlia na hora da raiva, acertando Ricardo com esmurro no peito.

Esses dois são dois cabeças duras, mas se amam de um jeito tão absurdo que chega a ser ridículo.

— Sabe o que mais me irrita em você, Júlia? É esse poder que tem sobre mim, me faz parecer errado mesmo quando estou certo. Odeio quando fala comigo quando está nervosa ameaçando me deixar, sabe que não vivo sem você e usa isso contra mim sempre que pode. — As mãos tremulas de

Ricardo demonstra o quanto está devastado.

— Agora já chega de palhaçada Ricardo, para de falar merda antes que seja tarde demais. —John se irrita, e mete a colher na briga dos nossos compadres.

Agora sou eu que olho feio para ele, onde está aquele papo todo de deixar os dois se resolverem sozinhos? O cínico apenas dá de ombros.

— Por mim já chega por hoje, eu só quero pegar as crianças e ir para casa do meu pai logo. —Júlia começa a chorar fazendo drama, Ricardo também.

Seguro o riso, um homem desse sem um pinga de vergonha de chorar na nossa frente.

— Que verdade é essa, Marrenta? —Ricardo vai até ela encurralando, agora de um jeito ou de outro a verdade sai. —Você descobriu que está doente, por isso tem chorado tanto à toa esses dias e ficado nervosa do nada? Seja o que for, eu não vou te abandonar, vamos dar um jeito. —Ele entra em desespero imaginando mil coisas.

— Eu estou ótima! Me solta, quero ir embora. Estou um pouco tonta. —Se afasta dos seus toques.

— Como tonta se não bebeu nada com álcool hoje, amor? —Ricardo a abraça contra sua vontade obrigando-a a olhar em seus olhos.

— Eu não estou doente seu babaca, estou grávida novamente de quatro semanas. —Solta assim a queima roupa, e o marido empalidece.

— Por isso disse que ia embora com seus quatros filhos e não três, pensei que tinha errado a conta na hora da raiva. —Ricardo perde a força das pernas e cai sentado no meio fio com o rosto nas mãos completamente tonto pelo impacto da revelação. Júlia abaixa ficando na altura dele.

— Me desculpa, meu amor! Eu não sei como isso foi acontecer, sei que os gêmeos estão pequenos, mas daremos conta de mais um bebê. —Ela tenta explicar da melhor forma que consegue, como se só ela fosse culpada pela gravidez.

— Deus! O que eu fiz para merecer tantas bênçãos em minha vida? Nada poderia me fazer mais feliz do que a chegada de mais um filho. —Ricardo diz entre lágrimas e mais lágrimas, os dois se abraçam e choram juntos de felicidades.

Homem chorão da porra!

— Então, você está mesmo feliz com a notícia?

— Claro, meu amor, sinto que o time dos meninos lá de casa vai crescer com a chegada do Ricardinho Junior. Quando penso que não tem como você me fazer mais feliz, sempre me surpreende. —Os dois se beijam apaixonadamente.

Pronto! Começou a melação.

Reviro os olhos.

— Desculpa pelo o show que eu dei lá dentro, mas quando eu vi aquela ruiva tocando em você eu perdi a cabe... —Ricardo cala a esposa com um beijo, ela parece uma maritaca não para de falar.

— Eu conheço um bar tranquilo no centro para beber e ter uma boa conversa, podemos terminar nossa noite lá, o que acham? —Sugere John, e todos concordam.

Só saímos do tal bar com o dia começando a clarear, a base de muito risos e brincadeiras. Ricardo e Júlia obviamente brigaram novamente várias vezes, mas logo faziam as pazes e voltavam com a melação. Se não brigassem o tempo todo, não seria o casal mais excêntrico que conheço. Já Thompson, apesar de manter a postura seria, se divertiu muito.

John reagiu melhor a verdade sobre meu passado do que eu pensei, pelo menos aparentemente. Ele realmente não tocou mais no assunto nem mesmo por um segundo, e isso me assusta profundamente. Afinal, o grito assusta, mas o silêncio, ah! Esse é apavorador, perigoso e assassino.

Destruidor.

— Tem certeza que não quer subir um pouco? —Confirmo antes de sair do carro. Depois de deixarmos Júlia e Ricardo em casa ele me trouxe em

frente ao meu apartamento.

— Eu quero muito, meu amor, mas realmente não posso. Daqui a poucas horas preciso me arrumar para o trabalho, e a senhorita também. — Curva o corpo para me beijar, nessa brincadeira levamos pelo menos meia hora para nós despedimos.

Ao chegar em casa, sou recebida por uma comitiva eufórica pelos meninos acordados na sala até essa hora com a tv ligada. Quando me veem chegar da porta, ambos agarram a minha cintura.

— Que susto deu na gente, mulher! Hoje nós nem dormimos preocupados com você, Didi. Passamos a noite inteira jogando vídeo game e comendo todo tipo de porcaria que achamos na geladeira. —Comenta Edmilson, na maior cara lavada desse mundo.

— Eu senti saudades de você, seus dois malandrinhos. —Beijo o rosto dos dois, depois os coloco para correr para cama.

Nunca me senti tão leve antes, sem culpa. Feliz. E protegida pelo homem que amo, muito bom saber que não estou mais sozinha nesse mundo maluco. É como se a minha vida começasse agora, e eu pretendo viver um dia de cada vez.



Capítulo 31

Yudiana

Minha manhã de segunda-feira neste fórum nunca me pareceu tão linda como hoje, tranquila. Sinto-me mais leve depois de ter tirado o peso da verdade dos meus ombros. Mesmo encontrando minha mesa atolada de trabalho, com uma pilha de relatórios e processos que vou levar pelo menos o resto da semana para ler e colocar em ordem meu humor é o melhor possível.

Quando precisei levar alguns documentos que careciam da assinatura do Juiz Flores, aconteceu uma coisa muito estranha. A porta do seu gabinete estava entreaberta, ele está tendo uma conversa muito íntima com uma mulher mais estranha. Eles estão próximos demais, quase se beijando. A estranha tem a voz vulgar e o vocabulário mais sujo que o meu, se é que isso é possível. Ela é alta, e tem um corpão estilo *panicat*. Peitos enormes siliconados, cabelo abaixo da cintura recém pintado de vermelho sangue combinando com vestido verde fluorescente colado no corpo estilo “sou puta” mostrando a metade da bunda.

Quando eles notam minha presença, Juiz Flores perde a cor do rosto. Se afasta da mulher na velocidade da luz, se recompõe, oferecendo-me o

sorriso mais falso do mundo.

— Olá, Yudiana, precisa de alguma coisa? — Não digo nada, apenas levanto as folhas e a caneta para pegar sua assinatura, sorrindo tão falsamente quanto ele.

— Nossa, que moça bonita! Olha o cabelo dela que lindo parece uma índia. — A mulher fala enquanto mastiga um chiclete irritantemente, quando ela passa a mão no meu cabelo chego a arrepiar de nervoso.

— Então, Yudiana, essa é a Brunessa, uma antiga amiga da família que passou aqui para fazer uma rápida visita. A propósito, ela já está de saída. — Joga a indireta, para que a sua “visita rápida” se toque e vá embora.

— Bem, como seu chefe disse, já estou de saída. — Caminha até meu chefe com o salto trincando no chão e fica na ponta do pé para beijar o rosto dele, limpando em seguida a marca do batom que ficou no lugar.

— Até mais, Pocahontas. Se as coisas não saírem como eu quero, nos veremos em breve por aqui.

Ela sibila entre os dentes, lançado um olhar semicerrado na direção do meu chefe, e vai embora, passando por mim rebolando exageradamente.

Estranhamente, tenho a impressão que isso foi uma ameaça, principalmente pelo nervosismo de Juiz Flores com a presença dela. Alguma coisa esses dois escondem, e algo me diz que é mais do que um caso

extraconjugal.

Juiz Flores assina os papéis que eu trouxe, suando frio. Pelo visto o pai da Dani não é o homem perfeito que ela pensa ser. Por enquanto não posso afirmar nada, mas assim que eu tiver certeza, minha amiga será a primeira a saber. Antes de ser meu chefe, ele é pai da minha melhor amiga. Mesmo que eu perca meu emprego depois, contarei a verdade.

Trabalho feito uma louca até o horário do almoço, envio uma mensagem para John dizendo que vou pedir uma comida bem gostosa para almoçarmos juntos no seu gabinete. Contudo, ele responde com uma carinha triste dizendo que está do outro lado da cidade para participar do novo julgamento de Maycon Souza, rapaz que, ao que tudo indica, foi preso injustamente. Thompson explica que a audiência foi adiantada de última hora, e apesar de não ser o juiz nesse caso, faz questão de estar presente como ouvinte para ter certeza que a sessão transcorrerá de forma justa e honesta dessa vez.

John diz que retornará só mais tarde. Talvez nem nos veremos hoje. Fico um pouco triste, mas entendo que é por uma boa causa. Então, digo que o amo e aviso que vou comer apenas um lanche natural que trouxe de casa em minha sala mesmo, até porque estou atolada de trabalho hoje também.

No entanto, passando pela recepção, trombo com promotor Pedro,

mais sorridente do que nunca, sendo descaradamente secado pela secretária.

— Que coincidência te encontrar por aqui, Yudi. Estava agora mesmo dizendo para essa linda moça, que não posso aceitar seu convite de almoço porque hoje vou almoçar com você. Tenho novidades sobre o caso daquele seu cliente particular, o Max. — mente descaradamente, juntando as mãos atrás da pobre moça, implorando para que eu confirme o que disse.

Confirmo com prazer, ansiando para ouvir as novidades que tem sobre o caso do meu “cliente particular”. Há poucos dias atrás, sentei com Max a noite e anotei o máximo de informações possíveis sobre seu padrasto e enviei para Pedro na mesma hora.

— Hoje você escolhe o restaurante, Pedroca. — Pego o braço dele e saio puxando para fora do fórum, os dois rindo feito duas crianças.

Não fomos para um restaurante muito longe, apenas dez minutos andando do fórum. Nós mal escolhemos uma mesa e sentamos, e eu já fui enchendo o homem de perguntas.

— Então, o que conseguiu descobrir sobre o padrasto de Max? Achou alguma coisa para usarmos contra ele no julgamento? Viu ele? Falou com ele?

— Calma mulher, respira! — Tento me controlar bebendo um pouco de água, mas a ansiedade é imensa. — Mas para todas as suas perguntas, a

resposta é sim e não. Com o nome que o garoto passou, em uma breve pesquisa descobri tudo sobre o filho da puta.

— E? — Começo a roer as unhas.

— Estamos em um beco sem saída, Yudi! O desgraçado do tal de Carlos Vilas Boas, além de podre de rico, tem uma ótima postura diante da “sociedade de sangue azul” do Rio de Janeiro. Se tratando do nosso país, vai ser muito difícil mantê-lo preso por muito tempo por pedofilia. Isso se conseguirmos provar, e mesmo assim corre o grande risco de ele responder pelo o crime em liberdade. — Vejo toda minha esperança indo água abaixo, como um barco naufragado.

Como proteger Max de um homem com tanto poder? Sou apenas uma advogada recém-formada, louca o suficiente para colocar seu emprego e toda carreira no meio jurídico em risco mantendo uma criança ilegalmente em casa.

— Eu estou muito ferrada! Muito mesmo. – Apoiando os cotovelos sobre a mesa, cubro o rosto com as mãos totalmente entregue ao desanimo.

— Calma mulher! Se importa se eu for na sua casa pessoalmente falar com Max? Minha mãe sempre diz que tenho o dom da palavra, consigo fazer a pessoa recordar de mínimos detalhes que pode fazer toda diferença.

— Mas é claro que pode, Pedro. O que acha de hoje à noite?

Ele concorda.

— Perfeito! Depois me passa o seu endereço por mensagem, estarei por lá às vinte horas em ponto.

— Combinado, Pedroca! Aguardo você na minha casa hoje à noite, vamos ver se é tão bom com as palavras como diz ser — provoco, apertando sua mão.

— E eu posso saber o que o promotor Pedro Alcântara vai provar para você na sua casa hoje à noite, Yudiana? — Quase engasgo com a minha própria saliva, quando John aparece do nada sentando na nossa mesa sem ser convidado.

Como esse homem chegou tão rápido aqui, meu Deus?

E com esse olhar acusador? Bufando feito um touro prestes a entrar na arena em dia de rodeio, disposto a derrubar qualquer um que cruzar seu caminho.

— Engraçado, pensei que você tivesse dito que não poderia almoçar comigo porque estava em uma audiência do outro lado da cidade e só chegaria tarde. — Iniciamos uma briga feia de olhares, não acredito que largou tudo só para vir aqui fazer essa cena toda na frente do Pedro, que permanece calado apenas observando tudo.

— E eu pensei que você tivesse dito que faria um lanche qualquer na

sua sala porque estava atolada de trabalho, mas pelo visto mudou de ideia rapidinho, não é mesmo? — O olhar de Thompson se concentra na mão de Pedro, ainda segurando a minha, até que ele se sinta incomodado e a tire.

— Eu já falei que não quero seus seguranças me seguindo, aposto que foi o fofoqueiro do James que contou que eu estava aqui. — Esbravejo.

— Aprenda uma coisa Yudiana, eu tenho olhos em toda parte então pense duas vezes quando for fazer algo escondido de mim novamente. — Ameaça maldosamente.

— Ei cara, relaxa, nós só estávamos conversando. Não precisa surtar criando coisa na sua cabeça que não existe, transformando um simples almoço entre amigos na terceira guerra mundial. — Pedro consegue deixar meu namorado ainda mais nervoso rangendo o maxilar, por um momento pensei que fosse dar um soco nele daqueles de desmaiar a pessoa.

— E você ainda está aqui fazendo aqui porque, rapaz? Suma da minha frente, antes que eu mesmo faça com que você desapareça. — A grosseria de John me deixa extremamente envergonhada, seus olhos estão esbugalhados de raiva quase saltando para fora das órbitas.

— Me perdoa por essa situação constrangedora, Pedro, nem sei o que dizer. — Peço com a voz entrecortada, não sabendo onde enfiar a cara.

— Se eu fosse você, Yudi, saía fora dessa cara enquanto pode. No

caso dele, sou obrigado a retirar o que eu disse, nem todo mundo merece uma segunda chance. —Pedro se põe de pé, e completa encarando John nos olhos sem ao menos piscar. —Pelo visto, mesmo depois de todo sofrimento que passou por não saber amar uma mulher como ela merecia, não aprendeu nada. Está cometendo os mesmos erros. Nós dois sabemos como essa história termina, pelo menos dessa vez seja sensato e saia da vida dela antes de destruí-la.

Pedro não mede a agressividade nas palavras, que acertam John arrasadoramente. Ele abaixa a cabeça vencido, ferido demais para rebater dessa vez. Então, Pedro vai embora após vencer a batalha de testosterona, ele sabia exatamente onde tocá-lo para dar o golpe preciso.

— Do que Pedro estava falando, John? Eu fui sincera com você em relação ao meu passado, o mínimo que peço é o mesmo tratamento em troca. Já está na hora de começar a se abrir, não aguento mais ouvir indiretas que me alertam sobre você. —Despejo ferida, se ele procurou agora vai ter.

— Por que convidou esse cara para ir na sua casa hoje à noite, Yudiana? Mentiu para almoçar com ele? E pior, estava segurando sua mão de forma tão íntima quando cheguei na porra desse restaurante? — Berra escandalosamente chamando a atenção de todos não ouvindo uma palavra do que eu disse, os cantos dos seus olhos estão franzidos formando uma expressão acusatória.

Meu Deus! John está completamente descontrolado, nem parece o mesmo homem que conheço. Acho que, Edmilson, não é o único que tem dupla personalidade.

— Primeiro, para de gritar porque eu não sou surda. Segundo, vamos terminar essa conversa civilizadamente em um lugar mais discreto, não com esse monte de estranhos, curiosos assistindo nossa briga. —Sou a mais educada possível, apesar da minha mão estar coçando para dar na cara desse homem.

— Você sente atração por ele? — Continua gritando, parece que está surdo para o que eu digo. — Sinceramente, isso nem dói tanto. Sabe o que mais me magoa? É saber que pediu ajuda a ele no caso de Max, em vez de pedir para mim. Você fala que não confio em você, mas na hora de compartilhar um segredo tão sério não recorreu ao homem que supostamente diz que ama. — Estou boquiaberta. Tento pensar em alguma desculpa convincente para dizer, mas meu cérebro entra em pane.

Então ele sempre soube toda a verdade sobre, Max?

Isso é demais para mim, me sinto como uma suspeita de um crime perigoso sendo vigiada pela inteligência especial do FBI vinte e quatro horas por dia. Não importa o quão discreta ou esperta eu seja, sempre estão um passo à minha frente.

— Há quanto tempo você sabe sobre a história do garoto, John? — indago-o, e ele enruga o nariz como se minha pergunta fosse completamente indiferente.

— Isso é o que menos importa agora, Yudiana, onde estava com a cabeça quando abrigou uma criança ilegalmente na sua casa? — Apesar da dureza no seu tom, pelo menos não está gritando mais. — Você acabou de se formar em Direito e faz uma merda dessas? Porra! Não faz ideia do quanto eu estou puto contigo, decepcionado. — Suas narinas inflamam conforme puxa o ar pesadamente. Ele mal consegue respirar de tanta raiva.

— Está vendo? É por isso que não contei para você. Sabia que a primeira coisa que ia fazer era me julgar.

— Se eu fosse você não me irritava mais, porra! Essa conversa fica para depois. Preciso ir consertar a bagunça que fez, e que Deus nos ajude. — Dizendo isso ele simplesmente vira as costas e vai embora, deixando-me de queixo caído. Eu nunca o vi tão descontrolado antes. Não é o tipo de homem que fala palavrão ou perde a compostura fácil.

E o que ele quis dizer em resolver a bagunça que eu fiz?

— Ai meu Deus, Max!

Penso alto e saio correndo atrás de John, desesperada, implorando para que não faça o que eu estou pensando.

Antes de ele chegar em seu carro, impeço de seguir caminho, segurando em seu braço.

— Você não seria capaz de fazer o que eu estou pensando, não é mesmo? — pergunto, quase chorando.

Então ele tira minha mão segurando seu braço e diz friamente:

— O máximo de tempo que eu consegui para que se despeça do garoto é duas horas, se eu fosse você corria, ou quando chegar em casa o conselho tutelar já terá o levado. — Meu coração para de bater. Eu prometi a Max que iria protegê-lo do padrasto.

Mas estando em uma casa de passagem da justiça, rapidamente voltará nas mãos do homem que tanto lhe fez mal, e continuará fazendo se ninguém tomar uma atitude de verdade mandando esse monstro para cadeia.

— Não acredito que está me punindo dessa forma tão cruel só porque está com ciúmes do promotor Pedro. Se levar isso até o fim, nosso relacionamento termina aqui. Você havia me alertado que era um homem obsessivo, mas não sabia que chegaria a tanto. — Vou para cima dele tomada pela raiva, intencionada a feri-lo na mesma proporção que me feriu.

— Cuidado, Yudiana, não diga nada que não tenha perdão depois. — Alerta com uma veia alta pulsante no pescoço, mas para mim soa mais como uma ameaça.

— Como quer que eu me cale vendo você envolver uma criança inocente para se vingar de mim por ciúmes? Isso é desumano! Não faz ideia do que esse pobre menino vai passar e voltar para as mãos do padrasto. — Mais choro do que falo, acordei tão feliz hoje para agora ter o coração partido em mil pedaços novamente.

— Se você acha que eu sou capaz de fazer uma monstruosidade dessa com um inocente por mera vingança, é porque nunca me amou de verdade. E se não me ama de verdade, não tem porque ficarmos juntos. — Dou um passo para trás com a mão sobre o peito, impactada.

Ele entra no carro e vai embora acelerando ferozmente, com o sangue quente e coração ferido.



Capítulo 32

Yudiana

Não penso duas vezes antes de voltar para casa correndo o máximo que posso, preciso aproveitar cada segundo que me resta com Max. Como vou explicar que o conselho tutelar vem buscá-lo ainda hoje? Quebrando a promessa que fiz a ele, provavelmente não vão autorizar que leve o seu cão Luck.

Que inferno!

Minha vida é uma desgraça atrás da outra.

No entanto, ao entrar no meu apartamento deparo-me com a imagem de Max sentado no sofá cabisbaixo com suas coisas arrumadas em uma sacola no chão ao lado do seu cão que dorme tristonho.

— Quando eles vêm me buscar, Yudi? — pergunta com a voz triste, então ele já sabe.

— Em breve, temos pouco tempo. — Sento ao seu lado e o abraço o mais forte que posso, só agora percebendo o quanto esse menino se tornou importante na minha vida. — Como sabe que o conselho tutelar vem te

buscar, Max? – Limpo uma lagrima que desliza lentamente pelo seu rosto, está muito assustado o coitadinho.

— O sr. Thompson veio conversar comigo mais cedo, disse que tentou ligar para você várias vezes, mas não conseguiu. — Enfio a mão dentro da minha bolsa e percebo que meu celular está descarregado. Esqueci de levar o carregador para o trabalho hoje.

— Droga! — resmungo baixinho.

— Ele me explicou que hoje o fórum recebeu uma denúncia anônima dizendo que um dos funcionários estava mantendo uma criança ilegalmente ao seu poder, pediram para eles enviarem uma viatura da polícia para averiguar imediatamente a casa de Yudiana Jackson.

— O quê? Me conta isso direito, Max.

— Por sorte, quem atendeu o telefone foi o assessor dele, Gonzáles, que imediatamente passou o assunto para Juiz Thompson que largou tudo e veio correndo para resolver o problema. —Explica, e eu me sinto a pessoa mais idiota do mundo pela forma grosseira que tratei John no momento da raiva.

Ele saiu correndo do novo julgamento de Maycon que estava acompanhando de perto desde que foi reaberto as investigações, não para brigar por ciúmes e sim me salvar de mais uma enrascada que me meti. Ainda

bem que foi o Gonzáles que atendeu o telefonema da denúncia, assim puderam resolver o problema na encolha.

— Mas, quem pode ter feito essa denúncia? Somente eu e o Edmilson sabíamos desse segredo, isso não faz nenhum sentido.

— Eu sei quem foi, Yudi. Aquele homem que chegou no meio do almoço de noivado da sua irmã, o seu tio. Eu já o vi na casa do meu padrasto várias vezes. Meu padrasto sempre fazia festa para receber seus amigos, que são como ele, gostam de machucar crianças e ainda tiram fotos e gravam vídeos para ver depois bebendo e rindo. —Um soluço escapa da minha boca, meu tio e o padrasto de Max são amigos.

A situação fica cada vez mais nojenta. Que ironia do destino o meu destino se cruzar com o de um menino que encontrei morando na rua, simplesmente inacreditável as voltas que o mundo dá.

Minha nossa! Se eu conseguir encontrar essas gravações e fotos, são mais do que provas para condenar todos esses monstros, matando vários coelhos com uma cajadada só evitando que tantas outras crianças passem pela mesma situação traumatizante que eu e Max passamos.

— E você lembra onde seu padrasto guardava essas fotos e vídeos, Max? Essa informação é muito valiosa.

— O sr. Thompson fez a mesma pergunta quando contei toda minha

história, e eu respondi que meu padrasto guarda tudo em um quarto secreto no sótão trancado com vários cadeados. Ele disse para eu não me preocupar, porque sou seu protegido agora. Para alguém chegar até mim, terá que passar por cima dele primeiro. — Quanto mais Max esclarece a história, mais sinto-me envergonhada pelas merdas que disse para o meu namorado.

Então, quando John foi atrás de mim ele já sabia também que Max sofria abuso do padrasto, e eu o acusando de tirar o menino de mim por vingança.

Sua idiota!

— E o que mais ele disse, Max?

— Ele falou que precisaria me mandar para um lar por enquanto, mas trabalharia dia e noite para me trazer de volta para você e o tio Dimy o mais rápido possível e de forma legal.

— Sério que ele prometeu isso?

— Sim! E jurou que meu padrasto e o seu tio irão pagar pelo mal que nos fizeram, amargamente. — Sou envolvida por uma sensação ruim e tem uma coisa que preciso perguntar, mas morrendo de medo de ouvir a resposta.

— Meu tio já machucou você também, Max? — Se esse demônio encostou um dedo que seja nessa criança, eu o mato.

— Não! Meu padrasto dizia que eu era só dele e ninguém mais podia

me tocar. Mas as outras crianças que ele levava lá em casa durante as festas que fazia com os amigos, todos eles as machucavam. Podia ouvir o choro e o grito delas do meu quarto, mas eu não podia fazer nada para ajuda-las.

— Meu Deus! — Levo a mão até a boca, apavorada com o seu relato. —E você conhecia algumas dessas crianças? Tente lembrar, Max. Quanto mais testemunhas acharmos para depor contra seu padrasto, melhor. — Ele respira fundo.

— A maioria dessas crianças são de família pobre, pelo que entendi em uma conversa deles que ouvi escondido eles abordavam na rua esses meninos e meninas depois da escola oferecendo dinheiro e alimento para suas famílias. — Não aguento a sensação de nojo que se instala em mim, corro para o banheiro e vomito tudo que está no meu estômago.

Não é somente Max que preciso ajudar, e sim todas essas crianças inocentes sendo subordinadas para ter sua inocência roubada.

— O que foi, Yudi, você está passando mal novamente? — De joelhos no chão, debruçada sobre o vaso, giro o rosto para trás e encontro um par de olhos assustados me fitando. Estão marejados e vermelhos. Ele segura o choro ao máximo, a fim de demonstrar força.

Max me ajuda a levantar do chão e sentar no vaso, tira um pedaço e me entrega gentilmente para limpar a minha boca.

— Sinto muito por estarem levando você de nós, queria que ficasse aqui para sempre. — Seguro seu rostinho entre minhas mãos, ele inclina-se e beija minha bochecha. Estamos ambos com o coração partido. Um porque precisa ir e o outro por não poder fazer nada para que fique.

— Mas que história é essa de fazerem outra reunião no banheiro e eu novamente não ser convocado? Eu tento assumir o papel de homem dessa casa, mas assim não dá. — Edmilson chega segurando uma sacola, protagonizando uma das suas cenas.

— Onde você estava, Edmilson? Já falei que não era para deixar Max sozinho. Mas agora também tanto faz, ele está indo embora.

— Eu não deixei Gasparzinho sozinho, Didi. Seu boy magia teve aqui dizendo que precisava conversar com Max. Pela cara do Clark Kent, percebi que a coisa era séria então fui dar uma volta na rua e acabei demorando mais do que devia para comprar isso. *Tchan rã!* — Ele tira de dentro da sacola um livro da grossura de um tijolo, os olhos de Max chegam a brilhar quando vê.

— Meu Deus! Esse exemplar do último volume da série O Mágico de Oz vem com a capa dura e tudo, eu fugi de casa antes de terminar de ler a coleção toda, só faltava esse. Deve ter gastado uma fortuna, não precisava ter se incomodado, tio Dimy. — Max corre e abraça seu tio maluco postiço. Olho para o pé dele e vejo que não está usando seu tênis caro que vivia

exibindo para cima e para baixo, que eu dei de presente no seu aniversário de dezesseis anos.

Agora sei como comprou o livro, deve ter vendido para um dos seus amigos. Já que não pode mexer em um centavo da sua mesada ou usar o cartão de crédito porque meu pai monitora cada centavo que ele gasta.

— Não precisa agradecer, Gasparzinho, você fala tanta desse livro que quando vi outro dia na vitrine de uma livraria dei um jeitinho de comprar.

— Eu vou guardá-lo comigo para sempre, obrigado por ser o melhor tio que uma criança pode ter. Não importa para onde me levem hoje, eu serei sempre seu sobrinho. —Max abraça seu presente como se sua vida dependesse disso.

— Mas quem vai levar você? E para onde? — A cor de Edmilson foge do seu rosto, fora pego de surpresa pela notícia.

— Alguém denunciou no fórum que Max estava vivendo aqui em casa escondido, John foi obrigado a convocar o conselho tutelar para virem buscá-lo antes que a coisa piore ainda mais.

— Para um abrigo até resolver sua situação legal, ainda não sei qual.

— Eles não podem levar Max, Didi, ele faz parte da nossa alcateia. E nossa obrigação é protegê-lo, como teremos certeza que esse lugar é mesmo seguro? — Pergunta sério, genuinamente preocupado.

— Juiz Thompson prometeu a Max que o trará de volta para nós de forma legal perante a lei. E eu acredito nele. —Pelo menos agora, penso comigo.

Porque a menos de uma hora atrás o acusei de coisas horríveis, preciso procurar por ele e pedir desculpas.

— Eu não estou gostando dessa história, Didi, quem garante que vão tratar o Gasparzinho bem nesse abrigo aí? —Edmilson está inconformado, ele assim como eu se apegou muito ao garoto.

— Está tudo bem, tio, não se preocupe! Sr. Thompson disse que vão me levar para um abrigo com profissionais de sua confiança, e que não é para eu me preocupar porque agora o problema do meu padrasto passou a ser responsabilidade dele. —Balanço a cabeça sorrindo, John não perde a mania de querer resolver o problema dos outros.

O meu anjo caído vingador entra em ação novamente, pronto para fazer justiça.

— John é bom em proteger as pessoas Edmilson, pode confiar. — Meu irmão assente, mas com uma tromba enorme.

— Prometam que vão cuidar bem do Luck enquanto estiver fora? Para onde vou, não poderei levá-lo. — Respira cabisbaixo, está preocupado com o bem-estar do seu melhor amigo.

— Eu vou cuidar bem daquele vira lata pulguento, eu prometo! Não vamos te abandonar também, *carinha*. Eu e a Didi iremos te ver onde quer que te levem. — Edmilson pega o menino e o joga no ombro. Max, que antes do meu irmão chegar era pura tristeza, agora gargalha alto, sendo virado de cabeça para baixo com o cabelo cobrindo seu rosto.

Não demora muito e o conselho tutelar bate à minha porta. Edmilson dá um abraço nele bem forte e deixa que se despeça do seu cão, depois leva o animal para o quarto, para que não o veja ir embora. Eu sou a última a me despedir e as últimas palavras de Max vão ficar guardadas eternamente em minha mente.

— *Sabe, Yudi, minha mãe era a mulher mais linda e doce que existia no mundo. Quando ela morreu... — Faz uma pausa para limpar uma lágrima que desliza vagorosamente pelo seu rosto, respirando fundo para tomar força para continuar. — Pensei que jamais conseguiria amar alguém como a amava, mas então apareceu você, me dando abrigo e o que comer. Cuidou de mim a troco de nada, acolhendo da melhor forma que pôde, não se importando com os problemas que isso poderia lhe causar depois. Quero que saiba que te levarei dentro do meu coração para onde for, e que eu te amo muito — ele conclui, aquecendo meu coração como um dia ensolarado. O tomo em um abraço cheio de ternura.*

— Tudo bem, querido, eu também te amo. Mas só retribuí o que

alguém fez por mim um dia. Assim como você, eu fui machucada por alguém quando criança e morei na rua por um tempo até que um cara muito legal me achou e cuidou de mim.

Lembro do dia em que Joe me encontrou, no começo tive medo de confiar nele. Mas então, em pouco tempo seu sorriso e sua voz doce conquistou minha confiança e eterna gratidão.

— Me desculpe por trazer problemas para você. Eu iria embora escondido antes que isso acontecesse, mas acabei me apegando a você e o tio Edmilson.

— Isso não importa, Max, nós também nos apegamos a você, meu amor. — Sinto meu coração sendo esmagado dentro do peito.

— Está pronto, Maximilian Toledo? Precisamos ir agora. — O rapaz moreno do Conselho Tutelar olha para nós dois com pena. No entanto, realmente precisam ir.

Faço questão de tirar todas as dúvidas sobre o abrigo onde Max irá ficar. Queria que fosse o do irmão de Pedro, mas é tão bom quanto e fica em um bairro bacana e seguro. As crianças são vigiadas a todo momento, nunca ficam sozinhas. Graças a Deus! Assim fico mais tranquila, mas mesmo assim vou visitar Max todos os dias para ter certeza que está de fato bem.

— Sim, senhor, eu estou pronto.

— Eu prometo não te abandonar, meu amor. Você faz parte da nossa matilha de três lembra? —Digo enquanto observo ele entrando no carro com sua mochila nas costas, quando enfia a cabeça para fora da janela aproveitando o último momento para dizer:

— Sabe Yudi, se eu pudesse escolher ter uma segunda mãe eu queria que fosse você.

E com essa declaração, o vidro foi fechando conforme o carro entra em movimento pegando velocidade levando Max embora de nós. Ele se despediu até o último minuto dando tchau através do vidro.

— E se eu pudesse ter um filho, queria que fosse igual a você. — Sussurro apenas para mim devastada por dentro, infelizmente o meu pequeno já estava longe demais para ouvir.

Depois que Max some das minhas vistas, subo correndo até meu apartamento. Pego minha bolsa e a bateria extra do meu celular, preciso ir a um lugar fazer uma coisa muito importante antes de voltar para o trabalho. Peço um táxi, não estou em condições de dirigir.

Durante todo o caminho tento ligar mais de mil vezes para John. Mas ele não atende, muito menos responde as centenas de mensagem que envio dizendo o quanto o amo implorando seu perdão.

— Chegamos, moça. — Diz o taxista estacionando o carro, tiro uma nota cem reais e digo que pode ficar com o troco estou com pressa para encontrá-lo.

Entro pela porta da frente feito um furacão, quando encontro a pessoa que procuro eu a abraço com tanta força que quase esmago seus ossos.

— Eu acho que nunca agradeci como devia, então obrigado por tudo que fez por mim até hoje. — Sussurro.

— Ei mulher, o que aconteceu? — Joe me puxa para o sofá em formato de lua que tem no salão do Clube Luxos e senta ao meu lado, preocupado ao me ver desabando na sua frente.

Mas não é de tristeza e sim gratidão, sempre fui muito grata por tudo que ele fez por mim. Mas depois de conhecer Max, vejo a sorte que tive de encontrar alguém que tomou o lugar de protetor na minha vida que meus pais negligenciaram. Eu não podia voltar para o meu trabalho sem vir aqui dar um abraço nele, agradecendo mais uma vez por praticamente ter me criado.

— Sabia que quando alguém me perguntava o nome do meu pai na faculdade, eu dizia Joe Brum? Porque era o seu nome que vinha a minha cabeça, e não do homem que de fato me colocou no mundo. — Conto mordendo a parte de dentro do lábio, um pouco constrangida até.

— Oh menina, eu ficaria chateado se fosse diferente. Apesar de eu

ainda ser muito lindo e jovem para ser seu pai de verdade, eu te amo como se fosse. —Dou um tapa na careca dele rindo, e ele ri também fervorosamente todo bobão.

Se tem uma coisa da qual me lembro trabalhando nesse clube tantos anos, é que não teve um dia em que Joe não fez eu ou alguma das meninas sorrir feito loucas com as suas piadas cafonas que contadas por outras pessoas nunca teriam a mesma graça. Mas saindo dele, era impossível não rir.

Esse negão lindo tem o coração de ouro e a alma de criança, o tipo de pessoa que tem prazer de fazer as outras felizes.

— Então, eu já posso começar a te chamar de papai agora, Joe? — Debocho fazendo biquinho, e ele mostra a língua pra mim.

— Também não vamos exagerar, minha filha, o que as mulheres vão pensar vendo uma cavallona dessa me chamando de “papai”. —Sua gargalhada divertida aquece meus ouvidos, é o que mais sinto falta desse lugar. Da sua alegria, a espontaneidade em tudo o que faz. Sempre tão gentil com todos, caridoso.

Olho para o palco no fundo da pista de dança onde eu fazia minhas apresentações, não resisto e tiro os sapatos indo correndo até a barra de ferro de pole dance e me penduro nela fazendo algumas manobras leves, faz um tempinho que não pratico.

— Sabe, desde que eu te vi pela primeira vez ainda uma menina assustada toda suja vivendo na rua, imediatamente notei um brilho especial em você. Que é só seu. —Joe levanta e fica me observando de braços cruzados usando a parede como apoio para suas costas, com aquele sorriso enorme de orelha a orelha. —Foi feita para ser admirada por todos em um palco fazendo o que sabe de melhor que é dançar, e não ficar enfiada dentro de um escritório o dia todo escondida do mundo.

Eu quase caio de cara no chão quando lembro que estou mais que atrasada para voltar para o trabalho, com muita sorte John vai aceitar falar comigo e vamos fazer as pazes.

— Meu Deus! Falando em escritório, eu preciso voltar para o fórum, meu horário de almoço estourou há muito tempo.

— Veio com seu carro? —Nego calçando meus sapatos novamente. —Então eu vou te dar uma carona, em troca vai me dar um presente especial de aniversário de dez anos do Clube Luxos, terá uma grande festa Open Bar de comemoração. — Diz, mas eu estou tão apressada que nem escuto direito, só confirmo.

— Eu dou o presente que você quiser, afinal faço parte da história desse lugar. Agora vamos logo, homem. —Saio o puxando pelo braço.

Enquanto Joe dirige até o fórum, conto a história de Max. E ele enfim

entende o porquê de eu estar tão emotiva hoje, também comento sobre o meu namoro com John e a merda que fiz. Ordenou que assim que nós fizéssemos as pazes, iríamos sair os três para jantar, afinal, nada mais justo que querer conhecer seu futuro “genro” melhor.

Perguntando Joe sobre como vão suas paqueras, ele comentou que está muito interessado em uma moça que conheceu fazendo compras em um supermercado. Se não me engano o nome é Solange, ele me mostrou a foto dela em uma rede social e a mulher é um arraso. Toda estilosa cheia de tatuagem, cabelos com longas tranças e um estilo totalmente moderno. Se o empoderamento tivesse um rosto, seria o dela.

No entanto, para minha surpresa, Joe contou o desastre que foi o primeiro jantar deles devido a chegada de uma amiga dele antiga no restaurante em que estavam acompanhadas de um espanhol egocêntrico chamado Gonzáles, pronto!

Espanhol egocêntrico com o nome de Gonzáles, só pode ser o mesmo que eu conheço. Fico de cara no chão quando escuto que o melhor amigo e assessor do meu namorado deu um show de ciúmes fazendo Solange ir embora. Pelo que entendi, os dois já se conheciam antes.

Putá merda! Esse mundo é pequeno mesmo, mais uma vez os destinos de pessoas ligadas a mim se cruzam. Sei não, mas sinto que a história do

Gonzáles com essa tal de Solange ainda vai dar pano pra manga. Porque para um homem como ele chegar ao ponto de estar com ciúmes de uma mulher, é porque está apaixonado e nem se deu conta ainda.

Ouvi dizer que é muito difícil um cafajeste se apaixonar, mas quando acontece é pra valer mesmo.



Capítulo 33

Yudiana

Depois que Joe me deixou no fórum, minha vida virou um verdadeiro tormento. Fui direto ao andar do gabinete do John falar com ele, mas não o encontrei. Ele não havia ido trabalhar. No dia seguinte descobri através de um dos seus assessores que o rapaz do caso que ele estava acompanhando, graças ao depoimento do sr. Joaquim e mais outras provas que foram apresentadas pela defesa conseguiram inocentar Maycon Souza de todas as acusações. Como indenização, receberá dez mil reais por cada mês que permaneceu preso injustamente. Todos os policiais envolvidos no dia de sua apreensão, foram suspensos de seus cargos e serão indiciados perante a lei.

John deve estar radiante com a notícia sempre acreditou na inocência de Maycon, mas não sei quando poderei dar os parabéns pessoalmente porque ele simplesmente resolveu tirar duas semanas de férias que estavam atrasadas faz tempo. Fiquei em estado de choque quando soube, sei que fez isso só para não ter desprazer de ser forçado a esbarrar comigo pelos corredores do fórum. Meu Ursão está realmente zangado comigo. Não atende minhas ligações, ou se dá o trabalho de responder minhas mensagens.

Nem um simples:

“Não seu preocupe, eu estou bem, só preciso ficar um tempo sozinho.”

Mas não, John quer me matar de preocupação. E o amiguinho dele, o espanhol metido, não fica muito atrás. Está fugindo de mim no fórum feito diabo foge da cruz. Ele sabe onde seu amigo está, mas por lealdade jamais me contaria. Já se passaram cinco dias que não tenho notícias do meu namorado, minha vida se resume a ir do trabalho para casa e visitar o Max com Edmilson todos os dias no abrigo.

Na última visita que fui, Max deixou escapar que Thompson também tem o visitado com frequência. Mas não entrou em detalhes, infelizmente. Nem com a minha segurança John se importa mais, James parou de me seguir para todo canto. Devo admitir que é maravilhoso não sentir aquela sensação de estar sendo observada o tempo todo, mas por outro lado sinto falta das brincadeiras daquele ruivo turrão.

Putá merda!

Hoje, em plena sexta feira a noite estou aqui, jogada no meu sofá me empanturrando de sorvete morrendo de saudades do meu Ursão. O pastor Jackson ordenou que Edmilson passasse o final de semana em casa, ele arrumou a mochila dele e foi correndo, parece até que o velho sabe que estou

da fossa e mandou o menino ir só de picardia comigo.

— Droga! — resmungo ao ouvir a campainha tocando, mas então penso que pode ser o meu amor.

Levanto às pressas ajeitando meu cabelo bagunçado em um nó torto e aliso as mãos na lateral do blusão branco que estou usando para parecer mais apresentável.

Respirando pesadamente, enchendo os pulmões de ar, abrindo meu melhor sorriso para enfim girar a maçaneta da porta.

— Nossa, Yudiana! Você parece ter engordado cinco quilos desde a última vez que eu te vi — comenta Dani, puxando os óculos de sol com o dedo para me analisar dos pés à cabeça.

Que tipo de pessoa usa óculos de sol as oito da noite senhor? Bufo sem paciência, aposto que viu em algum programa de moda. E esse vestido cor de burro preso também, tenho certeza.

— Ah! Vai pra puta que pariu, loira. Não estou num bom dia hoje. — Tento fechar a porta na cara dela, mas a chata impede, usando o pé.

— Então apareci no momento certo. Trouxe o filme da Bela e a Fera para a gente assistir. — Ela vai entrando no meu apartamento sem ser convidada, joga suas coisas sobre o sofá e vai até a cozinha fazer pipoca como se estivesse na casa dela.

— Deus, o que eu fiz para merecer tanto castigo? — resmungo em voz alta, colocando o DVD com o filme

Tudo o que eu não preciso hoje é assistir um romance meloso desses da Disney onde uma metade do filme é cantoria e a outra melação sem fim.

— Você disse alguma coisa, Yudi? — a loira grita da cozinha. Junto com o som da pipoca estourando formou uma melodia engraçada.

— Que eu estou grata por ter vindo amiga, quase todas as noites aparece aqui com uma desculpa diferente só para tentar me animar um pouco.

— Ele não deu nenhum sinal de vida? — Nego com a cabeça.

— Talvez, onde ele esteja passando suas férias não tenha sinal de celular ou internet para retornar minhas ligações e mensagens. — Tento me iludir, pensando que ele possa estar no nosso esconderijo secreto em Ilha Grande.

Cogitei várias vezes a possibilidade de ir lá pessoalmente conferir,

— Hoje ele ligou para o meu pai para falar sobre trabalho, mesmo de férias o homem não para. Sinto muito amiga. — Dani é sincera, aprecio isso.

Mas sinto-me como se tivesse levado um soco no estômago, a dor é a mesma. John literalmente me tirou da sua vida, para sempre.

— E se ao invés de vermos um filme, nós saímos? Acho que estou na pista novamente, então bora curtir! — Sorrio forçado, chega de ficar em casa

sofrendo por quem não está nem aí para mim.

Eu amo John, mas me amo mais.

— No seu guarda roupa tem algum vestido decente para me emprestar?

— Cala a boca, Dani, e vamos ver o que achamos alguma coisa bem sensual para você vestir chega de rosa na sua vida. —Puxo ela para o meu quarto.

— O que tem errado com minhas roupas cor de rosas? É minha cor favorita. —Pergunta inocente.

— Prefiro nem responder, amiga. —Brinco.

Uma hora depois estávamos chegando no Clube Luxos, hoje estou como cliente e não funcionária. Ainda estou com o coração partido, mas nada que três ou quatro cervejas não resolva.

— Menina, eu acho que as suas roupas são mágicas, porque eu nunca recebi tantos olhares como nessa noite. —minha amiga Dani, debruçada sobre o bar enquanto esperamos nossas bebidas.

De fato, a saia preta com lantejoulas brilhantes está um arraso nela, a blusa de manga comprida, porém frente única num verde água, muito elegante. Seus cabelos loiros estão soltos, realçando a sombra escura com a qual a maquiei em volta dos seus olhos claros, como uma mulher adulta e não

de menininha como costuma usar sempre.

— Não tem nada a ver com a roupa, menina, você que é maravilhosa. Só precisa deixar esse seu estilo de patricinha de lado, não tem mais dezessete anos.

— A maravilhosa aqui é você, esse vestido branco colado deixou seu corpo um espetáculo! Apesar de indecente, adorei o decotão em “v” que vai quase na cintura. — Enquanto Dani tagarela mais algumas coisas, sinto alguém se aproximando de nós.

Meu coração acelera esperançosamente.

— E o nosso caminho se cruza mais uma vez, senhorita. — Ergo a cabeça, deparando-me com o sorriso galanteador de Oliver Quent, o cara do hotel na Colômbia, em que fiquei hospedada e foi tão gentil comigo.

— Que surpresa boa te reencontrar em solo Brasileiro, gringo. Seja bem-vindo ao meu país! — o cumprimento com um abraço e beijo.

— Essa é a Dani, uma das minhas duas melhores amigas. Dani, esse é Oliver, dono do hotel em que fiquei hospedado na Colômbia.

Os dois se cumprimentam cordialmente, ele acabou se juntando a nós no clube. Ele conheceu Joe recentemente, que o convidou para conhecer sua casa de shows e o gringo está amando. Principalmente as apresentações das dançarinas, chego a comichar de vontade de subir no palco e dançar também

para essa plateia enorme relembrando os velhos tempos.

Levo um susto tremendo quando Joe sobe no palco e anuncia a festa que vai realizar no clube no próximo mês em comemoração aos quinze anos da casa e revela a surpresa para todos.

— Para os eternos fãs da dançarina mais famosa que passou por esse palco, está confirmado a apresentação da Índia no dia da festa. Apesar de ela ter se aposentado dos palcos, irá fazer uma apresentação especial para vocês preparada com muito carinho. — Cuspo toda a bebida que estava na minha boca, mas que porra é essa?

Quando eu topei isso que não estou sabendo?

Olho para Joe de baixo para cima com os olhos semicerrados, e o cínico dá de ombros, rindo da minha cara. Então era esse o pedido especial que ele disse que faria quando me deu carona até o fórum, filho da mãe! Agora que prometi terei que cumprir. Como estou solteira novamente, não tem porque não matar a saudade da minha antiga vida de stripper.

Depois do momento de avisos, o Dj arrasa na playlist tocando apenas músicas dançantes e a pista logo encheu de pessoas animadas.

— Amiga, respira! Não tenta ficar nervosa, mas olha quem acabou de chegar — Dani segura meu braço, enquanto Olivier mexe no celular, entretido.

— Ai meu Deus! É a única coisa que consigo dizer ao girar o pescoço em direção à porta e me deparar com a imagem de John chegando, lindo de morrer, todo de preto.

Jaqueta de couro e calça jeans, fugindo totalmente das roupas sérias que costuma usar. Parece um personagem daqueles filmes dos anos oitenta.

Caralho! Como esse homem me excita!

Seu cabelo está molhado como se tivesse acabado de sair do banho, esbanjando charme enquanto caminha na minha direção, acompanhado de James, que também está com roupas mais despojadas. Quem não o conhece jamais imaginaria que é um segurança, provavelmente em serviço nesse momento. Gonzáles também está com eles, o espanhol filho da puta. Tinha certeza que sabia do paradeiro do amigo todo esse tempo, e mentia para mim na maior cara lavada.

Mais atrás havia outros homens vestidos de roupas informais os seguindo, com certeza integrantes da equipe de segurança de John à paisana, presentes no local para garantir sua segurança de forma discreta e eficaz. Depois de uma troca de olhares entre o grupo, eles se separam pelo clube permanecendo apenas o trio perfeito.

John, Gonzáles e James.

— Oi, John, eu senti tanta saudade... — Tento dizer, mas os três passam

por mim, fingindo que não me conhecem.

— Se quiser a gente pode ir embora, amiga, é muita coincidência esses caras aparecerem aqui logo hoje. — Dani faz uma tromba enorme, cruzando os braços.

— Não é coincidência nenhuma, loira, Thompson está me punindo pelas coisas horríveis que disse a ele no último encontro. Mas se ele acha que vou me humilhar por causa dele está muito enganado! — Engulo qualquer vontade de chorar que esteja dentro de mim. Não posso desabar agora. — Deus sabe como tentei de todas as formas fazer as pazes com esse homem, mas se ele quer guerra, então vai ter. — Giro o nariz no ar mantendo a pose, sacodindo a poeira e dando a volta por cima.

Recebo uma olhada repreensiva dela, mas desiste de debater comigo. Me conhece o suficiente para saber que não volto atrás quando entro numa briga.

— Chega de conversa fiada e vamos beber mais, você nos acompanha, gringo?

— Pelo resto da vida se você quiser, minha nega. — Oliver joga uma piscadela para o meu lado, depois conclui sussurrando no meu ouvido em um sotaque americano carregado. — Eu percebi a olhada que deu para o cara mal-humorado que chegou com os amigos agora pouco, tão mal-humorados

quanto ele. Se quiser me usar para fazer ciúmes, eu autorizo com certeza. — Oliver é solidário e eu acho graça de todo o seu altruísmo, esse gringo é uma figura.

O puxo pela gola da blusa até o bar para pegarmos outra bebida, Dani faz sinal dizendo que vai nos esperar na pista de dança porque está conversando com um moreno muito gato.

Discretamente, olho na direção dos três mosqueteiros. John está com o rosto torcido nos encarando fixamente, furioso.

Ótimo. Seu filho da puta!

— Você sabe que para você e os seus amigos a bebida é por conta da casa não é, mocinha? — Joe aparece acompanhado de uma mulher maravilhosa, a reconheço logo de cara.

— Então, essa é a famosa Solange? — Brinco, e a moça sorri tímida passando uma energia positiva. — Meu Deus, mulher, você é ainda mais maravilhosa de perto. — Elogio, e a partir daí em poucos minutos viramos amigas.

Conversa vai, conversa vem, eu bebi uma, duas, três, não lembro mais quantas cervejas e mais umas coisas que nem sei o nome. O grupinho que formamos toma conta da pista de dança rindo, pulando e gritando como numa festa de formatura do colegial.

Estou me divertindo tanto, que nem lembro mais de fato que Thompson está me observando de algum canto desse lugar. Não posso vê-lo, mas sinto seus olhos queimando em cada centímetro do meu corpo.

— Eu vou no banheiro, Dani, quer ir também? —Minha amiga nega com a cabeça já totalmente “fora da casinha” dançando com o moreno gato que conheceu, ela também abusou um pouco a mais no álcool.

— Eu vou com você, Yudi, preciso retocar minha maquiagem. — Solange pega no meu braço e vamos juntas para o banheiro, passando por um extenso corredor do Clube Luxos quando o cadarço da bota dela desamarra.

— Quer que eu amarre para você, Solange?

— Não precisa, Yudi, atende o seu celular que está tocando no seu bolso. —Ela aponta para a luz brilhando por trás do tecido da minha bolsa amarela clara, e abaixa para amarrar o cadarço. Viro para atender sem olhar o visor.

— Alô? — Falo tranquilamente notando que havia quebrado uma unha e nem tinha reparado.

— Já se divertiu bastante com seu amigo gringo, Indiazinha? — Escuto a voz de John ecoar do outro lado da linha, grossa e ameaçadora.

Meu coração para de bater, a respiração pesada e as pernas trêmulas. Posso sentir seu sorrisinho presunçoso, o filho da mãe sabe o poder de

sedução que exerce sobre mim.

— Eu me diverti sim, e vou me divertir muito mais ainda essa noite.

—Respondo petulante para provocar mesmo.

Depois de ficar em silêncio por longos segundos ele responde:

— Não tem medo de andar nesse corredor escuro sozinha? Para uma mulher bonita como você, pode ser perigoso. —Seu tom irônico não me agrada.

— Que história é essa, John? O corredor não está escuro, e eu não estou sozinha, minha nova amiga Solange está aqui comi...

Paro de falar quando olho para trás e percebo que Solange sumiu do nada. Antes que eu possa ter qualquer atitude as luzes do corredor se apagam deixando tudo um verdadeiro breu a minha volta.

Com a falta de visão, o meu sentido auditivo fica aguçado. Nesse ambiente a música da pista de dança já não é tão alta, assustada, dou um passo para trás ao ouvir passos vindo em minha direção como um felino artiloso acuando sua presa. Ameaço correr, mas sou impedida por uma mão grande segurando meu braço.

— Eu juro que tentei me afastar lhe dando espaço que precisa para saber o que quer de verdade, Yudiana Jackson. —John aproxima a boca bem próxima do meu ouvido, e morde o lóbulo da minha orelha fazendo uma onda

de prazer percorrer pelo meu corpo.

— Eu quero você, sempre quis. —Tento beijá-lo, mas ele não deixa e fica me provocando esfregando a boca na minha de leve.

— Mas você gosta de brincar com fogo, não é mesmo? Veio até esse lugar com sua amiguinha usando essa roupa indecente porque sabia que chegaria ao meu conhecimento. Se queria chamar minha atenção, pois bem, conseguiu. — Pega a minha mão e sai me arrastando para o estacionamento dos fundos do Clube destinado a clientes vips, é uma área ainda mais escura e privada.

— Quero te agradecer por tudo o que fez por mim, e por tudo que está fazendo por Max, esse menino se tornou muito importante na minha vida. — Agradeço andando rápido, quase não consigo acompanhar seus passos largos.

— Não se preocupe, você vai me agradecer daquele “jeito” que eu gosto agora mesmo. — Olho com tesão para o homem lindo à minha frente, me puxando pela mão, cheio de segundas intenções, parecendo um motoqueiro rebelde com essa jaqueta de couro preta aberta que exhibe os músculos debaixo da camisa também preta coladinha.

— Como conhece bem esse lugar, John?

— Não piso em um lugar sem antes estudar cada centímetro do terreno antes. Isso faz toda diferença. — Seu tom é enigmático, como uma

mensagem oculta. — Mas não estou afim de conversa agora, Yudiana. Meus planos para você são outros. — John me imprensou na primeira parede que encontra, de frente para um portão grande que dá para uma rua movimentada, onde vez ou outra um carro joga o farol em nós.

— Alguém pode nos ver aqui, seu louco. Vamos para um lugar mais discreto, de preferência um quarto — digo, olhando para todos os lados.

— Não! Eu quero você aqui e agora — ele diz, sensualmente rude.

John passa a língua molhada pelo meu pescoço até chegar no decote enorme indecente do meu vestido, afasta com a mão o tecido e leva um seio a boca sugando ferozmente.

A mão continua descendo até encontrar o tecido da minha calcinha fina, começa acariciando-me por cima do tecido seguindo os movimentos circulares da sua língua em volta do bico do meu seio. Em seguida resolve ousar mais um pouco e enfia dois dedos de uma vez causando uma onda de prazer pelo meu corpo, gemo descontroladamente quando começa com movimentos de entra e sai lentamente dentro de mim, de um jeito enlouquecer.

— Você está tão molhadinha, meu amor. Louca para ter pau dentro de você, não é sua safada? — John solta com a voz abafada, cheio de tesão.

— Como não ficar com você me tocando assim, homem? — Gemo de

olhos fechados, deixando-me levar por esse momento intenso.

Putá que pariu! O cheiro dele me entorpece, e esse pau duro esfregando em mim de propósito é excitante demais. Toda essa escuridão, só deixa tudo mais instigante.

— Você gosta que eu te toco assim, Indiazinha? Ou prefere quando eu entro dentro de você indo bem fundo e rápido? —Fico toda fogosa, adoro quando John fica com a boca suja assim falando sacanagem durante nossos momentos íntimos.

— Acho que você sabe a resposta, Ursão. —Segurando minha cintura, em um movimento brusco gira meu corpo colocando minhas mãos abertas apoiadas na parede com a bunda empinada ao seu dispor.

Mordo os lábios sorrindo quando escuto o barulho do zíper da sua calça abrindo numa velocidade realmente impressionante. Sério que esse homem vai me comer aqui mesmo correndo o risco de alguém chegar a qualquer momento? Caralho! Isso é muito excitante, essa sensação de proibido é boa demais.

— Agora sinta o tamanho da saudade que eu estava de você, menina. —John arranca minha calcinha num puxão preciso, depois entra em mim numa estocada violenta, bruto feito um touro.

— Porra John! —Gemo escandalosamente, ainda bem que a música

no Clube está alta.

— Caramba! Você está me esmagando, eu não vou aguentar muito.

—Anuncia aumentando o ritmo das estocadas, é preciso ele segurar firme na minha cintura para que eu não perca o equilíbrio.

— Isso! Não para, estou quase lá, John. —Impulsionando o corpo para trás indo ao encontro do seu membro extremamente duro conseguindo a tão profunda e deliciosa penetração que eu queria, conseguindo chegar a um pontinho nunca tocado antes.

Pela primeira vez John não está fazendo amor comigo, apenas me fodendo, despejando a raiva dentro de mim em forma de prazer mais obscuro que alguém possa sentir.

Quando sinto que estou perto de chegar ao clímax ele solta assim a queima roupa:

— Dá próxima vez que eu ver algum coleguinha seu te tocando novamente, eu o matarei friamente bem na sua frente, entendeu bem?

O homem feroso de instantes antes atrás fica imóvel muda para ameaçador e cruel. Isso não é uma ameaça, mas sim um aviso.

Às vezes, John me assusta demais, essas suas mudanças de humor repentina e esse ciúme todo e algo realmente para se preocupar.

— Você não pode e não tem o direito de controlar minha vida assim,

eu te amo, mas não estou disposta a abrir mãos dos meus amigos por conta do seu ciúme doentio.

— Então paga pra ver, Yudiana. Depois não diga que eu não te avisei.
—Chego a me arrepiar toda com suas palavras, mas nem tenho tempo de raciocinar direito porque ele começa a se movimentar novamente dentro de mim de um jeito ainda mais bruto.

Com uma mão, segura firme meu cabelo preso num rabo de cavalo, com a outra John prende meus braços nas minhas costas conseguindo o máximo de impacto possível. Entrando e saindo tão depressa que não consigo respirar, apenas sentir a intensidade. Chego ao clímax num grito agudo, ele vem logo em seguida atrás de mim, mas sem soltar um ruído que seja totalmente em silêncio. Apesar de eu ter sentindo um prazer incalculável, estou muito zangada da forma que aconteceu.

Thompson veio aqui hoje com um plano traçado para me punir, primeiro me esnobando quando chegou. Depois me encurralando nesse corredor escuro. Me fodendo brutalmente quase partindo-me ao meio, não que eu esteja reclamando por isso. E onde foi parar Solange que até agora que eu não sei? Fora as ameaças de morte feitas para os meus amigos enquanto me fode brutalmente feito um cavalo arisco no cio achando que eu não farei nada a respeito.

Ah! Mas nem a pau.

— Você acha mesmo que pode sumir esse tempo todo sem atender minhas ligações ou responder minhas mensagens implorando seu perdão, passando por mim quando chegou aqui fingindo que não me conhece...

— Yudiana eu... —Tenta me interromper.

O corto cobrindo sua boca e continuo:

— Depois montar essa cena toda e me foder nessa parede, ainda vem querendo me dar ordens dizendo que tenho que me afastar dos meus amigos senão vai matá-los na minha frente. Ah, vai para o inferno seu controlador doente, precisa procurar ajuda médica urgentemente. —O empurro para longe de mim ajeitando a saia do meu vestido, estou toda melada da porra do filho da puta.

E furiosa com ele.

Muito furiosa.

— Você sabia onde estava se metendo quando se envolveu comigo, Yudiana. Eu deixei claro para você que eu sou um problema, e mesmo assim continuou insistindo que essa relação entre nós poderia dar certo de alguma forma.

Um carro passa na rua e o farol rapidamente iluminando o rosto dele, ele vira para o outro lado rápido, mas não o suficiente para eu não ver que

está com olhos marejados quando completa:

— Eu sempre soube que não daria certo, mas agora estou envolvido demais para voltar atrás. —Completa com culpa, como se soubesse que deveria me deixar ir, porém não consegue.

— Eu sei que te julguei mal antes, mas tentei me desculpar. —O empurro para longe de mim ajeitando a saia do meu vestido, queria mesmo era pular no pescoço dele e repetir o que acabamos de fazer imprensados nessa parede, mas a porra do meu orgulho não deixa.

— Você pode até não acreditar em mim, Yudiana, mas durante o tempo que fiquei longe eu morria um pouco toda vez que você me ligava ou mandava uma mensagem. E chorei feito um menino quando li em uma delas que me amava e não conseguiria mais viver sem mim, não faz ideia de como isso mexeu comigo porque me sinto da mesma forma. — Baixa o olhar sentindo-se constrangido de estar se abrindo dessa forma, e meu coração derrete todo.

Abraço sua cintura, por mais difícil que possa ser nosso amor eu realmente acredito que possa dar certo.

— Não menti quando disse que te amo, John. Ficar longe de você foi uma tortura, por mais que a gente brigue não quero que nos separemos novamente. Mas antes, preciso que se mostre para mim de verdade, como eu

fiz te contando tudo sobre meu passado. —Sinto sua mão afagando meus cabelos, cheio de ternura e afeto. Nós dois fomos feitos para ficarmos juntos, duas metades que se completam.

Meus batimentos acelerados se normalizaram, assim como a tensão em seus músculos se descontraem.

— Eu tenho medo que você me deixe quando souber quem sou de verdade, meu amor. —Me abraça mais forte, apavorado.

— A verdade jamais me fará ir embora, mas a falta de confiança, sim.

— Eu vou te mostrar quem sou de verdade, Yudi, se continuar comigo. —Bastou ele dizer somente isso, para eu dizer o que eu queria desde que o vi chegando na boate.

— Me leva para o nosso esconderijo? —Peço já pulando no seu pescoço, vai ser bom para nós ficarmos escondidos do mundo por um tempo em Ilha Grande.

— Pensei que não fosse pedir nunca! Só você mesmo para me fazer vir em lugares barulhentos como este, se tudo der certo temos um maravilhoso final de semana pela frente. —Facilmente John me ergue do chão fazendo com que minhas pernas envolvam sua cintura, assim ele caminha comigo até onde está o seu carro.

Descanso a cabeça em seu ombro enquanto passamos pela saída dos

fundos do clube, o som da música fica cada vez mais distante.

— Mas e a Dani? Não posso deixá-la para trás, sozinha — digo, mas não faço nada para evitar que ele continue me levando para casa.

— James já deve tê-la deixado em casa a essa altura. Sua amiga exagerou um pouco na bebida. Mas não se preocupe, está em boas mãos.

Me tranquiliza.

— E a Solange? A mulher sumiu do corredor do nada — lembro, preocupada.

— Essa está aos cuidados do Gonzáles. Nunca vi meu amigo tão interessado em uma mulher antes. Espero que ela consiga dar um jeito nesse espanhol mulherengo.

Se existe alguém que possa fazer isso, é a Solange. Em poucas horas fizemos uma grande amizade, a conheci a poucas horas, mas o suficiente para notar a mulher guerreira que é, empoderada e personalidade forte.



Capítulo 34

Solange

— Isso é para você aprender a nunca mais mexer comigo, seu espanhol safado! —Quase enfio meu dedo testa adentro do cafajeste caído no chão de joelhos depois de levar nas suas bolas o chute mais forte da história, isso é o que ele merece por ter me sequestrado no corredor do clube quando abaixei para amarrar o cadarço da minha bota.

Tentei pedir ajuda para Yudiana quando esse homem louco me arrastou, mas ela estava entretida de costas para mim atendendo uma ligação. Gostei muito dela é alegre e divertida, pelo que entendi é como uma filha para o cara mais velho que estou saindo, Joe Brum. Até a amiga patricinha da Yudi, a Dani, é bem legal. É a primeira vez que conheço uma garota dessas com cara de líder de torcida que me trata como gente de verdade sem nenhuma armação por trás para me humilhar na frente de todo mundo depois.

Na época da escola a maioria das pessoas não conseguiam me chamar pelo meu nome, apenas de vaca gorda, baleia Willy, pudim de banha, e assim ia até levar uma surra minha. Nunca fui do tipo que vai chorar no banheiro depois de ser humilhada, resolvo no punho mesmo depois sigo em frente de

cabeça erguida. Não sou uma pessoa violenta, mas se me ferir eu devolvo com juros e correção monetária.

Nunca me deixei oprimir por conta do meu peso “extra”, amo cada pedacinho do meu corpo do jeito que ele é. Nunca fiz dietas malucas ou me matei de malhar na academia. No primeiro dia de aula que voltei chorando para casa por ter sofrido bullying na escola pelas outras crianças devido a minha aparência, lembro até hoje das palavras do meu pai...

“É chegada a hora de guardar a coroa, princesa, e colocar a armadura. O mundo não é como nos contos de fadas da Disney. Não importa o que vão fazer com você, mas sim a sua postura a respeito disso. Você é linda, seu corpo é lindo. A nossa raça negra é linda, cheia de empoderamento e cores. E lembre-se sempre de uma coisa, se você não se amar primeiro como é, ninguém o fará depois. E nunca, nunca, nunca mesmo mude para ter o amor de um homem. Porque se precisa mudar, é porque ele ama a sua aparência, não a essência.”

Meu pai era um homem muito sábio, uma pena que Deus o levou muito cedo. Alguns anos depois minha mãe casou novamente com um homem que no começo era um príncipe, mas que após a gravidez do meu único irmão, Rafael virou um sapo. Começou a beber e bater na minha mãe, e quando descobrimos que meu irmão tinha um tipo de autismo muito raro ele foi embora porque não queria ter um filho “defeituoso”.

Enfim...

Eu só não consegui dar um jeito no Gonzáles quando me sequestrou no corredor, me arrastou para o banheiro masculino e trancou a porta, apenas por ter sido pega por ele de surpresa.

Sendo sincera, o fato de eu ser baixinha com pouco mais de um metro e meio de altura, não ajuda muito.

— *Santa Madre de Dios!* Tu queres me castrar, *mujer* louca? — resmunga o espanhol, ficando de pé segurando as bolas do seu pinto dolorido. Depois dessa nunca mais vai querer mexer comigo novamente.

Otário!

— Se você não me dar a porra dessa chave agora, pode esquecer dessa minhoquinha que tem no meio das pernas porque eu vou arrancar com minhas próprias mãos — berro, enfurecida.

— Se *yo* fosse *tu* no fazia isso, *Carinõ*, porque ainda vai implorar para ter essa “minhoquinha” aqui. — Apalpa seu pau com a cara mais safada do mundo. — Enterrada na sua conchinha apertadinha, *yo* mal posso esperar por isso. — Aponta para minhas partes íntimas, como se eu tivesse lhe dado alguma intimidade para isso.

Ainda faz charme deslizando os dedos pelo cabelo comprido na altura do queixo redondo, ele é um homem lindo pra porra.

Isso eu não posso negar!

Tipo aqueles galãs dessas novelas fajutas mexicanas que você assiste não acreditando que possa existir um homem tão bonito no mundo. Que é só estalar os dedos que as mulheres saem se arrastando atrás dele. Ainda bem que minha mãe sempre deixa bem claro que eu não sou todo mundo. Odeio telenovela, acho que os filmes de princesas da Disney deveriam ser proibidos, só servem para foder com o psicológico da criança fazendo com que sonhe com um monte de homens perfeitos que não existem na vida real.

As comédias românticas então, são os piores, isso das garotas estranhas e atrapalhadas serem felizes no final não passam de pura balela. Na real, são as loiras altas magricelas metidas a besta que sempre levam a melhor. Que ganham flores, bombons e cartas de amor.

São levadas ao altar.

— Eu nunca vou dar o que você quer, espanhol, pra mim você não serve nem para me divertir em uma noite de sexo casual. Até te acho um homem bonito, mas realmente não me sinto nem um pouco atraída. Me desculpa, mas essa é a verdade. — Sou sincera. Realmente não sinto nem um pouco de tesão por ele.

Não faz o meu tipo.

Beleza não é tudo para mim, na minha opinião a inteligência e a

humildade vêm em primeiro lugar.

— Me dê apenas dez segundos, e *yo* vou deixar *tu* louquinha por mim.

—Joga uma piscadela para o meu lado tomando minha atenção para o tom forte de verde esmeralda, sua pele espanhola levemente bronzada realça ainda mais seu olhar matador.

Para a maioria das mulheres deve surtir como um golpe certo, mas em mim não surte nenhum efeito. Na verdade, eu não suporto essa criatura, odeio gente metida que pensa que o mundo gira apenas em torno dela, como esse tal Gonzáles.

Tudo o que mais quero é que ele me deixe em paz, e pare de atrasar a minha vida com essa perseguição descabida só porque não consegue lidar com o fato de ser rejeitado por uma gorda como o próprio já disse claramente uma vez.

— Sabe quando a sua minhoquinha vai entrar na minha conchinha? Nunca! —O encaro furiosa, e ele sustenta o olhar no mesmo grau de fúria. — Já disse que você não faz o meu tipo, cara, se valoriza e cai fora do meu caminho. Será que é tão difícil assim levar um não? Para com essa obsessão toda por mim que já está ficando feio. —Cruzo os braços emburrada, ele não desvia os olhos de mim um segundo.

— E quem faz o seu tipo, Sol? O tal Joe dono desse bar que *no* é, esse

hombre quase tem idade para ser tu *padre*. —Vem caminhando na minha direção, tihoso feito uma cobra traiçoeira, quando dou por mim já estou prensada na parede com a sua mão alisando meu rosto, com a boca tão próxima da minha que posso sentir o calor da sua respiração cada vez mais acelerada. —Ele é o dono desse lugar, *no* é? Se está com ele por conta do seu dinheiro, saiba que *yo* posso te dar muito mais do que já sonhou ter em sua vida. —Diz friamente, e o estalo do tapa que eu dei no rosto dele com toda a força e ódio que eu estou se propagou.

— Só porque compra as putas que dormem com você não quer dizer que pode me comprar também, cafajeste. Eu estou com Joe porque eu quero estar, não por interesse. Sabe por quê? — Duvido que saiba, então eu mesma respondo. — Porque ele sabe como tratar uma mulher de verdade. Com cuidado, como uma joia valiosa e não um objeto descartável.

Despejo tudo de uma vez só para esse espanhol que faz questão de me humilhar sempre que pode.

— *No* foi isso que *yo* quis dizer, *Carinõ*, *perdón*! Mas *no* vejo nenhum problema em você me dar o que *yo* quero, e ser muito bem recompensada por isso depois. — Ousa dizer na cara limpa, e a minha mão chega a coçar de vontade de dar outro tapa no rosto dele.

— Quando vai entender que eu não estou a venda, porra! — grito,

raivosa. Esse espanhol abusado consegue me tirar do sério de um jeito absurdo.

Mas Gonzáles mantém a calma o tempo todo, é o tipo de homem que, de um jeito ou de outro consegue o que quer.

— Todo mundo tem um preço, *muchacha*, cedo ou tarde você me dirá o seu. E quando isso acontecer, pode me ligar que estarei pronto para negociar. — Puxando sensualmente o canto da boca em um sorriso presunçoso, cínico e vitorioso.

Gonzáles tira alguma coisa do bolso da frente do seu casaco e coloca na palma da minha mão, um cartão escuro com seu nome “*Advogado Alejandro Gonzáles*” escrito em itálico num dourado brilhante. Embaixo tem pelo menos três números de telefone diferentes para entrar em contato com ele.

— Eu prefiro morrer do que ligar para você, espanhol — afirmo de queixo ereto, orgulhosa.

— A gente se vê em breve, *Carinõ*. — Tenta beijar meu rosto, mas eu me afasto.

Mantenho-me firme mesmo com a piscadela de molhar a calcinha ganhando toda minha atenção para os seus olhos incrivelmente verdes fatais para aquelas que não são vacinadas contra cafajestes como eu.

Depois vai embora, certo de que eu vou ligar para ele como todas as outras otárias que passaram pela sua vida.

Prefiro morrer do que me rebaixar dessa forma!



Capítulo 35

Yudiana

Eu e John saímos do Clube Luxos com as coisas tranquilas entre nós, espero que mantenhamos essa paz no nosso relacionamento daqui para frente. No entanto, assim que entramos no seu carro ele recebe uma ligação muito estranha. Fica sério e pensativo quando encerra a chamada.

— Não poderemos mais ir para o nosso esconderijo em Ilha Grande hoje, temos algo muito importante para resolver amanhã que envolve o seu nome. —Arregalo os olhos assustada, e ele explica por alto. — Eu não tirei esse período de férias do fórum apenas porque estava zangado com você, mas sim para resolver um problema que estava me tirando o sono desde que veio ao meu conhecimento. —Não faço ideia do que ele está falando, mas sei que é muito sério.

— Mas por que tem que ser amanhã que é sábado, não podemos resolver isso depois do final de semana?

— Não podemos esperar tanto! Pensei que levaria mais tempo para reunir tudo o que precisava, mas Gonzáles acabou de me ligar dando carta

branca para agir quando eu quiser. A sorte está ao nosso lado, amanhã é uma oportunidade perfeita para prendermos três coelhos com uma armadilha só. —John segura minha mão, inclina e beija meu rosto tentando me acalmar.

— Eu posso pelo menos saber do que se trata? Já estou começando a ficar assustada. —Na minha mente só vem a imagem do rostinho de Max, estou com medo que seja alguma coisa relacionada a ele.

— Infelizmente não por enquanto, amanhã quando chegarmos ao local você presenciará tudo com seus próprios olhos. Só peço que tenha paciência, e confie em mim sem fazer mais perguntas até chegar o momento certo. —Pede, e eu não tenho alternativa a não ser concordar.

— Eu confio em você meu amor, sempre confiarei. —John me beija brevemente, depois me leva para sua casa.

Tomamos banho juntos e dormimos abraçadinhos de conchinha a noite toda, precisávamos desse momento íntimo mais calmo entre nós, afinal nossa relação é sempre tão intensa. Eu amo toda essa afinidade que existe entre nós, de não importar o quanto a briga seja barulhenta, mesmo que demore um pouco, conseguimos silenciar as coisas deixando a voz do amor falar mais alto dentro dos corações.

Estou com o coração partido desde que John acordou de um pesadelo no meio da noite e disse o quanto ficou chateado com a forma que o tratei da

última vez que nos encontramos. Na mente fértil dele, menti naquele dia dizendo que comeria na minha sala mesmo, para depois almoçar com o promotor Pedro. Como já estava puto comigo pelo problemão que me envolvi abrigando Max na minha casa, acabou explodindo no restaurante quando nos viu juntos.

Eu, nervosa com a maior cena que fez, acabei explodindo também falando o que não queria. Como castigo por agirmos movidos pelo impulso, passamos uma semana infernal separados. Mas eu o abracei bem forte pedindo desculpa por ter ferido seus sentimentos, e que agora estamos bem novamente, é isso o que importa.

Acordamos cedo na manhã seguinte, tomamos o café da manhã em silêncio, para às oito da manhã já estarmos saindo de casa para o tal lugar onde ele quer me levar. Quando estaciona o carro em frente ao local, minha garganta estava seca e as mãos suando sem parar. Estou toda trêmula, sem ar.

— Isso só pode ser uma brincadeira, não é, John? — Incrédula, olho pela janela do carro a igreja onde vim tantas vezes com minha família quando eu era pequena para ouvir meu pai falando sobre a palavra de Deus no altar para centenas de fiéis que comparecia no encontro que tinha todas as manhãs de sábado.

Mas em casa, era o verdadeiro demônio em carne e osso com todos.

— Não é nenhuma brincadeira, Yudi. Hoje é um dia muito especial na sua vida, nada mais justo que esteja presente. — John sai do carro, dá a volta pelo veículo e abre a porta para que eu faça o mesmo, porque se deixasse por minha conta não sairia desse carro tão cedo.

Mesmo sem entender o motivo da nossa vinda aqui, seguro em sua mão e entramos na igreja juntos. Para minha surpresa está tendo um encontro especial com fiéis vindo de todas as sedes do Brasil, então a igreja está lotada, todos de pé cantando um lindo louvor. Em uma breve olhada no altar, vejo que até o desgraçado do tio Osvaldo está presente “louvando ao Senhor” de olhos fechados ao lado do meu pai segurando fortemente sua bíblia.

Sinto-me mal só de olhar para o fingimento dos dois, minha vontade é dar meia volta e sumir daqui. Eu o odeio com todas as minhas forças. Ameaço levantar para sair, mas John me puxa pela mão e me obriga a sentar em um banco mais escondido no fundo para que nossa presença não seja notada.

— Agora meu amor, apenas aproveite o seu momento de acerto de contas. — Meu namorado cochicha no meu ouvido, assim que terminam de cantar o louvor e todos os presentes sentam em seus lugares.

— Mas de que show você está falando? — Nem dá tempo de John responder, a igreja é invadida por uma comitiva entrando respeitosamente

pela porta da frente caminhando em direção ao altar.

Todos giram o pescoço para olhar cochichando uns com os outros confusos, percebo que quem lidera o pequeno exército de policiais é o Delegado Avilar. Quando fica frente a frente com meu pai e seu irmãozinho querido, joga a bomba.

— Senhor Osvaldo Jackson Pereira, o senhor está sendo preso pela prática de abuso sexual contra crianças. Através de uma denúncia anônima, foi feita uma busca pela polícia na casa do seu amigo o empresário, Carlos Vilas Boas, e foi encontrado vários vídeos e fotos de vocês e outros envolvidos praticando atos ilícitos contra os menores. Sendo uma das vítimas, o próprio enteado dele Maximilian Toledo de apenas nove anos. — O silêncio toma conta da igreja de tal maneira, parece até que todos estão segurando a respiração ao mesmo tempo, surpresos.

— Então Carlos Villas Boas está preso? — pergunta Osvaldo, num ultimo fio de esperança.

— Não! Ele conseguiu fugir da polícia, mas é apenas questão de tempo para o encontrarmos.

O Delegado pega as algemas para colocar nele.

Fico preocupada em saber que o padrasto de Max conseguiu fugir, espero que o encontrem logo.

—Tudo bem, eu me entrego. — Osvaldo não tem boca para dizer nada em sua defesa, sabe o quanto está ferrado agora que a verdade veio à tona. Apenas entrega os pulsos para que o delegado Avilar o algeme.

Sempre foi um fraco, quem limpa as merdas que ele faz é o seu irmão mais velho. Conto até três mentalmente, e o meu pai logo vem em defesa do seu protegido.

— Mas isso só pode ser um engano, como vocês tem coragem de vir aqui na casa do Senhor dizer tantas mentiras sobre um dos meus missionários mais fiéis. — Chego a trincar os dentes assim como os punhos, agora chegou o momento de fazer parte desse espetáculo macabro.

Tomada por uma raiva enorme, levanto-me na mesma hora e vou lá na frente com o rosto tomado por lágrimas de anos de raiva acumulada.

Agora é a minha vez de falar.

— Para aqueles que não me conhecem aqui, sou Yudiana, filha mais velha do Pastor Jackson.

Quando meu pai me vê, quase tem um troço. Então minha força cresce ainda mais, viro de frente para os seus fiéis tão amados e ponho a verdade para fora.

— Quando eu tinha dezessete anos contei para ele que o meu tio Osvaldo abusou de mim por anos, em vez de fazer o irmão pagar pelo que fez

ficou do lado dele e me jogou no olho da rua com a roupa do corpo. Quando minha mãe chegou em casa, disse a ela que briguei com ele sem motivo e fugi de casa dando uma de filha rebelde. — Meu pai se encolhe todo diante das vaias de todos. Ele merece cada uma delas. Passar por essa vergonha enorme, tendo a verdade sendo jogada no ventilador em público.

Não adianta tentar esconder quem se é por muito tempo, cedo ou tarde a máscara sempre cai. Thompson é um homem calculista, atacou onde sabia que doeria mais neles. Às vezes, a dor carnal não é o melhor castigo para certas pessoas. O maior medo de um mentiroso, é ser desmascarado diante as principais vítimas das suas mentiras.

— Tudo isso que você disse é realmente verdade, filha? — Olho para o lado e vejo minha mãe sentada no banco da frente, ao lado da minha irmã e seu noivo, por incrível que pareça as duas estão chorando.

— Sim, mãe, o seu marido e cunhado são dois monstros. —Confirmo.

— Como você deixou que esse desgraçado fizesse isso com a minha filha? Me enganando todos esses anos que ela havia fugido de casa, sempre desconfiei que tinha algo errado nessa história. —Minha mãe avança em cima do marido, dando tapas nos dois lados do seu rosto.

Os policias não fazem nada para impedir, fingem que não estão vendo.

— Disse muito bem: Sua filha. Não minha. —Meu pai diz claramente que eu não sou filha dele, a melhor notícia que recebi na minha vida. Nem me abalo, só comemoro sorrindo amplamente. —Quando se casou comigo já estava prenha dessa bastarda que só me trouxe problema, não poderia esperar menos sendo filha daquele peão vagabundo. —Minha mãe avança em cima dele novamente, é preciso a polícia interferir ou ela o mataria ali mesmo.

— Quanto a você, Osvaldo, espero que queime no fogo do inferno por tudo o que fez com a minha filha. Tomara que sofra o dobro na cadeia. — Minha mãe o pragueja, eu torço para que pegue.

— Se a senhora não estivesse o tempo todo tentando agradar meu pai, mãe, talvez tivesse notado os sinais. —Sou obrigada a dizer a ela, por medo sempre abaixava a cabeça para as maldades que o marido fazia comigo, talvez por eu não ser filha dele tinha medo de interferir e piorar as coisas.

Mesmo assim, isso não justifica sua negligência comigo.

— Desculpa por tudo filha, você tem razão em guardar toda essa magoa de mim por ser ter sido uma mulher submissa. —É preciso minha irmã correr e ampará-la, está tomada pela forte emoção do arrependimento, enfim a venda dos seus olhos caíram.

— Eu não sou obrigado a ficar aqui no meio dessa afronta na casa do Senhor, vou entrar em contato com os meus advogados e depois

conversamos.

— É bom que entre em contato com os seus advogados mesmo, pastor Jackson, porque vai precisar. — John se aproxima de mim e segura a minha mão, e completa para o meu dia ficar ainda melhor. — O senhor também está sendo preso por lavagem de dinheiro, terá que prestar conta dos milhões que guarda em várias contas espalhadas pelo exterior acumulado dos dízimos dos seus fiéis que vem roubando a mais de vinte e cinco anos. — As pessoas na igreja se exaltam, então começa a confusão.

É preciso Delegado Avilar agir rápido para tirar os dois presos da igreja, ou seriam linchados. Antes de levarem meu tio para delegacia, peço um favorzinho a um policial que o conduz até a viatura.

— Quando jogar esse verme atrás das grades, faça a gentileza de contar para os outros presos que ele gosta de abusar de crianças indefesas. — Sorrio cinicamente para meu tio, sua expressão é puro pavor.

Oswaldo me olha pedindo misericórdia, e eu balanço o dedo negando sorrindo sem um pinga de pena dela. Como é bom o sabor da vingança.

— Com prazer, moça, não precisava nem pedir. — O policial confirma, em breve Oswaldo vai estar provando do seu próprio veneno.

Eu espero que esse desgraçado seja estuprado na cadeia o dobro das vezes que abusou de mim, que sinta a dor, nojo e a vergonha de ter o seu

corpo violado por outra pessoa contra a sua vontade. Agora sim me sinto com a alma lava, vingada!

De brinde ainda descobri que não sou filha do pastor Jackson, prefiro ter qualquer outro pai do que ele. Me livrei de dois demônios ao mesmo tempo, é como se eu tivesse passado por um ritual de exorcismo.

— Vamos embora agora, meu amor? Já vimos o que tínhamos de ver aqui, é hora de seguir em frente e deixar o seu passado para trás de uma vez por todas. —John me abraça, agradeço a Deus mentalmente por ter colocado esse homem maravilhoso na minha vida.

— Obrigada por existir, meu anjo vingador. —Agradeço chorando baixinho de gratidão, John beija o topo da minha cabeça e vamos embora abraçados caminhando para uma nova fase de nossas vidas.



Capítulo 36

Yudiana

— Obrigada pela ideia maravilhosa de trazer os meninos para passar o domingo na praia. Eles estão fazendo a maior festa correndo na areia em frente a esse *marzão* azul brincando de jogar um disco para o cão buscar.

Faço carinho no rosto de John, estamos os dois preguiçosamente sentados na areia abraçados, olhando a felicidade de Max e Edmilson fazendo uma guerra de bomba de água.

Quando cheguei a casa ontem e contei para Edmilson que o pai foi preso, ele chorou. De alegria. O que sente pelo seu genitor não chega a ser ódio, mas vergonha e desprezo pela forma grosseira que sempre tratou nossa mãe e os filhos. Fez fortuna usando o nome de Deus e esse é o grau mais baixo que um ser humano pode chegar.

Também contei para Dimy que somos irmãos apenas por parte de mãe, e sobre a pessoa ruim que seu tio Osvaldo é. Um pedófilo nojent. Infelizmente, mesmo pastor Jackson sempre sabendo de tudo, o apoiava incondicionalmente. Eu e meu irmão passamos um bom tempo abraçados, ele

disse que sentia muito por tudo que sofreu durante os últimos anos.

Edmilson insiste que eu deva falar com minha mãe e irmã, elas estão arrependidas de terem se deixado enganar por tantos anos. Eu quero muito acreditar nas duas, mas por enquanto só quero distância. Liberei meu irmão para voltar para casa quando quisesse, já que agora não precisa mais levar uma vida dupla e pode ser quem ele quiser. Mas não quis me deixar sozinha. Suas palavras foram:

“Não vai se livrar tão fácil assim de mim, mulher. Nunca que vou deixar uma das pessoas que mais amo no mundo sozinha nesse momento.”

Estou muito orgulhosa do meu irmão caçula, enfim crescendo e virando um homem de verdade.

— Ainda bem que a assistente social liberou a saída de Max da casa de passagem. Com o padrasto dele por aí foragido, o garoto anda muito assustado. — John tira um cisco preso do meu cabelo, depositando um beijo no meu ombro.

— Nós vamos achar esse filho da puta, tenho certeza. — Sou otimista.

Max se aproxima, então paramos de falar no assunto.

— Estou com sede, Yudi, posso comprar uma água de coco? — o pequeno pede, todo tímido.

— Claro, querido, eu vou com você. — Deixo John sentadinho no

mesmo lugar e acompanho Max até o quiosque. Enquanto espero sermos atendidos, um rapaz simpático pede meu celular emprestado para fazer uma ligação, pois o dele acabou a bateria.

Tudo acontece em cinco minutos. Volto com o bendito coco, um para mim e outro para o meu namorado. Max leva o dele e Edmilson. Sento ao lado de John, mas basta olhar para ele para saber que não é mais o mesmo homem que deixei quando saí.

— Quem era aquele cara conversando com você, Yudiana? — Ele espera Max se afastar de nós para começar sua investigação, e pelo carão formado em seu pescoço e o fato de evitar olhar para mim, mantendo o fixo no mar, percebo que está se segurando para não fazer um escândalo chamando a atenção de todos para nós, inclusive a dos meninos.

— A bateria do cara acabou e ele precisava fazer uma ligação, John. Eu nem reparei na cara dele, para ser sincera. Só emprestei o meu celular e pronto. Qual o problema nisso?

Viro seu rosto para mim, obrigando-o a me encarar. Seus lábios estão trêmulos e veias grossas pulam em seu pescoço, ele está furioso.

Mas por que, meu Deus? Eu não fiz absolutamente nada além de ser gentil.

— Não tem nada de errado nisso, Yudiana. O problema sou eu — diz,

ficando de pé. Não acredito que vai fazer o que estou pensando. — Pode passar o resto do dia na praia com os meninos, e quando quiser ir embora é só falar com James, ele ficará aqui com vocês. Mas eu estou indo embora agora, preciso ficar um pouco sozinho. — Sem nem ao menos me dar um beijo, simplesmente gira o corpo e vai embora, me deixando para trás, confusa, sem fazer a mínima ideia do que acabou de acontecer aqui.

Permaneço apenas mais algumas horas na praia. Tenho que inventar uma desculpa para os meninos, dizendo que John teve que ir embora mais cedo porque tinha um problema importante para resolver. Deixo Max na casa de passagem e Edmilson na casa de um amigo que está fazendo aniversário hoje.

Chego em meu apartamento, louca para ligar para John. Quero conversar com ele sobre o que aconteceu na praia. Mas às vezes ele se fecha de um jeito que não consigo me aproximar, por mais que eu tente, por isso acho melhor não o incomodar, já que precisa de um tempo sozinho. Quando estiver pronto para me procurar, estarei aqui.

Depois de um banho, faço um lanche para mim e dou ração para Luck. Tanto eu quanto o cão pegamos no sono. Acordo já tarde da noite com batidas pesadas na minha porta, quase a arrancando fora. Pego o telefone para ligar para a polícia, morrendo de medo de ser algum bandido, mas encerro a ligação quando olho pelo olho mágico e vejo que é John.

Abro a porta imediatamente e o homem entra como um furacão, indo em todos os cômodos do apartamento como se estivesse procurando alguém. Parece um louco com a roupa toda desarrumada, falando sozinho.

— O que está acontecendo, John? Você está me assustando. —
Agarro a gola da sua blusa, esperançosa que recobre a razão.

— Onde ele está, Yudiana? — ele berra todo cheio da sua razão, segurando-me pelos os ombros, chacoalhando como se eu fosse uma boneca de pano.

Entro em pânico e começo a chorar de medo, parece um louco.

— Mas de quem você está falando? Não tem ninguém aqui, apenas eu e o Luck.

— Não mente para mim, porra! Eu sei que o homem que você emprestou o telefone está aqui. Eu percebi o jeito que vocês se olharam, sei que combinaram de se encontrarem depois que o idiota aqui virasse as costas.

Perco os movimentos das pernas quando John diz isso. Minha expressão de susto deve ser tão grande que até o seu olhar de raiva muda para de arrependimento na mesma hora.

Mas agora é tarde demais, e ele sabe disso.

Então Gonzáles e James aparecem do nada e tiram John de cima de mim. Permaneço imóvel, acreditando fielmente que tudo isso é um pesadelo e

vou acordar a qualquer momento.

— Ele te machucou, Yudiana? — Gonzáles volta rapidamente para perguntar, depois que ele e James arrastam o amigo para fora do apartamento.

— Não, eu estou bem — digo apenas, em estado de choque.

— *Dios!* Dava para ouvir os gritos dele lá da rua quando yo cheguei. Faz muito tempo que *no* vejo John nesse estado. Quando James me ligou dizendo que ele estava descontrolado quebrando tudo o que tinha em casa, yo vim correndo. — Gonzáles balança a cabeça, triste. — Me desculpe por presenciar essa cena horrível. Agora preciso ir tentar acalmar a fera. — Beija meu rosto e vai embora correndo.

Leva um tempo para eu conseguir absorver tudo, então pego meu carro e parto para a casa de John. Quando chego, tudo está silencioso. Gonzáles e James estão sentados na sala com a expressão mais cansada possível. Tem várias coisas quebradas para todo lado, parece que passou um furacão por aqui.

— Ele tomou sua *medicación* e voltou ao normal agora. Yo acho que esse é o momento para vocês terem uma conversa definitiva — aconselha Gonzáles.

— Pode subir, Yudi. Eu e Gonzáles vamos ficar mais um pouco aqui por precaução. Caso o chefe se altere novamente, é só gritar que vamos

correndo — completa James.

— Obrigada por cuidarem tão bem dele. Amigos como vocês é difícil de encontrar por aí. — Ambos assentem, desejando-me sorte pelo olhar.

Subo as escadas apressada, mas controlo o ritmo dos meus passos assim que chego em frente à porta do quarto de John. Giro a maçaneta dando de cara com ele sentado em uma poltrona de frente para mim, como se estivesse me esperando. Parece exausto, como se tivesse corrido uma maratona inteira e não chegado a lugar nenhum.

— Lembra que eu disse que revelaria o tipo de homem que sou? Então, acho melhor termos essa conversa agora. Provavelmente não vai querer mais saber de mim depois, na verdade, depois desse meu lado sombrio que presenciou hoje, é admirável que esteja aqui agora — profere, sério.

— Não existe nada que possa me fazer ir embora. Só farei isso quando eu perceber que não existe mais lugar para mim na sua vida. O resto a gente se ajeita.

— Impossível não ter lugar para você em minha vida, Yudiana. Você é tudo para mim — declara, me olhando daquele jeito que me faz amá-lo loucamente ainda mais, mesmo estando nesse momento de crise consigo mesmo.

— Eu estou pronta para ouvir seja o que tiver para me contar, mas eu

preciso estar olhando em seus olhos. — Me aproximo cuidadosamente.

Olhando por cima dos ombros, vejo meu namorado mexendo a boca levemente, quase sorrindo, provavelmente lembrando de quando ele disse a mesma coisa para mim quando contei sobre minha infância terrível.

Como num *dejavú*, estamos repetindo a cena que já vivemos, porém, agora as posições estão invertidas. Eu como ouvinte, ele como como narrador da sua própria história.

Sento na cama e John fica de joelhos no chão à minha frente, segurando minhas mãos e olhando profundamente no fundo dos meus olhos, como uma janela da alma. Reflete o medo no seu coração por minha reação depois da nossa conversa.

— Eu sei tudo sobre você, cada passo seu. *Não sou o tipo de homem que ama, fico obcecado* — Sorrio brincando com uma pedrinha brilhosa da minha blusa, até parece que eu não sei que ele é um homem pra lá de ciumento.

— Mas é claro que sabe tudo sobre mim, John. Você colocou seus cães de guarda atrás de mim, lembra? Mas não precisa exagerar. — Dou de ombros.

— Você não faz a mínima ideia do que já fiz para ter controle sobre sua vida, Yudi. Essa situação é mais grave do que parece.

— Confesso que não gosto que os seus seguranças me sigam dia e noite por aí, mas se isso te deixa mais tranquilo, podemos entrar em um acordo.

— Quando se trata da sua segurança não tem acordo. Para eu ter paz, precisa ser do meu jeito *doentio*. — Seus olhos endurecem, tomando um tom azul mais escuro.

— É normal um homem se preocupar com a segurança da namorada. Eu amo a maneira que cuida de mim, sempre me salvando das minhas enrascadas. Como um anjo da guarda. — Sorrio, inclinando-me para beijar seus lábios de leve, tentando fazer com que ele relaxe um pouco. Sua pele está fria e tensa.

Ele alisa meu rosto com a expressão mais triste do mundo.

— Sinto muito, meu amor, mas eu estou longe de ser um anjo. Estou mais para demônio. — Sorri, irônico. — Olha o que aconteceu hoje no seu apartamento. Se Gonzáles e James não tivessem chegando, não quero nem pensar no que aconteceria. — Ele desvia o olhar, tomado pelo sentimento da vergonha.

— De fato o que aconteceu hoje não foi normal. Esse seu ciúme excessivo às vezes me assusta. Mas também não é para tanto. Muitos casais passam por esse problema.

— Você não entendeu, Yudiana. Estamos longe de ser um casal normal. — Sinto um frio na barriga, como se fosse descobrir algo muito ruim. — Eu realmente sei tudo sobre você. Onde vai, com quem fala ou o que faz, por mais insignificante que seja. Até mesmo quando está em casa ou no escritório, não tem como se esconder de mim. — Solto a mão de John, assustada, e os cantos da sua boca transformam-se em um sorriso melancólico.

— Só falta dizer agora que colocou um rastreador no meu celular e câmeras na minha casa, não? — Solto uma risada, mas ele continua sério, coçando a nuca com cara de culpa no cartório. — Você não seria capaz de fazer isso, seria? — Ergo minha sobrancelha, irritada.

— Não só fiz, como leio escondido todas as suas mensagens sempre que posso, à procura de algo suspeito. Foi assim que descobri que pediu ajuda para Pedro no caso de Max, antes de você me contar que Júlia estava grávida.

Meu Deus! Eu não posso acreditar nisso — solto, chocada.

— Você e suas amigas têm um grupo no WhatsApp chamado “*Fofoca do dia*” onde comentam sobre tudo. Foi assim que soube da gravidez da Júlia antes de me contar. E que Dani está pensando em fazer outra faculdade, de pedagogia, porque ama crianças.

— Isso não pode estar acontecendo! — Cubro o rosto com as mãos.

Eu não poderia estar mais decepcionada com John. É tão absurdo que parece mentira.

— Inclusive, um dos assuntos mais comentados por vocês é o desempenho sexual meu e do delegado na cama. Fiquei feliz em saber que eu supri todas suas expectativas e... — Ele para de falar na mesma hora, examinando minha expressão de assustada.

— Seja o que for que tenha a mais para me contar, diga agora! — Despejo entre dentes, ficando de pé.

Agarro em sua camisa e ele olha para o teto a fim de não precisar me encarar nos olhos.

— Vem comigo. — Segurando minha mão, John me guia até outro cômodo da casa. — É neste local que acompanho cada passo seu quando não estou ao seu lado — diz ao abrir a porta. Quando acende a luz, fico apavorada com o que vejo.

As paredes estão repletas de fotos minhas tiradas em várias situações diferentes, até mesmo as mais inusitadas como coçar o nariz e abaixar para amarrar o cadarço do tênis. Minha conversa com Pedro, do dia em que encontrei Max na rua. Ele sempre soube a verdade sobre o garoto. Algumas fotos são mais antigas, bem antes de começarmos a namorar, da minha formatura em Direito, a viagem que fiz para a Colômbia nos vários pontos

turísticos que visitei e até mesmo no bar do hotel, conversando com Oliver.

Essa é a prova de que quando dizia para Júlia e Dani que me sentia vigiada vinte e quatro horas por dia, nunca foi loucura da minha cabeça.

Como se tudo já não fosse tão absurdo, tem uma estante grande com vários monitores do tipo de agente de segurança especial dos filmes. Cada um deles tem a imagem pausada em lugares diferentes, e eu reconheço cada um deles. São da câmera da entrada do meu prédio, do fórum, e do Clube Luxos, até mesmo da casa do Joe.

Caralho! Meu namorado é completamente louco, obcecado pela minha vida.

— Essa é a minha foto favorita. Às vezes passo horas olhando para ela. — John aponta para uma moldura gigantesca atrás de mim, de umas das minhas apresentações de dança no Clube Luxos. De fato, muito bonita. Em outra situação eu até pediria uma cópia para colocar na minha sala.

A câmera conseguiu pegar o exato momento em que eu sorria enquanto meu corpo deslizava pela barra de ferro durante uma apresentação de pole dance. Meu longo cabelo negro esvoaçante devido à intensidade dos meus movimentos. Meu rosto está escondido atrás de uma máscara vermelha que em contraste com minha pele escura, dá um charme especial.

Lembro-me bem desse dia. Eu estava vestindo um macacão preto

curto, bem justo, que realça as curvas do meu corpo, principalmente o busto, tendo em vista o decote generoso. Estava tão feliz, não fazendo ideia de que minha vida estava sendo virada do avesso por um homem que eu viria a amar no futuro. Puta merda! Será que John é um psicopata ou o quê? Estou apavorada.

— Com que direito invadiu minha privacidade assim? Meu Deus, isso tudo é loucura demais para mim. — Ele levanta e tenta me abraçar, mas esmurro seu peito. — Não acredito que colocou um rastreador no meu celular, e ainda mandou seus seguranças tirarem fotos minhas para você na Colômbia. — Ele empalidece, mas mantém a calma.

— Essas fotos da Colômbia... eu mesmo as tirei. — Meu olhar endurece.

— Você foi o homem de casaco preto com o capuz na cabeça que eu vi no escuro encarando Oliver e eu no bar do hotel. Você alisou o meu rosto enquanto eu dormia, de fato estava lá. Eu não estava sonhando! Porra, como conseguiu entrar no meu quarto à noite?

— Quando eu quero uma coisa, Yudiana, eu sempre consigo, mesmo que de um jeito torto.

Tem a audácia de falar e minha raiva só aumenta.

— Como tem a cara de pau de dizer isso se nem estávamos

namorando ainda nessa época? Aliás, eu havia viajado arrasada, de tanto passa fora que recebi da sua parte toda vez que tentava me aproximar.

Lembrar desse detalhe importante da história faz minha raiva aumentar ainda mais. Lágrimas dolorosas deslizam pelo meu rosto.

— Eu precisava te afastar de mim, Yudiana. Da minha loucura. Mas você não me deu alternativas para conseguir ficar longe, por mais que eu fosse cruel contigo, você não desistia de mim. — Ele fecha os olhos pesadamente, tenso. .

Como permaneço em silêncio, John completa em um tom doloroso:

— Mas se quiser pular fora do barco agora que contei sobre a minha doença, eu entendo perfeitamente. Com certeza Gonzáles e James devem estar de vigias lá em baixo, com medo que eu perca o controle novamente. — John abre a porta do quarto, deixando o caminho livre para eu ir embora.

Aproveito a deixa e saio praticamente correndo e bato a porta com força, comigo ainda do lado de dentro.

— Por acaso eu disse em algum momento que ia te deixar? Porra! — Jogo na cara dele sem controle e John me puxa agradecido para o seu abraço de urso acalmando-me, não acredito que por algum momento passou pela sua cabeça que eu poderia deixa-lo. — Mas eu tenho meu direito de ficar muito furiosa com essa merda toda, caralho. Como você mesmo disse, isso que você

tem é uma doença, e toda doença tem tratamento — Respiro bem devagar, querendo mesmo acreditar nisso.

— Eu já faço terapia desde a minha adolescência, o nome da minha doença é síndrome de Otelo. Só tratamento psicológico para mim não adianta. Para casos extremos como o meu, a medicação antipsicótica também é recomendada para o controle de impulsos — Levando as mãos na cabeça, ele fala baixinho quase sem forças.

Medicação e terapia? Nossa! O problema dele com ciúmes é realmente delicado, e muito preocupante.

— Mas pelo jeito seu tratamento não está fazendo efeito, não é mesmo? Olha o jeito que apareceu lá em casa hoje, só porque emprestei meu celular para um cara por cinco minutos. — Sai mais rude do que eu queria, no grau de magoa em que me encontro é difícil de esconder.

— Fazia até eu conhecer você. Eu estava bem, controlado. Já me apaixonei uma vez, Yudiana, e depois do fim trágico que teve por conta do meu ciúme, jurei que nunca mais iria cair nas garras do maldito amor novamente. — Faz uma careta como se amar alguém fosse o mesmo que estar infectado por alguma doença contagiosa ou qualquer coisa do tipo, parece que a dor instalada em seu peito é forte demais para conseguir suportar.

— Mas então eu apareci, fodendo com sua vida, trazendo toda essa loucura que estava no passado de volta, te cercando de todas as formas. — Agora entendo porque Gonzáles não gostava de mim no começo. Me via como uma ameaça à vida do amigo.

De fato, eu era mesmo.

Ainda sou.

— Você não fodeu minha vida, Yudiana, ao contrário, trouxe luz e esperança. Morro de medo de te perder, e isso só piora as coisas. Meu terapeuta disse que notou muita diferença positiva em mim depois que começamos a namorar, porém, se eu não perder essa necessidade de controlar cada passo, devo te deixar livre antes que destrua sua vida como fiz com a da minha primeira namorada.

— O que quer dizer com destruiu a vida da sua namorada?

— Vou te contar sobre Ercia. Ela foi meu primeiro e único amor antes de você.

— Estou enviando uma mensagem para Gonzáles dizendo que ele e James podem ir embora. Esse assunto é só entre você e eu. Chega de envolver terceiros nessa história.

Pego meu celular no bolso e começo a digitar.

— Tem certeza que quer ficar sozinha comigo, Yudiana? — John

enfia as mãos dentro do bolso, todo sem jeito.

— Antes não sabia ao certo quem você era, agora sei com quem estou lidando. — Envio a mensagem para Gonzáles, o espanhol responde que já estavam de saída e diz que a pesar dos pesares, espera que nos acertemos.

Voltamos para o quarto de John, tensos demais para segurar a mão um do outro, então mantemos uma distância confortável para ambos.

Agradeço em silêncio por sairmos daquele lugar bizarro. *Às vezes a verdade tem um peso maior do que a gente pode suportar.*

Sentamos na cama dele, agora um de frente para o outro. John tira a carteira do bolso e pega de dentro dela uma foto antiga e me entrega, de uma moça loira muito bonita segurando a ponta do seu vestido verde escuro, desses bonitos de baile de formatura, destacando alguns detalhes feitos a mão com pedras brilhosas.

Seja lá quem for o fotógrafo que tirou essa foto, conseguiu pegar um ângulo perfeito, e com certeza é o dono desse sorriso amplo que a garota de pouco mais de dezessete anos protagoniza não olhando fixamente para a lente e sim para o rosto acima dela.

— Foi você quem tirou essa foto, não foi? — Arrisco um palpite e ele confirma com um aceno de cabeça.

— Quando tirei essa foto da Ercia, nunca imaginei que seria a última

vez que eu veria meu primeiro amor. — Sinto uma pontada forte de ciúmes. Ele fala de um jeito dessa tal mulher, que me incomoda.

— Como assim última vez que a veria? Ela morreu? — indago-o.

— Não, mas infelizmente perdeu toda coordenação motora do corpo. Tudo por minha culpa. Não pode andar ou falar corretamente, precisa da ajuda de outras pessoas para tudo, passando cada segundo do seu dia presa em uma cama sem nem ao menos poder ver a luz do dia.

Desvia o olhar, sem coragem de me encarar. Mesmo em choque com tudo o que ouvi, viro seu rosto para mim novamente.

— Como assim por sua culpa, John?

— O meu ciúme doentio fez isso com ela, Yudi — confessa e eu solto sua mão na mesma hora, assustada. — Tenho medo de fazer o mesmo com você um dia, afinal, o que sinto quando estou ao seu lado não chega nem perto do que sentia quando estava com ela. É de fato doentio.

Perco o fôlego diante de suas palavras. Preciso me policiar antes de fazer uma pergunta que está martelando dentro da minha mente.

— Você machucou Ercia por ciúmes? — lhe examino horrorizada, não conseguindo imaginá-lo agredindo uma mulher.

— Não propositalmente, mas machuquei. Foi tudo minha culpa. — Notando que preciso de espaço para absorver tudo o que ele disse, John se

afasta um pouco, sentando-se no chão de cabeça baixa.

— Me explica isso melhor, eu estou confusa. Você machucou ela ou não? — Elevo a voz.

— Calma, vou te contar tudo desde o começo. Meus pais contam que sempre fui uma criança muito ciumenta. Quando diziam que teriam mais filhos, eu chorava dizendo que não. Queria eles só pra mim e mais ninguém. Tive dificuldade em fazer amigos na escola devido à minha personalidade forte, só Gonzáles conseguia me aguentar. Quando fiz dezesseis anos, uma menina nova entrou na minha escola, sentando-se do meu lado no primeiro dia de aula.

— A Ercia, não é?

Assente.

— No começo fiquei com vergonha de puxar assunto, afinal, eu sempre dou um jeito de estragar tudo. Mas tinha algo de especial nela que me atraía, seu sorriso cativava a todos quando passava. Era tão linda e inteligente, engraçada — Minha vontade é exigir que ele cale a boca, não consigo evitar ficar enciumada quando fala com tanta devoção dessa mulher. Mas como quero saber tudo o seu passado, me controlo — Não demorou muito para que metade da escola, inclusive eu, me apaixonasse por ela. Mas Ercia me escolheu entre todos, e mesmo assim isso não foi o suficiente para

mim. Nunca. — Ele coloca bastante ênfase. Deve ser horrível isso, depender tanto dos sentimentos de uma outra pessoa o tempo todo para se sentir completo.

Entrelaço seus dedos nos meus, John precisa saber que não está mais sozinho nessa. Nos entreolhamos com um sorriso tímido como se estivéssemos nos conhecendo de verdade agora, o elo entre nós mais firme do que nunca. Talvez a verdade sobre quem se é de verdade destrua a maioria dos relacionamentos, conosco ela une cada vez mais.

— Continue — peço, depositando um beijo do meio da sua testa afetuosamente.

— Eu vivia cobrando provas para Ercia do seu amor, queria sua atenção toda para mim e mais ninguém. Fiz com que se afastasse de todos os seus amigos, bastava eu ver um homem desconhecido olhando para ela na rua, para imaginar os dois transando e isso me deixava louco de ciúmes. Às vezes partia para cima do cara que apanhava sem nem ao menos saber o porquê.

— Como aconteceu hoje na praia. Você me viu conversando com outro homem e já idealizou imagens na sua cabeça de eu o traindo com ele?

— Exatamente! Depois também brigava feio com minha namorada, terminando tudo, para logo em seguida implorar seu perdão. — Balança a

cabeça em sinal de arrependimento por algo de muito ruim que fez, mas é tarde demais para consertar.

— Deixa ver se entendi bem. Você batia num cara só porque ele olhou para sua namorada, depois brigava com ela terminando tudo por conta de ilusões da sua cabeça que lhe causavam ciúmes, para então implorar para voltarem logo em seguida? — Tento não parecer tão chocada, mas é meio impossível diante da situação.

Como deve ser difícil viver com essa guerra interna com seus próprios sentimentos.

— Isso acontecia quase todos os dias, Yudiana. Depois que completamos um ano de namoro as coisas só pioraram. Mas Ercia sempre perdoava meus momentos de loucuras, era uma boa garota. Compreensiva e gentil, acho que por isso eu a amava tanto.

— Como era o relacionamento com a família da sua ex-namorada?

— A família da Ercia me odiava dizendo que eu era louco, e a minha não aceitava o namoro porque notaram minha brusca mudança de comportamento depois que iniciamos nosso relacionamento. — John deita a cabeça no meu colo, colando minha mão no seu cabelo, pedindo carinho. Eu dou. — Sempre fui um garoto muito estudioso, sempre quis ser juiz como meus pais.

É a primeira vez que ouço ele falando dos seus pais. Se não fosse por essa conversa complexa, não sei quando falaria deles para mim, talvez tenha medo que sua família rica não me aceite.

— Nossa, seus pais são juízes? Onde fui me meter?! — brinco para trazer uma descontração ao momento.

Ele sorri, enfiando os dedos entre meus cabelos e me puxa para um beijo, depois continua contando a história.

— Meu pai vai amar você logo de cara, já minha mãe... essa sim vai te dar um pouco de trabalho. Para ela todo mundo é culpado até que se prove o contrário. Ela me alertava sobre a Ercia, não gostava dela. Sempre fui o aluno número um da escola, depois que comecei a namorar só tirava zero, apenas comprovando que estava certa. Minha vida se resumia apenas em vigiar minha namorada.

— Por que sua mãe não gostava da sua namorada? Pelo jeito que você a descreveu, era a “senhorita perfeição” — questiono, já alfinetando.

Fazer o quê? Sou dessas mesmo.

— Esse era o problema. Minha mãe dizia que era perfeita demais para ser de verdade. E as pessoas verdadeiras, na maioria das vezes, são loucas. — Não sei porque, mas já gostei da mãe dele mesmo sendo uma pessoa com o gênio difícil, como ele disse.

— E o Gonzáles, achava o que do seu namoro? — Preciso saber, afinal, a opinião de um amigo sobre algo relacionado à nossa vida é mais valiosa do que a de muita gente.

— Gonzáles não a suportava, mas nunca disse o motivo. Então brigamos feio, e tudo por conta do ciúme. Por pensar que ele a roubaria de mim com seu charme sedutor espanhol. Na minha cabeça, todos os homens a cobiçavam. — Agora entendo todos os seus surtos de mudança de humor. Ele estava lutando para não fazer comigo o mesmo que fez com a primeira namorada, metendo os pés pelas mãos, estragando tudo, mas em alguns momentos não conseguia segurar a barra, revelando seu verdadeiro eu.

— É assim que você se vê em relação a mim também?

Sou obrigada a perguntar.

— Não! — responde rápido. Deveria ficar aliviada, mas fico decepcionada em saber que o sentimento que tinha pela primeira namorada é mais forte do que sente por mim. — Com você é mil vezes pior. Tenho ciúme dos seus amigos, em especial um promotor metido a bom moço. Do seu irmão, e até de Max, um garotinho de nove anos apenas, por ver o quanto se apegou a ele em tão pouco tempo. — Sua resposta é muito mais do que eu esperava ouvir. Sinto-me incomodada. Isso explica muita coisa, principalmente o fato de não querer filhos, para não ter que dividir minha

atenção com eles.

— Como sua namorada sofreu o acidente? — Vou logo ao ponto.

— Foi no final da festa de formatura, quando a deixei sozinha por alguns minutos para ir no bar pegar algumas bebidas. Quando voltei ela não estava em nenhum lugar do salão. A encontrei do lado de fora conversando com um cara bem mais velho, irmão de uma menina da nossa sala. Nem perguntei nada, cheguei socando o cara.

— Ele não revidou?

— Não teve tempo para isso. Era bem maior, mas diante da minha raiva não fez nenhuma diferença. Quebrei o nariz, o maxilar e a metade dos seus dentes. Não conseguia parar de dar golpes no seu rosto. Se não fosse Ercia segurando meu braço na hora do desespero, teria o matado. O problema é que eu estava tão descontrolado que meu cotovelo pegou no rosto dela, fazendo-a perder o equilíbrio e cair batendo a cabeça no meio fio e... — John trava nessa parte. É doloroso demais para ele lembrar disso.

— Então foi um acidente, não sua culpa. Você não a empurrou porque quis, apenas estava descontrolado e não a viu se aproximar — constato.

— Se eu não tivesse... Eu perdi o controle e Ercia pagou caro por isso. Ficou internada por meses e seus pais nunca mais me autorizaram a estar perto dela novamente, através de uma medida protetiva. Quando teve

alta se mudaram para o exterior, tentaram tratamentos caros para que sua coordenação motora voltasse, mas as chances eram menores que a de um por cento de voltar a ter uma vida normal algum dia. Desde então, nunca mais tive notícias.

— Deve ter sido muito difícil para você ter que lidar com a culpa e a saudade da sua namorada. Sinto muito.

— Entrei num estado psicótico, simplesmente surtei. Parecia um viciado em abstinência. Ercia era como uma droga que eu precisava usar todos os dias. A única solução foi minha família me internar em uma clínica horrível, por ser um adolescente de dezessete anos louco de amor.

— Minha nossa! Não imagino o quanto eles devem ter sofrido em tomar essa decisão. Quanto tempo ficou nesse lugar?

— Oito meses. Foi nas sessões com o psicólogo de lá que fui diagnosticado com síndrome de Otelo. Um ciumento compulsivo que a única cura é não se apaixonar. Para mim era mais fácil não amar do que ter que controlar o ciúme depois — assume por fim, relaxando os ombros como se tivesse tirado todo o peso do mundo das suas costas.

Por Deus! Internado com um surto psicótico? Será que essa doença não tem mesmo cura? São tantas informações ao mesmo tempo. Não estou conseguindo assimilar.

— Essa síndrome não tem cura, Yudiana. Tem tratamento. É uma patologia que pode acabar em consequências dramáticas devido os ciúmes incontroláveis e irracionais que infernizam a pessoa que a sofre — fala pausadamente, como se tivesse ouvido meus pensamentos. Ou talvez meu olhar de total confusão tenha me entregado.

— Nunca ouvi falar sobre essa síndrome antes. Gostaria de saber mais a respeito — esfrego meu nariz no seu, preocupada, porém, otimista de que vamos conseguir lidar com isso da melhor forma possível.

— Eu poderia te explicar mais sobre o assunto, mas se você topar gostaria que me acompanhasse na minha próxima consulta semana que vem com o terapeuta que trata meu caso há quase duas décadas. Ele é especialista nesse assunto e vai te explicar melhor. Já escreveu vários livros sobre o assunto, lançados em vários países.

— Quantas sessões você faz por semana com ele, John? — Deito com ele na cama, acomodando sua cabeça na curva do meu pescoço, enquanto enrolo uma mecha do seu cabelo entre meus dedos.

— Antes de te conhecer eu fazia uma vez por semana.

— E agora?

— Três vezes por semana, mas o doutor quer aumentar ainda mais. Aliás, ele está louco para conhecer a mulher que está colocando por água

abaixo em um mês, quase vinte anos de terapia que ele levou para conseguir evoluir no meu tratamento. — Faz piada, mas ainda está tenso demais para soar engraçado.

— Ops! Pensei melhor, acho que não vou te acompanhar na próxima consulta, não. — Entro na brincadeira.

— Você vai gostar do Dr. Augusto. Apesar de sério, é um cara legal.

— Acho bom que seja mesmo, porque a verdade é que de agora em diante ele vai me ver presente em todas as suas consultas. Quero acompanhar seu tratamento de perto.

— Isso quer dizer que mesmo depois de descobrir toda a verdade, não vai desistir de mim, Indiazinha? — John beija a palma da minha mão, todo galante.

— Essa hipótese nunca passou pela minha cabeça, Ursão. — Me aconchego em seus braços, bocejando sonolenta. Somos duas pessoas quebradas pela vida, e juntos vamos nos completar mesmo que de uma maneira torta.

Quando duas pessoas se amam, elas não se dominam, nem se submetem. Apenas se completam.



Capítulo 37

John

— Você avisou para ele que eu viria com você hoje, amor? — Yudiana fez a mesma pergunta durante todo o caminho até o consultório do meu terapeuta, e agora está sentada colada em mim no sofá da sala de espera, roendo as unhas, nervosa, como se ela fosse a paciente e não eu.

Nossa última semana juntos foi bastante tranquila. Depois que a verdade veio à tona sobre o passado de ambos, diferente do que eu pensava, só nos uniu ainda mais. Não vou mentir que ainda tenho alucinações quando vejo minha namorada perto de outro homem, mas toda vez que lembro dela sorrindo dizendo que me ama, coloco a insegurança de lado, enchendo-me de força para lutar contra o meu ciúme doentio.

— Avisei sim, querida. Agora tente se acalmar um pouco. É só uma sessão de terapia, não uma grande entrevista de emprego — faço piada, segurando sua mão, interrompendo seu ritual de roer as unhas, ou daqui a pouco vai ficar sem dedos também.

— John Thompson, o doutor está aguardando você e a sua namorada

—avisa a secretária, com o mesmo sorriso doce de vinte anos atrás, quando eu era apenas um garoto assustado na primeira consulta com seu terapeuta.

— Obrigada, Sra. Margarida. Gostei do seu novo corte de cabelo — elogio, sincero.

— Obrigada, querido. Parabéns pela namorada, ela é linda. — Margarida e Yudiana trocam algumas palavras rápidas. Se deram bem de imediato.

Em seguida entramos no consultório do doutor Augusto e ele para de anotar algo na agenda quando nos vê chegando. É um senhor já de idade, mas com uma mente brilhante e mais jovem que muitos de vinte e poucos anos. Não lembro dele de outro jeito que não seja usando um dos seus suéteres de mangas curtas. Só muda a cor, mas o modelo é o mesmo.

— Então essa é a famosa Yudiana? Seja bem-vinda, filha, eu estava curioso para conhecer a mulher que fez meu paciente acreditar que pode ser feliz no amor novamente.

Minha namorada abre um sorriso gigantesco, porém, tímido. Meu terapeuta sabe como fazer alguém se sentir bem em seu consultório.

— É um prazer conhecer o senhor, doutor Augusto. Eu andei recentemente pesquisando bastante sobre a síndrome do meu namorado, mas tenho algumas dúvidas para esclarecer. Quero saber tudo a respeito, assim

poderei ajudá-lo a manter esse seu lado sob controle. — Tanto eu quanto o doutor Augusto ficamos surpresos com o esforço de Yudi em saber mais sobre a síndrome de Otelo. Ela está se empenhando para lidarmos com esse problema da melhor maneira possível.

— É ótimo ver seu interesse em ajudar seu namorado. Muitas namoradas quando descobrem que o seu parceiro sofre dessa patologia, assim que descobrem, pulam fora. Meus parabéns por isso. Agora sente-se, por favor. Vou tirar todas as suas dúvidas.

— Obrigada por me receber aqui hoje. É um prazer conhecê-lo.

Eles apertam as mãos, depois ele aperta a minha.

— O prazer é todo meu, Yudiana.

— Se prepare, doutor Augusto, porque se conheço bem minha namorada, ela veio com uma chuva de perguntas em mente — brinco.

— Na verdade, eu anotei tudo para não esquecer nenhuma. Quanto tempo de duração tem essa consulta mesmo? — pergunta Yudiana, toda atrapalhada, tirando uma folha enorme da bolsa.

— Não se preocupe com tempo, filha. Vocês são as últimas pessoas que tenho para atender hoje. Pode tirar todas as suas dúvidas com calma. Terei prazer em responder.

— Então vamos lá. Realmente não existe cura para o ciúme

patológico?

— Quanto à essa questão da cura, não se pode falar dessa forma porque o ciúme patológico não é uma doença orgânica, mas uma doença psíquica. Então o ideal é se falar em tratamento. E, sim, essa é a resposta. Tem tratamento. — Yudiana aperta a minha mão, agora mais motivada.

Fico em silêncio e deixo que ela pergunte tudo que precisa sobre o ciúme patológico. Eu já sei as respostas de cor, mas é melhor que ela escute da boca de quem é especialista no assunto.

— Mas é possível viver uma relação normalmente, seguindo direitinho esse tratamento?

— Creio que sim, Yudiana. Mas o tratamento tem que ser trabalhado caso a caso, de forma bastante individual, dado o contexto subjetivo do problema. No caso de John, por exemplo, além de terapia semanal, faz o uso de alguns medicamentos para controlar a ansiedade causada pelos pensamentos ilusórios totalmente distorcidos da realidade.

Doutor Augusto ajeita os óculos de grau no rosto, tentando escolher as palavras certas para me deixar à vontade com suas respostas.

Resolvo entrar na conversa deles, pois não me sinto mal em falar sobre isso.

— Existem vários profissionais, entre psicólogos e psicanalistas

estudiosos no assunto, que podem ajudar no tratamento do ciúme patológico. Isso é mais comum por aí do que parece, Yudiana. Muitas pessoas só demoram para perceber que precisam de ajuda médica. Eu tive sorte, descobri meu problema cedo e venho tratando desde então. Consegui me manter em controle por muito anos, e vou conseguir novamente.

— Se não tivesse me conhecido, não teria tido uma recaída em uma estabilidade mental que lutou tanto tempo para conseguir. — Os olhos de Yudiana são de pura culpa, seus ombros chegam a cair, pesados.

— O risco valeu a pena. Passaria por tudo quantas vezes fosse preciso para te conhecer — declaro durante uma daquelas perfeitas trocas de olhares românticas entre nós, momentos únicos só nossos.

— Você já passou por alguma espécie de trauma na infância, Yudiana? — doutor Augusto vira o foco para minha namorada, no susto, olhando fixamente para as mãos dela se contorcendo sobre o colo, demonstrando nervosismo.

— Como sabe disso, doutor? — ela responde com outra pergunta, surpresa.

— Foi só um palpite. Eu gostaria de te ajudar a se livrar desse sentimento ruim que sente toda vez que se sente acuada.

— Eu agradeceria bastante. Obrigada. — Minha namorada sorri,

grata.

— Mas voltando ao assunto principal, em um breve resumo a síndrome de Otelo, em alguns casos, faz a pessoa acreditar fielmente que é vítima de uma conspiração, sentindo-se traído por seu parceiro.

— Tipo o que aconteceu na praia no último final de semana. John surtou só porque me viu conversando com um homem por alguns minutos. — O doutor franze o cenho em minha direção, esperando meu parecer sobre o assunto.

— Bastou eu vê-la conversando com um cara para imaginar os dois transando de várias maneiras e lugares diferentes. Por mais que eu tentasse esquecer, não conseguia — Em modo automático, cerro os punhos. Esses pensamentos me incomodam até hoje, por mais que eu tente não consigo esquecer.

— Conversaremos mais sobre isso depois, Thompson. – Pelo tom do meu médico, vou levar um belo puxão de orelha quando ficarmos a sós.— Atualmente não há nenhum estudo que tenha demonstrado 100% a que se deve essa síndrome, embora existam muitos fatores que podem influenciar seu desenvolvimento. Alguns deles seriam o alcoolismo, esquizofrenia ou outros vícios — esclarece ele.

Fico pensando em quantas pessoas têm essa síndrome e nem sabem.

A gente vê tanto homicídio por aí em que o assassino diz que fez por ciúmes, porque se não podia ser dele não seria de mais ninguém.

— Eu sei que isso tudo parece assustador, não estudei nada sobre o assunto nem sou formada em psicologia, mas acredito fielmente que ninguém precisa passar o resto da vida preocupado com seu parceiro, onde ele foi, com quem fala, o que faz, se está mentindo ou não para se sentir seguro e feliz. Amado. Porque por mais difícil que seja, a base de um relacionamento deve ser sempre a confiança.

Meu terapeuta leva a mão ao queixo, ouvindo com atenção o que Yudiana fala, recostando-se à cadeira.

— Qual sua opinião pessoal ao ciúme patológico, filha? Pode dizer sua resposta sincera.

— Que o ciúme doentio não é um comportamento que nasceu com a pessoa. Ele foi adquirido e da mesma forma que esse sentimento surgiu, ele pode deixar de existir. Estou disposta a apoiar meu namorando nesse processo de libertação, e conto com o senhor para continuar nos auxiliando nessa estrada perigosa.

Fico orgulhoso de Yudiana. Ela é sempre tão otimista e segura de si no que acredita.

— Como eu disse, cada caso é um caso. Vai depender da força de

vontade de vocês para que essa relação sobreviva às pedras que aparecerão pelo caminho. Então não percam tempo. A vida é curta, mas vivendo-a de forma errada se torna longa. Longa de muita dor — aconselha doutor Augusto, dizendo entrelinhas que passaremos por muitas coisas difíceis para que nosso amor sobreviva, mas que não é algo impossível.

Tenho certeza que vamos tirar de letra. Como Yudiana me disse uma vez, desde que estejamos juntos, o resto a gente se ajeita.



Capítulo 38

Yudiana

Acordo bem cedo com a campainha tocando insistentemente, o sol nem nasceu ainda. Vou abrir a porta morrendo de sono, bocejando sem parar pelo caminho não fazendo ideia de quem possa ser. Seja quem for, terá que aguentar meu mau humor matinal.

— Olha aqui, isso são horas de acordar os outros... — Paro de falar ao abrir a porta e deparar-me com John parado com as mãos no bolso, todo arrumadinho como se estivesse pronto para um passeio muito importante.

Com um visual bem descolado, na verdade, é a primeira vez que o vejo usando jeans, camisa branca de malha e óculos escuros no estilo aviador. Lindo demais, e todinho meu.

— Você tem dez minutos para se arrumar e poder ganhar seu presente de dia dos namorados. Eu poderia trazer aqui mais tarde, porém, é grande demais para que eu pudesse carregar — sorri descontraidamente.

Seus olhos começam uma avaliação minuciosa nos meus pés descalços e vai subindo pelas pernas, chegando na camisola bege transparente

que estou usando.

Dá uma atenção especial para os bicos dos meus seios já rígidos de desejo apontando por debaixo do tecido, morde o lábio inferior levemente, ajeitando o membro dentro da calça.

— Feliz dia dos namorados, Ursão. — Pulo no colo dele rindo, entusiasmada com esse tal presente tão grande.

Nossas últimas semanas foram maravilhosas. Temos feito terapia de casal com o doutor Augusto semanalmente, e conversar com um terapeuta está me fazendo bem de uma maneira absurda, principalmente para superar os traumas e medos que carrego do passado.

— Feliz dia dos namorados, Indiazinha. — John me beija, faminto, empurrando-me para dentro do meu apartamento e usando o pé para fechar a porta.

— Mas não podia esperar pelo menos o dia clarear, homem? — Prendo o cabelo em meio a um bocejo longo. Estou cansada. Essa última semana no fórum foi corrida.

— Não! Porque o nascer do sol faz parte do meu presente. — Dá de ombros, todo enigmático.

— Então vou correndo me arrumar. Não quero estragar seus planos, não é mesmo? — Saio a passos largos em direção ao meu quarto, porém,

antes ele me dá um tapa na bunda.

Meia hora depois já estou devidamente pronta. Tomei um banho voando e vesti a calça jeans e a blusa marrom lisa de mangas longas na mesma velocidade. Calço meu tênis e prendo o cabelo em um rabo de cavalo alto, pego minha bolsa e passo no quarto de Edmilson para me despedir dele com um beijo no rosto. Ele tem acordado tarde ultimamente, anda triste sentindo muito a falta de Max. Eu também estou indo vê-lo com frequência na casa de passagem para menores, mas não é o suficiente.

Infelizmente a polícia não tem notícias do paradeiro do padrasto de Max, o filho da mãe está até hoje foragido da polícia. Meu coração me diz que ele ainda vai aparecer a qualquer momento atrás do enteado. Precisamos ficar de olhos bem abertos sobre isso.

— Estava quase indo lá conferir se você não tinha dormido novamente, Yudi — implica John assim que saio do quarto. Ultimamente ele está tão brincalhão...

Mais leve.

— Cala a boca e vamos logo, Tigrão. Falta menos de uma hora para o sol nascer. — Pego em sua mão e saio o arrastando para fora do apartamento.

James nos espera com a porta de trás do carro já aberta, mas antes de entrar não deixo de fazer minha implicância do dia.

— Quando vai chamar minha amiga para sair, Ruivão? Ela me disse que te achou um grande cavaleiro levando-a em casa caindo de bêbada. Como esqueceu de levar a chave, conseguiu destrancar a porta com o grampo de cabelo dela como nos filmes de ação e a levou até seu quarto, subindo as escadas com ela em seus braços como um príncipe encantado.

— Sério, James? Minhas ordens foram levar a filha do Juiz Flores em casa em segurança, não arrombar a casa dele. — John finge estar bravo e sua segurança fica vermelho como um tomate.

— Agora vem a melhor parte. Dani me contou também que James a colocou na cama com cuidado para que os pais não acordassem e vissem o estado em que a filha chegou em casa de madrugada, a cobriu com o cobertor cor de rosa favorito e foi embora depois de se despedir dela com um beijo na testa, porque pensava que a loira estava dormindo.

— E ela não estava? — James quase grita. John e eu rimos da cara de apavorado dele. De vermelho o ruivo está pálido.

James nos deixa em frente a um prédio muito alto no centro do Rio de Janeiro, talvez meu presente esteja aqui. Sei lá, já tentei arrancar alguma informação desse homem pelo caminho de todas as formas, mas não obtive sucesso. Entramos no elevador abraçados, em silêncio o observo apertar o botão que dá no terraço.

Minha cabeça imagina mil e uma coisas do que poderia estar me esperando. Não é nem pelo presente, mas sim para acalmar essa ansiedade toda que está me consumindo por completo.

— Pronta? — pergunta John antes de abrir a porta, enquanto um sorriso travesso enfeita seu rosto.

— Para você, meu amor, sempre! — Pisco o olho de forma saliente, pois também tenho um presente para ele de dia dos namorados.

Assim que John abre a porta, somos recebidos por um vento forte. Olhando na direção leste é possível ter o vislumbre de alguns raios alaranjados começando a cortar o céu, anunciando de forma modesta que o sol nascerá em breve.

— O meu presente é um helicóptero? — Arregalo os olhos ao pararmos em frente a uma bola de ferro com uma hélice em cima. — Eu achei muito romântico, amor, mas nunca nem entrei em um deste antes, nem sei se quero. — Deixo bem claro, afastando-me discretamente.

Eu até ando de avião, mas porque sou obrigada. Devo admitir que não é meu tipo de transporte favorito.

— Não é sua surpresa ainda, mas faz parte dela.

John me puxa pela cintura, obrigando-me a entrar no helicóptero. Me dá um frio enorme na barriga quando ele começa a pacientemente ajeitar com

carinho meu cinto de segurança e fones enormes no ouvido para proteger do alto som das hélices.

— Acho melhor esperar para ajeitar isso depois que o piloto chegar e dar instruções sobre o voo, você não acha? — Abro um sorriso amarelo e ele segura meu queixo com vontade de rir, palhaço!

— Como assim esperar o piloto chegar, querida? Você está olhando para ele. — Beija minha boca brevemente e dá a volta no helicóptero, entrando no lado do piloto. Permaneço estática enquanto assimilo tal informação.

Eu tenho um namorado que sabe pilotar um helicóptero? Lindo e poderoso, que sabe fazer gostoso na cama. Definitivamente, eu sou a mulher mais sortuda do mundo.

— Se queria me impressionar presenteando-me com esse passeio peculiar a dois no dia dos namorados, você conseguiu com louvor — admito.

— Então aproveita o momento, porque ele é todinho seu. — Não resisto e inclino-me para o lado, roubando um beijo, mas volto depressa para o meu lugar. Não quero tirar a atenção dele.

Como uma boa menina comportada, avalio a concentração do meu namorado que se prepara para literalmente me levar ao céu. Sua postura é ereta, confiante. Sabe exatamente o que está fazendo, e pela rapidez nos

movimentos ao verificar o monitor do helicóptero com uma centena de botões, já voou nesse troço muitas vezes antes.

Confere se todas as portas estão fechadas e os cintos travados, liga o rádio e sintoniza para ouvir as informações da aeronáutica. O responsável autoriza o nosso voo, e o meu coração gela quando John coloca as hélices para girar, fazendo um barulho muito alto.

— Estamos decolando no momento certo, amor. — Ele aponta para o sol começando a apontar no horizonte, com todo seu charme e energia positiva.

John coloca seus óculos escuros sexy, no estilo aviador, e enfim levantamos voo. A sensação que tenho é similar à liberdade, porém bem mais intenso. Sinto-me como um pássaro que viveu anos preso em uma gaiola, experimentando o que é voar pela primeira vez, sentindo o vento tocando seu rosto em meio a um céu extremamente azul, com os raios de sol nascendo aos poucos.

— Por que não olha para mim, querida? — pede John, e estou tão encantada com a beleza do azul infinito do céu, que esqueço de olhar para o restante.

Mas quando eu faço, perco completamente o fôlego. Estamos sobrevoando um canteiro de flores imenso que parece uma mistura de cores

como um arco íris gigante. Lindo demais! Nunca tinha visto uma plantação dessa dimensão. Poucas pessoas provavelmente terão a oportunidade de ver desse ângulo privilegiado que estou tendo de cima, ainda mais com o sol nascendo gloriosamente, trazendo um brilho especial para as flores.

— Vamos fazer uma parada aqui, Yudi. Essas flores são como você. Lindas demais para serem admiradas de longe. — Sorrio apaixonada. John parece ter lido meus pensamentos.

— Muito obrigada, Ursão. Você leu meus pensamentos. — Faço carinho em seu rosto.

Usamos um dos canteiros vazios como pista de pouso, desço alvoroçada do helicóptero e como uma criança alegre que eu deveria ter sido, corro entre as flores, de braços abertos, o mais rápido que posso.

— Caramba! Esse lugar é incrível. Sinto como se estivesse no paraíso! — Paro para ver melhor as flores, que são bem do jeito que imaginei que fossem lá de cima.

Cada canteiro é de uma cor de flor diferente, deslumbrantemente lindas e peculiares.

— Essas flores são tão lindas, mas não conheço a espécie. Quero comprar um arranjo para colocar na minha sala depois. Será que vende em algum lugar no meu bairro? — Inclino o corpo e seguro uma flor para sentir

seu cheiro, que é o mais doce do mundo. Instigante.

Inspirador.

— Acredito que não, meu amor. Essa espécie de flor é nova, não tem em nenhum lugar. Ainda serão colhidas daqui a algumas horas para serem distribuídas gratuitamente no dia dos namorados, por isso precisamos vir tão cedo para encontrá-las ainda aqui — Explica John, que está logo atrás de mim.

— Nossa, que atitude bacana! E qual é o nome dessa flor linda que trará tantos sorrisos ao rosto de diferentes tipos de mulheres hoje? — questiono, ainda me deliciando com o cheiro da flor em minha mão. Reparando melhor, percebo que a ponta das pétalas tem formato de coração.

— Yudiana — responde apenas.

— O quê? — Viro para olhar o meu namorado, fitando-o com incredulidade. John coça a nuca, sorrindo todo tímido.

— Eu dei seu nome para essa nova espécie de flor criada em laboratório. Ela tem a sua beleza exótica e o cheiro doce que eu tanto amo — diz, caminhando até mim sedutoramente. Ouço tudo permanecendo sem reação, em total estado de choque.

— Mas como conseguiu isso, amor? — O abraço, ainda abobalhada.

— Isso é segredo, mas foi feito oficialmente no cartório e tudo. Agora

tem algo bom para lembrar o seu nome, que representará alegria na vida das pessoas. Não precisa mais odiá-lo tanto. — Não aguento e começo a chorar descontroladamente, deitando a cabeça em seu peito.

John não faz ideia do quanto é importante isso que fez por mim. Eu odiava meu nome, mas agora, por causa dele, eu amo.

— Esse com certeza é o melhor presente de dia dos namorados de todos os tempos. Autêntico e extremamente romântico. — Beijo meu namorado apaixonadamente e sua mão alisa minhas costas carinhosamente.

— Isso quer dizer que você gostou, Indiazinha?

— Não gostei, eu amei! Se antes odiava meu nome, agora por sua causa me sinto privilegiada em tê-lo. — A satisfação com que meu namorado me olha não tem preço. Ele está feliz por me ajudar a superar mais uma barreira em minha vida. — Muito obrigada mesmo, John. Eu te amo mais do que a minha própria vida. — A declaração sai com tanta facilidade da minha boca, que até eu me surpreendo com tal rapidez que foi dita.

Em silêncio, ele abaixa para pegar uma flor no canteiro próximo a nós e me entrega, mas sem separar nossas mãos de forma que nós dois a seguremos juntos e diz:

— Eu escolhi essa flor exótica para dar o seu nome, porque ela tem a sua beleza exótica. Única. Um charme especial que é só seu, irresistível aos

olhos e marcante para o coração. — John me olha no fundo dos olhos, de um jeito muito intenso. — Cada flor tem uma cor diferente porque representa meus sentimentos por você, por mais louco que eles sejam — Respiro fundo, tentando sobreviver ao impacto dessa revelação apaixonante.

— E qual é o significado de cada cor dessa nova espécie de flor maravilhosa? Já que temos o mesmo nome agora, acho que preciso saber mais sobre ela. — Beijo a boca dele de leve e John sorri, achando graça da minha esperteza.

— Eu não sei ser romântico com as palavras, muito menos nas ações. Mas por você estou tentando fazer o melhor que posso.

Pacientemente, John colhe uma flor de cada cor e começa a explicar os seus significados.

“A lilás representa o amor à primeira vista, que sinto desde o segundo que coloquei meus olhos sobre você.”

Revela deixando minhas pernas bambas, o ar desaparece dos meus pulmões e o meu cérebro entra em choque na mesma hora.

As vermelhas são o romantismo! São clássicas, o maior gesto para demonstrar sua afeição por alguém.

Amor...

“As brancas, transmitem inocência, e também significam

agradecimento. As laranjas lembram os raios de sol e, por isso, é alegre e cheia de energia. Paixão ardente. As azuis, como as flores neste tom, não são muito encontradas na natureza. Elas significam algo que não pode ser alcançado facilmente. A amarela é a cor da amizade! Companheirismo e cumplicidade. E por fim, a mais importante é a roxa, que é o amor de... Prefiro deixar que descubra sozinha em um futuro mais próximo...”

Termina, me deixando com uma pulga atrás da orelha. Fico curiosa para saber o significado da roxa, mas me contenho para que me conte no momento certo.

Entre todas as flores, ele ignora dizer o significado da última que sobrou, a que mais me chamou a atenção. A preta. Sinceramente, eu nem sabia que existiam flores dessa cor, acho que por isso se sobressaiu tanto entre as outras.

— Mas e essa preta? Para mim, devido às suas peculiaridades entre as demais, é a mais linda. — De fato, é a mais linda mesmo, misteriosa e intrigante como o próprio Juiz Thompson.

Depois de hesitar, enfim começa a falar quando percebe que não vou sossegar até que responda minha pergunta.

— As *Yudianas* pretas são extremamente raras e as mais difíceis de serem criada em laboratório, segundo o botânico que trabalhou nessa nova

espécie de flor. Apesar da beleza exótica, elas significam o amor obsessivo. A cor escura representa o luto. — Sinto um arrepio percorrendo minha coluna de cima abaixo, distraída acabo me cortando com um dos espinhos da flor.

— Droga! Eu me cortei, está sangrando pra caralho — resmungo.

— Não foi nada demais. Deixa eu dar um jeito nisso. — John simplesmente pega o meu dedo e enfia dentro da boca, sugando o sangue de um jeito muito provocante, passando a língua pelo meu dedo como se fosse em uma outra parte do meu corpo que está toda molhada nesse momento.

Uma gota do meu sangue escorre pelo canto esquerdo de sua boca, dando-lhe um poder feroz sem igual. Pode parecer doentio, mas a cena desse homem sugando meu sangue dessa forma tão faminta me faz subir um tesão fora do normal.

— Por acaso você está tentando me seduzir, John Thompson Terceiro? — brinco.

— Sim, e estou conseguindo. — Enfia a mão debaixo da saia do meu vestido e alisa desavergonhadamente.

— Para com isso, homem. Sossega! Estamos ao ar livre e em plena luz do dia, alguém pode aparecer.

— O perigo deixa tudo mais excitante, Yudiana. Prazeroso.

E me puxa pela cintura com aquela cara de “vou te comer aqui e

agora”.

— O que acha de a gente passar o dia dos namorados juntinho na sua casa vendo tv e comendo pipoca, Ursão? — conto meu plano perfeito.

Casais normais fazem isso sempre, mas eu e John somos diferentes até nisso. Nossa relação é intensa demais. Passamos tanto tempo lutando contra nossos próprios demônios, que não temos tempo para apreciar as pequenas coisas da vida.

— Eu não gosto de assistir televisão, Yudiana. Na verdade, acho uma perda de tempo. — Beija a curva do meu pescoço, dando continuidade ao seu ritual de sedução. — Podemos ir para minha casa, sim, mas para fazer algo bem diferente, sabe, Indiazinha? Começar te comendo já na sala e finalizar o dia fazendo amor calmamente e bem gostoso na minha cama, até o dia clarear. — O safado faz a proposta indecente, com aquele sorriso perigoso que me desnuda só com os olhos.

— Eu duvido muito que exista algum lugar daquela casa que você não tenha me comido, John. — Reviro os olhos e ele solta uma risada divertida.

— Não se preocupe, amor. Você sabe muito bem que se tratando de comer minha namorada, eu sei ser bastante criativo.

Sou obrigada a concordar com ele.

— Eu sei, Ursão, mas hoje quero apenas ficar abraçadinha com o

homem que tanto amo, sentindo seu cheiro gostoso. Até porque, precisa estar descansado para o seu presente de dia dos namorados que preparei. — Faço mistério e pelo seu olhar curioso, cai feito um patinho.

— Só à noite, Yudiana? Isso não é justo. Quero meu presente agora.
—Faz drama.

— Está pensando o que, grandão? Você não é o único aqui que preparou uma surpresa. — Beijo seu rosto depressa e saio correndo em meio ao campo de flores. John vem correndo atrás de mim, rindo tanto quanto eu da nossa brincadeira de pega-pega.

Quando consegue me alcançar, me puxa pela cintura fazendo com que nós dois caíamos no chão, com seu corpo sobre o meu de maneira que nossos rostos ficam colados um no outro.

— Eu te amo tanto que o meu coração chega a doer dentro do peito, principalmente pelo medo de te perder para outro homem. — Cola a testa na minha, respirando pesadamente. — Queria não me sentir tão inseguro em relação ao nosso amor, mas não consigo. — Seu tom se eleva gradativamente.

John tem melhorado muito depois das nossas consultas de casal com o seu terapeuta. Pelo que vi e ouvi, ele é um ótimo profissional, paciente e compreensivo com seus pacientes, deixando-os confortável para dizer

qualquer coisa. Juntos nos livramos das coisas do cômodo da casa onde permanecia a maior parte do tempo para monitorar minha vida vinte e quatro horas.

A única foto minha que não foi para o lixo é a da minha apresentação de pole dance que ele mandou colocar em uma moldura grande e dourada. Agora não fica escondida. Meu namorado mesmo pendurou na parede de frente para sua cama. Segundo ele, para dormir e acordar olhando para mim todos os dias.

Saímos para comprar um celular novo para mim, já que no meu antigo ele havia colocado um rastreador. Fizemos uma reunião com a equipe de segurança dele, onde na minha frente John disse aos seus homens que a partir daquele momento eles estavam proibidos de me seguir a não ser que eu peça. Até agora todas essas iniciativas da nossa parte deram certo, apesar de que, quando estamos longe um do outro, meu namorado me liga a cada meia hora para saber onde estou e com quem.

Sinto que apesar de todo esse gás dele para mudar seu jeito obsessivo em relação a mim, mais a terapia junto com a medicação, ainda não está trazendo a paz na vida do meu namorado como deveria. Preciso arrumar uma maneira de deixar claro que só tenho olhos para ele.

— Se você me ama tanto assim, eu te amo mil vezes mais. — Aliso

seu rosto, ele se inclina para beijar minha boca tão leve que quase não sinto o gosto dos seus lábios.

— Você me ama mais do que eu te amo? Impossível! — praticamente juro.

Mostro a língua para ele.

— Ok, grandão, agora vamos para sua casa ter o nosso dia especial de casalzinho romântico. — Levanto, depois o arrasto pela mão até o helicóptero.

Antes de irmos, faço questão de colher algumas *Yudianas* para enfeitar a sala de estar da casa do meu namorado, onde jantaremos juntos uma comidinha bem gostosa que eu mesmo vou cozinhar para ele.

Alguma coisa me diz que nosso primeiro dia dos namorados juntos vai ser perfeito!

Depois que chegamos a casa de John, tomamos um banho juntos para tirar a poeira do campo do corpo. Coloco apenas uma de suas camisas e caminho descalça até a cozinha, prendendo o cabelo em um nó falso para preparar um balde de pipoca bem grande. John está em seu escritório em uma das suas centenas de ligações importantes, mas em breve vem se juntar a mim para darmos início à nossa primeira sessão de filmes indicados ao Oscar

desse ano.

— Como vou me virar nessa cozinha enorme, senhor? — penso alto, debruçada sobre o balcão de mármore ao lado da pia, mas em poucos minutos me familiarizo com o local, pegando tudo que preciso para preparar nossa pipoca.

Mas... Quando ergo a mão para abrir o micro-ondas, a campainha toca. Paro o que estou fazendo para atender, levo um tremendo susto ao deparar-me com uma pessoa que me faz deter um passo.

— Boa tarde, o John está em ca... — A pessoa começa a falar, mas quando percebe que meu coração está prestes a sair pela boca a qualquer momento, se cala.



Capítulo 39

Gonzáles

Mio dia *no* poderia estar sendo melhor, com uma morena tesuda que nem sei o nome me chupando em uma sala qualquer que encontramos vazia em um bar que sempre venho para beber. Trocamos olhares de nossas mesas, e bastou um aceno de cabeça da minha parte, para a cachorra me seguir até aqui e cair de boca no meu pau mamando bem gostoso.

— Isso... Assim, *muchacha*. — Gemo, segurando seus cabelos medianos presos em meio a minha mão em um rabo de cavalo firme, impulsionando sua cabeça para frente e levando meu pau até a garganta, tão fundo a ponto de sair lágrimas de seus olhos.

A posição que estamos me dá uma visão privilegiada, *yo* estou de pé com as costas encostada na parede, olhando para baixo, deliciando-me com a cena da *putana* sentada de um jeito que consegue se tocar com os dedos na parte íntima enquanto me chupa. Seu vestidinho preto já está erguido acima da cintura. *No* faço ideia de onde sua calcinha foi parar, acho que *no* estava usando.

Hoje é *Día de los enamorados*, é a data que mais odeio no ano todo. No acredito nessa baboseira de amor, pra mim *no* passa de pura perda de tempo. Enquanto a maioria dos homens querem cuidar das mulheres, *yo* só quero comê-las. Quanto mais, melhor.

— Ei, gatinho, acho que o seu celular está tocando — avisa a morena com a voz melosa, limpando o líquido de pré-sêmen escorrendo no canto da sua boa. Estava quase gozando quando a *putana* para de me chupar.

— *No* para, *mujer*, *yo* estou quase lá! — Enfio meu pau na boca dela novamente, depois pego meu celular no bolso.

No era uma *ligación*, mas sim uma mensagem que eu estava esperando ansiosamente. Só não sabia que receberia tão rápido.

“Você ganhou, eu tenho preço. Por dez mil reais, sou sua por uma noite. Pode fazer o que quiser comigo durante esse período. É pegar ou largar.”

Apesar do número ser desconhecido, *yo* sei exatamente quem é. Solange. Sabia que seu orgulho *no* ia durar *mucho* tempo. Se tratando de *mujeres*, todas escondem um lado interesseiro.

Na velocidade da luz, respondo a mensagem.

“*Yo* pego! *Estás* livre esta noite?”

Ela responde de volta.

“Estou. Em qual horário e lugar?”

Sua mensagem direta me surpreende, mas gosto do jeito prático que resolve as coisas. Rapidamente envio o endereço do meu apartamento particular na Barra, que uso como abatedouro. Minha casa é sagrada, as únicas mulheres que entram lá são minha *madre* e minha irmã caçula.

— Desculpa, *mi* amor, mas *yo no* quero mais você. Encontrei coisa melhor. Cada porra minha hoje, é toda dela. — Empurro a morena para trás nem um pouco cavalheiro, ela cai sentada no chão, abraçando o próprio corpo com cara de choro.

Não me importo. Ela *no* me serve de nada mais agora.

Então viro as costas e vou embora correndo para o meu apartamento sem nem um pingo de remorso.

Quando chego vou direto tomar uma ducha rápida, coloco uma roupa confortável fácil de tirar, obviamente, não quero perder tempo quando chegar. Escolho um bom vinho no frigobar e coloco em um balde de gelo, acendo algumas velas pelo apartamento, deixando acesa apenas uma luz bem fraca. Coloco uma música relaxante, agora só falta a *mujer* chegar para satisfazer todos os meus desejos sexuais envolvendo seu corpo farto.

Sento no sofá e espero impacientemente. Nunca imaginei que algum dia esperaria para ficar com uma *mujer*. Tampouco pagar uma fortuna por

isso. Bufo, frustrado, coçando a nuca, mas logo me animo quando a campainha toca. Yo praticamente voo para atender, ajeito minha postura passando a mão pelo cabelo e abro a porta vendo a imagem do paraíso bem à minha frente.

Solange se arrumou toda para mim, parece *una Deusa de Ébano* com as tranças soltas jogadas sensualmente de lado. Traja um sobretudo preto longo marcando sua cintura larga com um cinto largo, pela primeira vez a vejo usando salto alto fino e *no* aquelas botas de couro horrorosas. Para nossa noite, ela escolheu um par de scarpin vermelho. A maquiagem está perfeita, ela usou cores fortes por cima do olhos e batom marrom quase da cor dos seus lábios.

— Não faz ideia do prazer que tenho em te ver, *carinõ* — digo com um sorriso rasgando meu rosto, mas a *mujer* não esboça nenhum sinal de carisma nem mesmo por *educación*.

Apesar da maquiagem disfarçar um pouco, seus olhos estão vermelhos e com leves bolsas escuras contornando-os como se tivesse chorado durante o caminho até chegar aqui. Sinto que precisa de um beijo, mas ela vira o rosto para o lado rapidamente, como se estivesse com nojo de mim.

— Esqueci de dizer, espanhol, mas é sem beijos — esclarece logo de

uma vez, e eu concordo.

Yo estou pisando em um campo desconhecido, todo cuidado é pouco. Essa *mujer* causa uma sensação estranha em mim nunca sentida antes.

— Entre, por favor, Sol — convidado e a *cabrona* passa por mim, dura como um pedaço de pau.

Totalmente indiferente. Respiro fundo, tentando manter a calma.

— Será que podemos acabar logo com isso, Gonzáles? — Ela abre o sobretudo, mostrando a lingerie branca destacada pelo fundo negro da sua pele. — Onde é o seu quarto? — olha para todos os lados, nervosa.

No consigo fazer mais nada além de olhar para ela, meu pau está duro de um jeito que nunca ficou antes, sinto as veias latejando de puro desejo. Porra! O que está acontecendo comigo? Se fosse outra *mujer*, *yo* já estaria enterrado nela. Mas com essa *no*, quero sentar e conversar um pouco antes. Saber mais sobre sua vida, quebrar a regra de não beijar e enfiar minha língua dentro da sua boca, provando o gosto dos seus lábios carnudos.

Dios mio! *Yo* quero provar essa *mujer* de todas as formas possíveis, essa é a verdade.

— Tu *no* queres beber alguma coisa antes, *carinõ*, talvez um vinho?

— Isso não é um encontro, Gonzáles, é um negócio. E pare de me chamar de *carinõ*, porque não gosto. Muito menos de Sol. Para você apenas

Solange está ótimo! — Entorna tudo de uma vez na minha cara, *yo* engulo seco, mais magoado do que deveria com sua frieza perante a situação.

Por mais estranha que seja, acho que poderíamos fazer isso da melhor forma possível. No entanto, pelo menos eu sou o único que penso assim. *Entonces*, *yo* vou dançar conforme a música dessa *mujer* geniosa dos infernos.

— O quarto fica à primeira porta no corredor à direita, Solange. — Faço sinal para ela ir na frente, sigo-a hipnotizado pelos movimentos de sua bunda gigantesca indo de um lado para o outro.

Tranco a porta assim que entramos no quarto, não quero correr o risco de ela fugir de mim novamente. Quando viro de frente para a *mujer*, o sobretudo que usa rodeia seus pés, deixando-a apenas com o conjunto de lingerie transparente de três peças com direito a cinta liga e tudo.

Solange tem o corpo obviamente acima do peso para sua estatura de um pouco mais de um metro e meio de altura, porém, pelo que estou vendo, cada grama é muito bem dividido pelas suas curvas fartas. Entre seus peitos tem uma tatuagem pra lá de sexy de uma egípcia com os braços abertos pegando também a parte de baixo do seio, dando a impressão de estar servindo de apoio para eles.

Falando em seios, *yo* estou salivando de vontade de tê-los em minha

boca. São imensos, suculentos, o tipo que levaria qualquer homem à loucura.

— *Mi dios, usted es uno Diosa.*

Digo e já parto para cima dela com tudo, involuntariamente indo direto à sua boca, e a *muchacha* mais uma vez vira o rosto para o lado, então desço os lábios para o seu pescoço, deslizando a mão para dentro da calcinha.

Vou empurrando-a em direção a cama deitando meu corpo sobre o dela, estou desesperado de desejo por essa *mujer*. Livro-me das minhas roupas o mais rápido que posso e volto a beijar seu pescoço, mordendo e chupando ao mesmo tempo. Estou louco para ouvir Solange gritando meu nome de prazer enquanto arranha minhas costas, perdendo totalmente a linha.

Mas a porra da *mujer* se mantém imóvel, totalmente indiferente ao meu toque. Contudo, vamos ver até quando esse autocontrole às minhas investidas vai durar. Vou começar atacando no ponto fraco de todas as *mujeres* na hora do sexo. *Yo* vou descendo deixando uma trilha de beijos molhados pelo seu corpo, rasgo sua calcinha com um puxão e enfio a língua dentro da sua bocetinha que rapidamente fica toda molhadinha. *Yo* chupo, mordo, lambo e a fodo com os meus dedos incansavelmente, mas Solange não dá um gemido de sequer.

Quando goza na minha boca, ela apenas aperta o lençol da cama com tanta força que quase rasga um pedaço fora. Tomo cada gota do seu líquido

suculento. É a primeira vez que provo e já estou viciado. Sua falta de demonstração de prazer me deixa puto, muito furioso mesmo. *Encabronado!* Pego a camisinha no bolso na minha calça jogada no chão, e meto nela com toda foça que tenho.

— *Mamazita!* Como você é apertadinha, mal consigo entrar por completo — rosno.

Depois disso não consigo pensar em mais nada, a não ser meter e meter cada vez mais rápido e o mais fundo que consigo. Quero estragar essa *mujer* para todos os outros homens. Sempre que estiver nos braços de outro vai lembrar que nenhum deles faz tão gostoso quanto *yo*.

— Com essa marra toda, *yo* esperava uma *mujer* mais fogosa na cama — provoco a onça, obrigando-a a olhar em meus olhos. É a mesma coisa que acender o fogo do inferno.

— É mesmo, espanhol? Pois eu estou farta de você. Mas se quer ver o meu lado quente, vou te dar uma surra de boceta que nunca mais vai esquecer! — ameaça, girando o corpo de um jeito que consegue montar em mim sentando no meu pau em um golpe penetrando bem fundo, e começa a cavalgar em mim de um jeito eloquentemente lento.

Solange inclina o corpo para frente de um jeito que não consigo me mexer, o ritmo está sendo todo comandado por ela. Sua boca aproxima da

minha como se fosse me beijar, mas faltando centímetros para nossos lábios se tocarem a diaba se afasta novamente, me instigando, deixando só na vontade. Para aplacar minha frustração, *yo* abocanho seu peito sugando de um jeito doloroso que enfim faz a mulher gemer com vigor.

Agora sim ela está *hablando* a mesma língua que *yo*.

Nas horas seguintes, Solange cumpre o que prometeu, me dando uma surra de boceta que *yo* provavelmente *no* conseguirei esquecer um dia. Nunca passei tanto tempo fazendo sexo numa *noche* com a mesma *mujer*, só paramos quando o dia começa a clarear. Desabo sobre seu corpo, totalmente esgotado, sentindo-me vitorioso por mais uma vez sair vencedor no jogo que é a vida.

No começo, Sol pode até ter dado uma de durona fingindo não estar afim de ser comida por mim. Mas manteve a palavra em relação ao beijo. Fiz várias tentativas e ela se esquivou de todas. Contudo, bastou somente provocá-la um pouco que a coisa pegou fogo nessa cama. Porra! *No* me lembro de ter sentido tanto prazer assim com uma *mujer* antes. Gozei várias vezes feito um louco.

— Como sempre, mais uma vez *yo* consigo o que quero.

Penso alto, satisfeito, orgulhoso de mim por mais uma vez provar que o dinheiro pode comprar tudo.

— Eu já fiz a minha parte do negócio, agora é a sua vez — Solange diz baixinho, escondendo o rosto com o braço.

— Nada mais que justo, *carinão*. *Tu mereces* cada centavo desse dinheiro. Soube me servir muito bem essa noite — comento e ouço algo parecido com um soluço vindo de sua direção, mas *no* tenho certeza.

Giro o corpo saindo de cima dela deitando ao seu lado na cama de barriga para cima, inclino o braço e pego sobre o aparador meu contracheque e uma caneta assinando o valor muito bem pago de dez mil reais e entrego a ela.

Solange levanta praticamente correndo, veste suas roupas o mais rápido possível para um ser humano e se despede com a seguinte frase:

— Adeus, Gonzáles. Espero que trate a próxima melhor do que a mim. — Sol deixa escapar um outro soluço, desta vez mais alto, acompanhado logo em seguida por uma lágrima que desliza pelo seu rosto.

Permaneço paralisado observando-a virar as costas e partir. Normalmente *yo* sou o primeiro a levantar depois do sexo e ir embora. Estando do lado inverso da situação, percebo como é ruim esse vazio por dentro da solidão.

“Yo queria estragá-la para os outros homens, mas acabou acontecendo o contrário.”



Capítulo 40

John

As coisas enfim se acertaram entre mim e a minha namorada. Sou outro homem depois que revelei a ela sobre o meu “*problema*” com o ciúme patológico. Desde que eu mandei o corrupto Pastor Jackson e o seu irmão pedófilo para atrás das grades, onde não podem extorquir nem machucar mais ninguém, Yudiana agora, graças a Deus, pode respirar mais aliviada. Em paz. Seu humor é outro.

O sorriso leve e pleno.

Hoje é o nosso primeiro dia dos namorados juntos, eu preferia passar o dia todo na cama. Mas minha Indiazinha quer fazer coisas normais de casal, apesar de obviamente não sermos um. Somos duas pessoas com mais defeitos do que qualidade que estão se encaixando aos poucos, aos trancos e barrancos, mas independentemente das feridas deixadas da última batalha permanecemos firme e fortes.

Yudi está na cozinha fazendo pipoca, enquanto eu vim até meu escritório fazer uma ligação importante de trabalho, nem nas minhas folgas

consigo me desprender totalmente dos problemas do fórum. Ao terminar o que tenho para fazer, resolvo escolher um filme para assistimos logo e adiantar o meu lado. Quanto mais rápido assistimos isso, mais rápido vou poder foder minha namorada pelo resto do dia e a noite toda.

Pego alguns DVDs na estante e vou atrás dela para que escolha o de sua preferência, espero que com menos tempo de duração. Durante o percurso passando da sala de vídeo até a cozinha, ouço a companhia tocando. Logo o toque silencia, acredito que a futura dona dessa casa tenha atendido. Só estamos eu e Yudiana em casa, até a equipe de segurança está de folga hoje.

— Mas quem será? E como conseguiu passar pelo portão sem ser anunciada?

Penso em voz alta, deixando os DVDs caírem no chão, aumentando os passos em direção à porta com um mal pressentimento me rondando.

Chegando na entrada da frente encontro a porta entreaberta e Yudiana cobre o pequeno espaço de tal maneira que não consigo ver quem é a visita indesejada que resolveu aparecer aqui hoje somente para estragar nosso dia romântico.

— Quem é, amor? — Abraço a cintura da minha namorada por trás. Quando beijo seu pescoço, sorrindo, percebo o quanto sua pele está fria e o

corpo rígido, totalmente indiferente ao meu gesto de carinho.

Ergo a cabeça para olhar a pessoa que a deixou em tal estado de choque, e acabo tendo a mesma reação.

— Ercia? Ma... mas como isso é possível? — As palavras saem em um fio de voz, não acreditando no que estou vendo.

Ela tem o mesmo rosto angelical de tantos anos atrás, o sorriso amável e doce. Sua beleza agora está amadurecida e sofisticada, uma mulher verdadeiramente elegante com um vestido azul turquesa na altura do joelho, e sandálias de salto fino prateadas. No antebraço segura uma bolsa cor de abóbora, e o único som que se ouve no ambiente é das pulseiras em seu braço balançando quando se move, colocando o peso do corpo de um pé para o outro, demonstrando inquietude.

Seu cabelo loiro está curto pouco acima dos ombros, os fios em um tom mais claro do que eu me lembrava. A maquiagem fortemente escura realça seus olhos azuis, engraçado, quando a conheci não gostava nem de usar batom. Muito menos salto alto.

— Os médicos americanos que trataram do meu caso por todo esse tempo não sabem explicar como me curei de uma hora para outra, John. Dizem quem foi um milagre divino.

— Milagre divino? Sei — ironiza Yudiana.

Ercia ignora totalmente, fingindo que não escutou, e continua falando, olhando diretamente para mim.

— Faz menos de um mês que voltei a falar, depois, conseqüentemente, aos poucos fui recuperando o domínio total da minha coordenação motora do meu corpo — Seu olhar é de quem espera alguma resposta da minha parte, mas estou atordoado demais para dizer qualquer coisa que seja. Apenas escuto e Yudiana também. — Hoje estou cem por cento curada. — Os cantos da sua boca se transformam em um sorriso enorme, que em outros tempos me faria perder completamente o fôlego.

— E por que não ligou antes para o John? Deixou para aparecer na porta dele assim, no susto. — Yudiana enche o peito de ar, levando as mãos à cintura, afrontosa, defendendo seu espaço.

— Porque eu queria fazer uma surpresa, garota. Mesmo contra vontade da minha família, a primeira coisa que fiz quando ganhei alta do hospital foi pegar um avião direto para o Brasil. Vim te ver, meu amor. Não sou mais uma adolescente inválida. Meus pais não podem proibir nossa relação. — Ercia tenta se aproximar de mim, mas Yudiana bloqueia seu caminho, entrando na minha frente como um escudo.

— Acho que não fomos apresentadas ainda, querida. Sou Yudiana, namorada do John. Como vai? — provoca Yudiana e eu olho feio para ela.

Minha história com Ercia é mais complexa do que parece. Ela foi a maior vítima da minha doença, por minha culpa perdeu os melhores anos de sua vida presa em uma cama, inválida. Nunca mais a vi depois que deu entrada no hospital no dia do acidente, o que eu sei foi através de sua família que, após me culparem por tudo, proibiram-me de vê-la. Anunciaram que mudariam para o Estados Unidos para que o caso da filha fosse acompanhado pelos melhores médicos.

Visivelmente, Ercia parece não ter ficado com nenhuma sequela. Muito menos ter permanecido anos entrevada numa cama. Ao contrário, está com a pele bronzeada e as bochechas bem coradas para quem não via a luz do sol a tempos. Uma ótima condição física, como quem frequenta a academia diariamente.

— Será que eu poderia entrar um pouco? De repente tive uma tontura, acho que é o efeito da longa viagem. — Ercia leva a mão à testa, tonta. Eu me adianto em segurar em seu braço com medo que desmaie.

— É claro que pode, Ercinha. Sua presença é muito bem-vinda na minha casa. — Sem querer a chamo pelo mesmo apelido de quando namorávamos, e Yudiana me olha tão feio que desvio o olhar sem graça.

— Será que poderia pegar um copo de água para mim por favor, garota? — Ercia pede docemente, descansando a cabeça em meu peito,

respirando com dificuldade. Sempre foi uma pessoa muito amável.

Minha namorada permanece no mesmo lugar, com as sobrancelhas fechadas e uma tromba enorme, trazendo uma expressão enfurecida para seu rostinho lindo. Yudiana não faz um pinga de questão de esconder que não está nem um pouco feliz com a presença de Ercia.

Mas ela quer que eu faça o quê? Expulse a mulher passando mal para fora? Eu jamais faria isso com alguém, muito menos com uma mulher.

— Por favor, amor, faça essa gentileza por mim.

Refaço o pedido, quase implorando. Yudi sai bufando em direção à cozinha.

E volta rapidamente com o copo d'água, entrega para Ercia, que bebe a metade do líquido em apenas um gole.

— Se sente melhor agora, Ercia? — questiono, preocupado, olhando fixamente para ela, lembrando da época que amei essa mulher loucamente.

Minha vida se resumia apenas em torno dela, o que fazia, com quem falava ou onde estava. Agora não sinto mais nada. É como qualquer rosto estranho perdido em meio à multidão.

— Só vou ficar bem depois que tivermos uma conversa séria, John. Pode ser agora? — Ela se põe de pé, ficando ótima de uma hora outra, mas concordo que devemos ter uma conversa séria. — Mas precisa ser a sós,

afinal, é sobre a nossa história juntos — conclui e eu fico de pé. Yudiana cruza os braços, lançando os olhos furiosos sobre mim como um punhal afiado.

— Mas nem fodendo que vou deixar meu namorado conversar sozinho com a ex dele, que surgiu das cinzas como a Fênix em pleno dia dos namorados para ter uma conversa séria com o meu homem sobre a história que *tiveram* juntos. Seja o que tem para falar com ele vai ser na minha frente querida ou a porta é a reverteria da casa. — Puxo uma lufada de ar sem paciência, coçando a nuca. Yudi tem total direito de estar irritada com a situação, mas não de ser grossa com a Ercia dessa forma.

— Eu não vou demorar, Yudi. Prometo voltar em breve para você, meu amor. — Beijo o topo da sua cabeça como sempre faço quando está nervosa, ela obviamente vira o rosto para o lado zangada.

Puxando uma longa lufada de ar, aponto a direção do meu escritório para que Ercia me siga. Sei que depois terei uma grande briga com minha Indiazinha por conta disso, mas essa é uma página importante da minha vida que preciso virar do jeito certo de uma vez por todas.

Já que Deus trouxe a oportunidade até mim de acertar as contas com meu passado, vou aproveitar pedindo perdão para a pessoa que mais prejudiquei na vida devido ao meu ciúme doentio.

— Não faz ideia de como é bom te ver novamente, John! — Mal pisamos no escritório e Ercia pula no meu pescoço com uma certa intimidade que me incomoda.

Se antes eu venerava seu toque, agora não suporto e agradeceria bastante se mante-se suas mãos longe de mim. Estou feliz que está saudável novamente, mas sentimentalmente sua presença é totalmente indiferente para mim.

— Também estou feliz em te ver tão saudável novamente, Ercia. — Me afasto um passo para trás, impedindo que me toque, e ela joga o cabelo para o lado, sem graça. — Não sabe o inferno que passei todos esses anos devido à culpa pelo seu acidente. Te fiz perder os melhores anos de sua vida. — Baixo o olhar, envergonhado.

Ela aproveita meu momento de culpa para tentar me tocar novamente. Não sei onde quer chegar com essa aproximação forçada.

— Mas eu estou aqui agora, podemos recuperar cada segundo perdido. Nós dois sabíamos melhor que ninguém a se divertir, lembra? — Seu rosto toma uma expressão maliciosa, não lembro de ela ter esse jeito oferecido.

— O que se foi não volta mais Ercia, a única coisa que posso lhe oferecer hoje é minha amizade. — Tento deixar meu recado elegantemente,

mas é obvio que minha namorada nunca autorizaria nossa amizade.

É mais fácil ela arrancar minhas bolas fora, do que isso acontecer.

— É importante que você saiba que eu nunca te culpei pelo que aconteceu, John, foi um acidente. Sei que o que foi não volta, mas podemos começar uma nova história daqui para frente. Teremos um futuro perfeito juntos. — Ela delira sobre algo que nunca vai acontecer. Parece surda para as coisas que eu falo.

— Não foi acidente, Ercia. Tenho maturidade suficiente para assumir meus erros.

— Eu sei disso, John. Você podia ter muitos defeitos, mas sempre assumia seus erros depois e pedia desculpa. — Ela joga o cabelo para o lado, mudando o tom de voz, deixando-a mais suave. — Mas devo admitir que fiquei muito surpresa quando soube que você se tornou um juiz criminalista tão respeitado do Rio de Janeiro, estou muito orgulhosa. Quem diria que aquele garoto ciumento problemático que não conseguia controlar suas emoções, chegaria tão longe — Não gosto do seu tom, muito menos do fato de estar muito bem informada sobre a minha vida.

Até demais, na verdade.

— Obrigado pela parte que me toca — digo seco e decido a ir direto ao ponto e encerrar essa conversa de uma vez por todas. — Enfim, eu topei

ter essa conversa em particular com você, Ercia, para dizer que espero que um dia possa me perdoar por todo mal que te fiz devido ao meu ciúme obsessivo, desde as brigas sem sentidos até causar seu acidente.

— Já está perdoado, querido. Perdeu o controle me vendo conversando com outro cara porque me amava demais, isso é compreensível.

— Aquilo nunca foi amor de verdade, mas sim uma doença — digo apenas a verdade.

Hoje posso ver claramente que o que sinto pela Yudiana em tão pouco tempo não chega nem perto do que senti pela Ercia em todo tempo que namoramos.

— Como assim não era amor, John? Da minha parte era sim, ainda é. Mesmo depois de tantos anos, meu amor permanece intacto, cada segundo que passei entredita em uma cama foi pensando no dia em que voltaria para você. Nunca perdoei meus pais por ter nos separados me levando para ser tratada fora do país. —Assume por fim jogando todas as cartas na mesa, ela veio a procurar de uma reconciliação como se fosse simplesmente bater na minha porta e seríamos felizes para sempre.

Fico com um pouco de pena dela em ver seu estado de tensão, mãos e lábios trêmulos.

— Sinto muito, Ercia, mas eu estou completamente apaixonado por

outra mulher. Yudiana é a mulher da minha vida, sem sombra de dúvidas. — Sou um pouco rude, mas extremamente sincero.

Sinto pelos seus olhos lagrimejantes que a magoei, mas foi necessário para que entenda logo de uma vez que já tenho dona.

— Pensei que estava esperando por mim também, John. Por isso vim direto ao seu encontro, não posso acreditar que aquela sua paixão ardente tenha acabo. Talvez se nos beijamos reacenda a chama do nosso amor dentro do seu coração, e tudo voltara a ser como antes. — A mulher tenta vir para cima de mim, decidida a me agarrar à força, mas sou mais rápido do que ela e consigo impedir seu propósito a tempo.

— O que pensa que está fazendo, Ercia? Passei muitos anos sozinho, sob o juramento de nunca mais me apaixonar. Tinha medo de estragar a vida de outra pessoa novamente. Então Yudiana apareceu, provando o quanto eu estava absolutamente errado sobre tudo. Só precisa encontrar a pessoa certa. Eu posso sim amar de forma saudável. Segura. — Sorrio involuntariamente. Só de falar na minha Indiazinha malcriada, meu coração aquece milagrosamente.

Bem que dizem que o amor de verdadeiro a gente só encontra uma vez na vida.

— Nós já vimos esse filme antes, John. No começo do nosso namoro

também foi mil maravilhas. Depois deu no que deu. Essa moça é bem mais jovem que você, não vai aguentar a metade do que eu aguentei para ficar ao seu lado. — Ercia pega pesado. Tem algo de muito diferente nela, que nem parece a mulher que amei um dia.

Eu nem sou tão velho assim como quer deixar transparecer, tenho apenas trinta e sete anos e muita coisa para viver ao lado de Yudiana.

— Sabe qual a diferença entre você e minha namorada, Ercia? O que faz dela a mulher certa para mim?

— O corpão e o seios grandes? Porque classe e elegância não é, com certeza — alfineta rudemente, puxando os cantos da boca em um sorriso debochado.

— Não é a beleza invejável que Yudi tem, Ercia, nem a diferença de idade. Mas sim a forma de ela encarar o meu problema com ciúmes. Sempre compreensiva e paciente. Companheira. Já você, vivia me chamando de louco psicopata na frente das suas amigas patricinhas, lembra? Porque eu não esqueci. Fazia questão de puxar assunto com outros garotos, só para me ver fazendo cena na frente da escola inteira. — Ercia estreita os olhos, mexendo os ombros. É claro que ela se lembra.

— Mas eu sempre me arrependia depois de te deixar nervoso, meu amor. Você nunca foi um namorado fácil de controlar.

Deixa escapar. Então era isso que ela sempre quis. Me ter sob o seu controle.

— Esse era o problema. Eu não precisava de alguém tentando me controlar naquela época, mas sim de ajuda profissional e apoio emocional das pessoas ao meu redor. Que diziam me amar. — Dou a volta na minha mesa e sento, tentando manter a calma.

Fico em silêncio por longos segundos olhando para qualquer quando do escritório menos para ela, para então continuar a conversa em um tom passivo:

— Yudiana luta ao meu lado para que possamos superar minha doença juntos. Ela pode ser jovem, mas a sua postura em relação a tudo sempre supera todas as minhas expectativas, melhor ainda, faz de mim um homem melhor. Forte. Sempre me acompanha em todas as consultas com o meu terapeuta, me lembra dos horários da medicação e vive pesquisando sobre o assunto. — Faz uma careta piedosa como se fosse começar a chorar, mas como percebe que não me comovo, logo o momento de drama passa.

Ercia rapidamente recompõe a postura, colocando as garras de fora.

— Vamos ver até onde a força dessa moça vai durar. Eu vim para o Rio de Janeiro para ficar de vez. Recuperar tudo o que perdi, principalmente você, John. — De onde ela está joga uma piscadela para o meu lado,

sorridente, acompanhado de um beijo lançado no ar, iniciando um jogo ao qual tem certeza que sairá vencedora.

Porra! Eu e Yudiana estávamos felizes demais para ser verdade. Tinha que parecer um fantasma do passado para atrapalhar.

Tento esquecer de Ercia por hora, saio depressa a procura de Yudi esperançoso de ainda conseguiremos salvar nosso primeiro dia dos namorados romântico, mas para o meu desespero não a encontro em lugar da casa. Ligo para ela várias vezes e cai na caixa postal, envio várias mensagens e não responde. Deve realmente estar zangada comigo.

Pego as chaves do carro em cima do móvel da sala e vou para o único lugar que conheço que ela se sente segura quando não está comigo, onde sabe que eu não vou conseguir me aproximar dela caso não queira me ver. Dirijo o mais rápido que posso, quando estaciono em frente à casa grande em formato oval nem preciso bater na porta, já havia alguém sentado em um banco de madeira na varanda da casa.

— Sinto muito, cara, mas para chegar perto de Yudiana hoje vai ter que passar por cima de mim. — Uma voz grossa soa em alto em bom som, ignoro sua ameaça e subo os dois degraus que dão acesso à entrada principal da casa.

— Eu só quero falar com a minha namorada. Não pode me impedir de

fazer isso, Joe. — É a primeira vez que converso com esse homem que encontrou Yudiana morando na rua e cuidou dela desde então. Sou muito grato a ele por isso.

Quando Joe fica de pé para me encarar nós, percebo que ele é ainda maior do que eu vi em algumas fotos.

— Olha cara, não tenho nada contra você. Mas se fizer a minha menina chorar novamente como chegou aqui em casa hoje, eu quebro você inteiro. Simples assim. — Ameaça chegando o rosto bem próximo ao meu.

Fico péssimo em saber que minha namorada chorou por minha causa, agora preciso ainda mais me encontrar com ela e pedir perdão por ter sido um babaca.

— Eu não queria fazer-la chorar, amo essa mulher mais que a minha própria vida. Houve um mal-entendido entre nós, e eu vim para repará-lo. — Explico.

— Mas do jeito que Yudi chegou aqui cara, se conversarem agora só vai piorar as coisas. Nesse momento ela está cochilando no sofá da sala, deixe-a descansar um pouco e a procure mais tarde. Enquanto isso gostaria de me acompanhar em uma bebida? Conheço um bar que gosto muito, quero saber mais sobre o meu genro, afinal, ainda não fomos devidamente apresentados.

— Não era bem com essa companhia que eu pretendia passar o dia dos namorados, mas se não posso ficar com a minha namorada e seja na companhia do álcool. — Resmungo, ele aponta a direção da garagem e o sigo até onde está o seu carro.

— Pensa bem homem, conquistar o “sogro” já é meio caminho andando em um relacionamento, caso não saiba Yudiana é como uma filha para mim. Se eu achar que não é um bom o suficiente para ela, vou me tornar seu pior pesadelo. — Aperta meu ombro como se fôssemos grandes amigos, mas usando força o suficiente para arrancar um pedaço fora a qualquer momento.

Apesar de todas as suas ameaças, fico feliz que Yudiana tem ele. Um cara que se preocupa com ela como um pai de verdade, dá para ver o carinho no seu olhar quando fala dela.

— Minhas intenções com Yudi são as melhores possível não se preocupe.

O tranquilizo.

— Para o seu bem meu caro, espero que seja verdade — ameaça mais uma vez, e entra no veículo.

Antes de entrar no carro de Joe, dou uma última olhada para a casa dele sabendo que minha namorada está lá dentro, mas infelizmente não posso

vê-la e dizer o quanto sinto muito por ter estrago o dia perfeito que ela planejou para nós.

No meio do trajeto recebo uma ligação de Gonzáles, o espanhol está com a voz cabisbaixa então o convido para vir beber consono, pelo menos não vou precisar enfrentar meu “sogro” sozinho. O estabelecimento onde Joe, me trouxe é bastante agradável. O bar oferece aos seus clientes vários tipos de bebidas nacionais e estrangeiras, música boa e uma clientela agradável. Procuramos uma mesa mais privada, pedimos o drinque mais forte da casa.

— Se serve de consolo para você cara, eu também estou passando um dia dos namorados de merda! — comenta Joe, depois de um tempo bebendo em silêncio.

— *Entonces* somos dois, *hermano*. — Gonzáles aparece de cara emburrada, arrasta a cadeira ao meu lado e senta cruzando os braços sem fazer nenhuma de suas gracinhas ou piadas egocêntricas sobre si mesmo.

Ele e Joe trocam olhares desafiadores, será que já se conheciam antes? Que estranho.

— Somos três tendo um dia dos namorados de merda, meu caro. — Levanto meu copo de tequila, e os dois bate os copos deles no meu brindando a nossa desgraça conjunta. — Engraçado, Alejandro, pensei que você não fosse o tipo que comemora o dia dos namorados? Aliás, sempre odiou essa

data — ironizo.

— Depois de hoje, *yo* odeio ainda mais — rosna, pegando a minha bebida sobre a mesa e sorvendo uma boa dose. Não faço ideia do que possa ter acontecido para lhe roubar todo o seu bom humor.

— Se está mal por causa da Solange, espanhol, pode ficar tranquilo porque ela terminou tudo comigo ontem. — Gonzáles não consegue disfarçar o sorriso enorme rasgando seu rosto. Com certeza essa moça em questão é a tal que mexe tanto com ele. — Pelo que entendi, não podemos sair mais porque tem outras prioridades mais importantes na vida agora, que requerem todas as suas energias. — Joe balança os ombros, conformado com o fim do relacionamento dele que, pelo que entendi, mal havia começado com a moça.

Mas que mundo pequeno esse, ele e meu melhor amigo interessados amorosamente na mesma mulher.

— É. *Yo* acredito que gastar dez mil reais em notas de cem requer muita energia mesmo, o sonho de toda *mujer* é ganhar uma grana dessa de maneira *tón* fácil — resmunga o espanhol, batendo a mão sobre a mesa, fazendo uma garrafa de gin tombar. Ainda bem que estava vazia. Eu e Joe ficamos sem entender nada.

— Do que você está falando, Gonzáles?

— Nada de importante — mente na cara dura, os cantos dos olhos

estavam franzidos e os dentes trincados. — Por que você *estás* aqui e *no* com tua namorada? — Desvia o rumo da conversa. Sempre faz isso quando está escondendo alguma coisa de mim.

— Porque Ercia bateu na minha porta hoje, perfeitamente curada, querendo reatar nosso namoro de onde parou, e advinha quem atendeu? — O choque é tão grande que Gonzáles cospe longe toda bebida que havia acabado de colocar na boca, com os olhos vidrados.

— Yudiana? — Assinto, e ele leva as duas mãos à cabeça, bagunçando os cabelos. — Cuidado com essa *mujer*, John. Nunca consegui simpatizar com essa Ercia. *No* deixe que ela estrague sua vida novamente. Isso de ela aparecer curada de uma hora para outra é muito estranho, para *no* dizer suspeito.

Meu amigo me alerta, franzindo a testa.

— Eu ficarei atento, não se preocupe. Agora não sei vocês, mas eu vou pedir outra rodada bebida. Chega com essa dor de cotovelo mútua, só falta começar tocar aquelas músicas sertanejas de arrastar o chifre no asfalto.

Chamo o garçom com um aceno de mão, que vem prontamente me atender.

Depois dessa rodada, nós pedimos mais outra e outra. No final, estávamos os três bêbados. Joe e Gonzáles que pareciam se odiar no começo,

agora estão cantando uma música em espanhol abraçados como se fossem amigos a vida toda. Valeu a pena vir nesse bar com eles e encher a cara, pelo menos assim engano um pouco a dor de estar longe da mulher da minha vida.

Ainda bem que amanhã é um novo dia, e para minha sorte sei que Yudiana não pode fugir de mim para sempre. Uma hora ou outra, nos encontraremos e eu pedirei perdão a ela de joelhos se for preciso.



Capítulo 41

Yudiana

— Anda homem de Deus, toma esse analgésico para ver se sua ressaca melhora. — Reviro os olhos enfiando o comprimido na boca de Joe, ontem chegou tarde da noite em casa trocando as pernas.

Pelo que consegui entender dele quando chegou em casa bêbado ontem falando com a língua enrola, foi um dos seguranças de John veio dirigindo seu carro. O mesmo foi feito com Gonzáles e o próprio Thompson, os três desceram o caneco ontem tomando todas.

— Obrigado princesa, é muito bom ter você aqui em casa comigo. — Joe bebe um pouco de água, sorrio para ele e ajudo a deitar na cama direito. Coloco dois travesseiros atrás de suas costas para manter o tronco elevado, talvez assim a sensação de enjoo pós álcool melhore um pouco.

— Eu que agradeço cara, porque me deixar esconder na sua casa sempre que me sinto perdida para onde ir.

Pego meu casaco sobre o móvel próximo à porta e apago a luz, mas antes de sair escuto ele gritando atrás de mim.

— Está lembrada da festa de aniversário do Clube Luxos, né?! Espero que esteja preparando uma apresentação bem legal, não desaponte seus fãs.

— Paro de andar no meio do corredor. Merda! Como pude esquecer desse detalhe? Não quero decepcionar Joe, mas mesmo meu namorado sendo cretino comigo às vezes, não quero fazer nada que atice ainda mais ciúmes nele como uma apresentação sexy para centenas de homens com energia sexual para dar e vender.

— Depois conversamos sobre isso homem, vai descansar — respondo apenas.

— Também te amo, Índia. — Sorrio. Deus não poderia ter me dado um pai melhor do que esse.

Joe me conhece tão bem, que impediu que John se aproximasse de mim ontem, no nível de raiva que eu estava dele terminaria morto, ou pelo menos com dois membros do seu corpo arrancando fora. Como pode me dispensar na cara dura para conversar com a ex que apareceu do nada completamente curada? Pra mim, tem alguma coisa de muita errada nessa história. Acho que minha sogra não estava tão errada de não gostar dessa tal de Ercia, acabei de conhecê-la e não a suporto.

Mas ela é um problema de John não meu, ao qual ele mesmo fez questão de deixar claro que eu não posso me meter na história deles que para

mim pensava já ter acabado faz tempo.

Então os dois que se fodam!

Minha única preocupação hoje é que dê tudo certo no primeiro dia de aula de Max, ele já ficou muito tempo da escola. Recentemente o coitadinho deu o seu depoimento para a promotoria com a presença de dois conselheiros tutelares sobre os abusos que sofria do padrasto, não tive autorização para acompanhá-lo. Fico imaginando como deve ter ficado constrangido. Enquanto a polícia não achar o filho da mãe que ainda se encontra foragido, o pequeno recebera proteção a testemunha. O maior medo de todos principalmente o meu, é que esse monstro encontre Max antes disso e o pior aconteça.

No entanto, deixo toda a minha aflição de lado quando chego em frente a casa de passagem da justiça deparo-me com meu príncipezinho todo bem arrumado com o uniforme da escola de mãos dada com assistente social já à minha espera, fiz questão de comprar uma mochila azul fosco bem descolada assim como todo seu material escolar e vim pessoalmente entregar nas visitas que faço a ele diariamente.

— Yudi, você veio! — Max solta a mão da mulher e vem correndo de braços abertos encontrar comigo.

— Mas é claro que sim, meu amor. O tio Dimy só não veio também

porque teve que acompanhar a nossa mãe ao médico em um de suas consultas rotineira. — Sinto um calafrio ao dizer isso. Durante o almoço de noivado da minha irmã, lembro de o Pastor Jackson dizer para eu ter cuidado com as minhas palavras porque minha mãe está doente e não pode sofrer fortes emoções.

Preciso ter uma conversa séria com Edmilson sobre nossa mãe. Ainda não estou pronta para reencontrá-la, mas seja a doença que ela tem preciso descobrir e ajudar no que puder mesmo que seja de longe.

— Olha quem apareceu também, Yudi. O Sr. Thompson! E ainda trouxe Luck. Muito obrigado. — Max agora solta a minha cintura e corre de encontro ao meu namorado, vulgo vira-casaca, traidor do caralho, que chega atrás de mim, segurando a corrente do animal que balança o rabo, eufórico. Fazia um bom tempo que não via o dono.

Espera aí, como ele conseguiu pegar o cão lá no meu apartamento sem falar comigo?

Edmilson, você me paga!

— Oi campeão, animado para o seu primeiro dia de aula na escola nova? — John bagunça o cabelo de Max, ainda abraçado com ele quem não os conhece vendo essa cena pensaria se tratar de um momento fraternal entre pai e filho.

Thompson conversa com Max, mas não tira os olhos de mim um segundo. Mantenho a pose com cara de Escarlata fingindo nem ser comigo, tipo “*eu te conheço cara?*”.

O desgraçado está lindo demais já arrumado para o trabalho dentro de um dos seus ternos pretos bem alinhado valorizando bem seu corpo másculo, cabelo arrumado impecavelmente arrumado todo puxado para trás com gel e óculos escuros sexy pra cacete.

—Estou muito animado sim Senhor, ainda mais com a presença de vocês aqui. —Max solta o cão da corrente, que começa a correr para todo lado dando pirueta latindo. —Mas podemos ir agora? Não quero chegar atrasado no meu primeiro dia de aula na escola nova. —Ele segura a mão de John de um lado e a minha do outro e saem arrastando nós dois, irradiante.

— Pode deixar que eu e a Yudi levamos o garoto para a escola, Dona Joana. Deve ter muitas coisas para resolver aqui na casa de passagem, pode ficar tranquila que ele está em boas mãos. —Thompson sorri calculadamente confiante e atraente para a Assistente Social de um jeito que ela autorizaria qualquer que o filho da mãe pedisse, despede de nós e segue seu caminho.

— Você não vai dizer “oi” para seu namorado, Yudi? —Vejo um menino confuso olhando para mim depois para John, sem muita opção cumprimento o Judas fazendo a melhor atuação possível bancando a Falsiane

do momento com um sorriso no rosto.

— Bom dia, Thompson, como está? — pergunto com total desdém, mas quando ele tira os óculos escuros para me responder quase caio para trás diante de tanta beleza.

Seus olhos estão um pouco vermelhos devido o porre que tomou ontem com Gonzáles e o Joe, mesmo assim não diminui em nada sua beleza arrasadora.

— Morrendo de saudades de você, meu amor. — Aproveitando um momento de distração, John me puxa pela mão e rouba um beijo daqueles de tirar o fôlego.

Puxa meu lábio inferior com os dedes causando uma dorzinha gostosa, as mãos passeiam pela minha cintura. Enfia a língua dentro da minha boca sem nenhum pudor, explorando cada pedacinho dentro dela. Quando vejo que estou perto de ceder ao seu charme fatal estico os dois braços batendo as mãos abertas em seu peito o empurrando para longe de mim.

John limpa os vestígios do meu batom em volta da sua boca, com um sorrisinho vitorioso no rosto me irrita profundamente se estivéssemos sozinhos tinha tirado com uma bofetada bem forte para deixar de ser convencido.

— Você me deve essa, senhor Thompson! — Max abre

tranquilamente a porta de trás do carro e entra, sentando-se com o Luck esparramado em seu colo, antes de fechar a porta John pisca para o menino de maneira cumprisse.

Pronto agora virou um complô contra mim.

Que maravilha!

— Você não tem vergonha de usar uma criança para conseguir o que quer, Thompson?

— Nem um pouco. O garoto já foi bem recompensado por isso — responde cinicamente.

— Você não presta! Como sabia que ia me encontrar na casa de Joe ontem? E agora aqui? Colocou seus cães de guarda me seguir, ou rastreou me celular novamente? — sou irônica, mas ele não se irrita. Continua me observando com aquele sorriso de canto que me tira do sério.

— Ontem foi só um palpite, e hoje, digamos que tive a notícia direto de uma fonte segura. — Olho para dentro do carro e vejo Max mexendo em um celular novo. Agora sei que tal fonte segura é essa. — Eu salvei o seu número no celular dele, agora podem se falar sempre que sentir saudades. — Suspiro por dentro, encantada com sua atitude. Ele sabe exatamente o que fazer para me deixar morta de amores por ele.

Mas o meu orgulho fala mais alto. John vai precisar muito mais do

que isso para conseguir o meu perdão dessa vez.

— Ah vai se ferrar cara! Você acha mesmo que é só aparecer aqui lindo desse jeito de terno preto e óculos escuros exibindo um sorriso de canto usando Max para se desculpar pela merda que fez ontem me esnobado por causa da sua ex? Vai sonhando meu bem, não sou mais o tipo que se rende fácil. — Balanço o dedo no meio da sua cara quase enfiando testa adentro, muito zangada.

Ele nem se abala com meu temperamento tempestuoso, está calmo. Como se nada que eu disser irá tirar sua plenitude, está disposto a fazer as pazes.

— Senti falta desse seu vocabulário malcriado, amor, mas agora precisamos levar *nosso garoto* para a escola não queremos que ele perca a primeira aula por nossa causa. — Beija minha boca rapidamente pegando-me desprevenida novamente, depois entra no carro sentando no banco da frente ao lado de James que está no volante.

Minha raiva é tanta, que nem notei a presença do ruivo tão abusado quanto seu chefe.

— Não caia no jogo dele, Yudiana. Ele só está testando sua paciência.

Penso alto, puxando uma boa lufada de ar, e entro no bendito carro, sentando ao lado de Max.

— Bom dia, Ruivão. Já estava com saudades dessa sua cabeleira vermelha — brinco, batendo no ombro de James. Ele é um cara legal.

— Eu não senti saudades suas. Estou amando o fato de não precisar te seguir mais para todo canto. Seu médico já te alertou que comer tanto chocolate faz mal? De dez lugares que ia, nove era uma loja de doces — ele brinca, revirando os olhos, sem se importar com a presença do chefe ouvindo nossa conversa descontraída. Já temos intimidade suficiente para isso.

— Já sim, mas eu não sou muito de me importar com a opinião dos outros. — Enquanto ri da minha indireta para seu chefe, James coloca o carro em movimento.

Pelo retrovisor, John observa minha conversa com Max, o garoto está realmente irradiante com a presença do seu cão Lucky. Abraça o pobre animal tão fortemente que quase o esmaga. Deve admitir que o babaca do meu namorado acertou em cheio trazendo-o para matar a saudade do dono, a alegria desses dois juntos não tem preço.

Se eu não fosse tão orgulhosa perdoaria John, por ter estragado nosso primeiro dia dos namorados juntos, mas é só lembrar da cara de vitoriosa da ariranha Ercia quando ele a escolheu em vez de mim que tenho vontade de matá-lo novamente.

— Temos companhia, chefe. — Ouço James cochichar para John

baixinho, mas não o suficiente para que eu não escutasse. Olho para trás, e através do vidro vejo um carro cinza andando em uma velocidade calculadamente reduzida a pouco metros do nosso veículo.

John o manda entrar à direita numa rua mais movimentada e acelerar, toda hora eles olham no retrovisor inquieto. Tento manter a calma, continuo conversando com Max para que não perceba nada não quero que fique nervoso. James fala alguma coisa pelo microfone na sua orelha não faço ideia com quem, logo em seguida aparece outros carros iguais ao nosso com homens vestidos escuro igual ao dele para fazer nossa escolta até a escola.

Chegando lá a tensão começa; Como eu iria explicar para Max que agora ele teria que ser vigiando por seguranças a todo tempo? Porque o louco do padrasto dele, está de volta atrás de uma oportunidade para tê-lo ao seu poder.

— Por que esses homens vão ficar comigo na escola, Yudi? — questiona Max, olhando para os dois bruta montes ao seu lado.

John explicou a situação para diretora, e ela autorizou a permanência de dois dos seus seguranças fazendo a escolta de Maximilian durante o período de aula não vão desgrudar dele um segundo.

— Para te proteger querido, mas isso é só até conseguimos prender seu padrasto antes que ele te encontre e roube você de nós sumindo no

mundo novamente. — Com esse argumento é fácil fazê-lo entender a situação. Max é um menino inteligente, corajoso e esperto. Ainda bem, porque eu odiaria ter que mentir inventando outra desculpa fingindo que a situação não é tão grave quanto parece.

Merda! Sabia que esse monstro não ia desistir tão fácil assim do garoto, só não imaginava que ele seria tão ousado aparecendo assim tão depressa não dando tempo nem da poeira da sua fuga baixar.

— Tudo bem, Yudi. Vai ser legal. Posso fingir que sou um agente do FBI e os dois são meus parceiros. — Coloca a imaginação para trabalhar, graças a Deus.

— Adorei a ideia, agora vai lá meu agente secreto favorito porque o sinal já tocou para começar a aula. — Inclino-me para beijar seu rosto, ele beija o meu de volta.

— Tchau, Yudi, eu te amo — declara, me deixando com vontade de chorar.

Esse menino com seu jeitinho doce, conquistou meu coração por inteiro.

— Também te amo, querido. Se comporte. — O aperto forte em meus braços. Toda vez que me despeço dele, tenho medo que seja a última vez que o veja.

— Tchau, senhor Thompson. Gostaria que você fosse meu pai e a Yudi minha mãe.

O silêncio toma conta do local. Max abraça John que está todo desconcertado com o que ele disse, e sai correndo em direção à sua sala de aula, com os dois seguranças andando rápido, tentando acompanhar seu pique.

— Promete que não vai deixar que nada de ruim aconteça com ele? — imploro para John, deixando um soluço escapar.

Meus olhos ainda estão na direção a porta da sala de Max, minha vontade é busca-lo para que fique o tempo todo ao meu lado só assim terei certeza que está de fato bem.

— Vai ficar tudo bem meu amor, eu prometo! — Nos abraçamos, ele coloca meu cabelo atrás da orelha e deposita um beijo em minha testa.

Me encolho toda dentro dos seus braços, tremendo de medo, só de imaginar Max nas mãos cruéis do seu padrasto novamente.

— O que vamos fazer agora, John? Aposto que o carro que está nos seguindo hoje era dele ou de algum dos seus comparsas, ele é obcecado pelo enteado.

— Deixe-o vir atrás do garoto, Yudiana. Eu estou ansioso para colocar minhas mãos nesse covarde. — Thompson me conforta com suas

palavras. Já demonstrou várias vezes que posso confiar nele para resolver qualquer situação.

— Eu confio na sua palavra. Mas ainda estou muito zangada com você, Ursão. Sabe disso, né? — Olho para cima, os cantos dos seus olhos estão franzidos.

— Não precisa se preocupar com Ercia. Ontem coloquei um ponto final na nossa história de uma vez por todas. Deixei claro que você é a mulher da minha vida, nunca amei nem vou amar outra como te amo.

Pronto! Bastou apenas isso, para eu nem lembrar mais porque estava com raiva dele.

Cacete de homem sedutor do caralho! Sabe melhor do que ninguém como usar as palavras, principalmente a língua...

— Me dá uma carona para o trabalho, que talvez eu te perdoe por ser uma babaca ontem — peço, contornando seu lábio inferior com os dedos, olhando em seus olhos.

Então ele chupa meus dedos e morde, excitadamente. Gemo, excitada, pensando em mil e umas sacanagens que podemos fazer escondido no gabinete dele no nosso horário de almoço hoje.

— Só se aceitar jantar comigo hoje à noite mocinha, quero me redimir por ontem — propõe com cara de cachorro sem dono, contornando os traços

do meu rosto com o polegar.

— Eu aceito, amor, com certeza! — Nos beijamos, depois vamos para o fórum trabalhar, porque hoje é segunda feira, dia de pegar no pesado.

Minha rotina de trabalho começa normal como em todas as manhãs de segunda feiras desde que comecei a trabalhar nesse fórum, corrida e estressante. Após revisar a agenda da semana de Juiz Flores, caminho até sua sala para lembrá-lo de que em uma hora tem uma audiência importante. Para a minha surpresa, encontro novamente ele e aquela mulher estranha de cabelo vermelho piranha acho que “Brunessa” o nome dela.

Estão discutindo feio por causa de uma criança, meus olhos ardem quando a louca solta uma bomba. Eles estão tão entretidos na briga, que não me veem parada na porta ouvindo tudo com as pernas tremulas.

— Se você não me der o dinheiro que estou pedindo, hoje mesmo bato na porta da sua esposa amada e conto para ela e sua filhota patricinha irritante que eu e o papaizinho dela temos um filho de seis anos juntos. Que somos amantes a muito tempo, o que acha disso em Vossa Excelência? — Fico perplexa diante dessa revelação bombástica. Então Dani tem um irmão caçula, fruto de um caso extraconjugal do pai que tanto admira.

Não sei se ela vai amar, ou odiar saber disso. Bom, hoje mesmo vou saber disso porque nunca esconderia algo tão sério da minha amiga

envolvendo sua família. Depois Dani decide o que fazer com tal informação.

Já que não minha presença não foi notada, continuo ouvindo a conversa tensa deles que parece não ter fim. Me faço de boba enfiando dentro da salinha de guardar relatórios embutida no seu gabinete e continuo ouvindo.

— Não tem vergonha de ter engravidado dessa criança só para me arrancar dinheiro, Brunessa? O garoto está em fase terminal de câncer e nem assim tem piedade dele só pensa em se dar bem, quero ver quando ele morrer que argumento vai usar para me chantagear. — Meus olhos ardem devido as lágrimas. Como assim em fase terminal? O coitadinho só é apenas uma criança ainda não viveu nada! Que destino cruel.

Ainda teve a má sorte de nascer filho dessa vaca aproveitadora, e de um homem mentiroso que vive uma vida dupla fingindo ser alguém que merece respeito de todos.

— Você que devia se envergonhar homem, um poderoso juiz como é que renegar o próprio filho que sabe melhor que ninguém sempre sonhou ter um pai. Deixa o pobrezinho pensar que é padrinho dele, só foi visitá-lo no hospital uma vez dede que soube da doença.

— Pois Marcelinho vai morrer sem saber a verdade, Brunessa. Não tenho amor de pai por essa criança, não passa de um terrível erro que Deus

mesmo está me fazendo o favor de concertar levando para junto dele. —A resposta do meu chefe, pai da minha melhor amigo homem com que tinha total admiração faz com que eu perca a fé na humanidade, definitivamente.

Até a escrota da sua amante, se incomoda com que acabou de ouvir e se manifesta.

—Também nunca gostei de Marcelinho como filho, não nasci para ser mãe. Engravidei dele só para dar golpe da barriga em você mesmo. Mas acho que o menino merece sim saber a verdade sobre o homem que pensa ser seu “Padrinho” e de fato seu pai, além disso tem uma irmã mais velha que talvez gostaria de conhecê-lo antes que sua doença o leve. —Sinto sinceridade no que ela diz, não é uma pessoa santa, mas pelo menos joga com a verdade.

Diferente de Juiz Flores, que só pensa em se livrar do problema na encolha o mais breve possível, a morte dessa criança será sua libertação.

— Não! Esse erro que cometi ficara sempre entre nós, minha filha nunca saberá da existência desse irmão. É melhor assim. — *Só se for para ele*, penso, enfurecida. — Nem mesmo o próprio menino saberá. Ele vai morrer acreditando que sou seu padrinho e ponto final. — Juiz Flores dá a última palavra, mas não consigo ouvir mais. Estou com nojo desses dois. Não sei qual é pior.

Se antes o admirava, agora não quero olhar para cara dele pelo menos

pelo resto do dia. Minha vontade é ir lá e dizendo um monte de verdades para esses dois filhos da puta, que colocaram um ser inocente no mundo só para sofrer.

Caralho! Dani tem que saber da existência desse irmãozinho que precisa muito dela, assim ela poderá aproveitar a presença dela pelo menos nesse pouco tempo que lhe resta. Cada minuto vale ouro. Não sei se vou conseguir segurar essa sozinha, melhor pedir reforço para a Júlia. Pego meu celular e ligo para ela, que fica tão chocada quanto eu quando conto a história toda.

Combinamos de nos encontrar a noite na minha casa, vou ter que remarcar meu jantar de reconciliação oficial com John, mas é por um motivo extremamente importante. Volto para minha sala e sigo trabalhando pensativamente, no horário da aula de Max terminar ligo para ele para saber se está tudo bem e graças a Deus está. Eu já havia ligado uma centena de vezes antes, para diretora, supervisora e até mesmo professora.

Tento ligar para John algumas vezes, mas parece desligado então vou direto ao seu gabinete. Mal piso no corredor do andar onde ele trabalha, e dou de cara com Ercia saindo do seu gabinete toda poderosa dentro de um macacão vermelho colado no corpo e um decote provocante da porra. Passa por mim rebolando enquanto retoca o batom fingindo que não me conhece, e vai embora jogando o cabelo para o lado com aquele maldito sorrisinho de

quem já ganhou a parada toda.

Entro no gabinete de John com o diabo no corpo, abrindo a porta num rompante tomada pela fúria.

— O que aquela mulher veio fazer aqui no seu local de trabalho, John? Pensei que havia colocado um ponto final na história de vocês, pela cara de satisfeita dela saindo do seu gabinete parece que está só começando. — Esbravejo batendo as duas mãos sobre a sua mesa, ele me olha com os olhos estreitos como quem tem culpa no cartório. Mas o cretino se polícia acertando a postura, erguendo o queixo.

— Engraçado, pensei que o ciumento obsessivo dessa relação fosse eu — me provoca, e o examino de cara feia.

— Não brinca comigo, John, que eu acabo com você e essa sonsa monga sem sal num piscar de olhos. — Puxo-o pela gravata, juntando nossos rostos, e o ameaço novamente. — Eu sou uma pessoa muito compreensiva, mas quando quero ser vingativa até o capeta tem medo de mim. — John engole em seco.

Não sei como, mas ele consegue me puxar passando por cima da mesa, derrubando tudo e colocando-me em seu colo, esfregando uma baita ereção na minha bunda.

— Minha nossa, Indiazinha, você fica tão sexy nervosa assim —

sussurra, aproximando a boca ao pé do meu ouvido, e nesse momento vejo uma marca de batom na gola de sua camisa, e não é meu.

E sim da mesma cor que a megera indomada estava retocando quando saiu do gabinete de John, agora sim eu mato esse filho da puta!

— Que porra é essa, John? — Aponto na direção da marca, ele apenas dá de ombros.

— Talvez Ercia tenha esbarrado na gola da minha camisa quando chegou aqui e me cumprimentou com um beijo no rosto, amor. Só isso. — Tem a cara de pau de falar, fazendo-se de bobo.

Conto até três tentando não fazer um escândalo. Não sei como John consegue controlar, na maioria do tempo, toda essa raiva que só o bendito ciúme é capaz de causar.

— Você deixou a desbotada beijar seu rosto, ou eu entendi errado? Quer saber, não importa! Quero que os dois vá para o quinto dos enfermos, tenho problemas mais importantes para me preocupar agora. — Me levanto rapidamente do seu colo, tirando suas mãos do meu corpo. Não estou em condição nem de olhar para esse homem agora.

— Como assim amor, o que houve? — Banca o preocupado, mas na hora de deixar a desbotada beijá-lo aposto quem nem lembrou que eu existo.

— Nada que seja da sua conta seu traidor, é problema meu. Vim aqui

apenas para avisar que não posso ir ao nosso jantar hoje. Depois do que vi aqui, de toda forma, nem se eu pudesse iria mesmo. — Ele enruga a testa, me encarando de cara feia.

— O que houve, Yudiana? Talvez eu possa ajudar com alguma coisa.

— Uma das minhas melhores amigas precisa de mim, e eu ficarei ao seu lado. Sou fiel para aqueles que amo.

Finalizo nossa conversa por aqui, e saio do seu gabinete batendo a porta com força, sem me despedir.

Entro na minha sala com o sangue correndo quente e grosso pelo meu corpo, respiro bem devagar tentando me acalmar. Mas estou tão zangada que não sei se conseguirei. Levando a mão sobre o peito sinto meu coração bater acelerado. Sinto um pressentimento que não estou mais sozinha, quando viro para trás John está encostado no vão da porta da minha sala de braços cruzados e um olhar maroto.

Ele desceu até o meu andar atrás de mim, por essa não esperara Juiz Thompson. Esse homem não tem medo da morte.

— Sinceramente, não sei como esse relacionamento pode dar certo, com dois ciumentos compulsivos — ele constata, sério.

Eu olho para ele.

Ele olha para mim.

Então do nada começamos a gargalhar, bem alto mesmo.

— Não é só ciúmes, John. Não confio nessa Ercia. Tem alguma coisa de muito errado nesse retorno repentino dela curada da noite para o dia.

Ele pensa por alguns segundos.

— Penso a mesma coisa, e Gonzáles também. Essa marca de batom não foi deixada na gola da minha blusa por acaso. Ercia está querendo desestabilizar nosso relacionamento. Ela acredita fielmente que existe um futuro para nós dois juntos.

Seu tom é sem paciência, com um músculo do seu maxilar trincado.

— Sabia que essa desbotada apareceu do nada, determinada a te reconquistar. Que desculpa ela deu para vir no seu gabinete hoje?

— Me pedir ajuda para escolher um bom apartamento para ela alugar aqui no Rio de Janeiro. Está de mudança definitiva para a cidade, mas não entende nada sobre como procurar um bom lugar — explica e eu me seguro para não gritar com ele. precisa ser muito idiota para cair num papo furado desse.

— Você virou corretor de imobiliária agora, é? Ela que vá pedir ajuda para o diabo que a carregue. Talvez encontre um bom lugar para ela no inferno, de graça — esbravejo e ele me olha de rabo de olho.

Se tem uma coisa que eu não tenho, é paciência com gente sonsa que

se faz de boba para conseguir o que quer.

— Calma amor, eu apenas indiquei uma boa imobiliária para ela e pronto. Assunto resolvido. Pedi para Ercia não me procurar mais para pedir ajuda para resolver as coisas dela, afinal, não temos mais nenhum vínculo que nós unimos um dia. — John enfia os dedos entre meio os cabelos da minha nuca fortemente trazendo-me para bem próximo dele beijando minha boca desejosamente, seu cheiro é sempre bom, mas hoje está magnífico.

— Essa vaca está pedindo para voltar a ficar entrevada numa cama novamente, se continuar a ficar mexendo com os homens dos outros e nisso que vai acontecer — resmungo, emburrada.

— Então, eu sou seu homem, é? — John aperta meu seio, todo saliente.

— Sim! Acho bom andar pianinho na minha mão, ou vai sobrar para você também — ameaço, depois o beijo.

— Hoje eu te libero você ajudar sua amiga no que ela precisar, mas amanhã sua atenção é toda minha. Teremos nosso jantar de reconciliação oficial, depois vamos trepar loucamente a noite toda. — Passa a língua no meu pescoço, todo saliente, apertando minha bunda.

Eu amo quando perde a postura assim, deixando de ser o destemido Juiz Thompson para se tornar um safadão falando esse tipo de sacanagem.

— Sabe que eu gostei bastante do seu plano? — brinco, esfregando meu nariz no dele.

— *Yo* sabia que ia te encontrar aqui, *hombre de Dios*. — Gonzáles adentra minha sala sem ser convidado ou pedir licença, alvoraçado. — Se me der licença, Yudiana, preciso levar *tu* namorado agora. Temos um monte de problemas para resolver do fórum e ele aqui de namorico em pleno expediente de trabalho.

— Tudo bem, Gonzáles, ele já está liberado. — Dou um último selinho de despedida em John.

— *Yo* acabei de encontrar a vaca da Ercia na entrada do fórum. Continua com a mesma cara de cínica de sempre. Pode ficar tranquila, Yudiana. Falei para ela *no* aprontar com vocês, ou vou transformar a vidinha sem graça dela num verdadeiro inferno. — Gonzáles bate a mão na minha. Esse espanhol é o máximo.

— Também não é para tanto, gente. Concordo que Ercia está um pouco perturbada, mas também não é nenhuma bandida perigosa para vocês ficarem a ameaçando dessa forma. — Eu e Gonzáles nos entreolhamos, ambos querendo dar na cara de John.

— É melhor levar seu amigo daqui, Gonzáles, ou eu não respondo por mim. — Aviso.

Ele pega John pelo braço e sai arrastando. Fico para trás, rindo dos dois.

Sento em minha mesa, e enquanto leio alguns relatórios, penso que preciso descobrir o que essa ariranha da Ercia está escondendo atrás dessa recuperação milagrosa.

A tarde após meu expediente de trabalho vou direto para a casa, tomo um banho relaxante e coloco um pijama confortável para esperar minhas amigas chegarem. Edmilson como o esperado está batendo perna na rua quando cheguei já havia saído. Júlia apareceu bem antes do horário combinado, tão apreensiva quanto eu em como nossa amiga vai reagir com a verdade sobre o pai.

— Coitada da Dani. Além de descobrir que tem um irmãozinho fruto de uma traição vai ter que lidar com a notícia que o pequeno está morrendo.
— Júlia funga o nariz na manga da blusa, enquanto se entope com uma tigela de burritos com mostarda. Essa mulher não para de comer por conta da gravidez.

— Sinceramente, não sei qual é a pior parte dessa história. Todos os

lados parecem horríveis.

Deito a cabeça no ombro de Júlia. Estamos as duas sentadas no sofá com as pernas sobre a mesinha de centro. Pego um burrito na tigela em seu colo, e lanço para dentro da boca, mastigando com desânimo.

Então a campainha toca, e nós duas respiramos bem fundo, tomando coragem para abrir a porta. Prendendo o ar, giro a maçaneta bem devagar, soltando a respiração aos poucos.

— Oláaaaa, amiga. Por que não me avisou que era festa do pijama? Se não tinha trazido o meu pijama rosa choque de unicórnio — a loira comenta, olhando para minha roupa de dormir cheia de bolinhas. Peço perdão mentalmente por destruir seu mundo de algodão doce daqui a pouco. — Entra, Dani. Júlia já chegou faz tempo. — Depois de encher meu rosto de beijos, ela entra e faz o mesmo com a Júlia, conversando com o bebezinho na barriga minúscula dela, onde nem parece ter um serzinho crescendo.

Eu nunca conheci ninguém como Dani. Ela é, com certeza, a pessoa mais inocente, iludida e bondosa que conheço. Sempre gentil com as pessoas, seja ela rica ou pobre.

— Porque não senta aqui perto de mim Daniela Flores, eu e a Yudiana te chamamos aqui porque temos uma coisa muito séria para te contar. — Júlia passa o braço por cima do ombro da nossa amiga, fungando

em uma luta ácida para conter as lágrimas.

— Você me chamou pelo nome completo, Júlia. É a primeira vez que faz isso num tom tão sério. O que está acontecendo de grave para as duas estarem com essas caras de velório? Tem alguém aqui morrendo e eu não estou sabendo? Minha santinha das estilistas de roupas de grife francesa, contem logo o que está rolando aqui. — Dani começa a chorar feito uma menininha assustada, enchendo a cabeça de caraminholas. Antes mesmo de saber do que se trata.

— Ninguém está morrendo aqui, amiga, mas o seu irmãozinho de apenas seis anos está. — Mordo os lábios, também com vontade de desabar.

— Irmãozinho? Do que você está falando, Yudiana? Sou filha única. Sempre quis ter um irmão, mas meus pais não conseguiram ter outro filho. Eu vim por sorte. — Sorri tristemente, totalmente perdida na conversa. Seus olhos vagueiam entre mim e Júlia, atrás de uma explicação lógica.

— Eu ouvi uma briga hoje no fórum do seu pai com a amante dele, Brunessa. Pelo que entendi, ele trai sua mãe com ela há muito tempo. — Nunca fui bom em dar más notícias. Prefiro contar do jeito nu e cru, mesmo porque, se for para machucar, que seja em um golpe só.

— O meu pai traindo minha mãe há muito tempo? Que loucura é essa, gente?! Acho que estou em meio a um pesadelo.

— Não está não, amiga. A coisa é muito séria e você precisa ser forte, Dani. A amante do seu pai estava o chantageando por dinheiro ou iria bater na porta de vocês e contar tudo sobre a criança, que nasceu fruto da traição deles.

Tento me aproximar dela, mas Dani não deixa, começando a caminhar aleatoriamente por toda sala, parecendo perdida.

— Se não é pesadelo, só pode ser uma pegadinha. Me recuso a acreditar nisso.

— Yudiana me ligou quando tudo aconteceu, amiga. Para que contássemos juntas a verdade para você. Jamais esconderíamos algo tão sério, ainda mais envolvendo um ser inocente que precisa de todo amor no mundo nesse momento.

Júlia confirma, mas no fundo, assim como eu, queria que tudo não passasse de uma pegadinha.

Então, enfim, Dani percebe que estamos falando a verdade e que jamais brincaríamos com algo tão sério.

— Mas que desgraçado filho da puta maldito! Como meu pai pôde fazer isso com a minha mãe? Comigo? Eu o odeio! Sempre repeti várias vezes que queria um irmão, e tenho um e nem sabia de sua existência.

Explode com o rosto avermelhado. Foram muitos anos vivendo uma

mentira.

Agora seu choro não é mais de medo ou tristeza, mas sim raiva. Ela aranha o próprio rosto, de tão nervosa.

— E o Marcelinho sempre sonhou em ter um pai, mas Juiz Flores nunca revelou a ele a verdade pensa que é seu padrinho. Está irredutível em relação a isso,

— Então o nome dele é Marcelinho? Parece loucura, mas só de saber da sua existência, já amo com todas as minhas forças. Quero conhecê-lo o quanto antes. Agora mesmo, se possível. — Dani fica de pé e segura minhas duas mãos, tentando conter o choro. — Você disse que ele está morrendo? Ah, Meu Deus! Não acredito que mal chegou em minha vida e já está partindo. — O horror toma conta de suas feições, tão rápido quando a euforia de saber que não é mais filha única.

— Eu ouvi claramente, amiga. Seu irmãozinho está em fase terminal. Ele tem câncer.

— E mesmo assim meu pai não contou para o menino a verdade? Com certeza ele não vê a hora que o próprio filho morra para se livrar de um problema.

Infelizmente é isso mesmo, mas não tenho coragem de contar essa parte horrível da história que eu mesmo não sendo filha dele, fiquei arrasada

quando ouvi.

— Sinto muito, amiga, mas foi exatamente essa impressão que ele passou ao falar da criança. — Dani fecha os olhos pesadamente, destruída por dentro.

— Se você não tivesse ouvido a conversa deles, provavelmente meu irmãozinho morreria sem saber que tem uma irmã que o amou mais que qualquer coisa assim que soube de sua existência, antes mesmo de vê-lo. Eu estou tão grata por isso. Não fazem ideia do quanto. Muito obrigada.

Ela me dá um abraço bem apertado, cheio de gratidão e carinho, no qual posso sentir suas lágrimas molhando minha pele.

Minha amiga chora e chora, mas sinto que de muita tristeza e de alegria também.

— Eu sabia que iria ficar feliz de saber que tem um irmão. Graças a Deus não puxou ao seu pai, que renega um filho mesmo o pequeno estando em uma situação tão delicada que requer o dobro de atenção, carinho e afeto.

— E eu darei tudo isso para Marcelinho no tempo que lhe resta. Todo meu amor e minha atenção será para fazê-lo feliz e dar tudo o que ele quiser ou o lugar que desejar conhecer — Dani fala, soluçando, e eu acabo chorando também, de orgulho pela sua linda atitude.

— Eu estou tão orgulhosa da sua atitude, amiga. Sinto que a chegada

do seu irmão não fará apenas bem para ele, mas para você também. — A abraço fortemente.

— Estou tão zangada com seu pai, Dani. Por não ter te contado antes, pois assim teria tido mais tempo com seu irmãozinho. — Júlia muda de chorona para onça brava numa fração de segundos, e entorna sua opinião para fora. — Para mim, um pai renegar um filho de qualquer forma é triste, mas no leito de morte é algo imperdoável. Não existe desculpa para isso, essa é a verdade. —

Depois de falar, se arrepende logo em seguida. A expressão de decepção e ainda mais tristeza que suas palavras causam no rosto de Daniela é de quebrar o coração em mil pedaços.

— Eu realmente não sei se conseguirei perdoar meu pai um dia por isso, só o tempo dirá. Porque agora, a única coisa que quero é desmascará-lo.

— Desculpa, Dani, eu não queria ter sido rude opinando sobre seu pai. Não quero te colocar mais contra ela, as vezes não consigo segurar a porra da minha língua dentro da boca. — Se desculpa, mas é tarde demais.

— Não se desculpe por dizer a verdade, amiga. Eu penso da mesma forma e sei que Yudiana também.

Ela se mostra mais compreensiva do que eu esperava, está com um olhar tão sério e preocupado. Limpa as lágrimas demonstrando uma força que

nunca demonstrou ter, é o tipo que chora e faz escanda-lo por horas quando é magoada ou não consegue o que quer.

Dani recupera a postura de classe que tem naturalmente ajeitando o casaco e os fios do cabelo no seu devido lugar, pega a bolsa rosa claro que deixou cair no chão se preparando para ir embora.

— Onde você pensa que vai mulher? Não pode sair nervosa desse jeito, esfria a cabeça primeiro antes de falar com seu pai. — Advirto-a.

— Eu nunca estive tão calma Yudiana, não se preocupe comigo. Sou mais forte do que parece. Obrigada a você e Júlia por me contar a verdade, isso prova o quanto me amam. Mas daqui para frente eu pego as rédeas da situação. Preciso ir agora tenho um pai sem coração para desmascarar, e um príncipezinho para conhecer que terá toda minha dedicação e afeto até o seu último segundo de vida aqui na terra. — Sorri triste limpando os últimos vestígios de lágrimas em seu rosto, no entanto, determina.

— Qualquer coisa que precisar não hesite em liga que iremos correndo tá bom, amiga? Não tenho medo de colocar a boca no mundo confirmando para sua mãe na frente do seu pai ou de quem precisar, estou com você nessa. — Nos três damos um abraço triplo como sempre fazemos quando uma de nós precisa de carinho, sempre teve muito afeto e sinceridade na nossa amizade.

— Nunca te colocaria numa situação dessa mulher! Quando eu chegar em casa e jogar a verdade na cara do Juiz Flores, vou dizer que fui visitá-lo no fórum hoje e eu mesma ouvi, escondida toda a conversa dele com a amente, Brunessa. Assim ele não terá como negar. Não quero de forma nenhuma, que você perca seu emprego por minha causa — explica e eu a agradeço por seu ato.

De cabeça erguida, Dani se despede e vai decidida a fazer justiça. Eu e Júlia estamos muito orgulhosas da sua postura diante dos fatos, e estamos na torcida para que tudo dê certo. A verdade pode ser dolorosa, às vezes, mas sempre te faz mais forte.



Capítulo 42

Yudiana

Graças a Deus Juiz Flores não apareceu para trabalhar no outro dia, acho que a briga foi feia quando Dani chegou em casa e jogou a verdade na cara dele. Eu e Júlia tentamos ligamos para ela várias vezes alternando os horários, mas ela não me atendeu nenhuma de nossas ligações então parei de insistir precisa de um tempo sozinha para esfriar a cabeça. Aproveitei que as coisas estão tranquilas no fórum sem a presença do meu chefe para buscar Max na escola, já que estava quase no horário de almoço Thompson se ofereceu para ir junto. Por enquanto, o padrasto dele não deu mais sinal de vida.

Na volta acabamos parando fazer um lanche desses que criança adora, e depois numa sorveteria muito legal. Max fez a festa pedindo quatro sabores diferentes, houve um momento que ele derramou sorvete na blusa e automaticamente John pegou um monte de lenço de papel sobre a mesa e se agachou para ajudar o pequeno a se limpar.

— Que bagunça você fez aqui hein, campeão? — John faz graça, fazendo mais sujeira na blusa de Max do que limpando. Eu fico na minha

sem me intrometer, só observando e segurando o riso.

— Me desculpe por isso! E que eu nunca podia comer esse tipo de sobre mesa em casa, na verdade, as vezes eu não tinha permissão para comer nada durante o dia todo preso de castigo no armário que tinha debaixo da escada. Era tão escuro, e assustador também. Sempre chorava de medo e fome até pegar no sono, só acordava no outro dia de manhã. — Thompson levanta na mesma hora, ficando de costas para nós, passando a mão na nuca, totalmente sem chão com o que Max diz.

— Eu vou preciso fazer uma ligação e já volto, divirtam-se com o sorvete de vocês — Thompson diz, ainda de costas, com a voz entrecortada. Mal entendi o que ele falou.

John sai da sorveteria e senta em um banco que tem próximo à rua de maneira que não conseguimos ver seu rosto, e não faz ligação nenhuma apenas permanece parado lá sentado sozinho.

— Ele ficou zangado pelo que eu disse, Yudi? Me desculpa, eu falei sem querer porque faz mesmo muito tempo que não tomo sorvete nem lembro quando foi a última vez. Acho que algumas semanas antes da minha mãe morrer.

Deixa a taça de sorvete sobre a mesa, sentindo-se culpado pelo afastamento de John.

— John não está zangado com você, querido. Apenas triste por saber que sofreu muito com as maldades do seu padrasto. — O consolo, terminando o trabalho que John começou de limpar sua camisa suja de sorvete, mas está tão manchada com cobertura de morango e chocolate que acho que essa aqui não tem mais jeito.

— Mas já passou, ele não precisa ficar triste por isso. Eu já superei, nem tenho mais pesadelos a noite. — Sorrio pelo modo de ele falar. Sempre tem uma resposta madura e inteligente pronta na língua.

— Ele sabe que já superou, querido, mas isso não o impede de ficar triste em saber que alguém te feriu tanto um dia. John tem o instinto protetor de natureza, ele gosta muito de você e se importa com a sua felicidade. Mas não se preocupe, ele só precisa de ficar um tempo sentando sozinho olhando para o nada para refrescar a mente.

— Entendo, Yudi. Então eu vou lá fora sentar com ele e ficar olhando o nada também, lhe fazendo companhia. Assim ele vai saber que também gosto muito dele, e me importo com a sua felicidade. Não gosto de vê-lo triste assim, sozinho. — Assinto para ele, concordando com a sua doce constatação. Ele é um menino de ouro.

Max sai da sorveteria e senta ao lado de John, como disse que faria, e deita a cabeça no ombro dele. Os ficam os dois lá sentados, calados, olhando

para o nada, se apoiando em silêncio. Em um determinado momento um olha para o outro e sorriem com companheirismo, depois continuam na mesma posição. Os dois se dão tão bem. Essa admiração e respeito que o garoto tem por John é linda de se ver.

Nosso horário de almoço passa voando. Deixamos Max na casa de passagem e voltamos para o trabalho. Ainda não sabemos o quanto ele será obrigado a permanecer nesse lugar, estamos esperando a decisão da vara infantil. Infelizmente, essa não é a área de John, então não pode interferir em nada. O negócio é aguardar e torcer para que o padrasto dele seja capturado rápido.

Antes de ir para casa a tarde, passo no gabinete de John para lhe dar um beijo de despedida e confirmar o nosso jantar de hoje à noite. Porém, sua secretaria me avisa que ele já havia indo embora as pressas sem ao menos me mandar uma mensagem avisando. Agora que não fazemos questão de esconder nosso relacionamento, algumas pessoas têm me olhado torto aqui no fórum.

Nem me abalo, faço meu trabalho da melhor maneira possível e sigo

de cabeça erguida. Tudo inveja das recalçadas de plantão que querem está no meu lugar, mas não podem.

Chegando em casa encontro Edmilson, sentado literalmente em cima da mesa compondo uma das suas músicas de funk tem um caderno inteiro só de letras do gênero. Agora que não tem mais vida dupla, pode se dedicar em tempo integral ao sonho de se tornar um MC famoso.

“Ei novinha sei que tu na minha, rebola essa raba

e ensina para geral como se empina.

Geral tá te olhando, geral tá querendo

Mas é só o Mc Dimy, que no final do baile vai levar esse prêmio.”

— E aí, amiguinho, o que achou da minha música nova? — pergunta para Luck. O cão está paralisado, olhando para o louco do meu irmão remexendo o corpo igual uma cobra em cima da mesa.

— Eu não sei o Luck, mas eu gostei de verdade da letra, moleque. Com uma batida legal, vai virar hit no Baile da Gaiola com certeza — elogio, pois realmente tem mesmo talento para música.

Esse jeito extrovertido vai fazer dele um sucesso onde que o seu som o lhe leve. Eu torço que Edmilson ganhe o muito arrancando sorriso nos rostos das pessoas, espalhando alegria pelo mundo que é o que sabe fazer de

melhor.

— Sério mesmo, Didi? Estou pensando em fazer um vídeo e colocar no YouTube, já posso imaginar o mundo todo aos meus pés. Casacão de couro maneiro e óculos escuros, gatas gostosas e muita vodca e chandom. — Edmilson vagueia, colocando as mãos na cintura e balançando a cabeça, olhando para o ar, sorrindo como se estivesse de fato vendo a cena. Ele permanece na mesma posição por mais de um minuto.

Que figura!

— Primeiro, você não tem idade para beber. Segundo, chega de sonhar alto porque precisamos ter uma conversa séria agora mesmo. — Como se Luck entendesse o que eu digo, sai de cabeça baixa, indo para a sala de jantar e nos deixando a sós.

Quando digo que ele tem mais juízo que Edmilson, realmente estou falando muito sério.

— O que foi? A polícia conseguiu pegar o padrasto de Max? Espero que sim. Hoje fui visitá-lo na casa de passagem e ele está tão feliz, sorrindo e brincando como uma criança normal da sua idade.

— Infelizmente a polícia ainda não encontrou o padrasto dele, Edmilson. — Puxo uma cadeira da mesa e sento, ele continua sentado onde está, sobre a mesa. — O assunto sério que tenho para conversar com você é

sobre nossa mãe. Quero saber porque ela tem ido tanto ao médico ultimamente.

Já vou logo perguntando.

— Depois de viver tantos anos sofrendo nas mãos do meu pai, Yudi, a pressão dela foi para as alturas. Uma vez a mãe quase infartou depois de uma briga feia deles. O médico disse que ela não pode ter emoções fortes. — Fico preocupadíssima. Isso de pressão alta é muito grave.

— Onde e com qual médico ela está se tratando, Dimy? Quero esclarecer minhas dúvidas direto com ele, só assim vou poder ficar tranquila de verdade.

— Você é mesmo engraçada, mana. Não quer conversar com a nossa mãe para fazer as pazes, mas se preocupa com a saúde dela, a ponto de ir conversar com o médico. — Dá de ombros, escrevendo em um pedaço de papel que peguei na bolsa a informação que pedi.

— Só porque ela não cuidou de mim quando eu precisei, não quer dizer que agora que a situação é inversa eu farei o mesmo. — Pego o pedaço de papel em cima da mesa, e enfio dentro da bolsa novamente e vou para o meu quarto tomar banho. Tenho um jantar romântico para ir hoje com meu Ursão, espero ser sua sobremesa mais tarde.

Quando término saio do banho com uma toalha enrolada no corpo e

outra em mãos secando meu cabelo, meu celular apita sobre a cama com uma mensagem de James dizendo que houve um imprevisto com o chefe dele, e que seria ele que me levaria até o restaurante. Pede para eu não me preocupar, que John irá direto para lá depois me encontrar. Respondo que está tudo bem, sei que meu namorado é um homem muito ocupado.

Término de me arrumar calmamente, caprichando na escolha do que vestir detalhadamente para agradar meu homem. Faço uma maquiagem impecável, e coloco salto alto fino. James chega na hora marcada e me deixa no restaurante, ele quase não falou nada durante todo o percurso. Não fez nenhuma brincadeira ou provocação nem nada do tipo, parecia preocupado.

Procuro a me mesa reservada para nós em frente a uma varanda com uma bela vista para a rua e me sento, sentindo o clima fresco agradável carioca avisado que amanhã o dia todo tem grandes chances de estar com aquela chuvinha fina gostosa. Peço um vinho ao garçom para beber enquanto espero John, na segurando taça fico preocupada já se passou meia hora e nada dele chegar. Logo ele, que nunca se atrasa. Resolvo esperar mais um pouco, afinal tudo tem uma primeira vez.

Meia hora depois...

Envio mensagem para ele, James, e até mesmo Gonzáles e nenhum dos três me responde. Então a garrafa de vinho termina, se nem eu menos

perceber. Ainda bem que o que pedi é fraco quase não tem álcool caso contrário seria levada daqui carregada. Passaram-se mais vinte minutos e nada de John chegar, nem uma mensagem nem nada. Simplesmente me deu um toco e pronto. Pego meu celular na bolsa e faço mais algumas tentativas de ligar para ele, mas é outra pessoa quem atende.

— Desculpa, querida, mas John não pode falar agora. Está ocupado cuidando de mim. — Quando ouço a voz manhosa de Ercia, meus neurônios chegam a queimar.

— Eu duvido muito que o John me deixaria plantada aqui esperando por ele para cuidar de você, sua Demônia — grito com a vaca.

— Então veja com seus próprios olhos, amorzinho. — A filha da mãe desliga na minha cara.

Em seguida, do próprio telefone de John, envia uma foto dele sentado sem paletó, de costas, aos pés de uma cama a qual Ercia só poderia ter tirado estando deitada atrás dele. Sou uma mulher pacífica e muito compreensiva, mas dessa vez Thompson passou da medida. Pisou na bola feio. Mais uma vez me esnobou para ficar com a ariranha e ainda me deixou fazer papel de boba vindo nesse restaurante chique sozinha.

— Filho da puta! Você me paga. Essa vai ter troco — Grito fula da vida com esse homem. Estou com muita raiva de John e dessa vez não vou

perdoá-lo tão fácil.

Quando estou me preparando para ir embora, meu telefone toca. Atendo no susto pensando ser meu ex-namorado, porque depois de hoje nem sei mais se tenho um.

— Dessa vez você não tem perdão, seu filho da... — Paro a frase no meio quando percebo que é Joe quem está do outro lado da linha. Coitado! Quase que desconto minha raiva nele.

— Onde você está, mulher? Esqueceu que hoje é a festa de aniversário do clube Luxos? Espero que tenha preparado uma apresentação maravilhosa.

Faço uma careta feia. Droga!

Esqueci completamente de explicar para Joe que eu não iria fazer o show por causa do ciúme descontrolado de John, mas pensando bem agora, isso não me parece um motivo muito forte para deixar meu amigo na mão.

— Desculpa pelo atraso Joe, chego aí daqui a pouco. — Abro um sorriso maléfico, ninguém vai estragar minha noite.

— Só vem nega, é arrasa! — Seu grito de animação quase estoura meus tímpanos, esse homem merece todo sucesso que conquistou na vida.

Pago a conta e aceno para o primeiro taxi que passa assim que saio do restaurante, peço ao motorista para correr para o Clube Luxos. Não preparei

nada, mas acho que consigo me virar no improviso.

*

— E seu namorado não vem por que, Yudiana? Sinto cheiro de briga no ar, vocês dois parecem cão e gato estão sempre se arranhando — alfineta Joe, acertando a máscara dourada em meu rosto, que ele mandou fazer especialmente para minha apresentação dessa noite, com pedras brilhantes.

Me senti tão honrada por esse gesto da parte dele, em pensar que quase o deixei na mão não participando do show de comemoração bancando a filha ingrata por causa de um homem que não está nem aí para os meus sentimentos, não pensa duas vezes em desfazer de mim para ficar com a ex songa monga.

—Não quero falar dele agora Joe, foca no show homem. — Tento cortar a conversa, mas meu amigo não se dá por vencido.

— Espero que tenha conversado com John sobre fazer uma apresentação sexy para um monte de marmanjo babão. Devo admitir que gostei do seu namorado, até mesmo do amigo gringo dele, mal-humorado. — Sorri, amistoso.

Aponto o dedo do meio na cara de Joe, e berro:

— Eu quero que meu namorado se foda, e você também, se continuar falando dele — rosno e ele levanta as mãos em sinal de redenção.

— Já comentei como está um arraso hoje, filhotinha? —Elogia mudando de assunto, sabe que quando estou irrita é melhor não colocar mais fogo na fogueira.

Olho no espelho dando de ombros, na verdade estou é muito indecente. Quando parei de trabalhar aqui levei todas as minhas roupas de apresentação para casa e guardei em um baú de recordação, esse tope e essa bermuda de estampa de oncinha que mais parece uma calcinha peguei emprestado com outra dançarina da casa. Ela é mais baixa que eu, e mais magra também.

—Quando vai anunciar para o público a minha entrada? Já estou mais que pronta negão.

— Em cinco minutos, só respira fundo e manda a ver mulher leva esse pouco a loucura.

— Deixa comigo! —Dou um tapa na minha bunda, ele sai rindo.

A verdade é que no fundo estava louca para me apresentar hoje, eu faço parte da história de dez anos desse lugar nada mais do que justo do que fazer parte do elenco da festa de comemoração. Estou me doando demais

nessa minga relação com Thompson, está na hora de pensar no que me faz feliz também.

No que eu quero.

Não vou ficar me limitando a mais nada por conta do seu problema, se quiser ficar comigo ele que se vire e se molde ao meu jeito e enfie seu ciúme rabo. Ou já que agora sua prioridade é cuidar da desbotada santinha do pau oco, que faça bom aproveitamento no tempo que estão passando junto.

— Nunca mais vai perder sua voz, principalmente o amor próprio por causa de homem nenhum Yudiana Jackson!

Repito para meu próprio reflexo no espelho, por pelo menos três vezes seguidas, com a boca lambuzada de batom vermelho.

Com essa roupa de oncinha, estou parecendo uma tigresa safada indomável. Essa apresentação é em homenagem a você, John, meu amor.

Uiii... Adoro!

— Corre, mulher. Joe vai anunciar sua entrada agora. Nossa, minha roupa ficou um arraso em você. Melhor do que em mim, puta merda! — A dançarina que me emprestou a roupa vem me buscar. Assim como eu, faz um bom tempo que ela trabalha aqui no clube.

— Obrigada, Nath. Você sempre foi muito gentil comigo.

— De nada, mulher. Agora adianta o bonde. — Dá um tapa na minha

bunda e sai rindo.

Apresso o passo para detrás da enorme cortina vermelha cobrindo o palco e faço um rápido alongamento enquanto Joe interage com o público.

— Em uma data tão especial como essa, ela não poderia ficar de fora, pessoal. Quando coloquei meus olhos nessa garota pela primeira vez, apesar de ser tão assustada com tudo no início, soube que seria uma das maiores estrelas que passariam pelo palco do Clube Luxos um dia.

O depoimento de Joe me comove. Por conta do seu apoio psicológico na época, venci meus traumas de infância, que não fizeram de mim uma pessoa fechada, com medo de me jogar no mundo, mas sem medo de ser feliz.

Joe Brum me ensinou que posso ser ou ter o que eu quiser. Mas para isso, precisaria me esforçar cada dia mais. Dando meu melhor sempre, tendo a certeza que sou a única dona do meu destino, e que as regras da minha mente e do meu corpo sou eu que faço.

— Respira fundo e só vai, mulher, é agora! Coloca essa raba para balançar e deixa o público doido! — Nath me deseja boa sorte segundos antes da minha entrada e eu sorrio para ela, jogando um beijo em forma de agradecimento. Enfim é chegada o grande momento.

— Então, é com muito orgulho que anuncio para vocês... Chegou o

grande momento da apresentação principal dela, nossa eterna Índia. — Joe dá a deixa para minha entrada e a plateia começa a gritar ensandecida quando as cortinas começam a abrir lentamente, comigo já na pose para iniciar a apresentação.

Minha boca fica seca, e o coração acelera, as mãos suam. Tinha me esquecido de como era bom essa sessão gostosa de frio na barriga antes de subir ao palco, dançando como se minha vida dependesse disso.

O Dj acena para mim de longe, e coloca para tocar a música que escolhi assim que cheguei no clube. Especialmente para criar uma ligação forte com o público e com meus próprios sentimentos, que explodem dentro de mim nesse momento. A escolhida da vez é “*Wrecking Ball*” da cantora Miley Cyrus.

“Nós arranhamos, acorrentamos nossos corações em vão

Pulamos, sem nunca perguntar por que

Nós nos beijamos, eu caí no seu feitiço

Um amor que ninguém poderia negar!

Nunca diga que eu apenas saí andando

Eu sempre irei te querer

Não posso viver uma mentira, fugindo pela minha vida

Eu sempre irei te querer...

Eu cheguei como uma bola demolidora

Nunca tive um amor com tanta força

Tudo que eu queria era quebrar suas paredes

Tudo que você fez foi me quebrar

Sim você, você me destruiu completamente de vez...”

Faço algumas manobras simples para instigar a plateia, sentindo a intensidade da letra dessa música me tocar profundamente. Para então esperar o acorde começar uma batida mais alta e correr pegando impulso para agarrar a barra de aço em um salto e começar a escalá-la o mais alto que posso. Início minha apresentação de pole dance descendo, girando de cabeça para baixo, com movimentos sensuais e precisos, fazendo a plateia gritar e assobiar, batendo palma.

Quando meu pé toca o chão, mal começo a apresentação e um rapaz louco da plateia, bêbado, consegue subir no palco e vem para cima de mim,

decidido a me agarrar, mas é derrubado antes de chegar na metade do caminho. John aparece não sei de onde, e furiosamente começa a socar o cara sem parar, até deixá-lo desacordado. Já que a criatura estava caindo de bêbada, não foi muito difícil.

Depois concentra sua atenção todinha em mim, me joga no ombro facilmente como um saco de batatas e sai me carregando, acabando de vez com o meu show. Os seguranças da boate tentam impedir, porém, o traíra do James e os homens dele fazem uma barreira para que seu chefe me leve, não faço ideia para onde.

Onde está o Joe numa hora dessas para me defender desse louco? Mas que inferno!

— O que pensa que está fazendo em? Crédito traidor do cacete, eu te odeio John Thompson terceiro! Você estragou meu show — berro e ele nem se manifesta, continua andando. — Me coloca no chão agora. Isso que está fazendo é sequestro. Não pode me levar contra a minha vontade. — Golpeio suas costas com socos, mas é a mesma coisa que bater em uma parede dura feita de músculo.

Em total silêncio, John atravessa a rua com o sinal aberto e tudo, desviando dos carros e quase causando um acidente. Entra comigo nas costas em um motel que fica exatamente em frente ao Clube Luxos, onde algumas

meninas que trabalhavam comigo faziam um dinheirinho “extra” por conta própria com algum cliente especial depois dos seus shows. É a primeira vez que entro aqui, à força.

John passa tranquilamente pelo saguão, sem se importar que todos estão olhando para nós. Está com tanta pressa que não espera o elevador e sobe pelas escadas mesmo, até o terceiro andar.

— Já chega dessa brincadeira, John! Me coloca agora no chão, porra!
— Me ignorando totalmente, ele abre a porta do quarto 101, trancando logo em seguida que entramos.

Me joga sobre a cama com brutalidade, inflando o corpo, de pé, de frente a mim de forma intimidadora, demonstrando o quanto está nervoso. Então John começa a andar de um lado para o outro, angustiado como um animal enjaulado. Vez ou outra desliza os dedos pelo cabelo com tanta força, que quase arranca os fios fora, ou o couro mesmo.

O homem é puro ódio.

Os olhos tomados por uma cor sombria, nem parece o homem que amo. Estranho! Agora que reparei que sua roupa está toda suja de sangue.

— Meu Deus! Você está ferido? — Ameaço levantar para ir até ele, mas sou impedida.

— É melhor não tocar em mim agora, Yudiana Jackson. No grau de

raiva que eu estou, pode ser perigoso para você. — Ele estica os braços entre nós com a mão aberta e eu paraliso, permanecendo no mesmo lugar que estou sem coragem até mesmo de piscar.

Depois lembro que o errado da história aqui é ele, então me imponho. Eu e esse meu orgulho da porra que não sabe a hora certa de ficar quietinho na sua...

— Eu que deveria estar com raiva aqui por não ter aparecido do nosso jantar, não você meu bem. Então, baixa a bola e não me enche mais o saco — sibilo, topetuda, provocando mais ainda a fera.

— Por acaso faz ideia de como eu me senti quando te vi em cima daquele maldito palco praticamente nua? Porra! Pensei que fôssemos um time, mas bastou ficar chateada comigo para me castigar dessa forma cruel, sem nem ao menos procurar saber da verdade.

Infla as narinas, criando veias grossas no seu pescoço. A boca se eleva no canto superior, como se estivesse rosnando a ponto de seus caninos serem visíveis.

— E me deixar esperando uma hora no restaurante, enquanto estava com a sua Ercinha, foi muito legal da sua parte, não é mesmo?

— Eu tive motivos muitos sérios para estar com a Ercia. Eu queria te ligar para explicar a situação, mas meu celular desapareceu e só o encontrei

quando estava saindo do hospital vindo atrás de você.

Primeiro noto que sua roupa está suja de sangue, agora ele diz que estava no hospital.

Agora estou preocupada com ele. Droga!

Mas não demonstro.

— E como a desbotada entrou nessa história?

— Quando eu estava terminando de me arrumar para irmos ao nosso jantar romântico, recebi uma ligação da Ercia dizendo que tentou se matar cortando os pulsos porque eu amo outra mulher. Uma maluca vingativa do caralho que tem o prazer de foder ainda mais com meu psicológico.

Ele termina a frase aos gritos.

— E o Clarck Quent foi correndo salvar a Lois Lene, bancando o Superman, não é mesmo? — Sorrio ironicamente.

— E você para se vingar, subiu em cima daquele maldito palanque, se mostrando para um bando de homens loucos para comê-la. Eu devia ter matado aquela idiota que tentou te agarrar. Aposto que deixou todos os machos de pau duro naquele clube, Yudiana, assim como eu estou agora. “O corno de plantão” — berra, descontrolado. Dominado pela raiva, pega um vaso de flores sobre o móvel próximo a ele e joga na parede, causando um barulho estrondoso.

Olho para a calça jeans que está usando, de fato seu membro está tão duro que dá para ver perfeitamente o formato por debaixo do tecido. Pronto para enterrar-se dentro de mim bem fundo e me castigar pelo que fiz. Sendo sincera, em vez estarmos brigando, já que estamos em um quarto enorme desse motel, deveríamos estar trepando feito loucos em todos os cantos desse lugar.

— Já ouviu falar que quem não dá assistência, pede a preferência? — Pisco o olho para ele, meiga e abusada. — Você estragou nosso primeiro dia dos namoras juntos, e hoje mais uma vez me trocou pela sua ex — grito de volta, no mesmo tom agressivo que o dele. Desde que pisou nesse quarto só sabe berrar comigo em vez de conversar como gente normal.

— Como descobriu que eu estava com a Ercia?

— Como não apareceu no jantar, eu liguei preocupada, pensando que tinha acontecido alguma coisa contigo, mas aí a vaca atendeu e disse que você estava ocupado no momento, cuidando dela.

Minha ironia é notável. Faço questão de imitar a vozinha de songa da fulana.

— Eu estava cuidando dela, sim, mas porque eu não poderia simplesmente virar as costas e deixá-la morrendo sozinha em seu apartamento. — Agora está explicado o sangue na camisa dele. Mas se acha

que vai me comover com isso, está muito enganado.

Para mim, não passa de fingimento dessa Ercia para chamar a atenção dele.

— Pois que morresse. Ninguém mandou fazer graça cortando os pulsos. Tomara que da próxima eu tenha mais sorte, e ela suma da sua vida de uma vez por todas — digo sem pensar na hora da raiva.

— Não fala assim dela. Ercia está com a saúde frágil, tanto física como mental. Precisa de muita ajuda profissional, e eu sinto-me obrigado a apoiá-la nesse momento difícil causado por minha culpa. — Ele respira fundo, massageando as têmporas como se a cabeça doesse muito.

— Então volte para lá e continue cuidando daquela vaca, mas não vai me encontrar te esperando quando voltar, meu amor.

Sou dura com as palavras. Estou muito magoada.

— Eu não tenho escolha, Yudiana. Preciso ajudar Ercia a se recuperar totalmente e poder seguir em frente com a minha vida. — Seu tom é quase de súplica para que eu entenda seu lado, mas simplesmente não consigo.

— Problema seu. É engraçado o fato de sempre ter tido tanto medo que um outro cara aparecesse e atrapalhasse nosso relacionamento, sendo que você mesmo está fazendo isso agora por causa de outra mulher. A situação se inverteu, não é mesmo? Meus parabéns, Juiz Thompson. — Bato palmas para

ele, balançando a cabeça, fingindo força, mas segurando o choro por dentro.

— Será que não entende que não posso deixá-la na mão, sendo que tenho a oportunidade de ajudar, coisa que não tive como fazer na época do acidente, Yudiana? Porra!

— Eu não tenho que entender nada. Avisei para você que sairia da sua vida quando não existisse mais lugar nela para mim. Está na cara que essa mulher está usando sua culpa para manipulá-lo. Se não quer enxergar, dane-se os dois juntos. — Essa conversa termina aqui. Ele já fez sua escolha. — Agora, se me der licença, vou voltar para o clube e terminar minha apresentação, afinal, o show tem que continuar. — Tento fazer minha saída triunfal girando o corpo e indo em direção à porta, mas quando chego à maçaneta, lembro que ele a trancou.

— Se acha que as coisas terminaram fácil assim entre nós, está muito enganada, mulher! Nunca mais vou deixar que suba em um palco novamente enquanto eu viver para mostrar o que é meu para um monte de homem tarado, se comportando como uma verdadeira... — John para de falar antes de deixar se levar pela raiva, dizendo algo que nunca terá volta. Nem perdão.

O que mesmo assim não me impediu de ir para cima dele com tudo, berrando o que o covarde não teve coragem de dizer.

— Como o que, John? Uma vagabunda? Piranha? Prostituta? — Cada

palavra que sai da minha boca é um murro que dou no peito dele. — Se é isso que meu antigo trabalho significa para você, só me dá ainda mais certeza que devo voltar lá e dar o meu melhor deixando aquele monte de macho ainda mais louco por mim. Talvez eu até agrade de um deles e termine minha primeira noite como solteira, novamente trepando selvagemente, aqui nesse mesmo quarto de motel. Obrigada por ter me apresentado o estabelecimento. — Faço cara de bandida louca e ele perde a cabeça de vez, agora vai conhecer quem sou de verdade.

— É isso que você quer então, Yudiana? Ser tratada como uma puta barata? Não precisa procurar outro homem, eu mesmo posso fazer isso. — John usa um tom maldoso comigo que nunca usou antes, tirando a camisa em um golpe só, arrancando a gravata e todos os botões que são arremessados para longe, espalhando por todo chão do quarto.

Olha à sua volta parecendo procurar alguma coisa para usar, quando acha duas algemas sobre o aparador perto da janela chega a sorrir perversamente como se tivesse achado tudo o que precisava. A porra desse quarto é decorado com tema policial, com direito a chicote, arma de brinquedo, cassetete e vários vibradores de todas cores e formas, entre outras coisas que nem sei para que servem. Para quem gosta desse tipo de fetiche, é um prato cheio.

Enquanto estou entretida pensando nas putarias que já devem ter

rolado nesse lugar, John me pega pelo braço e arrasta até a cama novamente e me lança sobre ela com mais brutalidade do que a primeira vez. Ele está fora de controle, acho que esse é o seu verdadeiro lado sombrio que tanto escondia. Vem engatinhando para cima de minha com o olhar vidrado parecendo o próprio diabo, maxilar trincando impetuosamente segurando meu pulso para colocar as algemas olhando fixamente para sua presa (no caso eu) de um jeito apavorador.

Maligno e vingativo.

— Por favor, John, não faz isso você está me machucando. Vamos conversar, você precisa se acalmar. — Tento me soltar, mas ele é muito mais forte do que eu.

Entro em desespero, muito assustada. Será que ele será mesmo capaz de me obrigar a fazer uma coisa que eu não quero?

— Então agora você sabe pedir por favor, não é mesmo? Quer conversar. Mas é tarde demais para voltar atrás, agora que provocou o demônio aguarde as consequências. — Continuo tentando me soltar para fugir dele, chorando aos gritos e pedindo socorro.

Flashes das tantas outras vezes que fui abusada pelo meu tio voltam vem com tudo me deixando ainda apavorada, olho para John e vejo as mesmas feições que via no rosto do meu estuprador todas as vezes que

abusou de mim.

— Se usar meu corpo contra a minha vontade, saiba que eu nunca vou te perdoar por isso. Nunca! — Fecho os olhos, parando de lutar enquanto as lágrimas descem cada vez mais dos meus olhos. De todos os homens do mundo, nunca imaginei que pudesse me machucar de forma tão cruel logo com John. Que justamente ele me faria passar por essa monstruosidade novamente.

Então escuto o barulho da algema se fechando, e minha alma se despedaça. Abro os olhos e vejo o pulso de Thompson preso a uma barra de ferro sobre a minha cabeça na cama. Ele prendeu a si mesmo para evitar que possa me machucar.

— Fuja logo daqui, Yudiana. De mim. Eu sou um homem perigoso, não faz ideia do que sou capaz de fazer com a raiva que estou sentindo nesse momento. Até mesmo agora, preso, a vontade de te castigar terminando o que comecei é quase incontrolável. Sempre disse que eu não valia a pena, me perdoe. — Sua voz sai raivosa e trêmula, o peito subindo e descendo rapidamente como se estivesse se segurando para não desabar antes de eu ir embora.

Sentado na cama com as costas encostadas no trado, ele vira o rosto para o lado para não me ver ir embora. Na hora do pânico não penso duas

vezes, pego a chave depressa e saio praticamente voando em direção a porta só quero sair daqui o mais rápido possível e ir para bem longe dele.

No entanto, assim que coloco o pé do lado de fora do quarto, olho para trás de relance no exato momento quando uma lagrima desliza pelo seu rosto lentamente. Ele está sofrendo por não estar conseguindo controlar a raiva que sente nesse momento. Respiro fundo, e faço o que tenho que fazer.

Volto a passos lentos, pego a outra algema sobre a cama e prendo seu outro pulso no trado da cama de maneira que, assim como o outro braço preso fique esticado na altura dos seus ombros. Abro o botão da sua calça, deslizando por suas pernas musciosa junto com a cueca boxer preta. Seu membro pula para fora raivosamente, todo redijo de tão duro inclinado para cima.

— Mas o que você está fazendo? Porra! Vai embora daqui agora. Será que não percebeu ainda o quanto eu posso ser um homem perigoso? — Se zanga comigo, rosnando, mostrando os caninos.

Só tem um jeito de aclamar esse homem de vez, mas antes preciso calar sua boca porque essa sua gritaria está me tirando do sério. E eu preciso me concentrar para o que pretendo fazer, por isso, pego sua gravata no chão e uso como mordaca.

— Calminha aí, Ursão, foi um menino muito mal hoje. Merece um

castigo caprichado! — Ele tenta falar alguma coisa com a gravata cobrindo sua boca, mas não sai nada. — Quem vai ser tratado como uma puta aqui essa noite vai ser você. Vou usar e abusar do seu corpinho lindo do jeito que eu quiser. Estamos entendidos, querido? — Esfrego meus peitos na sua cara, passando a língua pelo seu rosto todo vermelho e quente de raiva.

Vou descendo deixando uma trilha torturante de chupões e mordidas que começa do pescoço passando pelo peito definido até chegar no meu brinquedinho favorito, inchando e muito duro pronto para me dar todo prazer que pretendo ter essa noite. Quando fico de joelhos no chão e seguro seu membro entre minhas mãos, John arfa os quadris soltando um gemido agudo.

Mordo o lábio inferior quando vejo a ponta rosadinha lambuzada de líquido premem, que delícia. Passando a língua por toda a minha boca antes de avançar em cima do seu pau com tudo o que tenho, olho para cima vendo os olhos de Thompson quase soltando para fora da cavidade ocular a ponto de explodir a qualquer momento de tanta ansiedade e puro tesão. Sua pele está ficando ainda mais vermelha, e as veias no pescoço ainda mais grossas.

Os dentes mordem a gravata com ferocidade, tenta se soltar das algemas de todas as formas possíveis batendo no trado fazendo a cama pular desesperado cheio de ódio louco para me tocar, mas é impossível.

— Pronto para a diversão, minha putinha safada? — debocho, rindo.

Ele me olha feio desafiando-me. Coitado! Seu castigo está apenas começando, eu disse que ia me pagar pelo toco que me deu hoje.

Quando ataco seu membro com um desejo iniciando com uma sugada violenta, o homem uiva de prazer enrijecendo o corpo jogando a cabeça para trás. Quem manda nessa porra nas próximas horas, sou eu.



Capítulo 43

John

Chego a ver estrelas quando Yudiana começa com uma sugada feroz. Ela não tem dó de mim. Enfia completo na boca até chegar na garganta, depois tira tudo em um rompante e fica passando a língua na areia sensível na ponta modicando a pele lateral mais fina. O tempo todo sem tirar os olhos dos meus, quero gritar de prazer, mas não posso porque a malvada me deixou com as duas mãos algemadas e amordaçou minha boca.

Mais uma vez panejo uma noite bacana com minha namorada, e do nada me vejo em meio de um inferno. Primeiro Ercia me liga dizendo que tentou se matar, então vou socorrê-la levando para um hospital. Pensando bem agora, como consegui meu número de celular? Porque ela não falou que Yudiana havia me ligado? Me viu desesperado procurando pelo aparelho pelo quarto do pronto socorro, bem mais tarde veio com um papo que achou entre meio ao lençol quando a bateria já tinha acabado.

Se não fosse o James chegar para dar a notícia que chegou ao seu conhecimento que Yudiana tinha ido para o Clube luxos para participar do show de aniversário do lugar que iniciaria em breve. Eu só ficaria sabendo no

outro dia. Eu simplesmente pirei e sai correndo do hospital para impedi-la de fazer essa loucura, era obrigado a aguentar esse pesadelo quando ela não era minha, mas agora, só por cima do meu cadáver essa mulher sobe em um palco novamente.

— Está gostando da brincadeira, Ursão? — me masturba vagorosamente naquele ritmo de deixar o cara louco de tesão fazendo-me perder totalmente a coerência dos meus pensamentos, se ela continuar com isso sinto que vou gozar a qualquer momento.

Não consigo raciocinar direito, só rosnar de prazer e raiva ao mesmo tempo. Estou furioso com Yudiana. Muito puto mesmo. Quando a vi se contorcendo em cima daquele palco e os homens gritando coisas do tipo “*Gostosa*”, “*Oh tesão*”, “*Quero te foder agora*”, perdi a cabeça de vez, por Deus ela estava fazendo uma apresentação tão perfeita e sexy, que era para ter sido feita só para mim não aquele antro de perversão cheio de homens loucos para roubar minha mulher de mim.

Um dos filhos da puta presente ainda ousou sumir no palco no exato momento que eu cheguei intencionado a agarrar Yudiana, tão bêbado que mal para de pé. Eu obviamente o impedi antes que conseguisse. Joguei minha mulher nas costas, trancando-a no lugar mais próximo que encontrei e colocar toda minha raiva para fora. Mas a filha da mãe gosta de me tirar do sério, a ponto de me enlouquecer totalmente, por pouco não fiz uma besteira

das grandes.

Pensei estar no controle da situação, mas agora não faço ideia de como terminei algemado na porra dessa cama de motel barato sendo castigado pela minha namorada. Yudiana está caprichando no castigo. Bato as algemas tentando inutilmente me soltar e pegar essa mulher de jeito como eu quero. Ela gargalha achando graça do meu desespero, e cai de boca em mim novamente tirando completamente meu fôlego. O meu grau de excitação com essa situação, é tão grande quando a minha fúria.

E eu estou realmente muito puto com essa mulher!

Quando eu conseguir me soltar, Yudi vai me pagar caro por essa afronta.

— No que será que a minha putinha safada está pensando? Parece tão zangada, acho que estou pegando leve no seu castigo — tira sarro de mim a filha da mãe, olhando-me de cima abaixo, passando a língua pelos lábios e sugando o meu líquido pré-ejaculatório, lambuzando-o em volta da sua boca.

Olho feio para ela, semicerrando os olhos e ganhou uma mordida no meu membro, bem de leve, mas muito provocante. Yudiana debruça sobre meu quadril e me chupa incansavelmente, lambendo e chupando em um ritmo violento. Meu cérebro entra em pane, meu corpo parece estar pegando fogo de tão quente que estou, meu como parece um vulcão em erupção.

Trinco os dentes com força, gozando muito por longos segundos.

Olho para baixo, admirando a cena maravilhosa da mulher mais fodidamente linda e sexy do mundo engolindo cada gota do meu gozo. Faminta. Minha respiração é ofegante, meu pescoço cede à exaustão deixando a cabeça cair para frente, estou completamente esgotado sendo que minha namorada fez todo o trabalho.

Só ela tem esse poder de me esgotar fisicamente dessa forma. Estou atordoado e sonolento, entregue a seu bel-prazer.

— Nada de dormir agora, Thompson! Isso foi o esquentado, agora sim é para valer. — A mulher me faz acordar para a vida com um tapa no rosto, não tão forte, mas a ponto de causar aquela ardência deliciosamente provocante.

Yudiana é sempre incrivelmente poderosa na hora do sexo, mas hoje ela com certeza está se superando.

— Então meu Ursão está cansadinho. Que judiação! Espero que consiga sobreviver à segunda rodada, porque depois ainda tem a terceira... Quarta... — Arregalo os olhos quando Yudiana segura meu membro entre as mãos e volta a brincar com ele, depois de os cantos da sua boca se transformarem em um sorriso de uma menina levada que cumpre uma promessa.

Ela não deixa ao mesmo eu me recompor, minha respiração ainda está

irregular quando cai de boca em mim novamente me chupando... chupando e chupando mais e mais. Quando percebe que vou gozar ela para e começa tudo novamente, torturando-me. É muito frustrante não ter nenhum tipo de controle da situação, e ao meu tempo excitante para cacete.

Logo gozo em sua boca novamente, no grau de tesão que estou não deu para segurar muito tempo. Ela me chupa incontáveis vezes, a ponto do meu corpo inteiro se render a ela completamente mole em suas mãos, estou todo suado e sem ar. Nunca gozei tantas vezes seguidas em uma noite só, perdi a conta.

— Eu quero você dentro de mim agora — ela ordena, enquanto levanta limpando algumas gotas do líquido branco escorrendo do canto da sua boca.

— Quer que eu te foda bem gostoso olhando no fundo dos seus olhos, putinha safada? — Balanço a cabeça várias vezes, quase implorando, ansioso para estar dentro dela.

Então Yudiana aproxima o rosto bem próximo o meu, e diz:

— Que pena, meu Meritíssimo. Não vai ser dessa vez vai ter o que quer. Esqueceu que quem manda aqui sou eu? Vai ser do meu jeito. — Em um movimento bruto, Yudi gira o corpo de costas para mim, segurando meu pau e o posicionando em sua entrada, então literalmente senta em mim num

golpe bruto e certo.

Porra!

Solto um rosnado agudo abafado pela amordaça na minha boca, estou suando frio. Yudiana junta o cabelo com as mãos no topo da cabeça deixando à mostra a tatuagem na nuca de um coração, onde dentro há duas patinhas e as palavras “*Meu Ursão*”. Ela começa a cavalgar em mim brutalmente, como se estivesse montando em um touro brabo. A imagem da sua bunda deliciosa subindo e descendo enquanto meu pau entra e sai dela várias vezes é fascinante. Elevo o quadril para obter mais profundidade.

Os gemidos de Yudiana ecoam pelo quarto, como música para os meus ouvidos, me instigando a dar a ela o máximo de prazer que posso. Assim como o som dos nossos corpos se chocando, estou estarecido de tanto prazer. Cacete de mulher gostosa da porra! Ela me tira do sério, leva do inferno ao céu em milésimos de segundos.

— Ahhh, que delícia... Continua assim, amor, vai. Eu estou quase lá.

Geme, rebolando no meu pau me deixando doido, essa mulher ainda vai acabar me matando.

Yudiana aumenta o ritmo dos movimentos, em busca do seu clímax. Sinto que já estou no meu limite, mas ela quer mais. Muito mais. Então empina a bunda e sobe e desce rapidamente por várias seguindo um ritmo

frenético, até explodir em um grito abafado chamando pelo meu nome.

— Caralho! Isso foi bom demais, John! — profere com a voz tão ofegante que mal consegue falar. Por sua pele cor de caramelo, nas costas, deslizam gotículas de suor.

Yudi vira de frente para mim, apoiando as mãos em meu ombro, ajeitando uma perna de cada lado do meu corpo, sentando em meu colo.

Quando nossos olhos se encontram, um sorriso maroto rasga seu rosto. Sua expressão de satisfação não poderia ser maior, está calma e serena.

Mexo os lábios, sussurrando:

— Eu te amo. — Ela morde o lábio, tímida, diante da minha declaração.

Essa mulher é mesmo um mistério. Depois de me foder do jeito que quis, usando e abusando do meu corpo, fica tímida com apenas três palavrinhas. Para minha surpresa, Yudiana tira a gravata da minha boca, passando a língua em meus lábios, provocando-me. O aroma de sexo inunda o quarto, eu a quero novamente.

— Se eu soltar suas mãos, promete ser um bom menino? — Confirmo, tentando não demonstrar tanta ansiedade.

Enfim ela tira as benditas algemas, sem perder tempo já vou logo me

desculpando. Nunca mais serei louco de deixar essa mulher ir embora. Nunca!

— Me desculpa por hoje, meu amor. Eu só tenho te decepcionado ultimamente. Mas eu te amo mais que a minha própria vida, tenho certeza que vamos superar essa merda toda que tem acontecido, juntos. — Beijo sua boca desesperadamente, e ela corresponde na mesma altura.

— Eu também te amo, seu filho da puta! — declara-se do seu jeito, e eu acho graça. — Agora cala essa boca e me fode bem gostoso de novo, ainda não estou saciada como eu quero — resmunga, mandona.

— Eu sempre estarei pronto para estar dentro de você, Indiazinha. — Tiro a camada de cabelo que cai sobre seu lindo rosto momentaneamente. Nos encaramos por longos segundos, ligados por uma força inexplicável.

É como se nos conhecêssemos há muitos anos, de outras vidas, talvez.

— Às vezes não sei se você é um anjo ou demônio, talvez um pouco dos dois. — Yudiana se inclina e abraça meu pescoço, seu coração bate forte, a respiração está trôpega.

— Eu posso ser o que você quiser que eu seja, até sua putinha safada — digo e ela ri alto.

Meus lábios procuram os seus, conforme a minha mão traça caminho pela parte de dentro da sua coxa, tateando maliciosamente a pele macia e

sedosa.

— Sabia que você gostou de ser minha putinha safada. Temos que brincar mais vezes disso. — Arqueia a sobrancelha, e eu concordo com ela na mesma hora.

— Tem uma ligação muito forte entre nós, Yudi. Uma sensação única que é só nossa. Você consegue me fazer bem, como ninguém em toda minha vida foi ou será capaz de fazer.

Levo um dedo na sua entrada, mas sem penetrá-la de fato. Yudiana geme enfiando a língua na minha boca com vontade. Entendendo minha intenção, sem interromper o beijo, ela leva as mãos até o meu membro e massageia.

— Sinto mesmo em relação a você, fora que o nosso sexo é incrível. — Sai mais como um gemido do que uma frase. A diaba remexe no meu colo, me atijando e deixando-me completamente louco.

— Você só pode gozar quando eu mandar, John! A juíza aqui hoje sou eu, entendeu bem? — Dá o seu veredito, e eu assinto como seu servo mais fiel. — Isso mesmo, minha putinha. Assim que eu gosto. Obediente — completa, se ajeitando para me receber dentro dela, então ergue o corpo, segurando meu pau na direção certa e sentando lentamente, indo bem fundo.

— Meu Deus, Yudiana! — solto um grunhido, totalmente tomado

pelo prazer, tanto que nem consigo me recuperar do baque e a mulher começa a cavalgar em mim, subindo e descendo várias vezes de um jeito provocante, girando o quadril.

É louca mesmo!

Mas eu a amo, e como amo.

Todas as vezes que fazemos amor, sinto-me imbatível. Uma pessoa normal, que pode amar e ser amado como qualquer outra.

— Isso... assim ... mais rápido... Ahh — diz entre os gemidos.

Eu adoro vê-la assim, totalmente entregue a mim.

Agora usando as duas mãos e segurando sua cintura, sou eu quem comanda o ritmo. Curvando seu corpo de um jeito que consigo uma penetração mais profunda, Yudiana contrai suas paredes vaginais, me engolindo por completo. Puta que pariu! Essa mulher acaba comigo em todos os sentidos.

— Você é sempre tão deliciosa. Apertadinha. E molhada, muito molhadinha. — Mordo seu pescoço.

Ela agarra os meus cabelos pela raiz, jogando a cabeça para trás, imediatamente deslizo meu polegar para o meio de suas pernas, estimulando seu clitóris em movimentos circulatorios. Yudiana se contorce em minhas

mãos, sem parar de cavalgar em mim. Seu corpo parece um vulcão em erupção emitindo ondas intensas de calor e paixão, os seios inchados e totalmente sensíveis ao meu toque.

Mordo o bico do seu seio esquerdo, que está rígido e sensível ao toque. Ela solta um gemido numa mistura de dor e prazer, inclinando o corpo para frente, implorando por mais e eu dou. Chupo-a dando uma atenção especial para os seus seios sem parar de penetrá-la freneticamente.

— Eu não aguento mais, John. Meu coração parece que vai explodir — revela com a voz abafada entre os gemidos. Seguro seu quadril firme e meto mais fundo e rápido até fazê-la perder completamente o ar. — Isso é muito, mais muito bom pra caralho! — fala, descontrolada. É revigorante saber que está sentindo tanto prazer quanto eu.

— Eu vou gozar muito dentro de você, mas preciso fazer isso junto com você, Yudiana — peço.

Estou duro demais, então agarro sua nuca e continuo com as estocadas enquanto sinto seu corpo sobre mim ainda trêmulo devido ao recém orgasmo. Meu quadril bate no seu freneticamente em busca de aliviar essa tensão nos meus músculos, que veio logo em seguida.

— Yudiana... — rosno, gozando junto com ela de um jeito desesperador. Meus músculos parecem anestesiados.

Observo minha menina desmoronar sobre meu peito, exausta. Suada. Porém, saciada. Depois de alguns minutos sua respiração normaliza, então afasta-se para olhar para mim.

— Isso foi ainda mais incrível, meritíssimo. Se quiser podemos ir para o segundo round mais tarde. Me deixa só descansar um pouco. — Suspira, bocejando, sorrio de sua fome insaciável.

— Nada de descansar, Indiazinha. Te quero de quatro no chão agora. Acho que chegou a sua vez de ser a minha putinha safada, não acha?

Ela concorda com uma gargalhada gostosa, seu sono evaporando em questão de segundos.

Como uma boa menina obediente, tira o resto da sua roupa e vai para o meio do quarto, ficando de quatro à minha espera. Vou até lá tirando a minha camisa, e me posiciono atrás de Yudiana. Primeiro aliso seu traseiro empinado para mim, depois dou uma tapa com vontade no mesmo lugar, arrancando um gemido agudo seu. Inclinando-me, passo a língua por todo seu sexo.

Eu amo sentir o meu cheiro misturado com o dela. Minha porra do recém orgasmo que tive entornado tudo dentro dela, ainda escorre da sua intimidade, escorrendo pelas suas pernas.

— Então, Thompson, vai me dar o que quero ou eu mesmo terei que

fazer sozinha? — Yudi leva a mão ao seu sexo, eu tiro no mesmo instante.

Respondo sua pergunta malcriada entrando num golpe direto. Seguro em sua cintura firmemente e continuo seguindo o ritmo bruto de investidas rápidas e precisas.

— Está gostoso assim, minha putinha safada? — pergunto, dando um tapa na sua bunda.

— Eu acho que pode fazer melhor do que isso, meritíssimo. — Olha para trás por cima do ombro, desafiando-me com um sorriso levado no rosto.

Ela ama desafiar todos os meus limites.

— Ah! Com certeza eu posso, querida. — Deito meu corpo sobre o dela, e me deleito, fazendo-a gemer descontroladamente, penetrando-a profundamente e tão rápido que não posso contar.

Quando chegamos ao clímax, desabamos os dois nus no chão, moles demais para nos mexermos. Puxo-a para mais perto de mim, Yudiana deita a cabeça sobre meu peito.

Aproveito o momento mais calmo para dizer uma coisa que estava sem coragem já faz uns dias, e espero que ela reaja bem ao convite.

— Quero que conheça meus pais nesse final de semana. Podemos ir para o campo no sábado de manhã, é aniversário da minha mãe, e será feito

uma festa de leilão beneficente de obras de artes — a pego de surpresa, com medo de ela não gostar da ideia e pensar que estou indo rápido demais.

Afinal, nosso relacionamento é muito estável. No mesmo momento que estamos brigando, estamos fazendo sexo selvagem ou fazendo juras de amor. Agora há pouco mesmo, quase nos separamos definitivamente devido à minha perda de controle.

— Espero que meus sogros gostem de mim, principalmente sua mãe — diz em meio a um bocejo longo, em seguida dorme em meus braços, exausta.



Capítulo 44

Yudiana

— Já são mais de dois milhões!

Edmilson chega no meu quarto pulando em cima da minha cama, de sapato e tudo, enquanto eu arrumo a bolsa de viagem para passar o final de semana na casa dos pais do meu namorado.

O encaro estreitando os olhos.

Não demora muito para Luck aparecer também, correndo e abanando o rabo, seguindo o exemplo do seu professor de malandragem e subindo em minha cama. Que maravilha! Tudo o que Max ensinou de bons modos para o cão, meu irmão colocou por água abaixo em poucos dias.

— Dois milhões de que, Edmilson? Não vai me dizer que ganhou na mega sena? — Deixo a arrumação da minha bolsa por alguns minutos para lhe dar um pouco de atenção, afinal, eu não vou ver essa figura durante o final de semana todo.

Já me acostumei com a presença de Dimy na minha vida todos os dias. Na verdade, apesar de todas as suas tretas, ele vir morar comigo foi uma

das melhores coisa que aconteceram na minha vida. Antes essa casa era triste, agora só risadas e latidos eufóricos. Uma pena Max Não estar aqui conosco. Só falta o pequeno para a nossa matilha estar perfeita e completa.

— Não, Didi, o vídeo clipe da minha música que postei hoje de manhã já tem isso tudo de visualizações. — Arreganha os cantos da boca, mostrando todos os dentes, balançando as sobrancelhas ao mesmo tempo.

O moleque está que não se aguenta de tanta alegria, e eu muito orgulhosa dele. Meu sonho sempre foi vê-lo assim, sendo ele mesmo, não o que Pastor Jackson impunha que fosse. É melhor ser um cantor de funk feliz, do que um crente falso que vive apenas pregando de aparência, mas tolamente amargurado e infeliz, carregando apenas escuridão por dentro.

— Quando você gravou um vídeo clipe que não estou sabendo, moleque? — Levo a mão à cintura, fingindo estar brava. Ele encolhe os ombros com um sorriso falso de curinga. — Porque se eu soubesse teria participado. Modéstia parte, maninho, eu mando muito bem no quadradinho. — Coloco as mãos no joelho e começo a dançar. Edimilson então põe sua música no telefone e segue no mesmo ritmo, junto de Luck.

Subo em cima da minha cama e danço junto com eles, quando a música termina desabamos os três sobre a cama, ofegantes de tanto pular.

— Eu te amo tanto, Didi. Sempre me apoiou mesmo sabendo o

malandro que sou. Encobriu muitas das minhas loucuras, e acredita no meu potencial de funkeiro. Me faz sentir especial pelo fato de ter você em minha vida. — Edmilson tem um dos seus raros momentos de seriedade, segurando minha mão enquanto fita o teto.

— Que lindo, Edmilson! Agora diga o que você está querendo de presente? — Encosto a cabeça no seu ombro brincando com ele, mas tocada por suas palavras seja por interesse ou não.

— Nada dessa vez, mana. Só quero que saiba que se algum dia a morte vier me buscar antes da hora, sou grato a Deus por ter me escolhido entre mais de 7 bilhões de pessoas no mundo para ser o seu irmão — me olha como se pressentisse que alguma coisa ruim vai acontecer com ele. Sinto também um mau pressentimento em deixá-lo sozinho.

— Eu também te amo muito, moleque, do jeitinho malandro que é. Não mudaria um fio de cabelo em você. — Abraço meu irmão caçula enrolando entre meu dedo um dos cachinhos minúsculos do seu cabelo, que é uma gracinha todo bem enroladinho.

Ele está tão sentimental hoje. Edmilson nunca foi assim. É o tipo que perde o amigo, mas não perde a piada.

— Está bem, Didi. Agora vai arrumar sua trouxinha, porque daqui a pouco o Clarck Quent está chegando aí para te levar para conhecer os pais

dele. — Ele levanta para ir embora e olha para mim uma última vez, sorrindo, e de novo sinto um pressentimento ruim, dessa vez vindo com mais força, então seguro sua mão, impedindo que vá.

— Por que não vem com a gente, Dimy? Tenho certeza que John não vai se importar. Os pais dele vão adorar você — convido.

— Não posso, mana. Prometi ao Max que amanhã vou visitá-lo para jogarmos bola juntos. Não se preocupe comigo. Eu e o pulguento vamos dormir hoje na casa da nossa mãe. Sei que está com pena de me deixar sozinho. —Beija meu rosto e me abraça novamente, depois chama Luck e saem do quarto juntos.

Sabendo que vai dormir na casa da nossa mãe fico mais tranquila, e amanhã vai estar com Max. Esses dois se adoram como se fossem da mesma família. Mas o que vale é o amor e não o laço de sangue.

Termino de arrumar minhas coisas para passar o final de semana na casa dos meus sogros, tomo banho e me arrumo. No exato horário marcado John aparece para me buscar, me despeço do meu irmão enchendo-o de beijo e abraços na hora de sair. Ele é o meu bebezinho, mesmo estando perto de completar seus dezoitos anos.

Eu e John pegamos a estrada e em poucas horas lá estamos nós, em uma pequena cidade no interior do estado, rodeada por muita natureza e

aquele cheirinho gostoso de ar fresco. Após Thompson dirigir por um tempo em um campo verdinho aberto, chegamos em frente a uma fazendona tipo essas de novela de época do Barão do café. Deve ser bem antiga, mas muito bem conservada e cuidada com carinho por quem vive aqui.

No jardim, um grupo de pessoas trabalha na decoração da festa que terá amanhã durante o dia, em comemoração pelo aniversário da mãe de John logo após o leilão beneficente que a minha sogra está organizando. Pelo que John disse, depois que se aposentou como juíza criminalista, ela vive para ajudar os menos favorecidos. Já me simpatizei com ela apenas por isso.

— Será que seus pais vão gostar de mim, John? — pergunto enquanto meu namorado tira nossas bolsas do banco de trás. Minha ansiedade é notável.

— Nós saberemos agora, amor. — Olho para frente da porta da entrada principal, e lá está o casal de senhores nos aguardando abraçados.

— Caralho! — solto sem querer.

— Se eu fosse você não diria esse tipo de coisa perto da minha mãe. Ela não tolera palavrão — aconselha John em um tom brincalhão, beijando meu rosto enquanto pega nossas bolsas no porta-malas, mas com um fundo de verdade.

Vamos caminhando em direção a casa grande, de mãos dadas, então

nos aproximamos dos seus pais, sorrindo.

— Que saudade de você, meu filho! — Exclama o senhor que é a cópia fiel de John, porém mais maduro, com os cabelos grisalhos e barba rasa. Eles têm a mesma postura séria, porte físico e traços faciais perfeitos, que parece esculpido a mão.

Agora sei de onde meu namorado herdou tanta beleza. Do pai. Ele é o primeiro a ir abraçar o filho afetuosamente, dando tapinhas nas suas costas. Já a mãe permanece parada no mesmo lugar, de braços cruzados, encostada numa pilastra ao lado da porta, me analisando de cima abaixo, como se eu fosse sua pior inimiga.

A mulher cheira à elegância e classe de longe. Ela é alta, magra, e traja um vestido de cor neutra, aparentando ser simples para se usar no dia a dia, mas obviamente de grife. O cabelo em um corte curto repicado, os fios todos brancos, destacados por uma mecha preta bem no meio da franja, aparentando ser natural.

Vovó Corina dizia que quando alguém tem esse tipo de sinal, é como uma marca para te avisar que nem o diabo pode com ela.

— Então essa é a tal moça que está virando a sua cabeça, filho? — A mulher enfim resolve cumprimentar o filho com um beijo no rosto. Sua indiferença em relação à minha presença é totalmente visível.

Como assim, produção? Eu nem abri a boca e a minha sogra já me feriu.

#MeFerreirBunitinho

— Essa é a Yudiana, mãe. A mulher da minha vida. — Pegando em minhas mãos trêmulas, John me puxa para perto, colocando o braço em volta do meu ombro.

Ela me repara de cima abaixo de um jeito que me faz arrepender AMARGAMENTE por ter colocado um simples jeans, camiseta branca e botas, também por ter prendido o cabelo em um rabo de cavalo alto sem nem ao menos ter passado um batonzinho. Como eles moram no campo, pensei que não precisaria me preocupar com tanto luxo, mas me enganei completamente.

— Você disse a mesma coisa quando apresentou a Ercia para nós, e olha no que deu.

Faz o comentário maldoso e eu fico sem graça, é o tipo de mulher que sabe exatamente ser desagradável quando quer.

Mãe e filho trocam olhares sérios. Bem que John disse que ela não é fácil de se lidar. Será que ela já sabe que a desbotada da Ercia está de volta? Acredito que John não tenha contado nada, e eu não serei louca de tocar no assunto.

— Pare com isso, Sonia. Você está assustando a namorada do nosso filho. — O pai de John chama a atenção da esposa educadamente, esboçando um sorriso amarelo. — Prazer, Yudiana, eu sou John Thompson Segundo. — Meu sogro estende a mão para mim, aperto firme.

Ele sim sabe ser gentil, o que já é meio caminho andando. A megera indomável da minha sogra vou conquistando aos poucos.

— Bom dia, senhor Thompson, é um prazer conhecer o senhor. — A forma carinhosa com que meu sogro sorri para mim me faz sorrir de volta para ele. É como se visse a imagem de John daqui a uns vinte cinco anos.

Depois de encher o peito de ar, tomando aqueles poucos segundos de coragem, me viro para a minha sogra que me encara fixamente. Ela realmente é uma senhora muito elegante e bonita, e John pode ser a cara do pai, mas os olhos azuis profundos são idênticos aos da mãe.

Sua maquiagem é discreta e a faz parecer naturalmente mais jovem, valorizando o formato oval do seu rosto sem nenhuma ruga.

— É um prazer conhecer a senhora também, Sonia. Uma honra, na verdade, para quem está humildemente começando no meio jurídico, conhecer uma juíza tão respeitada nessa área. Só nós mulheres sabemos o quanto é difícil sobreviver em meio a uma profissão na qual a grande massa se consiste do sexo masculino — elogio, sincera, tentando puxar um assunto

ao qual ela é mestre, educada e confiante.

Ela me olha levemente interessada a debater sobre o assunto, mas não dá o braço a torcer.

— Desculpa, mocinha, mas não faço parte do time das feministas de plantão. Escolha outro tema para tentar me impressionar, porque com esse não vai conseguir ganhar minha confiança. — Ergue a sobrancelha, tomando uma pose defensiva ao elevar o queixo. Não sei porque tanta resistência comigo.

Me encolho atrás de John, morta de vergonha pelo passa fora que levei.

— É mesmo, querida? Eu acho que vivo com você o suficiente para dizer o contrário. — A mãe de John olha para o marido, trincando os dentes de nervoso por sua intromissão no assunto. — Tenho até fotos suas para provar, de quando ainda namorávamos, participando de passeatas na faculdade de Direito, protestando pela igualdade entre mulheres e homens no meio jurídico.

Meu sogro desmente a esposa na cara dura, rindo, e ela fica vermelha. Não sei se é mais de vergonha ou raiva.

— Mandou bem, pai! — John coça a nuca, sem jeito, segurando o riso.

A mãe olha feio para ele também, mas não se importa muito.

— Entrem. Vou pedir ao mordomo, Bernard, para acomodar Yudiana no quarto de hóspedes. O seu já sabe perfeitamente onde é, filho. Espero que não erre o caminho à noite. — John abre a boca para protestar, mas eu seguro em seu braço, o parando. Eu com certeza ficaria no quarto dele, afinal, somos adultos, mas acho melhor não entrar nessa briga.

Estamos na casa dos pais dele, logo, temos que seguir as regras impostas.

Eu ouvi direito mesmo, meu pai? A mulher tem um mordomo?

Putá merda! Gente rica é outro nível.

Entramos no palácio da Malévola, e a impressão que tenho é de estar em um castelo mesmo. A sala parece um salão de festas de tão grande e chique, com móveis rústicos esculpidos por madeira, e artes de todos os tipos e formas.

— Olá, Bernard. Gostei da gravata nova — brinca meu namorado, jogando nossas bolsas no chão para abraçar o mordomo que aparece do nada, igual uma dessas assombrações de filme de terror.

— Como assim, menino John? Tem mais de dez anos que você me deu essa gravata borboleta de aniversário e eu venho a usado desde então. Dá minha coleção, essa com certeza é a favorita — elogia o senhor, com a

postura elegante e séria que a sua profissão exige.

Mas é visível a ligação carinhosa entre eles. Deve ter acompanhado o crescimento de John.

— Gonzáles mandou um abraço para todos, inclusive para você, Bernard, e pede desculpas à senhora, mãe, por não poder vir a festa do leilão beneficente hoje à noite — explica John.

— Que pena. Aquele espanhol sabe como animar uma festa.

Sonia resmunga com o comentário divertido do marido. Se Gonzáles normal já é impossível, imagina bêbado, então? Deve ser uma figura.

— Será que eu posso ter uma conversinha com a senhora no escritório, mãe? — Sonia assente, olhando feio para mim. Sabe que o filho vai brigar com ela devido à forma grosseira com que me recebeu.

Me sinto mal, pois não quero que se desentendam por minha causa. Ela só quer protege-lo de sofrer como aconteceu com a namorada desbotada da Ercia. Não posso culpá-la por isso. Conhecendo o problema de John, qualquer boa mãe faria o mesmo no lugar dela. Eu faria muito pior se fosse com o Max ou Edmilson, com certeza.

Também não quero meu namorado saia correndo para me salvar toda vez que alguém de sua família implicar comigo. Baseando pela que eu venho, lidar com a dele será mamão com açúcar. A pior parte será amansar a sogra,

mas cedo ou tarde ela perceberá que não pode com a minha teimosia.

— Te vejo daqui a pouco, amor. Bernard vai te mostrar o lugar para guardar suas coisas. No meu quarto. — O pobre mordomo olha para mãe e filho, sem saber qual ordem obedecer.

O pai de John faz cara de paisagem, não querendo entrar no meio desse impasse sobre em qual quarto eu vou ficar.

— No escritório agora, John! — Sonia eleva a voz, zangada pelo fato de o filho passar por cima de sua ordem, e sai pisando duro sem olhar para trás.

— Aqui é a casa da sua mãe, amor. Devemos fazer a vontade dela, seguindo suas regras. Ela já está ansiosa com os preparativos do evento, então não bata de frente com ela na véspera do aniversário. Apenas relaxe.

Mesmo a contra gosto, John concorda.

O pai dele só fica escutando nossa conversa, olhando de canto de olho, mas quando o filho sai em direção ao escritório para enfrentar a fera, diz:

— Sonia sabe o enorme bem que você está fazendo ao nosso filho. Eu nunca o vi tão em paz antes. Feliz. Sorrindo o tempo todo, que os olhos chegam a brilhar quando te olha, Yudiana. — Ele me abraça ternamente, grato. — Seja paciente com a mãe dele. Ela só está com medo de vê-lo

desabando novamente por causa de uma mulher que não merece o seu amor a ponto de lutar por ele. — Solta o ar com força ao final da frase, ele compartilha do mesmo medo da esposa em relação ao filho.

— Eu sei do problema de John em controlar suas emoções. Eu e o seu filho estamos aprendendo juntos como lidar com isso de forma saudável e adulta.

O reconforto e sua expressão soa mais esperançosa.

— Não sabe o quanto fico aliviado em saber disso, minha filha. Era de uma mulher guerreira como você que meu filho estava precisando mesmo. — *E eu de um homem protetor como seu filho*, penso comigo mesma, sorrindo.

— E para onde eu ajudo a levar as malas da senhorita? — pergunta Bernard, totalmente perdido.

— Para o quarto de hóspedes, Bernard, por favor — peço, sorrindo gentilmente.

— Boa escolha, minha filha. É melhor mesmo não provocar mais a fera — meu sogro cochicha, depois solta uma gargalhada alta daquelas contagiantes.

Depois de instalada no quarto de hóspedes, tomo um banho e capricho na arrumação para o jantar com os parentes de John, que moram mais

distante e vieram um dia antes da festa. Ou seja, a casa vai estar cheia. Acho bom, pelo menos assim o foco da minha sogra não ficara apenas em mim.

Sorte a minha!

— Nossa, você quer mesmo impressionar minha mãe, não é mesmo?

— John aparece no quarto bem quando estou em frente ao espelho terminando de ajeitar a trança de lado que fiz, assim como uma maquiagem esplêndida combinando com a cor do meu vestido amarelo claro tomara-que-caia, longo.

John também está muito elegante, calça escura e blusa social azul da cor dos seus olhos. Cheirando a banho fresco, com o cabelo ainda molhado arrumadinho com gel, no estilo filhinho da mamãe. Ele também está tentando agradá-la. Tenho vontade de rir, mas me contenho.

— Que bom que você gostou, Ursão. — Pisco para John pelo reflexo do espelho. Ele vem e se posiciona atrás de mim, envolvendo os braços em volta da minha cintura. — Como foi a conversa com a sua mãe? — investigo.

— Tensa, mas acho que ela entendeu que sou um homem feito e posso muito bem decidir o que é melhor para mim.

Traduzindo, ela não aprova nosso namoro.

— Tudo bem, querido. Com o tempo sua mãe vai gostar de mim. — Tento lhe passar confiança alisando seu rosto, mas nem eu estou totalmente certa disso.

— Obrigado por ser tão compreensiva com o gênio forte da minha mãe. Sinto que ainda se tornarão grandes amigas. — Me abraça mais forte e sinto que ele não somente quer a benção da mãe no nosso namoro, mas ele precisa dela para se entregar totalmente à nossa relação.

— Será que sua mãe vai achar meu vestido bonito? Sonia é tão elegante, parece uma atriz de novela das nove. — Faço a comparação revirando os olhos.

E o babaca ri da minha cara.

— Com certeza será a mulher mais bonita desse jantar, pelo menos para mim. Prometo tentar não rasgar esse vestidinho à noite quando eu fugir para o seu quarto depois que todos estiverem dormindo, porque nem fodendo que vou dormir longe de você, Indiazinha. — Beija a curva do meu pescoço, todo cheio de más intenções, esfregando o membro em mim já ereto debaixo da calça.

— Desculpa, amor, mas eu não vou conseguir transar com você na casa da sua mãe. Então, pode arrumar uma maneira de se aliviar sozinho enquanto estivermos aqui. Se quiser usar meu banheiro agora antes de descermos para o jantar, pode ficar à vontade, mas não quero que os seus parentes te vejam de pau duro uma hora dessas — debocho, apontando para o volume entre suas pernas, ganhando uma olhadela feia em troca.

— Me recuso a gozar de outra maneira que não seja dentro de você. Se não quer dar para mim na casa dos meus pais, conheço uns ótimos lugares para isso na cidade vizinha. É só sairmos de fininho depois do jantar em família, que em menos de meia hora depois já estaremos trepando feito loucos — propõe o cínico naturalmente, numa luta com a sua ereção, tentando ajeitá-la dentro da calça como se fosse possível disfarçar um troço desse tamanho.

— E como você conhece tantos lugares bons para trepar na cidade vizinha, hein, seu safado sem vergonha? — Dou um tapa nele, o filho da puta não para de ir.

— Eu sempre tive problema em amar as mulheres, não em comê-las — provoca e sai correndo rindo, o cretino. Vou atrás dele, o alcançando no corredor, que me agarra pela cintura e me beija indecentemente, apertando minha bunda.

— Seus tios e primos já chegaram faz tempo, John Thompson Segundo. Já que não desceram até agora, vim pessoalmente ver o motivo de tanto atraso.

Minha sogra aparece no susto, nos pegando no flagra. Dou um salto para trás, me afastando de John o máximo que posso e quase caindo, morrendo de vergonha.

A mulher me fuzila com o olhar. Acho que se tivesse uma arma, atirava no meio da minha cara, mas dessa vez não abaixo a cabeça e a encaro com o nariz tão empinado quanto o dela.

— Desculpe pelo atraso, mãe. Sei o quanto é intolerante nesse quesito de pontualidade.

E com todo o resto, completo em minha mente, trincando os lábios para não falar em voz alta.

John enfia as mãos nos bolsos, baixando o olhar, todo sem graça como se fosse um adolescente pego pela mãe ao dar uns amassos na namorada durante o horário de aula.

— Agora que já sei o motivo de tanta demora, se puderem descer para cumprimentar seus avós, tios e tias antes do jantar, eu agradeceria bastante — pede com uma ironia quase palpável intencionada a nos deixar ainda mais constrangidos com o ocorrido, permanecendo parada no meio do corredor como uma estátua, para ter certeza de que sua vontade será cumprida.

A mulher parece uma mocinha dentro de um macacão branco comprido de mangas longas. Tem o corpo bonito com tudo em cima, inclusive os seios que parecem ser naturais. Sua maquiagem é mais ousada agora à noite. Sombra escura realçando seus lindos olhos azuis e batom escuro. O cabelo está preso para deixar bem à mostra as joias caras. Um

conjunto de três peças composta por brinco, cordão e pulseira.

— Sim, senhora, já estávamos indo. — John pega a minha mão e sai me puxando. Ao passar por minha sogra, ela semicerra os olhos como se dissesse: *“Estou de olho em você, mocinha.”*

Quando descemos para a festa, me sinto um vira-lata perdida em meio a uma multidão de cães com pedigree. Por onde passamos de mãos dadas, eu e Thompson somos o foco principal dos olhares das pessoas de sua família.

— Pensei que eu não fosse te ver mais essa noite, meu sobrinho querido. — Uma senhora se aproxima de nós com o sorriso do tamanho do mundo. Seu rosto me lembra muito o da mãe de John, só que bem mais nova.

— Tia Aurora, quanto tempo não vejo a senhora. — John se inclina para beijar o rosto da tia, que é baixinha e gordinha. — Que fique somente entre nós, mas a senhora é minha tia favorita — ele cochicha no ouvido dela, depois os dois sorriem baixinho, cúmplices.

— Você também é meu sobrinho favorito. O que mais sou apegada. Agora larga de ser mal-educado e me apresente essa moça bonita que está com você. — Mostra a língua para ele, brincando. Ela é divertida.

— Essa é a minha namorada, tia. Não é maravilhosa? — John faz questão de me exhibir, e minhas bochechas esquentam de vergonha.

— Maravilhosa é pouco, meu filho. Imagina a mistura de vocês dois

como vai ser linda. Já imaginou se nascer com essa cor linda chocolate e os seus olhos azuis? — Eu fico sem graça, e ainda bem que chega um homem e corta esse assunto sobre filhos. Eu nunca poderei ser mãe, e John estando comigo nunca poderá ser pai.

Ele sendo filho único, seus pais nunca poderão ser avós. Ou seja, mais um motivo para a mãe dele me odiar.

— Se o relacionamento deles durar até o ponto de poderem ter filhos, não é mesmo, querida? — O tal homem escroto que se aproximou de nós sem cumprimentar ninguém educadamente, envolve o braço em volta do pescoço da tia de John.

Ele é bem mais jovem que ela, bem apessoado, tem a aparência desses modelos de capa de revista. Mas o olhar é de porco, não tira os olhos do meu corpo e John tranca a expressão na mesma hora. Não gosta do homem que provavelmente deve ser o marido da sua tia favorita. Não posso culpá-lo. Eu o conheci faz poucos minutos e já não simpatizo com o cara.

— Cala a boca, Oscar. Pelo visto mal chegamos e já bebeu mais do que devia. — Aurora se zanga com o marido, tomando o copo de bebida da sua mão.

— Eu só disse a verdade, amor. Todo mundo sabe nessa família que da última vez que John apresentou uma namorada, a moça quase morreu por

causa dele. Depois disso nosso sobrinho foi parar numa clínica para loucos. Ele te contou isso, mocinha, antes de aceitar namorar com ele? — O traste do homem só falou merda desde que apareceu. Ergo a cabeça para olhar para John, que está até pálido de tão constrangido com o comentário maldoso do tio.

— Mas é claro que eu sabia. Não existe segredo entre mim e o meu namorado. John me contou sobre o problema dele, e eu como sua companheira, estou aqui para dar meu apoio através do amor que sinto por ele. Ser compreensiva não julgando, como a maioria das outras pessoas hipócritas faz, até mesmo gente de sua própria família. — Pronto, falei!

A tia do John que me desculpe, mas o marido dela é um traste que não sabe a hora de ficar calado. Então eu mesmo o calei. Odeio gente que fala dos defeitos dos outros, mas deixa os seus escondidos debaixo do rabo.

— Enfim apareceu mais alguém nessa família que não tem medo de falar a verdade na cara do encosto do seu marido, Aurora. Você é minha irmã caçula e eu te amo muito, é uma das melhores pessoas que conheço, mas tem um dedo podre para homens. — A mãe de John sorri para mim pela primeira vez desde que nos conhecemos. Me ouviu defendendo seu filho e gostou muito disso.

— Se tem uma coisa que a Senhora e a Yudiana têm em comum, mãe,

é a língua afiada — John comenta, mais descontraído. O tio grosso dele se toca e sai de perto de nós atrás de mais bebida, e a mulher vai em seu encalço, brigando com ele.

— Filho, por que não vai ajudar o seu pai a recepcionar seus avós devidamente? Estão ansiosos para falar com o neto. Preciso ter uma palavrinha com a sua namorada. — Antes de responder John olha para mim para saber se está tudo bem para mim, eu confirmo com um sorriso.

— Nós nos vemos daqui a pouco, meu amor. Se comporte — ele brinca, beijando meu rosto, e vai até onde o pai está, do outro lado da sala, conversando com um casal mais idoso. Quando a senhora vê o John, chega a chorar de alegria. Parece que faz um tempinho que não se viam, pois eles moram em outro Estado.

— Eu gostei muito do jeito que defendeu meu filho do traste do tio dele. Vez o outra sempre solta uma piadinha sobre o tempo que John passou internado na clínica para doentes mentais após o acidente da falsa da Ercia. Até hoje não engulo essa história. Tem alguma coisa que não bate — comenta, não aguento e acabo soltando:

— Pois a Falsiane está de volta, Sonia. Bateu na porta de John no dia dos namorados, dizendo que se curou milagrosamente, e está disposta a reatar o relacionamento deles de onde parou. — Sonia chega a ficar pálida, olhando

na direção do filho. Ela me pega pelo braço e me leva para um canto mais silencioso para conversamos melhor.

— Sempre achei que essa garota na época não teve tanta sequela do acidente quanto os pais deixaram transparecer, apenas para sujar a reputação do meu filho, taxando-o como louco descontrolado, Yudiana. Agora tenho certeza!

— Eu também desconfio do mesmo, Sonia, e estou disposta a desmascarar essa cobra na frente de John. Ele carrega muita culpa desse acidente, precisa se libertar disso para seguir sua vida em frente de coração aberto. — Sonia olha para mim cheia de ternura, acho que enfim percebeu que eu amo o seu filho de verdade, com suas qualidades e principalmente defeitos.

— E pode contar comigo no que precisar. Juntas vamos proteger meu filho dessa cascavel.

Apertamos as mãos. Sonia é das minhas! Sabe ser boa, mas quando precisa ser má, é melhor ainda.

Abro o jogo para ela sobre tudo que a Ercia vem aprontando desde que chegou, e ela fica embasbacada com a audácia dessa mulher aparecer misteriosamente e usar a culpa de John para chamar a atenção dele. Combinamos de ficarmos de olho na sonsa, manter contato e compartilhar

informações. De inimigas nos tornamos em cúmplices. Aachamos melhor deixar o marido dela e o meu namorado fora disso. Esse é um assunto para resolver entre mulheres.

Depois disso as coisas entre mim e Sonia estão as mil maravilhas. Me apresentou para todo o resto da família, me inclui nos seus assuntos, pede minha opinião sobre várias coisas e sorri para mim o tempo todo. Seu medo de eu magoar o filho foi embora, e assim percebeu que só quero protegê-lo.

— Gostaria de saber como você e a minha mãe viraram amigas em menos de cinco minutos, amor... — fala John enquanto jantamos.

Me faço de boba, é obvio.

— Ninguém resiste ao meu charme por muito tempo, amor. Você sabe bem disso. — Pisco para ele, enquanto mastigo um pedaço delicioso de salmão.

— Agora que vocês duas são amiguinhas, acho que pode dormir no meu quarto que não tem nenhum problema. — Ele tenta se aproveitar da situação descaradamente.

— Não vamos abusar da sorte, Ursão. Aproveite seu jantar, porque está uma delícia — falo de boca cheia. Não consigo parar de comer, pois realmente está tudo muito gostoso.

— Eu estou mesmo é mais ansioso pela sobremesa, que vai ser, sim, servida no meu quarto. — John quase me faz engasgar. Ele está muito safado

hoje, puta merda!

E feliz, muito feliz, com a benção da mãe ao nosso namoro.

Espero que continue assim sempre. Eu amo ver o homem que eu amo sorrindo.



Capítulo 45

John

— Shiii! Não faça barulho, homem. Não queremos que seus pais acordem e nos peguem chegando de uma noitada — murmura Yudi, inclinando para tirar as sandálias de salto dos pés. Está morrendo de medo que meus pais acordem, em especial minha mãe, e nos pegue nos flagra novamente.

Agora que as duas estão se dando melhor do que imaginei. Yudiana não quer fazer nada que possa atrapalhar. Devido às duas terem um gênio do cão, pensei que iriam demorar para se dar bem, mas já estão amigas. Como comemoração desse grande feito, depois do jantar em família esperei todos irem dormir e bati no quarto da minha namorada e a convenci a sairmos um pouco para aproveitar o resto da nossa noite.

Fomos para uma pequena cidade vizinha, nos divertindo em vários lugares legais que só o interior oferece. Depois fomos para um hotelzinho beira de estrada e transamos feito dois coelhos até desabarmos de sono. O problema é que dormimos demais, quando Yudiana acordou e viu que o dia estava começando a clarear, fez um escândalo que me fez acordar assustado,

quase caindo da cama. Agora estamos aqui, tentando entrar em casa em silêncio, indo cada um para o seu quarto, fingindo que passamos a noite toda lá dormindo feito anjos.

— Nunca imaginei que depois de homem feito teria que chegar em casa escondido para não levar bronca. Parece até piada — resmungo subindo as escadas, puxando Yudiana pela mão. Ela boceja, com sono.

— Mas tudo proibido é sempre mais gostoso. Eu me diverti muito na nossa fuga amor. — Ela olha para mim, fazendo charme.

— Com você, amor, não importam as circunstâncias, sempre é mais gostoso. — Aperto sua bunda e ela solta um gritinho, tapando a boca logo em seguida.

Chegando no corredor, nos despedimos com um beijo e cada um vai para o seu quarto. Como ainda está muito cedo, tomo um banho e caio no mesmo na cama novamente. Nós temos um dia longo pela frente com a festa de aniversário da minha mãe. Durmo rápido de cansaço. Minha namorada sabe exatamente como sugar todas minhas forças na cama e fora dela também, porque sabe me irritar melhor que ninguém quando quer. Agora que se juntou com minha mãe, nem o diabo vai poder com as duas. Já estou até vendo as duas aprontando por aí.

— Edmilson, não! — Acordo atordoado, com um grito de desespero

da Yudiana. O sol já brilha lá fora.

Depois vêm outros gritos dela com tanta dor, que eu visto a primeira calça que acho pela frente e saio correndo para encontrar Yudi e entender o que está acontecendo para deixá-la com tamanho desespero.

— Mas o que está acontecendo aqui, mãe? Por que minha namorada está chorando? — logo pergunto quando chego à cozinha e vejo Yudiana inconsolável em lágrimas, dentro dos braços da minha mãe, enquanto meu pai prepara um copo de água com açúcar.

— Yudiana recebeu uma ligação do Delegado Avilar, filho. Dando a notícia que o irmão caçula dela foi baleado enquanto tentava impedir que um garotinho fosse sequestrado por uma quadrilha enviada pelo padrasto para invadir a casa de passagem onde o mesmo se encontrava ao poder da justiça. Infelizmente, também conseguiram levar a criança — explica meu pai, e eu fico sem reação, a princípio.

Pensei que Max estaria seguro no abrigo. Não imaginei que o padrasto dele seria louco de ir tão longe para conseguir ter o enteado de volta.

— Eu preciso ir para o hospital ver pessoalmente como meu irmão está. Por favor, John, me leve até ele — implora Yudiana e eu vou imediatamente tentar acalmá-la, mesmo que só um pouco.

— Nós vamos voltar para o Rio agora mesmo, amor. Eu prometo que

vou tentar resolver tudo. — A envolvo em um abraço de urso, mas suas lágrimas parecem nunca ter fim.

— Ele levou Max de nós, John. Agora está tudo perdido! Nunca mais veremos o nosso menino novamente. Nunca mais — Yudi repete várias vezes, desnorreada.

Saio puxando-a pela mão para fora em direção à garagem, meu pai tira a camisa que está no corpo e me dá, assim como os tênis de corrida. Minha preocupação é tanta que eu acabo esquecendo que estou só de calça jeans.

Não tenho mais forças para vê-la chorando dessa forma. Não fez outra coisa depois que recebeu a notícia do sequestro de Max e que o irmão foi baleado tentando ajudar o garoto. Estou furioso! O culpado por isso vai lamentar ter cruzado meu caminho. Vou encontrá-lo nem que seja no inferno e o fazer pagar por estar fazendo minha mulher sofrer dessa forma.

A viagem de volta para o Rio de Janeiro pareceu uma eternidade. Nada do que eu dizia adiantava para que Yudiana se conformasse. Mal estaciono o carro em frente ao hospital para onde, segundo as informações do Delegado Avilar, o irmão dela foi trazido, e minha namorada praticamente salta do veículo, desesperada atrás de notícias sobre seu estado. Na recepção ninguém tem muito o que dizer, apenas que o rapaz está sendo operado em

estado muito grave. Nos orientam a esperar na sala de espera da ala de cirurgia, que em breve o médico responsável pelo paciente virá falar conosco.

— Se meu irmão morrer a culpa é toda minha! Não devia tê-lo envolvido nessa história. Além de não cuidar dele direito, ainda não consegui proteger Max das garras do padrasto.

Se martiriza Yudiana, culpando-se pelo acontecido.

— Tente se acalmar um pouco, amor. Seu irmão vai ficar bem. Quanto ao Max, eu prometo que ele estará com você novamente em breve — prometo, segurando seu rosto repleto de lágrimas. Ela assente, mas sem muita esperança.

Entrando na sala de espera, nos deparamos com a mãe e irmã de Yudiana abraçadas, orando juntas pela melhora de Edimilson. Quando notam a nossa chegada, elas ficam em silêncio. Dona Florinda estende a mão na direção da filha mais velha para se juntar a elas nesse momento difícil da família. Esse momento é só delas.

— Vai lá e traz o nosso menino, John. Eu ficarei aqui com a minha família esperando por vocês. — Yudiana olha na direção da mãe e irmã, sinto que a presença dela aqui renovou suas forças, apesar do momento de revolta em suas vidas. Fico feliz de a paz se estabilizar entre elas. — Tenho certeza que quando Edmilson acordar, porque eu sei que ele vai acordar, ficará feliz

em ver que Max está de volta. — Assinto, beijando seus lábios rapidamente.

— Vai me dando notícias do seu irmão. Eu te amo. — Beijo seus lábios rapidamente e saio do hospital às pressas.

Entro no meu carro e vou cantando pneu em direção à delegacia para saber como estão as investigações no caso do sequestro. Assim que chego, envio uma mensagem para James, pedindo que me encontre ali o mais rápido possível com todo pessoal de sua equipe. Porém, antes de entrar no prédio, recebo uma ligação que me deixa sem ação.

— Por favor, me diga que você está bem, Max! — peço quando percebo que é ele, mas quase não consigo respirar de tanta preocupação. Depois de um silêncio do outro lado da linha, ouço uma voz baixinha quase em um sussurro.

— Eu estou bem, Sr. Thompson, mas não posso demorar muito. Meu padrasto pode voltar a qualquer momento — Quando ouço sua vozinha doce consigo relaxar um pouco. Chego a sorrir de alívio, pois é muito bom ouvir sua voz e saber que está bem.

Não tive coragem de dizer para Yudiana durante o caminho, mas eu estava com um pouco de medo do padrasto de Max tê-lo matado por ter mostrado para todo mundo o mostro que escondia atrás de uma máscara de empresário bem-sucedido na sociedade.

— Por que ele te deixou ficar com o celular que eu te dei, filho? Cuidado! Pode ser alguma armação dele para te castigar de alguma forma cruel depois — alerta com o coração na mão.

— Não, esse eu peguei escondido do moço que ele deixou me vigiando. Ele foi no banheiro e esqueceu em cima da mesa. — Ainda bem que ele tem uma boa memória e gravou meu número. Essa criança vive me surpreendendo.

— Presta bem a atenção, rapazinho. Prometi para Yudiana que traria você de volta para ela. Agora faço a mesma promessa para você, mas precisamos trabalhar juntos nessa. Está bem, campeão?

— Sim, senhor, eu farei tudo o que mandar — promete, confiante.

— Ótimo! Preciso que me dê o máximo de informações possíveis do lugar onde está. Tente lembrar o máximo possível de tudo o que viu pelo caminho —peço, esperançoso que me diga algo que me leve até o local.

— Eu sei que viemos para a direção leste porque era de manhã e o carro estava indo na direção que nasce o sol. Saímos do centro da cidade e paramos numa casa estranha no meio do nada, devido aos maquinários no barracão na entrada parece uma antiga fazenda de gado. — Fico impressionado com a capacidade de percepção dessa criança. Max de fato é um garoto muito especial e inteligente.

— E como é a casa onde vocês estão?

— É velha e suja, e... — Quando ele ia dar mais pistas, escuto o barulho de conversas distantes, e uma porta se abrindo lentamente.

— Se apressem, seus inúteis. Arrumem tudo e pegue o garoto logo, porque o avião está nós esperando para nos levar para a Venezuela agora mesmo. — Ouço uma voz elevada dizer ao fundo, pela respiração ofegante de Max, é o padrasto dele.

— Preciso desligar, senhor Thompson, ele voltou. Preciso apagar a ligação e colocar o celular no lugar — cochicha o pequeno.

— Agora que eu sei para onde estão te levando, filho. Eu irei buscá-lo em breve. — Não ouço mais nada, a ligação foi encerrada.

— Porra! — Bufo, frustrado, socando o muro da delegacia.

— Ficar nervoso não resolve o problema, Thompson. — Olho para trás e me deparo com o promotor Pedro. Tento não ficar ainda mais nervoso com a sua intromissão.

— O padrasto de Max está levando o garoto para outro país, mas não faço ideia de para qual lugar exato da Venezuela eles vão — desabafo com o homem que até então eu tinha como meu maior inimigo.

— Que porra mesmo, cara! Quando soube do sequestro, também vim aqui na delegacia pessoalmente saber mais informações sobre o caso, mas

agora está totalmente fora da nossa jurisdição. Vai demorar muito para conseguirmos o apoio das autoridades de lá. — Pedro fica tão nervoso quanto eu, ele sabe o risco que o garoto corre nas mãos desse louco.

— Então eu mesmo terei que ir até lá buscá-lo, e já sei quem pode me ajudar nesse resgate. — Dou meia volta, ligando para Gonzáles, que rapidamente atende.

— Eu não tenho muito tempo para papo agora, espanhol. Quão poderoso é o seu primo de segundo grau, o tal Gangster colombiano? — Não lhe dou nem a oportunidade de dizer nada, vou logo direto ao ponto.

Ele boceja sonolento, não acredito que estava dormindo até agora com certeza passou a noite da farra nem deve estar sabendo do sequestro.

— *Mi* primo é o chefe do crime em quase toda américa latina, tem olhos por todos os cantos ninguém consegue se esconder dos olhos malignos de Herus. — Era o que eu precisava saber.

— Até mesmo um padrasto filho da puta que sequestrou o enteado e fugiu para a Venezuela?

— *No* vai me dizer que o padrasto do Max apareceu e levou *lo niño*?

— Sim. O irmão de Yudiana estava com ele no momento, e foi baleado por um dos seus comparsas.

— *Pero diablo*! Esse cara foi idiota o suficiente para fugir com *lo*

ninõ logo para a Venezuela? Ele está muito ferrado! Quem manda lá quem é o rei do crime, Herus Martinez. Além da máfia colombiana, agora tem tomado o poder em outros países da América Latina — explica rapidamente. — Combine tudo com o piloto do jatinho particular da sua família para nos esperar preparado na pista de voo, John, o resto deixa comigo.

Sabia que ele não me deixaria na mão. Às vezes penso o que seria de mim sem esse espanhol maluco na minha vida. Mais uma vez ele demonstra sua competência, não somente como assessor, mas também como melhor amigo.

— Eu agradeço muito a sua ajuda, amigo. Mas você não precisa ir colocando sua vida em risco por uma briga que não é sua, Gonzáles. Eu vou sozinho, não se preocupe. Já está me ajudando muito.

— Nem a pau que *yo* vou te deixar ir sozinho para a Venezuela, *hombre de Dios*. Só faça o que eu te pedi e pronto. *No* temos tempo para ficar discutindo — diz e desliga na minha cara.

Faço outra ligação rápida para o piloto particular dos meus pais e peço para deixar tudo pronto para decolamos daqui no máximo uma hora. Entro no carro e quando giro a chave, Pedro entra no banco do carona sem ser convidado, já colocando o cinto. Olho feio para ele e pergunto:

— O que pensa que está fazendo, rapaz?

— Se me fizer sair desse carro, eu entro naquela delegacia e seu plano vai por água abaixo — me ameaça na cara dura. Ele só pode estar de brincadeira comigo.

Como estou sem tempo e paciência para discutir com ele, meto o pé no acelerador rumo ao aeroporto. James me liga várias vezes, mas não atendo. Não quero mais uma pessoa importante para mim envolvido nessa merda toda. Sua ajuda seria de grande valia, mas não compensa o risco. Vou confiar no primo gangster de Gonzáles. Se o homem é chefe do crime em dois países, é porque trabalha com artilharia pesada.

Quando chego no aeroporto, fico mais irritado com o que vejo. Além de Gonzáles acenando de longe, sorrindo com a maior cara de pau do mundo próximo ao jatinho da minha família, está James e até mesmo Delegado Avilar e Joe.

— Pelo visto você tem muitos amigos que se importam com você, Thompson.

— *No* me olha com essa cara feia, *Hermano*. *Tu no* disse que era para guardar segredo de onde estamos indo. Quanto mais reforço, *mejor*. — Gonzáles dá de ombros.

— Não acredito que o senhor iria para uma guerra dessa e ia me deixar de fora, chefe. Meu trabalho é proteger o senhor. — James realmente

está sentido comigo. Ultimamente a vida tem me presenteado com bons amigos e ele é um deles.

— Se não avisei nada era por sua própria segurança, James. Não é somente meu chefe de segurança, hoje te considero como um amigo. Eu sou muito grato pela sua presença e de todos aqui, mas tenham em mente que estaremos lidando com gente barra pesada. Seremos os mocinhos, trabalhando ao lado dos bandidos — esclareço com seriedade.

— Eu estou aqui pela Yudiana. É como uma filha para mim e esse garoto é muito importante para ela.

Joe dá sua explicação, mesmo sem eu ter pedido. Acho que minha cara de reprovação à sua presença é visível.

— Ainda bem que não precisamos te pedir permissão para nada, porque se nós não formos você também não vai. Além do mais, nunca fui de deixar um amigo na mão — ameaça delegado Avilar, teimoso feito uma mula. — Basta uma ligação minha que esse avião não pousa na Venezuela. — Minha vontade é dar um murro na cara dele por me deixar sem alternativa. Percebendo isso dá um passo para trás, desviando o rosto.

— Por acaso sua esposa sabe o risco que ela está correndo de ficar viúva nas próximas horas, Delegado? — Ele me encara sem resposta, no final acaba dizendo a verdade.

— Se eu contasse para Júlia para onde estou indo, cara, ela mesmo me mataria antes de colocar o pé para fora de casa. — Bufa, estressado.

— Foi o que eu pensei — constato o óbvio, já entrando no jatinho. Eles rapidamente fazem o mesmo. Chega de perder tempo com conversa fiada.

Para minha surpresa, o promotor Pedro faz questão de sentar ao meu lado. Gonzáles, James, Joe e o Delegado sentam-se perto, não parando de tagarelar um minuto.

— Apesar das nossas diferenças, sei o grande profissional que é. Admiro sua coragem indo nessa missão tão perigosa, e será uma honra trabalhar ao seu lado nesse caso fora da lei. — Pedro estende a mão, levantando a bandeira paz. Eu obviamente a aperto com firmeza.

— Obrigado, promotor Pedro. Bem-vindo ao time. — Ter resolvido todas as pendências entre nós me faz sentir melhor do que pensei que faria.

Não vejo mais Pedro como uma ameaça para o meu relacionamento. Posso até dizer que é um bom rapaz.

— Agora tenho certeza que você mudou, Thompson. Se está disposto a trabalhar ao lado de bandidos em outro país para salvar alguém importante para a mulher que ama, é porque realmente merece estar ao lado dela. — Fico surpreso com o que ouço. Lisonjeado por tais palavras sinceras da boca do

homem que vi como uma ameaça de roubar minha mulher de mim.

É a primeira vez que conversamos civilizadamente, sem gritos, ofensas e olhares atravessados acompanhados de alguma indireta maldosa.

— Se ela tivesse escolhido você, também teria sido uma escolha certa. Parece aqueles caras perfeitos dos filmes. Bons em tudo. Como consegue estar sempre sorrindo, hein?

— Eu não sou perfeito, cara. Apenas tento ver sempre um lado positivo em tudo, principalmente nas pessoas, por pior que elas sejam. — É modesto, mas existe uma tristeza diferente por detrás do seu sorriso, que não consigo decifrar. — Mas ser o cara bom da história nem sempre garante para ele um final feliz. — Respira, cansado.

— Com um final feliz eu não sei, mas com um amigo, com certeza. — Coloco a mão em seu ombro e ele me olha, surpreso. — Melhor dizendo, quatro amigos loucos. — Aponto na direção dos nossos companheiros de viagem.

Ultimamente, a vida tem me presenteado com amigos realmente leais. Sinto que com Pedro não será diferente.

Seguimos o resto da viagem calados. São cinco horas de voo ao total. Para mim essa com certeza é a viagem mais longa da vida. Estou preocupado demais com essa situação. Não sei ao certo para onde estamos indo e isso de

não poder ter controle da situação é uma merda. Fico me martirizando, pesando em como Max deve estar assustado e ainda mais traumatizado por ter sido trazido para um país diferente do seu. O padrasto passou de todos os limites possíveis da maldade.

No mundo, não se pode dividir as pessoas entre boas e más. Há apenas os que sentem prazer em fazer o bem e aqueles que sentem prazer em fazer o mal. Em ferir as pessoas de tal forma, que perdem a capacidade de ver beleza na vida porque foram quebradas demais para ser curadas um dia. Contudo, eu tenho muita esperança de que, assim como Yudiana, o pequeno Max não deixe que um monstro estrague tudo de bom que ainda tem para viver ao lado das pessoas que o amam.

Nosso pouso é tranquilo, assim que saímos do jatinho pisando em território Venezuelano e já tem dois carros nos esperando a mando de Herus, o gangster primo de Gonzáles. Eu nunca imaginei que seria capaz de matar um bandido em vez de julgá-lo em meu tribunal, e executei um com dois tiros à queima roupa. Tampouco que iria precisar da ajuda de outro crimino algum dia. A vida realmente é uma caixinha de surpresas e espero que mais positivas daqui para frente.

No meio do caminho ficamos apreensivos quando os dois carros param no meio do nada. O Delegado e eu nos entreolhamos. Joe, sentado no meio de nós, nem respira de tanto medo. Ricardo rapidamente leva a mão na

cintura discretamente, me mostrando a sua arma, colocando-me em sinal de alerta.

Nós três viemos no banco de trás de um dos veículos, o restante do grupo veio em outro. Tenho certeza que James também veio armado e isso me deixa mais tranquilo.

— Pode ficar na paz, Delegado. Não vai precisar usar sua arma contra nós. Pelo menos, não hoje. Estamos lutando do mesmo lado — o motorista suaviza o clima tenso, virando-se para trás, falando nossa língua com um pouco de dificuldade, contudo, entendível. Parece uma montanha de músculos coberto por tatuagens, cabelo comprido e barbudo, com rugas franzidas na testa.

Na verdade, seu parceiro sentado no banco da frente, assim como os outros dos demais carros, tem a aparência semelhante. A quadrilha deles segue o mesmo estilo, principalmente a cara de malvado.

— Então por que paramos no meio do nada? — Meu tom não é nada amigável.

— Vocês acharam mesmo que o rei do crime iria deixar um Juiz, Delegado e Promotor e mais o diabo a quatro entrar no esconderijo dele assim tão fácil? Daqui para frente, seguirão o caminho com um saco preto na cabeça até estarem na frente do homem.

Eu e Ricardo não protestamos. Se estamos na área do cara, teremos que jogar conforme suas regras.

Depois de um tempo na estrada estreita de terra, enfim o carro estaciona. Somos retirados do carro ainda com o saco preto na cabeça e após revistados somos conduzidos para dentro de uma casa exageradamente grande e bem decorada, com moveis mordemos e artísticos. Perdi a conta de quantos cômodos passamos até enfim eles pararem em um. Esse lugar parece um labirinto confuso.

— Apesar das circunstâncias, é uma honra receber meu primo de segundo grau na minha humilde casa. — Soa uma voz grossa com o timbre naturalmente impetuoso. Num português muito bom, quase não tem sotaque.

Os sacos em nossas cabeças são tirados na mesma hora. Imediatamente analiso o local ao meu redor e é obvio que humilde é uma palavra que não define nada no local. O dono gosta de deixar claro que grana não é mesmo problema para ele. Estamos em um escritório luxuoso, à nossa frente está um homem sentado em uma mesa de vidro. O homem com a postura mais intimidadora que conheço parece aqueles lutares fortões de MMA dos canais de Tv a cabo.

Seguindo o padrão de estatura física dos homens de sua quadrilha, Herus é muito alto e musculoso. Mais tatuado do que os demais, mas os

desenhos seguem o mesmo modelo. Cabelo no comprimento abaixo das costas e barba farta escondendo a maior parte dos seus traços faciais. Não parece em nada com Gonzáles, nem mesmo o branco dos olhos.

— Faz um tempo que *yo no* te via, *Majadero*. Como estas *tu madre* e seus irmãos? — Gonzáles abraça o primo. Apesar de seguirem caminhos completamente diferentes na vida, parecem se dar muito bem.

— Minha mãe, como sempre, preocupada com as bagunças que o filho caçula adotivo anda aprontando, depois que os melhores amigos do meu pai no mundo do crime, os Maldonados, covardemente foram assassinados pela polícia mesmo depois de rendidos. — Herus encara Delegado Avilar. Acho que não gosta muito de policiais. — Blade veio morar com a gente ainda criança, contra sua vontade. Hoje já é rapaz feito. Ele nos odeia. Na verdade, odeia tudo e todos à sua volta, até ele mesmo — constata, vagando o olhar para um canto vazio da sala, pensativo. Mesmo falando tantas coisas ruins sobre o irmão de criação, dá para ver que se preocupa muito com ele.

Eu entendo o momento de família dele e Gonzáles, mas eu realmente não posso esperar mais para ir atrás de Max, nem que seja virando essa Venezuela de cabeça para baixo, sozinho.

— Não quero ser inconveniente no momento familiar de vocês, mas nós estamos aqui porque você nos prometeu ajudar em um caso de uma

criança sequestrada trazida aqui para a Venezuela. — O rei do crime vira toda sua atenção para mim, não gostando nem um pouco da minha intromissão na conversa deles. Acho que quando ele está falando, ninguém pode abrir a boca a não ser que ordene.

Juntando as mãos atrás do corpo, vem andando na minha direção, sorrateiro feito as artimanhas do diabo, a fim de me alisar mais de perto.

— Pela sua postura firme, você deve ser Juiz Thompson. Estou enganado? — Ele me encara frente a frente, desafiador, balançando a cabeça como se fosse chamar para a briga a qualquer momento.

Não gosto de bancar o valentão, mas sustento sua provocação o encarando de volta. Mantendo seu olhar impetuoso.

— Aqui na Venezuela não sou juiz de coisa nenhuma, apenas do meu próprio destino.

— Boa resposta, vossa excelência. Se é amigo de alguém da minha família, é meu amigo também. — Estende a mão para apertar a minha, me examinando agora com mais atenção, quase que minunciosamente.

— Sei que não nos conhece direito, mas eu posso garantir que Max é um bom garoto. Forte. Mesmo depois de passar por tanta coisa ruim, coisas que nenhuma criança deveria passar, ainda continua sorrindo. — Minha voz vacila, só quero ver essa criança em segurança novamente o mais rápido

possível. — Se puder me dizer onde ele está, eu mesmo irei buscá-lo agora mesmo — Imploro com um desespero tão grande que até eu me assusto. Sinto uma coisa estranha crescendo cada vez mais dentro de mim. Não sei explicar ao certo, mas tenho certeza que não é algo ruim.

Ao contrário. É grandioso, bonito e sincero. Eu não sabia que Max era tão importante para mim até estar nessa situação de perigo. Eu daria minha vida pela dele sem pensar duas vezes. Nunca pensei que a felicidade de alguém além de Yudiana seria tão importante para mim. Sendo sincero, não sei se conseguirei suportar se alguma coisa acontecer com essa criança.

— Sinto muito, vossa excelência, mas ninguém aqui vai a lugar nenhum resgatar ninguém. — Ele solta uma risada cruel, jogando o pescoço para trás. Dou um passo para trás devido o impacto profundo que a maldade nos seus olhos me causa.

Nós fomos enganados! Meu Deus, e agora? Tem a vida de um inocente em risco, que está contando que eu iria buscá-lo como prometi.

Olho para Gonzáles que está tão ou mais confuso quanto eu. Ele, mais do que ninguém, poderia imaginar que o primo nos trairia. Percebo que uma barreira de homens armados é formada à nossa volta, pronto para atirarem em quem tentar passar por ela. Agora estamos nas mãos desse homem.

— Eu não sei porque nos trouxeram aqui se não pretendia nos ajudar,

mas eu prometi para essa criança que eu nunca mais deixaria que fosse abusada por seu padrasto novamente. E esses homens me acompanharam até aqui para me ajudar sem ter obrigação nenhuma, apenas porque são meus amigos. Então, peço que os deixe ir embora. Depois pode até acabar com a minha vida, se quiser — imploro novamente por clemência pela vida dos meus parceiros. Não podem de maneira nenhuma perder a vida em uma luta que não é deles.

— Você está disposto a sacrificar sua vida pela dos seus amigos... Que interessante. — Herus anda em círculos em volta de mim, com os dedos segurando o queixo.

— Ele pode até estar disposto a fazer isso, mas eu não vou a lugar nenhum sem o padrinho do meu filho. Isso está fora de questão para mim. — Ricardo vem e coloca a mão sobre o meu ombro, me dando apoio. Agradeço a Deus por ele ter virado meu amigo um dia, totalmente contra a minha vontade.

— E eu não vou abandonar meu genro. Que tipo de sogro eu seria se fizesse isso? — Joe se junta a nós, colocando a mão sobre o outro lado do meu ombro.

— Bom, e eu nunca fui de deixar um amigo na mão, então... — Pedro dá de ombros, juntando-se a nós.

— *Yo no* estou entendendo nada, primo. Por que mentiu para mim que nos ajudaria a resgatar *lo niño*? — Gonzáles enfim resolve tomar uma atitude e enfrenta o primo, que nem se abala, continuando com a mesma expressão de riso, olhando para as nossas caras de total confusão.

— Quem disse que eu não ajudei, Gonzáles? Vocês são dramáticos demais, *Diós mío*! — Herus bate palma três vezes, e uma parede de vidro escuro no fundo da sala se divide em duas partes, criando uma passagem, com uma mulher parada bem no meio dela, com as mãos nos bolsos.

— *Haz que estos malditos callen la boca, te despierta.* — A mulher e Herus continuam rindo de nós de forma debochada, acredito que da nossa desgraça, mas em um tom bem baixo agora.

Ela é uma morena alta da pele bronzeada com inacreditáveis olhos verdes, cabelo longos ondulado nas pontas e toda estilosa. O tipo de não ser flor que se cheire. Ela usa jeans e blusa de alcinha, deixando à mostra a tatuagem grande, idêntica a de Herus e seus homens. Provavelmente, também faz parte da quadrilha. Não é à toa que carrega uma arma de cada lado da cintura.

— Por favor, Esmeralda, fale em português, irmãzinha. Estamos com convidados brasileiros em casa, seja gentil e cumprimente-os primeiro, depois traduza o que disse. — Parece um pedido de Herus, mas na verdade é

uma ordem, mesmo.

A irmã hesita, a princípio, mas faz o que ele pede.

— E aí, rapaziada, beleza? — Seus olhos verdes passam pelo rosto de cada um de nós, mas para especificamente no de Pedro. Ele não consegue parar de olhar para a moça, e o mesmo acontece com ela. — Eu disse para vocês falarem baixo, seus malditos, ou vão acordá-lo. — Quando ela dá um passo para o lado, vai aparecendo a imagem de Max dormindo em um sofá vermelho, todo encolhidinho em posição fetal, com a metade do corpo coberto por uma jaqueta de couro preta.

Sua expressão é tão serena, inocente. Nem parece que passou um inferno nas últimas horas. Esse garoto é muito mais forte do que pensei. Um sobrevivente. Nunca fui um homem sensível, mas a emoção que sinto é tão inexplicavelmente grande, que cubro o rosto com as mãos e choro de felicidade como um menino, na frente de todo mundo.

Agora sei que sentimento é esse que vem crescendo dentro de mim cada vez mais. É amor de pai. Eu não quis isso. Eu não escolhi sentir isso, mas simplesmente tomou conta do meu coração antes que eu percebesse.

Eu nunca mais vou deixar que nenhum mal aconteça com essa criança, eu juro! Vê-lo em segurança agora é um alívio tão grande que me faz perder as forças das pernas. Parece que estou sonhando. Como não percebi

antes que o amor que tenho por Max é igual ao que o meu pai tem por mim, sempre preocupado com a minha felicidade e bem-estar. A única vez que o vi chorar de alegria como eu estou chorando agora, foi quando caí do cavalo quando tinha a idade do Max, e apesar da queda ter sido feia, só tive alguns arranhões.

Meu pai chorou muito nesse dia, muito mesmo. Quando perguntei por que ele estava chorando, se eu não havia me ferido gravemente, ele deu a seguinte resposta:

“Tem coisas na vida, meu filho, que um homem só entende quando carrega o amor de pai no coração.”

Hoje entendo perfeitamente o que o meu pai queria dizer. Quero ver Max crescer, ajudá-lo a ser um bom homem. Que seja meu filho e de Yudiana legalmente, e que não saia nunca mais debaixo dos nossos olhos.

— Por que não vai lá e acorda o seu garoto, Thompson? — Herus pega seu chapéu sobre a mesa do escritório e o ajeita meio torto na cabeça, acende um charuto colocando-o no canto da boca e vira as costas, então vai embora andando tranquilamente.

Antes que saia da sala, o agradeço.

— Obrigado, Herus! Você não faz ideia do quanto essa criança significa para mim e minha mulher. — Parando de andar, ele permanece de

costas, e diz, usando o mesmo tom ameaçador de quando chegamos:

— Sim, eu sei! Por isso trouxe o garoto de volta para você. Não porque sou um cara bom e gosto de criancinhas. Na verdade, eu não as suporto. Só te ajudei porque é sempre bom ter pessoas importantes me devendo favores. Um dia, muito em breve, vou cobrar esse favor com juro. Pode apostar nisso, Juiz Thompson.

Tenho a leve impressão de que ele já tem tudo planejado em sua mente, mas só irá me procurar para cobrar esse favor no momento certo.

— Eu estarei esperando por esse dia, Herus. Quando eu devo alguma coisa para alguém, eu pago. E a dívida que tenho com você é grande.

Ele não diz mais nada. Apenas assente, ergue a mão na altura da testa e faz um sinal de continência, acompanhado de uma olhadela de espreita.

— Antes que eu me esqueça, meus homens não relaram um dedo no padrasto do garoto quando invadiram o local onde estava se escondendo com o enteado. Ordenei que deixassem às honras para você. Ele está preso no último quarto no final do corredor. Divirta-se! — Segurando o charuto entre os dedos, segue seu caminho soltando fumaça no ar.

Muito em breve, nos encontraremos novamente.

Antes que alguém possa me impedir, vou correndo onde o homem está preso. Enfim, poderei conhecer a face do demônio pessoalmente em

carne e osso. Arrombo a porta com o ombro e o filho da puta leva um suto com o barulho, tentando correr de mim. Carlos Vilas Boas é um homem ainda jovem, por volta dos seus quarenta e pouco anos, moreno de estatura mediana, todo engravatado dentro de um terno caro. Bem-sucedido no ramo empresarial, com fama de bom moço perante a alta sociedade do Rio de Janeiro, mas não passa de um estuprador miserável.

— Então quer dizer que você gosta de machucar criancinhas, seu verme? — Seus olhos incham, seguindo os movimentos dos meus punhos se fechando. Não vou parar até ver meus dedos em carne viva. — Agora eu quero ver você enfrentar alguém do seu tamanho. — Derrubo-o com um soco e ele cospe uma poça de sangue, piscando várias vezes, tonto devido o golpe rápido.

— Olha o que você fez, seu bruta monte. Quebrou o meu dente. Meus advogados vão te processar por conta disso e se tocar em mim novamente pode diz adeus à sua carreira no mundo Juri... — Não o deixo terminar de falar. Caio de soco em cima dele, um atrás do outro. Ele não tem tempo nem forças de se desviar dos golpes, mas não lhe dou a menor chance.

— Cala... a porra... dessa boca... Maldito! — exclamo nos intervalos dos golpes e o bastardo começa a gargalhar com sangue minando no rosto, por mim o mataria agora mesmo.

— Não importa o quanto esconda Max de mim, eu sempre vou encontrá-lo! Esse garoto me pertence, ele nasceu para me dar prazer — o verme passa a língua pelos lábios debochadamente, e eu perco a cabeça, pegando uma corrente no chão e enrolando em seu pescoço, o erguendo e prendendo em um gancho na parede.

Perco a conta de quantos murros dou nas suas costelas, até minhas mãos de fato sangrarem. Completamente dominado pela raiva, aperto a corrente em seu pescoço, tirando totalmente seu ar. Contudo, eu o solto antes que possa matá-lo enforcado. Dessa vez tomarei a decisão certa. Esse verme vai pagar caro na justiça por todas as merdas que fez. Vou matá-lo aos poucos, acompanhando seu definhamento dia a dia atrás das grades assim como fiz com o Pastor Jackson e o irmão dele.

Fui informado que todos os dias, Osvaldo, é abusado sexualmente por algum dos presos. Para o lugar onde foi levado não pegam leve com estupradores de criancinhas. Desde que chegou no presídio não teve um dia de folga, espero que cumpra cada segundo da sua pena provando do seu próprio veneno.

— Nos veremos em breve no tribunal, Carlos Vilas Boas. — Quando ele cai no chão gemendo de dor, cuspo em seu rosto todo inchado e roxo. Vai sentir dor por um bom tempo depois da surra que levou hoje.

Me recomponho antes de voltar para Max. Acho um banheiro e debruço-me sobre a pia, jogando um jato de água fria no meu rosto. A adrenalina ainda corre forte pelos músculos do meu corpo, assim como a vontade de voltar lá e terminar o serviço. Uso uma toalha branca pendurada próxima ao espelho para limpar os respingos de sangue da minha roupa, lavo bem as mãos.

Totalmente suja de sangue, jogo a toalha fora e volto apressado para onde Max está. Não quero ficar longe dele nunca mais. Passando pelo corredor, encontro um dos homens de Herus que diz que o garoto já acordou e está cheio de fome. O patrão dele mandou servir o jantar. Sou conduzido até o local, chegando na porta vejo Max fazendo a festa com os rapazes enquanto comem. Está sentado entre Joe e Gonzáles, rindo alto de alguma bobagem que eles estão dizendo.

— Max? — chamo por ele com a voz embargada, ele para o que está fazendo e lentamente gira o pescoço em minha direção. Max morde o lábio inferior, segurando a vontade de chorar, levanta em um pulo e vem correndo encontrar comigo.

Inclino o corpo, abrindo os braços abertos para envolvê-lo em um abraço forte de urso. O ergo do chão lhe apertando bem forte para ter certeza que está mesmo seguro aqui comigo. Por um terrível momento, pensei que nunca mais o veria novamente.

— Eu sabia que o senhor vinha me buscar, eu sabia! — ele diz, deitando a cabeça no meu ombro. Meus olhos se enchem de lágrimas novamente.

Será que amor paternal também é isso? Ter vontade de chorar toda vez que o filho diz algo bonito, ou te abraça como se você fosse o homem mais incrível do mundo.

— Eu tive medo de te perder, garoto. Nunca mais me assuste dessa forma ou eu não vou aguentar. Estou velho demais para isso.

— Foi tudo tão rápido! Nós estávamos jogando bola no quintal da casa de passagem, quando uns homens invadiram o lugar, armados, me procurando. Tio Dimy tentou impedir que me levassem, entrando na minha frente, foi aí que atiraram nele. Agora ele está morto. Por minha culpa.

O coitadinho começa a chorar. Engolido em seco, viro seu rosto para que olhe para mim.

— Não precisa chorar, filho, porque Edmilson não está morto. Nesse momento está sendo cuidado por ótimos médicos. A mãe e as irmãs dele estão no hospital com ele. Não se preocupe, seu tio vai ficar bem. Em breve, estarão jogando bola por aí novamente — prometo, na intenção de acalmá-lo, rezando para que o que eu disse se concretize.

— Graças a Deus! Eu rezei tanto para ele estar vivo.

Consigo arrancar um sorriso lindo dele. Para deixá-lo ainda mais bonito, limpo as lágrimas em seu rosto, que estavam tirando seu brilho.

— Seu padrasto nunca mais vai se aproximar de você, Max, eu juro! — afirmo, mas jurando para mim mesmo que nunca mais deixarei aquele homem colocar as mãos nele. — Prometo.

Sua felicidade mantém meu coração aquecido e cheio de vida. E enquanto eu viver, vou fazer tudo que puder para vê-lo sorrir.

— Ei, Sr. Thompson, está com fome? Vem comer com a gente. Tem muita coisa gostosa.

O coloco de volta no chão e vamos até a mesa.

Quando me sento, ficam em silêncio e os olhos de todos os meus amigos se fixam em minha mão ferida.

— *Yo* espero que tenha caprichado na lição que deu dele, John — exclama Gonzáles, de boca cheia, mastigando e falando ao mesmo tempo.

— Pode acreditar que sim! Agora vamos esquecer isso e comemorar a volta de Max para sua família. — Levanto uma garrafa de cerveja e todos fazem o mesmo, batendo umas na outras.

— Vocês são a melhor família que alguém poderia ter. Eu sou um garoto de muita sorte. — As palavras do pequeno emocionam a todos. Estou ansioso para contar a ele que quero ser seu pai de verdade.

Quando Yudiana souber, vai enlouquecer de alegria. Ama essa criança, tanto ou mais do que eu. Farei uma surpresa para ela aparecendo no hospital, a fim de contar que quero montar uma família de verdade ao lado deles.

— Eu trouxe um presente para você, amiguinho. Para que sempre se lembre de mim. — A irmã de Herus aparece, segurando um cordão com a imagem de Santa Guadalupe, e coloca no pescoço de Max, depositando um beijo em seu rosto.

— Eu amei o presente. É tão lindo quanto você, Esmeralda.

— Parabéns, Max, você tem um ótimo gosto para mulheres — elogia Pedro encarando a moça, quase babando em cima dela.

— Uma pena que você não faz o meu tipo, engomadinho. Eu prefiro os caras maus. Aqueles que cheiram a problema de longe sabe? Assim como eu. — Ela corta o barato dele jogando um beijinho no ar em sua direção, e o resto do grupo tira sarro da cara de Pedro.

— Uii! Essa doeu, cara! — Joe leva a mão sobre o peito, colocando mais fogo na fogueira.

Vão zoar o coitado pelo passa fora durante toda a viagem de volta.

Esmeralda faz charme, mas senta-se na mesa e come conosco.

— *Yo no puedo* acreditar que você cresceu tanto, Esmeralda! Da

última vez que te vi, era apenas uma menina. — Gonzáles cumprimenta a prima e os dois fazem um aperto de mão ensaiado.

— E você continua com a mesma cara de cú de sempre, não é mesmo, primo? — Ela dá um tapa nas costas dele, fazendo o tipo durona.

Esmeralda e Pedro não conseguem esconder a troca de olhares. Até Gonzáles percebeu e cochichou no meu ouvido para aconselhar Pedro a ficar longe da moça porque é encrenca na certa. Apesar de ser linda e gostar muito da prima, afirma que ela não é flor que se cheire. Fora que o irmão mais velho morre de ciúmes de sua menininha.

Eu poderia até alertar Pedro sobre isso, mas se ele estiver realmente interessado na moça, acredito que não vai adiantar muito. No momento não estou me preocupando com isso. Só quero aproveitar ao máximo o retorno no meu garoto e levá-lo o quanto antes para os braços de Yudiana.



Capítulo 46

Yudiana

— A oração de vocês deu certo, porque a cirurgia foi um sucesso! — Depois de muitas horas de angústia em que eu, minha mãe e irmã permanecemos rezando o tempo todo, enfim um dos médicos que participou da cirurgia de Edmilson aparece para trazer notícias.

— Isso quer dizer que ele está totalmente fora de perigo, doutor? — confirmo antes de comemorar. Não quero criar expectativas para depois sofrer ainda mais.

— Está, sim! Milagrosamente a bala não perfurou nenhum órgão, causou apenas uma pequena hemorragia interna, mas já foi reparada durante a cirurgia. Em breve estará totalmente curado e sem nenhuma sequela. — Só após ouvir isso que eu começo a respirar normalmente. Antes parecia ter uma bola presa na minha garganta impedindo que o ar passasse.

Tudo por medo de o médico ter vindo aqui dizer aquela famosa frase de filmes “*sinto muito, mas ele não resistiu a cirurgia.*” Mas o papai do céu achou que ainda não é a hora dele. Edmilson ainda tem muito para aprontar

nesse mundo louco.

— Quando nós poderemos vê-lo, doutor? — pergunto, cheia de ansiedade.

— Assim que ele acordar, em oito ou nove horas, no máximo, talvez até antes disso. — O médico se despede com um aceno de cabeça e vai embora, feliz em ter sido o portador de uma notícia tão maravilhosa.

— Graças a Deus o meu menino está bem! Edmilson sempre andou no caminho certo, foi sua fé que o curou. Pelo menos nisso o golpista do pai dele tinha razão. Tomara que um dia se torne um pastor diferente dele, ajudando as pessoas ao invés de roubá-las. — A inocência do comentário da minha mãe me faz decidir apresentar o verdadeiro filho dela de uma vez por todas. Hoje ela quase o perdeu sem saber de fato quem Edmilson é de verdade.

É chegada a hora da verdade!

— Senta aqui, mãe. A senhora precisa ver uma coisa.

Pego meu celular no bolso e mostro para ela o vídeo dele cantando e dançando funk, bombando no YouTube. Ela fica de queixo caído.

— Santo Deus! O vídeo de Edmilson está com mais de dez milhões de visualizações na internet em tão pouco tempo? Se o pastor Jackson vir isso, ele vai surtar sabendo que o filho é cantor de funk, e ainda rebolando

desse jeito. A essa altura todos os irmãos da igreja devem estar sabendo — Minha mãe se desespera vendo o vídeo de Edmilson, e com razão.

Mesmo assim faço questão de mostrar a ela o quanto seu filho é feliz sendo ele mesmo e que é muito bom nisso. Meu mundo caiu quando recebi a notícia que Edmilson levou um tiro, tentando evitar que sequestrassem Max. Toda vez que fecho os olhos é como se eu estivesse revivendo os momentos horríveis que os dois viveram. Se pudesse trocava de lugar com eles agora, sem pensar duas vezes.

— Sério que a senhora está preocupada depois de tudo o que aquele homem fez a com a senhora, mãe? — Minha irmã se exalta, ficando de pé na cadeira da sala de espera da cirurgia. Está furiosa. — Meu pai sabia desde o começo o que o nojento do irmão dele fazia com Yudiana, e não fez nada só porque ela não é filha dele de sangue. Eu posso ter um milhão de defeitos, mas eu nunca ia me calar diante de uma situação como essa. — Lágrimas cobrem sua face. Ela ainda não conseguiu superar a descoberta da verdade.

Agora que voltei a falar com minha mãe, quero saber a história sobre meu pai biológico e o porquê guardou segredo sobre ele por tanto tempo.

— Não pode falar alto aqui, filha. Estamos em um hospital, não em casa. — minha mãe diz não em um tom de repreensão, mas apenas para tentar fazer Carmem se acalmar.

— Eu não estou nem aí para as regras. Sou dona do meu destino agora. Assim como Yudiana foi depois que aquele homem a expulsou de casa. Não vejo como um coisa ruim, mas sim um livramento. Só a Senhora e eu sabemos o que passamos nas mãos do pastor Jackson. Fico feliz de saber que pelo menos Edmilson teve uma vida dupla e conseguiu se divertir um pouco.

— E como se divertiu, Carmem — falo alto, mas era para ser só um pensamento. Balanço a cabeça, sorrindo, lembrando das malandragens que esse moleque já aprontou pelas quebradas da periferia.

— Independente de qualquer coisa, eu estou muito orgulhosa de Edmilson. Ele foi baleado tentando salvar uma criança que morava na rua, a qual juntamente com você, Yudiana, ele amou e acolheu como se fosse da família. Na verdade, eu estou muito orgulhosa dos dois. —Minha mãe me abraça carinhosamente.

— Edmilson não vai morrer não, mãe. Esse moleque ainda vai fazer o nome dele no mundo do funk. O danado tem talento — Me sinto na obrigação de admitir. .

— Tomara que todos os irmãos da igreja tenham visto o vídeo do meu filho na internet e fiquem sabendo o quanto ele é talentoso é feliz fazendo o que gosta.

— Isso aí, Dona Florinda, é assim que se fala! Nós também seremos felizes de agora em diante, do jeito que achamos melhor. Eu era cega pela vida luxuosa que vivíamos, agora meu namorado rico me abandonou assim que soube o escândalo sobre o meu pai e ainda levou o anel de diamante junto. A justiça pegou todos os nossos bens envolvidos com o dízimo roubado da igreja, ou seja, estamos pobres. Mas, sinceramente, nunca estive tão feliz. A liberdade é algo que de fato não tem preço — Carmem desabafa sobre tudo o que ela sempre precisou pôr pra fora. Ela necessita de uma chance para recomeçar do zero.

— Para quem tem força para trabalhar, filha, nunca falta nada. Vou cuidar da minha saúde que não está das melhores, depois vou cuidar de mim e tratar de realizar meus sonhos. — Nunca ouvi minha mãe tão confiante antes. Estou muito feliz por ela. — Sempre quis arrumar um emprego, Carmem. Estudar para ter um diploma... Mas você sabe que seu pai nunca me deixou fazer nada que não fosse debaixo dos olhos dele. — Bufa, frustrada com as más lembranças do passado. Tento motivá-la da melhor maneira possível.

— Pensa positivo, mãe. Agora poderá começar a faculdade de pedagogia que sempre sonhou em fazer. Nunca é tarde para recomeçar. Eu, Carmem e Edimilson vamos apoiá-la em tudo, mas primeiro vamos cuidar da sua saúde, é claro.

Carmem concorda, segurando a mão dela e a minha. Agora começa uma nova era em nossas vidas.

— Para mim não tenho mais pai. Apenas a senhora, mãe, o Edmilson e a Yudiana, se conseguirem me perdoar um dia por me deixar manipular pelas loucuras do Pastor Jackson. — Minha olha em minha direção, com os olhos cheios de dor.

— Tudo bem, Carmem, já passou. Esquece isso. Vamos recomeçar daqui. Nossa preocupação agora é o Edimilson, precisamos manter a calma e permanecer unidas por ele. — Tento estabelecer a paz entre nós, e a verdade é que antes disso tudo acontecer eu já estava disposta a procurar as duas para resolvermos as pendências entre nós.

— Não passou nada, Yudi. Toda vez que olho para você lembro do que me disse no meu noivado, que sempre deu mais atenção para o Edimilson do que para mim porque eu era a preferida do meu pai, e o nosso irmão pequeno demais para se defender sozinho. Agora eu entendo tudo. Em pensar que te odiava por conta disso, me parte o coração. — Ela balança a cabeça, tristonha, fitando nossa mãe, totalmente tomada pela culpa. Minha mãe cobre o rosto com as mãos, chorando baixinho. Ela sabe o que Carmem está querendo dizer.

Totalmente diferente da imagem esnobe e superior de antes, não exhibe

maquiagem bem-feita, joias ou roupas caras. Nem de saia comprida como pede a doutrina da igreja deles está mais. Apenas jeans e camiseta bege. O cabelo desaranhando, unhas com esmalte todo descascado.

— Ele ameaçava você a fazer mal a Carmem e Edimilson caso não fizesse o que mandava, não é mesmo, Yudiana? — Minha mãe cria coragem para me perguntar. Pelo que percebi, evitava falar nesse assunto para não me magoar, e eu apenas assinto sem coragem de olhar para ela. — Misericórdia, senhor! — minha mãe profere, arrasada. Creio que deva ser muito difícil para uma mãe descobrir esse tipo de coisa. — Perdão por tudo isso, filha. A culpa é toda minha! Eu tinha tanto medo de Jackson, que vivia apenas para agradá-lo. Pensava que se ele estivesse feliz, seria bom para os meus filhos, até mesmo para a mais velha, que não tinha o mesmo sangue que ele. Quando nos casamos eu já estava grávida de três meses de você, filha. — Sinto minha mãe ficar contraída ao tocar nesse assunto, mesmo assim insisto em saber mais.

— Quem é o meu pai, Dona Florinda? — Seguro a mão dela.

— Bem, acho que essa conversa é só entre vocês. Vou comprar um café para nós na lanchonete do hospital e já volto. — Sorrio em agradecimento para minha irmã por nos dar espaço, ela acena sorrindo também, e se vai.

Logo em seguida minha mãe começa a sua história de vida que pelo seu tom triste, foi tão horrível quanto a minha.

— Seu pai era um simples homem sem estudo que trabalhava como peão de rodeio e tinha uma aparência exótica. Nunca conheci seus pais, mas ele me contou ser filho de uma índia selvagem e um homem negro. Eu o conheci em uma festa da cidade, na qual veio para uma competição. Gostou tanto do lugar que nunca mais foi embora.

— Então por isso que eu tenho esses traços indígenas... Puxei da minha avó materna. Que incrível! Eu gostaria muito de conhece-la, assim como meu pai e todo restante da sua família.

— Tenho certeza que sim, filha. Você é muito parecida com o seu pai, até no gênio forte. – Suspira, de certa forma acho que ainda é apaixonada por ele.

— Como era o nome dele, mãe?

— Era Marcos, querida. Ele tinha uma voz encantadora. Nos apaixonamos assim que nos vimos pela primeira vez, em um parque perto da minha casa. Um homem mais velho e uma adolescente ingênua que não sabia muito sobre o amor. Meus pais me criou na rédea curta, eram fanáticos por religião. Em especial minha mãe. Ela conseguia ser muito pior do que o Jackson.

— Desculpa, mãe, mas pior que o pastor Jackson só o próprio demônio.

— Era bem isso que sua vó era mesmo. Matou meu pai de desgosto quando me obrigou a casar com um jovem pregador da nossa igreja, de quem ele nunca gostou. No fundo sabia que Jackson era um falso profeta. Sendo sincera, papai nunca esteve de acordo com a ideia de mamãe de me casar com ele quando descobriram que eu estava grávida de você. Em troca, o ajudaria a crescer em nossa igreja. — Minha mãe desvia o olhar para algumas pessoas que passam pela sala de espera, procurando outro ponto de foco que não seja meu olhar de pena.

Resumindo a história dela, eu estraguei a vida da minha mãe antes mesmo de nascer, a obrigando a casar com um monstro.

— Mas e o meu pai, mãe? Por que não fugiu com a senhora quando soube que ia ter um filho dele, ou casasse escondido, sei lá?

Tento achar uma resposta. Tanta tragédia seria evitada se as coisas tivessem sido diferentes no começo.

— Seu pai nunca chegou a saber da sua existência, filha. Quando eu ia contar para ele, recebi a notícia de que havia sido morto durante um assalto. Que na minha opinião, tem a mão da minha mãe e de Jackson. — Ela tira um lenço da bolsa para limpar as lágrimas. Sempre notei que minha mãe

tinha um sorriso triste por detrás da expressão de mulher submissa, porém satisfeita, mas não podia imaginar o porquê. — Ele morreu sem eu nem ao menos saber o sobrenome dele. Queria que em seu registro tivesse o nome de um pai que de fato merecesse, não de um monstro que destruiu a minha vida e a sua.

— Mas isso é possível sim, mãe. Deus meu deu o melhor pai que alguém poderia ter. Ele me achou na rua, cuidou de mim e cuida até hoje. Tudo o que sei, aprendi com esse cara de coração enorme que me conduziu no caminho certo da melhor forma que pôde e eu o amo demais por isso. Se tem um nome que merece estar no lugar de meu pai na certidão, é o dele. — A imagem de Joe sorrindo vem à minha mente, e mal posso esperar para que minha mãe conheça o homem que escolhi para ser meu pai.

— Nossa, filha, qual o nome desse anjo? Preciso agradecê-lo pessoalmente.

— É Joe Brum, o cara mais legal do mundo todo. Vou marcar um encontro para que o conheça. Tenho certeza que vão se dar muito bem. Não tem como não gostar dele — Minha mãe se anima. Sinto muito pela perda dela do meu pai biológico. Pelo jeito foi o único homem que amou na vida.

Mas pai, mesmo, para mim, é o Joe. Por isso, se ele aceitar, quero tirar o sobrenome daquele traste da minha certidão e colocar o dele.

— Pelo visto você ama mesmo esse tal de Joe, não é? — Confirmo várias vezes balançando a cabeça, e ela ri do meu exagero. — Então terei o maior prazer em ajudar no que for preciso para que consiga trocar o nome de seu pai na certidão. Pode contar comigo de agora em diante no que precisar na sua vida. Prometo que não serei mais uma mãe negligente e... — Minha mãe para de falar, olhando para alguma coisa atrás de mim, emocionada.

— Yudi? — Quando giro o pescoço para trás, vejo Max chegando, segurando a mão de John, com um sorriso amplo enquanto segura um buquê de flores roxas maior do que ele, da espécie que John deu o meu nome. Essa foi a única cor que ele não disse o significado, pois alegou que deixaria para revelar em um momento especial.

Levanto rapidamente e vou ao encontro dele. Max solta a mão de John e vem correndo ao meu encontro, me abraçando bem forte. A saudade é tanta que parecemos ter ficado anos longe um do outro.

— Você está bem, meu amor? Eu estava tão preocupada, morrendo de medo que nunca mais te visse. — Encho o coitadinho de abraços e beijos, que mal consegue se mexer diante da minha chuva de carinho em cima dele.

— Pode ficar tranquila que o meu padrasto não conseguiu me machucar. Sr. Thompson me salvou a tempo. Ele é o meu herói. — Eu nunca vi Max sorrindo assim, espontaneamente, sem medo, como uma criança

normal da sua idade. — Ele parou no meio do caminho para comprar essas flores para você. Disse que são as mais bonitas porque têm o seu nome.

— Ele me entrega as flores, depois beija meu rosto como um verdadeiro príncipe em versão menor.

— Obrigada pelas flores, querido, são lindas. Posso te contar um segredo? — Ele assente, curioso. Meu namorado enfia as mãos nos bolsos, ouvindo nossa conversa. — John é o meu super-herói também. O mais corajoso de todos os tempos.

Eu e o amor da minha vida trocamos olhares apaixonados. Ele está com uma carinha de tão cansado...

— Como está o tio Dimy? — pergunta, preocupado, fazendo beicinho para chorar. Sorrio para ele, então logo percebe que não tem motivos para se preocupar.

— O médico disse que a cirurgia foi um sucesso, e que Edimilson deve acordar a qualquer momento, aí todos nós poderemos vê-lo, está bem?

— Graças a Deus. Eu rezei tanto para ele não morrer. — Agora ele ri e chora ao mesmo tempo. — Bem que o Sr. Thompson disse para não me preocupar, porque tio Dimy ia sair bem dessa. — Agora sim Max está feliz de verdade. Liberto-o do meu abraço apertado antes que morra sufocado, e

vou agradecer meu namorado por mais uma vez ser meu grande herói.

— Obrigada por ser um homem tão maravilhoso, John. Eu te amo muito! Eu não sei como agradecer tudo o que fez por mim. — Beijo seus lábios.

Serei eternamente grata a ele por ter cumprido a promessa de trazer Max de volta são e salvo, feliz e sorridente.

— Na verdade, eu sei como. Só um minuto. — Olho para ele, confusa, não fazendo ideia do que está dizendo.

Ele me solta e fica de joelhos para estar na altura de Max. Os dois são tão lindos juntos.

— Você confia em mim, filho? — O pequeno assente animadamente, respondendo uma pergunta com outra.

— Claro que sim. Por quê? — Cruzo os braços e fico apenas observando-os.

— Gostaria de ser meu filho? — John joga a bomba e não sei quem fica mais surpreso, Max ou eu. — Não sei se serei um bom pai, mas prometo me esforçar muito para merecer ocupar um papel tão importante na sua vida. — A resposta de Max é pular no pescoço de John, chorando baixinho de alegria.

— E eu vou me esforçar sempre para que tenha orgulho de mim. Um

dia ainda serei juiz como o senhor e ajudar muitas pessoas. — Funga Max, emocionado.

— Sabe, estava pensando aqui... Sozinho não vou dar conta, precisaríamos de uma mãe para arrumar a nossa bagunça — meu namorado faz piada com um sorriso meio de lado, charmosamente. — Tem alguém em mente para ocupar essa vaga?

Max nem o espera acabar de falar e vem direto até mim.

— Por favor, Yudi, gostaria de ser minha mãe? Prometo não fazer muita bagunça — pede, inocente, morrendo de medo que eu diga não.

— Nada me faria mais feliz, meu amor — respondo, tomada por uma emoção maternal que nunca pensei sentir um dia. De fato, sempre estive totalmente fora de questão me separarem dessa criança novamente.

— Obrigado por aceitar ser minha mãe. Eu te amo muito.

Nos abraçamos, felizes da vida.

— Eu também te amo, Max. Nós seremos uma família muito feliz, tenho certeza — garanto, olhando para John. Quando penso que não pode me surpreender, me vem com uma surpresa dessas, enchendo meu coração de alegria.

— Agora, por que não conta a novidade para a sua avó, já que você é

oficialmente sobrinho de Edmilson. — John usa essa desculpa para que nos deixe sozinhos. Discretamente pisco para ele, segurando sua mão.

Max olha para a cadeira e vê minha mãe sentada, tristonha, com as mãos sobre o colo. pensando na vida. No fundo do corredor minha irmã aparece, chegando com três copos de café.

— Está bem, Sr. Thompson, já volto. — Max corre até sua nova avó e conta a novidade. Minha mãe o abraça, feliz, o colocando sentada em seu colo.

Minha irmã acena para mim de longe, enquanto brinca com Max bagunçando seus cabelos.

— E aquele papo todo de que não queria ter filhos, hein, Ursão? — implico com John e ele faz uma careta, depois sorri daquele jeito que me enlouquece facilmente.

— Tem coisas que a gente não escolhe, Yudiana, simplesmente acontecem. — Nós dois olhamos juntos na direção de Max, se divertindo com minha mãe e irmã, orgulhosos vendo o vídeo de Edmilson novamente. — O moleque despertou um lado paternal em mim que eu nem sabia que existia. A mesma obsessão que tenho em proteger você, agora tenho com ele. Só quero que seja feliz. Sempre. Quero vê-lo crescer, orientar no caminho certo para que um dia se case com alguém especial e nos dê um monte de

netos.

Os olhos de John estão vermelhos. Isso de ser pai realmente está mexendo com ele.

Uau! Para quem não queria ser pai, ele planeja ser um dos bons, até já sonhando com os netos.

John não é um homem normal que se encontra facilmente por aí. Talvez, se a sociedade o conhecesse como eu conheço de verdade, juraria seu caráter. Mas para mim ele é perfeito, me protegeu matando um homem para me salvar, mesmo quando mal havíamos trocados algumas palavras. Desmascarou pastor Jackson na frente da igreja toda e mandou o homem que destruiu meus sonhos para a cadeia. Agora salvou *nosso filho* das garras do padrasto pedófilo e ainda vai adotar o menino, planejando ser um pai exemplar e de quebra me dando a oportunidade de realizar o sonho de ser mãe que só descobri que tinha quando conheci Max.

— Nós seremos muitos felizes juntos, tenho certeza. — Inclino-me para sentir o aroma gostoso das yudianas do lindo buquê envolvido por um laço grande bonito. Não me canso de olhar para elas. São realmente lindas. — Obrigada pelas flores, eu amei. Até mesmo em meio a um furacão desses que passou por nossas vidas, você consegue ser romântico — brinco.

— Lembra daquele dia em que nós estávamos no canteiro de flores

quando me perguntou o significado das cores de cada uma delas e eu te disse que o da roxa eu só revelaria no momento certo? — O sorriso maroto em seu rosto deixa claro que vem uma das suas grandes surpresas.

— Claro, amor, por quê? — O encaro cheia de expectativa.

— Então, esse é o momento certo, meu amor. — O homem fica de joelhos diante de mim, bem no meio da sala da sala de espera. Todos param o que estão fazendo para olhar para nós.

— Não acredito que vai fazer isso! — Começo a rir de nervoso, minhas mãos tremem.

Então ele começa a falar.

— A flor roxa é conhecida como a cor do primeiro amor. A suavidade da sua beleza é capaz aliviar tensões em um relacionamento conturbado, pois representa o autocontrole, calma e dignidade. Confiança. — Aliso seu rosto. Essa flor descreve perfeitamente o nosso amor. — Mas, principalmente, significa o início da união oficial de duas pessoas perante a lei do homem e de Deus, por isso eu gostaria de saber se você gostaria de casar comigo o mais breve possível? — O homem faz o pedido e o meu queixo literalmente cai.

Só acredito de verdade quando tira do bolso uma caixinha preta aveludada, na qual contém duas alianças cravejadas de pedras roxas.

Simplesmente lindas, únicas.

— É claro que eu aceito, meu amor, mas não acha que é muito cedo? Nós estamos namorando há pouco tempo, fora que brigamos o tempo todo e... — Ele fica de pé e me cala com um beijo. Somos contemplados por assobios e uma salva de palmas de todos os presentes.

— Estamos juntos mais do que tempo suficiente, mulher. Então não me venha com essa ladainha. Até filho já temos — resmunga, mandão, mas coberto de razão.

— Então é só marcar a data, e que Deus abençoe essa nova família que está começando de uma maneira tão peculiar. — Agora sou eu quem rouba um beijo. A verdade é que mal posso esperar para me tornar sua esposa e vivermos juntos, para que nosso filho cresça um menino muito feliz.

— Já marquei, querida. Os papéis estão todos prontos. Só vamos esperar seu irmão ter alta do hospital, afinal, o casamento não seria o mesmo sem a excentricidade de Edmilson para animar a festa. — Olho perplexa para o meu noivo. Ele já planejava fazer esse pedido faz tempo.

Bem que James me falou uma vez que o chefe sempre está a um passo à frente de todos, agora tenho certeza que sim! O fato de ele esperar para fazer a cerimônia apenas quando meu irmão estiver com condições de estar presente é um ato encantador.

— Vai ser uma honra ser sua esposa, minha vida. Daqui pra frente se resume em cuidar de você e do nosso filho. — Ele descansa a testa na minha, como se minhas palavras lhe trouxessem uma paz relaxante.

— Vocês vão se casar de verdade! Obaaaa! — Max corre e abraça nós dois ao mesmo tempo, minha mãe e irmã vêm nos cumprimentar também.

— Que família feliz! — Chega o médico de Edmilson, todo sorridente com a cena. — Eu trago uma notícia que vai deixar vocês ainda mais felizes. Edmilson está começando a acordar da sedação da cirurgia.

Chego a abraçar o médico de tanta gratidão e alegria, e John não faz cara feia nem nada. Acho que a paternidade está lhe fazendo muito bem.

— Então eu já posso mesmo ver meu filho, doutor? — minha mãe pergunta, com os olhos lagrimejantes.

Mesmo se não puder, pela cara de pena do médico, vai dar autorização. Bom, pelo menos assim eu espero. Porque não arredo o pé daqui até ver com meus próprios olhos que Dimy está bem.

— Eu abrirei uma exceção, deixando entrar duas pessoas da família, e que não seja o garoto, porque na UTI realmente só é permitido a entrada de crianças com mais de doze anos. Se o rapaz já estivesse na enfermaria, até poderia deixar passar, mas como ainda não foi liberado para ser transferido para lá, sinto muito!

Max abraça John e começa a chorar, escondendo o rosto. Tento argumentar com o doutor, mas realmente não tem jeito.

— Tudo bem, Max não precisa chorar. Em breve, quando seu tio for transferido para o quarto, vai poder vê-lo — John o conforta, mas o menino está inconsolável. — Na verdade, eu preciso te levar de volta para o abrigo até que eu consiga resolver a papelada da adoção. O promotor Pedro me orientou a pedir permissão à justiça para que você fique no abrigo do irmão dele, “Instituto Marley”, durante todo o processo. Disse que é um lugar incrível, cheio de crianças e pessoas do bem. Tenho certeza que vai gostar, filho — meu noivo explica pausadamente, e Max entende como um homenzinho responsável, parando de chorar.

Não consigo esconder minha surpresa ao ouvir John falando tão amigavelmente que conversou com Promotor Pedro. Pensava que os dois se odiavam, mas pelo visto andou acontecendo algumas coisas que não vieram ao meu conhecimento. Porém, fico imensamente feliz em saber que resolveram deixar as diferenças de lado e se tornaram grandes amigos.

— Ele realmente não pode ficar com a gente agora, amor?

— Não, Yudi, sinto muito, mas precisamos seguir à risca o que a lei pede, ou mesmo com a minha grande influência, não conseguiremos adotá-lo — esclarece e eu entendo perfeitamente.

Então me despeço do meu filho, esperando que por pouco tempo.

— Você precisa ser forte só por mais um tempinho, está bem, querido? — Ajeito seu cabelo e noto que sua roupa está suja. Precisa de um banho urgente. — Antes de ir para o instituto, John vai passar na casa de passagem para pegar suas coisas e assim poderá tomar um banho bem gostoso e relaxar na sua casa nova provisória — falo com um buraco rasgando meu peito. Mais uma vez ele vai ser levado para um lugar estranho com um monte de pessoas que nunca viu na vida.

Mesmo sendo pessoas boas, ainda não deve ser uma situação nada fácil para uma criança.

— Não se preocupe, Yudi, eu vou me dar bem no novo abrigo. Para quem morou na rua, isso é o paraíso.

O abraço bem forte antes de irem embora. Sua compreensão, sobretudo, é sempre muito reconfortante.

John deixa o hospital com o coração pesado por me deixar, mas agora não somos mais apenas eu e ele. Tem um serzinho que precisa de nosso total cuidado, amor e atenção.

Como somos duas irmãs e uma mãe desesperada para ver Edmilson, o médico em vez de apenas duas pessoas, acabou sendo muito legal conosco deixando as três entrarem na UTI. Me senti mal ao ver o caçula da família

nessa situação, o corpo ligado a um monte de fios que vêm de máquinas fazendo um barulho estranho.

De cortar o coração é quando minha mãe se senta ao lado do filho e começa a cantar um louvor que ele gostava de ouvir antes de dormir quando pequeno.

Aleluia

Pai eu quero te amar, tocar o teu coração

E me derramar aos teus pés

Mais perto eu quero estar Senhor, e te adorar com tudo que eu sou

E te render glória e aleluia

Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia

Quando lutas vierem me derrubar, firmado em ti eu estarei

Pois tu és o meu refúgio

Oh Deus

E não importa onde estiver, no vale ou no monte adorarei

A ti eu canto glória e aleluia

Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia...

— Sem condições de continuar cantando, minha mãe fica em silêncio, totalmente tomada pela emoção. Então, começo a cantar da parte em que ela parou. Carmem faz o mesmo.

Senhor eu preciso do teu olhar, ouvir as batidas do teu coração

Me esconder nos teus braços, oh Pai

A partir deste momento, nós três começamos a cantar juntas, formando um coral das mulheres da família Jackson. Em agradecimento a Deus, por ter protegido o nosso menino da morte.

Toda minha alma deseja a ti, junto com os anjos cantarei

Tu és santo, exaltado, aleluia

Aleluia, Aleluia, Aleluia,

Quando terminamos o louvor, Edmilson vai abrindo os olhos lentamente despertando aos poucos.

— Seja bem-vindo à vida, meu filho. Você ficou fora do ar a pouco tempo e já fez muita falta — diz nossa mãe, fazendo carinho no rosto de Edmilson.

— E o Max? — É a primeira coisa que pergunta.

— O nosso menino está bem, filho. John está cuidando dele agora — respondo. — Graças a você — concluo, orgulhosa.

— O Clark Kent mandou bem, hein?! Sempre gostei dele, agora gosto mais ainda — Edmilson fala com um pouco de dificuldade, como se sentisse dor, mas a satisfação e o alívio em seu rosto por Max estar bem, é notório.

— Você é um herói, moleque! E um ótimo cantor de funk. Yudi mostrou seu vídeo para nós — Carmem comenta e Edmilson arregala os olhos na direção da mãe, apavorado.

Acho que pretendia contar do seu sonho de ser funkeiro para ela de outra forma, então ele começa a fazer drama.

— Não estou me sentindo muito bem! Estou vendo anjos voando por todo lado. É Deus. Está me chamado. Posso ver a luz no fim do túnel — dramatiza Edmilson, que é mestre nisso.

Minha mãe faz cara de séria, fingindo estar brava, para ver até onde ele vai com essa encenação, mas louca para rir na cara dele.

— Não exagera, Edmilson, a mãe am... — Carmem tenta alertá-lo que nossa mãe amou o vídeo dele, mas ele a corta.

— Não precisa dizer mais nada, Carmezita, esse é o meu fim. Diga a todos da nossa família que amo cada um deles.

Então fecha os olhos como se estivesse fazendo a passagem para o outro lado, como nas mortes clássicas dos filmes, e coloca a língua para fora no canto da boca. De repente volta a si, para deixar um último pedido.

— Não precisa convidar a prima Gertrudes para o meu funeral. Ô mulherzinha nojenta, sô. Essa deixa de fora. — Volta para o além novamente, clinicamente.

— Tem certeza que é só isso, Edimilson? Não tem mais nenhum pedido para o seu velório? Vou anotar aqui para não esquecer na hora — debocho, já rindo.

— Não, mana! Agora eu fui mesmo. Adeus, mundo cruel. — Tosse mais algumas vezes em meio às palavras, para dar mais emoção à cena. Nem um astro de cinema faria melhor.

Vai deixando a cabeça cair lentamente para o lado, com direito a lágrima escorrendo no canto do olho e tudo.

— É. Pelo visto ele já está ótimo, pronto para outra. — Minha mãe revira os olhos, soltando uma gargalhada que nunca a vi soltar antes, até

porque com esse tipo de ato espontâneo na frente do marido faria com que ele a repreendesse.

— Acho que além de talento para música, ele tem para ator também. Nós deveríamos levá-lo para Hollywood, ganharia no mínimo um Oscar na categoria drama — minha mãe completa, ainda gargalhando alto, sem se importar que estamos na UTI, local onde mal pode fazer barulho.

— A senhora disse talento para música, mãe? Então a senhora viu o meu vídeo e gostou? Não importa que eu seja cantor de funk?

Quando lhe convém, fica bom rapidinho o danado.

— Claro que me importo, filho. Vou ajudar no que for preciso para realizar o seu sonho. Mas não quero saber de colocar palavras profanas nas suas músicas. Que seja algo para adultos e crianças cantarem e dançarem — dona Florinda ordena e eu assino em baixo, tenho certeza que minha irmã também. Nada de cantar putaria. É muito novo para isso e mesmo se não fosse, não achamos que seja legal.

— Nossa mãe está certa! Até porque, em breve eu e o meu boy magia vamos casar, e adotaremos Max como nosso filho. Não quero você dando mau exemplo para o seu sobrinho.

Dou a notícia assim, sem prepará-lo antes, e o moleque quase sai da cama pulando de alegria.

— Eita que agora Gasparzinho camarada voltou para nossa matilha e dessa vez para ficar. Que alegria saber disso — ele comemora.

— Além de ele estar de volta, agora nossa matilha tem novos integrantes.

Seguro a mão da nossa mão e irmã e rimos os três. Então cai a ficha do Edimilson de que nossa família está unida novamente.

— Essa, com certeza é uma cena que eu quero guardar para sempre na minha memória — meu irmão diz, emocionado.

Depois nós três o paparicamos. Na verdade, de um jeito ou de outro sempre foi desde que nasceu, até mesmo pelo zero à esquerda do pai dele.

— Mas agora conta, moleque, doeu muito no momento em que você levou o tiro? — Carmem não aguenta a curiosidade, e pergunta.

— Nossa! Doeu tanto que eu falei com Deus que se ele não viesse me buscar, eu ia subir para o céu sozinho. — Obviamente ele não ia deixar de soltar uma de suas preciosidades, fazendo até a enfermeira que entrou no quarto com a medicação dele achar graça.

Continuamos lá com Edmilson por um bom tempo. O médico passa por lá e assina a transferência da UTI para a enfermaria para que aconteça na manhã do dia seguinte. Diz que se ele continuar a responder tão bem à medicação, em breve poderá ir para casa.

Em determinado momento minha mãe diz que vai beber um pouco de água e percebo que está um pouco pálida, suando muito, sendo que dentro dessa UTI está um gelo. Deixo Carmem entretida conversando com Edmilson, e saio discretamente atrás dela, encontrando-a a andar pelo corredor com dificuldade, encostando na parede.

— Está tudo bem com a senhora, mãe? — Vou depressa ao seu amparo.

— Não sei, filha. Acho que minha pressão está alta. Com essa loucura toda, esqueci de tomar minha medicação para mantê-la controlada.

Ajudo-a se sentar em um banco que está próximo.

— Que perigo, mãe! Edmilson me contou recentemente que a senhora está fazendo um tratamento rigoroso e não pode ficar sem a sua medicação porque o quadro de hipertensão pode se agravar, causando um infarto ou coisa pior. Com as fortes emoções que vem tendo, só piora seu estado. — Olho para os lados na esperança de ver um médico ou alguma enfermeira para pedir que afira a pressão dela, mas não encontro ninguém.

— Tudo bem, filha, não se preocupe. Foi só um mal-estar. — Tenta me tranquilizar abrindo um falso sorriso, mas ela está cada vez mais pálida.

— Fica quietinha aqui. Vou buscar alguém para aferir sua pressão. — Deixo-a sentadinha no banco e corro à procura de ajuda. Só falta ela ter que

ser internada também, coitada.

Paro na recepção do pronto socorro e a moça diz que a médica clínica geral estava acabando um atendimento, mas que eu posso esperar do lado de fora da sala para falar direto com ela.

Assim faço, mas eu não esperava que a tal paciente fosse a desbotada da ex do meu noivo. A falsiane da Ercia. As duas cochicham baixinho, parecendo estar brigando. Diminuo o passo no corredor, fingindo estar entretida mexendo no celular, e abaixo a cabeça para não ser reconhecida. Não consigo escutar nada do que falam.

Depois de Ercia apontar o dedo na cara da médica como se a estivesse ameaçando, o que acho uma falta de respeito, já que se trata de uma senhora que deve ter quase o dobro da idade dela, a médica vai embora pisando firme, com as bochechas coradas de tanta raiva. Fico com uma pulga atrás da orelha. Aí tem! Seja o que for, eu vou descobrir e desmascarar essa cobra.

— A senhora está bem, doutora? — Me aproximo da médica, já começando a minha investigação, bancando a boa moça. — Eu estava de longe, mas percebi que a moça que estava conversando com a senhora parecia um pouco alterada. — Ela para a mão nos cabelos castanho claro curto, me olhando de canto de olho, desconfiada de que eu possa ter ouvido algo que não devia.

— Alterada nada. Aquela mulher é o verdadeiro diabo em pessoa — desabafa no susto, depois pensa melhor e pergunta, receosa: — Você chegou a tempo de escutar o que aquela louca estava dizendo? Porque se sim, não dê ouvidos. O que acontece é que uma mulher arrependida e mal-amada é capaz de tudo.

A pulga atrás da minha orelha cresce ainda mais, mas devo investigar em outra hora. Agora preciso dessa mulher como médica, pois minha mãe precisa de ajuda.

— Não se preocupe, porque eu não ouvi nada. — *Infelizmente*, completo mentalmente. — Eu vim atrás da senhora porque é a médica de plantão aqui hoje, e a minha mãe está passando mal. Acho que a pressão está muito alta —explico, aflita.

— Eu vou atendê-la. Me leve até ela.

Com isso a guio até minha mãe.

A doutora se mostra muito prestativa, é muito gentil e educada. Como se quisesse limpar sua barra, caso eu tenha mentido sobre não ter ouvido a conversa dela com Ercia. De fato, a pressão da minha mãe está alta. A mando da médica, a enfermeira a medica e coloca por um tempo deitada em um dos leitos vazios.

Enquanto minha mãe cochila um pouco, aproveito para fazer algumas

pesquisas sobre Ercia na internet. A sonsa não tem nenhum perfil nas redes sociais, nem há notícias recentes sobre ela, apenas as que tratam do acidente, que dizem a mesma coisa: “acidente com jovem filha de um empresário rico, causado por culpa do ciúme obsessivo do namorado”. O nome de John não aparece em momento algum nos textos. Com certeza tem o dedo dos seus pais juízes nisso, pois praticamente ninguém hoje em dia sabe do seu envolvimento, só quem os conhecia na época.

Mas não é isso que me chama a atenção. Apesar de o artigo falar que após a jovem ser atropelada por uma moto em alta velocidade foi levada às pressas ao centro médico mais próximo com muitos ferimentos graves, é só. Não diz mais nada além disso. Não tem nada sobre o que John me contou sobre Ercia ter perdido todo movimento do corpo e a fala. Depois a família se mudou para fora do país para se dedicar ao tratamento da filha amada.

Na boa? Para mim isso está tudo muito estranho. Um fato importante desse não podia ter deixado de ser colocado na matéria feita na época. Era para ter também alguma matéria falando da recuperação “milagrosa” da entojada. Tem muito mistério nessa porra toda, e eu pretendo desvendar cada um deles. Anoto o sobrenome da família e envio para James. Digo que já que é o melhor que conheço em vigiar a vida dos outros, que faça esse servicinho extra para mim em segredo.

Ele aceita logo de cara, ainda mais quando digo que é para ajudar o seu chefe com um grande “*problema*”.

Como se adivinhasse que eu estou aprontando por suas costas, John me liga logo em seguida. Ah! Mas se James deu com a língua nos dentes, eu pego aquele ruivo do caralho.

— Oi, amor, como o seu irmão está? — pergunta John, com a voz serena, sinal de que não sabe de nada, senão já estaria gritando comigo.

Por ora, o couro do ruivão está a salvo.

— Acordou mais falante do que de acostume, fazendo graça para todo mundo da UTI. O médico o liberou para ir para o quarto amanhã. Em breve terá alta para voltar para casa também. — Minha mãe remexe na cama como se fosse acordar, então vou para o lado de fora do quarto, falando mais baixo.

— Já que ele está melhor, meu amor, por que não vem em aqui para casa comer alguma coisa, tomar um banho quente e dormir para renovar as forças?

Mordo o lábio diante de sua proposta tentadora, mas sou obrigada a recusar.

— A pressão da minha mãe subiu, John. Ela foi atendida aqui mesmo e medicada, e agora está descansando um pouco. Não posso sair agora. Carmem está fazendo companhia para Edmilson e eu para dona Florinda.

— Espero que minha sogra se recupere logo. É incrível como a má influência do seu pai fazia mal para ela e a sua irmã. As duas mulheres que encontrei hoje no hospital são completamente diferentes das que conheci no jantar de noivado. Estão com um outro olhar, sorridentes — comenta ele.

Uma única maçã podre, se não separada a tempo, pode estragar o cesto todo.

— Estou feliz de ter minha mãe e irmã de volta. Agora com a recuperação de Edmilson e a chegada de Max em nossas vidas, para mim está tudo perfeito. — Suspiro de felicidade.

— Diz para o tio Dimy que eu estou fazendo um presente para ele. — A vizinha de Max é escutada no fundo da ligação. John não levou Max para o abrigo como havia dito.

Que bom! Ele está muito assustado e vai ser bom passar a noite de hoje com o *pai*.

— Tudo bem, querido, eu darei o recado para ele. — Sorrio, pensando que vou surtar de alegria caso queira começar a me chamar de mãe. Mas não vou forçar a barra. Quero que a iniciativa parta dele. — Um beijo grande e não vá ficar acordado até tarde — peço, porque se conheço bem o John, vai deixá-lo até de madrugada trabalhando para fazer seja lá o que esteja fazendo para dar de presente ao Edmilson.

— Tá bem, Yudi, eu não vou ir dormir tarde — ele promete.

Mas eu não acredito muito.

— Por que não deixou Max no abrigo mais cedo? — questiono.

— Eu cheguei a ir lá, mas ele estava tão triste que não tive coragem de deixá-lo. Conversei com o irmão do Pedro. Estudamos juntos quando jovens. Ele e a esposa disseram que não tinha problema o garoto passar a noite comigo já que pretendo adotá-lo. Prometi entregá-lo amanhã à tarde sem falta.

— Eu te amo, meritíssimo — declaro, cheia de amor por esse homem maravilhoso, lindo gostoso e protetor.

Eu sou uma mulher de sorte.

— Não mais do que eu! Isso eu garanto, Indiazinha — responde ele com aquela voz grossa capaz de seduzir qualquer mulher existente na face da terra em tempo recorde. Fico excitada na hora.

— Eu queria tanto passar essa noite sentindo o seu cheiro. Estou com saudade de dormir nos seus braços. — Puxo o ar pesadamente, pensando no quanto será maravilhoso dormir e acordar com ele todos os dias depois de casarmos.

— Nada me deixaria mais feliz. Não faz ideia de como senti falta dos

seus toques. Da sua boca na minha, do seu corpo debaixo do meu gemendo o meu nome enquanto te fodo com força do jeito que você gosta.

Puta que pariu! Estou com um tesão da porra. Chego a abanar o rosto, com calor.

— Você é muito safado, amor. Credo! — brinco.

— E você adora isso, safada! — Ele começa a rir. Palhaço!

— Na primeira oportunidade que eu tiver, mostrarei o quanto eu gosto da sua safadeza. Mas agora eu preciso ir cuidar da minha mãe. Eu te amo, Ursão. Dê um beijo no Max por mim e diz que o amo também.

Me despeço.

— Está bem, amor. Nós te amamos.

Assim encerramos a ligação.

Não consigo deixar de pensar no que a Ercia pode estar aprontando. Preciso parar essa mulher antes que ela tenha a chance de atrapalhar a família que eu e John estamos começando a formar ao lado de Max. Quando souber que adotamos uma criança e vamos morar juntos, ela vai surtar.

Como disse a doutora:

“Uma mulher mal-amada enciumada é capaz de tudo”.



Capítulo 47

John

— Que tal uma história antes de dormir, filho? — pergunto para Max enquanto ajeito seu cobertor cuidadosamente. Depois do nosso jantar, o coloquei para tomar banho a fim de dormir limpo, mas tem mais de trinta minutos que estamos deitados no quarto de hóspedes sem nem um pinga de sono, tagarelando o tempo todo.

Esse cômodo fica no mesmo andar da minha suíte e em breve será reformado com uma decoração mais alegre, apropriada para alguém da sua idade. Se tornará, oficialmente, o quarto do Max. Mas não contei isso para ele, pois quero fazer uma surpresa quando vier morar aqui de vez.

— Claro, *pai*, obrigado! — Max me chama de pai pela primeira vez no impulso. Tanto ele quanto eu não esperávamos por isso, então um silêncio constrangedor se faz presente por longos segundos. — Desculpa, Sr. Thompson, saiu sem querer.

O pequeno diz, todo sem jeito, com medo que eu me zangue com ele.

— Está se desculpando por que, campeão? A partir de hoje eu e

Yudiana somos seus pais. Não sabe a alegria que tive ao te ouvir me chamando de pai pela primeira vez. — Minha voz falha. Eu realmente estou emocionado em ter essa conversa com Max. — Nunca imaginei que teria a sorte de ter um filho um dia, mas se eu pudesse escolher, seria exatamente como você, sem nenhuma sombra de dúvida.

Seus olhos transbordam em lágrimas, completamente tocado pelo que eu disse. Cada palavra que proferi é a mais pura verdade que carrego no coração.

— Obrigado por ser tão bom para mim, pai. Eu te amo! — Ele me abraça e chora de alegria até pegar no sono, e eu choro junto, em silêncio, sem saber o que fazer para controlar essa onda de sentimentos novos crescendo cada vez mais dentro de mim.

Nunca mais deixarei que mal nenhum aconteça com essa criança. Max já sofreu demais. Ele ainda tão novo carrega dores de uma vida toda. Viverei para protegê-lo. A paternidade causa uma sensação estranha, uma felicidade sem tamanho que a gente não sabe se ri ou se chora. Quando eu e Yudiana começamos a namorar, antes mesmo de ela revelar que não podia engravidar, foi um grande alívio, a princípio. Ter filhos era uma opção totalmente fora de questão para mim.

O fato de ter que dividir o amor da mulher que amo com alguém era

apavorante. A queria toda para mim. Qualquer um que pudesse tomar, mesmo que só um pouco, da sua atenção no nosso relacionamento, se tornava meu maior inimigo. No entanto, com Max é diferente. Sua presença não atrapalha nada. Só completa nossa felicidade, melhor dizendo, aumenta a cada segundo mais. Pode parecer estranho dizer tão cedo, mas depois que peguei a responsabilidade de assumir o papel de pai em sua vida, sinto-me outro homem. Menos ansioso e egoísta na parte sentimental. Para eu ser feliz, ele precisa estar também.

Ao tentar tirar os braços de Max em volta do meu pescoço para deitá-lo corretamente na cama para que descanse melhor, o seu sono que até então parecia profundo, fica agitado, choramingando e debatendo os pezinhos. Seguro sua mão, afagando-lhe os cabelos até que volte a dormir em paz. Meu pai fez isso comigo várias vezes quando eu era criança nas vezes em que acordava assustado no meio da noite depois de algum pesadelo. Hoje eu estou fazendo o mesmo pelo *meu filho*.

Eu nem percebo quando o sono chega e acabo dormindo pesadamente também. Acordo no outro dia de manhã, mas Max não está mais dormindo ao meu lado. Logo escuto suas altas risadas ecoando pela casa, assim como os latidos do seu cão, Luck, vindo do andar de baixo. Curioso, desço apressado para ver quem trouxe o animal para fazer a alegria do garoto.

Quando chego na cozinha, me divirto ao ver meu filho brincando enquanto sua mãe prepara nosso café da manhã. Acho que Yudiana está tentando fazer um bolo, porque é farinha para todo o lado, principalmente na roupa e rosto de Max, como em toda pelagem de Luck.

— Bom dia, família — cumprimento-os alegremente, só então eles notam minha presença.

Como é bom vê-los tão bem familiarizados com essa casa. Só a presença dos dois, melhor dizendo, três, porque o cão Luck também entra na conta como membro da família, já torna muito mais aconchegante e caloroso. Como um lar de verdade. Estou ansioso para presenciar cenas como essa em todas as manhãs. Não sei como sobrevivi nesse lugar tanto tempo sozinho.

— Bom dia, pai. Olha quem veio fazer companhia pra gente. — Sou recebido por um menino entusiasmado, que fala e pula ao mesmo tempo. Não consegue ficar parado de tanta animação.

— Vi sim, filho. Dormiu bem? — pergunto com um sorriso que mal cabe no rosto de tão grande, mas não maior do que o da minha noiva ao ouvir nosso filho me chamando de pai com tanta naturalidade.

— Muito bem! Acordei com os latidos de Luck pulando em cima da cama, enquanto Yudi chorava olhando a gente dormir. Eu disse para ela que está tudo bem agora porque somos uma família, e o senhor vai cuidar da

gente — explica Max inocentemente. Sei que Yudiana estava chorando de alegria em ver nosso filho em casa longe de qualquer perigo que esse mundo cruel pode oferecer.

— Seu pai sempre cuidou de nós, querido. Até mesmo sem a gente saber.

Yudiana olha para mim de um jeito que me faz sentir imbatível e ainda mais louco de amor por ela.

— Verdade! Meu pai é o meu herói. — Meu filho mais uma vez enche meu peito de orgulho. Sinto que será assim sempre em tudo que ele fizer em sua vida.

— Ele é meu herói também, meu amor. — Minha noiva pisca para mim.

— Quando eu vou poder ver o tio Dimy?

— Hoje mesmo! Ele já foi levado para o quarto e o médico dele autorizou sua entrada por alguns minutos. Fiz questão de vir te dar a notícia pessoalmente, e no caminho ainda aproveitei para passar em casa e trazer o Luck. — Max sorri amplamente. Só tem feito isso depois que o padrasto foi preso. — Agora, por que não vai lá se arrumar? Depois de visitar seu tio, precisamos levá-lo para o novo abrigo. — Ele assente e sai correndo para fazer o que Yudi pediu, mas antes de chegar à porta ele volta para abraçá-la e

diz:

— Obrigado por ter me levado para casa quando me achou na rua. Se hoje sou a criança mais feliz do mundo, é por sua causa... mãe. — Ele beija o rosto dela e continua seu caminho de onde parou, com cão correndo atrás dele, latindo e balançando o rabo fervorosamente.

— Ele me chamou de mãe ou eu estou enganada? — Yudiana encosta-se à mesa, levando a mão ao peito com o queixo trêmulo, meio que em choque.

— Eu sei exatamente o que está sentindo, amor, porque senti o mesmo ontem quando Max me chamou de pai pela primeira vez. — Pisco para ela, convencido, então a ficha dela cai para um detalhe importante que até eu havia deixado passar despercebido.

Mulher é igual investigadora do FBI. Não deixa nenhuma informação passar aos seus olhos de águia.

— Espera aí só um minuto para eu ver se entendi certo. Eu que resgato o garoto na rua e passo um perrengue danado para mantê-lo seguro e escondido, para no final da história ele chamar você primeiro de pai? Que traidor! Tão pequeno e já virou casaca para o seu lado — brinca Yudiana, bancando a mãe ofendida, mas é bom que ela vá se acostumando com a minha parceria com nosso filho.

Sinto que Max e eu seremos o tipo de pai e filho cúmplices em tudo. Grandes amigos, juntos nos bons e maus momentos.

— O time dos meninos é maior agora, amor. Aceita que dói menos!
— Dou de ombros, debochando dela, que faz careta e mostra a língua para mim.

— Agora você não é mais o único homem da minha vida. Acha que consegue lidar bem com isso, John? Dividir de boa o espaço com Max dentro do meu coração? — indaga, receosa.

Com um ar muito sério em suas feições, Yudi me abraça.

— Nunca. Nem sequer cogitei a possibilidade de ter que dividir você com outra pessoa, mesmo que com o nosso próprio filho. Mas quando dei por mim, eu estava completamente tomado por um imenso amor paternal por Max, e é impossível imaginar nossa vida sem ouvir as risadas do pequeno e os latidos do seu cão alegrando essa casa — declaro e ela sorri, relaxando os ombros.

A tomo em um abraço de urso, beijando seus lábios apaixonadamente. Estou louco de saudade de ficar sozinho com ela entre quatro paredes.

— Para, John. O Max está aqui e pode descer a qualquer momento, pegando a gente nesse esfrega todo.

Paro o beijo no meio, apenas para dizer:

— Para de bobeira, amor, ele não é mais criança. É bom que veja o quanto os pais dele se amam, e que não pensam nunca em se separar.

Volto a beijá-la com mais fervor, a imprensando entre o meu corpo e o balcão de mármore da cozinha, mordendo seu lábio inferior.

— Liguei para os meus pais avisando que adotamos uma criança e que muito breve vamos visitá-los. Conteí toda a história de Max. Além de orgulhosos pela nossa atitude, estão loucos para conhecer o neto. Se tem uma coisa que os dois têm incomum é o amor por crianças, principalmente meu pai — comento.

— Que bom, Ursão. Max vai amar saber que tem mais um avô e avó. Fora que ainda preciso apresentá-lo ao Joe. Já estou até vendo-o surtar quando souber que agora tomei juízo de vez, casando com um juiz respeitado e tendo um filho lindo.

— Ele já sabe de tudo, amor. Pedi sua mão para Joe durante o resgate de Max na Venezuela. O apoio dele foi de grande valia. Nosso filho o adorou. Achou tão engraçado que até o chama de “*tio Joe*” — conto sem querer, sem preparar o terreno antes de falar sobre o perigo que eu e outras pessoas importantes para ela corremos resgatando nosso filho em outro país, trabalhando ao lado de um gângster perigoso e o seu exército de bandidos.

— Joe ajudou no resgate de Max na Venezuela? Eu nem sabia que o

padrasto dele tinha o levado para outro país. Por favor, me conta essa história direito, Thompson. Agora mesmo! — exige.

Antes que eu possa abrir a boca, sentimos um leve cheiro de queimado e Yudi vai apressada dar uma olhada no seu bolo assando no forno. Inclina o corpo empinando a bunda farta para cima, oferecendo-me uma vista privilegiada. Sento, pegando uma pera dentro da cesta sobre a mesa. Quando minha empregada, Rita, chegar mais tarde, vai levar um susto encontrando a bagunça que sua futura patroa aprontou na cozinha dela, a qual tem tanto tem ciúme.

— Não somente Joe ajudou, como James, Delegado Avilar, Promotor Pedro, Gonzáles e o seu primo de segundo grau, Herus, um gangster colombiano conhecido em toda américa latina como o rei do crime. — Faço um resumo. Se eu for contar a história toda vai levar no mínimo a manhã toda.

Yudiana joga a travessa com o bolo horroroso na mesa. Todo torto, um pouco queimado nas bordas, mas o cheiro até que está gostoso.

Levo o dedo para provar, mas ela dá um tapa na minha mão antes que chegue a furar seu bolo.

— Gangster colombiano? Sério que existe isso de verdade? Pensei que fosse só em filme tipo o Poderoso Chefão. — Ela arrasta uma cadeira

para perto da minha, interessada em ouvir mais da história.

Enquanto esperamos Max descer para tomar o café da manhã conosco, sou obrigado a contar para ela cada detalhe da nossa grande aventura na Venezuela.

Quando chegamos ao hospital no horário de visitas, minha sogra e cunhada aproveitam nossa presença para ir em casa descansar um pouco e renovar as forças. Assim que Max entra no quarto de Edmilson, anda apressado até sua cama para pular no pescoço do tio, explodindo de alegria.

— Calma aí, Gasparzinho, que eu ainda estou com dor até na minha alma. — Edimilson faz Max rir logo de cara. Acho que por isso o garoto gosta tanto dele. Sua presença o alegra.

— Eu estou tão feliz que o senhor está bem, tio Dimy. Sabia que agora eu sou filho da Yudiana e do Sr. Thompson de verdade? — conta a novidade quase que aos gritos, sua mãe leva o dedo aos lábios como sinal de que não pode falar alto em um hospital.

Max encolhe os ombros, soltando uma risadinha, se desculpando.

Pelo visto Yudiana será uma boa mãe, mas se precisar chamar a atenção do filho, fará independente do lugar que esteja. Se ela já faz isso comigo armando barraco quando faço algo que não lhe agrada, imagino com Max como será.

— Claro que eu sei, amiguinho. Parabéns pela família nova. Nossa matilha está ficando cada vez maior, e feliz. — Edmilson e Max se olham, trocando sorrisos.

Depois batem as mãos, iniciando outra conversa sobre níveis de videogame. Eu e Yudi damos uma volta pelo jardim do hospital para deixar os dois a sós e assim colocarem a conversa em dia. Tio e sobrinho precisam desse tempo juntos.

Depois que a visita termina vem a parte mais difícil: deixar Max no abrigo do irmão mais velho de Pedro. Somos recebidos por Juliene e Romeu Alcântara, os responsáveis pela criação do instituto Marley.

— É uma honra muito grande receber Max aqui no nosso abrigo por um tempo. Não precisam ficar preocupados. O lugar é muito seguro e bem equipado para acolher pessoas de todas as idades. Temos a ala feminina, masculina e as das crianças, que é onde o pequeno de vocês ficará — explica Juliene e devo admitir que a cunhada de Pedro é mais jovem do que eu esperava.

Mas sua maturidade na forma de explicar tudo em relação ao abrigo enquanto nos apresenta o local é visível. Parece ser uma pessoa muito responsável, habilitada a estar de frente em um projeto tão grandioso. Estou impressionado com a estrutura desse lugar. É enorme, muito bem equipado, com tudo novo e extremamente limpo e organizado. Tem muitos empregados fixos e voluntários também, doando amor ao próximo.

Com muita dor no coração, acompanhamos Max até o alojamento das crianças. Não tem nenhuma no local no momento, porque hoje eles estão passeando na praia.

— Muito obrigado por estarem acolhendo meu filho provisoriamente com tanto carinho. Pedro não estava exagerando quando disse que esse lugar é incrível. — Aperto a mão de Romeu enquanto nossas mulheres ajudam Max a arrumar as coisas. Elas conversam animadamente, como se já fossem amigas há muito tempo.

— Não precisa agradecer, Thompson. Fico feliz de ter o prazer de reencontrá-lo depois de tanto tempo e ver o homem respeitado e pai de família que se tornou. Lembro da época em que estudamos no mesmo colégio. Isso já faz décadas, mas lembro perfeitamente de como ficou destruído depois do trágico acidente de Ercia.

— Eu era um garoto com sérios problemas em controlar minhas

emoções, imaturo demais para ouvir os conselhos do meus pais e terminar o namoro, buscando ajuda profissional. Tive que destruir a vida de uma moça inocente, cheia de sonhos e bondade no coração, para perceber o quanto meu problema com o ciúme era grave. — Baixo o tom de voz, envergonhado. Não quero que Yudiana perceba que estamos falando de Ercia e se aborreça.

— Mas na minha opinião, mesmo com o seu “temperamento forte”, ela nunca mereceu o sentimento enorme que nutria por ela. Quando não estava perto, John, ela se transformava em uma garota completamente diferente e... —No momento em que ia chegar na melhor parte, nossas mulheres se aproximam de nós, dizendo que as coisas de Max já estão devidamente organizadas.

Obviamente damos o assunto por encerrado. Fico curioso em saber o que Romeu está querendo dizer sobre o tipo de garota que Ercia era na época da escola quando eu não estava por perto, mas acabo deixando pra lá. Não importa mais agora.

Nos despedimos de Pedro e Juliene, depois é a vez de Max, que se comporta como um verdadeiro homenzinho, entendendo perfeitamente que ficará ali apenas por pouco tempo. Vamos embora com um aperto no peito por deixar nosso filho para trás, mas tentamos nos apegar ao fato de que será por pouco tempo.

A primeira semana sem ele passa voando. No sábado os meus pais resolvem fazer uma visita surpresa, dizendo que queriam conhecer o neto. Parecia uma boa desculpa até minha mãe e Yudiana começarem a ficar cochichando por todos os cantos da casa. Algumas das vezes com a participação de James. Eu e o meu pai achamos isso tudo muito estranho, mas nem eu ou ele somos loucos de perguntar para as duas do que se trata.

Estou na torcida para que seja algo sobre nosso casamento. Yudiana disse que só vai morar comigo depois que assinar os papéis e darei um jeito nisso em breve. Tenho todos os documentos prontos, é só assinar. No início da tarde levo meus pais para conhecer Max e minha mãe fica louca com a inteligência e a maturidade do pequeno; já meu pai, leva uma chuva de presentes para o neto e as outras crianças que vivem lá.

Em determinado momento da visita a diretora do abrigo, Juliene, me chama no canto para falar que uma mulher muito estranha de óculos escuros fez uma visita para as crianças ontem dizendo estar interessada em ser uma voluntária para ajudar no que precisarem. Até então parecia algo normal, só que ela começou a fazer muitas perguntas sobre um novo garoto que chegou recentemente no Instituto, e todas as características físicas batiam exatamente com as de Max.

Juliene me garantiu que ninguém confirmou nada para a mulher

misteriosa sobre a criança que estava procurando. Ela comentou sobre o assunto com o marido, e ao mostrar as gravações captadas pela câmera de segurança da entrada da frente, Romeu reconheceu a mulher imediatamente e pediu a ela para falar diretamente comigo sobre o assunto. Quando coloco os olhos nas tais imagens, mesmo disfarçada com roupas estranhas e óculos escuros cobrindo a maior parte do rosto, reconheço Ercia logo de cara.

O que essa louca está querendo vindo atrás de Max?

Ela que ouse chegar perto do meu filho ou não respondo por mim. Ercia está brincando com fogo.

Ligo para Yudiana imediatamente, contando tudo. Estranhamente, ela, diferente de mim, se mantém calma, dizendo que ela e minha mãe já têm toda situação sob controle, e que Ercia será desmascarada na frente de todos ainda hoje. Fico confusa. Essa história está muito estranha. Resolvo voltar para casa imediatamente, mas no caminho tento arrancar maiores informações sobre o assunto com minha genitora. Acontece que ela quando guarda um segredo, é pior do que um túmulo. Não solta uma palavra que seja, nem com meu pai implorando, tão preocupado quanto eu.

Chegando a casa, Yudiana espera por nós sentada no sofá da sala, ao lado de James, que tem a expressão tão apreensiva quanto a dela.

— Tudo certo com o combinado, Yudiana? — minha mãe pergunta e

Yudi assente sem olhar para mim. Sabe que odeio quando me escondem as coisas.

— Será que só eu e o meu pai não estamos sabendo de nada aqui? Pode começar contando tudo, James. Sou eu quem paga seu salário, então deve obediência a mim e não à minha mãe ou à minha noiva. — Perco a paciência, já de saco cheio de segredos.

— Desculpe, chefe, mas eu fiz uma promessa de não contar nada para o senhor até colher as provas suficientes que dona Sonia e Yudiana pediram. Se quiser me demitir, tudo bem, mas antes o senhor precisa saber de toda a verdade sobre sua ex-namorada da boca dela própria. Já temos a arapuca armada.

James me deixa ainda mais confuso e deslizo as duas mãos pelo rosto, preocupado.

— Só confie em mim e na sua mãe, John. Queremos te livrar dessa cobra da Ercia de uma vez por todas — Yudiana pede calmamente, e eu não vejo outra saída além de confiar nas duas e ver onde isso vai dar.

— E como vocês pretendem conseguir isso? — questiono, tentando manter a paciência. Odeio não estar no controle da situação.

— Apenas nos siga, meu filho, e veja com seus próprios olhos que eu não nunca estive errada quando dizia que essa Ercia não valia nada.

Minha mãe sai andando em direção à porta, com minha noiva ao seu lado. Eu e o meu pai nos entreolhamos.

— Nós estamos perdidos com essas duas mulheres! — Meu pai coça a nuca, apenas solto um longo suspiro. Hoje o dia promete.

— E vocês ainda não sabem da missa a metade. Quero morrer amigo da dona Sônia e de Yudiana. — James dá a sua deixa.

Debaixo do meu olhar feio, parte atrás das duas justiceiras, andando a passos largos. Faço o mesmo, e meu pai vem logo atrás.

Vamos parar em uma clínica médica particular em um bairro de classe média alta do Rio de Janeiro. James fica esperando por nós no carro. Nem precisamos anunciar nossa presença na entrada, pois já vamos logo passando direto, indo em direção a um consultório no final do corredor. Uma senhora distinta nos espera na porta, toda vestida de branco, e no seu jaleco tem uma plaquinha na qual se lê: “Dra. Joelize”.

— Vocês estão atrasados! Entre logo e se escondam na sala de exames que ela deve estar quase chegando. Se vir um de vocês aqui, nosso plano será destruído — diz a senhora, demonstrando sinais de inquietude.

Yudiana pega no meu braço e sai me arrastando para a tal sala de exames. Minha mãe faz o mesmo com meu pai e tranca a porta.

— Por que estamos nos escondendo aqui, Yudiana?

Minha noiva além de não me responder, tapa minha boca com a mão, revirando os olhos.

Instantes depois ouço uma voz fina feminina que conheço muito bem. Ercia acabou de chegar no consultório da doutora.

— Então quer dizer que a senhora Doutora Joelice, enfim resolveu deixar esse fardo de consciência de lado e assinar outro laudo falso para mim? — Ercia proclama em um tom debochado, rindo e falando ao mesmo tempo.

— Eu nunca devia ter caído na tentação de aceitar aquele bendito dinheiro dos seus pais para assinar um laudo falso dizendo que você tinha perdido os movimentos do corpo e a fala no acidente que sofreu só porque queria se livrar de uma vez por todas do seu namorado “problemático” para se mudar em paz com seus pais para os Estados Unidos, dando continuidade à sua vida normalmente, já que a única coisa que teve foram algumas escoriações e um ombro deslocado.

Acho que meu coração parou de bater, pois mal consigo me mover, sentindo-me como se estivesse sem ar.

A sensação de descobrir ter sido enganado por alguém que já foi muito importante na sua vida é simplesmente devastadora. Como se uma parte de você fosse roubada e nunca mais conseguirá recuperar. Talvez a

ingenuidade, um pouco da inocência e o medo de voltar a confiar em alguém um dia e ter o coração partido novamente.

Não sei se conseguirei me perdoar um dia por me deixar ser enganado tanto em relação a uma pessoa que não valia nada. Infelizmente, a única coisa que posso fazer agora é transformar toda essa tempestade que vivo durante todos esses anos seja um grande aprendizado.

— Eu era uma adolescente tola, pensava que com o temperamento descontrolado de John se tornaria um homem fracassado sem eira e nem beira que destruiria minha vida com o seu ciúme doentio. Precisava me livrar dele, então aproveitei o acidente para inventar toda uma história e ainda sair como santa da história. A pobre coitada inválida, e ele o culpado de tudo diante de todos.

— Eu nunca vou entender como esse rapaz nunca percebeu a cobra que você é de verdade. Não pensa no sofrimento que as suas atitudes causam nas outras pessoas?

— Eu sempre fui boa em me fazer de santa, doutora. O idiota não fazia ideia da puta que eu era, porque estava cego de amor por mim. Coitado! Não sabe ele, que pelas suas costas fiquei com a metade dos garotos do colégio, para não dizer todos.

A desgraçada gargalha maquiavelicamente, achando graça das maldades que fez comigo.

Tomado pela raiva, tento sair para dizer tudo o que Ercia merece ouvir. Mas Yudiana me impede. Ela quer que escutemos o resto da conversa.

— Isso não tem graça, Ercia. O que fez foi muito grave! Aproveitar um acidente para inventar uma mentira absurda dessa só para se livrar de um namorado ciumento, é loucura. Um crime. Sabia do problema do seu namorado em lidar com o ciúme e usou isso para montar toda uma cena para culpá-lo por uma tragédia que nunca aconteceu. O pior é que seus pais embarcaram nessa na época, só porque não gostavam do rapaz e jamais aprovou o namoro de vocês.

— Eu e os meus pais não armamos essa farsa sozinha, doutora. Sem sua ajuda assinando meu laudo falso, nunca teria dado tão certo. Me divertia muito ouvindo os gritos de John na recepção do hospital, implorando para me ver. É incrível a sensação de ter alguém que te ama mais que a própria vida.

Sou obrigado a fechar os olhos, assim como os punhos, para conter o meu ódio. Lembro o quanto estava devastado nesse dia, com medo de perdê-la. Sendo que estava muito bem, zombando de mim o tempo todo.

Como pode existir alguém tão egoísta e má no mundo? Não se importa com o sofrimento alheio, se livra das pessoas como se fossem um

papel descartável.

— Por que teve esse trabalho todo para se livrar do seu namorado problemático, fazendo da vida dele um inferno a ponto de ser internado em uma clínica psiquiátrica, para agora você aparecer do nada, Ercia, disposta a fazer tudo para tê-lo de volta? Até fingiu que tentou se matar e agora quer outro laudo médico falso dizendo que sua saúde está fragilizada novamente?

A doutora chega no ponto em que eu queria. Preciso saber por que essa maluca voltou do inferno para me atormentar.

Essa desgraçada vai me pagar por todo sofrimento que me causou, ou não me chamo John Thompson.

— Porque diferente do que eu pensava, John não se tornou um fracassado, mas sim um homem de sucesso, respeitado em todo país. Como minha família está falida e de malas prontas para voltar para o Brasil, vejo nele meu pé de meia para continuar tendo meu padrão de vida de luxo. Se usei a culpa do meu acidente para afastá-lo de mim, posso usar a mesma culpa para trazê-lo de volta, obrigando-o a ficar ao meu lado com o laudo falso que a senhora vai me dar, dizendo que preciso de cuidados especiais ou voltarei a ficar entrevada novamente.

Seu tom vitorioso como se já tivesse ganhado esse jogo me enoja. Ela tem certeza que pode conseguir me enganar novamente dando outro golpe de

mestre e sair ilesa.

Eu a destruo antes mesmo que possa tentar se aproximar de mim novamente. Com os meus sentimentos ela não brinca nunca mais!

Manipuladores têm uma maneira de brincar com a verdade para retratar a si mesmos, coitadinhos. Uma vez que escolhe suas vítimas, vai fazer de tudo para mantê-las ao redor, usufruindo o máximo possível de tudo o que o outro tem.

— E acha mesmo que ele vai cair nesse papo furado, Ercia? Você mesmo disse que ele tem uma namorada agora, vão casar e adotar uma criança. Aliás, como sabe tanto da vida do Juiz Thompson?

Mais uma vez a doutora chega num ponto importante. Com certeza foi orientada pela minha mãe a fazer as perguntas certas, conduzindo a conversa para arrancar dessa louca o máximo de verdades possíveis.

— Eu tenho um informante no fórum. Uma das secretárias dele ganha uma graninha para me passar informações. Quanto à sua namorada, eu me livro dela depois. A criança até estou disposta a aturar para impressionar John. Mas depois que nos casarmos, vou mandar esse diabinho para um internato nos quintos dos infernos.

Isso para mim passa de todos os limites. Abro a porta com um chute, saindo da sala igual a um furacão, indo para cima das duas.

— Eu vou colocar as duas na cadeia por falsificação médica. Quanto a você, dona Ercia... Se eu pudesse te matava agora mesmo! Mas farei pior, destruindo sua vida e da sua família, colocando o crime que fizeram em público. Não vou parar até perderem o último centavo que têm — Torço os punhos aos berros, me controlando para não esmagar o pescoço dela. Nunca imaginei que pudesse odiar tanto alguém um dia.

Os olhos de Ercia estão arregalados, o rosto vermelho de vergonha, pois sabe que depois da merda toda que ouvi, farei da sua vida um verdadeiro inferno.

— Mas Yudiana e Sonia prometeram que se eu ajudasse a desmascarar Ercia na sua frente, não me denunciariam. Me aposento essa semana e de toda forma não poderei mais atuar como médica. Sei que não é desculpa, mas na época, quando fiz o acordo com os pais dessa louca, foi porque eu estava com muitos problemas financeiros. Depois que soube o estado caótico que você ficou, John, por causa de uma mentira que eu ajudei a criar. Mas eu me arrependi. Só que era tarde demais para voltar atrás. Espero que um dia possa me perdoar por isso, John — a médica se explica e apesar de sentir sinceridade no que diz, não me comovo nem um pouco. É tão culpada quanto Ercia. Para mim, nenhuma das duas valem nada.

O que mais me dói é saber que minha mãe e noiva fizera um trato

livrando a cara dessa falsificadora de laudo sem me consultar. Agora estou de mãos atadas para fazê-la pagar pelo crime.

— Eu não posso fazer nada contra a senhora, doutora, porque minha própria mãe e a mulher que diz me amar me apunhalaram pelas costas, fazendo esse acordo com você. Vou descontar toda minha raiva em cima da sua cúmplice. Essa não vai escapar das minhas garras tão facilmente. Vai pagar dez vezes mais por cada lágrima que derramei por sua causa, por desejar fazer mal ao meu filho que não tem nada a ver com isso.

Grito cada vez mais alto, impulsionado pela minha ira. A doutora vai se encolhendo, com medo da minha reação e das consequências dos seus atos.

— Por favor, meu amor, se acalme. Eu fiz isso tudo por amor. Tenho certeza que se me der mais uma chance, posso consertar tudo de errado que fiz no passado e ser uma ótima mãe para o seu filho. O que falei sobre mandá-lo para um internato... esquece, foi da boca pra fora. Esqueça essa história do acidente, faz parte do passado.

Ela tenta se explicar, como se tivesse tido alguma razão para todas as merdas que fez.

— Eu juro por Deus, Ercia, que se você tentar se aproximar do Max novamente, eu te mato. Ouviu bem? — Perco a cabeça e a ameaço. Se fosse

um homem, seu rosto já estaria deformado nesse momento.

— Não fala assim, filho. Os homens da nossa família nunca relaram o dedo em uma mulher, por mais que essa mereça — meu pai interfere, entrando na minha frente, tentando me acalmar. — Te criei para ser um homem íntegro. Não deixe a raiva te cegar. Faremos essa mulher pagar onde dói mais nela. No bolso. Pelo menos agora está livre da culpa desse acidente. Isso é o que de fato importa.

Ele tem total razão. Quero deixar a família dessa desgraçada na rua.

— Ainda bem que a minha integridade não se adequa para vacas trapaceiras. Vou ensinar agora a essa sonsa, a nunca mais mexer com o meu homem ou com o nosso filho.

Yudiana avança em cima da Ercia, enchendo seu rosto de tapas e mais tapas.

Meu pai ameaça entrar no meio para separar, mas minha mãe o impede. Eu onde estou, permaneço. Que Yudi dê a lição para essa cobra que eu não posso dar. Pegando-a pelo cabelo, sai arrastando Ercia para fora do consultório. Quando chega na rua, rasga seu vestido, deixando-o todo furado.

— Para com isso, sua louca. Você está me machucando! — Ercia chora, tentando se esquivar dos golpes de Yudiana, mas minha noiva sabe ser má quando quer e a derruba chão.

— Você não me viu louca ainda, sua vagabunda. Não quero ver sua cara nunca mais. Se tem amor à sua vida, não volte a cruzar meu caminho novamente. Eu tenho gente barra pesada trabalhando para mim, as quais o seu pai deve muito dinheiro. Se alguém da sua família voltar a pisar em qualquer país da América latina, nunca mais voltarão a ver a luz do dia. Eu garanto — ameaça Yudiana, segura.

Não parece estar mentindo. Quem é essa gente barra pesada a quem o pai da Ercia deve dinheiro?

— Acha mesmo que vou acreditar nisso, sua barraqueira? A empresa do meu pai faliu por isso. Estamos voltando para o país. Ele não está devendo dinheiro para agiota nenhum. — Ercia consegue irritar Yudiana ainda mais, então leva outra sequência de tapas nos dois lados do rosto.

— Se não acredita, sua vagabunda, da próxima vez que falar com o seu pai, diga a ele que Herus mandou lembranças. Como cortesia, ainda ofereceu gentilmente alguns de seus homens para fazer sua escolta até a casa da sua família nos Estados Unidos. — Um carro preto de vidros escuros aparece e dois homens grandes, musculosos e cheios de tatuagem e cabelo comprido, pegam um de cada lado nos braços de Ercia e a jogam dentro do veículo, levando-a embora. Espero que para bem longe de mim.

Para nunca mais voltar.

— Muito bem, filha. Essa não incomoda mais ninguém da nossa família — minha mãe diz, orgulhosa, ajudando a nora a se recompor.

Mas Yudiana está mais preocupada em se desculpar comigo, por ter agido novamente pelas minhas costas.

— John, eu não te contei nada porque... — começa a se explicar, mas eu corto. É melhor não discutirmos isso agora. Posso dizer coisas das quais vou me arrepender depois.

— Só vamos embora. No caminho vou te deixar no seu apartamento. Preciso ficar um tempo sozinho para digerir tudo o que houve aqui.

Yudiana não fala mais nada. Apenas concorda de cabeça baixa, fitando os próprios pés.

Pensei que fazíamos parte do mesmo time, mas não é o que está parecendo. Minha mãe também mentiu para mim e até mesmo meu melhor amigo, Gonzáles, escondeu que o pai da Ercia deve muito dinheiro para o primo gângster dele. Minha dívida com esse homem cresce cada vez mais. Tenho até medo de qual será o custo disso. Herus é o tipo que não dá ponto sem nó, faz tudo de caso pensado.

O pior não foi descobrir que vivi anos infernais por conta de uma mentira, mas sim que até hoje pessoas que amo continuam mentindo para mim. Isso acabou definitivamente comigo.



Capítulo 48

Yudiana

No caminho de volta para casa, fico muito magoada pelo silêncio doloroso que se instalou dentro desse carro. Depois de todo sacrifício que eu, Sonia e James tivemos, com uma ajudinha extra de Gonzáles, a fim de conseguimos nos livrar da desbotada da Ercia de uma vez por todas, John está bravo comigo. Era para estarmos comemorando agora, e não nesse clima de velório.

Quando James começou a seguir a víbora a meu pedido, contei para ele que ela antes de vir atormentar nossas vidas morava nos Estados Unidos com os pais para fazer os supostos tratamentos médicos. Então, o ruivo esperto como uma raposa, pediu ajuda para um ex agente do FBI responsável por treinar os melhores guarda-costas do mundo, e James é um deles. Foi ele quem conseguiu a ficha completa da família Alencar durante o tempo que estão vivendo nos Estados Unidos, e não dizia nada sobre eles terem uma filha doente.

Ao contrário. Ercia passou os últimos anos de sua vida na farra, gastando o dinheiro do pai até o velho falir e pedir uma grana alta emprestado

para um agiota até se estabelecer financeiramente. Mas isso nunca aconteceu. Acabaram torrando esse dinheiro também para manter a pose de ricos.

Quando li no relatório o nome do tal agiota que emprestou dinheiro para eles, Herus Martínez, homem que herdou o trono de rei do crime de seu pai famoso por fazer grandes assaltos ao lado do casal Maldonado. Maiores ladrões de todos os tempos. Logo lembrei quando John citou esse nome quando me contou a história do resgate de Max na Venezuela. Imediatamente liguei para Gonzáles e expliquei tudo.

Mais uma vez o espanhol serviu de ponte até seu primo para que ajudasse a gente com um grande problema, afastando Ercia e qualquer um da sua família de John para sempre. Gonzáles ajudou de bom grado. Nunca gostou dela e disse que sabia que havia voltado para aprontar para cima do seu amigo. Até tentou abrir os olhos dele, mas meu noivo sabe ser teimoso como uma porta quando quer.

Não agi pelas costas de John, como ele pensa. Quando tive certeza das tramoias da vaca, por diversas vezes quis contar para ele o que descobrimos. Depois do ocorrido de Max, jurei que nunca mais iria esconder nada dele. No entanto, sua mãe fazia questão de ele ouvir diretamente da boca da cobra e se ele soubesse a armadilha, iria ficar nervoso e colocar tudo a perder indo atrás da falsa moribunda e ela mais uma vez o envolveria em

suas redes de mentiras.

Sem condições de permanecer dentro do carro com esse clima tenso, invento uma desculpa e peço a James para estacionar porque vou descer no meio do caminho. O Jardim Botânico fica aqui perto, hoje o dia está ensolarado e lindo, então vou aproveitar para caminhar um pouco por lá e arejar a cabeça.

John não diz nada, mantendo a pose dura, sentando no banco da frente enquanto me despeço dos meus sogros sentados no banco de trás, ao meu lado. Como não sei como está o estado de humor do meu noivo, resolvo deixá-lo quieto no seu canto. Quando estiver pronto para conversar, estarei o esperando de braços abertos.

— Tchau para todos, boa viagem. — Quando abro a porta para sair, escuto a voz de John atrás de mim enchendo o carro.

— Você aceitaria casar comigo agora, Yudiana? — Viro para trás e olho para ele assustada, sem entender nada.

Primeiro deixa claro que quer ficar sozinho em sua casa hoje, agora quer se casar comigo? Esse homem é uma incógnita ambulante.

— Quer dizer casar agora, nesse exato momento? — Arqueio a sobrancelha em um aro, encarando-o como se ele estivesse ficado louco de vez.

— Sim, amor. Me desculpe por ter sido rude com você. Nunca mais quero que nos desentendamos por nada, muito menos por conta da Ercia. Esse assunto morreu hoje graças à sua coragem e da minha mãe. Obrigado por isso, e desculpe por não ter agradecido antes.

— Tudo bem você ficar nervoso, querido. As coisas que ouviu foram muito dolorosas. Entendo que ficou nervoso. — Sonia se inclina para frente e beija o rosto do filho.

— Durante o caminho pensei o quanto tempo perdi vivendo sozinho, me martirizando por uma mentira. Agora que estou experimentando o que é ter uma família, não quero mais passar uma noite sozinho naquela casa enorme. — John está sofrendo muito. Seu tom é tão deprimente que dói em mim.

— Eu sei que está sofrendo por ter sido vítima de uma mentira terrível, mas não quero que aja por impulso, casando assim de uma hora para outra. —Sou sensata.

— Eu nunca ajo por impulso, Yudiana. Além de me fazer o homem mais feliz do mundo nesse momento aceitando minha proposta, sendo minha esposa no papel será muito mais fácil para agilizar a doação de Max. — Usando esse argumento, sua proposta fica inegável.

— Eu concordo plenamente com o meu filho. Já está na hora de vocês

dois se acertarem legalmente, para que quando meu neto chegue, encontre um lar de verdade formado para recebê-lo. — O pai de John apoia a loucura do filho e a mãe fica em silêncio, sorrindo, compartilhando da mesma opinião.

— Tudo parece muito lindo, mas é meio loucura. Vamos só assinar os papéis e pronto. O restante das nossas famílias e amigos não vão participar desse momento tão especial da nossa vida? Minhas amigas vão ficar uma fera, e seus amigos também, principalmente Gonzáles — argumento, mas para um homem teimoso tudo tem uma solução.

— Se esse é o único problema, eu posso dar um jeito. Se quiser podemos fazer uma festa enorme depois, mas eu realmente não quero passar nem mais um dia solteiro, morando sozinho naquela casa enorme. Caso sua resposta seja não, vou procurar outra candidata — tira sarro e eu faço cara feia, não achando um pingô de graça.

— Não precisa procurar outra mulher, seu cretino. Eu aceito! É só dizer onde estão os papéis que eu assino. Quanto à festa, fazemos uma pequena confraternização para todos no dia em que Max vier morar conosco oficialmente, o que acha?

— Perfeito, amor! A documentação foi um juiz de paz conhecido meu quem ajudou. Ele montou a papelada toda do nosso casamento para mim, então está tudo certo. Os papéis estão no banco de trás, dentro da minha

maleta. Basta apenas algumas assinaturas e seremos marido e mulher perante a lei.

— Já que vão fazer essa louca mesmo, vamos pelo menos improvisar uma cerimônia com o que temos. O jardim Botânico fica aqui perto e tem vários lugares lindos nele. Vocês podem fazer os votos de vocês lá. — Minha sogra bate palminhas animadas e me puxa para dentro do carro novamente, logo James segue para o Jardim Botânico.

Assim que estacionamos, Sonia, pula do carro e começa a roubar algumas flores do canteiro que tem na entrada do local, montando um buquê descaradamente, sem se importar que tenha algumas pessoas chegando no parque.

— Eu posso conduzir a cerimônia, filho. Será um enorme prazer poder celebrar o casamento do meu único filho — meu sogro se oferece, sem jeito. Acho que para todo pai seria uma honra poder celebrar o casamento do filho.

— Se o senhor não oferecesse para fazer isso, pai, eu pediria. Não poderia imaginar me casar de uma maneira melhor do que com uma cerimônia conduzida pelo homem que mais admiro no mundo. Sempre foi meu mentor em tudo! Meu grande mestre, meu herói — John se declara para o pai e os dois se abraçam, ambos muito emocionados.

— E você, independente de qualquer coisa, meu filho, sempre foi e é meu maior orgulho. — O pai de John já está chorando, antes mesmo da cerimônia começar.

James acha que eu não noto quando ele limpa ligeiramente uma lágrima debaixo dos seus óculos escuros. Quer se fazer de durão, mas esse ruivo tem o coração mole.

— Vocês todos só podem ter ficado loucos de vez, mas eu adorei a ideia de me casar aqui nesse lugar. Sempre achei o Jardim Botânico lindo. Nada nunca foi normal no meu relacionamento com John. Nosso casamento não poderia ser diferente. — Fico animada, pois nunca liguei mesmo para essas frescuras de festa chique com decoração e vestido de noiva que valem uma fortuna. Afinal, o que importa é a união do casal, o momento que dois corpos se tornam um só.

— Apesar de distante, amor, nossos amigos irão participar desse momento especial conosco. — John cria às pressas um grupo no WhatsApp com toda a família, incluindo Joe, e mais alguns amigos mais chegados, como Gonzáles, Júlia, Dani e Juliene no abrigo, para mostrar tudo para nosso filho.

Todos ficam muito chocados com o casamento surpresa, mas muito felizes por nós.

— Aqui, querida, segure seu buquê de noivas. Foi feito no improviso, mas com muito carinho. Já gosto de você como se fosse minha filha. — Sonia me entrega um arranjo feito com vários tipos de flores roubados do canteiro da praça, amarradas com um laço feito com uma fita salmão, entre elas uma *yudiana* roxa que para mim é um sinal de que fiz a escolha certa em me casar hoje.

— Está perfeito, Sonia, muito obrigada! Também gosto muito da senhora. Sinto que seremos grandes amigas. — Nos abraçamos.

Isso de trabalharmos em desmascarar Ercia criou uma união grande entre nós duas. Além do buquê que fez para mim, ainda fez um penteado rápido no meu cabelo, prendendo-o em um coque alto com alguns fios soltos, e passou um batom rosa claro que carrega na bolsa em meus lábios.

— É incrível como você não precisa de muito para ficar bonita, Yudiana. Parece uma princesa só com alguns retoques. — Minha sogra tira uma foto minha para guardar de recordação. Da primeira noiva casando de jeans e tênis surrado.

Caminhando alguns metros dentro do parque, achamos um carvalhinho branco feito de madeira com ramos de flores naturais crescidas no teto e em volta dele. Uma linda construção feita pelo homem, com um toque especial da natureza, perfeito para realizar um casamento

improvisado.

Quando a cerimônia começa, usando o celular do filho, Sonia faz uma chamada de vídeo no grupo novo criado do Whatsapp com todas as pessoas que amamos, para participarem do nosso casamento. Minha mãe e irmã estão no hospital com Edmilson e os três acompanham tudo abraçados, emocionados. Com tudo pronto, a cerimônia começa com James e Sonia como nossas testemunhas.

— Estamos todos presentes aqui hoje para celebrar as melhores coisas da vida. A confiança, a esperança, o companheirismo e o amor entre esse casal. Vocês foram convidados para compartilhar este momento com Yudiana e John, porque são as pessoas mais importantes para eles. Por isso, é uma honra para os noivos contar com a presença de vocês aqui hoje, mesmo que via WhatsApp — meu sogro diz em um tom divertido, fazendo tchauzinho para a câmera do celular na mão da esposa, e todos riem, até mesmo algumas pessoas estranhas que se aproximaram, curiosas para saber o que está acontecendo.

Meu sogro é um homem muito carismático, que sabe muito bem como usar as palavras a fim de tornar qualquer momento especial.

Com a voz trêmula, ele continua a cerimônia:

Vocês são parte insubstituível do seu ontem, do seu hoje e de todos os

seus amanhãs. Escolheram um ao outro como sua família, e hoje estão celebrando o amor que já começou e que vai continuar crescendo ao longo dos anos. Pois o casamento e a união é uma caminhada rumo a um futuro que envolve abrir mão do que somos separados, em prol de tudo o que podemos vir a ser, juntos.

Assim sendo, por favor, deem as mãos e preparem-se para dar e receber os votos de amor, que estão entre os maiores presentes da vida.

Primeiro eu faço meus breves votos...

— Por mais que tenhamos nos desencontrado e nos reencontrado pelo caminho de nossas vidas, Deus sempre planejou que ficássemos juntos. Ele mesmo diz: “*O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*”. Hoje, nós podemos olhar para o passado e nos alegrarmos pela nossa caminhada. Mas escolho algo melhor ainda. Eu escolho olhar para o futuro e seguir em frente de mãos dadas com você, construindo uma vida inteira ao seu lado — concluo enquanto lágrimas de felicidade deslizam pelo meu rosto. Eu amo demais esse homem.

Também muito emocionado, John inicia seus votos...

— Soube que era você a pessoa com quem queria envelhecer quando aprendi, contigo, a compartilhar. Não ser egoísta quando o assunto é amar e ser amado. Nós dois sabemos o quanto isso é importante na nossa relação. Ao

seu lado não somente aprendo a maneira correta que um homem deve amar uma mulher, mas como o amor de um filho tem o poder de fazer transformações milagrosas no coração de um pai, assim como Max fez no meu. Quando pensei que estava completamente sozinho, Deus me enviou você para ser a minha melhor companhia. Quando me senti perdido, você me encontrou. Sempre pronta para cuidar de mim em qualquer situação, contratempo, ou em qualquer alegria. Eu prometo retribuir todo esse amor com muito mais amor, sempre lutando pela felicidade da nossa família.

Após os votos de John, sou obrigada a respirar fundo para conseguir me manter firme até o final da cerimônia e não derreter em lágrimas.

— Yudiana e John, vocês já foram muitas coisas um do outro. Amigos, companheiros, namorados, noivos. Agora, com as palavras que vocês estão prestes a trocar, vocês passarão para a próxima fase. Pois, com estes votos, vocês estarão dizendo ao mundo: “este é meu esposo”, “esta é minha esposa” — o celebrante inicia, falando e chorando ao mesmo tempo, emocionado com o casamento do filho. Na verdade, todos nós estamos em prantos, até mesmo James não faz mais questão de esconder que está emocionado por participar desse momento especial conosco.

Meu coração acelera e então vem a parte mais importante, que vai mudar nossas vidas para sempre.

— John, é de livre e espontânea vontade que você aceita Yudiana como sua companheira em matrimônio? — meu amor imediatamente responde.

— Sim! Com todo meu amor, para todo o sempre, amém! — Não precisa disso tudo, mas John faz questão de dizer assim mesmo.

— Yudiana, é de livre e espontânea vontade que você aceita John como seu companheiro em matrimônio?

— Sim! De todo meu coração e alma. — Pisco para meu futuro marido e ele sorri charmosamente, tímido.

Enquanto trocamos as alianças um do outro, do dedo anelar direito para o esquerdo, nossos olhares se mantêm fixo.

— Yudiana, eu te dou esta aliança como sinal de que escolhi você para ser minha esposa e minha melhor amiga. Receba-a e saiba que eu te amo.

— John, eu te dou esta aliança como sinal de que escolhi você para ser meu esposo e meu melhor amigo. Receba-a e saiba que eu te amo.

Assinamos o papéis, nos tornando oficialmente marido e mulher.

— Pode beijar sua esposa, meu filho. Eu vos declaro, marido e mulher.

Assim me torno a Senhora Thompson. Meu casamento acontece do jeito que eu imaginei um dia. Simples, porém especial e único. Somos cumprimentados pelos curiosos que passam pelo Jardim Botânico e acompanharam a cerimônia, e por nossos familiares e amigos via chamada de vídeo. Max está muito feliz e mandamos uma chuva de beijos para o nosso filho.

Meus sogros vão embora direto para casa, na intenção de nos deixarem a sós para aproveitarmos nosso primeiro dia de casados. Mas prometem voltar em breve, quando o neto vier de vez morar conosco. Passamos no meu apartamento para pegar minhas coisas, já que agora que minha mãe e irmãos não têm onde morar, penso em oferecer que fiquem em meu apartamento até quando quiserem.

Chegando em nosso lar, meu marido logo quer consumir nosso casamento. No entanto, eu não deixo que encoste um dedo no meu corpinho, é claro. Tenho outros planos para onde será nossa lua de mel. Primeiro vamos ter um jantar romântico, já que todas as vezes que tentamos ir em um restaurante, nunca deu muito certo. Sempre acontece alguma coisa de ruim para atrapalhar.

Para evitar que John tente alguma gracinha antes da hora, tomamos banho em quartos separados e só nos encontramos na porta na hora de sair.

Discretamente peço ao meu marido que vista um dos seus ternos todo preto que tanto amo, e como em qualquer coisa que veste, fica lindo e charmoso. Coloquei um vestido escuro de alças finas, quatro dedos acima do joelho, e saltos finos altíssimos. No lugar para onde vamos é obrigatório o uso de roupas apenas dessa cor.

— Eu dirijo hoje, marido. — John tira as chaves do bolso, as erguendo no ar, de cenho franzido, curioso para saber onde estou o levando.

— Tudo bem, esposa, mas eu pelo menos posso saber para onde estamos indo?

— Não! Apenas que primeiro vamos ter o nosso jantar romântico, depois enfim consumaremos nosso casamento com a noite de núpcias totalmente diferente dos padrões dos outros casais. — Abro um sorriso malicioso e ele não questiona mais nada durante o percurso.



Capítulo 49

John

Eu não sei o que minha esposa está planejando para nossa lua de mel, não estou entendendo todo esse mistério que ela está fazendo em relação ao lugar para o qual estamos indo. Mas desde que tenha uma cama enorme, para mim está ótimo. Hoje o dia foi de grandes descobertas, colocando um ponto final definitivo em uma trágica história, para iniciar uma nova ao lado da mulher da minha vida.

— Preparado para a noite mais quente da sua vida, Ursão? — Yudiana pergunta, estacionando o carro em frente a um restaurante muito elegante, porém afastado do centro da cidade. Nunca tinha ouvido falar desse lugar antes.

— Claro, esposa! Mal posso esperar para consumir nosso casamento, Indiazinha. — Beijo sua boca, apertando seu seio antes de abrir a porta do veículo. Ela geme nas minhas mãos, cheia de tesão.

Entrando no estabelecimento, a primeira coisa que percebo é que assim como nós, todos estão vestidos de preto, sejam os funcionários ou

clientes. Quando pedimos uma mesa, me incomodo muito com o fato de as pessoas ficarem nos encarando de um jeito estranho. Malicioso. Mas não me importo com isso e fazemos o nosso pedido ao garçom.

Enquanto esperamos que tragam os nossos pratos, Yudiana e eu abrimos um champanhe para comemorar nossa união.

— Desejo toda felicidade para nós. Que nessa mesma data possamos comemorar muitos e muitos anos de casados, até que a morte no separe. — Encosto minha taça na dela, brindando a felicidade que sinto em tê-la como minha esposa.

— Eu poderia dizer que seremos muito felizes juntos, mas já somos. —Minha mulher faz charme, sorrindo de um jeito que me dá vontade de possuí-la aqui mesmo. Estou ansioso para passar nosso primeiro momento íntimo a sós como marido e mulher.

Nesse clima descontraído, nosso jantar transcorre perfeitamente. Yudiana depois que se tornou minha esposa, parece ter ficado ainda mais desejável aos meus olhos. O clima entre nós enfim está completamente em paz. Conversamos sobre tantas coisas, demos várias risadas, e no finalzinho, quando pedimos a conta, ligamos para o abrigo onde Max está e pedimos para falar com ele a fim de desejarmos boa-noite e dizer que o amamos muito. O garoto fica muito feliz por lembrarmos dele e novamente dá

parabéns pelo nosso casamento.

Fazemos um último brinde com champanhe e pago a conta para irmos ao tal local misterioso onde teremos nossa tão esperada noite de amor. Contudo, quando caminhamos em direção à saída do restaurante, minha esposa me puxa pela mão para uma escada que dá acesso a um andar subterrâneo.

— Para onde estamos indo, mulher? — investigo, começando a me preocupar. Yudi apenas dá de ombros e continua me puxando pela mão por um corredor com uma luz azul de neon.

— Eu não sei ao certo, é a primeira vez que venho em um lugar *como esse*, e espero que seja a sua também, meritíssimo.

— O que você quer dizer *com um lugar como esse*, Yudiana? — Em vez de responder, ela abre uma porta grande de madeira à nossa direita, revelando uma cena que me deixa totalmente sem palavras.

Não consigo nem piscar, muito menos mexer os lábios.

— Eu pesquisei muito sobre esse lugar assim que chegamos a casa hoje. Quero iniciar esse casamento já deixando bem claro para o meu marido, de uma vez por todas, que não importa quanto os homens me olham ou desejam, o único que pode me tocar é apenas você, meu amor. — Segura minha mão novamente, mas não se mexe. Está esperando a minha aprovação

para entrarmos, porém, sinceramente, não sei se consigo.

A imagem que vejo à minha frente é de uma ala com várias cabines de vidros transparentes, com várias pessoas nuas usando apenas máscaras, fazendo sexo loucamente de todas as posições possíveis, causando uma sinfonia de gemidos e cheiro de sexo sujo. Luzes vermelhas piscam o tempo todo e a impressão que tenho é que estou dentro de um filme pornográfico daqueles bem pesados. Porra! Não estou acostumado com esse tipo de orgia, mas impossível não ficar excitado estando em um ambiente como este.

— Eu não acredito que me trouxe para termos nossa lua de mel em uma casa de swing, Yudiana Thompson! — minha postura é muito sério, e ela sorri amarelo, contorcendo o rosto.

— Desculpa, amor, acho que foi uma péssima ideia mesmo. Podemos ir para outro lugar ou caso esteja muito chateado, voltamos para casa. — Seu tom é de puro desânimo, girando o corpo na direção da saída.

— Nem pensar, mocinha! Agora que me trouxe aqui, atizando fogo em mim, vamos ficar e aproveitar tendo experiências novas de prazer. — Minha esposa abre um sorriso sapeca.

Antes de entrarmos, o segurança parado na porta entrega duas máscaras escuras, para assim como os demais clientes, mantermos nossa identidade preservada. Caminhamos pelo corredor das cabines privadas e

vamos para um salão espaçoso com grandes sofás brancos espalhados por toda parte com grupo de pessoas transando sobre eles, outras se contentando apenas em olhar as orgias enquanto se tocam.

Ao fundo toca uma música clássica bastante sensual, na verdade, tudo nesse lugar transmite erotismo, desde a decoração, aos clientes que frequentam. Minha presença e a da minha esposa imediatamente é notada. Tanto homens como mulheres nos olham com desejo e isso me incomoda muito, principalmente os olhares masculinos direcionados a Yudiana.

— Não esqueça que eles podem me olhar o quanto quiserem, mas só você pode me tocar onde e como quer, meu amor. É o único da minha vida, meu marido — Yudi cochicha no meu ouvido, passando a língua pelo nódulo da minha orelha provocantemente.

Me puxa pela gravata até um sofá em um canto mais vazio, obrigando-me a sentar, e sensualmente se põe de joelhos no meio das minhas pernas e começa a abrir o cinto da minha calça. Apesar de eu estar excitado para cacete, fico ainda mais tenso quando um grupo de homens se aproxima para nos observar. Fecho os olhos e tento repetir as palavras que Yudiana disse, sobre o máximo que os outros homens podem se aproximar dela é com os olhos, porque só eu posso tocá-la.

— Minha nossa, como isso é bom! — gemo quando ela passa a língua

por toda a extensão do meu pau, iniciando logo com uma sugada profunda.

Sou obrigado a abrir os olhos para me deliciar da cena da minha mulher me chupando magnificamente enquanto os nossos espectadores se tocam, loucos para estarem no meu lugar. Não sei descrever o que sinto nesse momento, mas apesar de eles estarem comendo Yudiana com os olhos de cima abaixo o tempo todo, está longe de ser ciúmes. Sei exatamente que estão tão excitados quanto eu com a sua performance, mas o máximo que podem conseguir é imaginarem estar no meu lugar nesse momento.

Realmente não me incomodo de sermos observados, pelo contrário. Isso me deixa ainda mais excitado. O plano de Yudiana de me trazer aqui deu certo, e muito.

— Vamos lá, amor, goza bem gostoso na boca da sua putinha, vai. — Yudiana olha para cima, encarando meu rosto com uma expressão tão sexy que perco o juízo, segurando sua nuca com uma mão de cada lado, elevando o quadril em uma posição que me dá um acesso mais profundo para dentro de sua boquinha gulosa, que entra até no talo, fodendo-a loucamente.

— Ahhh... Porra! Não consigo segurar mais. — Com esse rosnado, gozo muito, entornando cada gota na boca da minha esposa, mas meu membro ainda está duro feito aço, ansiando enterrar-se dentro dessa mulher quente feito o inferno.

— Agora é a minha vez, Ursão! — Rapidamente Yudiana fica de pé e tira a calcinha, jogando-a na direção dos homens próximos a nós. Eles brigam entre si pelo pedaço de pano, como damas da noiva querendo pegar buquê.

Isso me faz rir, porque enquanto eles lutam por tão pouco, eu tenho tudo o que mais desejam em minhas mãos. Ou melhor, no colo, porque minha esposa senta em cima de mim com as pernas rodeando meu corpo, erguendo um pouco seu vestido.

— Toda vez que sentir ciúmes de mim novamente e estiver perto de perder o controle, lembre desse momento. Onde tantos outros homens me cobiçam, mas só você me tem. — Com a testa encostada na minha, olhando no fundo dos meus olhos, Yudiana sorri, segurando meu membro e se preparando para me receber dentro dela.

— Eu te amo tanto, Yudi! Agora senta, vai... E mostra para esses caras como a minha mulherzinha sabe fazer gostoso.

Ela obedece ao meu pedido, sentando no meu pau sem dó, inclinando o corpo sobre mim, segurando nas costas no sofá por cima dos meus ombros.

Rebolando gostoso mesmo dando o seu melhor, subindo e descendo em um intervalo curto de tempo, gemendo descontroladamente.

— Isso, amor, me fode bem fundo! — pede e eu seguro em sua cintura, erguendo o corpo dela para pegar impulso e puxando para baixo

novamente, penetrando tão profundo que ela solta um grito agudo de prazer. Sinto suas paredes vaginais me esmagando dentro dela.

— Mais rápido, amor. Me come com força. — Sua voz é entrecortada, não lhe dou intervalo de respirar direito, metendo duro.

Yudiana goza desabando sobre mim, e eu gozo novamente junto com ela. Quando conseguimos controlar nossa respiração, olhamos ao nosso redor e tem o dobro ou mais pessoas nos olhando entre homens e mulheres.

— Acho que já podemos ir embora agora. A consumação do nosso casamento foi melhor do que eu esperava — zomba Yudiana, tirando alguns fios de cabelo grudados no seu rosto, devido ao suor brotando em sua face.

Eu também estou suando muito, nossos corpos estão pegando fogo devido ao tesão junto com a roupa preta que estamos usando. Se permanecermos aqui por mais dez minutos, vamos acabar derretendo.

— Vamos para nossa casa, amor, e terminar a nossa noite de núpcias como um casal normal. — Yudiana ri, achando engraçado nossa arte, mas um pouco envergonhada.

— Vamos! Qualquer dia desse voltaremos. Gostei da brincadeira, amor. — Dou um tapa na bunda dela, que gargalha alto.

Nos preparamos para sair. Chega de aventuras sexuais por hoje.

— Eeei! Vocês estão esquecendo isso. — O cara moreno alto que conseguiu pegar a calcinha da minha esposa no chão, vem me entregar, e percebo que é apenas um pretexto para se aproximar de nós e tentar algum tipo de convite para terminar a noite em sexo a três.

Seus olhos avaliam Yudiana de cima abaixo, chegando a umedecer os lábios com a língua, como um predador louco para devorar sua presa.

— Pode ficar com a calcinha como recordação, porque isso é o mais próximo que vai conseguir chegar da dona dela — respondo amigavelmente e vou embora sentindo-me poderoso.

É engraçado como às vezes a gente encontra redenção nos lugares mais inusitados. Entrei nessa casa de swing um homem e estou saindo outro, completamente seguro com relação às minhas emoções e medo da perda da mulher que amo. E eu devo tudo isso a ela. Minha esposa e mãe do meu filho.

*

Exatamente um mês depois do nosso casamento, chega o grande dia de buscá-lo definitivamente no abrigo. Yudiana está uma pilha de nervos de tanta ansiedade enquanto esperamos na sala da diretora do abrigo, até que finalmente ele chega com as suas coisas e a mochila nas costas. Meu peito se

enche de felicidade.

— Vamos para nossa casa, filho? — Yudiana beija o rosto dele, com lágrimas nos olhos.

— Claro, mãe! — Max responde, rápido, mas não tão animado como eu esperava.

— O que foi, campeão? Não quer mais ser nosso filho? Pensei que estava feliz indo morar conosco.

— Eu estou muito feliz, pai, mas acontece que eu fiz uma amiguinha aqui e estou triste por ir embora e abandoná-la. Prometi que cuidaria dela. — Ele abraça o próprio corpo olhando para o chão, como se quisesse pedir algo, mas está sem coragem.

Pelo visto, ele é do time dos protetores de plantão assim como eu.

— Oooi, Max! Aonde você está indo? Pensei que fosse brincar de tomar chá comigo hoje. — Um pequeno furacãozinho adentra a sala, saltitando com seu vestido fofo cor de rosa e um laço grande atrás fazendo seus cabelos cacheados balançarem pra lá e para cá. Não consigo ver seu rosto direito porque está de costas para mim e de frente para Max e Yudi.

Pelo jeito que minha esposa olha para a menina, totalmente encantada alisando seu rostinho, já se apaixonou por ela. Ela deve ter pouco mais de quatro anos, sua voz é tão doce e tudo nela é amável.

— Desculpa, docinho, mas meus pais vieram me buscar. Não vamos nos ver nunca mais, eu acho. Sinto muito, Lia. — A pequena deixa a boneca que segura nos braços cair sobre o chão e agarra Max como se fosse seu bote salva-vidas.

— Por favor, Max, não me deixa! Você prometeu que ia cuidar de mim. Eu não quero ficar aqui sem você. — Começa a chorar e eu fico arrasado.

Me ajoelho para ficar na sua altura, tentar falar com ela e acalmá-la, mas quando a pequena levanta o rosto para me olhar, levo um susto enorme.

— Meu Deus! Eu conheço você. Lembra de mim, querida? — O anjinho para de chorar, e como na última vez que nos vimos, ela sorri em meio às lágrimas.

— Claro que sim, moço. O seu dodói *salou*? — Aponta para o meu braço, no exato lugar onde levei um tiro de raspão no dia que entrei na frente de uma rajada de tiro no tiroteio na favela da Rocinha.

Nesse mesmo dia eu matei um homem criminoso sem coração, mas também salvei a vida desse anjinho de sorriso meigo e olhos claros quase azuis, destacados ainda mais devido o tom chocolate de sua pele. Estava tão preocupado com o sequestro de Yudiana, que não reparei que eram dessa cor linda.

Como pode eu ter vindo várias vezes nesse lugar visitar Max e não tê-la visto antes? Isso só pode ser coisa do destino. Ela deixou para aparecer no momento certo. Infelizmente, deve ter perdido a família naquele dia do tiroteio, por isso veio parar nesse abrigo.

— Sarou sim, pequena. Estou muito feliz de te ver novamente. — Ela abraça meu pescoço e eu me emociono tanto que lágrimas deslizam pelo meu rosto.

— Você veio aqui me buscar? Que bom! Assim Max pode continuar cuidando de mim. Ele é o meu melhor amigo no mundo todo — sibila inocentemente no seu tom inocente de criança e trinco o meu maxilar, tentando conter o aperto no meu peito.

Levanto com ela agarrada no meu pescoço e olho para Max, que tem os lábios trêmulos, implorando com os olhos para que leve sua amiga para casa conosco também. Mas essa decisão não depende só de mim. Não posso fazer nada sem o apoio da mãe dele.

— Amor, eu... — Não consigo terminar a frase. Adotar mais uma criança é uma decisão muito séria e não quero que Yudiana se sinta pressionada a dizer sim.

— Agora o time dos meninos não está mais ganhando, não é, amor? —brinca minha esposa, sorrindo. — Estamos no mesmo número. Dois

meninos e duas meninas. — Yudiana vem até nós e beija o rosto da nossa futura filha caçula. Sussurro um “obrigado” no seu ouvido, grato por mais uma vez me apoiar em uma decisão tão importante em nossas vidas.

— Obrigado por me surpreender sempre com sua bondade, Yudiana. Toda vez que eu penso que eu não conseguiria te amar mais do que já amo, sempre me surpreende — declaro e minha esposa beija meus lábios novamente, então abraça eu e Lia ao mesmo tempo. Max vem e participa do abraço em família.

Yudiana entrou na minha vida de uma maneira muito inesperada, mas no momento exato para me fazer feliz, se tornando aquela pessoa especial que trouxe consigo tudo o que eu precisava para ser um homem completo. Ela é a resposta às minhas ansiedades, medos... Me dá aquilo que eu nem sei que eu preciso. Às vezes é paz, outras vezes confusão, me afrontando com a sua boca suja e opinião própria. Mas sempre, sempre, fazendo-me muito feliz com seu amor.

O homem mais feliz desse mundo, pelo simples fato de tê-la ao meu lado.



Epílogo parte 1...

Yudiana

— Olha, mamãe, eu consigo voar — Lia grita, dando volta no ar com a ajuda das mãos firmes de Joe, que brinca com ela de aviãozinho. Bastou apenas um segundo estando perto dela, para me apaixonar por esse serzinho de luz.

Mais uma vida salva pelas mãos de John. Tem gente que nasce com dom para super-herói. Como a história dela não é tão complicada como a de Max, envolvendo vários crimes do padrasto, o processo de adoção foi bem mais rápido.

— Que legal, filha. Mas o que acha de ajudar o papai e seu irmão com os enfeites da festa no jardim antes que os convidados cheguem? — Olho para minha princesinha cheia de amor. Minha filha parece uma boneca de tão linda.

O monstro do meu estuprador pode ter me machucado muito a ponto de não poder gerar um filho, mas não na capacidade de ser mãe.

— Está bem, mamãe. Tchau, tio Joe! — Desce do colo dele e sai

correndo para o jardim, ainda com os braços abertos.

Mal chegou na minha vida e eu já a amo absurdamente.

— Nunca imaginei que você me daria netos tão cedo, Yudi. Não faz ideia do quanto estou feliz de ver a família linda e feliz que formou ao lado de John. — comenta Joe enquanto rouba um docinho da bandeja sobre a mesa, que serviremos para os convidados mais tarde. Resolvemos fazer uma pequena festa para apresentar nossos filhos lindos para toda nossa família e amigos.

— Eu entrei com um processo na justiça para tirar o sobrenome Jackson da minha certidão, e gostaria muito de colocar o seu no lugar, caso aceite. Afinal, te amo como se fosse meu pai de verdade. — Vou logo dizendo tudo de uma vez e o homem empalidece.

— Isso é sério mesmo, menina? Santo Deus! Nada me faria mais feliz. Você é um presente na minha vida, só me dá alegria. — Ele beija o topo da minha cabeça, segurando o choro.

— Espero não estar atrapalhando nada. Com licença. — Minha mãe chega e os olhos dela e de Joe imediatamente se cruzam. É a primeira vez que se encontram.

Agora é outra mulher. Ela e minha irmã não são mais protestantes. Levei ambas a um bom salão de beleza para mudarem o visual, resgatando a

autoestima das duas. Depois de passarem por tantas tragédias, mal sorriam. Mas agora elas estão alegres novamente, sentindo-se lindas.

Dona Florinda escolheu um corte de cabelo na altura do queixo. Só isso deixou minha mãe dez anos mais jovem. Depois do banho de loja, então, se despedindo de vez dos vestidos e saias longas a cobrindo até os pés, mais algumas aulas básicas de maquiagem que dei, está maravilhosa. A coroa só anda arrumada agora.

Sua pressão está controlada, o tapa na sua autoestima lhe fez muito bem. Até conseguiu um trabalho bacana em uma floricultura, e começou a fazer faculdade de pedagogia. Ela e meus irmãos estão morando no meu antigo apartamento. Nesse tempo que passou, aconteceu o julgamento do pastor Jackson e do seu irmão separadamente. Ambos foram condenados por muitos e muitos anos pelos crimes cometidos. Fiz questão de ir depor, botando a boca no mundo, e foi prazeroso de ouvir o juiz bater o martelo e falar:

CULPADO!

O padrasto de Max também foi julgado e condenado, mas nesse não tive coragem de ir, porque meu filho foi uma das testemunhas chave do caso e eu não aguentaria ouvi-lo contar com detalhes todas as coisas ruins que o padrasto fez com ele. John o acompanhou e disse que de fato foi um

depoimento forte demais para uma mãe ouvir, ainda mais para mim, que passei por uma situação parecida com a dele quando criança.

Enfim, o importante é que no final deu tudo certo.

— A senhora não incomoda, mãe! E a Carmem e o Edmilson, onde estão? — Cubro a boca com a mão, rindo, fitando seu estado embaraçoso. Minha mãe demora alguns segundos para assimilar minha pergunta, pois o contato visual com Joe está lhe deixando toda atrapalhada.

Prevejo um romance vindo por aí, entre minha mãe de sangue e meu pai do coração.

— Eles estão no jardim ajudando seu marido com as coisas da festa. Na verdade, Carmem está brincando com as crianças e Edmilson implicando com o sotaque forte de um espanhol mal-humorado que chegou agora praticamente junto com a gente. — Minha mãe desliza os dedos finos pelos fios loiros brilhantes do seu cabelo, com as bochechas coradas debaixo do olhar curioso do negão mais boa pinta que conheço.

Joe é um cara maduro muito bem-sucedido, porém, humilde e respeitador. Extremamente compreensivo e cavalheiro, coisas que minha mãe nunca recebeu do traste do seu ex-marido, que não fez outra coisa além de oprimir tudo o que há de bom nela. No entanto, agora chegou a hora de ela aflorar para o mundo, conhecendo o que é ser cortejada por um homem de

verdade.

— Esse é o famoso Joe, mãe. O homem que sempre cuidou de mim com muito carinho. Joe, essa é a minha mãe. Ela não é linda? — Dou um empurrãozinho nele com o ombro, e o homem coça a careca, todo sem jeito.

— Linda mesmo. Nem parece que tem uma filha cavalona desse tamanho. — Ele aperta a ponta do meu nariz e brinco, dando uma chave de pescoço nele.

— Obrigada, Joe! Principalmente por cuidar tão bem da minha filha. Serei eternamente grata a você por isso.

Minha mãe ergue a mão para cumprimentá-lo, mas ao invés vez de apertar a dela, ele a segura cavalheirescamente e beija, esquecendo-se de soltar. Ficam trocando olhares descarados na minha frente. Sendo sincera, acho que nem lembram mais que estou aqui. Aproveito a deixa e largo os dois sozinhos para se conhecerem melhor. Acho que em breve tem mais um casamento na família. Estou na torcida para isso.

Vou fazer companhia para o pessoal no jardim, a primeira coisa que encontro é Vovó Corina toda animadinha de papo com os homens lindos da equipe de segurança de James. Apesar de elar não ser minha avó de sangue, eu a amo e continuo tratando como se fosse.

— Deixa os rapazes trabalharem em paz, vovó. — Ela finge que nem é

com ela, que velhinha danada! Continuo meu caminho rindo, ultimamente tudo tem sido motivo para me arrancar sorrisos.

Acho que é isso que as pessoas chamam felicidade.

Mais à frente deparo-me com Gonzáles com uma tromba enorme, sentado na grama, sendo atormentado pelo meu irmão. Edmilson depois que teve alta do hospital, se recuperou tão bem que parece estar mais impossível do que antes de levar um tiro. Agora está se achando, já que um empresário artístico viu seu vídeo bombando no YouTube e quer investir pesado na carreira dele de cantor de funk.

Fiz questão de enviar a revista para o presídio onde pastor Jackson está cumprindo sua pena, na qual saiu a matéria do sucesso repentino de um garoto de dezessete anos no mundo do funk, o Mc Dimy. O melhor é a foto do meu irmão que colocaram na capa. Sem camisa, mostrando a nova tatuagem no peito, que é o desenho de uma águia. Óculos escuros e calça jeans larga toda rasgada completam o visual.

Chupa essa, pastor Jackson!

— Ô das Espanhas... Alguém já te disse que você parece muito com o ator que faz o Batman? Ben alguma coisa, sei lá. Parece demais, meu. Até a cara larga é a mesma. Tipo a lua quando está de crescente para cheia, sabe?!
— Edmilson pega no queixo de Alejandro e fica virando de um lado para o

outro, do mesmo jeito que fez quando conheceu John. — Agora sei porque é o melhor amigo do Clark Kent. Coisa secreta da liga da justiça, né? — Gonzáles revira os olhos, sorvendo um gole de sua cerveja enquanto meu irmão gargalha da própria piada. Uma hora dessas e o espanhol já está enchendo a cara desse jeito.

Ele não é mais o homem extravagante com o ego lá em cima que conheci um tempo atrás. Alguma coisa aconteceu para deixá-lo arrasado dessa forma, desanimado com a vida. John comentou comigo alguma coisa sobre ele estar apaixonado por uma mulher que o rejeita e isso está o arrastando para o fundo do poço.

— *No* faço ideia do que você está falando, rapaz — responde secamente, e quando pensa que vai poder continuar bebendo sua cerveja em paz, Edmilson abre a boca novamente.

Cruzo os braços, rindo, prestando a atenção na conversa dos dois.

— Caraca, mano, eu amo esse seu sotaque latino. É tão sexy. Sabia que yo sei cantar una canción en tu língua muchacho? — Dimy está animado para mostrar. Para o azar de Alejandro, meu irmão foi com sua cara.

E quando Edmilson vai com a cara de alguém, isto quer dizer que a paz da pessoa acabou pelo resto de sua vida.

— É mesmo? *No* me diga. Yo mal posso esperar para ouvir — ironiza

o espanhol.

— *No seja por isso, muchacho.* Se prepara que o show vai começar.

—Então ele fica de pé e começa a cantarolar e mexer o corpo da forma que dá, ao som da própria música que canta.

“Para bailar la bamba, Yo necesito de una poca de gracia.

Una poca de gracia por mí, por ti. Ay arriba y arriba

Y arriba y arriba, por ti seré, Por ti seré, Por ti seré...

Yo no soy marinero.

Yo no soy marinero, soy capitan.

La-la-bamba, Lam-la-bamba.”

Não dá para saber o que é mais engraçado. A forma de Edmilson cantar, a dança esquisita, ou as caretas que faz. Acho que o conjunto da obra toda é hilário. Gonzáles não aguenta manter a cara azeda por muito tempo e solta uma risada, jogando longe toda cerveja que está em sua boca. Chega a rolar na grama de tanto rir daquele jeito de doer a barriga pela apresentação do meu irmão.

— *Yo* acho que o tiro que o seu irmão levou deixou sequelas no cérebro dele, Yudiana, e não foram poucas — debocha, ainda rindo alto, mas

de repente o sorriso de Gonzáles morre como que da noite para o dia. Até meu irmão percebe e sai de cena, indo brincar com Carmem e as crianças.

Olho para trás e vejo uma convidada muito especial da nossa festa chegando. Sorrio para recebê-la de braços abertos, acompanhada de um rapaz lindo.

— Ei, Rafael Louis, como você está rapaz? — cumprimento o jovem maior do que eu, mas com mentalidade de uma criança de dez anos, colando a mão em seu ombro.

Rafael estuda na sala de Max, tem dezenove anos e é portador de um tipo raro de autismo. A propósito, Solange é a professora dos dois no colégio. Ela lutou muito para conseguir o direito de o irmão estudar junto com as outras crianças. Foi assim que eu a reencontrei, em uma reunião de pais e professores.

— Estou péssimo. Não queria ter vindo a essa festa. Queria ter ficado em casa pintando meus quadros. Mas minha irmã me obrigou, disse que é bom que eu faça mais amigos legais como o Max. Odeio lugares com muitas pessoas. Festas têm barulho e pessoas me tocando o tempo todo. — Ele tira minha mão de seu ombro, depois limpa o local. Tem mania extrema de limpeza.

Rafael também nunca olha nos olhos de ninguém, está sempre com o

olhar perdido no nada como se fizesse parte de outra dimensão.

— Me desculpe, Yudiana. Meu irmão preza pela sinceridade até demais do que devia. Já tentei ensinar bons modos para esse menino, mas não adianta. — Solange sorri sem graça, segurando o irmão mais novo pelo braço.

— *No* pode ensinar para *tu irmón* algo que no tem, Sol. Talvez possa ensinar a ele a ser interesseiro, porque isso você sabe ser melhor que ninguém, *no* é mesmo, *Carinõ*? Adora ganhar dinheiro fácil. Aliás, eu gostei tanto do último trabalho que fez para mim que quero marcar outro horário contigo. — As palavras saem da boca de Gonzáles deslizando cheia de rancor, acertando Solange como uma espada atravessando seu coração. É possível ver a dor em seus olhos, que já estão cheios de lágrimas.

Não faço ideia do que esse espanhol babaca está falando, mas é algo muito sério para deixar Solange tão frágil desse jeito.

— Eu acho que não foi uma boa ideia ter vindo, Yudiana. Vou levar meu irmão para casa. Ele acordou um pouco agitado hoje e quando fica assim só acalma quando pinta um dos seus quadros. — Solange se despede apressada e vai embora com o irmão, o qual parece feliz por estar voltando para as latas de pincéis e tinta.

Rafael também é portador da síndrome de Asperger, que lhe deu um

grande talento para arte. Aos cinco anos pintou um quadro extraordinário de Jesus, entre outros desenhos e imagens, que quando Solange me mostrou as fotos, não consegui acreditar que era ele mesmo quem havia pintando, sem nunca ter tido aula de pintura. Aprendeu tudo sozinho.

— Que coisa feia, hein, Gonzáles. Uma vez cretino, sempre cretino!
—Infelizmente ele não pôde escutar meu comentário, pois já estava longe. Foi embora sem nem ao menos se despedir de ninguém.

Agora sei quem é a mulher por quem ele está apaixonado. Mas é idiota o suficiente para estragar tudo. Quando abrir os olhos e correr atrás do prejuízo, será tarde demais.

— Onde aquele espanhol maluco está indo, amor? Ele mal falou comigo. — John chega, me catando pela cintura e depositando um beijo na curva do meu pescoço. Sua colônia maravilhosa toma minhas narinas.

— Ele está de mau humor, John. Acho só que precisa ficar sozinho um tempo. — Puxo a mão do meu marido, levando-o até onde nossa família está, sentados na enorme mesa montada em meio ao jardim. Os convidados foram chegando aos poucos e até mesmo Pedro compareceu.

Ele e John são bons amigos agora, graças a Deus. Ele esqueceu de vez os sentimentos que dizia ter por mim. Acho que encontrou alguém e espero que o faça muito feliz.

Pedro merece muito, pois é um cara incrível.

— Até que enfim essa sua barriga resolveu aparecer, mulher. Está uma gracinha — implico com Júlia. Ela ganhou um pouquinho de peso nos últimos meses.

— Também... Do jeito que estou comendo, daqui um tempo andarei rolando por aí. — Ela revira os olhos, dramatizando.

— Também não exagere, Ju. Você está com um corpo lindo — Dani comenta, chegando sem jeito. Há semanas que eu e a Júlia não a víamos direito. — Desculpe o atraso. A quimioterapia do Marcelinho atrasou um pouco hoje. — De trás dela sai uma coisinha linda, pálida, sorrindo lindamente.

O irmão dela é uma lindeza e a sua cara. No dia em que foi buscá-lo no hospital para morar com ela definitivamente, eu e Júlia fomos juntas e ficamos encantadas por essa criança, que apesar de tão debilitada fisicamente, é bastante extrovertida e alegre. Dani fez de tudo para seu pai assumir Marcelinho publicamente como filho, mas além de ele não aceitar, ainda ameaçou deserdá-la por pegar a responsabilidade de cuidar do menino.

Contudo, isso não a impediu. Saiu de casa tendo uma vida mais simples, enfrentou a amante do pai, pegando para si a total responsabilidade de cuidar do irmão no tempo que lhe resta. Infelizmente, mesmo após saber a

verdade, a mãe da Dani, por vergonha, resolveu dar uma segunda chance ao marido e ficou do lado dele.

— Oi, tia Yudi e tia Júlia. Olha o que eu sei fazer. — Marcelinho pega uma moeda e esconde na manga de sua blusa do homem aranha, fingindo que a faz desaparecer.

— Meu Deus! Como ele fez isso? Vocês viram, meninas? Estou impressionado! — Ricardo chega, fazendo cócegas na barriga de Marcelinho. Ele o coloca nos ombros e antes de levar para brincar com as outras crianças, pisca para a esposa, Júlia, deixando um beijo em seu rosto. John beija meu rosto, e vai com eles.

Dani sorri vendo seu irmão gargalhando nas costas do Delegado, sabendo que todos nós acolhemos Marcelinho com todo amor desse mundo. Queremos fazer dos seus últimos meses, os melhores que uma criança pode ter.

— Obrigada pelo carinho com que todos vocês tratam meu irmãozinho. Não sei se daria conta sozinha. — Quando percebemos que ela vai desabar, eu e Júlia a abraçamos ao mesmo tempo.

O tempo passa, as circunstâncias se alteram, e todos nós vamos mudando, mas uma verdadeira amizade permanece sempre igual, mesmo perante todos esses cenários. Amigos não são aqueles que dizem “vá em

frente”. Mas sim os que dizem “vou com você”.

— Marcelinho é um amor. É impossível não se apaixonar por ele. — Olho na direção dele, que agora está pendurado nos ombros de John. Meu marido adora brincar com as crianças e adora o irmãozinho de Dani.

— Nós sempre estivemos juntas em tudo, amiga, e agora não será diferente. Somos as três mosqueteiras, prontas para o que der e vier — diz Júlia.

— Uma por todas, e todas por uma. — Dani estica o braço para frente, faço o mesmo e Júlia também.

Na mesma hora, erguemos os braços para cima como se fosse uma espada. Depois começamos a rir feito três hienas.

Conversamos mais um pouco e Dani volta a sorrir novamente, principalmente pelo monte de besteira que eu falo.

James arrumou uma caixa de música enorme e colocou para tocar em volume máximo, e todos foram dançar. Hoje ele não está como segurança-chefe, mas sim amigo da família.

Desde que conheci esse ruivão, é a primeira vez que o vejo sem terno e gravata. James pensa que me engana, mas estou vendo suas investidas para o lado da minha irmã. Só o que faltava essa figura virar meu cunhado. Não vai me deixar em paz nunca mais. Porém, Carmem se fechou muito depois

que descobriu a verdade sobre o pai dela. Se culpa por ter sido tão cruel comigo, mesmo eu a tendo perdoado.

Ela mesma não consegue se perdoar.

Espero de coração que um dia Carmem possa deixar tudo isso para trás e ficar atenta às novas chances que a vida está lhe dando de ser feliz. Minha irmã precisa entender que o que passou, passou. Às vezes essa chance tem um metro e noventa, cabelos ruivos e leva muito jeito para vigiar as pessoas.

— Para de dar uma de cupido e shippar as pessoas, Yudiana — repreendo a mim mesma em voz alta, balançando a cabeça, rindo sozinha.

— Falando sozinha, amor? — John aparece sem fazer barulho, quase me matando de susto. Lia está em seu colo, rindo com a mãozinha dentro da boca, toda suja de doces.

— Você assustou minha mãezinha, papai. — Ela ergue os braços para vir para o meu colo e eu a pego, esfregando a ponta no meu nariz no dela. Sempre fazemos isso. É uma maneira só nossa de dizer “*eu te amo*”.

— Seu pai não me assustou, meu amor. Ele só me pegou desprevenida.

— Eu sempre pego sua mãe desprevenida à noite e ela nunca reclama, filha — Dou um cotovelada em John. Que safado!

— Você não respeita nem a sua filha, não é mesmo, John Thompson?

— Relaxa, Yudiana Thompson. Ela só vai descobrir daqui uns vinte anos ou mais. — Gargalho na cara dele e ele me encara de cenho franzido. Não sabe de nada inocente.

Do jeito que essa juventude está para frente, se eu fosse ele não me iludiria tanto.

— Está muito cedo para nos preocuparmos com isso. Deixa nossa filha aproveitar a infância dela. — Nós dois olhamos para ela ao mesmo tempo, com a cabeça deitada no meu ombro, com seu olhar inocente e sorriso doce que eu mesmo ficarei de olho para que nenhum monstro disfarçado atrás de pele de cordeiro arranque.

— Vem, Lia, o tio Dimy vai cantar a música dele pra gente dançar — Max chama a irmã, e a levada pula do meu colo e vai sem hesitar.

— Você está feliz com a vida que construímos juntos, amor? — Assim que as crianças se afastam, John me laça pela cintura, beijando meus lábios.

Ainda continuo acompanhando John nas consultas com seu terapeuta, e apesar de ele estar confiante em relação ao seu problema em controlar as emoções, não pensamos em parar com as sessões tão cedo. Percebendo a melhora dele nos últimos meses, seu médico autorizou fazermos uma

tentativa de o meu marido ir parando aos poucos com a medicação para ansiedade, entre outros que faz uso, e ver como as coisas ficam. Dependendo dos resultados, poderá parar definitivamente.

Eu e John tratamos o problema dele com muita seriedade, cautela. O ciúme patológico é um problema grave, que o casal deve trabalhar junto, com paciência, buscando ajuda com profissionais que entendem bem do assunto. Não é impossível conseguir ter um relacionamento saudável e feliz como o nosso se tornou. Basta ser otimista e não deixar nunca que o amor tenha menos valor do que os problemas que aparecem pelo caminho.

Afinal, lutar pelo que se ama é sempre uma luta que vale a pena.

— Como não estar? Temos filhos lindos, nossas famílias nos amam, e fizemos amigos fiéis que levaremos para a vida toda.

Observo os olhos de John passando por todo jardim. Ele que vivia nessa mansão enorme sozinho, agora vendo esse lugar lotado de pessoas que o ama, deve ser extraordinário.

Revigorante.

Aceno para meus sogros de longe. O pai de John ficou responsável pelo churrasco e a esposa o está ajudando. É muito engraçado ver uma madame como ela mandando ver, servindo carne assada para os convidados. Nossos filhos estão correndo para todo lado, com as outras crianças

brincando de correr atrás do cão Luck. Júlia e o marido estão sentados na mesa, cada um com um dos gêmeos no colo, conversando com Dani e Pedro. Por um momento pensei que poderia shippar esses dois também, mas sinto que o príncipe encantado dessa loira ainda está a caminho.

Minha mãe não se separa de Joe um segundo; já James, não teve a mesma sorte. Minha irmã não o deixa nem se aproximar dela. Se chega no lugar, a teimosa sai. Quanto a Edmilson e Vovó Corina... esses dois não deixam ninguém em paz. Sempre estão implicando com alguém, são a alegria da festa.

— Você tem razão. Temos mais do que precisamos para sermos felizes para sempre — concorda John, encostando nossos rostos, entrelaçando os dedos nos meus de maneira que quando o sol pega nas pedras roxas gravadas na nossa aliança, causa um brilho lindo.

O brilho do nosso amor.



Epílogo 2

John

Saio do fórum correndo após o término de um julgamento, entro no meu carro e saio voando. Já estou muito atrasado e minha esposa vai me matar por isso! Hoje é um dia muito importante. Prometi que chegaria cedo e por azar fiquei preso no trânsito por mais de meia hora.

— Desculpe o atraso, amor. Eu vim o mais rápido que pude. — Beijo o rosto de Yudiana e sento ao seu lado e de Max em uma das cadeiras da arquibancada da sala de teatro da escolinha infantil onde minha filha estuda. Ela e outras meninas farão uma apresentação de balé.

— Mais um pouquinho e o senhor iria perder o início da apresentação de dança de Lia, pai. A mãe falou que ia te matar se não aparecesse. — Max tira sarro da minha cara. Bagunço o cabelo do meu filho fazendo cosquinha nele arrancando muitas risadas do pequeno.

— Iria matar mesmo, John! É a primeira apresentação de nossa filha na escola. Lia está tão linda com a roupinha de bailarina. Não esqueça que na semana que vem é dia da profissão do pai na sala de Max, você precisa

montar um resumo sobre como é o seu trabalho como Juiz Criminalista.

Minha esposa repete pela milésima vez. É uma mãe exemplar. O mesmo aviso está em destaque no quadro enorme de avisos no escritório de casa, fora os bilhetinhos colados na geladeira.

— Eu já pedi à minha nova assistente para organizar minha agenda, querida. Será uma honra falar sobre a minha profissão para os coleguinhas de classe do meu filho.

Agora Gonzáles não trabalha mais como meu assessor. Ampliou seu escritório particular de advocacia e sua empresa agora conta com uma equipe de mais de cinquenta dos melhores advogados contratados trabalhando juntos. Meu amigo tem se entupido de trabalho, e enquanto sua vida profissional está deslanchando, a pessoal se encontra uma bagunça. Voltou para sua vida profana, de bebida e mulheres.

Infelizmente, isso não o satisfaz. Gonzáles tem o mau humor de antes. Tão difícil de aturar que às vezes é impossível conversar com esse espanhol. Ele provavelmente já deve estar aqui com a família para assistir à apresentação de balé, afinal, Lia estuda na mesma escolinha que a irmã caçula dele, Lupita. É o último ano dela aqui, no próximo estará indo para o mesmo colégio particular de Max, para crianças maiores de sete anos.

— Eu estou muito ansioso para o senhor ir na minha escola. Quando

eu crescer quero ser juiz igual ao senhor, para prender os caras maus. — Meu peito se enche de orgulho. Qualquer profissão que meu filho escolhesse para seguir me deixaria orgulho, mas caso queira seguir a minha, fará de mim o homem mais feliz desse mundo.

— Meninos, a apresentação da Lia vai começar. Estou tão nervosa. — Yudiana tira uma câmera de vídeo enorme da bolsa e começa a gravar. Um grupo de meninas vestidas com roupinha de bailarina cor de rosa com asinhas de fada entra no palco em fila.

A minha pequena não foi difícil de encontrar no meio do grupo. É a menorzinha de mãos dadas com a professora na ponta a esquerda. Lupita no meio, perto das crianças maiores. Quando me vê ela e Lia acenam em nossa direção.

— *Hola, bebé. Tu irmón te ama!* — Escuto o grito de Gonzáles a três fileiras acima da nossa, sentado com os pais, e o irmão do meio com a noiva. Quando eles notam a nossa presença, acenam, assim como nós. Orgulhosos das nossas meninas antes mesmo de a apresentação começar.

No entanto, quando a música começa, Lia se assusta com o barulho alto da salva de palmas da plateia e começa a chorar. Quando vê a mãe e eu, então, ergue o bracinho chamando por nós, pedindo para ir buscá-la já que não pode fazer isso sozinha, pois a professora segura seu braço, tentando

fazê-la seguir a coreografia junto com as outras meninas.

— Meu Deus! John, e agora? — Yudiana não sabe o que fazer.

Não penso duas vezes em ir até minha filha. O sorriso que Lia abre quando me vê subindo no palco não tem preço.

— Você vai dançar também, papai?

— Claro que vou, docinho. Por isso ensaiei a coreografia com você em casa a semana toda. — Ela abre a boca, surpresa.

Pego em sua mão e a levo até seu lugar na apresentação. Juntos fazemos os passos, seguindo a coreografia assim como as outras meninas. Era dobra uma perna, mexendo o corpo para o lado e depois para o outro. No momento de erguer os braços no topo da cabeça e girar o corpo com os pés juntos, o povo não sabia se ria ou batia palma de ver um homem desse tamanho dançando balé no meio das crianças, todo desajeitado. Eu posso reconhecer perfeitamente as gargalhadas de Gonzáles na plateia. O filho da mãe está chorando de rir enquanto grava tudo com o celular. Tenho certeza que vai me zoar pelo resto da vida por conta disso.

Mas não me importo. Eu sou o tipo de pai que fará de tudo para fazer os filhos felizes.

Isso é o amor paternal de verdade, daqueles generosos e encantadores. Assim é uma relação entre pai e filho, que não cessa apenas em palavras,

conselhos, mas em aprendizados vividos diariamente. Um sendo o alicerce do outro, melhores amigos. Amor de laços eternos.

— Agora todos deem as mãos para fazer a parte final. Vocês foram incríveis, meninas e papai — a professora das crianças diz carinhosamente.

Todos damos as mãos, formando uma grande roda. Tem em média umas dez meninas e eu fico entre minha filha e a irmãzinha de Gonzáles.

— Oi, tio John. Sua filhinha é tão linda. — Lupita sorri para mim enquanto a roda gira, mostrando duas janelinhas abertas dos dentes que caíram recentemente.

Sorrio de volta para ela.

Quando termina a apresentação, ainda de mãos dadas caminhamos até a frente do palco para cumprimentar a plateia. Todos ficam de pé para nos aplaudir, são gritos e mais gritos acompanhados de assobios. Antes que as cortinas se fechem, consigo ver minha esposa chorando. Emocionada, mal consegue bater uma mão na outra. Pego nossa filha no colo e mostro onde a mãe e o irmão dela estão. Max e Yudiana jogam beijo para Lia, agora toda feliz por ter participado da apresentação até o fim.

— Eu te amo muito. — Yudiana mexe os lábios de leve, mas o suficiente para que eu entenda.

Me olhando de um jeito cúmplice, que só nós dois entendemos.

— Eu te amo mais, pode apostar! — declaro de volta, então as cortinas se fecham à nossa frente.

O que aconteceu aqui hoje com certeza será um momento que eu e ela nunca esqueceremos. Um dia contaremos para nossos netos, e nossos filhos para os netos deles.

Afinal, a vida é um ciclo sem fim...

Nota da autora

O epílogo 2 escrevi em homenagem a um vídeo lindo que viralizou na internet no ano passado, de uma pai que fez o mesmo que o personagem Juiz Thompson subindo no palco para dançar com a filha pequena que chorava assustada em meio a um apresentação de balé na escola. Em um mundo tão machista em que vivemos, a atitude desse homem merece sim ser aplaudida de pé. Parabéns papai! <3

Você gostou da história de John e Yudiana?

Se sim, indique a algum amigo ou grupo de leitura. Caso tenha um tempinho livre, compartilhe essa capa maravilhosa em suas redes sociais.

Caso queira fazer essa autora ainda mais feliz, prestigie o meu trabalho deixando sua avaliação aqui na Amazon, isso ajuda muito na profissão árdua de nós, autores.

Desde já, obrigada!

ATENÇÃO PARA O PRÓXIMO LANÇAMENTO!

Vai ter livro contando a história de Dani e do seu irmão, Marcelinho?
Sim! Eu já comecei a escrevê-lo, na minha opinião a obra mais tocante que escrevi até agora. Ele será o próximo a ser lançando. Depois vem o livro do nosso espanhol safado, “Advogado Gonzales” será o último livro da série.

Vejo vocês em breve!

**Mais sobre informações sobre os próximos lançamentos,
e todos os outros livros da autora em:**

Grupo no facebook: Romances - Mari Sillva:
<https://www.facebook.com/groups/263457927501744/?>

Instagram: <https://imgaddict.com/user/autoramarilia/5458384158>

Wattpad: <https://www.wattpad.com/user/MarliaSillva>

Página: <https://www.facebook.com/autoramarisillva/>

Agradecimentos

Quero agradecer primeiramente, a uma amiga muito especial que fiz recentemente, assim que me mudei para a Irlanda. Em tão pouco tempo Raíssa se tornou uma irmã para mim. Nunca conheci alguém com tanta positividade na vida, está sempre de boa, sorrindo, com algo bom para dizer ou ensinar em relação a vida. Obrigada por tudo que me ensinou nos últimos meses. Desejo que nossa amizade dure para sempre! Que continuemos viajando para vários países do mundo juntas, passando a noite rindo no aeroporto por perder o voo entras tantas outras mancadas que demos por aí com nosso inglês péssimo. Não preciso nem contar, porque você sabe! Kkkk

Te amo, mulher! Você e os seus dreads estilosos que tanto ama.
Hahaha <3

Reescrever esse livro foi o maior desafio para minha até agora, e eu não conseguiria chegar ao final sem a minha companheira de trabalho, Thamara. Ela sabe o quando me doeí nessa história, foram dias e mais dias que nós duas passamos acordadas, conversando até tarde sobre os personagens e enredo. Houveram momentos tensos, mas muitos divertidos.

Obrigada por tudo!

Agradeço a minha amiga de infância tão querida, Ana Maria, que me apoiou desde o começo quando disse que reescreveria a história de Juiz Thompson e Yudiana. Te amo!

Não poderia deixar de fazer um agradecimento especial para a Nath, mais uma amizade incrível que a Irlanda me trouxe. Essa mulher foi uma peça muito importante na construção deste livro, toda vez que me faltava palavras para me expressar em alguma cena marcante ela sempre me socorria. Obrigada gatona!

Ao meu grupo de administradoras, mais conhecidas como “Quengas da Mari”. Obrigada pela imensa força que me deram. Nunca irei esquecer o que fizeram por mim. Obrigada de coração por cuidarem tão bem de todas as minhas redes sociais com tanto carinho!

Às minhas lindonas que tanto amo do grupo no WhatsApp “Amoras da Mari” e do grupo do Facebook Romances — Mari Sillva, que fazem meus dias mais felizes.

Aos meus leitores do Wattpad onde tudo começou, que aceitaram a segunda versão do livro Delegado Avilar e permaneceram fieis até agora com Juiz Thompson. Muito obrigada por acreditarem no meu trabalho, e, sobretudo, em mim.

À equipe responsável pela produção deste livro para que ele chegasse
lindão até vocês: o talentoso capista Murillo Magalhães; revisora Hellen
Caroline; diagramadora Mari Sales.

E ACIMA DE TUDO E DE TODOS, A DEUS, QUE FOI A MINHA
BASE PARA CHEGAR ATÉ AQUI.

Mari Sillva